UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

CAMILLE CARDOSO MIRANDA

ESTUDO MORFOLÓGICO EM LÍNGUAS ARAWAK: UMA ABORDAGEM TIPOLÓGICA

Campinas,
2023

CAMILLE CARDOSO MIRANDA

ESTUDO MORFOLÓGICO EM LÍNGUAS ARAWAK: UMA ABORDAGEM TIPOLÓGICA

Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

Este exemplar corresponde à versão final da tese defendida pela aluna Camille Cardoso Miranda e orientada pelo Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori.

Campinas,
2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

Miranda, Camille Cardoso, 1991-

M672e Estudo morfológico em línguas Arawak: uma abordagem tipológica / Camille Cardoso Miranda. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Angel Humberto Corbera Mori.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Línguas arawak. 2. Tipologia (Linguistica). 3. Línguas indígenas - Morfologia. I. Corbera Mori, Angel Humberto, 1950-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Morphological Studies in Arawak languages : a typological approach
Palavras-chave em inglês:
Aruák Language
Typology (Linguistics)
Indians Languages - Morphology
Área de concentração: Linguística
Titulação: Doutora em Linguística
Banca examinadora:
Angel Humberto Corbera Mori [Orientador]
Cláudio André Cavalcanti Couto
Wilmar da Rocha D´Angelis
Ana Paula Barros Brandão
Thiago Costa Chacon
Data de defesa: 02-05-2023
Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)
- ORCID do autor: https://orcid.org/0000-0002-3920-6247
- Currículo Lattes do autor: http://lattes.cnpq.br/2963843028051548

BANCA EXAMINADORA:

Angel Humberto Corbera Mori

Wilmar da Rocha D'Angelis

Cláudio André Cavalcanti Couto

Ana Paula Barros Brandão

Thiago Costa Chacon

IEL/UNICAMP
2023

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós-Graduação do IEL.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos povos indígenas da família Arawak e suas línguas que carregam tanta riqueza.

AGRADECIMENTOS

"Eu posso ir muito além de onde estou..." é com esse trecho da música "nas asas do senhor" do padre Fabio de Melo e Celina Borges que inicio essa parte tão importante no processo de escrita desta tese. Pois, meu primeiro agradecimento é para essa divindade, chamada Deus de onte tirei forças para concluir essa etapa muito importante da minha vida. Além dessa força divina, também agradeço a Bará que *"Estará onde quer que qualquer corpo for, para todo o trabalho, é lo laço e o atalho, é o braço e a mão do falho e do justo" (Serena de Assumpção)*, Laroyê! Agradeço da mesma forma aos meus orixás Oyá, Ogum e Oxum, além de todos os outros guias que também me fortaleceram nesse período de 4 anos de pesquisa. E por fim, mas não menos importante, agradeço da mesma forma, a fé e amor que carrego a mãe de Deus Maria Santíssima, a qual sou intensamente devota. Essas forças divinas colocaram na minha vida pessoas que foram essenciais para o desenvolvimento dessa tese de doutorado, portanto, agradeço também:

Ao meu orientador de doutorado, professor Angel Corbera Mori, que é um exemplo de humildade, paciência e afeto para com seus orientandos. Caro professor e amigo, você se tornou meu pai da pesquisa, me acolheu em vários momentos difíceis, obrigada pela sua paciência, pelas orientações e pelos momentos de risadas e companhia. Para mim, foi uma honra ser sua orientanda;

Aos falantes das línguas da família Arawak, especialmente aos Baniwa, no qual tive o privilégio de trabalhar e conhecer de perto sua língua e cultura. Nessa pesquisa, meu agradecimento especial vai para Artur Baniwa, Augusto Baniwa, Daniel Baniwa, Geraldo Garcia (Koripako) e toda a comunidade;

À banca de qualificação fora de área da tese, professora Dr. ª Ana Cláudia Fernandes Ferreira, pela orientação e as professoras que foram membros da banca Dr. ª Fátima Pessoa (UFPA) e Dr ª Carolina Rodríguez (UNICAMP) pelas valiosas sugestões;

À banca de qualificação da tese, Dr. Claudio Couto e Dr. ª Ana Paula Brandão pelas valiosas sugestões e contribuições para o desenvolvimento dessa pesquisa;

Aos membros da banca de defesa da tese, Dr. Wilmar D'Angelis (membro interno), Dr. Claudio Couto (membro externo), Dr. ª Ana Paula Brandão (membro externo) e Dr. Thiago Chacon (membro externo). Também agradeço a banca de suplente Dr. Paulo Henrique P. S. de Felipe, Drª Marília Fernanda Pereira de Freitas e Drª Bruna Fernandes

Soares de Lima-Padovani por aceitarem o convite de fazerem parte desse momento ímpar que é a defesa de doutorado;

Ao Instituto de Estudo da linguagem, principalmente, aos docentes do departamento de linguística, especialmente, ao professor Dr. Wilmar D'Angelis. Também agradeço aos funcionários, Claudio, Rose, Raissa, Emerson, Carlão, Carlinhos, Seu Geraldo, Jefferson entre outros que se prontificaram de alguma forma em me ajudar, sendo sempre solícitos nas informações admistrativas e burocráticas;

À Fundação de Amparo a pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela ortoga do processo 2018/18072-1 concendendo o apoio financeiro integral e tão necessário para que essa tese pudesse ser devidamente desenvolvida;

Agradeço também a uma amiga muito especial, Tereza Maracaipe Barboza, pelos momentos de trocas nas conversas sobre linguística e em outros momentos sendo meu principal apoio, aconselhando-me e me escutando nos momentos difíceis e também pelos momentos de distrações e risadas;

Também agradeço da mesma forma o Paulo Henrique pelos conselhos, parceria de eventos acadêmicos e principalmente pelos momentos de desconstração. Paulo, quero levar sua amizade para a vida toda;

Aos amigos que fiz em Campinas, em especial, Anderson Almeida, Agnes Sofia, Shara Lopes, Juliana Vignado, Arnaldo Lima, Michel Marques, Bruna Delgado, Sarah, Estefânia, Wallyson Arruda, Geysa Layne, Victor Henrique, Zezé. Amigos, vocês foram essenciais nessa jornada.

Em Belém, eu agradeço, aos amigos, Jeanne Barros e Murilo Coelho pela linda amizade que foi construída desde do mestrado e, que pretendo levar para vida toda; além deles, agradeço também a Brayna Cardoso pela parceria nas bancas de monografia da UEPA (Universidade Estadual do Pará) e a Marília Freitas pelas disciplinas oferecidas no PARFOR e pela linda amizade que construímos. Agradeço a Bruna Lima-Padovani pela amizade e momentos felizes e de trocas linguísticas. Agradeo também aos meus amigos Edson Moreira, Adriana, Renan, Rafael Gomes, Andréia, Renata e todos aqueles amigos que sempre estiveram ao meu lado nos momentos de risadas, fazendo desse processo menos angustiante.

Agradeço, especialmente também, aos meus familiares, ao meu irmão Rogério Miranda pelas palavras confortantes nos momentos de ansiedade. Ao meu primo querido Patrick Bruno, aos meus tios e primos, vocês são meu apoio.

E por fim e o mais importante, aos meus pais, Reinaldo Torres Miranda e Eliomar Cardoso Miranda pelo todo amor e suporte, eles são os principais responsáveis pelo meu crescimento pessoal e profissional, eu amo vocês infinitamente.

Termino esse agradecimento, com o trecho *"Vou com asas, como águia, pois confio no senhor que me dá forças para ser um vencedor".* Obrigada a todos por esse momento!

Resumo

Esta tese tem por objetivo realizar um estudo das propriedades morfológicas de uma amostra de 24 línguas da família Arawak. Trata-se de um estudo comparativo-tipológico, pois utiliza-se de métodos translinguísticos para verificar, entre as línguas analisadas, perfis tipológicos que são gerais, ou seja, aqueles que estão presentes em todas as línguas ou os mais específicos. A pesquisa baseia-se principalmente nos pressupostos teóricos da tipologia linguística. A tese foi dividida em 4 partes. A parte 1 traz na introdução (capítulo 1) questões relacionadas à metodologia, aos objetivos, justificativa desse estudo e amostra de línguas que serão analisadas. O capítulo 2 traz conceitos e informações essenciais sobre tipologia linguística, universais linguísticos, além da importância da descrição linguística para os estudos tipológicos e exemplos de tipos morfológicos encontrados nas línguas indígenas da América do Sul. O capítulo 3 mostra as diferentes informações sobre a família Arawak, desde os primeiros contatos, trabalhos históricos-comparativos e morfossintáticos, além de informações gerais sobre as 24 línguas que serão analisadas nessa pesquisa. A parte 2 apresenta o capítulo 4 que trata sobre a estrutura da formação da palavra nas línguas Arawak. Nesse capítulo, tratamos sobre a derivação e seus subtipos, como a nominalização, verbalização e adjetivação. Além de tratar sobre composição e incorporação nominal, como também a reduplicação. Como resultado, verificamos que a nominalização e seus subtipos é o tipo derivacional mais recorrente em relação aos outros, sendo presente em praticamente em todas as línguas. Na parte 3 descrevemos o capítulo de categorização nominal, trabalhando com o sistema de classificadores, termos de classe, nomes classificatórios e gênero, entre esses quatro tipos, gênero e classificadores são tendências tipológicas bastante comum nessas línguas. Além da categorização nominal, analisamos também a questão de posse atributiva. Como resultado, todas as línguas exibem posse inalienável e alienável, com núcleo marcado. E por fim, na parte 4, tratamos o capítulo 6 que descreve os tipos de verbos nas línguas Arawak, marcação de transreferência e TAM (tempo, aspecto e modo). As línguas exibem verbos transitivos, bitransitivos e intransitivos ativos e estativos, comumente, o sujeito é obrigatoriamente marcado nessas línguas, mesmo quando ele é explícito. Em relação ao TAM, o tempo é a categoria menos marcada morfologicamente, com uma porcentagem de 18%, enquanto que o aspecto perfectivo e imperfectivo é exibido em 43% no total, e por fim, o modo é a subcategoria que exibe mais marcação morfológica na amostra de línguas, com uma porcentagem de 81%. Em suma, com este estudo, busca-se oferecer subsídios para futuras pesquisas descritivas, comparativas e tipológicas das línguas que compõem a família Arawak e também contribuir com os estudos de tipologia em línguas indígenas brasileiras.

Palavras-chaves: Línguas Arawak; Tipologia Linguística; Línguas Indígenas; Morfologia

Abstract

This dissertation aims to carry out a study on the morphological properties of a sample of 24 languages of the Arawak family. This is a comparative-typological study, as it uses trans-linguistic methods to verify, among the analyzed languages, general typological profiles, that is, both those features present in all languages or the most specific ones. The research is mainly based on the theoretical assumptions of linguistic typology. The dissertation is divided into 4 parts, as fourfold. Part 1 sets the introduction out; (chapter 1) is dedicated to questions related to the methodology, objectives, rationales of this study and sample of languages that will be analyzed; chapter 2 brings essential concepts and information about linguistic typology, linguistic universals, in addition the importance of linguistics description for typological studies as well as examples of morphological types found in the indigenous languages of South America are discussed. Chapter 3 shows different information regarding the Arawak family, ranging from the first contacts, historical-comparative works, morphosyntactics, and the like. In addition to those general pieces of information about the 24 languages that will be analyzed in this research. Part 2 presents chapter 4 which deals with the structure of word formation in Arawak languages. In this section, we deal with derivation and its subtypes, such as nominalization, verbalization and adjectivation. Additionally, phenomena such as composition and nominal incorporation, as well as reduplication will be approached. As a result, we found that nominalization and its subtypes is the most recurrent derivational type in relation to the others, being present in almost all languages. In part 3, we describe the nominal categorization chapter, dealt with in the system of classifiers, class terms, classificatory names and gender. It should be stressed, therewith, that among these four types, gender and classifiers are typological trends quite common in these languages. In addition to nominal categorization, we have also analyzed the question of attributive possession. As a result, all languages exhibit inalienable and alienable ownership, with marked core. Finally, in part 4, we deal with chapter 6, which describes the types of verbs in the Arawak languages, cross-reference marking and TAM (tense, aspect and mood). The languages exhibit transitive and bitransitive verbs and also active and stative intransitive verbs. Commonly, the subject is obligatorily marked in these languages, even when it is explicit. Regarding TAM, tense is the least morphologically marked category, with a percentage of 18%, while the perfective and imperfective aspect is displayed in 43% of the total, and finally, the mood is the subcategory that displays the most morphological marking in the language sample, with a percentage of 81%. Summing up, with this study, we have sought to provide means for future descriptive, comparative and typological research on those languages that make up the Arawak family and also contribute to typology studies in South American indigenous languages.

Keywords: Arawak languages; Linguistic Typology; Indigenous Languages; Morphology

Lista de figuras

Figura 1-Diversidade Linguística da América do Sul 41
Figura 2 - Distribuição geográfica da família Arawak 91
Figura 3 - Esquema realizado por Payne sobre a classificação das línguas Maipure (Arawak). 95
Figura 4 - Mapa da localização dos Achaguá na Colômbia 108
Figura 5 - Divisão geográfica da distribuição do Povo Baniwa-Koripako 109
Figura 6 - Mapa da distribuição do povo Baré 110
Figura 7 - Distribuição do povo Garifuna 112
Figura 8 - Mapa da distribuição do território Lokono 114
Figura 9 - Distribuição geográfica do território Palikur 115
Figura 10-Mapa da distribuição geográfica do povo Resígaro 117
Figura 11-Localização do povo Tariana 118
Figura 12 - Mapa da Localização do povo Wapixana 119
Figura 13 - Localidade aproximada dos Warekena 120
Figura 14 - Localidade do povo Wayuu 121
Figura 15 - Localização do povo Amuesha 123
Figura 16 - Mapa com a localização aproximada das terras indígenas Apurinã 124
Figura 17 - Mapa da localidade do povo Asheninka Perené 126
Figura 18 - Território aproximado do povo Baure 127
Figura 19 - Mapa das comunidades Caquinte 128
Figura 20 - Mapa da localização da Terra indígena Maxinéri 129
Figura 21 - Mapa dos territórios do povo Mehináku 130
Figura 22 - Localização aproximada do povo Nanti 132
Figura 23 - Mapa do território indígena Paresi-Haliti 133
Figura 24 - Mapa das comunidades Yine-Piro no Peru 134
Figura 25 - Mapa das áreas indígenas Terena 135
Figura 26 - Área indígena dos Wauja 137
Figura 27 - Mapa da localização das aldeias Yawalapiti 138
Figura 28 - Esquema de subdivisão morfológica 144
Figura 29 - Sistema de Classificação Nominal 329
Figura 30 - Distinção de gênero em nomes na língua Baure 395
Figura 31- Tempo e ancoragem temporal 563
Figura 32 - Representação do tempo 578
Figura 33 - Quatro tipos de modalidade epistêmica 607

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Distribuição dos morfemas adjetivizadores nas línguas Arawak..... 259
Gráfico 2 - Distribuições de nomes compostos de N com outras categorias 281
Gráfico 3 - Distribuições de nomes compostos de V com outras categorias 282
Gráfico 4 - Distribuições de nomes compostos de ADJ com outras categorias 283
Gráfico 5 - Distribuições de nomes compostos de ADV com outras categorias..... 284
Gráfico 6 - ocorrência de marcação de gênero por aspectos gramaticais nas línguas Arawak 424
Gráfico 7 – Padrões tipológicos de categorização nominal nas línguas Arawak 426
Gráfico 8 - Distribuição tipológica de marcação morfológica de verbos transitivos nas línguas Arawak 500
Gráfico 9 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas Arawak 517
Gráfico 10 - Ocorrência dos sufixos pronominais nas línguas do Grupo Norte-Arawak..... 552
Gráfico 11 - Diistribuição de prefixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak 556
Gráfico 12 - Distribuição dos sufixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak 556
Gráfico 13 - Distribuição de línguas Arawak sem marcação gramatical de tempo..... 581
Gráfico 14 - Distribuição de línguas Arawak com marcação gramatical de tempo 582
Gráfico 15 - Ocorrência de aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak..... 605
Gráfico 16 - A ocorrência dos tipos moldais nas línguas Arawak 654
Gráfico 17 - Visão geral de TAM nas línguas Arawak analisadas..... 656

Lista de Quadros

Quadro 1 - Número de línguas estabelecidas faladas pelos países da América do Sul..... 39
Quadro 2 - Principais estudiosos que propuseram classificações às línguas da América do Sul. 44
Quadro 3 - Famílias Maiores (aquelas com seis ou mais línguas)..... 47
Quadro 4 - Famílias menores (aquelas com menos de seis línguas)..... 47
Quadro 5 - Línguas isoladas (sem nenhuma relação genética ou conhecida)..... 48
Quadro 6- Visão geral dos traços tipológicos mencionados na literatura..... 50
Quadro 7 - Línguas da família Arawak analisadas 53
Quadro 8 - Possibilidades de tipos com ordem VSO..... 67
Quadro 9 - Agrupamento das línguas Arawak por Aikhenvald (1999) 97
Quadro 10 - Divisão das línguas Arawak conforme Ramirez (2001a) 98
Quadro 11- Diferenças semânticas e morfossintáticas entre gênero/classe de nomes e classificadores 326
Quadro 12- Sistema de classificadores 330
Quadro 13 - Tipos de classificadores e preferências semânticas 331
Quadro 14- Padrões dos afixos pronominais de pessoa por Aikhenvald em Arawak..... 547
Quadro 15 - Padrões de marcação pronominal das 24 línguas Arawak..... 558

Lista de Tabelas

Tabela 1- Um padrão composto de prefixos A / S / possuidores e sufixos / enciclíticas O / S nas línguas Arawak..... 102
Tabela 2 – Recorrência de Nominalização das línguas do Grupo Norte-Arawak..... 203
Tabela 3 – Recorrência de nominalização das línguas do grupo Sul-Arawak 206
Tabela 4 – Recorrência dos tipos de nominalização das 24 línguas Arawak selecionadas..... 208
Tabela 5 – Morfemas nominalizadores das línguas do Grupo Norte-Arawak 211
Tabela 6 - Morfemas nominalizadores das línguas do Grupo Sul-Arawak..... 213
Tabela 7 – Morfemas nominalizadores das 24 línguas Arawak..... 216
Tabela 8 - Recorrência de padrão de verbalização nas línguas Arawak 233
Tabela 9 – Morfemas verbalizadores das 24 línguas Arawak analisadas..... 234
Tabela 10 – Recorrência de adjetivização ou derivação de verbos estativos nas línguas Arawak 256
Tabela 11 – Morfermas derivacionais de adjetivos ou verbos estativos/descritivos das línguas Arawak..... 258
Tabela 12 - Padrões tipológicos de padrões derivacionais nas línguas Arawak 262
Tabela 13 - Combinação de N com outras categorias..... 277
Tabela 14 – Combinação de V com outras categorias 277
Tabela 15 – Combinação com ADJ com outras categorias..... 277
Tabela 16 - Combinação de N com outras categorias..... 278
Tabela 17 – Combinação de V com outras categorias 278
Tabela 18 – Combinação de ADJ com outras categorias..... 279
Tabela 19 – Combinação de ADV com outras categorias..... 279
Tabela 20 - Padrãoes de incorporação nominal nas línguas do Grupo Sul-Arawak 294
Tabela 21 - Padrões de Reduplicação em Línguas do Grupo Norte-Arawak..... 312
Tabela 22 - Padrões de Reduplicação nas línguas do grupo Sul-Arawak 313
Tabela 23 - Resumo dos padrões gerais de reduplicação nas línguas 14 línguas Arawak..... 314
Tabela 24 - Resumo dos padrões gerais de estruturação de formação das palavras nas 24 línguas Arawak..... 316
Tabela 25 - Classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas do grupo Norte-Arawak 376
Tabela 26 - Classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas do grupo Sul-Arawak 377
Tabela 27- atribuição de gênero por categoria semântica em Palikur..... 390
Tabela 28 - atribuição de gênero por categoria semântica em Garifuna 391
Tabela 29 – atribuição de gênero por categoria semântica em Baniwa..... 393
Tabela 30 – atribuição de gênero por categoria semântica em tariana..... 394
Tabela 31 - Atribuição semântica em Apurinã..... 399
Tabela 32 - Atribuição semântica de gênero Asheninka..... 401
Tabela 33 - Atribuição semântica de gênero em Nanti 402
Tabela 34 - atribuição semântica em línguas do grupo Norte-Arawak..... 421
Tabela 35 - Atribuição semântica em línguas do grupo Sul-Arawak..... 421
Tabela 36 - Atribuição formal em línguas do grupo Norte-Arawak 422
Tabela 37- Atribuição formal em línguas do grupo Sul-Arawak..... 423
Tabela 38 - Tendência de dispositivos de categorização nominal nas línguas Arawak..... 425
Tabela 39 - Morfemas de nomes alienáveis não possuídos e sufixos de posse alienável nas línguas Arawak..... 466
Tabela 40 - Padrão de posse nominal nas línguas Arawak analisadas..... 468

Tabela 41 - Marcação morfológica (com co-nominal ou não) nos verbos transitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak 496
Tabela 42 - Marcação morfológica nos verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak 499
Tabela 43 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak..... 515
Tabela 44 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak 516
Tabela 45- Distribuição de verbos estativos e posição do sujeito nas línguas do grupo Norte-Arawak..... 531
Tabela 46 - Distribuição de verbos estativos e posição do sujeito nas línguas do grupo Sul-Arawak..... 533
Tabela 47 - Marcadores de pessoa em Wapixana 536
Tabela 48 - Marcadores de pessoa em Palikur..... 536
Tabela 49 - Marcadores de pessoa em Garifuna 537
Tabela 50 - Marcadores de pessoa em Lokono 537
Tabela 51- Marcadores de pessoa em Wayuu 537
Tabela 52 - Marcadores de pessoa em Resígaro 538
Tabela 53 - Marcadores de pessoa em Achagua 538
Tabela 54 - Marcadores de pessoa em Baniwa 539
Tabela 55 - Marcadores de pessoa em Tariana 539
Tabela 56 - Marcadores de pessoa em Warekena 540
Tabela 57 - Marcadores de pessoa em Baré..... 540
Tabela 58 - Marcadores de pessoa em Terena..... 540
Tabela 59 - Marcadores de pessoa em Baure..... 541
Tabela 60 - Marcadores de pessoa em Wauja 541
Tabela 61 - Marcadores de pessoa em Mehináku 542
Tabela 62 - Marcadores de pessoa em Yawalapiti 542
Tabela 63 - Marcadores de pessoa em Paresi..... 543
Tabela 64 - Marcadores de pessoa em Apurinã..... 543
Tabela 65 - Marcadores de pessoa em Maxinéri..... 543
Tabela 66 - Prefixo de marcadores de pessoa em Yine-Piro..... 544
Tabela 67 - Sufixos de marcadores de pessoa em Yine-Piro 545
Tabela 68 - Marcadores de pessoa em Ashéninka..... 545
Tabela 69 - Marcadores de pessoa em Caquinte 545
Tabela 70 - Marcadores de pessoa em Nanti..... 546
Tabela 71 - Marcadores de pessoa em Amuesha..... 546
Tabela 72 - Distribuição dos prefixos pronominais nas línguas Arawak..... 559
Tabela 73 - Distribuição dos sufixos pronominais nas línguas Arawak..... 560
Tabela 74 - Morfemas de tempo-evidencialidade em sentenças afirmativas em Tariana 570
Tabela 75 - Distribuição de marcação morfológica do tempo nas línguas do grupo Norte-Arawak..... 579
Tabela 76 - Distribuição de marcação morfológica do tempo nas línguas do grupo Sul-Arawak 580
Tabela 77 - Distribuição dos morfemas perfectivo e imperfectivo nas línguas do grupo Norte-Arawak..... 602
Tabela 78 - Distribuição dos morfemas perfectivo e imperfectivo nas línguas do grupo Sul-Arawak..... 604
Tabela 79 - Distribuição dos morfemas de modo das 24 línguas Arawak 652
Tabela 80 - Distribuição dos morfemas de modo das 24 línguas Arawak 653

Lista de abreviaturas

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	agente do verbo transitivo
ADJ	adjetivo
ADJZ	adjetivizador
ADV	advérbio
ACT	ativo
ACC	acusativo
ABS	absoluto
ADV	advertência
AG	agentivo
AFF	afetivo
ANF	anáfora
ANIM	animado
ANTC	antecipatório
APREN	apreensivo
APPL	aplicativo
ART	artigo
ATR	atributivo
ASSERT	assertivo
AUX	auxiliar
BENF	benfectivo
C	classe
CAUS	causativo
CLF	classificador
COP	cópula
COM	comitativo
CON	conectivo
CONT	contínuo

COND	condicional
CONJ	conjunção
CONFR	confractual
DECL	declarativo
DEM	demonstrativo
DET	determinante
DÊIT	dêitico
DESC	descritivo
DESID	desiderativo
DECL	declinação
DIST	distal
DISTR	distributivo
DUB	dubitativo
ENF	ênfase/ enfático
ERG	ergativo
EP	epêntese
F/FEM	feminino
FOC	foco
FUT	futuro
FRUST	frustativo
FREQ	frequência
GER	gerúndio
HAB	habilitado
HORT	hortativo
IDEO	ideofone
IND	indicativo
INDF	indefinido
IMPFV	imperfectivo
INCO	incoativo
IMP	imperativo
INT	intensivo
INTEN	intencional

INSTR	instrumental
INTR	intransitivo
IRR	irrealis
LK	ligação
LOC	locativo
MCV	marca de classe verbal
M/MASC	masculino
MI	modo indicativo
N	nome
N.FUT	não futuro
NEG	negação
NOM	nominativo
N.CLF	nome classificatório
NMLZ	nominalizador
N.POSS	não possuído
O/OBJ	objeto
OBL	oblíquio
O.I	objeto indireto
OPT	optativo
PASS	passado
PERM	permissivo
PERST	perstitivo
PFV	perfectivo
PL	plural
POSS	posse
POT	potencial
POSP	posposição
PRES	presente
PRIV	privativo
PROB	probalístico
PROP	proposital
PROG	progressivo

PTCL	partícula
PTT	partitivo
Q	questão
REAL	realis
REC	recente
REM	remoto
RECIP	recipiente
RED {~}	reduplicação
REG	regular
REF	referência
REL	relativo
REP	repetido
SG	singular
S/SUJ	sujeito
SR	Switch-reference
SUB	subordinativo
TCL	termo de classe
TH	sufixo temático
TI	sufixo aspectual da série TI
TR	transitivo
VBLZ	verbalizador
VIS	visual

Sumário

1 PARTE: INTRODUÇÃO, TIPOLOGIA LINGUÍSTICA E MORFOLOGICA, FAMÍLIA ARAWAK 34
1. INTRODUÇÃO 34
1.1 Objetivos e Justificativa 36
1.2 Diversidade Linguística da América do Sul 37
1.3 Estudos histórico-comparativo das línguas da América do Sul 42
1.3.1. Principais linguistas que se propuseram aos estudos históricos e comparativos das línguas indígenas da América do Sul. 43
1.3.2 Agrupamento das línguas da América do Sul realizado por Campbell (2012) 46
1.4 Informações tipológicas das línguas da América do Sul 49
1.5 Metodologia e amostra de línguas 53
1.6 Organização da Tese 54
2 TIPOLOGIA LINGUÍSTICA E MORFOLÓGICA 56
2.1 O que é a tipologia linguística? 56
2.2 Comparações translinguísticas, universais linguísticos e tipos de classificações de línguas 59
2.2.1 Comparações translinguísticas 60
2.2.2. O que são universais linguísticos? 64
2.2.3 Os tipos de universais linguísticos 65
2.2.3.1 Universais absolutos (não restrito e restrito) e estatísticos (tendências) 65
2.3 Um panorama breve da história da tipologia linguística 68
2.3.1 Os pioneiros da linguística tipológica moderna: Gabelentz e Greenberg 71
2.4 Tipologia Morfológica: O perfil tipológico das línguas da América do Sul 77
2.4.1 Os tipos morfológicos das línguas da América do Sul 81
2.5 A tipologia linguística, morfologia e a linguística descritiva 86
3. FAMÍLIA ARAWAK: ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS E INFORMAÇÕES GERAIS DAS LÍNGUAS DE ANÁLISE 88
3.1 Informações gerais da família Arawak 88
3.2 Estudos históricos-comparativos sobre a família Arawak 93
3.3 Classificações internas da família Arawak 95
3.4 Tipologia Morfológica das línguas Arawak: uma visão diacrônica e sincrônica 100
3.5 Informações gerais das 24 línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa 107
3.5.1 Grupo Arawak do Norte 107
3.5.1.1 Achagua 107
3.5.1.2 Baniwa de Içana/Koripako 108
3.5.1.3 Baré 110

3.5.1.4 Garifuna 111
3.5.1.5 Lokono 113
3.5.1.6 Palikur 114
3.5.1.7 Resígaro 116
3.5.1.8 Tariana 117
3.5.1.9 Wapixana 118
3.5.1.10 Warekena 120
3.5.1.11 Wayuu (Guajiro) 121
3.5.2 Grupo Sul-Arawak 122
3.5.2.1 Amuesha (Yanesha) 122
3.5.2.2 Apurinã 123
3.5.2.3 Asheninka Perené 125
3.5.2.4 Baure 127
3.5.2.5 Caquinte 128
3.5.2.6 Maxinéri 129
3.5.2.7 Mehináku 130
3.5.2.8 Nanti 131
3.5.2.9 Paresi-Haliti 132
3.5.2.10 Yine-Piro 133
3.5.2.11 Terena 135
3.5.2.12 Wauja (Waurá) 136
3.5.2.13 Yawalapiti 137
2 PARTE: A ESTRUTURA DA PALAVRA NAS LÍNGUAS ARAWAK; DERIVAÇÃO; COMPOSIÇÃO; REDUPLICAÇÃO 139
4 A estrutura da palavra nas línguas Arawak 139
4.1 um padrão de classes de palavras 139
4.2 Alguns conceitos centrais sobre processos de formação de palavras 142
4.3 Analisando o processo derivacional nas línguas Arawak: Nominalização, verbalização e adjetivação 146
4.3.1 Nominalização nas línguas Arawak 148
4.3.1.1 Nominalização de estado/ação 149
4.3.1.1.1 Grupo Norte-Arawak 150
4.3.1.1.1.1 Subgrupo: Rio Branco: Wapixana 150
4.3.1.1.1.2 Subgrupo palikur: Palikur 150
4.3.1.1.1.3 Subgrupo do Caribe 151
4.3.1.1.1.4 Subgrupo TA-Awarák ou Caribe 151
4.3.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua 152
4.3.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 153

4.3.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 155
4.3.1.1.2 Grupo Sul-Arawak 156
4.3.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso do Sul: Terena e Baure 156
4.3.1.1.2.2 Subgrupo: Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 158
4.3.1.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro 160
4.3.1.1.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka Perené, Caquinte e Nanti 162
4.3.1.1.2.5 Subgrupo Amuesha 163
4.3.1.2 Nominalização de participantes (Agente/Paciente) 164
4.3.1.2.1 Grupo Norte-Arawak 164
4.3.1.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 164
4.3.1.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 165
4.3.1.2.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 165
4.3.1.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 166
4.3.1.2.1.4 Subgrupo: Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achaguá 167
4.3.1.2.1.5 Subgrupo: Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 167
4.3.1.2.1.6 Subgrupo Orinoco: Baré 169
4.3.1.2.2 Grupo sul-Arawak 170
4.3.1.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso: Terena e Baure 170
4.3.1.2.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu (Paresí-Saraveca): Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 172
4.3.1.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 176
4.3.1.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 178
4.3.1.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 179
4.3.1.3 Nominalização de Instrumento/Objeto 181
4.3.1.3.1 Grupo Norte-Arawak 181
4.3.1.3.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur 181
4.3.1.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 181
4.3.1.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak do Caribe: Lokono e Wayuu 182
4.3.1.3.1.5 Subgrupo Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achagua 183
4.3.1.3.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana, Warekena 183
4.3.1.3.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 185
4.3.1.3.2 Grupo sul-Arawak 185
4.3.1.3.1.1 Subgrupo Sul-Arawak (Bolívia-Mato Grosso do Sul): Terena e Baure 185
4.3.1.3.1.2 Subgrupo: Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí 186
4.3.1.3.1.3 Subgrupo: Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 187
4.3.1.3.1.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 188
4.3.1.3.1.4 Subgrupo Amuesha: Amuesha 189
4.3.1.4 Nominalização Locativa 190

4.3.1.4.1 Grupo Norte-Arawak 190
4.3.1.4.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur 190
4.3.4.1.1.2 Subgrupo TA-Arawak (Caribe): Lokono e Wayuu 191
4.3.4.1.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 191
4.3.4.1.1.4 Subgrupo Orinoco: Baré 192
4.3.1.4.2 Grupo Sul-Arawak 193
4.3.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso: Terena e Baure 193
4.3.1.4.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 193
4.3.1.4.2.3 Sudoeste Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro 194
4.3.1.4.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti 195
4.3.1.5 Nominalização de produto 196
4.3.1.5.1 Grupo Norte-Arawak 196
4.3.1.5.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur 196
4.3.1.5.1.2 Subgrupo TA-Arawak: Wayuu 196
4.3.1.5.1.3 Subgrupo Colômbia: Resígaro e Achagua 197
4.3.1.5.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 197
4.3.1.5.1.5 Subgrupo Orinoco: Baré 198
4.3.1.5.2 Grupo Sul-Arawak 198
4.3.1.5.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso do Sul: Baure e Terena 199
4.3.1.5.2.2 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Piro 199
4.3.1.5.2.3 Subgrupo Campa: Asheninka Perene, Caquinte e Nanti 200
4.3.1.6 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Arawak selecionadas 201
4.3.1.6.1 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Norte-Arawak 202
4.3.1.6.2 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Sul-Arawak 204
4.3.1.6.3 A morfologia do processo de nominalização das línguas Arawak 210
4.3.2 Verbalização nas línguas Arawak. 218
4.3.2.1 Verbalização nas línguas do grupo Norte-Arawak 219
4.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 219
4.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 219
4.3.2.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 220
4.3.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 221
4.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua 222
4.3.2.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 223
4.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 223
4.3.2.2 Verbalização nas línguas do grupo Sul-Arawak 224
4.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato-Grosso do Sul: Terena e Baure 224
4.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí 225

4.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 227
4.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perene, Caquinte e Nanti 228
4.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 231
4.3.2.3 Padrões de verbalização nas línguas Arawak 232
4.3.2.3 Morfemas verbalizadores nas línguas Arawak 233
4.3.3 Adjetivação ou derivação de verbos descritivos/estativos nas línguas Arawak 235
4.3.3.1 Grupo Norte-Arawak 236
4.3.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 236
4.3.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 237
4.3.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 238
4.3.3.1.4 Subgrupo Ta-Arawak: Lokono e Wayuu 239
4.3.3.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá 240
4.3.3.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 241
4.3.3.7 Subgrupo Orinoco: Baré 245
4.3.3.2 Grupo Sul-Arawak 246
4.3.3.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 246
4.3.3.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi-Haliti 248
4.3.3.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 250
4.3.3.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perene, Caquinte e Nanti 252
4.3.3.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 254
4.3.3.3 Padrões de adjetivação encontrados nas línguas Arawak 255
4.3.3.4.1 Morfemas derivacionais de adjetivos ou verbos estativos/descritivos: focalizando no ka- (atributivo) e ma- (privativo). 256
4.3.4. Uma visão geral do processo de derivação nas línguas Arawak 260
4.4 Analisando o processo de composição nas línguas Arawak 264
4.4.1 Tipos de nomes compostos nas línguas Arawak 266
4.4.1.1 Grupo Norte-Arawak 266
4.4.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 266
4.4.1.1.2 Subgrupo Caribe: Garifuna 267
4.4.1.1.3 Subgrupo TA-Arawak: Wayuu 268
4.4.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Tariana e Warekena 268
4.4.1.2 Grupo sul-Arawak 270
4.4.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso: Terena e Baure 270
4.4.1.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-haliti 272
4.4.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 274
4.4.1.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 275
4.4.1.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 276
4.4.4.3 Padrão tipológico dos tipos de compostos nominais nas línguas Arawak 276

4.4.4.3.1 Padrões de nomes compostos nas línguas do Grupo Norte-Arawak 277
4.4.4.3.2 Padrões de nomes compostos nas línguas do Grupo Sul-Arawak 278
4.4.4.3.3 Recorrências tipológicas de combinações de nomes compostos nas 24 línguas Arawak analisadas 280
4.4.5 Incorporação nominal e composição 285
4.4.5.1 Incorporação Nominal nas línguas do Grupo Sul-Arawak 287
4.4.5.1.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 287
4.4.5.1.2: Subgrupo Paresi-Xingu: Paresi 288
4.4.5.1.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã e Yine Piro 289
4.4.5.1.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 291
4.4.5.1.4 Subgrupo Amuesha: Amuesha 293
4.4.4.5 Visão geral do processo de incorporação nominal nas línguas Arawak do Sul ... 293
4.5 Reduplicação 295
4.5.1 Reduplicação nas Línguas Arawak 299
4.5.1.1 Reduplicação em línguas do grupo Norte-Arawak 299
4.5.1.1.1 Subgrupo Caribe: Garifuna 299
4.5.1.1.2 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 301
4.5.1.1.3 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resigaro e Achagua 301
4.5.1.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 302
4.5.1.1.4 Subgrupo Orinoco: Baré 304
4.5.1.2 Reduplicação em línguas do grupo Sul-Arawak 305
4.5.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 305
4.5.1.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti 307
4.5.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã (Subgrupo: Piro-Apurinã), Maxinéri e Yine-Piro 308
4.5.1.2.3 Subgrupo Campa: Asheninka Perené, Caquinte e Nanti 309
4.5.2 Padrões de Reduplicação nas línguas Arawak 311
4.5.2.1 Padrões de Reduplicação nas línguas do Grupo Norte-Arawak 311
4.5.2.2 Padrões de Reduplicação nas línguas do Grupo Sul-Arawak 312
4.5.3 Uma visão geral dos padrões de reduplicação nas línguas Arawak 314
4.6 Uma visão geral dos estudos de formação de palavras nas línguas Arawak 315
PARTE 3: MORFOLOGIA NOMINAL; CATEGORIZAÇÃO NOMINAL CLASSIFICADORES; GÊNERO; POSSE NOMINAL 318
5. Morfologia nominal 318
5.1 Definindo a Categorização Nominal 318
5.1.1. Um esboço sobre a tipologia de sistema de classificação nominal: gênero, classe de nomes, termos de medidas e termos de classe 321
5.1.2 Classes de nomes (gênero) vs Classificadores 324

5.2 O sistema de Classificadores 328
5.2.1 Classificadores nas línguas Arawak 332
5.2.1.1 Classificadores Numerais nas línguas Arawak 332
5.2.1.1.1 Grupo Norte-Arawak 332
5.2.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 332
5.2.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 333
5.2.1.1.1.3 Subgrupo Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achagua 334
5.2.1.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 335
5.2.1.1.2 Grupo Sul-Arawak 337
5.2.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso do Sul: Terena e Bauré 337
5.2.1.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 338
5.2.1.1.2.3 Subbgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti 338
5.2.1.2 Classificadores nominais nas línguas Arawak 339
5.2.1.2.1 Grupo Norte-Arawak 340
5.2.1.2.1.1 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro 340
5.2.1.2.1.2 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana 341
5.2.1.2.2 Grupo Sul-Arawak 343
5.2.1.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 343
5.2.1.2.2.1 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti 343
5.2.1.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 346
5.2.1.2.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka Perene, Caquinte e Nanti 347
5.2.1.3 Classificadores genitivos, possuídos e relacional nas línguas Arawak 350
5.2.1.3.1 Grupo Norte-Arawak 351
5.2.1.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 351
5.2.1.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 351
5.2.1.3.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo norte: Garifuna 352
5.2.1.3.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana 353
5.2.1.4 Classificadores verbais nas línguas Arawak 354
5.2.1.4.1 Grupo Norte-Arawak 356
5.2.1.4.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 356
5.2.1.4.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 357
5.2.1.4.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana 358
5.2.1.4.2 Grupo Sul-Arawak 360
5.2.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso: Terena e Baure 360
5.2.1.4.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 362
5.2.1.4.2.3 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti 363
5.2.1.5 Classificadores locativos em línguas Arawak 365

5.2.1.5.1 Grupo Norte-Arawak 366
5.2.1.5.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur 366
5.2.1.5.1.2 Subgrupo Ta-Arawak: Lokono 366
5.2.1.5.2 Grupo Sul-Arawak 368
5.2.1.5.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 368
5.2.1.6 Classificadores com dêiticos nas línguas Arawak 368
5.2.1.6.1 Línguas Grupo Norte-Arawak 368
5.2.1.6.1.1 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro 368
5.2.1.6.1.2 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana 369
5*.2.1.6.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Paresi-Haliti* 369
5.2.1.7 Classificadores com adjetivos nas línguas Arawak 370
5.2.1.7.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak 370
5.2.1.7.1.1 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 370
5.2.1.7.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak 371
5.2.1.7.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 371
5.2.1.7.2.2 Subgrupo Xingu-Paresí: Wauja, Mehinaku, Yawalapiti e Paresi 371
5.2.1.7.2.2 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 372
5.2.1.8 Padrões tipológicos de classificadores nas línguas Arawak 373
5.2.2 Termos de Classe e Nomes classificatórios 379
5.2.2.1 Termos de Classe: Wapixana e Ashéninka 379
5.2.3.2 Nomes classificatórios: Apurinã e Yine-Piro 381
5.2.4 Gênero nas línguas Arawak 384
5.2.3.1 Atribuição de gênero pela semântica 387
5.2.3.1.1 Línguas do Grupo-Norte Arawak 388
5.2.3.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 388
5.2.3.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 389
5.2.3.1.1.2 Subgrupo Caribe: Garifuna 390
5.2.3.1.1.3 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 392
5.2.3.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana 393
5.2.3.1.2 Línguas do Grupo-Sul Arawak 394
5.2.3.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 394
5.2.3.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Paresí-Haliti 396
5.2.3.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 398
5.2.3.1.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 400
5.2.3.2 Atribuição de gênero gramatical: Concordância e referência cruzada 402
5.2.3.2.1 Línguas do grupo Norte-Arawak 403
5.2.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 403

5.2.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 404
5.2.3.2.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo Norte: Garifuna 406
5.2.3.2.1.4 Subgrupo TA-Awarák: Lokono e Wayuu 407
5.2.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá 409
5.2.3.2.1.6 Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena 411
5.2.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 413
5.2.3.2.2 Línguas do grupo Sul-Arawak 413
5.2.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 413
5.2.3.2.2.2 Subbgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti 414
5.2.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro 416
5.2.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashaninka Perené, Caquinte e Nanti 417
5.2.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 419
5.2.3.3 Padrões tipológicos de atribuição de gênero nas línguas Arawak 420
5.2.3.3.1 Tendências tipológicas de gênero por aspectos semânticos 420
5.2.3.3.2 Tendências tipológicas de gênero por aspectos formais nas línguas Arawak ... 422
5.2.4 Padrões de categorização nominal nas línguas Arawak 424
5.3 A Posse inalienável e alienável 427
5.3.1 A semântica do fenômeno de posse e suas implicações tipológicas 430
5.3.2 Analisando a posse inalienável nas línguas Arawak 432
5.3.2.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak 433
5.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 433
5.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 433
5.3.2.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo norte: Garifuna 434
5.3.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 435
5.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá 437
5.3.2.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 438
5.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 441
5.3.2.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak 441
5.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 442
5.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí 443
5.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 447
5.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 450
5.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 452
5.3.3 Analisando a posse alienável nas línguas Arawak 454
5.3.3.1 Línguas do Grupo Norte-Awarák 454
5.3.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 454
5.3.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 454

5.3.3.1.3 Subgrupo Caribe ou Extremo Norte: Garifuna 455
5.3.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 455
5.3.3.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá 456
5.3.3.1.6 Subgrupo Alto-Rio Negro: Baniwa e Tariana 456
5.3.3.1.5.7 Subgrupo Orinoco: Baré 457
5.3.3.2.2 Línguas do Grupo Sul-Awarák 458
5.3.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 458
5.3.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí 459
5.3.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 461
5.3.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 463
5.3.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 464
5.3.4 Padrões de posse inalienável e alienável nas línguas Arawak 465
PARTE 4: MORFOLOGIA VERBAL 469
6 Morfologia verbal 469
6.1 Tipos de verbos 469
6.1.1 Verbos transitivos nas línguas Arawak 469
6.1.1.1 Verbos transitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak 470
6.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 470
6.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 471
6.1.1.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo Norte: Garifuna 472
6.1.1.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 473
6.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua 474
6.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 475
6.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 478
6.1.1.2 Verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak 479
6.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 479
6.1.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti 481
6.1.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro 486
6.1.1.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 489
6.1.1.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 492
6.1.2 Padrões tipológicos dos verbos transitivos nas línguas Arawak 493
6.1.2.1 Padrões tipológicos das línguas do grupo Norte-Arawak 494
6.1.2.2 Padrões tipológicos das línguas do grupo Sul-Arawak 497
6.1.2.3 A distribuição dos marcodores morfológicos nos verbos transitivos 500
6.1.4. Os verbos intransitivos ativos nas línguas Arawak 501
6.1.4.1 Verbos instransitivos nas línguas do grupo Arawak do Norte 501
6.1.4.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 501

6.1.4.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 502
6.1.4.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 502
6.1.4.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 503
6.1.4.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achagua 504
6.1.4.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 505
6.1.4.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 506
6.1.4.2 Verbos instransitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak 507
6.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 507
6.1.4.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 508
6.1.4.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 510
6.1.4.2.4. Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti 512
6.1.4.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 513
6.1.5 Tendências tipológicas encontradas nos verbos intransitivos ativos nas línguas Arawak 514
6.1.5.1 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas línguas do grupo Norte-Arawak 514
6.1.5.2 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas línguas do grupo Sul-Arawak 515
6.1.5.3 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas 24 línguas Arawak 516
6.1.6 Verbos intransitivos estativos nas línguas Arawak 517
6.1.6.1 Verbos intransitivos estativos nas línguas do grupo Norte-Arawak 518
6.1.6.1.1 Subgrupo Wapixana: Wapixana 518
6.1.6.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 518
6.1.6.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 519
6.1.6.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 520
6.1.6.1.5 Subgrupo Amazônia-Colômbiana: Resígaro e Achagua 522
6.1.6.1.6 Grupo Alto rio negro: Baniwa, Tariana e Warekena 522
6.1.6.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 523
6.1.6.2 Verbos intransitivos estativos nas línguas do grupo Sul-Arawak 524
6.1.6.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 524
6.1.6.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti 524
6.1.6.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro 526
6.1.6.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte, Nanti 528
6.1.6.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 529
6.1.7 Tendências tipológicas dos verbos intransitivos estativos nas línguas Arawak 529
6.1.7.2 Padrões tipológicos de verbo estativo em relação a posição de S, marcação ou não nas línguas do grupo Sul-Arawak 532

6.1.7.3 Padrões tipológicos de verbo estativo em relação à posição de S, à marcação ou não nas línguas Arawak 534
6.1.8 Comparando os morfemas de S, S_A, S_o e objeto direto e indireto das línguas Arawak. 535
6.1.8.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak 535
6.1.8.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 535
6.1.8.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 536
6.1.8.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 536
6.1.8.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 537
6.1.8.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá 538
6.1.8.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 538
6.1.8.1.6 Subgrupo Orinoco: Baré 540
6.1.8.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak 540
6.1.8.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grossso do Sul: Terena e Baure 540
6.1.8.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 541
6.1.8.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 543
6.1.8.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti 545
6.1.8.2.5 Amuesha: Amuesha 546
6.1.9 Padrões de marcadores de pessoa nas línguas Arawak 546
6.1.9.1 Regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Norte-Arawak 547
6.1.9.1 Distribuição estatística das regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Norte-Arawak 550
6.1.9.2 Regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Sul-Arawak 552
6.1.9.3 Distribuição estastíticas das regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Sul-Arawak 555
6.1.9.4 Distribuição geral dos afixos pronominais das 24 línguas Arawak selecionadas 556
6.2 Tempo, aspecto e Modo nas línguas Arawak 561
6.2.1 Categoria de tempo 562
6.2.2.1 Categoria de tempo nas línguas Arawak 564
6.2.2.1.1 Línguas do grupo Norte-Arawak 564
6.2.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 564
6.2.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 565
6.2.1.1.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 566
6.2.1.1.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 566
6.2.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achagua 567
6.2.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 569
6.2.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 572

6.2.2.2.2 Línguas do grupo Sul-Arawak 572
6.2.2.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 572
6.2.2.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi 573
6.2.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 575
6.2.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 576
6.2.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 578
6.2.2.2.6 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas Arawak 578
6.2.2.2.6.1 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas do grupo Norte-Arawak 578
6.2.2.2.6.2 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas do grupo Sul-Arawak 580
6.2.2.2.6.3 Distribuição tipológicas sobre a categoria de tempo nas línguas Arawak 581
6.2.2 Aspecto 582
6.2.2.1 Aspecto nas línguas do grupo Arawak 583
6.2.2.1.1 Línguas do grupo Norte-Arawak 584
6.2.2.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 584
6.2.2.1.2.2 Subgrupo Palikur: Palikur 584
6.2.2.1.2.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 585
6.2.2.2.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 586
6.2.2.2.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achagua 587
6.2.2.2.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 589
6.2.2.2.7 Subgrupo Orinoco: Baré 591
6.2.2.1.1 Línguas do grupo Sul-Arawak 592
6.2.2.1.1.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 592
6.2.2.1.1.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi 593
6.2.2.1.1.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 596
6.2.2.1.1.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti 598
6.2.2.1.1.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 600
6.2.2.1.1.6 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak 601
6.2.2.1.1.6.1 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas do grupo Norte-Arawak 601
6.2.2.1.1.6.2 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas do grupo Sul-Arawak 603
6.2.2.1.1.6.3 Ocorrência dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak .. 604
2.2.3 Modo 605
2.2.3.1 Modalidade nas línguas Arawak 608
2.2.3.1.1 Grupo Norte-Arawak 608
2.2.3.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana 608

2.2.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur 609
2.2.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna 610
2.2.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu 612
2.3.1.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá 614
2.2.3.1.6 Subgrupo Alto-Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena 617
2.2.3.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré 625
2.2.3.2 Grupo Sul-Arawak 627
2.2.3.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure 627
2.2.3.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti, Paresi 630
2.2.3.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro 636
2.2.3.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti 639
2.2.3.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha 647
2.2.3.2.6 Padrões de modo e modalidade nas línguas Arawak 649
2.2.3.2.6.1 Descrição do sistema de modo/modalidade nas línguas do grupo Norte-Arawak 649
2.2.3.2.6.2 Descrição do sistema de modo/modalidade nas línguas do grupo Sul-Arawak 650
2.2.3.2.6.3 Ocorrências de modo/modalide nas línguas Arawak e os morfemas moldais 651
2.2.4 Uma visão geral de TAM nas línguas Arawak 655
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 657
7.1 Resumo da parte 1: Introdução, Tipologia linguística e morfológica, Família Arawak . 657
7.2 Resumo da parte 2: Estruturação das palavras nas línguas Arawak (derivação, composição (incorporação nominal) e reduplicação 657
7.3 Resumo da parte 3: Morfologia nominal (categorização nominal, classificadores, gênero e posso nominal) 659
7.4 Resumo da parte quarto: Morfologia verbal (verbos transitivos, bitransitivos, intransitivos estativos e TAM) 660
7.8 Conclusão: 660
REFERÊNCIAS 661

1 PARTE: INTRODUÇÃO, TIPOLOGIA LINGUÍSTICA E MORFOLOGICA, FAMÍLIA ARAWAK

1. INTRODUÇÃO

Os estudos tipológicos são um dos mecanismos importantes para verificar a grande diversidade das estruturas linguísticas existentes no mundo. De acordo com Gavin et al (2013), as línguas do mundo estão relacionadas umas com as outras, assim como as espécies biológicas, por meio de vários padrões de descendência embutidos. Esses padrões geram uma quantidade espetacular de diversidade linguística (KAUPPINEM, 2018). Segundo as informações do *ethnologue*[1] existem aproximadamente cerca de 7.000 línguas faladas em todo o mundo. A maioria dessas línguas tem um número reduzido de falantes e são ágrafas. Além disso, dessas sete mil línguas, pelo menos a metade pode deixar de existir em um futuro não muito distante, já que muitas delas não estão sendo transmitidas para gerações mais novas. Deste modo, as pesquisas científicas relacionadas para essas línguas são de suma importância na descrição e documentação da língua. Da mesma maneira, as pesquisas tipológicas em qualquer âmbito da linguística podem auxiliar no conhecimento científicos de tais idiomas, contribuindo de algum modo na descrição de fenômenos linguísticos encontrados nas línguas do mundo.

Sabemos que línguas faladas no mundo variam de maneiras diferentes. De acordo com Nettle (1998), a diversidade linguística divide-se em três subcategorias diferentes que são: diversidade linguística, diversidade filogenética e diversidade estrutural. Assim, a diversidade linguística refere-se ao número real de idiomas em uma determinada área que varia entre países e continentes; já a diversidade filogenética quantifica o número de linhagem linguística em uma determinada área. Assim, segundo o autor, uma forma geral de medir a diversidade filogenética é através do conceito de família linguística, que é usado por linguistas que trabalham com o método histórico-comparativo para agrupar línguas de acordo com sua ancestralidade. O *ethnologue* lista 145 diferentes famílias linguísticas. Um grande número dessas famílias se encontra na América do Sul (ver adiante § 1.2) que tem uma diversidade linguística bastante concentrada.

E por último, as línguas podem também ser diferentes nos níveis estruturais, o que é referido como diversidade estrutural. Sendo assim, as línguas podem diferir nas suas

[1] Disponível em: https://www.ethnologue.com/about. Acesso em 10 de abril de 2022.

estruturas linguísticas, como por exemplo, elas podem se distinguir na ordem dos seus constituintes, na organização nos sistemas de som, distinção ou não de gênero gramatical, diferenças entre suas classes de palavras e etc. Para Nettle (1998), a diversidade linguística estrutural tende a se correlacionar com a diversidade filogenética, uma vez que onde há muitas famílias diferentes, muitas vezes haverá muitos traços estruturais diferentes. No entanto, tal relação não é necessária, pois pode haver vários tipos estruturais dentro de uma família ou obviamente várias famílias com o mesmo tipo estrutural (NETTLE, 1998).

Uma maneira de verificar as diferenças estruturais encontradas nas línguas no mundo é tentar estabelecer os limites e possibilidades que podem ser encontrados em tais línguas, comparando as estruturas de uma amostra de línguas diversas, isso é feito a partir dos estudos comparativos e tipológicos. Assim, o conceito central na tipologia é a classificação. Como podemos observar, as línguas podem ser classificadas em diferentes maneiras seja por afiliação genética, tamanho, fatores sociais, areais, estruturais etc. Na tipologia linguística, a classificação é baseada principalmente nos elementos que compõem a estrutura das línguas (ou seja, a diversidade estrutural das línguas é o foco), como sons, palavras e partes de palavras, como essas palavras são organizadas umas em relação às outras, e assim por diante (cf. VELUPILLAI, 2012). Nesse sentido, a tarefa principal desta tese de doutorado é verificar as diferenças estruturais, especificamente as morfológicas, em uma amostra de 24 línguas que compõem a família Arawak, estabelecendo padrões tipológicos que auxiliam nos estudos morfológicos e também filogenéticos dessa família, já que um estudo está relacionado com outro.

É importante mencionar que a tipologia linguística embora seja mais comumente utilizada em línguas que não apresentam nenhum tipo de parentesco, ela também está presente em comparações de línguas que fazem parte de uma mesma família linguística, uma vez que muitas delas também exibem particularidades que podem ou não ser regular na família. Assim, o estudo apresentado nesta tese não se baseia apenas em propriedades morfológicas das línguas de análise, mas também em uma tipologia genética já que se trata de línguas que fazem parte de uma família específica. Os objetivos e justificativas para esse estudo são dados na subseção seguinte.

1.1 Objetivos e Justificativa

Esta tese tem como objetivo descrever os padrões morfológicos de 24 línguas que compõem a família Arawak. Os fenômenos morfológicos estudados aqui fazem parte tanto da morfologia nominal quanto verbal. Esse estudo tem como foco comparar as estruturas morfológicas dessas línguas. Assim, trata-se de um estudo comparativo-tipológico, uma vez que se propõe verificar entre as línguas investigadas, as especificidades e generalizações encontradas entre elas. Em conformidade com Aikhenvald (1999), todas as línguas Arawak apresentam um perfil tipológico de línguas aglutinantes e predominantemente polissintéticas, isto é, elas exibem uma morfologia bastante rica na qual uma palavra pode apresentar um grande número de morfemas que designam diferentes funções gramaticais. Os estudos tipológicos sobre essa família vêm sendo desenvolvidos especialmente por esta autora.

Assim sendo, um dos objetivos principais desse estudo é verificar questões relacionadas aos processos morfológicos que estruturam a formação das palavras: afixação, composição (incorporação), derivação, reduplicação lexical. Na morfologia nominal analisamos os classificadores, termos de classe, nomes classificatórios, questão de gênero (classe de nomes) e posse nominal (nomes alienáveis e inalienáveis). No que diz respeito à morfologia verbal, discutimos os tipos de verbos, afixos pronominais que fazem a trans-referência e observamos também questão de tempo-aspecto-modo (TAM).

A pesquisa se justifica por cinco fatores principais: (1) o estado de perigo no qual estas línguas se encontram; (2) a carência de estudos de teor tipológicos sobre essas línguas; (3) a expectativa de contribuir na documentação e descrição das línguas Arawak; (4) contribuir de forma significativa para ciência da linguagem e (5) auxiliar futuros pesquisadores em trabalhos referentes à tipologia morfológica em línguas ameríndias.

Um grande número de línguas indígenas corre o perigo de desaparecer rapidamente devido ao número extremamente reduzido de falantes e a não transmissão às novas gerações. Este número reduzido também prejudica o conhecimento científico delas. Conforme Moore *et al* (2008), uma boa parte das línguas mais ameaçadas são também as menos estudadas ou documentadas. As línguas Arawak são um exemplo crítico dessa situação, embora não seja o único caso.

Para Austin e Sallabank (2011), as línguas ameaçadas estão apresentando mudanças nos seus perfis, pois muitas delas são apenas faladas por pessoas mais velhas

e os jovens tipicamente estão apresentando um processo de mudança linguística, no sentindo de que eles acabam utilizando mais as línguas majoritárias do que a sua própria língua nativa. Nesse cenário preocupante, os estudos de análise, descrição e documentação sejam eles em teorias linguísticas ou de outros âmbitos são necessários para documentação científica de línguas, principalmente, para aquelas que estão em grande risco de extinção. Nessa acepção, os estudos tipológicos em línguas indígenas necessitam cada vez mais serem avançados, com o intuito de contribuir cada vez mais com as pesquisas de descrição linguística, universais linguísticos e tendências universais das línguas do mundo.

Essa pesquisa torna-se bastante importante também para os estudos de universais linguísticos e para o desenvolvimento das teorias de análise de línguas. A identificação de aspectos morfológicos das línguas Arawak será útil para estudos de tipologia linguística em geral, a construção e constituições de dados contribuíram na criação ampla de uma base de dados em pesquisa tipológica e descritiva, constituindo-se uma das etapas essenciais desse trabalho. Nessa perspectiva, os resultados esperados dessa pesquisa poderão contribuir na elaboração de materiais (livros, capítulos, artigos) referentes à tipologia linguística no Brasil e ser mais um suporte de trabalho para diferentes pesquisadores que se interessam por tipologia de línguas e universais linguísticos. O desenvolvimento da pesquisa será importante também para contribuir com a ciência da linguagem brasileira e assim somar com a literatura sobre tipologia morfológica e descrição de línguas indígenas da América do Sul.

O foco desse estudo são as línguas Arawak faladas na América do Sul. É importante mencionar que as línguas Arawak faladas nessa região têm uma distribuição geográfica muito diversificada e encontradas até na América Central (ex. Garifuna). Antes de adentrar na metodologia e amostras das línguas escolhidas, é necessário esboçar algumas questões importantes sobre a diversidade linguística encontrada na América do Sul.

1.2 Diversidade Linguística da América do Sul

Não existe dúvida de que a diversidade linguística da América do Sul é um verdadeiro tesouro para ciência da linguagem. Sua extrema diversidade tem sido um desafio para linguistas e pesquisadores que se interessam por suas línguas, culturas e tradições. Campbell (2012) afirma que existem 108 famílias linguísticas, incluindo 53 famílias que têm pelo menos duas línguas como membros que inquestionavelmente estão

geneticamente relacionadas e 55 línguas isoladas. Das 53 famílias, 43 são pequenas com apenas seis ou menos línguas pertencentes à família, apesar de 10 sejam relativamente grandes. O autor informa que existem cerca de 420 famílias (incluindo as línguas isoladas) no mundo e cerca de um quarto da diversidade genética linguística do mundo é encontrada na América do Sul, fazendo desse continente uma posição especial em comparação com outros continentes (CAMPBELL, 2012).

Campbell (2012) informa que existem cerca de 420 línguas ainda faladas na América do Sul, contudo, antigamente, havia muito mais. No estudo de Loukotka (1968) há uma lista que registra um tota1 de 1.492 línguas divididas em 117 famílias linguísticas e 27 línguas não classificadas para América do Sul (LOUKOTKA, 1968). Esse número foi decrescendo por conta de vários fatores, tais como: o número reduzido de falantes, o uso de línguas majoritárias como português e espanhol, a falta de transmissão para gerações futuras, catequização, conflitos, falta de políticas educacionais e públicas, etc. Moseley (2010) afirma que as circunstâncias variam de região para região, mas um fio condutor é que a maioria das línguas indígenas carecem de prestígios (mesmo aos olhos de seus falantes); carecem de poder econômico e independência; carecem de uma infra-estrutura estável, e, na maioria dos casos, também carecem de alfabetização. Deste modo, tais condições contribuíram ou melhor contribuem de forma negativa para o enfraquecimento ou em casos mais graves para o desaparecimento dos idiomas falados por nativos da América do Sul.

De acordo com as informações do site *etnologue* o número estabelecido de línguas para os países da América do Sul é segundo as informações contidas no quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Número de línguas estabelecidas faladas pelos países da América do Sul.

Países	Número de línguas indígenas	Número de línguas não-indígenas	Total
Argentina	14	11	25
Bolívia	39	9	43
Brasil	200	17	217
Chile	8	4	12
Colômbia	82	6	88
Equador	21	3	24
Ilhas Malvinas	1	1	1
Guiana Francesa	7	6	13
Guiana	11	5	16
Paraguai	19	4	23
Peru	91	2	93
Suriname	12	10	22
Uruguai	1	5	6
Venezuela	37	6	43

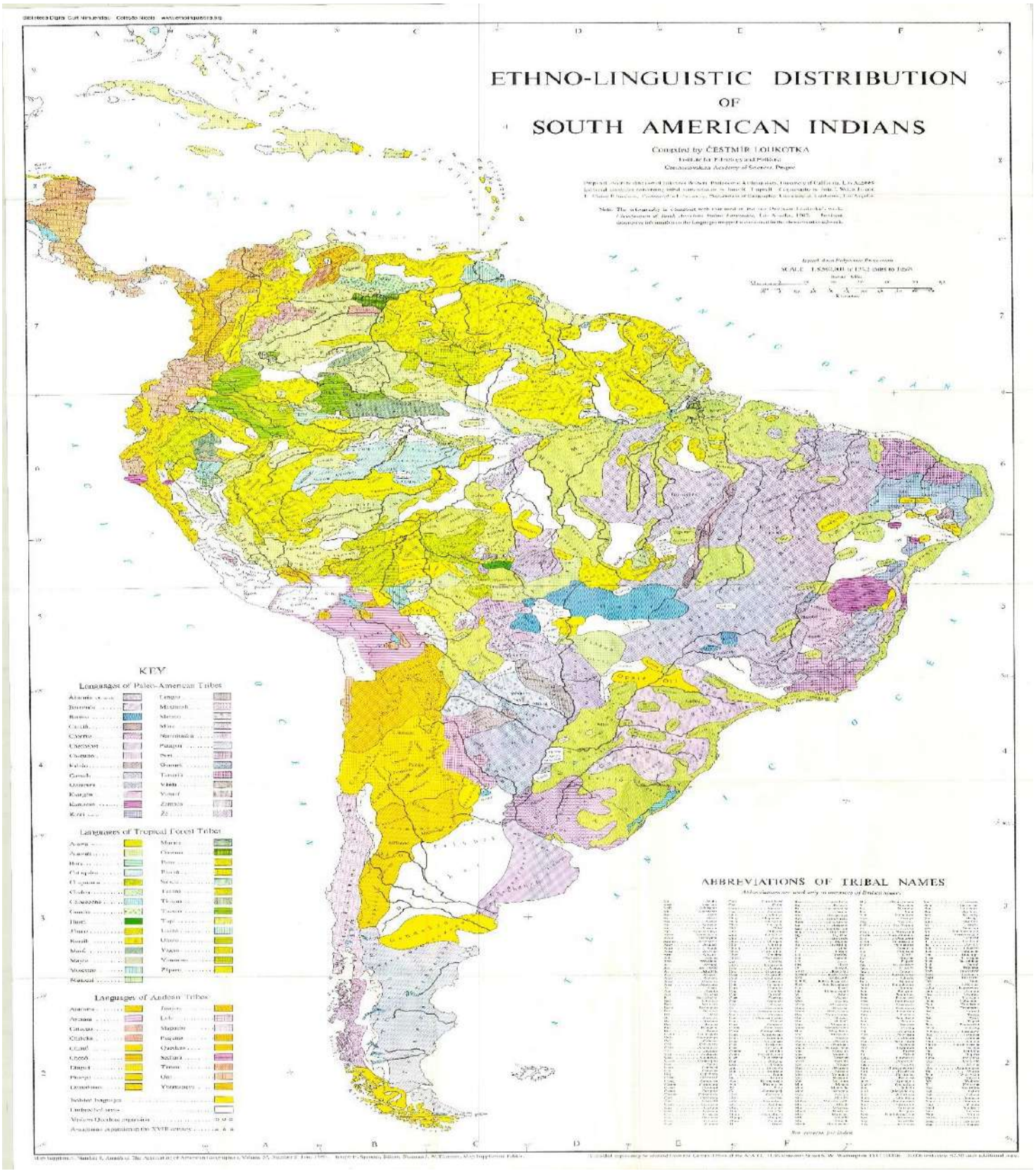
Disponível em: South America | Ethnologue. Acesso em: 30 de março de 2022.

O número de línguas indígenas mencionado no quadro 1 acima não afirma com precisão a quantidade de línguas que são faladas na América do Sul, ele apenas mostra um número estimativo desses idiomas. No Brasil, por exemplo, esse número de 200 línguas não é um consenso exato de quantas línguas são faladas no território. De acordo com os últimos dados do IBGE (2010), a população indígena é de aproximadamente 897 mil pessoas, compondo 305 etnias. Contudo, não são faladas cerca de 274 línguas por aproximadamente 37,4% do total de indígenas. Desta forma, esse número não é reconhecido pelos linguistas, que registra menos de 200. Rodrigues (2013), por exemplo, afirma que existe 199 línguas indígenas, enquanto Moore et al. (2008) afirmam que, pelo critério de inteligibilidade mútua, a soma dificilmente ultrapassaria 160 línguas. Já D'Angelis (2019) afirma que esse número de 160 línguas indígenas vivas, no Brasil hoje, é um ato de otimismo e que o número real possivelmente esteja mais próximo de 150 línguas. Por esses fatores que tais números contidos no quadro 1 acima apenas mostram uma quantidade aproximada e não números exatos de línguas indígenas faladas no território brasileiro e também da América do Sul.

Conforme Campbell (2012), as línguas da América do Sul não estão confinadas apenas em um território. Por exemplo, a família Chibcha se estende até o norte de Honduras; as línguas Karib chegam ao Caribe e as línguas Arawak podem ser encontradas em Belize, Guatemala, Honduras e Nicarágua. Algumas famílias linguísticas são

espalhadas amplamente (cf. CAMPBELL, 2012). Campbell (2012) afirma que as línguas Arawak são ou foram faladas em alguns dos dozes países: Belize, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Guatemala, Guiana, Honduras, Nicarágua, Peru, Suriname, Venezuela e também ilhas caribenhas. Já as línguas da família Karib são faladas no Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname e Venezuela, também podem ser encontradas em várias ilhas do Caribe (CAMPBELL, 2012). As línguas Tupí são faladas na Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Guiana Francesa, Paraguai, Peru e Venezuela. Já as línguas do Tronco Macro-Jê são faladas essencialmente em diferentes territórios do Brasil. Além dessas grandes famílias e troncos, outras línguas indígenas também são faladas em vários territórios de diferentes países da América do Sul, o que faz dessa área uma diversidade linguística bastante ampla, como podemos observar na figura 1 abaixo retirada de Louktka (1968).

Figura 1-Diversidade Linguística da América do Sul



Fonte: LOUKOTKA (1968)

Campbell (2012) argumenta que apesar dos avanços significativos que tenham sido feitos nos últimos anos na classificação das línguas indígenas da América do Sul, muito ainda precisa ser feito para documentar idiomas menos conhecidos e esclarecer sua história e classificação. O número exato de línguas distintas e famílias linguísticas simplesmente não é um consenso, como podemos verificar no caso do Brasil e o mesmo ocorre em outros países como Peru, Bolívia, Colômbia, Equador e Guiana.

Crevels (2012) relata que existem aproximadamente 15 comunidades não contactadas na Amazônia Peruana e Brackelaire (2006) citado por Campbell (2012) aponta mais de 60 grupos isolados em países da América do Sul. Campbell (2012) afirma que é difícil interpretar alguns deles, uma vez que algumas fontes citam grupos "não-contactados" que de fato foram contactados e são conhecidos como grupos cujas línguas são conhecidas, mas que prefeririam resistir ao contato com os brancos (ex. Zo'é, Tupí-Guaraní, Tronco Tupí). Assim, o autor ressalta que em vários casos têm uma ideia de qual idioma o grupo fala, no entanto, em muitos casos não se sabe se esse grupo fala uma variedade de uma língua já identificada ou uma língua atualmente desconhecida, mas que pertence a uma família linguística conhecida ou uma língua que representa uma família linguística ainda desconhecida. Portanto, explicar a diversidade linguística dos grupos indígenas falados na América do Sul é uma tarefa que exige pesquisas metodológicas inovadoras que auxiliam no conhecimento científico desses idiomas. Dois estudos são essenciais para isso: a classificação em contexto histórico-comparativo e a classificação pela tipologia linguística. Os dois tipos serão esboçados a seguir.

1.3 Estudos histórico-comparativo das línguas da América do Sul

Campbell (2012) afirma que a linguística histórica da América do Sul tem sido dominada por classificações em larga escala. O autor cita diferentes pesquisadores, tais como: Greenberg (1960/1987); Jivón e Caamanõ ([1940-1945] 1998); Kaufman (1900, 1994, 2007); Loukotka (1968); Mason (1950); Rivet (1924); Rivet e Loukotka (1952); Súarez (1974); Swadech (1959); Tovar (1961) e Tovar e Tovar (1984) que se propuseram a fazer um estudo histórico-comparativo das línguas indígenas da América do Sul.

Para Campbell (2012) essas classificações eram compiladas em larga escala de coisas sobre as quais eles tinham pouco ou nenhum conhecimento pessoal. Desse modo, o interesse desses linguistas era agrupar, em grande escala, várias famílias ao mesmo tempo. Essas classificações extensas entram em conflito uma com as outras no tratamento

de grupos linguísticos específicos e em vários casos são baseados em pouca ou nenhuma evidência para algumas das entidades que as classificam (CAMPBELL, 2012).

Rodrigues (2000) argumenta que apesar dos critérios para identificar as famílias linguísticas da América do Sul e para descobrir suas relações externas tenham progredido com o aumento do conhecimento efetivo das línguas que as compõem, o quadro geral das línguas Sul-Americana pouco mudou nos últimos 50 anos. Rodrigues (2000) acreditava que o estudo histórico-comparativo das línguas amazônicas ainda estava em seus estágios iniciais que naquele tempo não deixa de ser verdade. Contudo, atualmente, as pesquisas nessa área têm progredido, a partir de muitas informações novas, inserção de novas línguas e reagrupamentos que contribuem para novos estudos histórico-comparativo das línguas indígenas que compõem o continente Sul-Americano. Alguns dos principais trabalhos histórico-comparativo que foram realizados sobre as famílias linguísticas da América do Sul serão esboçados na subseção a seguir.

1.3.1. Principais linguistas que se propuseram aos estudos históricos e comparativos das línguas indígenas da América do Sul.

De acordo com Campbell (2012), a metodologia de classificação linguística utilizada por alguns praticantes também deixou a desejar. O autor cita como exemplo a classificação de Rivet (1943) que utilizou evidência não linguística na determinação das relações genética entre as línguas. Rivet (1943) sugere que a distribuição de elementos culturais pode ajudar a determinar a classificação de algumas línguas. Entretanto, Campbell adverte que em estudos de métodos comparativos as evidências culturais devem ser evitadas para que não se tenha confusão entre relações genéticas e proximidade geográfica. O autor também argumenta que a classificação como entendida hoje se baseia por métodos comparativos linguísticos. Assim sendo, com base na compilação realizada por Campbell (2012), o quadro 2 abaixo destaca alguns marcos dos estudos histórico-comparativos e suas contribuições para o conhecimento tanto da língua quanto dos povos nativos da América do Sul

Quadro 2 - Principais estudiosos que propuseram classificações às línguas da América do Sul.

Ano	Nomes	Marco histórico
[1721-1789]	Frei Filippo Salvatore Gilij	Ele foi o primeiro a reconhecer as famílias Karib e Arawak
[1735-1809]	Lorenzo Hervás e Panduro	Ele preparou um catálogo das línguas do mundo; ele listou as famílias linguísticas: Tupí-Guaraní, Omaguá, Guaikuru, Abipón e Mocobí (família Guaicurina), Lule e Vileva, Maipure (Arawak) e Moxo.
[1794-1864]	Karl Friedrich Philipp von Martius	De acordo com Aikhenvald (2012), von Martius coletou amostra de línguas de numerosos povos muitos dos quais estão extintos (incluindo Mura, Pasé, Yumana e Kawishana). Ele também fez uma extensa coleção de vocabulário das línguas da América do Sul, sua classificação linguística sobre a América do Sul foi muito citada por diferentes estudiosos (cf. CAMBPELL, 2012)
[1855-1929]	Karl von den Steinen	Foi o primeiro a manter contado com povos xiguianos. Foi o primeiro a documentar as línguas Bakairi, Waurá, Trumai e o extinto Kustenaú e muitas outras línguas indígenas da aréa do Xingu (cf. AIKHENVALD, 2012). Segundo Aikhenvald (2012), em 1887-8 ele fez sua segunda viagem ao Rio Xingu acompanhado de Paul Ehrenreich.
[1855-1914]	Paul Ehrenreich	De acordo com Aikhenvald (2012) em meados de 1988 ele foi ao rio Araguaia e documentou o Karajá e os recém contactados Kayapó. Ele também subiu para os rios Amazonas e Purus onde conheceu os Paumarí, Jamamadí e Apurinã.

[1856-1944]	Max Uhle	Segundo Campbell (2012), em 1890 Max Uhle identificou a família Chibcha.
[1893-1945]	Kurt Nimuendajú	Campbell (2012) informa que Numuendajú coletou numerosas listas de palavras de diferentes grupos indígenas do Brasil, realizou um mapa etnográfico das línguas brasileiras e propôs relações genéticas entre várias línguas do Brasil.
[1891]	Daniel Garrison Brinton	Segundo Campbell (2012), Brinton forneceu a primeira classificação geral das línguas da América do Sul.
[1876 - 1958]	Paul Rivet	O catálogo de línguas Sul-Americana de Paul Rivet continha 77 famílias linguísticas e cerca de 1240 línguas e dialetos. De acordo com as informações de Campbell (2012), Rivet classificou línguas da Bolivia, Peru, Equador, Colômbia e oeste do Brasil.
[1885-1967]	J. Alden Manson	Conforme Campbell (2012), Mason estava na tradição que procurava reduzir a vasta diversidade entre as línguas indígenas americanas, propondo hipóteses preliminares, mas não demonstradas, de famílias de maior alcance a serem testadas em pesquisas posteriores; essa orientação de agrupamento é caracterizada pelas outras classificações das línguas da América do Sul que vieram depois.
[1895 - 1966]	Cestmír Loukotka 's	Segundo Cambpell (2012), Loukotka seguiu as classificações proposta por Rivet, em seguida, ele revisou e reeditou suas classificações quatro vezes, reconhecendo 94 famílias na América do Sul em 1935, 114 famílias com 27 línguas não classificadas em 1942 e finalmente na classificação de 1968, ele reconheceu 127 famílias (incluindo as línguas isoladas) com um total de 1492 línguas.

Fonte: CAMPBELL (2012, p.63-67); AIKHENVALD, 2012.

Campbell (2012) explica que desde a classificação de Mason (1950), surgiram outras classificações das línguas ameríndias. O linguista chama atenção pelo fato de que essas classificações em larga escala não são metodologicamente mais sólidas do que suas precursoras. Campbell argumenta que o grande número de línguas e famílias e a falta de informações sobre muitas delas (com informações conflitantes sobre outras) fazem com que essas classificações simplesmente repitam porções de propostas anteriores. Desse modo, no geral, "elas permanecem relativamente especulativas e não aplicam os tipos de métodos que a maioria dos estudiosos prefere" (CAMPBELL, 2012, p. 67)[2].

Campbell argumenta que muitas pesquisas de linguística histórica foram conduzidas em várias famílias de línguas da América do Sul, desde Mason (1950) a Greenberg (1987). Sobre a classificação de Greenberg (1987), O'Connor e Muysken (2014) afirmam que muitos dados utilizados por ele foram imprecisos. Greenberg (1987) utilizou a comparação de massa que é um método para identificar as relações genealógicas distantes entre as línguas. Conforme Michael (2021, p.332), esse método consiste "em considerar morfemas em diferentes línguas com formas semelhantes e significados (vagamente) semelhantes para serem cognatos"[3], servindo como evidência de parentesco entre as línguas em questão (MICHAEL, 2021). Assim sendo, com base nas comparações em massa de material lexical, Greenberg acreditou que as línguas da América do Sul pertenceriam a uma única família linguística denominada por ele de *"Ameríndia"*. Contudo, a comparação em massa tem sido amplamente criticada por não utilizar o método comparativo em correspondências sonoras na evidência de cognatos e também por ter pouco apoio dos linguistas americanistas, o que fez da hipótese de Greenberg não ser aceita.

1.3.2 Agrupamento das línguas da América do Sul realizado por Campbell (2012)

O trabalho de Campbell (2012) sobre as famílias linguísticas da América do Sul é um dos mais recentes e ainda o mais citado. Como dito anteriormente, o autor lista 108 famílias linguística, 55 línguas não classificadas ou isoladas e 43 são famílias com seis ou menos membros e 10 são famílias maiores. Os quadros 3, 4 e 5, abaixo, exibem de forma resumida a classificação das famílias e línguas isoladas que são aceitas pela maioria dos linguistas.

[2] They remain relatively speculative and do not apply the sorts of methods that most scholars favor.
[3] […] morphemes in different languages with similar forms and (loosely) similar meanings to be cognate.

Quadro 3 - Famílias Maiores (aquelas com seis ou mais línguas)

1. Arawak (40 línguas ainda faladas)
2. Karib (25 línguas ainda faladas)
3. Txapakura (9 línguas)
4. Chibcha (23 línguas)
5. Jê (12 Línguas)
6. Pano-Takano (36 línguas)
7. Nadahup (Makú) (8 Línguas)
8. Quéchua (23 línguas)
9. Tukano (20 línguas)
10. Tupí (55 línguas)

Fonte: Campbell (2012, p.67-68)

Quadro 4 - Famílias menores (aquelas com menos de seis línguas)[4]

1. Arawá (6 línguas)	13. Guahibo (4 línguas)	25. Mataguayo (4 línguas)	37. Tikuna-Yurí[5]
2. Aymará (2 línguas)	14.Harákmbut–Katukina (3 línguas)	26. Maxakalí (3 línguas)	38. Tiniguá (2 línguas)
3. Barbacoa (5 línguas)	15. Warpe (2 línguas)	27. Mosetén–Chon (2 línguas)	39. Yaguá (3 línguas)
4. Bororo (3 línguas)	16. Jabutí (2 línguas)	28. Murá (4 línguas, todas extintas)	40. Witoto (5 línguas)
5. Cahuapana (2 línguas)	17. Jirajana (3 línguas)	29. Nambikwara (5 línguas)	41. Yanomani (4 línguas)
6. Canã-Puruá (2 línguas)	18. Jivaro (4 línguas)	30. Kawésqar (2 ou 3 línguas)	42. Zamuco (2 línguas)
7. Charruas (3 línguas)	19. Kamakana (5 línguas)	31. Otamaco (2 línguas)	43. Záparo (3 línguas)
8. Xypaya-Uru (3 línguas)	20. Karajá (2 línguas)	32. Paeza (1 ou 2 línguas, possivelmente uma isolada)	
9. Choco (3 línguas)	21. Kariri (4 línguas)	33. Purí (2 línguas)	
10. Hibito-Cholón (2 línguas)	22. Krenák (3 línguas)	34. Sáliba (3 línguas)	
11. Chon (3 línguas)	23. Lule-Vilela (2 línguas)	35.Sechura–Catacao (3 linguas)	
12. Guaikuru (5 línguas)	24. Maskoy (4 línguas)	36. Timote-Cuica (2 línguas)	

Fonte: Campbell (2012, p.68-69)

[4] Muitas famílias menores colocadas no quadro acima pertencem ao tronco Tupí ou Macro-jê. Contudo, Campbell (2012) não deixa isso totalmente exposto, já que ele está dividindo essas línguas apenas em famílias ou línguas isoladas/ não classificadas.

[5] A língua Tikuna é atualmente considerada isolada, contudo, há hipóteses que essa língua tem relação genética com o extinto Yurí (cf. CARVALHO, 2013). Talvez, por isso, Campbell a coloca no agrupamento de famílias menores.

Quadro 5 - Línguas isoladas (sem nenhuma relação genética ou conhecida)[6]

1. Aikanã (Brasil)	15. Culle (Equador)	29. Mochica (Peru)	43. Tekiraka (Peru)
2. Andaquí (Colômbia)	16. Gamela (Brasil)	30. Movima (Bolívia)	44. Trumai (Brasil)
3. Andoké (Colômbia, Peru)	17. Guachí (Brasil)	31. Munichi (Peru)	45. Tuxá (Brasil)
4. Atacameño (Chile, Bolívia, Argentina)	18. Guató (Brasil)	32. Natú (Brasil)	46. Urarina (Peru)
5. Awaké (Brasil)	19. Irantxe (Brasil)	33. Ofayé (Brasil, Macro-Jê?)	47. Wamoé (Brasil)
6. Baenã (Brasil)	20. Itomana (Bolívia, Brasil)	34. Omurano (Peru)	48. Warao (Guiana, Venezuela, Suriname)
7. Betoi (Colômbia)	21. Jaikó (Brasil, Macro-jê ?)	35. Otí (Brasil)	49. Xokó (Brasil)
8. Camsá (Colômbia)	22. Jotí (Venezuela)	36. Pankararú (Brasil)	50. Xukurú (Brasil)
9. Candóshi (Peru)	23. Kaliana (Venezuela)	37. Payaguá (Paraguai)	51. Yagá (Chile)
10. Canishana (Bolívia)	24. Kapixana (Kanoé, Brasil)	38. Puquina (Bolívia)	52. Yaruro (Venezuela)
11. Cayuvava (Bolívia)	25. Kooyá (Kwaza, Brasil)	39. Rikbaktsá (Brasil, Macro-Jê ?)	53. Yaté (Fulniô, Brasil)
12. Chiquitano (Bolívia)	26. Máku (Mako, Brasil)	40. Sabela (Equador)	54. Yuracaré (Bolívia)
13. Xono (Chile)	27. Mapudungu (Chile, Argentina)	41. Taruma (Brasil, Guiana)	55. Yurumangui Colombia
14. Kofá (A'ingaé, Colômbia, Equador)	28. Matanauí (Brasil)	42. Taushiro (Peru)	

Fonte: Campbell (2012, p. 69-70)

Muitos são os estudos histórico-comparativos que foram e são realizados sobre as línguas indígenas da América do Sul, sua extensa diversidade linguística definitivamente não deve ser subestimada (CAMPBELL, 2012). Felizmente, muitos estudos sobre as classificações das famílias linguísticas vêm crescendo atualmente, assim como várias propostas de afiliação genética à distância que linguistas que trabalham com as línguas

[6] Neste quadro, Campbell ilustra várias línguas que ainda não foram classificadas ou não se enquadram nas famílias linguísticas mencionadas aqui. Entretanto, há alguns idiomas que colocam algumas delas fazendo parte do tronco Macro-Jê, mas evidenciais futuras precisam ser mais precisas.

sul-americanas estão debatendo e propondo, como estudos comparativos de Tupí-Karib, Pano-Takana, Quechumara, TuKaJê e Macro-Jê (cf. MICHAEL, 2021). Além dos estudos histórico-comparativos, pesquisas tipológicas devem ser realizadas, auxiliando cada vez mais no conhecimento científico dessas línguas, estabelecendo tendências e padrões que resultam em estudos tipológicos das estruturas formais das línguas indígenas da América do Sul. A seção abaixo esboça algumas características tipológicas das línguas dessa região.

1.4 Informações tipológicas das línguas da América do Sul

A diversidade linguística da América do Sul é acompanhada por amplas diferenças tipológicas que vai desde até a fonologia, a morfossintaxe, o léxico, a semântica etc. Assim sendo, as línguas desse continente tendem a ter um número de características tipológicas recorrentes que as distinguem de outras línguas do mundo (O'CONNOR & MUYSKEN, 2014). Iremos ver adiante que as línguas podem ser classificadas em diferentes tipos baseados em vários parâmetros sejam eles morfológicos (o que será o foco nesta pesquisa) ou de outros âmbitos estruturais. Contudo, é importante mencionar que os dados de línguas da América do Sul em amostras tipológicas ainda são insuficientes ao se comparar com outras línguas do mundo. Campbell (2012) argumenta que muitos traços tipológicos desses idiomas não são configurados significativamente na literatura tipológica em geral, isso é devido ao fato das poucas descrições gramaticais que não abrangem a maioria das línguas sul-americana.

No site da *WALS (The World Atlas of Language Structures)* aparecem aproximadamente 290 línguas na amostra, ou seja, apenas a metade das 420 línguas ainda faladas na América do Sul. O'connor & Muysken (2014) afirmam que a partir da perspectiva qualitativa, os tipos de padrões não usuais encontrados nas línguas da América do Sul foram insuficientemente conhecidos, além disso, muitos desses idiomas estão ameaçados de extinção, acarretando um desafio maior aos linguistas. Deste modo, informações tipológicas importantes acabam sendo perdidas, a medida que, as línguas se extinguem. Para Crevels (2012), muitos idiomas desapareceram levando consigo características tipológicas inestimáveis, mas não registradas. Nesse sentido, quanto mais descrições são realizadas sobre essas línguas maior é a proporção do conhecimento científico delas. Por isso, estudos tipológicos se tornam tão importante na documentação e descrição linguística das línguas da América do Sul.

Como mencionado no início desta introdução, a tipologia é a classificação das línguas de acordo com os traços estruturais que as línguas podem compartilhar entre elas. Conforme Campbell (2012), o grande número de línguas, famílias linguísticas, a variedade de características tipológicas envolvidas e as limitações do material descritivos disponíveis para as várias línguas dificultam um levantamento geral das propriedades tipológicas das línguas. Porém, algumas propriedades podem ser bastante notáveis entre elas. O quadro 6, abaixo, retirado de Muysken & O'Connor (2014) exibe algumas propriedades regulares que são bastante mencionadas nas descrições das línguas da América do sul.

Quadro 6- Visão geral dos traços tipológicos mencionados na literatura

Traços	Região ou Língua
• *Sintagma Nominal [SN]*	
Um rico sistema de determinante nominal, incluindo tempo nominal e aspecto;	Karib, Tupí, Rondônia
Dêiticos posicionais;	Cone Sul, Chaco, Rondônia
Classificadores nominais e verbais	Algumas línguas da Bolívia e Rondônia, Sudoeste Amazônico no Brasil, Amazônia Ocidental (Brasil e Colômbia).
Inclusivo/Exclusivo	Espalhamento diverso
Classificadores genitivos para animais domésticos possuídos	Chaco
Gênero em demonstrativos e pronomes	Chaco
Ausência de classificadores	Andes
Ausência de número nominal	Guaporé-Mamoré
• *Marcação de argumento e morfologia verbal*	
Morfologia verbal complexa, polissíntese e morfologia tipo sintaxe concatenativa	América do Sul (Terras baixas)
Uma alta incidência de prefixos	Guaporé-Mamoré
Contraste entre alinhamento ativo/estativo/inverso	Chaco, Guaporé-Mamoré
Verbos auxiliares	Noroeste da América do Sul
Afixos verbais marcando direção, localidade, posição, orientação, significando extensão para marcar tempo, aspecto, modo	Noroeste da América do Sul, Amazônia Ocidental, Chaco, Guaporé-Mamoré
Causativo associativo	Tupí, Takana, Arawak, Pano, Mosetén

Verbos seriais Número verbal • *Tempo-aspecto-modo-evidencialidade (TAME)* Sistema de evidenciais ricos • *Subordinação* Switch-referência e ligação núcleo-*tail*.[7]	Noroeste Amazônico no Brasil, partes do Paraguai e adjacentes da Bolívia e Brasil, Guaporé-Marmoré Rio Negro, Rondônia/Bolivia, Brasil Central-Sul Andes e sopé do centro-Norte: Quéchua, Pano, Jívaro, Barbacoa, Tucano e Uru-Chipaya

Fonte: MUYSKEN & O'CONNOR (2014, p. 9)

Esse quadro mostra, preliminarmente, algumas características tipológicas que foram encontradas nas línguas dos países da América do Sul. No entanto, é importante ter um certo cuidado nas análises desses traços, para que não se tenha informações enganosas. Campbell (2012) adverte que muito se pode ler sobre os amplos traços tipológicos que supostamente caracterizam muitas línguas da América do Sul. Entretanto, tais traços não são muito informativos para o autor. Campbell argumenta, por exemplo, que a afirmação de que muitas línguas da América do Sul são aglutinantes pode ser enganosa, uma vez que a natureza da aglutinação nessas línguas varia e sua presença geralmente é uma questão de quanta aglutinação uma determinada língua tem e não se ela tem ou não o traço. Para o autor, dizer que o Quéchua é aglutinante e que o Aimará tem o maior grau de síntese (fusão) não ajuda e para ele é um fato enganoso. Campbell explica que na estrutura morfológica, o Quéchua e o Aimará são notavelmente semelhantes e a quantidade ligeiramente maior de modificação fonológica em Aimará em oposição ao Quéchua quando os morfemas são concatenados é de pouca importância para a estrutura geral dessas línguas (cf. CAMPBELL, 2012).

Da mesma forma, o autor argumenta que é enganoso afirmar que as línguas da América do Sul são predominantemente polissintéticas. Para Campbell (2012), essa afirmação não é muito útil, já que algumas são muito menos polissintéticas e as línguas que são de fato polissintéticas podem variar uma das outras de maneira dramática, como exemplo, veremos neste trabalho que as línguas Arawak, ditas polissintéticas pela literatura em geral, nem sempre se encaixam nesse padrão, muitas das quais são mais aglutinantes do que polissintéticas. Outro exemplo exposto por Campbell são as línguas

[7] *Tail* é uma estrutura gramatical que é adicionada no final de uma oração. Uma estratégia utilizada em orações subordinadas (interpretação da autora).

do tronco Jê e da família Nadahup que foram consideradas exceção à polissíntese, por serem mais isolante ou analíticas em suas estruturas, tendo uma morfologia considerada simples. Para o autor, isso não parece ser um caso estritamente certo, uma vez que existem prefixos pronominais em línguas Jê e nas línguas Nadahup que exibe alguns verbos complexos na sua morfologia (CAMPBELL, 2012). Nesse sentido, é necessário ter um olhar bastante minucioso nas características tipológicas encontradas para que possamos evitar informações equivocadas sobre os padrões tipológicos dessas línguas.

Campbell (2012) expõe algumas características tipológicas das línguas indígenas da América do Sul. Para fonologia, os traços tipológicos gerais são vogais nasalizadas, rinogrotofolia, harmonia nasal, glotalização, consoantes uvulares, consoantes retroflexas, línguas com contraste tonal, acento, alongamento da vogal. Para a morfossintaxe, os traços citados pelo autor são, a ordem básica dos constituintes, o alinhamento verbal, as orações subordinadas com nominalizações, o *switch-reference*, o gênero, os classificadores (incluindo os classificadores genitivos), os pronomes demonstrativos, a questão de tempo nominal e a falta de morfologia verbal de tempo e aspecto, a evidencialidade, o frustrativo, a prefixação, a sufixação, os afixos verbais direcionais, os verbos seriais e o marcador possuidor não específico, além de outras características como reduplicação, composição (incorporação nominal), etc. Muitas dessas características são descritas nesta tese, uma vez que as línguas Arawak selecionadas exibem algumas propriedades que foram elencadas no estudo Cambpell sobre a tipologia linguística da América do Sul.

A morfossintaxe é o núcleo dos estudos tipológicos, isso quer dizer que a maioria das pesquisas tipológicas muitas vezes se concentram em traços morfossintáticos, tanto que os primeiros estudos sobre tipologia linguística foram realizadas na morfologia para verificar os tipos de línguas que existem no mundo. Atualmente, a tipologia vem se desenvolvendo em outras áreas, principalmente, no que diz respeito às comparações de estruturas linguísticas de uma mesma família. O objetivo desta tese é analisar padrões morfológicos para verificar as tendências tipológicas recorrentes da família Arawak e também traços não usuais que podem ter sido adquiridos por outras questões como contato linguístico. A seção seguinte apresenta a metodologia e as amostras de línguas da família Arawak que foram selecionadas para essa tese.

1.5 Metodologia e amostra de línguas

O método empregado neste trabalho é um método comparativo que segundo Lakatos e Marconi (2003) se baseia em estudos de semelhanças e diferenças entre diversos tipos de grupos, sociedades ou povos. A pesquisa compreendeu diversas etapas, algumas das quais ocorreram concomitantemente. O trabalho consistiu inicialmente com um levantamento bibliográfico de livros, dissertações, teses, artigos e outros materiais que tratam do tema em questão. Além disso, as línguas utilizadas nesta pesquisa foram selecionadas com base em quatro critérios: estruturais, genealógicos, geográficos e a qualidade dos materiais descritivos disponíveis.

Sabemos que toda pesquisa linguística é dependente de dados, nas pesquisas tipológicas isso não seria diferente, já que o acesso aos dados é de suma importância. Sendo assim, a qualidade dos materiais descritivos necessita ser levada em conta nas amostras tipológicas. Descrições linguísticas, especialmente gramáticas descritivas, são uma das principais fontes de dados para pesquisas tipológicas. Nesse sentido, os dados das línguas selecionadas para esse estudo foram coletados, primordialmente, em gramáticas descritivas que auxiliaram nas análises e resultados obtidos.

Das 40 línguas Arawak ainda faladas, selecionamos 24 línguas dessa família, a partir de materiais descritivos disponíveis. As línguas utilizadas nesse estudo são apresentadas no quadro 7 abaixo. O quadro se divide em três partes: subgrupos (conforme a proposta de Aikhenvald de 1999), línguas e referências.

Quadro 7 - Línguas da família Arawak analisadas

Subgrupos	**Línguas**	**Referências**
Rio Branco	Wapixana	Santos (2006)
Palikur	Palikur	Green e Green (1972); Aikhenvald e Green (1998), Launey (2003), Da silva (2016)
Caribe	Garifuna	Haurholm-Larsen (2016); Munro (1998) Quesada (2017)
Ta-Arawak	Lokono	Pet (2011)
	Wayuu	Álvarez (2017); Sabogal (2018)
Colômbia	Resígaro	Allin (1976)
	Achaguá	Wilson (1992)
Alto Rio Negro	Baniwa	Ramirez (2001a; 2001b); Aikhenvald (2007)
	Tariana	Aikhenvald (2000, 2004, 2003, 2018)
	Warekena	Aikhenvald (1998)
Orinoco	Baré	Aikhenvald (1995); Oliveira (1993)
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	Buther e Ekdall (2012;, 2014); Nascimento (2012); Oliveira (2021); Rosa (2010)
	Baure	Danielsen (2007)

Paresi-Xingu	Waujá	Postigo (2012)
	Mehináku	Corbera-Mori (2012a, 2012b); De Felipe (2020)
	Yawalapiti	Mijuca (1992); Yawalapiti (2021)
	Paresi	Brandão (2014, 2016); Da Silva (2013);
Piro-Apurinã	Apurinã	Facundes (2000), Freitas (2017), Lima-Padovani (2020)
	Maxinéri	Silva (2013)
	Yine-Piro	Hanson (2010)
Campa	Ashéninka	Mihas (2010a, 2010b, 2010c, 2015)
	Caquinte	O'hogan (2020), Castilho-Ramirez (2017); Swift (1988)
	Nanti	Michael (2008)
Amuesha	Amuesha	Duff-Tripp (1997)
Total	24	

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Os dados coletados foram organizados em uma planilha do Excel para uma melhor visualização, além de alguns gráficos também feitos para uma interpretação consistente sobre os fenômenos analisados. A partir dessa organização, foi possível a constituição de exemplos que auxiliaram nos resultados da análise.

Em princípio, analisamos os dados a partir dos aportes teóricos-metodológicos da tipologia morfológica com base em diferentes autores que tratam do tema proposto. Além disso, utilizamos trabalhos já realizados por estudiosos dessas línguas, disponíveis em teses, dissertações ou em outros meios de circulação. Desta forma, com este estudo, buscamos oferecer subsídios para futuras pesquisas descritivas, comparativas e tipológicas das línguas que compõem a família Arawak. Whaley (1997, p. 7) afirma que "a metodologia e os resultados de pesquisas tipológicas são em princípio compatíveis com qualquer teoria gramatical". Portanto, também almejamos oferecer contribuições para futuros estudos de comparações de línguas em diferentes abordagens teóricas.

1.6 Organização da Tese

Essa tese é dividida em 4 partes, a primeira parte exibe a introdução (capítulo 1), capítulo 2 e 3, como podemos verificar a seguir:

O **capítulo 2** introduz alguns conceitos concernentes à abordagem tipológica e também o fazer tipologia em pesquisas no âmbito da morfologia. O capítulo traz definições e conceitos sobre a tipologia e trata também de diferentes estudos referentes à morfologia tipológica, como por exemplo, os tipos de línguas que são encontradas no

mundo: isolante, fusionais, aglutinantes e polissintéticas, além de exibir tais tipos em diferentes línguas e famílias da América do Sul.

O **capítulo 3** apresenta algumas definições sobre os estudos histórico-comparativos; informações sobre a família Arawak, discute a classificação da família realizada por diferentes autores, além de informações referentes às línguas selecionadas para essa pesquisa.

A parte 2 desta tese traz o **capítulo 4** que fornece algumas informações sobre a estrutura da palavra das línguas Arawak, analisando principalmente questões referentes aos processos de derivação (nominalização, verbalização, adjetivação, reduplicação) e composição e incorporação nominal.

A parte 3 exibe o **capítulo 5** que trata especificamente da análise da morfologia nominal, trabalhando especificamente com classificadores, termos de classe e nomes classificatórios, gênero e posse.

E por fim, a parte 4 traz o **capítulo 6** que aborda alguns processos sobre a morfologia verbal das línguas de análise, focando principalmente, tipo de verbos, tempo, aspecto e modo.

Assim sendo, a conclusão do trabalho apresenta algumas considerações gerais que foram discutidas ao longo dessa tese, resumindo as principais descobertas deste estudo e propõem análises futuras para trabalhos posteriores sobre tipologia linguística e das línguas da família Arawak.

2 TIPOLOGIA LINGUÍSTICA E MORFOLÓGICA

Esse capítulo tem como objetivo discorrer sobre a definição de tipologia linguística e morfológica, apresentando os fundamentos principais dessa disciplina na linguística, assim como, sua importância na descrição de fenômenos linguísticos encontrados nas línguas do mundo ou tipos de línguas. Em § 2.1, apresentamos as principais definições de tipologia linguística e seu escopo na linguística. Em § 2.2, discutimos questões sobre comparações translinguísticas, universais linguísticos e implicacionais e os tipos de classificações. E por fim, em § 2.3, tratamos sobre a tipologia morfológica, trazendo o contexto histórico sobre esse tipo de tipologia na linguística, assim como a importância dela nas análises morfológicas das línguas do mundo, além de apresentar alguns exemplos de tipos morfológicos encontrados nas línguas indígenas da América do Sul.

2.1 O que é a tipologia linguística?

Para Croft (1990a), o termo tipologia tem um número de usos diferentes, tanto dentro da linguística quanto em outras áreas. Na biologia, a definição mais comum se aproxima de “taxonomia” ou “classificação”, isto é, uma classificação do fenômeno dos estudos de tipos, particularmente de tipos estruturais (CROFT, 1990a). A definição linguística mais conhecida sobre tipologia refere-se para uma classificação de tipos estruturais entre as línguas (CROFT, 1990a). De acordo com o autor, nessa definição, uma língua é tomada para pertencer a um tipo e uma tipologia linguística é um conceito dos tipos ou uma enumeração ou classificação das línguas em determinados tipos. Desse modo, a tipologia linguística se interessa com o estudo de diferenças e similaridades estruturais entre as línguas. Croft (1990a) refere-se a esta definição como classificação tipológica. É importante mencionar que cada classificação tem limitações na sua amostragem de línguas, nos dados e o recorte que irá delimitar o tipo que será analisado. Dessa forma, existe uma diversidade de classificações possíveis que coloca em relevância diferentes tipos de classificação tipológica.

Segundo Croft (1990a), uma definição mais específica de tipologia é aquela onde podemos estudar os padrões linguísticos que são encontrados em várias línguas do mundo. Dessa forma, a tipologia é um estudo sistemático e comparativo das estruturas linguísticas. Velupillai (2012) explica que a tipologia linguística é o estudo das

interpretações dos tipos linguísticos ou tipos de línguas, ou mais especificamente é o estudo e interpretação dos tipos de sistemas linguísticos. Assim sendo, a tipologia investiga tipos de fenômenos linguísticos dentro de uma língua ou entre línguas, para delinear tipos de línguas e classificá-las, a partir de um paradigma linguístico.

Aikhenvald e Dixon (2017) explicam que os tipólogos elaboram as restrições estruturais da língua e formulam previsões sobre o que se poderia esperar de uma língua. Sendo assim, essa disciplina também é definida como o estudo dos padrões que ocorrem sistematicamente entre as línguas do mundo. Croft (1990a) refere-se para essa definição como generalização tipológica. Os padrões encontrados na generalização tipológica são os universais linguísticos (ver §2.2 adiante). De acordo com o autor, as generalizações tipológicas são geralmente relacionadas como uma subdisciplina da linguística que analisa os padrões translinguísticos. Tipologia nesse sentido começou com a descoberta de Greenberg (1963) dos universais implicacionais da morfologia e ordem de palavras.

Joseph Greenberg (1963) foi o principal precursor da tipologia linguística. Esse estudo foi posteriormente consolidado por Comrie (1989), Croft (1990a), Whaley (1997), Thomas Payne (1997), Booj (2007), Dryer e Haspelmath (2013) com o *WALS*, Shibatani e Bynon (1995), Shibatani (2015), além de outros autores. Os estudos tipológicos em comparação com outras áreas da linguística é um estudo recente. Os primeiros esboços tipológicos foram realizados por Friedrich Schlegel (cf. SHIBATANI, 2015), que desenvolveu um quadro tipológico que dividia as línguas do mundo em flexional e aglutinante. Já August Wilhelm Schlegel e Wilhelm von Humbold observaram que além dos tipos flexionais e aglutinantes, as línguas do mundo podem ser isolantes e polissintéticas (ver adiante §2.4).

Para Whaley (1997, p.7) a definição de tipologia na linguística é "a classificação das línguas ou dos componentes linguísticos da língua baseada nas características formais compartilhadas"[8]. O autor aponta que as metodologias e os resultados obtidos em uma pesquisa tipológica são em princípio compatíveis com qualquer teoria gramatical. Portanto, todas as pesquisas tipológicas envolvem comparações entre línguas. Por exemplo, o que se propõe nesta tese é realizar uma comparação sobre os aspectos morfológicos entre as línguas da família Arawak, porém, esta comparação poderia ser

[8] The classification of language or components of languages based on most formal characteristics.

também com línguas que não tenham nenhum tipo de relação genética, mas que podem compartilhar um determinado aspecto linguístico em comum.

As pesquisas tipológicas são bastante recorrentes para comparar traços comuns ou não usuais em línguas que não exibem nenhuma relação genética. Contudo, os estudos comparativos em idiomas que apresentam uma herança genética comum são também do interesse da tipologia. Moravcsik (2013) afirma que a tipologia linguística também se interessa nos estudos de comparações de línguas geneticamente semelhantes e tornou-se um método também importante para agrupar tais línguas em diferentes famílias com base na sua relação genética e estrutura linguística. Por isso que, a tipologia linguística é um método de investigação para explorar tanto a diversidade linguística quanto as relações genéticas das línguas do mundo. Aikhenvald & Dixon (2017) afirmam que, atualmente, os estudos tipológicos vêm sendo atualizados, uma vez que muitos deles estão empregando também questões genealógicas e areais.

A tipologia linguística é frequentemente vista como uma forma um tanto restritiva para questões estruturais das línguas, baseada em características gramaticais e sincrônicas (cf. AIKHENVALD & DIXON, 2017). Deste modo, a tipologia linguística pode ser sincrônica, isto é, uma comparação de línguas no seu estágio atual (contemporâneo) ou diacrônica que é a comparação de línguas em vários estágios no desenvolvimento histórico. Velupillai (2012) afirma que a tipologia sincrônica tem recebido mais atenção do que a diacrônica, mas ambas são igualmente importantes e podem ser pensadas como complementares uma da outra.

A tipologia também é uma disciplina que contrasta com outras abordagens teóricas, tais como o estruturalismo e o gerativismo (CROFT, 1990a)[9]. Na verdade, a tipologia é bastante relacionada com as abordagens funcionalistas. Para Croft (1990a), a tipologia é aproximadamente relacionada com a abordagem funcionalista, na qual a hipótese de que estruturas linguísticas devem ser explicadas principalmente em termos de funções linguísticas. Por essa razão, tipologia, nesse sentido, é frequentemente chamada de tipologia-funcional (CROFT, 1990a).

Outro ponto importante de mencionar é que a tipologia não é capaz de estabelecer o que é possível em uma língua natural, pela simples razão de que nem todas as línguas

[9] Essas duas disciplinas (apesar de terem definições distintas) viam a língua como um sistema abstrato ou inato, não consideravam questões funcionais que a língua poderia trazer a partir do seu falante. Na verdade, a língua era vista como o sistema e seu uso funcional não era relevante em seus estudos (interpretação da autora).

do mundo estão disponíveis para análise, ou seja, um método indutivo. Desse modo, as pesquisas tipológicas são realizadas através de generalizações translinguísticas baseadas em indução (cf. AIKHENVALD & DIXON, 2017). Ela também é um campo de teste para qualquer afirmação teórica sobre o que pode ser possível em uma língua no que se refere aos traços linguísticos. Desta maneira, com comparações translinguísticas, a tipologia linguística pode dar uma ideia de como os padrões de traços linguísticos entre as línguas se dão, isto é, verificar os tipos de fenômenos linguísticos mais regulares ou aqueles mais raros. A tipologia também pode mapear os padrões que podem servir como um ponto de partida para uma investigação sobre o motivo de encontrarmos esses tipos com mais frequências e outros não, além também dela servir como um guia para análise de línguas (VELUPILLAI, 2012).

Assim sendo, entende-se que, a tipologia, frequentemente, oferece comparações entre as línguas. Desta maneira, a partir das comparações das estruturas linguísticas das línguas, a tipologia pode simular hipóteses de como os traços linguísticos são sistematizados, estabelecendo padrões entre os tipos de línguas e na verificação dos fenômenos que são bastante presentes ou aqueles que não são usuais. Em suma, as pesquisas tipológicas desempenham um importante papel na linguística, uma vez que podemos verificar até que ponto um aspecto linguístico pode estar presente em praticamente na maioria das línguas ou não. Entendemos que a tipologia é uma classificação dos padrões formais que as línguas podem compartilhar, padrões que podem levar para um universal linguístico como, por exemplo, que todas as línguas exibem as classes gramaticais de nomes e verbos. No entanto, a tipologia não vai se interessar apenas pelas generalizações, mas sim, sobretudo, pelas variações. Além disso, novas pesquisas tipológicas não envolvem apenas questões formais, mas sim históricas e geográficas. A seção que segue traz algumas questões relevantes de comparações translinguísticas, universais linguísticos e tipos de classificações.

2.2 Comparações translinguísticas, universais linguísticos e tipos de classificações de línguas

Para Velupillai (2012), a tipologia é uma subdisciplina da linguística, com um domínio particular para examinar padrões translinguísticos. Já Aikhenvald e Dixon (2017) explicam que a tipologia linguística é uma disciplina abrangente na qual seu objeto de pesquisa é a investigação científica e rigorosa de variações translinguísticas em todos os domínios da linguagem, e, portanto, ela está no limite e possibilidades da linguagem

humana (AIKHENVALD & DIXON, 2017). Assim sendo, a pergunta que podemos fazer é: o que são comparações translinguísticas e sua importância nos estudos tipológicos? Isso que vamos verificar na subseção que segue.

2.2.1 Comparações translinguísticas

Uma das questões que podemos perguntar ao realizar uma pesquisa tipológica é o papel da comparação translinguística nos estudos de análise linguística, isto é, por que comparar línguas? Qual é o objetivo? Sabemos que a tipologia linguística envolve comparações, ou seja, comparações entre diferentes línguas que podem ter algum tipo de relação genética ou não. Essas comparações têm como objetivo verificar as similaridades ou diferenças nos tipos estruturais encontrados nas línguas do mundo. Desse modo, a tipologia linguística tem evoluído cada vez mais como um método de investigação linguística para explorar a diversidade translinguística e as relações genéticas entre as línguas (cf. KASHYAP, 2019).

É importante mencionar que as percepções tipológicas não se limitam apenas a enriquecer uma compreensão das estruturas gramaticais da diversidade translinguística dos idiomas falados no mundo, mas sim fortalecer outros campos da linguística com interesses cada vez maiores nas variações de tipos de línguas e fenômenos linguísticos em diferentes campos da linguagem. Assim sendo, as comparações translinguísticas podem auxiliar em diferentes estudos como contato linguístico, linguística histórica e comparativa, interculturalidade, tradução, aquisição, apredizagem/ensino de linguas, questões sociolinguísticas, antropologia linguística entre outras áreas.

Apesar da tipologia ser aplicada em diferentes áreas da linguística, ela é geralmente utilizada em comparações de línguas em seus aspectos gramaticais, envolvendo essencialmente um estudo comparativo e translinguístico. Assim, como esperado, os resultados de comparações translinguísticas ajudam a compreender as variações das línguas do mundo e tais variações não podem ser entendidas por nenhum outro meio a não ser descrevendo, compreendendo e analisando uma grande amostra dos tipos de línguas existentes atráves de um banco de dados que auxilie no conhecimento científico desses idiomas e fenômenos linguísticos.

Sabemos que tanto as teorias linguísticas formais quanto as funcionalistas se concentram em fenômenos que podem ser encontrados em muitas línguas, ou, se não, em todas as línguas do mundo. De acordo com Musgrave *et al*. (2009), a comparação

translinguística estabeleceu firmemente que as representações, de fato, não variam aleatoriamente entre as línguas e nos últimos anos, a linguística teórica, psicolinguística e linguistica computacional tornaram-se cada vez mais sensíveis às variações translinguísticas.

Do mesmo modo, Musgrave et al. (2009) assinala que um *corpus* sistemático de dados coletados sobre as línguas é essencial para obter uma compreensão adequada do que pode ser verdadeiramente universal nas línguas ou que é determinado por outros tipos de configurações específicas. Assim, tais conjuntos de dados são cada vez mais necessários para tornar possível avaliar sistematicamente afirmações teóricas constantes, portanto, os bancos de dados são uma ferramenta ideal para pesquisas em qualquer âmbito da linguística e não seria diferente nos estudos tipológicos.

Desta forma, o tipo de dados que tipologistas usam para formular padrões sobre as línguas é crucial para o desempenho da sua pesquisa. Para Whaley (1997), compreender a metodologia usada em pesquisas tipológicas pode ser o item mais importante que se pode aprender sobre esse campo. Assim, diferentemente das pesquisas de uma língua específica que necessitam de uma descrição feita a partir de dados coletados em trabalho de campo, as pesquisas tipológicas envolvem geralmente dados secundários, isto é, dados que já foram coletados e descritos por outros pesquisadores. Realizar uma pesquisa tipológica para verificar diferentes variedades ou similaridades de todas as línguas do mundo é uma tarefa impossível, sobretudo, porque muitas línguas atualmente estão em estágio de ameaças ou mesmo em extinção e os registros que essas línguas possam ter são poucos ou quase nenhum (como visto na introdução). Até mesmo, para línguas que são faladas, é impossível reunir informações sobre todas elas, pois muitas delas não têm uma descrição que seja adequada para o propósito da comparação ou muitos desses idiomas não têm documentação ao todo (cf. WHALEY, 1997). Assim sendo, a tipologia baseia-se puramente de dados secundários de diferentes idiomas e muitas vezes de um grande número de línguas.

Velupillai (2012) explica que é importante ter em mente que tendências e universais translinguísticos são sempre baseados em uma amostra de línguas, para que uma amostra se torne mais representativa possível, uma série de fatores devem ser considerados. Dessa forma, o tipo de amostra a ser escolhido vai depender muito do tipo de investigação a ser conduzida. A autora afirma que para verificar as tendências estatísticas e correlações de várias características linguísticas possíveis é preciso de uma

amostra de probabilidade, que Velupillai denomina de variáveis (que podem também ser chamadas de traços, características, parâmetros). Assim, define-se as variáveis e mapeai-las de acordo com a sua presença e ausência.

Para a autora, uma amostra de variedade deve incluir todos os parâmetros possíveis (conhecidos) e isso é geralmente feito em estágios. Velupillai (2012) afirma que no início o linguista pode não saber que tipos de variações podem ter um parâmetro linguístico que está sob investigação. Então, ele estabelece uma amostra que pode ser dividida em características genéticas ou areais. Se caso descobrir que há muitos casos únicos para um tal traço linguístico, essa amostra pode ser ampliada para tentar capturar valores não detectados. Consequentemente, deve-se escolher uma amostra de línguas quando procura-se identificar padrões translinguísticos. Whaley (1997) afirma que com bastante frequência, as amostras são constituídas por conveniências e por isso muitos tipológos examinam línguas que são familiares ou de fácil acesso para eles, levando para várias propensões.

Para Velupillai (2012), o que é crucial nas amostras tipológicas é tentar capturar todos ou pelo menos o tanto que for possível os valores para o fenômeno ou tipo que está sendo investigado. Nesse sentido, é importante ter em mente que uma amostra é baseada nos tipos de dados em que o pesquisador tem acesso. Assim, embora o tipólogo possa criar uma amostra sofisticada, ele terá que saber selecionar os dados que entrarão no seu estudo. Algumas soluções para construir um banco de dados de amostras representativas têm sido sugeridas dentro do campo da tipologia. De acordo com Whaley (1997), um banco de dados pode ser baseado na frequência de um tal parâmetro em uma determinada família linguística. Aqui, por exemplo, o que pretendem-se realizar é uma pesquisa comparativa de alguns fenômenos morfológicos de 24 línguas que compõem a família Arawak. Assim, usando este método, podemos formular hipóteses que podem auxiliar no conhecimento dos fenômenos morfológicos que podem ser frequentes ou raros nesta família.

Contudo, como infelizmente nem todas as línguas Arawak têm descrições completas para estudos comparativos ou não foram documentadas, não é possível inserir todas elas nesse trabalho. Até mesmo na amostra de línguas selecionadas para essa pesquisa nem sempre conseguimos descrever um tipo de fenômeno morfológico, já que não há descrição do mesmo, mas é possível estabelecer hipóteses que podem auxiliar

estudos futuros sobre a família, principalmente, sobre os estudos de tipologia diacrônica ou novos estudos histórico-comparativo.

Além de construir amostras por afiliação genética, outra proposta também pode ser considerável que seria uma amostra de línguas independentes. Segundo Whaley (1997), esse método não representa a frequência de parâmetros encontrados dentro de famílias linguísticas. Assim, não faz diferença se a família tem trinta ou mil membros, apenas uma língua vai ser selecionada para cada amostra. O autor afirma que um ponto forte deste método é que ele reflete com mais precisão a preferência puramente linguística do que a amostra genética. Esse tipo de amostra é gerenciável em tamanho, isto é, em termos práticos, uma única pesquisa pode facialmente construir uma amostra de cinquenta línguas ou números maiores (WHALEY, 1997).

Como mencionado anteriormente, a tipologia linguística está interessada em semelhanças translinguística apenas na medida que tais línguas possam estabelecer limites de variações. Sendo assim, a diversidade linguística é o objeto principal desse estudo, já que é a partir de uma amostra de línguas que podemos estabelecer diferenças e similaridades encontradas das estruturas linguísticas das línguas do mundo. Desse modo, um estudo translinguístico sugere classificar as línguas de acordo com os padrões que elas têm e descobrir as regularidades subjacentes às variações translinguísticas. Daniel (2012) explica que essas regularidades lidam com frequências relativas (padrões mais ou menos frequentes) e restrições (padrões logicamente possíveis, mas não atestados).

De acordo com Daniel (2012), um problema metodológico que um tipologista encontra é que os dados não se prestam facilmente à classificação. Para o autor, é mais do que conveniente se cada idioma se encaixasse em um pequeno número de classes, cada uma com um valor claro do parâmetro usado para classificação. Dessa forma, uma sugestão é a utilização de escala para verificar diferentes parâmetros, pois as variações de um parâmetro são espalhadas ao longo de uma dimensão de um extremo ao outro da escala. Daniel (2012) afirma que, na maioria das vezes, as escalas surgem onde há um conjunto de parâmetro fortemente relacionados, mas distintos com a escala que pode incorporar diferentes propriedades estruturais como animacidade, individuação, proeminência do discurso e algumas características de um sintagma nominal (DANIEL, 2012). Essa escala implicacional mostra o quanto um fenômeno linguístico pode ser mais compatível de ocorrer ou não em grupos de línguas que estão sendo analisadas.

Em suma, as comparações translinguísticas necessitam das amostras de línguas para que se possa realizar um estudo tipológico condicente dos tipos de línguas ou fenômenos linguísticos mais ou menos recorrentes. Desta maneira, pesquisas translinguísticas permitem estudar padrões que sistematicamente ocorrem entre as línguas. Desta maneira, se esses padrões são recorrentes em várias línguas do mundo conseguimos fazer generalizações tipológicas e formular universais linguísticos ou implicacionais, tópicos a serem esboçados a seguir.

2.2.2. O que são universais linguísticos?

Comrie (1989) explica que os estudos de universais linguísticos operam com dados a partir de uma ampla amostra de línguas, já que um dos resultados é descobrir a gama de variação encontrada entre os idiomas e os limites colocados nesta variação (COMRIE, 1989). Para Whaley (1997), os universais linguísticos são padrões fundamentais da língua, ou seja, eles são afirmações empíricas. Desta forma, afirmar que eles são empíricos é dizer que eles são padrões encontrados em todas as línguas que já foram analisadas em trabalhos translinguísticos. Sendo assim, os universais linguísticos referem-se às propriedades que se mantêm em todas as línguas ou quase em todas.

Deste modo, as pesquisas translinguísticas nos permitem estudar padrões que ocorrem, sistematicamente, entre os idiomas e a partir desses padrões recorrentes fazer generalizações tipológicas e formular universais linguísticos. Velupillai (2012) argumenta que os universais linguísticos relacionam-se com as propriedades que valem para todas ou a maioria das línguas humanas conhecidas. Segundo a autora, é importante ter em mente que o termo universal linguístico, como usado na tipologia, relaciona-se aos padrões quantitativos que são baseados nos estudos translinguísticos. Sendo assim, os universais são "propriedades comuns às línguas naturais que são parte do conhecimento inato do falante" (SILVA, 2015, p. 216). Ramat (1987) argumenta que a variabilidade dos universais é praticamente zero, isto é, os "padrões de distribuição são considerados universais na medida em que são encontrados em todas as línguas ou em um número estatisticamente significativo de línguas"[10] (CRISTÓFARO, 2010, p.190).

Moravcsik (2010) afirma que o objetivo da linguística descritiva é estabelecer o alcance e a distribuição dos padrões gramaticais que ocorrem nas línguas e explicar essas descobertas. Desse modo, os padrões de universais linguísticos têm um papel duplo: por

[10] These distributional patterns are regarded as universals to the extent that they are found in all languages or in a statistically significant number of languages.

um lado, eles servem para explicar fatos sobre as línguas indíviduais e por outro, os próprios universais exigem explicações (MORAVCSIK, 2010). Por exemplo, é inquestionável que todas as línguas conhecidas no mundo exibem consoantes e vogais orais em seus inventários fonológicos, então se um linguista for analisar uma língua ainda não descrita, provavelmente, ele irá querer encontrar esses elementos estruturais.

Sendo assim, os universais linguísticos seriam explicados através das relações externas que as línguas têm umas com as outras e que nada tem a ver com questões genéticas, mas sim da função comunicativa de determinados falantes, tendo uma origem funcional. Desse modo, uma teoria de universais linguísticos é concentrada em encontrar aquelas propriedades que são comuns em todas as línguas e pode ser dividida em quatro vias: (i) propriedades logicamente possíveis em uma língua humana; (ii) especificações encontradas em uma língua; (iii) identificação de propriedades que são impossíveis e (iv) quais propriedades são contingentemente possíveis, mas não são necessárias para uma língua (COMRIE, 1989).

De acordo com Moravcsik (2010), um universal linguístico é uma característica gramatical que pode ser razoavelmente hipotetizada como presente em todas ou na maioria das línguas humanas. A autora explica que uma hipótese universal é razoável se for baseada em uma amostra grande e geneticamente balanceada; ou se for previsto por um princípio de motivação independente. A linguista usa o termo “universal” tanto para a característica em si quanto para os padrões que o descreve. Sendo assim, como toda generalização, os padrões de universais linguísticos podem variar em sua modalidade e domínio. No que diz respeito à sua modalidade, alguns universais são apresentados como aqueles sem exceções, válidos para todos os idiomas, chamados de *universais absolutos*, enquanto que outros são probalísticos, chamados de *estatísticos*, ou seja, são válidos para uma grande parte das línguas, mas não para todas. Já em relação ao domínio, os universais podem ser colocados para todas as línguas ou para uma parte delas. Os primeiros são chamados de universais irrestritos e os últimos, universais restritos (também rotulados de universais implicacionais ou tipológicos).

2.2.3 Os tipos de universais linguísticos

2.2.3.1 Universais absolutos (não restrito e restrito) e estatísticos (tendências)

Sabemos que pesquisas translinguísticas permitem estudar os padrões que sistematicamente ocorrem entre as línguas e que se tais padrões são recorrentes podemos fazer generalizações tipológicas, formulando universais linguísticos. Comrie (1989)

explica que os universais podem ser classificados em absolutos, ou seja, aqueles que não têm exceção, fazendo com que tal padrão deve ser presente em todas as línguas, diferentemente dos universais estatísticos que existem na maioria das línguas, porém não em todas. Segundo Comrie (1989), existem dois tipos de universais absolutos: os que são *não implicacionais* (não restritos) e aqueles que são *implicacionais* (restritos). De acordo com Croft (1990a), um universal não restrito é uma afirmação de que todas as línguas pertencem a um tipo gramatical particular ou fazem parte de algum parâmetro. Assim, a hipótese é de que um universal não restrito é aquele que é presente em todas as línguas do mundo. Em (1) segue exemplos de universais absolutos não restritos.

(1) Universais absolutos não restritos: 'Todas as línguas têm X'

a. Todas as línguas têm consoantes oclusivas
b. Todas as línguas têm vogal
c. Todas as línguas fazem a distinção de nomes e verbos
d. Todas as línguas têm formas de formar questões

(WHALEY, 1997, p.31)

Já os universais restritos (implicacional) diferem dos não restritos no sentido de que eles não estão presentes em todas as línguas. Em vez disso, eles descrevem uma restrição aos tipos de línguas que são logicamente possíveis e que limita a variação linguística, mas não a elimina (CROFT, 1990a). Os exemplos em (2) exibem universais absolutos restritos.

(2) Universais absolutos restritos (implicacional): 'Se existe X, existe também Y'

a. Universal 4 de Greenberg: Idiomas com ordem SOV tendem a ser posposionais.
b. Universo 3 de Greenberg: Idiomas com ordem VSO são sempre preposicionais.

(GREENBERG, 1966, p.78 (a); p. 79 (b))

Desta forma, os universais absolutos levantam a hipótese de que uma propriedade gramatical deve estar presente em um idioma (MORAVCSIK, 2010). Assim, basta apenas uma língua não apresentar tal universal para não ser absoluto. Contudo, como explica Whaley (1997), a maioria dos universais absolutos são suficientemente bem estabelecido e uma ocorrência quando se mostra a ser falsa é um caso raro.

Diferentemente dos universais absolutos, os estatísticos permitem exceções. Nesse sentido, eles são propriedades que nas línguas são verdadeiras, embora tais padrões não sejam considerados como propriedades que são refletidas em todas as línguas, mas

são essenciais e representam tendências significativas (WHALEY, 1997). Em (3) segue um exemplo de universal probalístico encontrado na maioria das línguas do mundo.

> (3) Universais implicacionais estatísticos: Em quase todas as línguas se existe X também existe Y'
>
> a. Universal 5 de Greenberg: Se um idioma tem ordem SOV dominante e o genitivo segue o substantivo governante, então o adjetivo também segue o substantivo.
>
> (GREENBERG, 1966, p.79)

De acordo com Whaley (1997) existem várias propriedades notáveis nos universais implicacionais. Como observamos, primeiramente, eles podem ser absolutos ou estatísticos. Segundo o autor, as implicações são unidirecionais. Assim, não podemos tomar uma implicação universal e mudar a sua pré-condição ou mudar o padrão universal para derivar outro universal (WHALEY, 1997). E por último, os univervais implicacionais são *tretachoric* ('colocado em quatro pedaços'), isto é, eles introduzem duas variáveis independentes que dão origem para outros tipos de possibilidades (WHALEY, 1997). É o que ocorre com línguas que têm ordem VSO que também são preposionais. Tais tipos de possibilidades são esquematizadas a seguir.

Quadro 8 - Possibilidades de tipos com ordem VSO

	Preposição	Posposição
VSO	Sim	Não
-VSO	?	?

Fonte: WHALEY (1997, p.33)

Conforme Whaley (1997), o universal implicacional não faz afirmações sobre línguas que não são VSO. Assim, essas possibilidades lógicas podem ou não ser atestadas. Para Moravcsik (2010), todos os universais linguísticos são meramente hipóteses, embora possam conter exceções ou ter um certo grau de probabilidade para uma determinada amostra de línguas. Todavia, não há garantia de que as línguas adicionais não transformem um universal absoluto em uma característica probabilística possível. Comrie (1989) afirma que é impossível em muitos casos distinguir empiricamente os universais absolutos daqueles probabilísticos (denominado pelo autor de tendências). Deste modo, um universal que no momento parece ser absoluto pode refletir duas possibilidades: ele é verdadeiro já que ocorre em todas as línguas ou ainda não descobrimos as exceções para ele (COMRIE, 1989). Portanto, todos os tipos de universais linguísticos são hipóteses,

pois nunca se pode ter certeza se um universal é de fato absoluto ou não, já que o número de amostra não abrange todas as línguas do mundo.

2.3 Um panorama breve da história da tipologia linguística

Em consonância com Aikhenvald e Dixon (2017), a tipologia linguística é uma disciplina abrangente cujo seu objeto de pesquisa é a investigação científica e rigorosa de variações translinguísticas em todos os domínios da linguagem, e, portanto, ela está no limite e possibilidades da linguagem humana (AIKHENVALD & DIXON, 2017). Desse modo, ela objetiva identificar universais e estabelecer o alcance potencial das variações entre as línguas (WHALEY, 2007). A tipologia linguística surgiu pela primeira vez na linguística na década de 1880 com os trabalhos de três linguistas alemães, são eles: Friedrich von Schlegel, August Schlegel e Wilhelm von Humboldt que se interessaram exclusivamente pelos tipos morfológicos das línguas do mundo.

Conforme Whaley (1997), tais linguistas desenvolveram um esquema para categorizar línguas com base em quanto de morfologia foi usada na construção de uma palavra e como essa morfologia foi realizada. Para Croft (1990a), a formulação original, por Friedrich von Schlegel, dividiu as línguas em dois tipos: afixal e flexional. O seu irmão August Schlegel (adicionou um terceiro tipo que ele denominou de língua "sem estrutura", ou seja, sem morfologia, conhecida atualmente como línguas isolantes), como o moderno chinês sendo um exemplo paradigma (cf. CROFT, 1990a). Os exemplos a seguir exibem essas distinções.

(4) a. *Afixal: Kirundi (Níger-Congo: Burundi)*

Y-a-bi-gur-i-ye	abâna
C1-PASS-C8-Eles-comprar-APPL-ASP	C2.criança

'He bought them for the kids'
'Ele os comprou para as crianças'

b. *Flexional: Grego Ático (Helênico: Grécia)*

Hoi	stratiōtai	ēgoradz-on	ta	epitēdeia
Os	soldados	comprar-3PL:IMPFV:ACT:IND	os	mantimentos

'The soldiers were buying the provisions'
'Os soldados compraram os mantimentos'

c. *Sem estrutura (isolante): Mandarim Chinês (Síniticas: China)*

Wõ	măi	le	shuĭguŏ	le
Eu	Comprar	ASP	fruta	PTCL

'I have bought the fruit'/ 'Eu comprei a fruta'

(WHALEY, 1997, p.20)

Esses três tipos vão ser melhor descritos em §2.4. Um outro quarto tipo denominado “incorporação” foi adicionado por Wilhelm von Humboldt, para designar línguas que tem o verbo e objeto em uma mesma palavra. Esse quarto tipo unifica em uma única palavra muitos conceitos que em línguas europeias são expressos por mais palavras em uma frase (RAMAT, 2010). Para Ramat (2010), considerar este quarto tipo representa uma mudança da tipologia classificatória orientada na morfologia para uma mais sintática.

Croft (1990a) argumenta que a incorporação não configura a formulação “clássica” de classificação morfológica de August Schlegel. Dentro da formulação clássica, línguas isolantes não usam afixos no todo, já línguas afixais (aglutinantes) usam afixos que denotam categorias gramaticais únicas (tais como, número, gênero) e são concatenadas com alterações fonológicas; e línguas flexionais usam afixos que frequentemente se expressam em várias categorias gramaticais (tais como número, gênero e caso) em um único morfema e que geralmente sofreu alterações fonológicas principais quando combinadas com a raiz. Whaley (1997) explica que línguas flexionais, como o Grego (4b), também evidencia afixação, mas os afixos que são empregados tipicamente contêm informações semânticas.

Para Croft (1990a), a classificação tipológica das línguas no século XIX difere dos conceitos modernos de classificação tipológica moderna em dois importantes tipos: primeiro, a classificação reconhece apenas um parâmetro no qual línguas variam na estrutura morfológica das palavras; segundo, é uma classificação de línguas como um todo, e não parte de uma língua. Whaley (1997) afirma que antigamente se pensava que a língua era unificada e por isso a classificação morfológica servia como um meio prático de categorizar as línguas em sua totalidade. Naquela perspectiva, por exemplo, uma análise sintática revelaria o mesmo caráter interno da língua, assim como, a morfologia e, consequentemente, havia poucas razões para estudá-la. Essa suposição permitiu uma negligência benigna da sintaxe na tipologia que não foi corrigida por aproximadamente um século (WHALEY, 1997). Atualmente, sabemos que a morfologia e a sintaxe podem ser complementares, principalmente, em línguas do tipo ‘incorporadas’ já que ambas disciplinas podem ocorrer concomitante.

Ramat (2010) destaca que Humboldt não classifica as línguas, mas refere-se a tipos de línguas, ou seja, a princípios construtivos. Assim “ele reconhece que nenhuma

língua pertence a um único tipo" (RAMAT, 2010, p.6)[11]. Ramat (2010) assinala que é importante notar também que, aos olhos de Humboldt, os tipos representam diferentes estágios de uma evolução, começando com palavras isoladas e terminando com formas flexionais, nas quais palavras antes isoladas são agora fundidas. Whaley (1997) argumenta que "como os linguistas atuais, Humboldt assumiu que a língua tem uma associação inseparável com a mente humana" (p.21)[12]. Desse modo, o linguista acreditava que os universais das línguas foram manifestações de universais presentes no pensamento humano (WHALEY, 2007).

De acordo com Whaley (1997), na era de Humboldt, a linguística estava sendo dominada por uma abordagem histórico-comparativa do estudo da linguagem. Deste modo, os principais objetivos da linguística eram compreender os processos que deram origem à mudança linguística e determinar a relação histórica entre as línguas. Ramat (2010) assinala que depois de Wilhelm von Humboldt, os estudos indo-europeus tornaram-se a principal tendência na linguística, e a tipologia foi confinada a um papel mais periférico.

Whaley (1997) afirma que no início do século XX, várias mudanças importantes ocorreram na linguística que alteraram radicalmente as suposições da tipologia humboldtiana. O autor argumenta que a partir do trabalho pioneiro de Ferdinand de Saussure, os linguistas começaram a argumentar que, embora a língua possa ser orgânica e, portanto, mudando a qualquer momento é um sistema autocontido. Whaley, ao citar Leonard Bloomfield, destaca que Bloomfield argumenta que para "descrever uma língua não é necessário nenhum conhecimento histórico" (1933, p. 19 *apud* WHALEY, 1997, p.22)[13]. Sendo assim, para o autor, esta é uma mudança de uma perspectiva diacrônica para uma perspectiva sincrônica.

Para Whaley (1997), os estruturalistas americanos, apesar de enfatizarem a morfologia, rejeitavam qualquer crença de que diferenças na forma morfológica revelassem diferenças na "forma interna" da língua (ou qualquer coisa sobre o intelecto) das pessoas que a falam. Assim, descartar essa suposição significava ir além da morfologia na análise linguística (cf. WHALEY, 1997). Sendo assim, não era mais apropriado ignorar os outros aspectos da língua, como a sintaxe. Além disso, Whaley

[11] He recognizes that no language belongs to a single type.
[12] Like linguists today, Humboldt assumed that language had an unseverable association with the human mind.
[13] […] to describe a language one needs no historical knowledge whatever.

(1997) destaca que surgiu a possibilidade de línguas misturadas que, são radicalmente diversas em termos de estrutura de sentença. Deste modo, "como resultado, o trabalho em tipologia, quando surgiu, passou de um foco nas línguas como um todo (tipologia holística) para características das línguas (tipologia parcial)" (WHALEY, 1997, p.23)[14].

Whaley (1997) cita também como fazendo parte dos primeiros estudos tipólogicos a Escola de Praga. Os pensadores dessa escola acreditavam que certas características da língua estão inerentemente relacionadas. Ao fazer referência Roman Jakobson (1929, 1963), Whaley explica que, para o linguista, se uma língua tem no seu inventário vogais, o inventário de consoantes nas línguas vão estar conectados de maneiras previsíveis. Porém, isso é apenas uma tendência, uma vez que há línguas sem vogais. Assim, ele dá como exemplo a seguinte probabilística: se uma língua tiver vogais nasais, também terá consoantes nasais. Desta maneira, afirmações como essa capturam fatos sobre a língua que são sempre verdadeiros. De acordo com autor, os trabalhos posteriores da Escola de Praga, particularmente de Skalicka (1935, 1979), reconheceram que muitas propriedades da línga estão associadas de maneira probabilística e não absoluta. (WHALEY, 1997). A linguística moderna teve dois principais linguistas que consolidaram os estudos da tipologia linguística: Gabelentz e Greenberg, como será tratado a seguir.

2.3.1 Os pioneiros da linguística tipológica moderna: Gabelentz e Greenberg

Segundo Graffi (2010), Gabelentz foi o primeiro que cunhou o termo "tipologia" para se referir a um ramo da linguística que antes era chamado de "classificação" (morfológica). Ele foi o primeiro a distinguir entre classificação genealógica e classificação tipológica que, tendo se desenvolvido em conjunto durante o século XIX estiveram de certa forma entrelaçadas (GRAFFI, 2010). Graffi (2010) informa que Gabelentz tinha uma visão totalmente diferente dos linguistas da época, para ele, nenhuma língua é mais ou menos "perfeita" do que outra, abandonando aquela classificação "avaliativa" das línguas. Deste modo, afirma Graffi (2010, p.2)[15]:

> Gabelentz pode, portanto, ser justamente considerado o criador da tipologia de hoje, que é ortogonal à classificação genealógica e exclui qualquer avaliação das línguas em escala avaliativa. Mas suas

[14] As a result, work in typology, when it arose, switched from a focus on languages as wholes (holistic typology) to features of languages (partial typology).

[15] Gabelentz can, therefore, be rightly considered as the originator of the typology of today, which is orthogonal to genealogical classification and excludes any assessment of languages on an evaluative scale. But his investigations of word order, as well as some hints for an 'implicational' typology, are good reasons to consider his work as the first stage of a process which eventually led to Greenberg's (1966c) classic essay

> investigações sobre a ordem das palavras, bem como algumas sugestões para uma tipologia "implicativa", são boas razões para considerar seu trabalho como o primeiro estágio de um processo que acabou levando ao clássico ensaio de Greenberg (1966c).

Para Graffi (2010), Gabelentz representa a confluência de duas correntes da tipologia linguística: "Por um lado, a classificação das línguas em base morfológica originada por F. Schlegel, e por outro, a comparação translinguística dos tipos de ordem das palavras (p.2)[16]. O autor explica que como em qualquer processo histórico, este, que vai de Gabelentz a Greenberg, não é nada simples e linear, pois muitas etapas foram desenvolvidas para tipologia se consolidar como uma subdisciplina da linguística como é atualmente.

Ramat (2010) argumenta que a análise tipológica de Gabelentz é realmente muito moderna, fazendo com que tipologia se torne preditiva. Outro ponto bastante moderno na visão de Gabelentz é que, ao contrário da maioria de seus antecessores, ele considera a mudança linguística e a mudança de tipo linguístico de uma forma realmente sem preconceitos, como já citado aqui. Para o autor, Gabelentz pensa na evolução diacrônica não como uma decadência da língua ou como melhoria contínua, mas como um movimento em espiral que podem retornar a estágios tipológicos anteriores – embora usando meios linguísticos diferentes (RAMAT, 2010).

Ramat (2010) cita um exemplo de Gabelentz dizendo que se os sufixos aglutinados sofrem erosão fonética e desaparecem, suas funções são assumidas por ordens sintáticas de palavras mais rígidas e/ou palavras completas (este é o caso de línguas isolantes). Mas, o autor argumenta que, por sua vez, essas palavras completas podem ser aglutinadas em uma nova forma fixa (cf. RAMAT, 2010, p. 9). Ramat (2010) explica que um próximo passo poderia ser, novamente, sua erosão fonética e desaparecimento. Consequentemente, "novas formas perifrásticas se tornarão necessárias para expressar as relações morfossintáticas de uma palavra com o resto da frase" (p.9)[17].

De acordo com o autor, Gabelentz não propõe novas classificações tipológicas: sua visão é a canônica, com dois polos representados pelo isolamento e pela polissíntese incorporante, respectivamente. Assim, a relevância do seu trabalho é a ideia de um movimento espiral na mudança das línguas e foi adotada por muitos linguistas

[16] on the one hand, the classification of languages on a morphological basis, originated by F. Schlegel; and on the other, the cross-linguistic comparison of word order types.
[17] New periphrastic forms will become necessary to express the morphosyntactic relations of a word with the rest of the sentence.

contemporâneos como uma representação muito útil das forças móveis que fazem com que "uma língua ou um tipo linguístico se desvie do estágio A para o estágio B e, eventualmente, para o estágio A" (RAMAT, 2010, p.9)[18].

Graffi (2010) explica que Gabelentz introduz uma importante inovação em sua análise sintática em uma sentença alemã, dizendo que o sujeito não atribui nenhuma posição privilegiada, somente o verbo. Assim, no alemão, a primeira parte da frase pode conter vários elementos sintáticos tais como: sujeito gramatical, o objeto, vários tipos de advérbios ou sintagmas preposicionais. Assim, Gabelentz desenvolve especialmente uma investigação da ordem das palavras que é aquela que lida com a frase inteira. Deste modo, Gabelentz foi um dos primeiros a se interessar pelas ordens básicas dos constituintes, verificando diferentes padrões, sendo ele o ponta pé inicial para as pesquisas tipológicas de Joseph Greenberg que consolidou seus estudos na tipologia a partir dos seus universais sobre a ordem básica dos constituintes e morfologia.

Segundo Whaley (1997) foi Joseph Greenberg quem infundiu no campo da linguística um otimismo sobre o potencial da tipologia, oferecendo grandes descobertas sobre a natureza das línguas. De acordo com Croft *et al* (1990b), a experiência de Greenberg em estudar diversos aspectos de diferentes idiomas desempenhou um papel central em seu trabalho e é o que mais o distingue da maioria de seus predecessores e contemporâneos. Para os autores, o nome de Greenberg está mais intrinsicamente associado ao campo da tipologia e universais, ambos focados na análise comparativa das estruturas das línguas. Croft *et al* (1990b) assinalam que a descoberta de universais implicacionais na morfologia e na sintaxe são generalizações que descreviam restrições à variação, demostrando, desta forma, que uma língua com uma propriedade particular poderia ter uma segunda propriedade. Para os autores, os universais implicacionais revelam muito mais sistematicidade na estrutura da língua do que simples universais irrestritos, como "todas as línguas tem vogais" ou " todas as línguas distinguem as categorias de nomes e verbos" (CROFT *et al*, 1990b).

Os autores explanam que para Greenberg os universais implicacionais são generalizações de nível bastante baixo e que princípios mais profundos devem estar subjacentes a eles. Deste modo, Greenberg (1966) propôs dois princípios subjacentes aos universais: 'dominância' (a noção de que uma ordem de palavras ou morfemas é dominante - ou seja, mais comum - do que seu oposto) e 'harmonia' (o fato de que ordens

[18] […] a language or a linguistic type to drift from stage A to stage B and, eventually, to stage A′.

de palavras paralelas, por exemplo, Adjetivo-Substantivo e Genitivo -Nome tendem a co-ocorrer). Deste modo: "Uma ordem dominante pode sempre ocorrer, mas seu oposto, o recessivo, ocorre apenas quando uma construção harmônica está igualmente presente" (GREENBERG, 1966, p.97)[19]. Croft *et al* (1990b) argumentam que este é um exemplo relativamente antigo de uma generalização significativa baseada na motivação concorrente de princípios universais mais profundos, um dos meios cruciais pelos quais se pode explicar a variação restrita entre os idiomas.

Croft *et al* (1990b) assinalam que o estudo de ordem de palavras e morfemas não foi, no entanto, o primeiro grande empreendimento de Greenberg na tipologia. Antes dele, Greenberg analisou a tipologia morfológica mais conhecida do século XIX e a reinterpretou em termos quantitativos. Os autores afirmam que esse passo resolveu um dos principais problemas da tipologia morfológica tradicional sobre os tipos de línguas encontradas no mundo e o fez tomar decisões arbitrárias sobre a qual tipo morfológico uma língua específica pertencia. Desta forma, seguindo Sapir (1921), Greenberg também identificou dez índices quantificáveis de estrutura gramatical, permitindo assim um modelo muito mais sofisticado e revelador de tipos morfológicos (cf. GREENBERG, 1954).

De acordo com Croft (1990a), Greenberg observou que não são claras as fronteiras entre os tipos analíticos, sintéticos e polissintéticos, porque o número de morfemas por palavras tinha um valor quantitativo que foi usado para todos os efeitos práticos contínuos. Desse modo, Greenberg fez um índice quantitativo (M/P "morfemas por palavras")[20] que media os números de morfemas em uma palavra, utilizando conteúdos textuais das línguas analisadas por ele. Assim, a significância desta representação de tipos de línguas para classificação tipológica é que línguas (ou construções) não necessariamente são classificadas em tipos *'discretos'*. Então, elas poderiam ser classificadas sob algum parâmetro estrutural no qual é relativo para outras línguas. Greenberg também quantificou o grau de alternância fonológica, ou seja, o grau de alomorfia e uma série de outros parâmetros estruturais, incluindo alguns parâmetros funcionais que lembram os tipos I-IV de Sapir (CROFT, 1990a).

(5) Tipos de parâmetros estruturais desenvolvidos por Greenberg

1. M/P 'morfemas por palavras'

[19] A dominant order may always occur, but its opposite, the recessive, occurs only when a harmonic construction is likewise present.
[20] Em inglês *Morpheme per Words (M/W)*.

2. A/J ‘aglutinação/junção de morfemas’
3. R/M ‘morfema raiz/palavras’
4. D/P ‘morfemas derivacionais/palavras’
5. F/P ‘morfemas flexionais/palavras’
6. P/P ‘prefixos/palavras’
7. S/P ‘sufixos/palavras’
8. O/N ‘ordem de palavras para indicar relações gramaticais/relações gramaticais completa’
9. Pi/N ‘morfemas flexionais puro para indicar relação gramatical/relação gramatical completa’
10. Co/N ‘morfemas flexionais de concordância usados para relação gramatical/relação gramatical completa’

(CROFT, 1990a, p. 41)

O autor explica que os primeiros dois índices correspondem para os dois parâmetros morfológicos de Sapir, portanto, para classificação morfológica original. Os próximos cinco índices classificam palavras pelos tipos de morfemas (raiz, derivacional, flexional) e pela posição do afixo (prefixo, sufixo). Os três últimos índices classificam as relações gramaticais no sentido relação-ordem de palavra, flexão “pura” (não envolve concordância) ou flexão de concordância, incluindo a indexação dos morfemas.

Croft *et al* (1990b) ressaltam que uma outra grande contribuição para a tipologia moderna anterior a Greenberg foi a noção de marca, da Escola de Praga, particularmente desenvolvida por Trubetzkoy ([1939]1969) na tipologia fonológica e por Jakobson na aplicação do modelo de Trubetzkoy às categorias gramaticais. Greenberg (1966b) resumiu a pesquisa anterior, pesquisou sistematicamente os padrões de marcação de todas as principais categorias gramaticais e produziu uma nova integração dos critérios para marcação fonológica e semântica. Nesse mesmo trabalho, os autores explicam que Greenberg antecipou desenvolvimentos futuros na pesquisa tipológica ao observar padrões de marcação hierárquica e reversões de marcação.

Conforme os linguistas, os trabalhos de Greenberg contribuíram para desmitificar o uso de evidências tipológicas na classificação genética de línguas. Para os autores, a sistematicidade quase ‘monótona’ da estrutura gramatical, a frequência de certos padrões de mudança linguística e a instabilidade estrutural das línguas ao longo do tempo, foram argumentos que impediram que se use a similaridade estrutural para se identificar as línguas como de descendência compartilhada. Croft *et al* (1990b) assinalam que para

demonstrar uma classificação genética, é preciso mostrar semelhanças além do acaso. Assim, se houver apenas algumas possibilidades (por exemplo, as seis ordens de palavras possíveis de sujeito, objeto e verbo) e as possibilidades combinatórias que ocorrem são ainda mais limitadas, então a semelhança casual é muito mais provável. Deste modo, afirmam os autores:

> A linguística genética deve, portanto, estabelecer semelhanças em propriedades gramaticais para as quais existem múltiplos padrões possíveis (ou seja, as correspondências arbitrárias entre som e significado/função) para determinar que elas são de fato remanescentes compartilhados de algum período histórico anterior durante o qual línguas agora separadas eram unificadas (CROFT *et a*l, 1990b, p.11)[21].

Um outro trabalho bastante importante de Greenberg foi seu estudo sobre a classificação genética das línguas. Essa pesquisa iniciou-se com sua análise sobre a classificação das línguas africanas (cf. GREENBERG, 1963). Ele também verificou classificações genéticas das línguas da Oceania e da América, sendo elas objetos de debates e críticas de outros linguistas. Croft *et al* (1990b) afirmam que no método comparativo de Greenberg há um grande número de itens lexicais, afixos gramaticais e outros fenômenos em todas as línguas em questão. O tipólogo procurava padrões de semelhança pelos quais as línguas podem ser classificadas em grupos e subgrupos genéticos, olhando para um grande número de línguas e utilizava praticamente o mesmo método empregado em uma investigação adequada de universais linguísticos (CROFT *et al*, 1990b). Os autores afirmam que:

> Para Greenberg, olhar para um grande número de línguas revela não apenas padrões tipológicos, mas também aqueles relevantes para determinar a filiação genética (incluindo distorções como as introduzidas pelo empréstimo). Esses, os dois padrões mais importantes de semelhança gramatical, surgem apenas após o exame de um grande número de línguas (CROFT *et al*, 1990b, p.16)[22]

Em suma, Greenberg teve um grande papel na tipologia linguística e contribuiu bastante para o crescimento dessa subdisciplina na linguística. Croft *et al* (1990b, p.16)

[21] Genetic linguistics must therefore have similar similarities in possible grammatical properties (i.e. such as arbitrary correspondences between sound and meaning/function) to determine that they are in fact shared remnants of the earlier period during which now separate were unified.
[22] For Greenberg, looking at a large number of languages reveals not only typological patterns but also those relevant to determining genetic affiliation (including distortions such as those introduced by borrowing). These, the two most important patterns of grammatical similarity, emerge only after examining a large number of languages.

apontam que “generalizações tipológicas (incluindo, é claro, tipológicas diacrônicas) não são o único fim da pesquisa tipológica” (CROFT *et al*, 1990, p. 16) [23]. Assim, tendo alcançado o mais alto nível de generalização linguística interna, deve-se buscar explicações externas e foi isso que Greenberg fez durante a maior parte de sua carreira. Deste modo, Greenberg propôs uma explicação sobre a preferência para sufixação nas línguas do mundo; explicações fonéticas sobre as generalizações das consoantes glotálicas (cf. GREENBERG, 1970); universais sobre as ordens dos constituintes e tipos morfológicos (cf. GREENBERG, 1963), trabalhos sobre as relações genéticas da língua, além de outros trabalhos que o consolidaram na tipologia linguística, por isso, Greenberg permanece como um dos mais influentes linguistas nos estudos de tipologia linguística em geral. A seção seguinte trata sobre a tipologia morfológica, com um foco especial para as línguas indígenas da América do Sul.

2.4 Tipologia Morfológica: O perfil tipológico das línguas da América do Sul

Sabemos que a morfologia na linguística tem a ver com a formação e estruturação das palavras. De acordo com Thomas Payne (1997), a morfologia, tradicionalmente, tem se concentrado como “categoria” (isto é, “operações”, “funções”) representadas por ajustes na forma das palavras, diferentemente, daquelas operações representadas por processos lexicais ou analíticos. A morfologia, como mencionado neste capítulo, é o primeiro estudo de classificação tipológica das línguas, ou seja, classificar línguas, considerando suas propriedades estruturais ao invés de afiliação genética. Vimos na seção anterior que as línguas podem ser classificadas em isolantes, aglutinadas e fusional.

Edward Sapir (1921) revisou a tipologia morfológica de Friedrich von Schlegel, August Schlegel e Wilhelm von Humboldt. Sapir (1921) dividiu as propriedades morfológicas da classificação do século XIX dentro de dois parâmetros independentes: O primeiro parâmetro é o índice de síntese que diz respeito à quantidade de afixação que pode ocorrer dentro de uma língua e o segundo parâmetro é índice de fusão que é usado para rotular a facilidade que os morfemas individuais podem ser segmentáveis a partir de outros morfemas. Sapir divide as línguas em três tipos: analítica, sintética e polissintética.

[23] Typological (including of course diachronic typological) generalizations are not the sole end of typological research

Ele também divide quatro tipos em termos de grau de alteração de morfemas: isolantes, aglutinante, fusional e simbólica.

O índice de síntese define as línguas isolantes e sintéticas. As línguas isolantes não exibem correspondências individuais entre morfemas e palavras. De acordo com Whaley (1997), elas apresentam traços que são identificáveis. Um desses traços é a presença, frequentemente, de sistemas tonais e outro diz respeito a uma ordem rígida de palavras. As línguas isolantes têm propriedades rígidas na ordem de palavra, uma vez que "não apresentam marcadores ou verbos complexos marcando a relação entre um verbo e o dependente" (WHALEY, 1997, p. 131). Sendo assim, por não apresentarem marcação morfológica sinalizando uma relação gramatical, uma ordem é o mecanismo principal para indicar propriedades de uma sentença.

As línguas sintéticas são "caracterizadas por um uso robusto da morfologia em construção de palavras" (WHALEY, p. 131)[24]. Para exemplificar, exibimos um exemplo extraído de Castilho-Ramirez (2017, p. 51) da língua Caquinte (língua pertencente à família Arawak, subgrupo Campa).

(6) Caquinte

a. Nonchookatashiihakempa
No-N-chooka-t-ashi-hig-ak-e-Npa
1-IRR-existir-CE-PROP-PL-PFV-IRR-REF

'...Para que nosostros vivamos'
'...para que vivamos'

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.51)

O exemplo acima exibe afixos que significam diferentes categorias gramaticais, como pronomes pessoais, aspecto e entre outras categorias gramaticais, a maioria deles vem acompanhando o verbo. Whaley (1997) explica que as línguas podem ser classificadas como aglutinantes ou fusionais. Uma língua é aglutinante se os morfemas que ocorrem em uma palavra são facilmente segmentáveis, ou seja, é claramente possível perceber as fronteiras entre os morfemas, pois são claramente identificáveis. As línguas sintéticas tais como as da família Arawak empregam afixação para marcar categorias de concordância, voz, tempo, aspecto, valência, modo, entre outras propriedades morfológicas.

Para Whaley, o índice de fusão é irrelevante para línguas dos tipos isolante, pois elas não juntam morfemas dentro de uma palavra. Por outro lado, há uma correlação

[24] Synthetic languages are characterized by a robust use of morphology in word building.

notável entre o índice de síntese e o índice de fusão nas línguas sintéticas (WHALEY, 1997). Nesse caso, elas tendem a ser naturalmente aglutinantes. Conforme Whaley (1997, p.135) a relação de línguas sintéticas e aglutinantes é bastante esperada.

> A frequência com que as línguas sintéticas acontecem também para serem aglutinantes é esperada em um ponto de vista intuitivo. Porque línguas sintéticas tendem localizar informações gramaticais em afixos, e tal informação (como: pessoa, número de argumentos verbais, caso, gênero, tempo, aspecto, etc.) é relevante entre um número amplo de raiz. É mais eficiente manter o morfema que sinaliza esta informação constante do que ter várias dependências na presença de outros afixos e raiz[25].

As línguas polissintéticas se distinguem das línguas aglutinantes por apresentarem um alto grau de morfemas dentro de uma palavra, visto que, uma única palavra pode incluir diferentes afixos que podem designar diferentes propriedades morfossintáticas. Por exemplo, as línguas da família Arawak são tipologicamente sintéticas, uma vez que elas apresentam um alto grau de morfemas em uma mesma palavra. Segundo Aikhenvald (1999) os verbos são categorias principais nas línguas dessa família, pois eles apresentam morfologia flexional dado por afixos que indicam diferentes categorias gramaticais (AIKHENVALD, 1999). Por exemplo, a língua Ashéninka Perene é altamente polissintética, pois as palavras consistem em múltiplos morfemas. O exemplo em (7) retirado de Mihas (2010a) evidencia o perfil polissintético dessa língua.

(7) Ashéninca Perené
Amamenkotziyetaki
Ama-menkotzi-yet-ak-i
3N.MAS-nadar.desalinhado.cabeça-DIST-EP-PFV-REAL
'Many heads floated [in the river]'
'Muitas cabeças flutuaram [no rio]. '

(MIHAS, 2010a, p. 96)

Como mencionado, a América do Sul é um continente bastante rico linguisticamente, com várias línguas de diferentes famílias linguísticas, sendo considerada uma área linguística bastante diversa. Doris Payne (1990) afirma que as línguas desse continente foram estudadas por europeus por cerca de 400 anos. Conforme Doris Payne (1990), a documentação de aspectos linguistísticos começou com os

[25] The frequency with which synthetic languages happen also to be agglutinative is expected from a intuitive point of view. Because synthetic languages tend to locate grammatical information in affixes, and such information (such as the person and number of verbal arguments, case, gender, tense, aspect, and the like) is relevant across a large number of roots, it is more efficient to keep the morphemes that signal this information constant than to have them vary depending on the presence of other affixes and roots.

trabalhos dos missionários, os primeiros foram sobre a língua Chibcha na Colômbia e do Tupinambá no Brasil (cf. DORIS PAYNE, 1990, p. 213). A autora explica que uma atenção maior aos estudos morfológicos foi realizada por Anchieta (1595) sobre os prefixos verbais do tupinambá e por Montoya (1640) sobre os numerosos aspectos encontrados no Guaraní. Durante esses 400 anos, inúmeras descrições morfológicas se acumularam, principalmente nas que consistem em estabelecer paradigmas verbais ou listar afixos e descrever seus significados (DORIS PAYNE, 1990).

D. Payne (1990) chama atenção pelo fato de que muitos desses tipos de estudos morfológicos são incompletos ou até ausentes em algumas línguas. Atualmente, as pesquisas de tipos morfológicos das línguas ameríndias têm aumentado, principalmente na linguística internacional, entre os quais, podemos elencar Derbyshire e Pullum (1986), Doris Payne (1990), Dixon & Aikhenvald (1999), Campbell (2012) e Aikhenvald (2012). No entanto, muito desses estudos apenas trazem considerações bastante gerais e muitas propriedades, como por exemplo, os sistemas de classificadores, marcação de gênero, posse, incorporação e categorias lexicais que são aspectos que ainda necessitam ser mais detalhados.

Assim sendo, em consonância com Doris Payne (1990), tais estudos podem ser um passo importante para identificar aspectos morfológicos característicos das línguas ameríndias da América do Sul. A autora também ressalta que ainda existem poucas discussões de como o sistema morfológico em línguas individuais é organizado ou como a aquisição morfológica em línguas altamente polissintéticas é realizada, não apenas no processamento cognitivo envolvido na morfologia, mas também naqueles envolvidos na sintaxe (DORIS PAYNE, 1990).

Doris Payne (1990) divide as línguas indígenas da América do Sul em dois grandes grupos tipológicos em relação à morfologia. Segundo a autora, esses grupos têm uma distribuição geográfica de oriental *versus* ocidental, aproximadamente. No entanto, existem algumas línguas da região ocidental (ex. línguas Arawak) que estão espalhadas na bacia de toda região oriental. Segundo Doris Payne (1990), as línguas do grupo ocidental recaem entre a fronteira oriental das montanhas de Andes e pertencem a diversas famílias, incluindo: Pano, Arawak, Tukano, Záparo, Yagua, Huitoto e Cahuapana. De acordo com a autora, as línguas do grupo ocidental são caracterizadas por um alto grau de polissíntese direcional no verbo que pode ter funções de tempo, aspecto, modo e

sistema de classificação nominal, apesar de algumas línguas da família Pano e Arawak não exibirem tal sistema (cf. DORIS PAYNE, 1990).

Em uma questão mais sintática, a autora afirma que muitas línguas geneticamente diversas no grupo ocidental também têm ordem de constituinte verbo-inicial e posposição. Essa combinação "tem sido raramente atestada em outras línguas do mundo e pode ser mais uma evidência de uma área linguística" (DORIS PAYNE, 1990, p. 214)[26]. Já as línguas do grupo oriental são tipologicamente mais isolantes, ou seja, elas têm o mínimo de morfemas possíveis (morfema por palavra) e geralmente não exibem classificação nominal. Essas línguas geralmente pertencem às famílias do tronco Jê e Tupí, Karib e Nadahup (cf. D. PAYNE, 1990). A subseção seguinte esboça alguns exemplos dos tipos morfológicos de línguas indígenas da América do Sul.

2.4.1 Os tipos morfológicos das línguas da América do Sul

Aikhenvald (2012) afirma que a maioria das línguas indígenas da América do Sul tendem a ser altamente sintética. Desta forma, dependendo da família ou posição geográfica, algumas línguas são mais sintéticas do que outras (AIKHENVALD, 2012). As línguas da família Arawak (Campa, Piro, Ignaciano, Bauré, Terena), Harakbut, Pano, Zaparo e Bora-Huitoto têm estruturas sintéticas, sendo algumas altamente sintéticas, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(8) Família Arawak: Ashéninka Perené

a. i=hatz-i pareni-ki y=aan-ak=i saNpi
3M.S=ir-REAL rio=LOC 3M.S=levar-DIR-PFV=REAL tocha
y=oot-a-t-ant-ia=ri=ri
3M.A=luz-REP-EP-INSTR-IRR=3M.OBJ=REL
nihaa-ki y=amen-e shina
Água-LOC 3M.A=ver-IRR peixe

'He would go to the river and take a torch with which he would shine light at the river to look for boquichicos (Prochilodis sp.).'
'Ele iria até o rio e levaria uma tocha com o qual iluminaria o rio para procurar boquichios (tipo de peixe) '.

(MIHAS, 2010 a, p.195)

[26] [...]has rarely been attested in other parts of the world and may be further evidence of a linguistic area.

(9) Família Harakbut: Arakmbut

a. Luís-ʔa-nda, oʔ-arak-me apetpet-ta
Luiz-N-FOC 3SG.IND-matar-PASS.REC onça-ACC

'Luis himself killed the jaguar'
'O próprio Luiz matou a onça'

(VAN LIDEN, 2019, p.7)

(10) Família Pano: Shanenawa

a. ɨn nami-Ø pi-ʂian-ma-ʂun jamɨri ɨn nami-Ø
1SG carne-ABS comer-PASS-NEG-SR amanhã 1SG carne-ABS
pi-ʂunu-ki
comer-FUT-DECL

'Eu não comi a carne, amanhã eu comerei'

(CÂNDIDO, 2004, p.71)

(11) Família Zaparo: Iquito

a. Iimi simiim+ ipp+ m+rajaarica mit++-Ø-cura Marii nuu
DET livro DET criança dar-PFV-PASS.REC Maria 3SG

'Those children have given those books to Maria'
'Essas crianças deram esses livros para Maria'

(HANSEN, 2006, p.13)

(12) Família Bora-Huitoto: Murui (Bue)

a. kɨifo o oi-ma=ɨ A ɨba-aka-d-e PRED
Mel esposa.irmão-CLF:DR.M=S/A.TOP comprar-DESID-LK-3

'Your husband's sister wants to buy honey'
'A irmão do seu esposo quer comprar mel'

(WAJTYLAK, 2017, p.5)

Além dessas famílias, línguas da família Arawá, Cahuapana, Tukano, Yanomami, Yagua, Guaikurú, entre outras que possuem uma estrutura de palavras mais sintéticas, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(13) Família Arawá: Dení

a. Metha kiʤa-u-na-nava uv—ibua-ru
Ontem doente-1SG-MCV-FRUST 1SG-trabalhar-NFUT.F

'Ontem eu estava doente, mas eu trabalhei'

(CARVALHO, 2017, p.184)

(14) Família Cahuapana: Shiwilu

a. Nawaˈ enkaˈ-pa-lliner-ku kaˈaˈ-kasuˈ
3PL dar-CONT-N.FUT-3PL >1SG comer-REL-1SG

'I give you (plural) your food'
'Eles me deram minha comida'

(VALENZUELA, 2011, p. 100)

(15) Família Tukano: Wanano

a. ~a-ta yoa ~kʉ-ta ~hida ti-ro phayu-ro
Então-REF fazer um-REF tempo ANF-SG caxiri.bebida-PTCL
~si'di-~kha'a-yʉ'dʉ-a-wa'a-a
Beber-imaginar-AFF-tornar-se-ASSERT.PFV

'Thus, one day he got very drunk on caxiri'
'Então, um dia ele ficou muito bêbado com caxiri'

(STENZEL, 2004, p. 216)

(16) Família Yanomami: Sanöma

a. *öla a hala ulu tä kili*
Öla=a=naha ulu tä=kili
Onça=SG=OBL criança CLN:GNR=estar com medo

'Criança tem medo de onça'

(AUTUORI, 2019, p.166)

(17) Família Yagua: Yagua

a. naayąą-sį-numaa-ray
Carimbo-OBJ:NOM:ANIM:SG-agora-1SG

'Now I'm stamped or now I'm stamped'
'Agora eu sou um carimbado, agora eu estou carimbado'

(D. PAYNE, 1985, p.63)

(18) Família Guaikurú: Kadiweu

b. *Gad:ed:yanitiniwakitiwaji*
Ga-d:-ed:yan-t+niwak-t+waji
2PL-OBJ-TH-pagar-REL+PL-REL+PL

'Someone will pay you all'
'Alguém vai pagar todos vocês'

(SÂNDALO, 1995, p.52)

Os exemplos acima mostram que línguas da família Arawak, Harakbut, Pano, Zaparo, Bora-Huitoto, Arawá, Capahuana, Tukano, Yanomami, Yagua e Guaikurú exibem predominantemente perfis de línguas aglutinantes e polissintéticas. Podemos observar que a língua Ashéninka Perene (Arawak), Wanano (Tukano), Yagua (Yagua), Sanöma (Yanomami) e Kadiweu (Guaikurú) têm um alto grau de aglutinação razão pelo qual podemos dizer que são línguas altamente sintéticas. Em contrapartida, as línguas Shanenawa (Pano), Iquito (Zaparo), Murui (Huitoto), Shiwilu (Cahuapana) e Dení (Arawá) tendem a ter um índice de fusão um pouco menor, sendo consideradas mais aglutinantes do que polissintéticas. As línguas que fazem parte da família do tronco Tupí

e da família Karib também são consideradas aglutinantes, já as línguas das famílias do tronco Jê e da família Nadahup exibem um tipo analítico. Aikhenvald (2012) afirma que não existem línguas isolantes no domínio Amazônico. Os exemplos a seguir exibem isso.

(19) Tronco Tupí

a. Karitiana (Família Arikém)

i-tyt	y-taka-tar-i	i-ambi-p
3-com	1SG-DECL-ir-IRR	3-casa-POSP (para/em)

'He will go to his house with me'
'Ele vai para casa com ele'

(STORTO, 1999, p. 121)

b. Asurini do Xingu (Família Tupí-Guaraní)

Tajmira	mani'aka	u-mu'in
Taimira.	Mandioca	3-cozinhar

'Taimira cozinhou mandioca'

(PEREIRA, 2009, p.132)

c. Karo (Família Ramarama)

cĩm	ʔoa	okay	cãk	mãm
cĩm	ʔo-a	o=kap-t	cãk	mãm
Carne	carne-GER	1SG=FUT.AUX.IN1	amanhã	?

'I will eat meat tomorrow'
'Eu vou comer carne amanhã'

(GABAS JR, 1999, p.56)

(20) Família Karib: Arara

a.

papa	irumploy
papa	i-rompo-ly
papai	3-morrer-PASS-IND

'Papai morreu'

(FERREIRA, 2017, p. 110)

(21) Tronco-Macro-Jê

a. Kaingang (Família Jê)

gĩr	fi	vỹ	nĩ	nĩ
Criança	F	SUJ	sentar	M.ASP

'A menina está sentada no chão'

(DOMINGUES, 2013, p.80)

b. Maxakali (Família Maxakali)

komĩy	ũ-xaxok	ũn	-te
Batata	3SG-descascar	mulher-AG	ERG

'A batata foi descascada pela mulher'

(CAMPOS, 2009, p.66)

c. Krenak (Família Krenak)

ŋgraŋ	ŋgɔŋ	krɔp	ʔĩ
Cobra	cachorro	morder	PRES.CONT

'A cobra está mordendo o cachorro'

(SEKI, 2004, p. 134)

(22) Família Nadahup: Daw

a. dâw'ãy dôo' âg yũt dâwtee-~~ũ-u~~y nâx
Mulher CAUS beber PFV1 criança-AFF água

'A mulher já fez a criança beber água'

(CARVALHO, 2016, p.59)

As línguas classificadas por Doris Payne (1990) como fazendo parte do grupo Oriental exibem um perfil predominantemente analítico, embora algumas possam ser mais fusionais ou aglutinantes. As línguas do tronco Tupí apresentam tipos morfológicos que vão desde fusionais aos aglutinativos. Diferentemente, as línguas do tronco Macro-Jê são predominantemente analíticas, com pouca morfologia. O mesmo ocorre com as línguas da família Naduhup que como vimos também são línguas que exibem poucos morfemas presos. Já as línguas da família Karib exibem um perfil mais aglutinante do que isolante.

De modo geral, observamos que as línguas ameríndias encontradas na América do Sul são predominantemente polissintéticas (cf. DORIS, PAYNE, 1990). Segundo essa autora, na maioria, tais línguas apresentam modificações tais como, causatividade, tempo, aspecto, modo, locação, direção, tipo de movimento, mudança de valência e indicação de número e gênero indicadas por afixos verbais presos. Desse modo, a maioria dessas línguas exibem tais propriedades morfológicas por meio de afixos verbais. Contudo, idiomas do Tronco-Jê e Naduhup exibem uma morfologia menos sintética na qual a maioria das propriedades morfológicas é expressa por morfemas livres.

Essa subseção procurou mostrar alguns aspectos da tipologia morfológica das línguas indígenas da América do Sul, exibindo alguns exemplos que atestam a afirmação de D. Payne (1990) e Aikhenvald (2012) sobre tais idiomas. Sendo assim, é importante destacar que a América do Sul é um continente bastante rico linguisticamente, principalmente nas regiões da Amazônia onde se concentra uma grande diversidade linguística. Por isso, a relevância de realizar trabalhos descritivos e tipológicos que

auxiliem no conhecimento científico dessas línguas. A última seção desse capítulo trata de algumas questões importante entre a tipologia linguística e linguística descritiva.

2.5 A tipologia linguística, morfologia e a linguística descritiva

Mithum (2016) afirma que os estudos de documentação e descrição de línguas auxiliam nos conhecimentos tipológicos de distinções, categorias e padrões que foram elaborados nas línguas, tornando-se um método mais rápido e completo de identificar propriedades em uma língua desconhecida. Para autora, saber como essas línguas diferem em detalhes podem nos levar a sintonizar essas particularidades com mais nitidez, assim como, saber que a pesquisa translinguística pode garantir que caraterísticas incomuns sejam ricamente documentadas e proeminentes nas descrições.

Contudo, Mithum (2016) também alerta que se a documentação e a descrição se limitam ao preenchimento de listas de verificação tipológicas, não apenas muito da essência de cada língua será perdida, mas o campo da tipologia também sofrerá, pois novas variáveis e correlações não aparecerão e a compreensão de fatores por trás das semelhanças e diferenças translinguísticas não irão progredir. Por isso que, trabalhos de documentação e descrição são importantes não apenas nos registros formais de uma língua, mas também por serem fontes principais em pesquisas de tipologia linguística.

Mithum (2016) destaca que os trabalhos de Franz Boas e Edward Sapir são surpreendentes no que diz respeito à riqueza da documentação e descrições de línguas tão diferentes do que as do continente europeu. Para autora, atualmente, mais de um século depois, uma consciência de quais distinções pode ser significativa em línguas, e quais tipos de sistemas se repetem pode fornecer vantagens que identificam características potencialmente importantes mais cedo e identificar padrões com base em menos exemplos. Deste modo, a autora explica que, a medida que, as pesquisas tipológicas se tornam mais refinadas, elas servem como ferramentas cada vez mais precisas para observações e análises. Assim, diferentes áreas da gramática geralmente exibem padrões diferentes.

Para autora, uma tarefa primordial da documentação e descrição linguística é encontrar a sistematicidade subjacente dos dados no registro documental. Desta maneira, como a maior parte da ciência, essa atividade normalmente envolve categorização e generalização. Sendo assim, como mencionado, a tipologia linguística envolve métodos semelhantes, com o estabelecimento de variáveis e tipos linguísticos (MITHUM, 2016).

De acordo com Thomas Payne (2007), embora poucos linguistas descritivos se esforcem para empregar a metodologia de Greenberg para calcular exaustivamente a tipologia morfológica, as gramáticas linguísticas atuais, normalmente, incluem uma seção ou capítulos sobre tipologia e tipos de línguas.

De acordo com Mithum (2016), as bases para comparação e classificação emergindo do trabalho tipológico podem fornecer princípios de organização úteis para linguistas que trabalham com descrição de línguas. A tipologia morfológica torna-se um estudo principal nas gramáticas descritivas, uma vez que ao estudar uma língua, o pesquisador consegue, por meio da morfologia, verificar qual perfil linguístico uma língua pode se enquadrar. Em consonância com Mithum (2016), um grande esforço por parte dos tipólogos é encontrar ordem na diversidade translinguísticas e as correlações entre características que diferem as línguas do mundo.

A classificação das línguas por tipos morfológicos ainda é conveniente e amplamente utilizada para identificar características estruturais que podem afirmar tipos de padrões morfológicos que uma língua pode ter. Tais classificações são utilizadas para atestar até que ponto uma língua pode exibir tipos mais aglutinantes ou isolantes. Por exemplo, línguas Tupí exibem um tipo mais aglutinante e fusional, contudo, algumas delas são predominantemente analíticas com poucos morfemas, essa mudança de tipo pode ser um aspecto bastante interessante a ser estudado nas pesquisas de tipologia diacrônica ou contato linguístico. Portanto, classificar as línguas em padrões tipológicos é um passo essencial nos estudos de descrição e torna-se um importante recurso no conhecimento das estruturas morfológicas das línguas do mundo. Sendo assim, a documentação, a descrição e a tipologia podem fornecer ferramentas importantes para o desenvolvimento científicos das línguas, principalmente, das ameríndias que estão em um processo constante de vulnerabilidade.

3. FAMÍLIA ARAWAK: ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS E INFORMAÇÕES GERAIS DAS LÍNGUAS DE ANÁLISE

Esse capítulo traz informações gerais sobre a família Arawak e das línguas selecionadas para esse trabalho. Em §3.1 exibimos algumas informações gerais da família, em §3.2 discorremos sobre estudos comparativos e afiliação genética das línguas Arawak. Em § 3.3 elencamos algumas características tipológicas das propriedades morfológicas das línguas Arawak, e por fim, em §3.4 apresentamos informações gerais das línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa.

3.1 Informações gerais da família Arawak

Como visto na introdução, a América do Sul é um território com alta diversidade linguística, abrangendo um número bastante extenso de línguas. A família Arawak é uma das mais amplas famílias da América do Sul em termos de espalhamento geográfico, já que, predominantemente, as línguas dessa família são concentradas nesse continente, com exceção do Garifuna que fica na América Central. Aikhenvald (1999) afirma que, geograficamente, a família Arawak se expande por quatro países da América Central (Belize, Honduras, Guatemala, Suriname, Nicarágua) e oito países da América do Sul (Bolívia, Guiana Francesa, Guiana, Suriname, Venezuela, Colômbia, Peru, Brasil).

Segundo as informações de Payne (1991), quando Cristóvão Colombo chegou na América, um dos primeiros povos Arawak encontrados foram os Taino. Eles habitavam partes da Cuba, Hispaniola, Porto Rico e Jamaica e falavam uma língua da família Arawak (PAYNE, 1991, p.361). Segundo Payne (1991), na América do Sul, as línguas Arawak são faladas em quatro extremos da parte das terras baixas do continente. Por exemplo, a língua Guajiro (Wayuu) é falada na península mais ao norte da Colômbia; no extremo leste está Lokono; já na costa do Suriname e Guiana localiza-se a língua Palikur. Os dialetos Campa localizam-se no extremo oeste e abaixo das montanhas peruanas, no Andes, encontra-se a língua Amuesha. Ao Sul está a língua Guaná e Terena nas cabeceiras do Rio Paraguai, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Payne (1991) afirma que outras línguas dessa família são encontradas em praticamente todas as partes da bacia amazônica, com uma concentração grande nas fronteiras do Rio Negro, especialmente em São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas, na

qual encontram-se as línguas Baniwa/Koripako, Tariana, Warekena e Baré[27]. Em relação aos números de falantes, estudos antigos sobre essa família informam diferentes dados em relação aos números de línguas. Mason (1950) lista 122 línguas, enquanto Noble (1965) cita 89 idiomas, já Loukotka (1968) lista 154 línguas. Contudo, de acordo com Aikhenvald (2018), atualmente, são aproximadamente 40 línguas que permanecem vivas dessa família. Contudo, esse número pode variar para mais ou para menos.

Como mencionado anteriormente, o alto grau de registro de línguas Arawak é centralizado na região do Rio Negro e Orinoco. Aikhenvald (2012) afirma que este é um argumento potencialmente forte a favor do proto Arawak ter sido localizado nessas regiões. Aikhenvald ainda explica que a diversidade das línguas Arawak ao sul da Amazônia, no centro do Peru, e em torno dos rios Purus e Madeira deve ter sido maior no passado do que é agora. Acredita-se que os assentamentos de povos de língua Arawak ao sul da Amazônia sejam consideravelmente antigos, sendo os povos Arawak da bacia do rio Xingu os primeiros a chegarem naquela área.

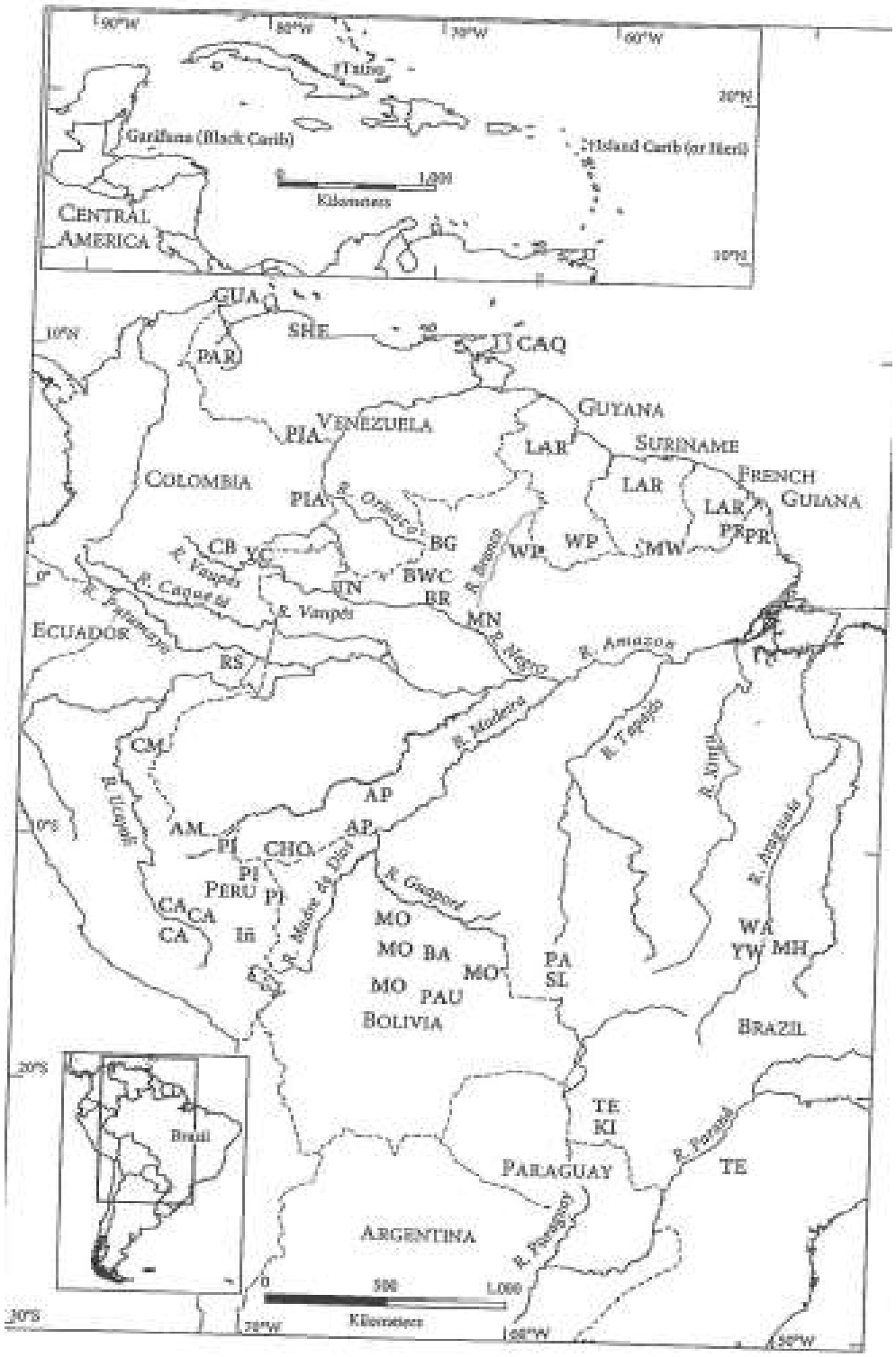
De acordo com Aikhenvald (2012), os grupos Arawak devem ter migrado da costa do Caribe às Antilhas um pouco mais de 100 anos antes da invasão europeia. A autora explica que este argumento é suportado através das similaridades linguísticas entre as línguas Arawak da América Central (Iñeri e descendentes de Garifuna) e Lokono Arawak (AIKHENVALD, 2012). Segundo Aikhenvald (2012), uma mistura de língua Karib-Arawak foi documentada no Caribe logo após a invasão. A autora informa que a fala masculina emprega raízes lexicais da língua Karib (conhecida também como Galibi, Karina) e formas gramaticais de Iñeri, uma língua Arawak (muito semelhante com o moderno Lokono-Arawak). A fala feminina era completamente em Iñeri. Aikhenvald (2012) acredita que essa dualidade amplamente linguística é o resultado da expansão militar dos caribenhos às Antilhas (documentada em histórias orais). Um pidgin misto Karib-Iñeri emergiu gradualmente como uma língua de comunicação interétnica. Seu descendente, conhecido como Isand Karib, Black Karib, Kariff ou Garifuna carrega numerosos traços de influência caribenha e ainda sobrevive na América Central (cf. AIKHENVALD, 2012), tal língua é o Garifuna que se tornou um idioma autônomo com um número alto de falantes (cf. AIKHENVALD, 1999, p.72).

[27] As línguas Warekena e Baré estão em um alto grau de extinção, a maioria dos falantes atualmente falam Nheengatú que é uma língua franca na região, mas que também está sendo substituída pelo português ou espanhol em diferentes contextos, como comércio ou nas escolas.

Aikhenvald (2012) afirma que as línguas Arawak são faladas em mais de dezenas de localidades ao norte da Amazônia, e pelo menos na mesma quantidade ao sul. Muitas dessas línguas estão em perigo de extinção. É perceptível que desde o contato com os europeus as línguas ameríndias estão desaparecendo rapidamente, seja por conta dos números reduzidos de falantes ou a falta de transmissão às gerações mais novas que acabam optando pelo o uso de línguas europeias (ex. Português e Espanhol no caso das línguas Arawak). De acordo com as informações da autora, as línguas Arawak que foram faladas na costa norte da América do Sul deixaram de existir antes de 1700. O desaparecimento de outras línguas dessa família também ocorreu nos afluentes do Rio Negro, na Amazônia.

Assim sendo, todas as línguas Arawak atualmente estão ameaçadas. Rebeliões indígenas frequentemente provocaram fortes migrações que algumas vezes terminavam na criação de um novo dialeto ou até mesmo de uma nova língua (cf. AIKHENVALD, 1999, p. 72). Muitas delas também estão apresentando mudanças em seus perfis, devido a influência gradativa de uma língua majoritária ou uma língua franca. As línguas Arawak faladas no Alto Rio Negro (Baré, Baniwa de Içana ou Warekena), por exemplo, estão sendo substituídas pela Língua Geral Amazônica (LGA), e a língua Tukano na região da bacia do Vaupés também está influenciando fortemente a língua Tariana (cf. AIKHENVALD, 1999). Assim sendo, segundo a autora, o processo de mudança linguística, contato e o número reduzido torna a reconstrução da protolíngua uma tarefa difícil. A figura 2 abaixo exibe a distribuição geográfica da família Arawak.

Figura 2 - Distribuição geográfica da família Arawak



Aikhenvald, 2018, p.14

Payne (1991) ao citar Noble (1965) aponta que o filo das línguas Arawak foi reconhecido pela primeira vez em uma publicação de 1782 por Filippo Salvadore Gilij, um missionário italiano que trabalhava na Venezuela. Segundo o autor, o trabalho principal de Gilij foi em Maipure, uma língua do território Vichada da Colômbia e do território amazônico da Venezuela. Gilij anexou o termo "Maipure" à família linguística, contudo, esse termo não ganhou ampla aceitação dos estudiosos e a classificação original de Gilij foi substituída por classificações posteriores. O termo "Arawak" entrou em uso mais geral sobre os estudos dessa família. Payne (1991, p.363)[28] argumenta que:

> A tendência em trabalhos comparativos era usar o termo "Maipure" para se referir ao grupo principal de línguas inquestionavelmente relacionadas e elevar o termo "Arawak" para denotar o estoque linguístico ou filo que potencialmente relaciona essas línguas maipuranas a outras línguas mais distantes.

Segundo Aikhenvald (1999), a maioria dos estudiosos nativos da América do Sul usa o nome "Arawak" para se referir ao grupo de línguas inquestionavelmente relacionadas facilmente reconhecíveis por prefixos pronominais como *nu-* ou *ta-* '1 sg', pi- '2 sg', prefixo relativo *ka-* e negativo *ma-* (privativo). Aikhenvald (1999) afirma que a maioria do material coletado entre 1600 e 1900 consistia em listas de palavras, frases e alguns paradigmas. A autora argumenta que apenas algumas palavras sobreviveram nas primeiras crônicas espanholas de línguas que foram logo foram extintas após o contato, como Taino, Caquetio e Shebayo. De acordo com Aikhenvald (1999), existem materiais sobre algumas línguas Arawak faladas nas regiões do norte da América do Sul (ex. Achagua, Maipure, Island Carib pidgin misto, Lokono Arawak) que remontam a meados do século XVII. Esses materiais incluíam: listas de palavras, algumas notas gramaticais, textos curtos e diálogos e foram coletados por viajantes.

De acordo com Aikhenvald (1999), os estudos linguísticos dessa família foram escritos durante a segunda metade do século XX e descritos por linguistas do Summer Institute of Linguistics (SIL)[29]. Esses estudos variam em termos de qualidade e quantidade. Para a autora, os estudos histórico-comparativos têm sido assunto de debate durante muito tempo e se perpetua até hoje. Até o momento, não há uma ideia consistente

[28] The general trend in recent comparative works is to use the term "Maipuran" (or the less common "Maipurean" as in Suarez 1974 and Kaufman 1989) to refer to the main group of unquestionably related languages, and to elevate the term "Arawakan" to denote the language stock or phylum which potentially relates these Maipuran languages to other more distantly related languages.

[29] Atualmente o SIL é denominado como 'Sociedade Internacional de Linguística'.

sobre a classificação interna da família Arawak, devido a sua dispersão geográfica. A seção, a seguir, traz alguns esboços sobre os estudos histórico-comparativos realizados sobre essa família.

3.2 Estudos históricos-comparativos sobre a família Arawak

O primeiro estudo mais abrangente e sistematizado sobre a família Arawak foi realizado por Payne (1991), antes dele, apenas existiam algumas listas de cognatos. Aikhenvald (1999) argumenta que os estudos históricos-comparativos da família Arawak têm uma longa história. Payne (1991) assinala que o primeiro extenso conjunto de cognatos a ser publicado para toda família foi de Goeje (1928). Nesse trabalho, ele acumulou dados de 67 idiomas para 151 conjuntos de cognatos. Outro trabalho comparativo importante mencionado por Payne é do Shafer (1959). De acordo com Payne (1991), esse trabalho agrupou conjuntos de cognatos Maipure em torno de 13 fonemas reconstruído, contudo, apenas fez uma reconstrução fonológica com cinco palavras. O autor assinala que o trabalho de Shafer foi considerado como um primeiro bom passo no processo dos estudos históricos-comparativos da família Arawak, mas que está muito aquém de uma afirmação conclusiva sobre o Proto-Arawak.

O estudo de Noble (1965), intitulado *"Proto-Arawak e seus descendentes"*, foi publicado seis anos depois de Shafer (PAYNE, 1991). Segundo Payne (1991), a obra de Noble tornou-se, por algum tempo a referência padrão para a classificação das línguas Arawak. Noble, assim como Shafer, tentou fazer um esboço da reconstrução de itens lexicais Arawak. Além desses autores, uma tentativa de uma abordagem inteiramente nova do Proto-Arawak é representada pelo trabalho de Matteson (1972). Matteson usou dados completamente novos de línguas Arawak existentes e supostas, coletados por especialistas treinados em transcrição fonética (PAYNE, 1991). O estudo da reconstrução do Proto-Arawak é estabelecido com base de seis subgrupos Arawak e quatro isolados, contabilizando um número de 26 línguas no todo.

Os seis Proto-Arawak divididos por Matteson (1972) são: (1) o *Proto-Shani* que inclui as línguas Kinikinau, Terena e Baure; (2) o *Proto-Harakbut*[30] que inclui Wachipayri, Amarakaeri e Sapateri; (3) o *Proto Piro-Apurinã* que inclui Piro (Manxinéri) e Apurinã; (4) o *Proto-Ashaninka* que inclui a língua Ashéninka (Campa), Machiguenga

[30] A introdução do Harakbut (Harakmbut) foi um erro de Matteson (1972) uma vez que Sapateri tinha muitos empréstimos Arawak. O Harakbut é outra família independe da família Arawak.

e Nomatsiguenga; (5) o *Proto-Madi*[31] que inclui as línguas da família Arawá (Arawá, Culina e Paumarí) e (6) o *proto-Newiki-Oriental* que inclui Tariana, Baniwa/Kuripako e Palikur. No que diz respeito aos grupos isolados, a autora inclui Paresi, Amuesha, Guajiro (Wayuu) e Garifuna (nomeado por ela como *Black-Karib*). Matteson (1972) reconstrói itens lexicais do Proto-Arawak em um conjunto de 353 cognatos. Contudo, esse trabalho apresenta alguns equívocos, principalmente, no agrupamento de línguas que ela utiliza para reconstrução do Proto-Arawak, uma vez que ela inclui línguas da família Arawá e Harakmbut com os outros ramos ou subgrupos de línguas Arawak.

Outro trabalho bastante importante sobre a classificação das línguas Arawak é de Douglas Taylor (1970). Payne (1991) considera o seu trabalho com um dos melhores sobre a família Maipure (Arawak). O autor afirma que Taylor foi consideravelmente mais cauteloso do que Noble ou Matteson ao afirmar a cognação e as correspondências entre os dados das línguas Arawak. Conforme Payne (1991), ele geralmente se restringiu ao ramo caribenho das línguas Arawak, especificamente Garifuna, Lokono e Guajiro, todas as línguas com as quais ele se familiarizou extensivamente (PAYNE, 1991). A culminação de sua pesquisa comparativa dentro deste subgrupo é seu artigo de 1978 intitulado *"Four Consonantal Patterns in Northern Arawakan"* (TAYLOR, 1970). Payne (1991) explica que uma das razões pela qual ele considera o trabalho de Taylor de primordial importância, ainda que limitado a um único subgrupo, é que as línguas que Taylor tratou são as principais a manter um contraste entre oclusivas aspiradas e não aspiradas, que deve ter estado presente no Proto-Maipure (Arawak).

De acordo com Aikhenvald (1999), os supostos estudos comparativos realizados por Matteson (1972), Noble (1965) e outros são profundamente falhos sobre a família Arawak. A autora argumenta que estes foram adotados como referência padrão para a classificação das línguas Arawak, especialmente entre antropólogos, arqueólogos e geneticistas, influenciando ideias sobre um suposto Proto-Arawak e rotas de migração como também criticou Tovar e De Tovar (1984). De acordo com Aikhenvald (1999), as primeiras classificações de Goeje (1928), Mason (1950) e até Loukotka (1968) baseavam-se predominantemente na distribuição geográfica das línguas.

Em consonância com Aikhenvald (1999), a primeira reconstrução verdadeiramente científica da fonologia Proto-Arawak com mais de 200 itens lexicais e

[31] O proto Mandi também foi outro equívoco de Matteson, pois todo esse conjunto forma uma família independente como foi demostrado por Dixon (1999), Rodrigues (1986) e Dients (2008).

alguns morfemas gramaticais foi publicada por Payne (1991). Além dessa classificação, os estudos de Aikhenvald (1999, 2012), Ramirez (2001) e Campbell (2012) também são estudos relativamente recentes que se propuseram a classificar as línguas da família Arawak, como vamos ver na seção a seguir.

3.3 Classificações internas da família Arawak

Iniciamos esta seção com a classificação interna da família Arawak realizada por Payne (1991). Este autor ofereceu uma classificação interna para o grupo Maipure (Arawak), compilando dados confiáveis de 24 línguas que foram organizados em 203 conjuntos de cognatos com base em retenções lexicais compartilhadas. Como o mesmo afirma, a sua reconstrução é preliminar, uma vez que Payne não conseguiu realizar a reconstrução de subgrupos internos. Isso se deve ao fato de não haver uma classificação confiável, até aquele momento, das línguas envolvidas (cf. PAYNE, 1991). Deste modo, Payne analisou elementos gramaticais comuns entre as línguas Maipure (Arawak), além de reconstruir de forma preliminar os fonemas e verificar questões de classificação nominal. Payne (1991) argumenta que é muito mais útil ter uma ideia da reconstrução da família inteira antes de realizar a reconstrução de algum subgrupo particular de línguas Maipure (Arawak).

A figura 3, abaixo, adaptado de Payne (1991, p.489) exibe a classificação interna das línguas Maipure (Arawak).

Figura 3 - Esquema realizado por Payne sobre a classificação das línguas Maipure (Arawak).

OCIDENTAL (OESTE)

Amuesha
Chamicuro

CENTRAL

Paresí

SUL

Bolívia-Paraná

Terena
Bauré
Ignaciano

Purus

Piro
Apurinã

Campa

Machiguenga
Ashéninka

LESTE

Palikur

NORTE

Wapixana
Norte-Caribe
Garifuna
TA-Arawak
Lokono
Guajiro

Interior

Norte-Amazônico
Resígaro
Rio-Negro
Achagua
Cabiyari
Kuripako
Piapoco
Yucuna

Fonte: PAYNE (1991, p.489)

Payne (1991) divide as línguas Maipure (Arawak) nos seguintes grupos e subgrupos: Ocidental que contém as línguas Amuesha e Chamicuro; Central que contém Paresi e Waurá; Sul contendo os subgrupos Bolívia-Paraná (Terena, Baure e Ignaciano), Purus (Piro e Apurinã) e Campa (Machiguenga e Ashéninka); Leste tendo a língua Palikur; Norte que contém a língua Wapixana e os subgrupos Norte-Caribe (Garifuna); Ta-Arawak (Lokono e Guajiro) e o subgrupo interior contento as línguas Maipure do Norte-Amazônico (Resígaro), do Rio-Negro (Achaguá, Cabyari, Koripako, Piapoco, Yucuna) e Yavitero. Em conclusão, Payne (1991) argumenta que os dados fonológicos, lexicais e gramaticais analisados é um suporte para novas classificações das línguas Maipure (Arawak) que por sua vez, pode fornecer uma base fundamentada para iniciar reconstruções mais definitivas (PAYNE, 1991).

Aikhenvald (1999, p. 74) também se dedicou aos estudos histórico-comparativos da família Arawak. A autora destaca que um principal problema de estudos comparativos linguísticos sobre a família Arawak e classificação é a ausência de dados adequados para muitas línguas. Para a autora, a expansão geográfica e a diversidade linguística considerável dentro da família colocam um problema de distinguir fenômenos que são areais dos genéticos, ou seja, é muito difícil delimitar se um fenômeno linguístico é um padrão tipológico comum dentro da família ou se esse fenômeno surgiu a partir de contatos com outras línguas não pertencentes. Desse modo, a autora subdivide a família

Arawak geograficamente em dois grupos que contêm diferentes subgrupos: Arawak do Norte e Arawak do Sul. O quadro abaixo adaptado de Aikhenvald (1999, p.66-70) exibe a divisão dessas línguas.

Quadro 9 - Agrupamento das línguas Arawak por Aikhenvald (1999)

Grupo Arawak do Norte	**Grupo Arawak do Sul**
Subgrupo: Rio Branco Wapixana ![32]Mawayana/Mapidĩan/?Mawakwa	*Subgrupo: Sul Arawak* Terena +Kinikinau[33] +Guané/Layana +Chané/Izoceño Bauré Moxo ou Ignaciano Mox: Trinitario +Paiconeca +Pauna +Apolista Salumã (Enawenê-Nawê)
Subgrupo: Palikur Palikur +Marawan +Aruan/Aroã Caribe/Extremo Norte +Island Caribe (Iñeri) Garifuna	*Subgrupo: Paresi-Xingu* Waurá Mehináku ! Yawalapiti +Kustenaú *Paresi-Saraveca* ! Paresi (Haliti) +Saraveca
Subgrupo Ta-Arawak/ Caribe Lokono/Arawak Guajiro/Wayyu +Taino Añun/Parauhano +Caquetio +Shabayo	*Subgrupo: Arawál Sul-Ocidental* Piro (Maniteneri, Maxineri) Chontaquiro Apurinã +Iñapari ?Mashko-Piro
Subgrupo: Norte-Amazônico/Colômbia +Resígaro ! Achagua Piapoco !Cabiyari +Maipure	*Subgrupo: Campa* Ashéninka Machiguenga Nomatsiguenga Pajonal Campa
Subgrupo: Alto Rio Negro !Tariana !Guarequena (Warekena) !Bare !Baniwa da Guainia +Yavitero (Baniwa de Yavita) +Mandawaka +Yabaana	*Subgrupo: Amuesha* Amuesha +Chamicuro

[32] ! Indica que a língua está em perigo de extinção, enquanto que + ela já está extinta

[33] A língua Kinikinau dada como extinta nos estudos de Aikhenvald, é uma língua que embora esteja em um grau de extinção elevado ainda existem falantes (cf. SOUZA, 2008).

Subgrupo: Médio Rio Negro !Kaiʃana +Manao !Bahwana/Chiriana	

Fonte: AIKHENVALD (1999, p. 66-70)

Em consonância com as observações de Freitas (2017), observamos também que tanto Payne quanto Aikhenvald não discordam quanto às línguas que fazem parte da família Arawak, contudo, no que diz respeito ao relacionamento genético interno dentro dessa família não há uma concordância. Primeiramente, Payne (1991) e Aikhenvald (1999) diferem nos critérios que utilizam, uma vez que o primeiro faz uso de retenções lexicais compartilhadas enquanto Aikhenvald escolheu o critério de distribuição geográfica, mas levando em consideração também traços fonológicos e gramaticais compartilhados pelas línguas. Segundo, diferentemente de Payne que utiliza 24 línguas principais de cada uma das ramificações do grupo Arawak, Aikhenvald incluiu todas as línguas conhecidas como Arawak em sua classificação. Em relação aos grupos, Payne considera cinco níveis (OCIDENTAL/LESTE, CENTRAL, SUL, LESTE E NORTE), enquanto Aikhenvald apenas dois (NORTE E SUL), contudo, acrescenta mais subgrupos do que Payne, como podemos observar na figura 3 e no quadro 9 acima. De modo geral, os dados coletados por Aikhenvald são também mais atualizados do que os de Payne (1991) o que faz seu estudo ser um pouco mais avançado.

Ramirez (2001a) também propôs uma classificação das línguas Arawak, agrupando 47 línguas em dois grupos: Ocidental e Oriental. No grupo Ocidental, Ramirez (2001a) divide as línguas em oito ramos, são eles: (i) Japurá-Colômbia, (ii) Alto Negro, (iii) Alto Orinoco, (iv) Negro Roraima, (v) Juruá-Jutaí, (vi) Purus-Acayali, (vii) Bolívia-Mato Grosso e (viii) Caribe-Venezuela. Já no grupo oriental, o autor divide as línguas em dois ramos: (ix) Palikur-Marawan e (x) Xingu-Tapajós. As línguas agrupadas nos ramos são exibidas no quadro 10 a seguir.

Quadro 10 - Divisão das línguas Arawak conforme Ramirez (2001a)

FAMÍLIA ARAWAK
LÍNGUAS NÃO CLASSIFICADAS: AMUESHA, + CHAMICURO
A. SUBFAMÍLIA OCIDENTAL: (21 línguas vivas, +18 mortas)
I. Divisão Japurá-Colômbia (7 línguas vivas, + 5 mortas) Não classificadas: + Yumana, +Passé 1. Piapoco, Achagua 2. Baniwa/Koripako-Tariano 3. Warekena, +Mandawaka 4. Kabiyari 5. Yukuna, +Wainuma-Mariate

6. + Kawixana 7. Resígaro *II. Divisão Alto Negro (1 viva, +2 Mortas)* 1. Baré, +Guinau, +Anauyá-Yabahana *III. Divisão Alto Orinoco (1 viva, +2mortas)* 1. Baniva de Maroa, +Yavitero-Pareni 2. +Maipure *IV. Divisão Negro-Roraima (2 vivas, +5 mortas)* 1. Aruã 2. +Manao, +Wirina, +Bahuana, +Cariaí 3. Wapixana-Atorai 4. +!Mawayana *V. Divisão Juruá-Jutaí (2 mortas)* 1. +Marawa 2. +Waraiku *VI. Divisão Purus-Ucayali (3 vivas)* 1. Apurinã, Piru-Kuniba-Canomari-Mantineri 2. Kampa *VII. Divisão Bolívia-Mato-Grosso (3 vivas)* 1. Bauré, Mojo 2. Terena-Kinikinau *VIII. Divisão Caribe-Venezuela (4 vivas, +2 mortas)* 1. Lokono, Island Carib-Garifuna, +Taino, +Caquetio 2. Guahiro, Parauhano
B. SUBFAMÍLIA ORIENTAL (4 VIVAS) *IX. Divisão Amapá (1 viva)* 1. Palikur-Marawan *X. Divisão Xingu-Tapajós (3 vivas)* 1. Waurá-Mehináku, Yawalapiti 2. Paresi – Saraveka

Fonte: RAMIREZ (2001a, p.3)

A divisão realizada por Ramirez (2001a) se assemelha com a de Payne (1991), uma vez que ele também utiliza retenções lexicais no seu estudo comparativo, deixando de lado a proximidade geográfica. Michael (2009) fez uma revisão do trabalho de Ramirez e afirma que as classificações baseadas somente em retenções lexicais compartilhadas não são fontes seguras e sugere que futuras classificações da família devem conter um método comparativo de qualidade para obter resultados mais sólidos.

Além de Ramirez (2001b), um trabalho de Facundes e Brandão (2011) também propôs uma análise sobre as classificações das línguas que compõem a família Arawak. Facundes e Brandão (2011, p.199) revisitam a hipótese do sub-agrupamento linguístico Apurinã-Piro-Iñapari. Os autores analisam 12 casos de similaridades lexicais entre línguas Arawá e Arawak (cf. FACUNDES E BRANDÃO, 2011, p.203-204),

relacionando à análise com o desenvolvimento histórico das línguas Arawak. Um outro estudo realizado por Campbell (2012) exibe também um agrupamento das línguas Arawak.

Em termos gerais, como já mencionado aqui, os estudos comparativos sobre a família Arawak é uma tarefa que ainda não foi finalizada, já que até as classificações mais recentes ainda apresentam lacunas. De todo modo, embora a classificação de Payne (1991) seja consistente com a divisão das línguas dessa família, ela ainda é um trabalho preliminar que não abrange uma grande parte dos idiomas Arawak e as classificações mais recentes são muito próximas de Payne e Aikhenvald. Assim sendo, nesta tese, utilizaremos a classificação de Aikhenvald (1999) que embora possa existir lacunas, ao nosso ver, ela é bem mais completa e consistente com a análise e resultados que são apresentados nesta pesquisa.

Os argumentos para utilizar esta classificação é que diferentemente de Ramirez (2001) e outros autores que apenas utilizam retenções lexicais, Aikhenvald, além de utilizar retenções tanto lexicais quanto gramaticais, também faz uso de dispersão geográfica. Essa expansão geográfica juntamente com a diversidade linguística considerável dentro da família pode levantar hipóteses que distinguem fenômenos morfológicos que mudaram por contato de outras línguas. E por fim, os dados também utilizados pela autora não mudaram tanto, considerados ainda atuais. Contudo, isso não quer dizer que tal estudo não precisa ser revisado, ao contrário, ele necessita ser atualizado, a partir de inserção de novos trabalhos comparativos. A seção que segue exibe algumas propriedades da tipologia morfológica das línguas Arawak.

3.4 Tipologia Morfológica das línguas Arawak: uma visão diacrônica e sincrônica

A morfologia das línguas Arawak é bastante rica, sendo considerada um tipo aglutinante ou altamente sintético, dependendo do idioma. Aikhenvald (1999) afirma que as línguas dessa família têm poucos prefixos e numerosos sufixos e as raízes apresentam duas sílabas geralmente. Segundo a autora, os prefixos são bastante uniformes, enquanto os sufixos não. Os verbos expressam a maior parte das categorias gramaticais das línguas Arawak. Aikhenvald (1999) verifica que as línguas Arawak faladas no Sul da Amazônia exibem uma estrutura verbal mais complexas do que as faladas no Norte. Os verbos na grande maioria se dividem em ativos e estativos. Todas as línguas Arawak compartilham

afixos pronominais e pronomes pessoais (AIKHENVALD, 1999). Os sufixos pronominais são usados para codificar sujeitos de verbos estativos (descritivos) e objetos diretos, já os sujeitos dos verbos ativos podem ser expressos por prefixos.

Aikhenvald (1999) argumenta que algumas línguas (como Yawalapiti, Chamicuro, Baré, Resígaro, Maipure e Tariana) perderam os sufixos pronominais. As línguas Lokono, Guajiro, Añum e Taino exibem a forma *ta-* para primeira pessoa do singular, enquanto em outras línguas a forma correspondente é *nu-*. A autora também destaca que muitas línguas exibem dois gêneros masculino e feminino no singular. Uma parcela das línguas Arawak exibe um sistema complexo de classificadores, fazem distinção de singular e plural e se dividem em nomes inalienáveis e alienáveis, tendo uma forma não possuída a partir da sufixação do morfema **tsi-* do proto-Arawak e suas variações. No que diz respeito aos vocabulários compartilhados entre as línguas dessa família, a maioria dos itens lexicais pertencem a classe dos nomes, sendo que apenas alguns verbos estão retidos nessas línguas (AIKHENVALD, 1999).

Por apresentarem um perfil morfológico de línguas sintéticas, elas têm uma predominância de marcação de núcleo e numerosos sufixos. Aikhenvald (2020) explica que as línguas Arawak faladas ao Sul da Amazônia, como as línguas Campa, Xiguianas e do grupo Sul-Arawak tendem a ser polissintéticas, com padrões intricados de incorporação de nomes e longas sequências de afixos verbais, incluindo marcadores de mudança de valência, aspecto e modalidade. Já as línguas faladas mais ao Norte da Amazônia, incluindo as línguas do Alto Rio Negro e da bacia do Orinoco tendem a ser menos sintéticas e com estruturas verbais menos complexas.

Em relação aos prefixos, Aikhenvald (2020) afirma que eles são um conjunto fechado e historicamente estável, assim, tais línguas exibem prefixos pronominais vinculados aos verbos, um prefixo relativizante/atributivo *ka-* e sua contraparte negativa (privativa) *ma-*. De acordo com a autora (2020), os prefixos pessoais distinguem a primeira, a segunda e a terceira pessoa e também as formas impessoais e indefinidas. A tabela 1 abaixo exibe os prefixos e sufixos de pronomes pessoais das línguas Arawak.

Tabela 1- Um padrão composto de prefixos A / S / possuidores e sufixos / enciclíticas O / S nas línguas Arawak

	PREFIXOS		SUFIXOS	
Pessoa	SG	PL	SG	PL
1	nu-/ta-	wa-	-na/-te	-wa
2	(p)i-	(h)i-	-pi	-hi
3 n. fem.	ri-, i-	na-	-ri/-i	-na
3 fem.	thu-,ru-	na-	-thu/-u	-na
'Impessoal'	pa-			
Indefinido (não focalizado A/S_a)	i-/a-			
Geral (fictício) S_o/O			-ni	

Fonte: AIKHENVALD (1999, p. 88)

Aikenvald (1999) afirma que Von den Steinen propôs a primeira subdivisão das línguas Arawak. Ele distingue *Nu*-Arawak de *Ta*-Arawak, baseando-se na forma do prefixo pronominal de primeira pessoa (AIKHENVALD, 1999). Desse modo, o sistema de pronomes exibido na tabela 1 acima distingue dois números (singular e plural) e três pessoas (primeiro, segundo e terceiro, com distinções de gênero feminino e não feminino na terceira pessoa do singular na maioria das línguas). A forma *ta- (te-)* para o pronome da primeira pessoa do singular é uma das características definidoras das chamadas línguas Ta-Arawak (cf. AIKHENVALD, 2020, p.14).

Aikhenvald (2000) afirma que o sistema de marcação de pessoa inclui valores adicionais para três pessoas. Desse modo, a autora explica que o prefixo polissêmico *pa-* usado em substantivos e verbos tem um significado 'impessoal' ou é uma 'pessoa genérica' em várias línguas do Alto Rio Negro e Bacia do Orinoco (incluindo Tariana, Baniwa de Içana-Kuripako, Warekena de Xié, Baré, Cabiyari e Maipure). Em Yavitero e Baniva de Guianía, Aikhenvald afirma que esse prefixo também acrescenta o significado de possuidor co-referencial (em nomes). Nas línguas Mawayana e Wapixana, localizadas na Bacia do Rio Branco, em línguas Arawak do Xingu e Paresi-Haliti, os reflexos do prefixo *pa-* ocorrem apenas em nomes com o significado de possuidor co-referencial, 'seu próprio' (AIKHENVALD, 2020, p.14). O prefixo *pa-* marca a terceira pessoa em Bahuana e possivelmente em Manao. Em Yucuna e em Palikur, *pa-* tem um significado recíproco; e em Guarequena o mesmo prefixo é usado como um marcador feminino de terceira pessoa (AIKHENVALD, 2020).

A autora ainda explica que uma série de línguas Arawak tem um prefixo vocálico adicional * *i*- ou * *a*- que marca um sujeito não especificado ou focalizado (A / S) e possuidor não especificado ou indefinido. Segundo Aikhenvald (2020) existe também algumas evidências a favor de um sufixo genérico ou fictício (ou enclítico) * *-ni* marcando S / O, atestado em toda a família, cuja origem e desenvolvimento ainda não foi definida. Aikhenvald (2020) argumenta que em Terena o prefixo da primeira pessoa do plural desenvolveu uma referência inclusiva. De acordo com a linguista, algumas línguas Arawak faladas ao Sul da Amazônia têm as formas dos prefixos do sujeito nos verbos e nos nomes exibem pequenas diferenças. A autora dá como exemplo o prefixo *pa*- em Amuesha que é usado apenas como uma marcação de possuidor de terceira pessoa em nomes, mas não em verbos. Em Nomatsiguenga, Aikhenvald (2020) explica que tal prefixo marca o sujeito feminino de terceira pessoa apenas nos verbos.

Em relação à estrutura da palavra, Aikhenvald (2000) afirma que uma palavra gramatical nas línguas Arawak contém pelo menos uma raiz. Os nomes possuídos obrigatoriamente e verbos transitivos e intransitivos ativos tomam um prefixo indicando a pessoa da posse ou o sujeito da oração (A/Sa). A maioria dos prefixos e sufixos das línguas dessa família são monossilábicos. Sufixos dissilábicos muitas vezes são formas livres que foram gramaticalizadas (AIKHENVALD, 2020). Já no que diz respeito aos processos morfológicos, Aikhenvald afirma que afixação é o processo mais comum na formação de palavras nas línguas desta família. Algumas línguas exibem circunfixação, infixação e apofonia. A autora argumenta que suplementação é um processo limitado.

Os sufixos exibem ordem variada, dependendo do seu escopo. Os sufixos pessoais, por exemplo, em algumas línguas expressam o objeto de um verbo transitivo (O) e o sujeito do verbo estativo (S), ou ainda o sujeito de predicados não verbais (AIKHENVALD, 2020). Aikhenvald (2020) informa que algumas línguas altamente sintéticas (ex. Línguas Campa) empregam sufixos ou enclíticos para fazer referência cruzada do objeto e também do destinatário ou oblíquo. A autora explica que existem séries de locativos que podem ser agrupados em uma palavra. A maioria das línguas Arawak não emprega morfemas indicadores de casos para manter relações gramaticais centrais, com exceção da língua Tariana que desenvolveu casos a partir do contato com línguas Tukano. Distinções de inclusivo-exclusivo foram desenvolvidas em Resígaro e Palikur também sob influência de contato linguístico com outras línguas não relacionadas (AIKHENVALD, 2020).

Em consonância com Aikhenvald (2020), na maioria das línguas Arawak, o prefixo atributivo *ka-*, relativo *ka-* e sua contraparte *ma-* deriva um adjetivo de um nome ou um nome de um outro nome (ver adiante: parte 2). A autora explica que o prefixo *ka-* geralmente deriva verbos estativos com significados de posse a partir de um nome obrigatoriamente possuído. Em algumas línguas esse prefixo marca também o predicado de uma oração relativa. Os prefixos causativos e aplicativos nos verbos são um traço de línguas altamente sintéticas em línguas Arawak do sul da Amazônia, em Paresi-Haliti, línguas Xiguianas, línguas Campa faladas no Peru, Palikur e Garifuna, no norte da Amazônia. Aikhenvald (2020) afirma que línguas do grupo Sul-Arawak, Campa, Paresi-Haliti e Xiguianas permitem dois prefixos em uma palavra gramatical. Os prefixos de mudança de valência são sempre próximos das raízes verbais. O prefixo de pessoa ocupa a posição mais à esquerda na palavra gramatical (AIKHENVALD, 2020).

Aikhenvald (2020) argumenta que as línguas Arawak têm um número significativo de circunfixos. Como exemplo, a autora menciona que as formas relativas do passado e futuro dos verbos em Tariana envolvem uma combinação do prefixo *ka-* e um sufixo (ex. *ka-inu-pena* (ATTR-matar-REL.FUT) 'aquele que vai matar', Aikhenvald 2003, p. 185). Já a infixação é um processo limitado, ocorrendo em poucas línguas e sempre envolve uma forma arcaica, como por exemplo, **(a)pa-* 'um, outro', cuja forma segmentar é bastante consistente em toda a família (AIKHENVALD, 2020). Já o processo que envolve subtração, ele ocorre na formação de plural para nomes [+ humanos] em um número de línguas Arawak faladas no Alto Rio Negro, como exemplo, a autora cita a palavra *iːnaro* 'mulher', *iːna* 'mulheres' em Baniwa, *malieɾ̃i* 'xamã', *maliɛ̃* 'xamãs' (AIKHNEVALD, 2020, p.7). Apofonia (mudança de vogal interna) é uma operação encontrada em Terena, Kinikinau e Wauja. O processo de supressão é raro e geralmente restrito às formas possuídas de alguns nomes (AIKHENVALD, 2020).[34]

O processo de derivação que será tratado no capítulo a seguir é bastante comum na família. Em consonância com Aikhenvald (2020), as derivações que mudam de classe de palavras incluem numerosos marcadores de nominalização, sendo o mais difundido na família o reflexo do Proto-Arawak **-ri* 'nominalização de ação', também usado como um relativizador e adjetivizador em verbos. Os prefixos causativos e sufixos ocorrem sob

[34] Infelizmente nem todos os processos morfológicos serão tratados nesta tese, primeiramente por conta de falta de dados disponíveis. Os processos mais relevantes como os de derivação, composição e reduplicação vão ser tratados no capítulo 4 que trata sobre a estrutura de formação de palavras das línguas Arawak analisadas nesta tese.

nomes como marcadores derivacionais formando verbos transitivos (AIKHENVALD, 2020). No processo de composição, as línguas Arawak tendem a ter uma composição nominal produtiva, predominantemente do tipo endocêntrico com relação a parte de um todo ou genitiva entre os participantes nominais, além disso, nomes incorporados são realizados no processo de composição. Aikhenvald (2020) afirma que os nomes compostos podem ser presos ou livres, e em várias línguas, o sistema de classificadores múltiplos podem ter a mesma forma segmental com os nomes presos ou obrigatoriamente possuídos. Em relação à reduplicação, ela é um processo morfológico presente nessas línguas. Aikhenvald (1999) informa que muitas línguas tem reduplicação de raiz inicial (CV ou CVCV), ou de raiz final (-V ou – CV). O processo de reduplicação é usado especialmente nos verbos para indicar marca de intensidade, repetição ou ação continuada e pluralidade dos participantes.

As classes de palavras são classes abertas de nomes e verbos e podem apresentar uma classe aberta de adjetivos. Aikhenvald (2020) explica que um traço comum e estável das línguas Arawak é marcar participantes, incluindo sujeitos e em muitos exemplos os objetos de outros papéis gramaticais nos verbos com morfemas presos. Os prefixos como já mencionados marcam o sujeito de um verbo transitivo (A) e de um verbo intransitivo ativo (S_a) e o possuidor sobre os nomes. Aikhenvald (2020) afirma que pelo menos em dois terços das línguas os sufixos pessoais ou eclíticos expressam o objeto de um verbo transitivo (O), o sujeito de um verbo estativo (S_o) e o sujeito de um predicado não verbal, ou ambos (AIKHENVALD, 2000). Algumas línguas Arawak que são polissintéticas empregam sufixos para fazer referência-cruzada do objeto. Em muitas línguas, a classe dos adjetivos compartilham propriedades com verbos e nomes, em muitos idiomas, os adjetivos são denominados muitas vezes de verbos descritivos ou estativos.

Aikhenvald (2020) afirma que o verbo é a parte mais elaborada da gramática de todas as línguas Arawak e é um constituinte obrigatório de uma oração. A autora explica que categorias verbais incluem tempo, aspecto, evidencialidade, numerosas modalidades (incluindo o ‘frustativo’ aquele que é ‘fazer em vão ou expectativa frustrada’) e derivações de mudança de valência, sejam em passivas, reflexivas, recíprocas, causativas e aplicativos. Os advérbios de modo geral consistem de uma pequena classe fechada em toda família (AIKHENVALD, 2020), principalmente os de localidade e tempo. Outras classes fechadas encontradas na família incluem pronomes pessoais, demonstrativos, adposições e particulas do discurso.

Um traço comum na morfologia nominal das línguas Arawak é a distinção de posse alienável e inalienável. Tais línguas apresentam prefixos pessoais que vão designar o possuidor e também exibem sufixos similares na posse opcional (alienável). Os nomes possuidos obrigatoriamente são partes do corpo, termos de parentescos e alguns itens importantes, como “nome” ou “casa”. Se o possuidor não é especificado, esses nomes tomam uma forma não possuída marcado com um sufixo (AIKHENVALD, 2020). Outro aspecto da morfologia nominal dessas línguas é a categorização nominal, muitas delas apresentam classificadores e gênero, sendo esse último distinguido (masculino x feminino) na terceira pessoa do singular na maioria das línguas. Essa distinção é presente como marcadores de concordância nos adjetivos, além de também ser usada em pronomes demonstrativos e nominalizadores. Na categorização nominal, os classicadores são presentes em mais da metade dessas línguas, os mais comuns são os de numerais, verbais, nominais e genitivos que aparecem em construções possessivas. Aikhenvald (2020) explica que os classificadores categorizam o nome em termos de sua forma, consistência e animacidade.

Em suma, a morfologia das línguas Arawak, como podemos observar, é bastante rica, com numerosos fenômenos que seria impossível detalhar neste estudo. O que objetivamos aqui é apenas apresentar uma proposta tipológica de alguns processos morfológicos elencados nesta seção em uma amostra de 24 línguas pertencentes a essa família. Essa seção é apenas um apanhado geral da morfologia das línguas Arawak, análises mais detalhadas são realizadas nos capítulos posteriores. As análises só foram possíveis por conta de trabalhos descritivos que foram realizados por diferentes pesquisadores que se propuseram a trabalhar com línguas Arawak. Sabemos que para se ter um estudo tipológico detalhado, é necessário, ter gramáticas que sejam bem descritas e que possam auxiliar na análise comparativa, isso é um critério relevante em qualquer estudo tipológico de línguas. Portanto, levamos em consideração a qualidade da descrição na escolha das línguas selecionadas nesta pesquisa, para que assim possamos ter um resultado consistente dos fenômenos estudados. A seção que segue traz algumas informações gerais das 24 línguas analisadas nesta tese.

3.5 Informações gerais das 24 línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa

Das quarenta línguas que compõem a família Arawak, selecionamos 24 para analisar e discutir propriedades morfológicas. Os materiais utilizados partem da compilação de estudos que tratam de aspectos referentes à morfossintaxe e que possibilitou a verificação dos padrões tipológicos dos fenômenos estudados até o momento. Abaixo segue algumas informações gerais sobre as línguas selecionadas, primeiramente trazemos informações das línguas que compõem o grupo Norte-Arawak e em seguida das línguas que fazem parte do grupo Sul-Arawak.

3.5.1 Grupo Arawak do Norte

3.5.1.1 Achagua

Conforme as informações de Wilson (1992), os Achagua eram compostos antigamente por 50 mil ou 100 membros que se estendiam ao longo das planícies orientais da Colômbia e Venezuela. Em 1992, quando o autor descreveu a gramática da língua, os Achagua tinham uma população de 200 habitantes (WILSON, 1992). De acordo com DANE (censo do Departamento Nacional de Estatística), em 2005, a população estava em torno de 796 indivíduos. Segundo o site ONIC[35] (Organização Nacional Indígena da Colômbia), o espanhol tem se apropriado nos territórios Achagua e devido à sua relação contínua com o Piapoco também falam esta língua (cf. ONIC). O site também informa que o idioma foi classificado pelo programa de proteção da diversidade etnolinguística do Ministério da Cultura entre as 19 línguas que correm sério risco de extinção. Segundo a ONIC, os Achagua vivem atualmente nas reservas de Umapo e El Turpial, no município de Puerto López (Meta) e algumas famílias vivem em La Hermosa (Casanare), na Colômbia (cf. ONIC). A figura 4, abaixo, mostra a localização dos Achaguá.

[35] Conferir em: https://www.onic.org.co/pueblos/106-achagua

Figura 4 - Mapa da localização dos Achaguá na Colômbia

Disponível em: https://www.onic.org.co/pueblos/106-achagua . Acesso em: 22 mai. 2022.

A língua Achaguá pertence ao subgrupo Norte-Amazônico, mas especificamente na Amazônia colombiana (cf. AIKHENVALD, 1999), juntamente com Resígaro, Yucuna, Piapoco, Cabyari e Maipure. No que diz respeito aos estudos linguísticos da língua eles foram realizados, principalmente, pelos padres Neira e Ribeiro (1762), Meléndez e Miguel (1998) e Wilson (1992), todos eles se propuseram a descrever aspectos gramaticais dessa língua. Dentre esses trabalhos, utilizaremos como fonte principal a gramática de Wilson (1992). Infelizmente, não conseguimos ter acesso a gramática de Meléndez e Miguel (1998). O estudo gramatical de Wilson trata sobre diferentes aspectos morfossintáticos da língua, o que possibilitou realizar uma análise sobre os fenômenos morfológicos que serão elencados nesta tese.

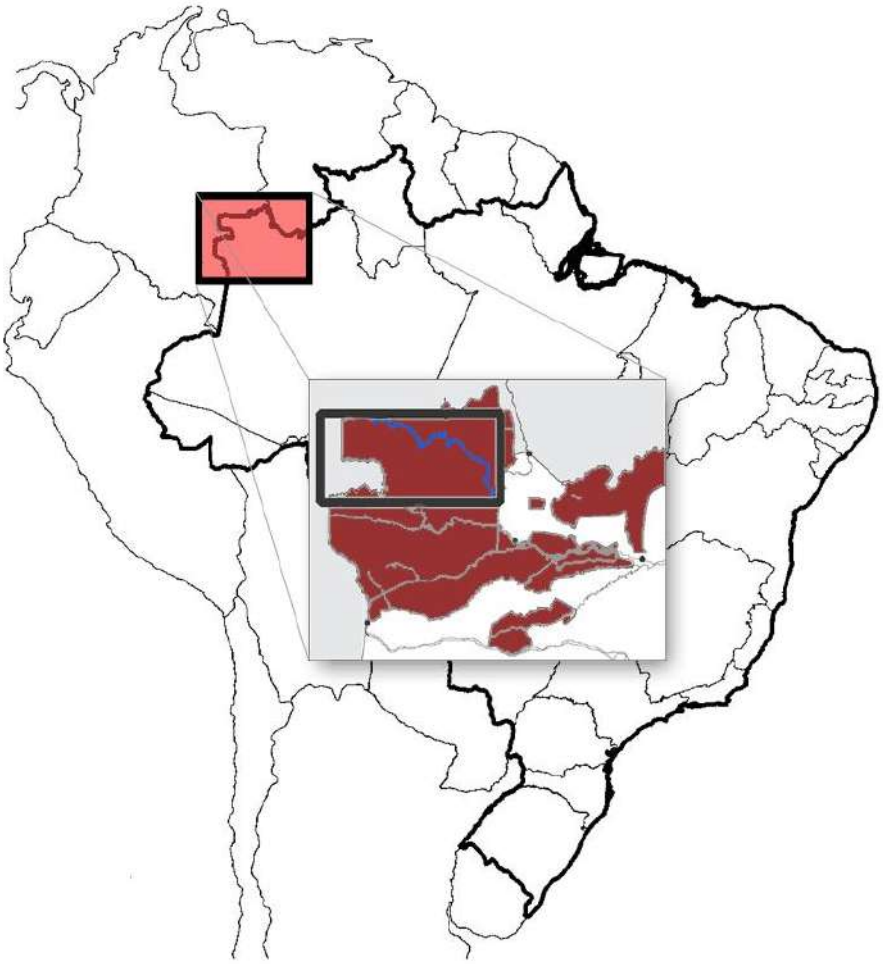
3.5.1.2 Baniwa de Içana/Koripako

De acordo com as informações do ISA[36] (Instituto Socioambiental), os Baniwa vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiairi e Cubate, além de comunidades no Alto Rio Negro/Guainía e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM). Já os Koripako, que falam um dialeto da língua Baniwa, vivem na

[36] Conferir em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Baniwa

Colômbia e no Alto Içana (Brasil). Gonçalves (2018) informa que eles estão distribuídos em 96 comunidades ribeirinhas espalhadas por toda bacia do rio Içana. Do lado da Venezuela e Colômbia, eles estão na região dos rios Inírida e Guainía. De acordo com o site do ISA, as informações do SIASI/SESAI (Sistema de Informação da Saúde Indígena/ Secretária Especial de Saúde Indígena), é de que em 2014, a população era 7145 no Brasil, na Colômbia 7000 e na Venezuela contabilizavam 3501 indivíduos. A figura 5, abaixo, exibe o mapa dos territórios Baniwa-Koripako.

Figura 5 - Divisão geográfica da distribuição do Povo Baniwa-Koripako



Disponível em: https://img.socioambiental.org/d/278649-1/icana_3.jpg. . Acesso em: 22 mai. 2022

A língua é bastante viva entre eles, todos, praticamente, falam Baniwa e o dialeto Koripako. Eles são agrupados no subgrupo Alto Rio Negro, juntamente com Tariana, Guarequena, Baré, Baniwa de Guainina, Yavitero, Mandawaka, Yabaana. Os principais trabalhos de descrição da língua foram realizados por Ramirez (2001a, 2001b) e utilizaremos seus estudos como fonte principal para analisar os aspectos gramaticais dessa língua. O estudo denominado *"Uma gramática do Baniwa do Içana"* descreve

vários aspectos morfossintáticos que auxiliaram na análise dos fenômenos estudados nessa tese. Além dessa gramática também utilizamos o artigo *"classifier in multiple environnments: Baniwa of Içana/Kurripako – A north Arawak perspective"* de Aikhenvald (2007) que trata sobre o sistema de classificadores e gênero na língua.

3.5.1.3 Baré

Seguindo as informações do ISA, os Baré vivem principalmente ao longo do rio Xié e alto curso do Rio Negro. Ramirez (2001a) informa que o território dos Baré parece ter sido muito grande. De acordo com o autor e conforme os relatos dos antigos, o território estendia-se no médio e no alto Rio Negro, da ilha do Timoni (no município de Santa Isabel no estado do Amazonas) até o Canal Casiquiare (Venezuela). Por razões de contato com os não-indígenas, uma grande parte deles migrou compulsoriamente para a bacia do Rio Xié. O contato foi marcado por uma grande violência e exploração de trabalho extrativista (cf. ISA). O mapa abaixo (Figura 6) exibe o território dos Baré.

Figura 6 - Mapa da distribuição do povo Baré

Fonte: Herrero e Fernandes (2015, p. 19).

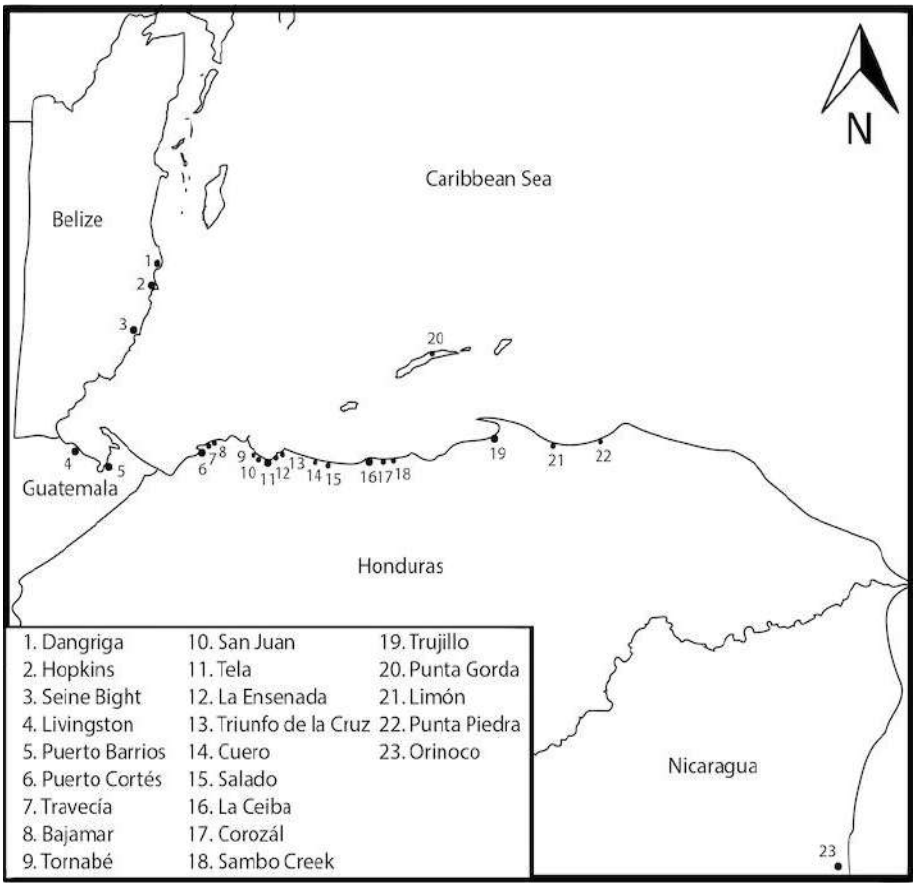
Os Baré fazem parte do subgrupo Orinoco. Ramirez (2001a) informa que a língua foi substituída pelo Nheengatu. Atualmente, a língua está em extinção, com pouquíssimos falantes, sendo eles já anciãos. Conforme as considerações do autor, apenas algumas pessoas ainda falam algo da língua original Baré do lado venezuelano, especialmente em Puerto Ayacucho. Para Ramirez (2001a), esta substituição do Baré pelo Nheengatu explica-se à luz da colonização portuguesa na Amazônia.

No que diz respeito aos estudos sobre a língua, eles são bem poucos. Ramirez (2001a) informa que tudo se limita a algumas listas de vocábulos em Chaffanson (1889), Civrieux e Lichy (1950), Crevaux *et al* (1882), Koch-Grünberg (1906, 1911, 1913), Martius (1867), Nimuendajú (1932) e Pérez (1988); um manual bilíngue da língua Baré em Pérez de Borgo (1992), que inclui certos aspectos lexicais da língua. Além desses estudos, a língua apresenta uma dissertação de mestrado (cf. OLIVEIRA, 1993) que descreve alguns aspectos fonológicos e gramaticais da língua e um esboço gramatical de Aikhenvald (1995). Dentre esses estudos, utilizaremos como fonte principal o ensaio de Aikhenvald (1995) que descreve diferentes aspectos morfossintáticos da língua e também a dissertação de Oliveira (1993). Ambos estudos auxiliaram na análise dos fenômenos morfológicos que foram estudados nesta tese.

3.5.1.4 Garifuna

Conforme as informações de Haurholm-Larsen (2016), a língua Garifuna é falada por um povo de ascendência indígena africana e sul-americana em quatro países da América Central: Belize, Honduras, Guatemala e Nicarágua (embora na Nicarágua esteja perto da extinção). A língua foi moldada de maneiras intrincadas por sua longa história de contato com outras línguas que resultou em grande proporção de itens lexicais emprestados e características morfossintáticas. O autor informa que alguns acontecimentos históricos também trouxeram para os falantes de Garifuna uma longa jornada que se estendeu por séculos, do continente da América do Sul às Pequenas Antilhas, às Ilhas da Baía de Honduras, ao continente hondurenho e, finalmente, espalhado para cima e para baixo na costa caribenha de América Central, onde se estabeleceram e na qual a maior parte dos falantes ainda hoje vivem (HAURHOLM-LARSEN, 2016). A figura 7, abaixo, exibe a localidade cuja língua Garifuna é falada.

Figura 7 - Distribuição do povo Garifuna



Fonte: HAURHOLM-LARSEN (2016, p.5)

O autor informa que falantes da língua e seus descendentes se expandiram em grandes cidades de Honduras, especialmente a metrópole industrial de San Pedro Sula, no Norte e na maioria das grandes cidades dos Estados Unidos, mas especialmente as cidades do Sul e Nova York. Finalmente, há também um grupo considerável estabelecido nas grandes cidades da Espanha, especialmente ao longo do sudeste da Costa del sol (HAURHOLM-LARSEN, 2016). Segundo Haurholm-Larsen (2016), o número total de falantes Garifuna permanece desconhecido, assim como o destino da língua falada pelos migrantes nas cidades e no exterior. O autor cita que na literatura encontra-se uma estimativa do tamanho da população entre 100.000 e 500.000. Escure (2004 *apud* HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.6) cita os números 15.685 para Belize e 250.000 para Honduras de acordo com os censos nacionais dos respectivos países.

Haurholm-Larsen (2016, p.7) explica que os Garifuna chamam sua língua Garifuna e esta também é a expressão singular para uma pessoa Garifuna; o plural é *Garínagu* com o sufixo coletivo *-gu* emprestado de seus ancestrais Karib (Karìna). Na

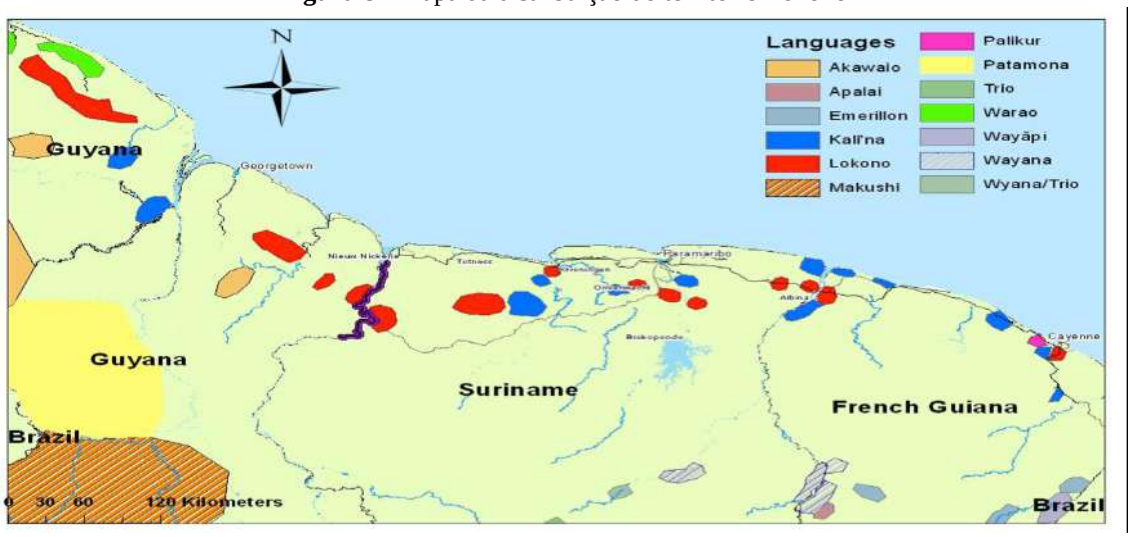
verdade, os termos Garífuna e Garínagu são derivados do endônimo Karib /karipo/ combinados com um sufixo de associação nominal *-na* que significa ‘associado ao nome (N) ’ (cf. HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.7). A língua pertence ao subgrupo Arawak denominado Caribe ou extremo norte juntamente com Iñeri (Island Carib) que é considerado um idioma extinto.

No que diz respeito aos estudos sobre a língua, Haurholm-Larsen (2016) informa que o levantamento sobre a descrição da língua Garífuna se limita a textos publicados ou disponibilizados de outra forma, que contribuam com análises da língua em sentido estrito. Para a análise das propriedades morfológicas da língua Garifuna utilizamos dois trabalhos como fonte principais: o de Haurholm-Larsen (2016) que trata especialmente dos aspectos gramaticais desta língua e de Quesada (2017) que também fornece dados morfológicos que contribuem à análise.

3.5.1.5 Lokono

Pet (2011) afirma que a língua Lokono é faladaa por pelo menos 700 indígenas aproximadamente na região do Suriname, Guiana, Guiana Francesa e Venezuela. O autor cita que naquela época muito mais pessoas afirmavam-se ser Lokono ou são de descendência. No Suriname e na Guiana, todos os falantes são adultos mais velhos (LEWIS, 2009, p. 305 *apud* PET, 2011, p.2). Pet (2011) assinala que nas aldeias relativamente acessíveis à capital e às principais estradas, são aqueles na casa do cinquenta e mais velhos que são totalmente fluentes; adultos mais jovens entendem bem, mas não fala bem o idioma para usá-lo com seus filhos. O mapa a seguir exibe a distribuição do território Lokono nas Guiana e Suriname.

Figura 8 - Mapa da distribuição do território Lokono



Fonte: RYBKA (2015, p.113)

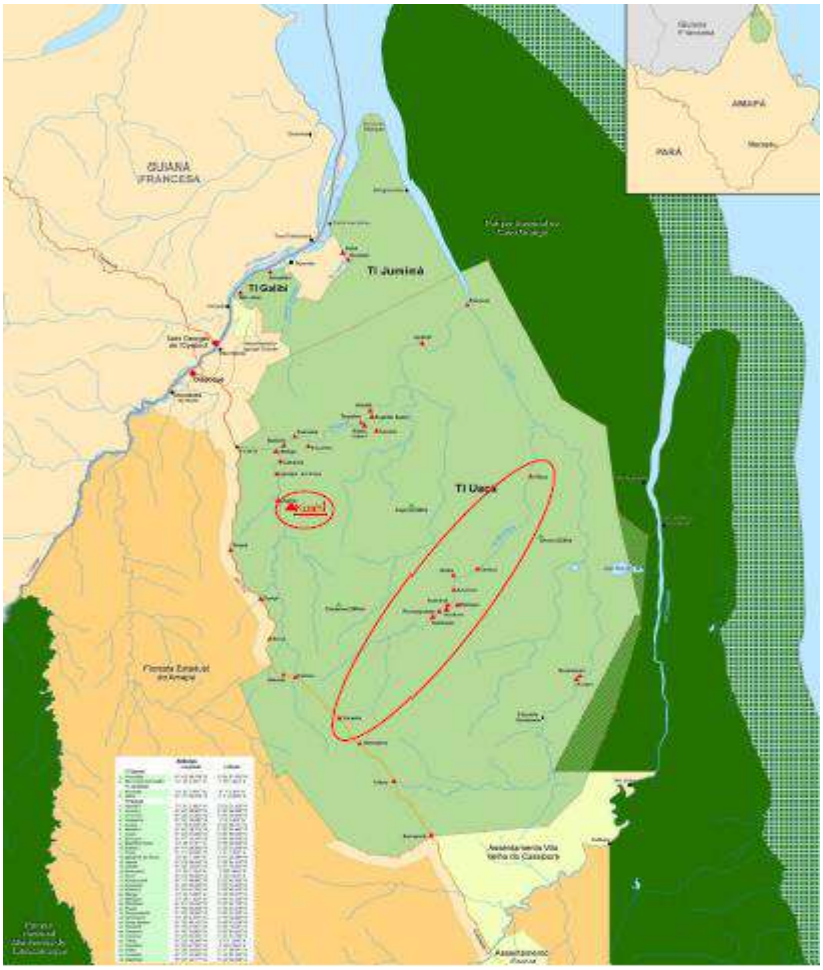
Rybka (2015) afirma que geograficamente, o povo Lokono vive nas aldeias pericosteiras (indicadas em vermelho no mapa), bem como nas três capitais das Guianas: Cayenne, Paramaribo e Georgetown. A autora ainda aponta que de acordo com um relatório do SIL, há também uma pequena comunidade Lokono na Venezuela, não muito longe da fronteira com a Guiana. Finalmente, há também uma comunidade considerável de Lokono vivendo na Holanda que emigraram do Suriname nas últimas décadas para fins econômicos, educacionais e políticos (RYBKA, 2015). Segundo as informações de Rybka (2015), a língua Lokono representa a família das línguas Arawak do Norte e está intimamente relacionado com o Wayuu e o quase extinto parajuano, as línguas da península de La Guajira (Colômbia /Venezuela). A autora afirma que seus outros parentes são os extintos Taino e Island Karib. Ela é agrupada no subgrupo TA-Arawak do Caribe. Conforme Aikhenvald (2012) a língua Lokono é, no entanto, apenas remotamente relacionado às outras línguas Arawak das Guianas. A língua exibe dois dialetos mutuamente inteligíveis. O Lokono Ocidental (ou Lokono da Guiana) que é falado na Guiana, e o Lokono Oriental (ou Lokono do Suriname) falado no Suriname e na Guiana Francesa (RYBKA, 2015). Existem poucos materiais linguísticos sobre a língua no geral, para essa pesquisa utilizamos como fonte principal a gramática de Pet (2011) que fornece dados para realizar a análise das propriedades morfológicas dessa língua.

3.5.1.6 Palikur

De acordo com Da Silva (2016) a língua Palikur é hoje o etnônimo mais popularizado para designar o povo Arawak que habita, historicamente, às margens do rio Urucauá. A autora informa que os Palikur são hoje um povo com pouco mais de dois mil indivíduos,

que habitam uma região fronteiriça entre o Brasil e a Guiana Francesa. Conforme as informações encontradas site do ISA (2021), os Palikur estão divididos entre os dois lados da fronteira Brasil e Guiana Francesa. Em território brasileiro, estão localizados no extremo norte do Estado do Amapá, no perímetro do município de Oiapoque, na região da bacia do Uaçá, um tributário do baixo rio Oiapoque. Hoje em dia, os Palikur são os únicos representantes dessa ocupação (ISA, 2021). A figura 9, abaixo, exibe a distribuição geográfica dos Palikur.

Figura 9 - Distribuição geográfica do território Palikur



Fonte: DA SILVA, (2016, p.38)

A língua Palikur ou *parikwaki* faz parte do subgrupo denominado com mesmo nome juntamente com os extintos Marawá e Aruã. Na região, as outras línguas faladas são: o português; o francês; o *créole*, proveniente do francês (cf. ISA, 2022). Na Guiana francesa, a segunda língua é o *créole*, que vem disputando acirradamente espaço com o

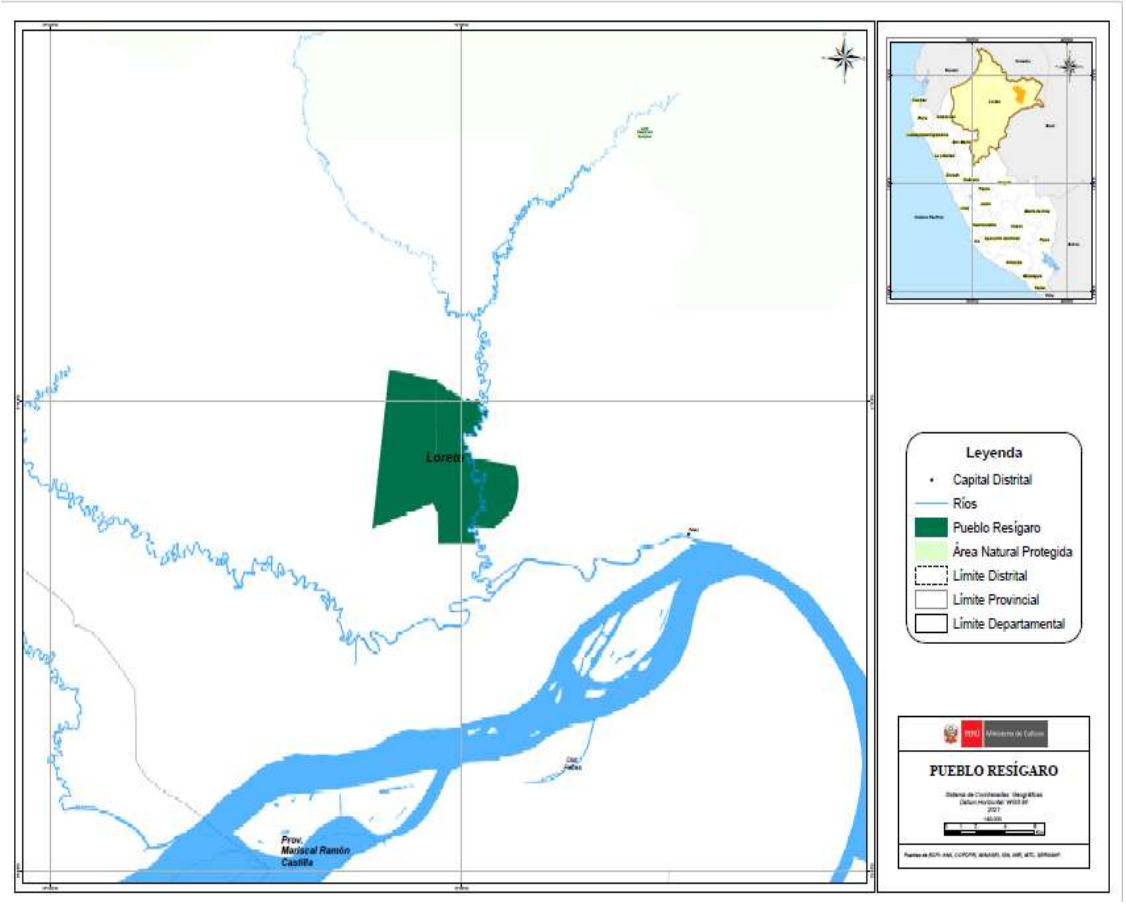
parikwaki (cf. ISA, 2022). Os estudos gramaticais dessas línguas foram realizados, especialmente, por Green & Green (1972). Um estudo mais recente é o de Launey (2003) que também apresenta uma descrição gramatical sobre o idioma, ambos estudos serão fontes principais para verificar aspectos morfológicos da língua Palikur nesta tese. Além dessas gramáticas, um artigo de Aikhenvald & Green (1998) é utilizado para verificar o sistema de classificação nominal (gênero/classificadores) na língua.

3.5.1.7 Resígaro

De acordo com o site BDPI[37] (Base de dados de Pueblo Indígenas u Originarios), o povo Resígaro estava inicialmente localizado na área entre os rios Caquetá e Putumayo em território que atualmente pertence ao país vizinho da Colômbia. Com o tempo migraram para o território peruano e hoje vivem, principalmente, no departamento de Loreto (cf. BDPI). Segundo o INEI (El Instituto Nacional de Estadística e Informática), em 2017, uma comunidade nativa da província de Mariscal Ramón Castilla se identificou como Resígaro. Conforme esse site, os Resígaro foram ligados aos povos Bora, Murui-Muinani e Ocaina, devido à sua história e localização. Além disso, o site informa que muitas famílias Resígaro se integraram às comunidades do povo Ocaina. A figura 10, abaixo, exibe o mapa da distribuição geográfica do povo Resígaro.

[37] Conferir em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/resigaro

Figura 10-Mapa da distribuição geográfica do povo Resígaro



Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/resigaro. Acesso em: 22 de mai. 2022.

O site BDPI assinala que de acordo com o trabalho de campo realizado pelo Ministério da Educação do Peru, 1 pessoa afirmou falar a língua Resígaro. Além disso, pelos dados obtidos pelo Ministério da Cultura, a população das comunidades do povo Resígaro é estimada em 7 pessoas (cf. BDPI). A língua Resígaro faz parte do subgrupo Norte-Amazônico ou Amazônia Colômbiana. Os trabalhos linguísticos sobre esse idioma foram feitos especialmente por Allin (1976). A tese de Allin (1976) que trata sobre os aspectos fonológicos e gramaticais de Resígaro é a fonte principal que utilizamos para analisar os aspectos morfológicos dessa língua.

3.5.1.8 Tariana

De acordo com Aikhenvald (2001), a língua Tariana é falada como primeira língua (língua paterna) por cerca de 100 pessoas (nenhuma delas são crianças) em dois principais povoados no rio Uaupés: Santa Rosa e Periquitos, na área do Alto Rio Negro, Amazonas, Brasil. Há também falantes de Tariana em Iauaretê e Jiponta (AIKHENVALD, 2001). A população Tariana, falantes apenas da língua Tukano, de aproximadamente 1500 pessoas,

ocupa também comunidades do médio Uaupés e do rio Papurí. A figura 11 abaixo exibe a localização do povo Tariana.

Figura 11-Localização do povo Tariana

Fonte: AIKHENVALD (2001, p.10)

Conforme Aikhenvald (2001), a língua Tariana é falada na área linguística da bacia do rio Uaupés, numa situação linguística de multilinguismo forçado, ditado pelos princípios de exogamia linguística. A língua Tariana faz parte do subgrupo Alto Rio Negro e é a única língua Arawak falada na região do Uaupés. Aikhenvald assinala que as outras línguas faladas nessa região pertencem à família Tukano do subgrupo oriental. A maioria dos trabalhos descritivos sobre esta língua foi realizado por Aikhenvald (1994, 2000b, 2003, 2018), utilizamos todos esses estudos que exibem dados consistentes que colaboram com a análise da língua.

3.5.1.9 Wapixana

De acordo com as informações o ISA, os Wapixana vivem no vale do rio Uraricoera e também ocupam tradicionalmente o vale do rio Tacutu, ao lado dos Macuxí, os quais habitam também a região de serras mais a leste de Roraima. Atualmente, os Wapixana são uma população total de cerca de 13 mil indivíduos, habitando o interflúvio dos rios Branco e Rupununi, na fronteira entre o Brasil e a Guiana, e constituem a maior população de falantes da família Arawak no norte-amazônico (cf. ISA, 2021).

Santos (2012) ao citar os Dados do Centro de Informação da Diocese de Roraima (CIDR) aponta para um número de 12.500 Wapixana, aproximadamente, que vivem distribuídos em trinta e cinco malocas espalhadas nas proximidades da fronteira entre o Brasil e Venezuela. Segundo essa fonte, as comunidades do povo Wapixana ocupam três áreas distintas, a saber: Surumu-Cotingo, Taiano-Amajari e Serra da Lua-Rupununi. O mapa abaixo exibe a localização dos Wapixana.

Figura 12 - Mapa da Localização do povo Wapixana

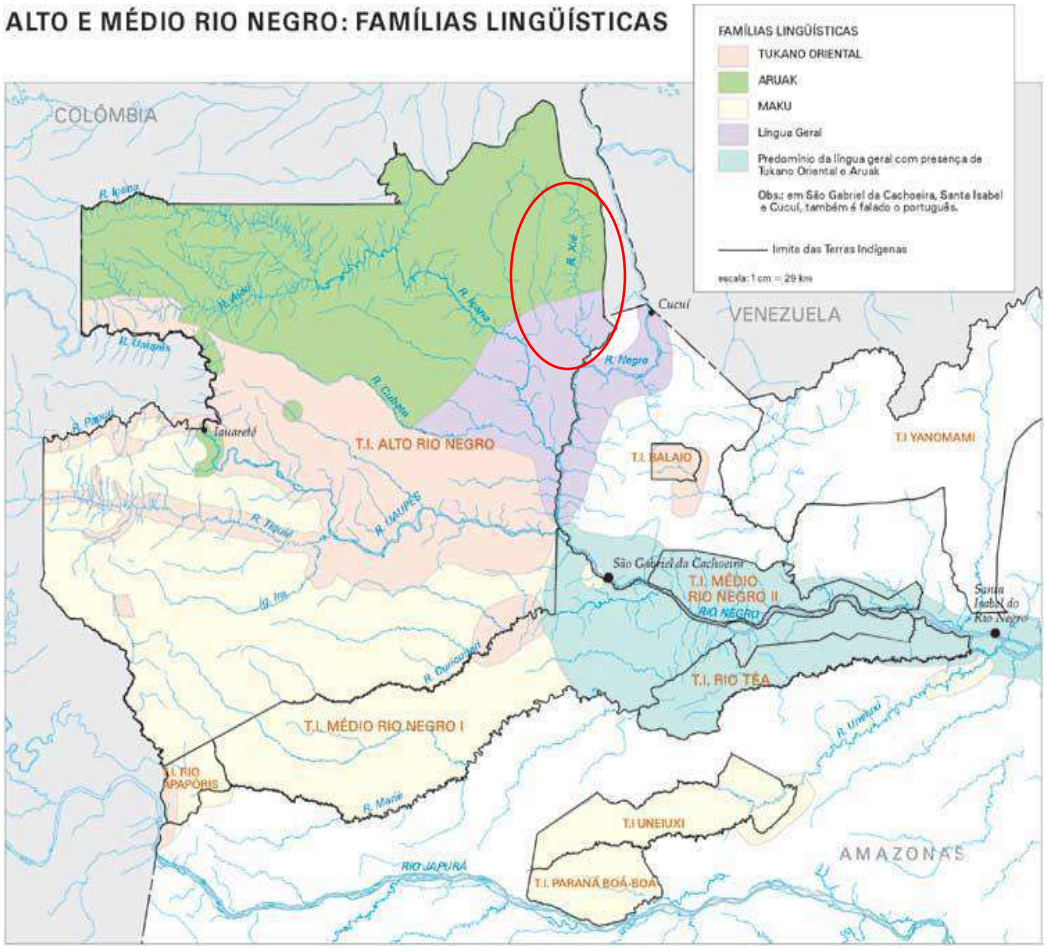
Fonte: Santos (2012, p.3)

Na região do nordeste de Roraima, as comunidades Wapixana localizam-se, predominantemente, na região conhecida por Serra da Lua, entre o rio Branco e o rio Tacutu, afluente do primeiro (cf. SANTOS, 2006). No baixo rio Uraricoera, outro formador do rio Branco, as aldeias são, em sua maioria, de população mista, Wapichana e Makuxi. Aldeias mistas, Wapichana e Makuxi ou Wapichana e Taurepang, ocorrem igualmente nos rios Surumu e Amajari (cf. ISA, 2022). A língua Wapixana faz parte do subgrupo Rio Branco, juntamente com os extintos Mawayana e Mawakwa. No que diz respeito aos estudos descritivos dessa língua, eles ainda são bastante limitados. Para esse trabalho, utilizamos a tese de Santos (2006) que trata dos aspectos gramaticais dessa língua. Esse estudo é um dos mais completo sobre a língua e por isso, utilizamos como fonte principal para analisar os fenômenos morfológicos da língua Wapixana.

3.5.1.10 Warekena

De acordo com as informações de Ramirez (2001a), os Warekena autodenominam-se Walékhena e vivem dentro do quadrado delimitado pelos rios Guainia, Casiquiare, Orinoco e Atabapo. A população atinge 200 pessoas das quais somente naquela época o pajé ainda falava o seu idioma, sendo considerada uma língua em grande perigo de extinção. O autor explica que a maioria dos Warekena vive em Guzmán Blanco. A figura 13, abaixo, exibe aproximadamente a localidade dos Warekena, destacado em vermelho.

Figura 13 - Localidade aproximada dos Warekena



Disponível em: https://img.socioambiental.org/main.php?g2_view=core.DownloadItem&g2_itemId=320214. Acesso em: 19 julh.2022.

A língua Warekena pertence ao subgrupo Alto Rio Negro. A partir do contato com missionários e a colonização adotaram o Nheengatu e, atualmente, esta língua representa uma marca de sua identidade cultural. Segundo as informações do ISA, algumas comunidades do Alto Xié falam Werekena, utilizando-a situacionalmente. Em relação aos trabalhos linguísticos quase não se têm nada sobre. Contudo, um ensaio gramatical de

Aikhenvald (1998) traz informações importantes dos aspectos gramaticais dessa língua. Ele é a fonte principal para analisar as propriedades morfológicas do Warekena.

3.5.1.11 Wayuu (Guajiro)

De acordo com Álvarez (2017), a língua Wayuu ou Guajiro ou ainda Wayuunaiki é falada por cerca de 500.000 pessoas que vivem principalmente na Península de La Guajira, no noroeste da Venezuela e no nordeste da Colômbia. O autor explica que Wayuunaiki, junto com Lokono, o chamado Caribe Insular e Paraujano, faz parte de um grupo de línguas intimamente relacionadas dentro do grupo Maipure do norte das línguas Arawak. A língua faz parte do subgrupo Ta-Arawak ou Caribe. Historicamente, esta língua foi chamada Guajiro ou Guajira. Mais recentemente, a autodenominação preferida é Wayuu (ÁLVAREZ, 2017). O mapa abaixo mostra a localidade do povo Wayuu.

Figura 14 - Localidade do povo Wayuu

Fonte: ALVAREZ (2017, p.16)

Os primeiros trabalhos sobre essa língua foram feitos por Jusayú e Olza (1988), infelizmente não conseguimos ter acesso a eles. Além desses autores, Álvarez em diferentes trabalhos trata sobre a gramática dessa língua. O trabalho denominado *"Manual de la lengua Wayuu"* desse autor foi a fonte principal para analisar os aspectos

morfológicos da língua Wayuu. Também utilizamos alguns dados de Sabogal (2018), que aborda questões morfossintáticas da língua.

3.5.2 Grupo Sul-Arawak

As línguas do grupo Sul-Arawak selecionadas para essa pesquisa são: Amuesha, Apurinã, Asheninka Perene, Baure, Caquinte, Maxineri, Mehináku, Nanti, Paresi-Haliti, Yine-Piro, Terena, Wauja e Yawalapiti. Informações gerais sobre elas serão dadas nas subseções seguintes.

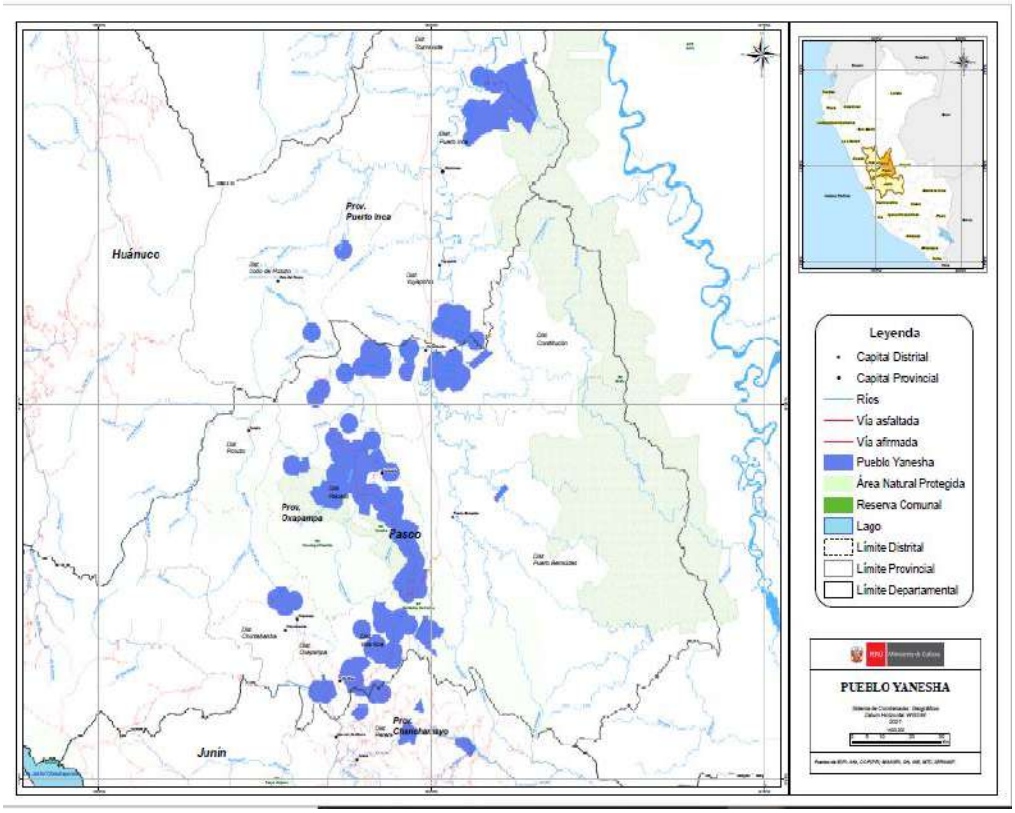
3.5.2.1 Amuesha (Yanesha)

O povo Amuesha (Yanesha) está localizado no Peru em diferentes comunidades da bacia do rio Palcazu, na região de Pasco (cf. BDPI). Conforme as informações do BDPI[38], no passado, estimava-se que o território Yanesha se estendia por uma área muito maior do que é hoje. Na época do contato com os espanhóis, os assentamentos desse povo indígena iam desde o que hoje é Pozuzo, no Norte, até a nascente do rio Chanchamayo, no Sul. Da mesma forma, incluiu também os vales dos rios Huancabamba, Chorobamba e Paucartambo a oeste e as áreas de Alto Perené, Villa Rica, Cacazu, Alto Palcazu e Azupizú a leste. Em todo esse espaço, o ponto mais importante era o lotado Cerro de la Sal (cf. BDPI, 2022).

De acordo com as informações contidas no Banco de Dados Oficial dos Povos Indígenas (BDPI), os indígenas Amuesha possuem um total de 75 localidades em que vivem e/ou exercem seus direitos coletivos, dos quais 38 são reconhecidos como comunidade nativa. De acordo com INEI (Instituto Nacional de Estadística e Informática), em 2017, a população dos Amuesha eram de aproximadamente de 14.314 pessoas. Da mesma forma, o instituto ainda informa que 4.730 pessoas se consideram parte do povo Amuesha. A figura 15 exibe o mapa da língua Amuesha retirado do site do BDPI mostra a localização desse povo.

[38] Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/yanesha. Acesso em: 20 de junho de 2022.

Figura 15 - Localização do povo Amuesha



Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/lenguas/yanesha. Acesso em 20 de julho de 2022.

O povo Amuesha, atualmente é conhecido como Yanuesha. De acordo com BDPI (2022), Yanuesha significa "nós, o povo" e, diferentemente dos outros nomes pelos quais esse povo foi conhecido, esta é uma denominação própria (cf. BDPI, 2022), ou seja, é o nome pelo qual o povo Yanesha se autodenomina em sua própria língua. Esta língua faz parte do subgrupo Amuesha, juntamente com o extinto Chamicuro. A língua tem alguns esboços gramaticais descritas por missionários e uma gramática completa escrita por Duff-Trip (1997). Essa gramática é a fonte principal que utilizaremos para analisar as propriedades morfológicas do Amuesha (Yanesha).

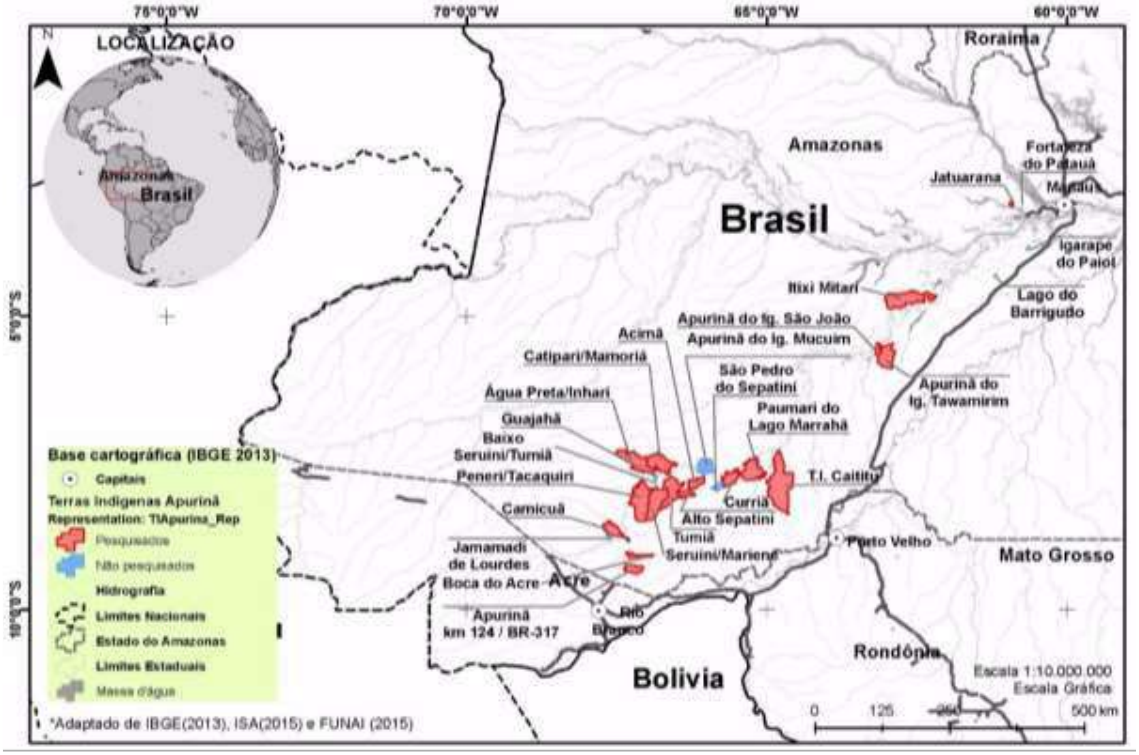
3.5.2.2 Apurinã

Conforme Facundes (2000), a língua Apurinã é falada pelos indígenas Apurinã na região do noroeste amazônico no Brasil. Segundo os dados do IBGE (2014)[39], os Apurinã têm uma população de 6.842 habitantes. De acordo com as informações do ISA, os Apurinã são um povo tradicionalmente migrante e, hoje, seu território se estende ao baixo rio Purus, até Rondônia. Há áreas Apurinã nos municípios Boca do Acre, Pauini, Lábrea,

[39] Censo demográfico de 2010, disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html. Acesso em 15 de julh. 2022.

Tapauá, Manacapuru, Beruri, Manaquiri, Manicoré, todas no estado do Amazonas. Além dessas regiões, o site do ISA (2022) informa que existem alguns Apurinã morando em Mato Grosso e Rondônia e em terras indígenas de outros povos como na Terra Indígena Paumari do Lago Paricá, Terra Indígena Paumari do Lago Marahã, Terra Indígena Torá e Terra Indígena Roosevelt (Cinta-Larga). A figura 16, abaixo, mostra a localização aproximada das terras indígenas do povo Apurinã.

Figura 16 - Mapa com a localização aproximada das terras indígenas Apurinã



Fonte: LIMA-PADOVANI (2016, p.30)

Segundo Facundes (2000), Apurinã é o nome usado em português para se referir ao povo *Pupỹkarywakury* e a língua falada por eles. Para a maioria dos Apurinã, o termo *Pupỹkary/ru* é uma autodenominação para pessoas pertencentes ao grupo Apurinã; no entanto, para alguns, o termo apenas designa ‘índio’ (FACUNDES, 2000). Facundes (2000) afirma que há outras denominações encontradas para esse povo na literatura geral, tais como: “Ipurina, Ipurinãs, Ipurinã, Ipurinan, Ypurinãs, Ipurynans, Hipurinás, Hypurinás, Hypurina, Tiupurina, Tiupurina, Tiupurinã, Jupurina, Kankite, Kankutu,

Kankiti, Kankete, Kangiti (nome na língua Apurinã que significa ‘gente’), ou Kaxarari” (FACUNDES, 2000, p.3)[40].

A língua faz parte do subgrupo Sul-Oeste (*Piro-Apurinã)*, juntamente com Yine-Piro (Maxineri), Chontaquiro, Iñapari e Mashko-Piro. No que diz respeito aos estudos descritivos, a língua exibe um número bastante considerável. A maioria deles foi realizado por Facundes em diferentes trabalhos. Para essa pesquisa, utilizaremos como fonte principal a gramática da língua Apurinã que foi escrita por Facundes (2000) e a tese de Freitas (2017) que trata sobre questões relacionadas a posse, um tópico que é analisado nesta pesquisa. Além desses dois, um estudo lexicográfico realizado por Lima-Padovani (2020) também é utilizado para analisar as questões morfológicas discutidas sobre a língua Apurinã.

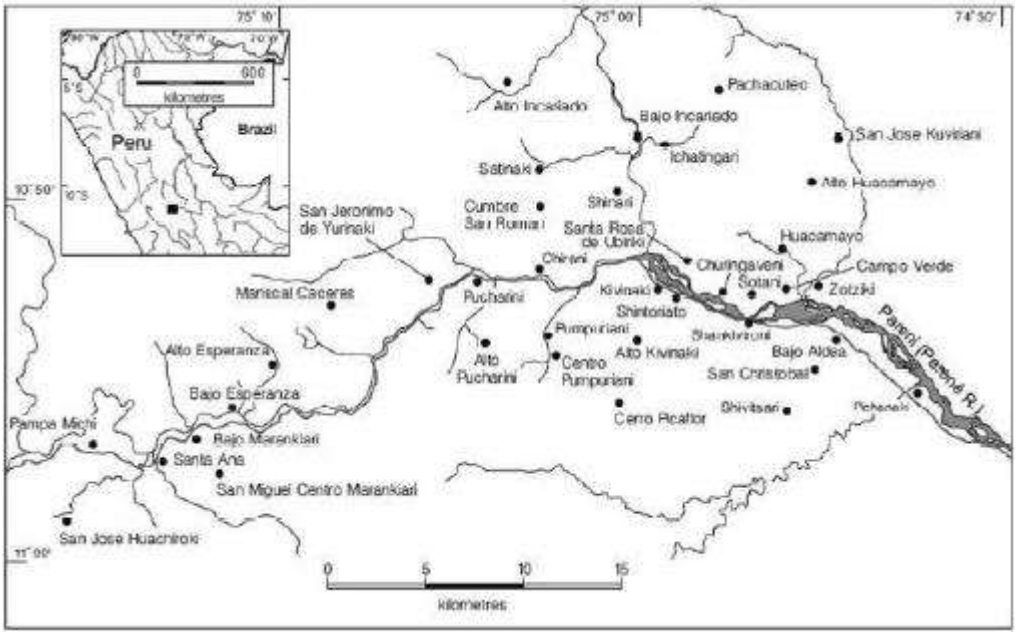
3.5.2.3 Asheninka Perené

De acordo com Mihas (2015), a variante Asheninka Perené é falada no vale do Alto Perené dos distritos de Chanchamayo e Perené da região de Junín, Peru. Os Asheninka falam diferentes dialetos, além desse estudado aqui. Segundo as informações do ISA (2022), a área de ocupação dos Asheninka estende-se por um vasto território, desde a região do Alto Juruá e da margem direita do rio Envira, em terras brasileiras, até as vertentes da cordilheira andina no Peru, ocupando parte das bacias dos rios Urubamba, Ene, Tambo, Alto Perene, Pachitea, Pichis, Alto Ucayali, e as regiões de Montaña e do Gran Pajonal (cf. ISA, 2022).

No Brasil, os Asheninka contabilizam aproximadamente 883 habitantes, conforme o senso do IBGE (2010 *apud* ISA, 2022), enquanto que no Peru, a população é bem maior, com uma população de 6 mil (MIHAS, 2010a). Contudo, Mihas (2015) assinala que os resultados do trabalho de campo realizados por ela, revelaram que o número de falantes é significativamente menor, aproximadamente 1.000. O site do ISA informa que a grande maioria dos Asheninka vivem no Peru e que os grupos situados hoje em território brasileiro são também provenientes do Peru, tendo iniciado a maior parte de suas migrações para o Brasil pressionados pelos caucheiros peruanos no final do século XIX. A figura 17 exibe os territórios aproximados dos Asheninka Perené.

[40] Ipurina, Ipurinãs, Ipurinã, Ipurinã, Ypurinãs, Ipurynans, Hipurinás, Hypurinás, Hypurina, Tiupurina, Tiupurina, Tiupurinã, Jupurina, Kankite, Kankutu, Kankiti, Kankete, Kangiti (name in the Apurinã language meaning 'people'), or Kaxarari” (FACUNDES, 2000, p.3).

Figura 17 - Mapa da localidade do povo Asheninka Perené



Fonte: MIHAS (2015, p.2)

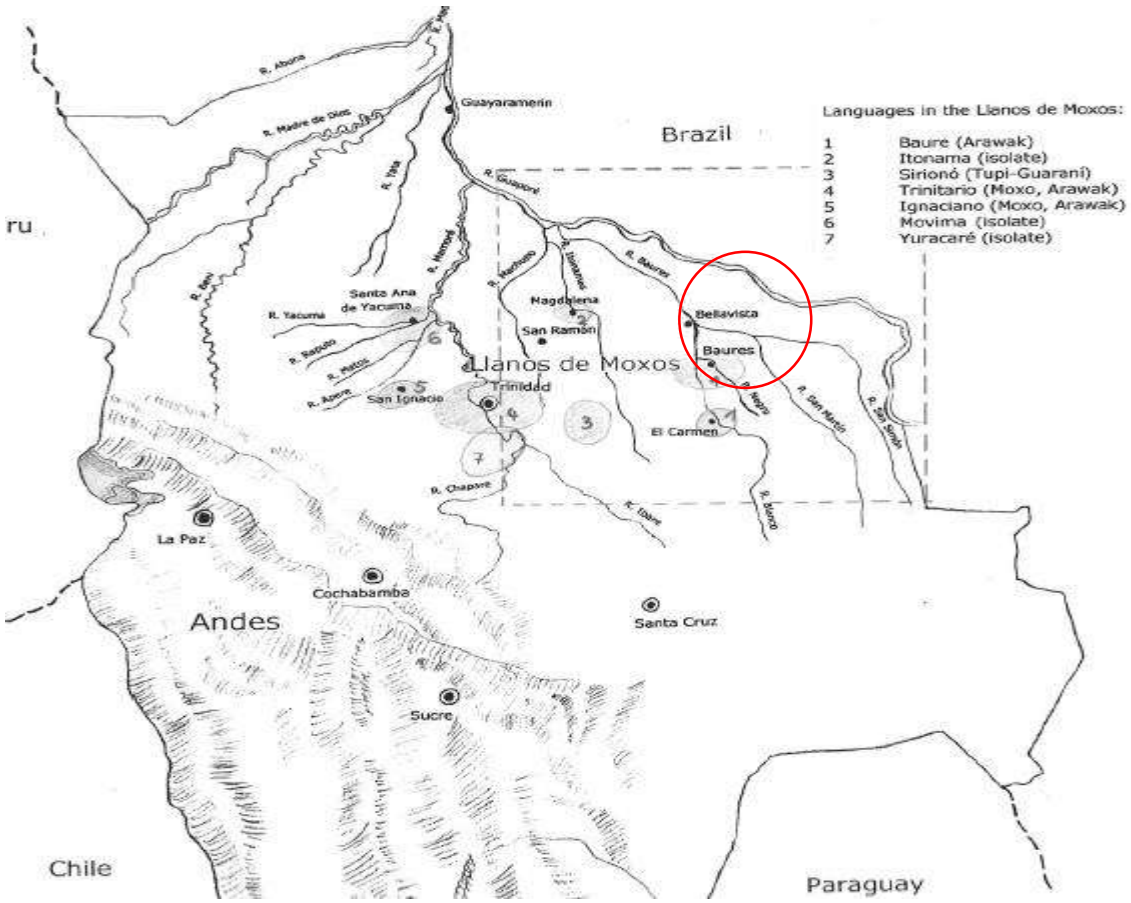
Conforme Mihas (2015), os Asháninka exibem 36 terras homologadas. A língua ainda é bastante viva entre eles. Seguindo as informações do ISA, os Asheninka também foram identificados sob vários nomes, tais como: *Ande*, *Anti*, *Chuncho*, *Pilcozone*, *Tamba*, *Campari*. Todavia, na antropologia, são mais conhecidos pelo termo Campa ou Kampa, nome frequentemente utilizado por antropólogos e missionários para designar os Asheninka de maneira exclusiva ou os Arawak sub-andinos de forma genérica - com exceção dos Piro e dos Amuesha (cf. ISA). Ainda segundo o site, *Asheñika* é a autodenominação do povo e pode ser traduzida como ‘meus parentes’, ‘minha gente’, ‘meu povo’. A língua faz parte do subgrupo Campa, juntamente com Caquinte, Machiquenga, Nomatsiguenga e Pajonal Campa.

No que diz respeito aos trabalhos sobre essa língua, eles são limitados e podem ser encontrados em publicações do SIL e linguistas locais (cf. MIHAS, 2015). Mihas informa que há um dicionário ilustrado de cinco variedades Asháninka, publicado para os professores bilíngues locais, além disso, há também algumas listas de palavras da variedade falada do Alto Perené, além de outros trabalhos. As pesquisas mais recentes sobre a língua foram realizadas por Mihas em diferentes trabalhos. Para analisar os processos morfológicos da língua Asháninka utilizamos a tese de doutorado de Mihas (2010a), além de dois artigos sobre categorização nominal em Asháninka (cf. MIHAS, 2010b; 2010c) e por fim, a gramática da variedade do Alto Perene (cf. MIHAS, 2015).

3.5.2.4 Baure

Segundo as informações de Danielsen (2007), o Baure é falado no noroeste da Bolívia, na parte Amazônia Boliviana. Atualmente, é uma língua que está seriamente ameaçada. A autora assinala que esse povo vive no departamento de Beni, em uma área geográfica chamada Llanos de Moxos. Conforme Danielsen (2007), este nome deriva de um dos principais grupos étnicos, os Moxos, cujas línguas Trinitario e Ignaciano (ambos geralmente referidos pelo nome Moxo ou Mojo) também pertencem à família Arawak. O Mapa abaixo exibe o território aproximado do povo Baure.

Figura 18 - Território aproximado do povo Baure



Fonte: DANIELSEN (2007, p.1)

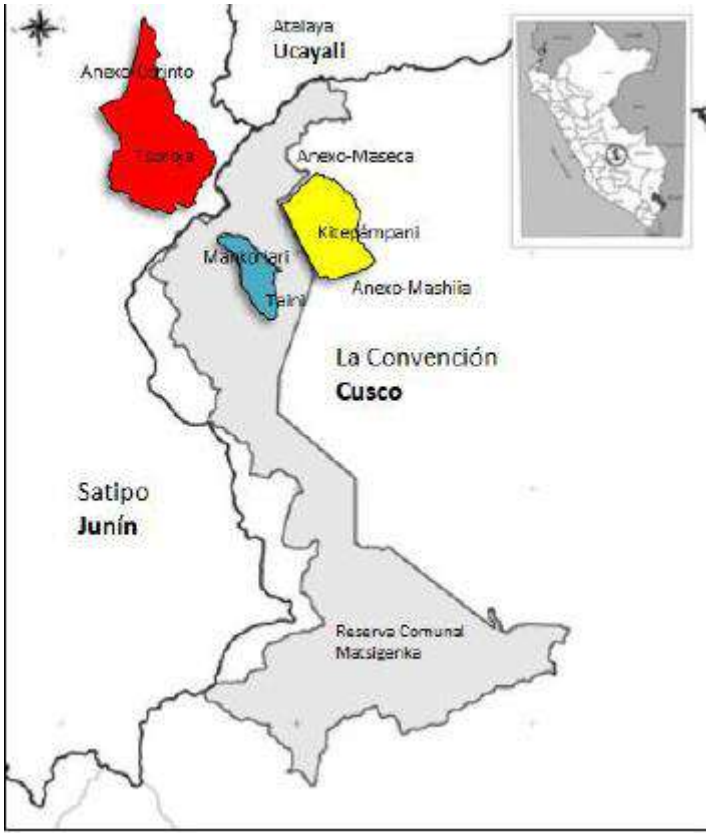
A língua Baure pertence ao subgrupo Sul-Arawak (denominado aqui como subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul), juntamente com Terena, Kinikinau, Guané, Chané, Moxo ou Ignaciano, Paiconeca, Pauna, Apolista e Salumã (Ennawene-Nawê). Os trabalhos descritivos sobre essa língua são raros. Para realizar a análise morfológica,

utilizamos a tese de Danielsen (2007) que trata especialmente dos aspectos gramaticais da língua.

3.5.2.5 Caquinte

A língua Caquinte (ou Kakinte) é falada em territórios próximos à fronteira entre Junín e Cusco, departamentos regionais do Peru (CASTILHO-RAMIREZ, 2017). Segundo Castilho-Ramirez (2017), a população Caquinte se distribuiu principalmente em três comunidades: em Tsoroja que é localizada na cabeceira do rio Poyeni, no afluente do rio Tambo e na província de Satipo, em Junín. Em Tsoroja, os falantes são bilíngues na qual Caquinte e Asheninka são falados. Esta comunidade também abriga o grupo de famílias Caquintes que compõem a bacia de San Luis de Corinto. As outras duas comunidades são Kitepámpani, uma comunidade Caquinte-Matsigenka, e Taini, que é localizada às margens do rio Agueni, um afluente do rio Mipaya (ou Huipaya). A figura 19 ilustra o mapa das localidades das comunidades Caquinte.

Figura 19 - Mapa das comunidades Caquinte



Fonte: CASTILHO-RAMIREZ (2017, p.145).

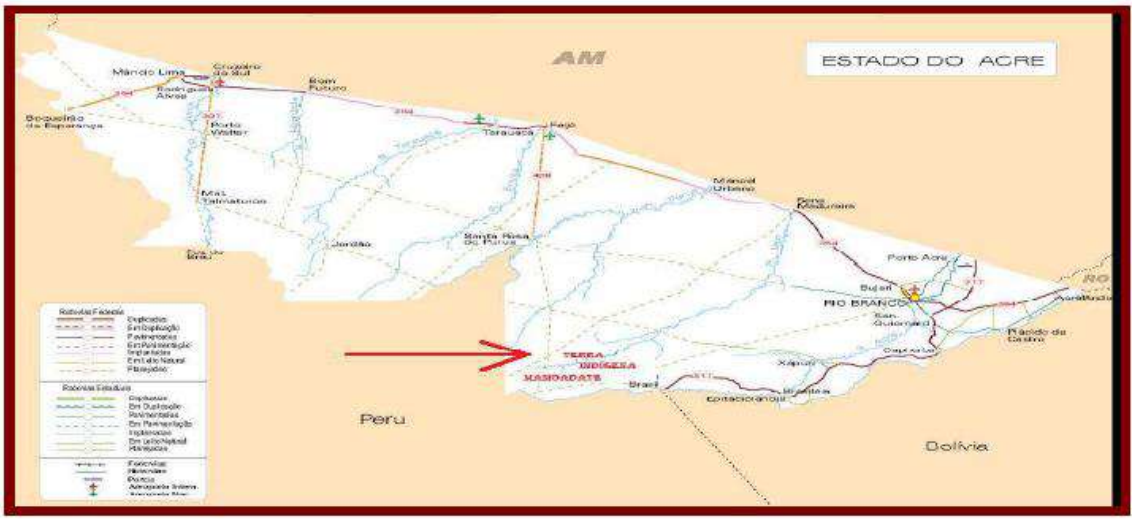
A língua Caquinte pertence ao subgrupo Campa da família Arawak. Castilho-Ramirez (2017) afirma que todos os Caquinte falam sua língua, além do espanhol. O autor

explica que devido ao contato ancestral com Asheninka e Matsigenka, é possível encontrar palavras dessas duas línguas na fala Caquinte. No que diz respeito aos trabalhos sobre essa língua, eles parecem ser limitados. Encontramos uma gramática do SIL escrita por Swift (1988) que esboça alguns aspectos gramaticais, além da tese de Castilho-Ramirez (2017) que descreve de forma bastante preliminar os sintagmas nominais da língua e atualmente a tese de O'hagan que trata sobre questão de foco na língua. Esses três trabalhos descritivos são utilizados para analisar os processos morfológicos da língua Caquinte.

3.5.2.6 Maxinéri

De acordo com Silva (2013), o povo Manxinéri encontra-se atualmente situado na região do rio Iaco, no sul do estado do Acre e nas regiões adjacentes, ao norte da Bolívia e a leste do Peru. No Brasil, Silva (2013) informa que há grupos Manxinéri na Terra Indígena (TI) Mamoadate, no Seringal Guanabara e, em um menor número, no São Francisco e no Macauã, bem como na cidade de Assis Brasil (cf. SILVA, 2013), como podemos ver na figura 20 abaixo.

Figura 20 - Mapa da localização da Terra indígena Maxinéri



Fonte: SILVA (2013, p. 1)

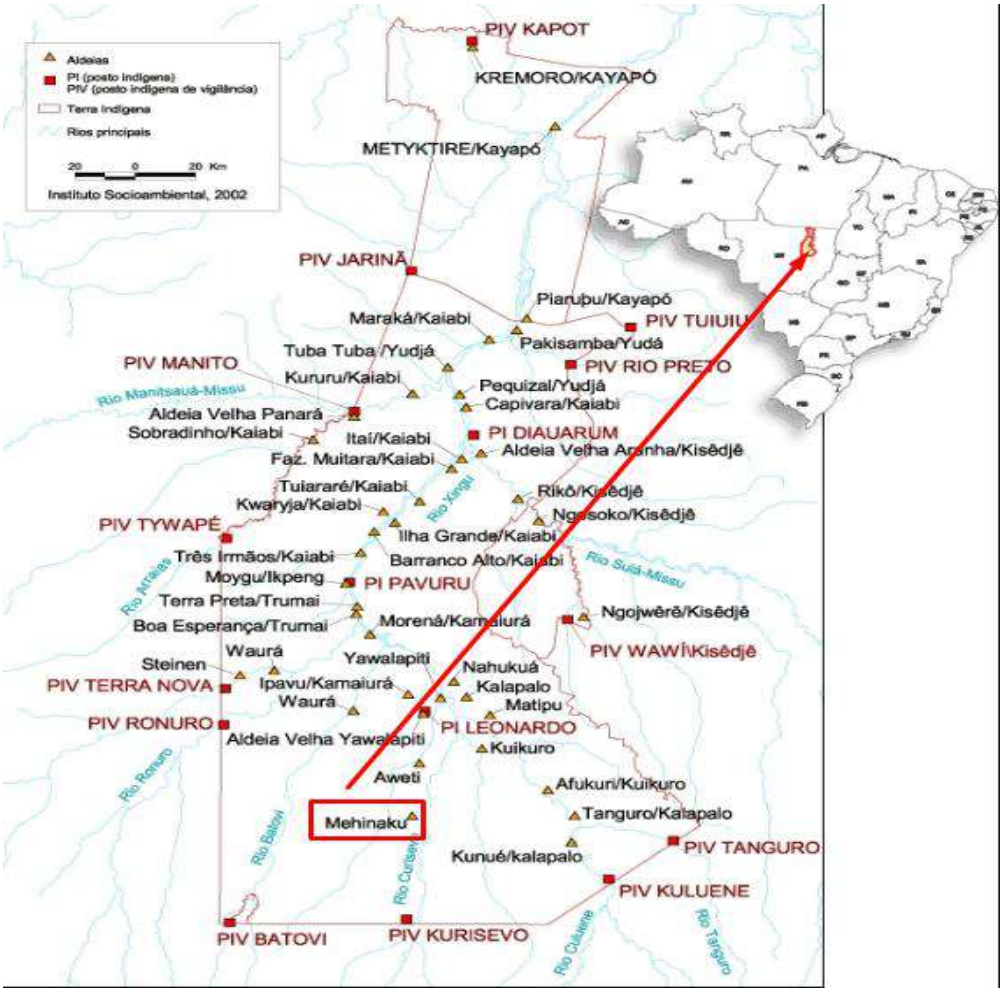
O Maxinéri é uma variedade do Yine-Piro e encontra-se no subgrupo Piro-Apurinã (Sul-Oeste Arawak). De acordo com o site do ISA (2022), Os Manxinéri compartilham com os Piro, na Amazônia peruana, uma boa parte de seu sistema sócio cosmológico, podendo ser considerados grupos que fazem ou já fizeram parte de um mesmo povo. No que diz respeito aos estudos descritivos dessa língua, apenas encontramos o estudo de Silva (2013) que trata de forma preliminar alguns aspectos

gramaticais da língua, o trabalho dela é a fonte principal para analisar os padrões morfológicos de Maxinéri.

3.5.2.7 Mehináku

De acordo com as informações de De Felipe (2020), os Mehinaku, ou *Imiehünaku*, como este povo se autodenomina, vivem atualmente em quatro aldeias, localizadas dentro do Território Indígena do Xingu, no estado de Mato Grosso, Brasil, são elas: Uyaipiyuku, a maior dentre as quatro; Utawana, a segunda maior; Kaupüna e Aturua, como podemos observar no mapa a seguir:

Figura 21 - Mapa dos territórios do povo Mehináku



Fonte: ISA (2008, *apud* DE FELIIPE, 2020, p.25)

De Felipe (2020) afirma que apesar do contato com outras línguas dentro do parque indígena do Xingu, este povo mantém ainda sua língua uniforme. São

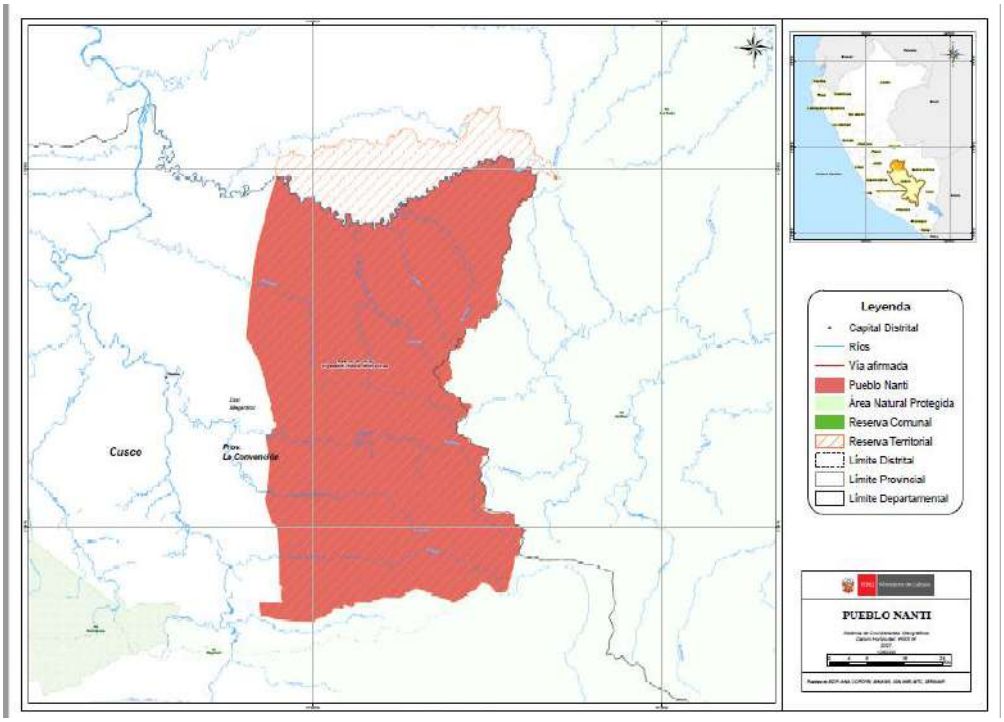
aproximadamente 286 falantes de acordo com as informações do site do ISA (2022)[41]. Ainda segundo o site, o único grupo que fala uma língua próxima são os Wauja, muitas vezes referidos como "nossos outros", expressão de seu parentesco e proximidade. A língua se encontra no subgrupo Paresi-Xingu, juntamente com Wauja (Waurá), Yawalapiti e Kustenaú, Paresi (Paresi-Saraveca) e o extinto Saraveca. No que diz respeito aos estudos descritivos, a maioria deles foi realizada por Corbera-Mori em diferentes trabalhos. Além deste autor, a tese de De Felipe (2020) também propôs uma análise gramatical da língua. Para analisar os aspectos morfológicos da língua Mehináku utilizamos como fonte principal o trabalho de De Felipe (2020) e os artigos de Corbera-Mori (2012 a b) que tratam, especialmente, da morfologia nominal desta língua.

3.5.2.8 Nanti

De acordo com as informações do BDPI (2022)[42], os Nanti receberam a denominação Kugapakori, termo que segundo várias fontes, na língua Matsigenka seria traduzido como 'selvagem' ou 'mata gente', e que devido a sua alta carga negativa, tal denominação não é aceita pelos membros desse povo. Em contraste com a conotação do termo kugapakori, a palavra Nanti pode ser traduzida como "ser humano". Ainda segundo o site, os Nanti constituem um dos dois subgrupos do povo Matsigenka, localizados na bacia superior dos rios Camisea e Timpía. Conforme o BDPI, o povo Nanti é um dos povos seminômades que habitam o território peruano. Os Nanti em contato inicial vivem em localidades na parte superior do rio Camisea e na parte central do rio Timpía, enquanto as famílias isoladas vivem espalhadas na parte superior do rio Timpía e na parte norte do Santuário Nacional. A figura 22 mostra a localização aproximada do povo Nanti.

[41] Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mehinako#L.C3.ADngua. Acesso em 15 de julho de 2022
[42] Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/nanti. Acesso em 15 de julho de 2022.

Figura 22 - Localização aproximada do povo Nanti



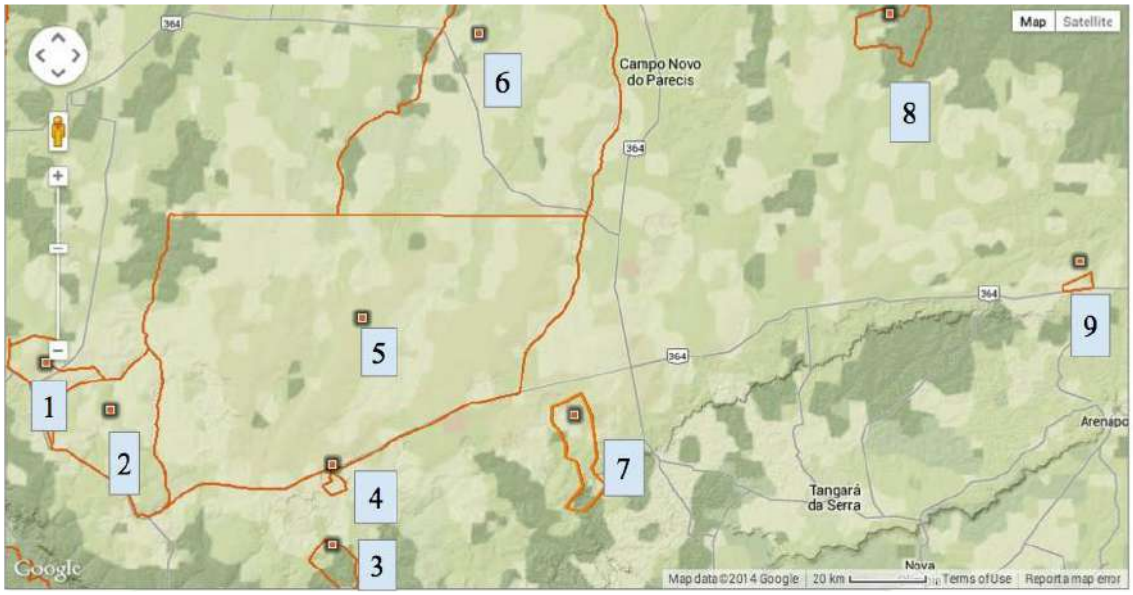
Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/nanti. Acesso em 19 de julho de 2022.

Segundo o BDPI, o ministério da educação do Peru estima que 250 pessoas falam a língua Matsigenka Montetokunirira. Além disso, pelos dados obtidos pelo BDPI, a população das comunidades do povo Nanti é estimada em 18 pessoas (cf. BDPI). A língua Nanti faz parte do subgrupo Campa, juntamente com Ashéninka (Ashaninka), Caquinte, Nomatsiguenga, Pojonal Campa, tais línguas são faladas na região do sopé dos Andes no sudeste do Peru e nas regiões adjacentes entre Brasil e a Amazônia Peruana (cf. MICHAEL, 2008). Os trabalhos sobre essa língua são bastante limitados, e a maioria foi realizada por Michael em diferentes estudos. Para esse trabalho, utilizamos como fonte principal a tese de Michael (2006, 2008) que trata especialmente dos aspectos gramaticais dessa língua.

3.5.2.9 Paresi-Haliti

De acordo com as informações do ISA (2022), os Paresi constituem uma população de aproximadamente 2138 pessoas que moram no Estado do Mato Grosso, aproximadamente 500 km a noroeste da cidade de Cuiabá, na região dos afluentes do rio Juruena, um braço do rio Tapajós. Conforme Brandão (2014) os falantes Paresi constituem aproximadamente 90% dessa população. Eles habitam nove terras indígenas: Rio Formoso, Utiariti, Estação Parecis, Estivadinho, Pareci, Juininha, Figueira, Ponte de Pedra e Uirapuru. A figura 23 abaixo exibe a localização do povo Paresi.

Figura 23 - Mapa do território indígena Paresi-Haliti



Fonte: BRANDÃO (2014, p.3).

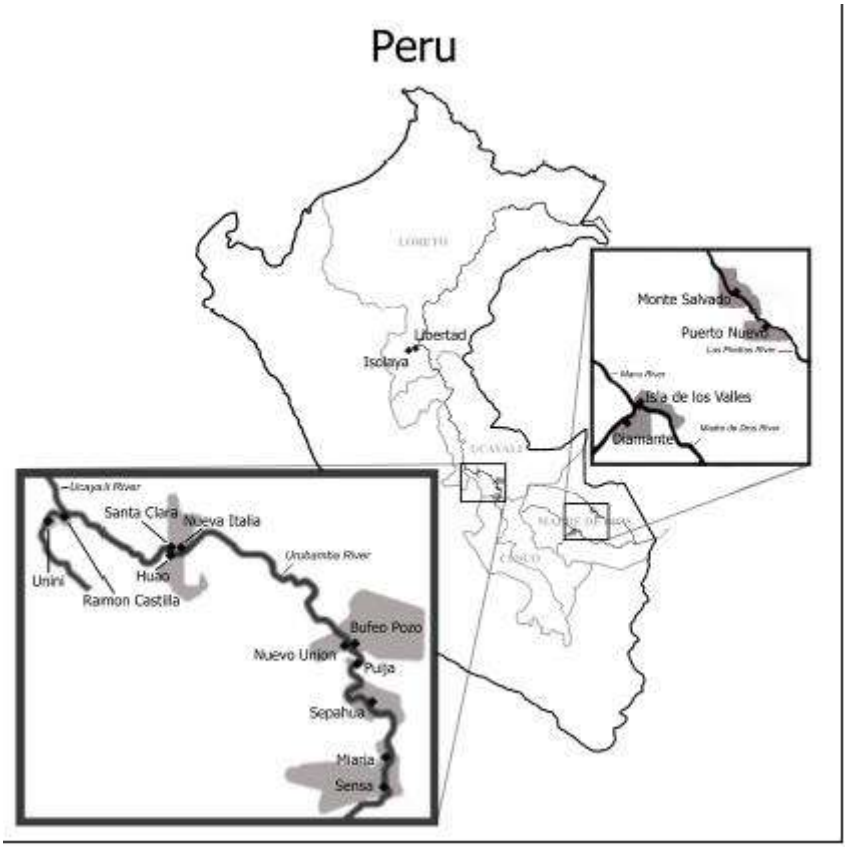
Seguindo as informações do ISA (2022), o idioma Paresi tem diferentes dialetos, de acordo com o subgrupo de pertencimento. Eles também falam português, que é ensinado nas escolas bilíngues de ensino fundamental localizadas nas aldeias (cf. ISA, 2022). Conforme Brandão (2014), os termos "Paresi-Haliti" ou "Haliti-Paresi" são usados por alguns falantes Paresi para se referir ao idioma que falam. A língua faz parte do subgrupo Pareci-Xingu (*Pareci-Saraveca)*, juntamente com Waurá, Mehináku, Yawalapiti, o extinto Kustenaú e Saraveca. A língua apresenta uma boa documentação, com diferentes trabalhos descritivos, desde os esboços gramaticais dos missionários do SIL, como os de Silva (2013) e Brandão (2014, 2016). Para essa tese, utilizaremos como fonte principal a tese de Brandão (2014) que trata também dos aspectos gramaticais de Paresi.

3.5.2.10 Yine-Piro

Conforme as informações do BDPI (2022)[43], A língua Yine é falada nas bacias dos rios Urubamba, Unine, Las Piedras, Acre, Purús, Manu, Madre de Dios, nos departamentos de Ucayali, Cusco, Madre de Dios e Loreto. A língua é falada por cerca de 4.000 pessoas, a maioria das quais vive nas províncias de Cusco, Ucayali e Madre de Dios, no Peru. O mapa abaixo (figura 24) exibe a localização das comunidades Yine-Piro no Peru.

[43] Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/lenguas/yine. Acesso em 19 de julho de 2022.

Figura 24 - Mapa das comunidades Yine-Piro no Peru



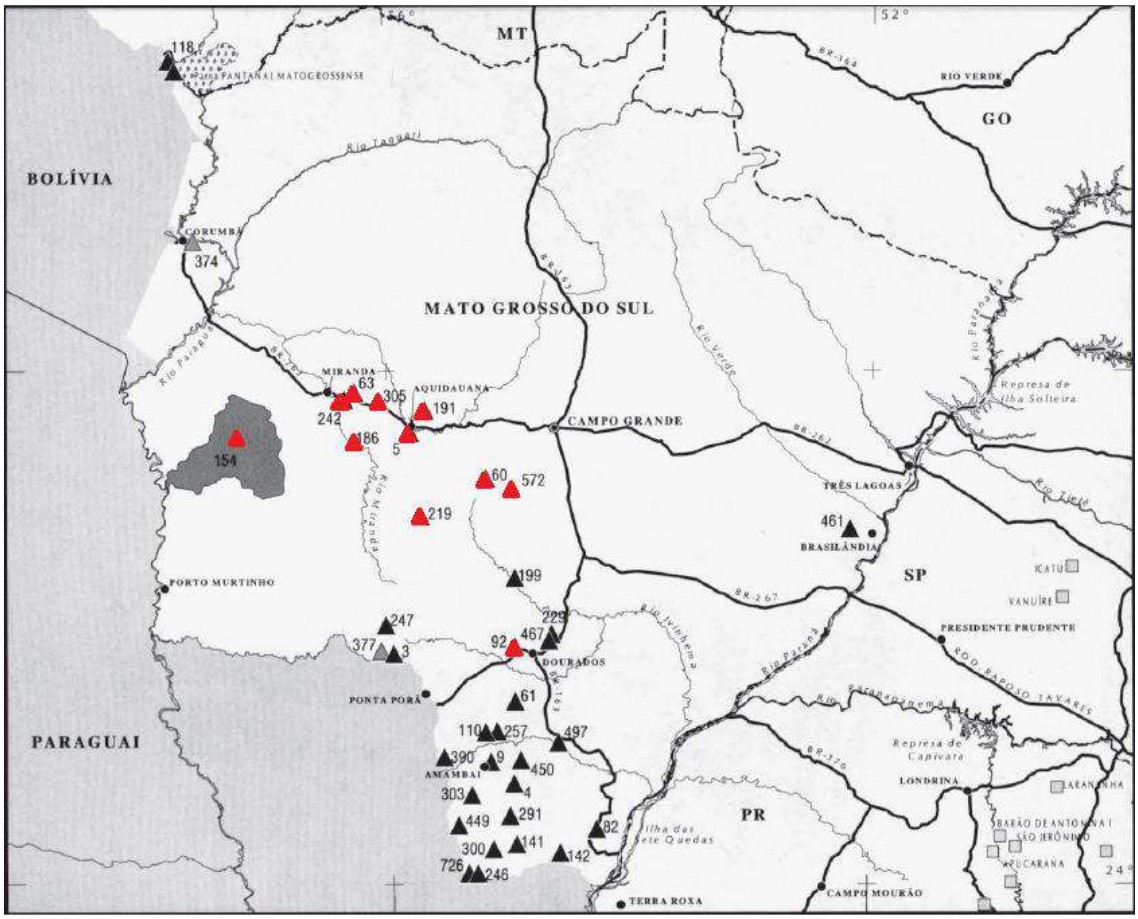
Fonte: HANSON (2010, p.1)

Hanson (2010) informa que o principal território do Yine está no Departamento de Ucayali e fica ao longo do rio Urubamba a montante (sul) de sua confluência com o Tambo para formar o rio Ucayali. De acordo com BDPI (2022), o povo Yine também é conhecido como ‘piro’, nome que vem sendo usado por povos vizinhos e outros estrangeiros para distinguir esse povo. A palavra ‘Yine’, por sua vez, viria de *yineru*, que na língua indígena se traduz como ‘homens de verdade’, ‘ser humano’ ou ‘povo por excelência’ (cf. BDPI, 2022). Hanson (2010) estima que o número de falantes Yine variam de 2500-5000. A língua é agrupada no subgrupo Piro-Apurinã (Sul-Oeste Arawak). Os trabalhos descritivos sobre essa língua foram primeiramente realizados por missionários do SIL. A tese de Hanson (2010) que trata sobre os aspectos morfossintáticos da língua é o trabalho mais recente e completo e é a fonte principal para analisar os aspectos morfológicos de Yine nesta tese.

3.5.2.11 Terena

Segundo as informações do ISA (2021)[44], os Terena são uma população de aproximadamente 16 mil pessoas e vivem atualmente em um território descontínuo, fragmentado em pequenas aldeias cercadas por fazendas e espalhadas por sete municípios sul-mato-grossenses: Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo. O site ainda informa que há também famílias Terena vivendo em Porto de Murtinho (na Terra Indígena Kadiweu), Dourados (TI Guarani) e no estado de São Paulo (TI Araribá, Vanuíre e Icatu). De acordo com os dados do site, a língua terena é falada pela maioria das pessoas que se reconhecem, hoje, como Terena. O mapa abaixo (Figura 25), exibe as áreas indígenas Terena em Mato Grosso do Sul.

Figura 25 - Mapa das áreas indígenas Terena



Fonte: NASCIMENTO (2012, p. 25).

[44] Fonte de informação: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena#Localiza.C3.A7.C3.A3o_e_popula.C3.A7.C3.A3o. Acesso em 20 de setembro de 2021.

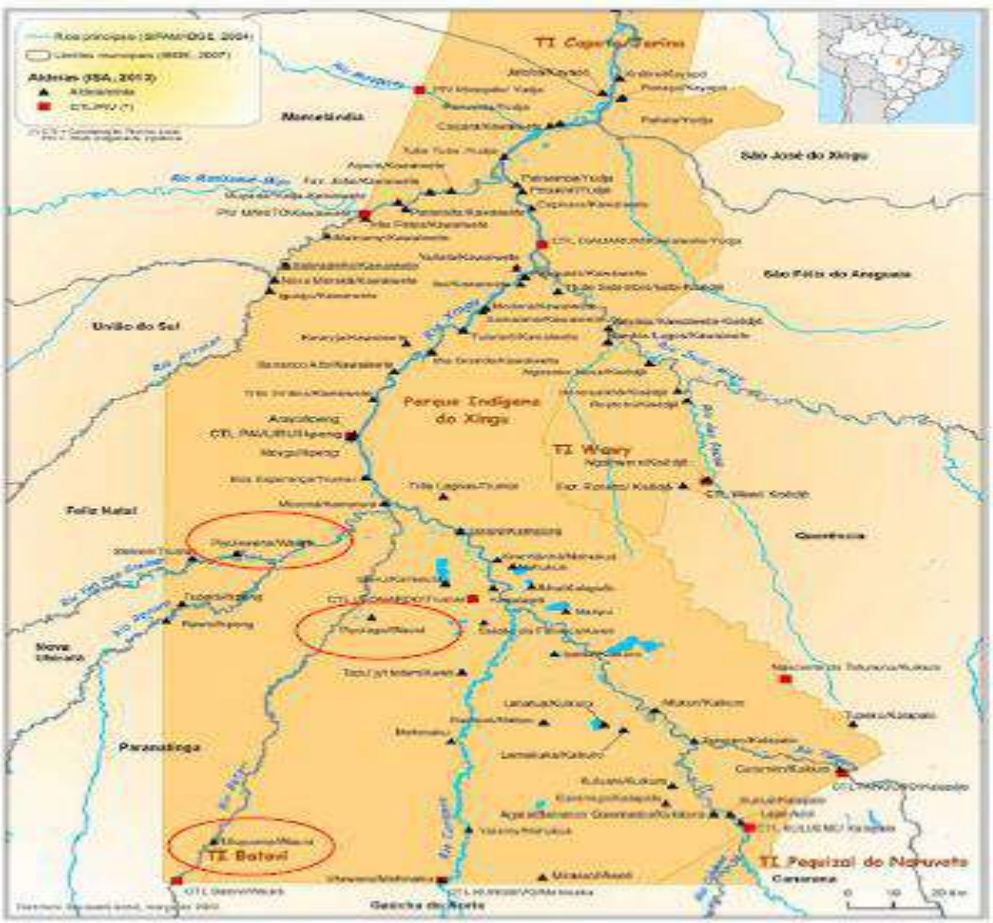
Nascimento (2012) informa que antes de habitarem as terras do Mato Grosso do Sul, os Terena habitavam o Êxiva, cuja localização atual é conhecida como Chaco. Nesta época os povos Arawak que habitavam o Êxiva eram conhecidos como Guaná pelos conquistadores espanhóis. A língua Terena faz parte do subgrupo das línguas Arawak faladas ao Sul, ou línguas Arawak da região Bolívia-Paraná (cf. PAYNE, 1991) ou Bolivia-Mato Grosso do Sul (cf. RAMIREZ, 2001a).

No que diz respeito à descrição linguística, a língua exibe uma boa descrição gramatical. Os primeiros esboços gramaticais foram feitos por Bendor-Samuel (1960) e Ekdhal e Butler (2012, 2014). Além desses autores, vários outros trabalhos atuais que tratam dos aspectos gramaticais da língua Terena foram realizados, tais como: o de Rosa (2010), Nascimento (2012), Oliveira (2021), com exceção do Bendor-Samuel (1961, 1963), todos os outros trabalhos são utilizados para analisar os aspectos morfológicos da língua Terena nesta tese.

3.5.2.12 Wauja (Waurá)

De acordo com as informações do ISA (2021), os Wauja habitam as proximidades da lagoa *Piyulaga*, que pode ser traduzida por "lugar" ou "acampamento de pesca", e que também dá o nome à aldeia. A lagoa está ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu, estado do Mato Grosso. Postigo (2014) informa que os Wauja são uma população de aproximadamente 410 pessoas e estão divididos em três aldeias: Piyulaga, Piyulewene e Ulupuene. Segundo a autora, apenas a aldeia Piyulaga é reconhecida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), as demais são extremamente pequenas e constituídas por algumas poucas famílias (cf. POSTIGO, 2014). A figura 26 abaixo exibe o mapa da área indígena dos Wauja.

Figura 26 - Área indígena dos Wauja



Fonte: POSTIGO (2014, p.33).

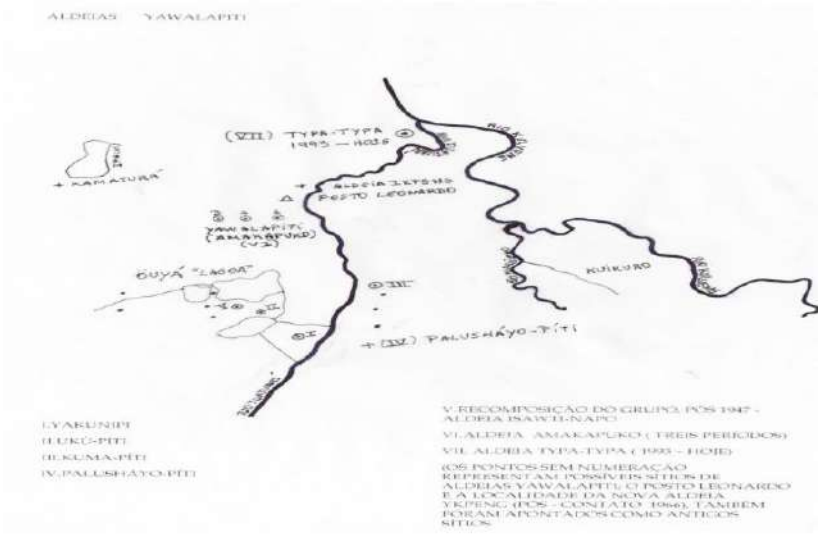
A língua faz parte do subgrupo Pareci-Xingu. De acordo com Postigo (2014), os Wauja mantêm vivo o uso do idioma materno e ele é usado em comunicações diárias por todas as faixas etárias: crianças, jovens, adultos e anciãos. Deste modo, a língua ainda é bastante viva. No que diz respeito aos trabalhos linguísticos, poucas foram as descrições encontradas. Um dos primeiros esboços gramaticais sobre a língua foi realizado por Richard (1973, 1977, 1988). Além dos trabalhos desse autor, a tese de Postigo (2014) é um estudo mais atual que trata sobre os aspectos gramaticais de Wauja. Dentre esses trabalhos, utilizaremos como base a tese de Postigo (2014) para verificar as propriedades morfológicas dessa língua.

3.5.2.13 Yawalapiti

Segundo as informações do ISA (2022), o povo Yawalapiti vive na porção sul do Parque Indígena do Xingu região que ficou conhecida como Alto Xingu, em que grupos falantes de diferentes línguas compartilham em grande medida um mesmo repertório cosmológico, com modos de vida semelhantes e articulados por trocas comerciais,

casamentos e cerimônias inter-aldeias (cf. ISA, 2022). De acordo com o site, o nome *Yawalapiti* significa “aldeia dos tucuns” e é hoje usado pelo grupo como autodenominação. Sengudo o ISA (2022), os Yawalapiti contam que “aldeia dos tucuns” seria a localização mais antiga de que se recordam e está situada entre o Posto Diauarum e o travessão Morená (sítio próximo à confluência dos rios Kuluene e Batovi). Atualmente, os Yawapiti estão situados mais ao sul, no encontro dos rios Tuatuari e Kuluene (cf. ISA, 2022). A figura 27 abaixo exibe a localização das aldeias Yawalapiti.

Figura 27 - Mapa da localização das aldeias Yawalapiti



Fonte: Rocha (2014, p. 73, 2021, p.25).

Infelizmente a língua está em um alto grau de vulnerabilidade, não sendo mais falada entre os jovens, sendo seus principais falantes, apenas idosos. A língua é agrupada no subgrupo Pareci-Xingu. Em relação aos trabalhos descritivos, eles são bem limitados. Uma gramática preliminar escrita por Mijuca (1992) e atualmente uma dissertação escrita por Yawalapiti (2021) que também expõe alguns aspectos gramaticais sobre a língua. Esses dois estudos serão fontes principais para analisar as propriedades morfológicas do Yawalapiti.

2 PARTE: A ESTRUTURA DA PALAVRA NAS LÍNGUAS ARAWAK; DERIVAÇÃO; COMPOSIÇÃO; REDUPLICAÇÃO

4 A ESTRUTURA DA PALAVRA NAS LÍNGUAS ARAWAK

Neste capítulo, tratamos exclusivamente da estrutura das palavras nas línguas Arawak, principalmente, no que diz respeito aos traços essenciais para formação de palavras. O capítulo está dividido em cinco partes. Em §4.1 apresentamos um esboço teórico sobre um padrão de classes de palavras; em seguida, §4.2 informamos alguns conceitos centrais sobre o processo de formação de palavras; em §4.3 exibimos o processo de derivação nas línguas Arawak, como: nominalização (em §4.3.1), verbalização (em §4.3.2) e adjetivação (em §4.3.3). Em §4.4 demonstramos o processo de composição nessas línguas, exibindo os tipos de composição (em §4.4.1) e a relação desse fenômeno com incorporação nominal (em §4.4.2). E por fim, em §4.5 discutimos alguns pontos importantes sobre a reduplicação nessas línguas.

4.1 um padrão de classes de palavras

Sabemos que todas as línguas do mundo têm classes abertas e fechadas. Uma classe aberta, tipicamente, inclui os nomes e os verbos, enquanto as fechadas incluem pronomes, partículas, adposições etc. Os adjetivos podem fazer parte de uma classe aberta em algumas línguas, mas em outras, não. Todas as línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa exibem nomes e verbos. Aikhenvald (1999) afirma que a maioria das línguas tem também uma classe aberta de adjetivos e eles compartilham numerosas propriedades com os verbos, sendo muitas vezes considerados como verbos descritivos ou estativos. Em consonância com Aikhenvald (2015), as classes de palavras abertas podem aceitar novos membros, seja por meio de empréstimos ou via mudança de classes de palavras por derivação. Em contraste, a autora argumenta que os membros das classes fechadas são limitados, ou seja, eles podem ser listados exaustivamente, diferentemente, dos membros das classes abertas que nunca pode haver uma lista exaustiva de todos os membros de uma classe aberta (AIKHENVALD, 2015).

Deste modo, existem uma enorme variação entre as línguas no que diz respeito ao número e tipos de classes de palavras que elas possuem. Sendo assim, algumas línguas, por exemplo, podem ter três classes distintas, sendo as abertas mais comuns de nomes, verbos e adjetivos, enquanto outras podem ter apenas as duas classes abertas que são, predominantemente, as dos substantivos e as dos verbos. As línguas têm variações em

suas classes, deste modo algumas podem restrigir o uso de suas classes de palavras para funções específicas, por exemplo, o nome ele funciona para referenciar alguém ou algo no discurso, enquanto os verbos servem para predicação e os adjetivos como modificadores, principalmente dos nomes. Desta forma, algumas línguas exigem que as palavras sejam modificadas de várias maneiras para usá-las em outras funções, tais como: nominalizar verbos, verbalizar nomes e adjetivos para usá-los em predicação ou adjtetivizar nomes ou verbos para usá-los como modificadores.

Aikhenvald (2015) explica que os critérios essenciais para distinguir classes de palavras incluem: (i) estrutura morfológica e categorias que englobam obrigatoriamente flexão e derivação opcional para cada classe de palavras e (ii) funções sintáticas dos representantes das classes, refletindo as relações entre classes de palavras e elementos funcionais em uma oração. Conforme a autora, as categorias morfológicas de nomes incluem caso (marcação de função gramatical de um sintagma nominal em uma sentença), número inerente, gênero inerente, classificadores, marcação de posse e algumas vezes também uma relação de grau (aumentativo *vs* diminutivo). Já as categorias típicas associadas aos verbos citadas pela autora incluem: pronomes pessoais, número e gênero (para marcar concordância nos argumentos nucleados), tempo, aspecto, modalidade, evidencialidade, modo e derivação de mudança de valência (cf. AIKHENVALD, 2015). Aikhenvald (2015) afirma que as categorias típicas dos adjetivos podem incluir concordância de gênero e número, ambos determinados pelo nome dentro de um sintagma nominal (doravante SN) e comparação. Para autora, a marcação de gênero de um adjetivo é determinada pelo substantivo que o modifica e não é inerente ao adjetivo.

Dixon (2021, p. 15) afirma que "as palavras lexicais correspondem as aberturas na estrutura da frase-núcleo e modificador"[45]. O autor assinala que alguns idiomas não são feitos alterações na raiz lexical e em outros podem ser aplicados o processo de derivação ou flexão. Assim, Dixon (ibidem) argumenta que uma palavra pode ser construída da seguinte forma: (i) começa com uma raiz lexical; (ii) opcionalmente pode-se aplicar um processo derivacional à raiz, isso pode envolver adição de um afixo ou modificação interna de acento ou tom e, por fim, após a aplicação de todos os processos derivacionais, em (iii), o radical final deve receber uma flexão obrigatória adequada à sua classe de palavras. Dessa maneira, as classes de palavras são reconhecidas com base em critérios gramaticais internos e as principais classes são de palavras abertas, ou seja, novos

[45] Lexical words (lexemes) correspond to the slots in phrase structure—head and modifier.

membros são adicionados a elas, seja por derivação interna dentro de uma língua, ou através de empréstimos (cf. DIXON, 2021).

No que diz respeito aos critérios sintáticos, eles refletem a relação entre classe de palavras e compartimentos funcionais (AIKHENVALD, 2015). Os critérios funcionais são:

> (23) DENTRO DE UMA ORAÇÃO
>
> (a) predicado obrigatório ou núcleo do predicado;
> (b) Argumentos centrais obrigatórios A, S, O e E (argumento estendido, por exemplo, de um verbo bitransitivo) e também um sujeito cópula (CS);
> (c) Complemento cópula (CC);
> (d) periferias e oblíquos.
>
> (AIKHENVALD, 2015, p.83)

> (24) DENTRO DE UM SINTAGMA
>
> (a) Núcleo de um SN (incluindo possessor e possuído dentro de um SN)
> (b) Modificador dentro de um SN;
> (c) Modificador de um verbo.
>
> (AIKHENVALD, 2015, p.83)

Aikhenvald (2015) aponta que em muitas línguas, tais como o Latim e Dyirbal, o núcleo de uma oração transitiva ou intransitiva tem que ser um verbo e, argumentos e oblíquos podem apenas ser nomes, enquanto adjetivos são cópulas complementos e modificadores em SN. A autora argumenta que em Tariana, verbos, nomes, adjetivos e advérbios podem nuclear um predicado intransitivo e apenas verbos podem nuclear um predicado transitivo. Além disso, nomes e adjetivos, mas não verbos ou advérbios podem ser núcleos de SNs. Apenas adjetivos podem ser modificadores típicos em SNs e normalmente apenas advérbios modificam o verbo (cf. AIKHENVALD, 2015). De acordo com a autora, a morfologia derivacional tem que ser aplicada às classes de palavras para ocupar os compartimentos funcionais. Assim, "um adjetivo ou um nome tem que tomar um sufixo derivacional para ser capaz de nuclear uma oração transitiva" (AIKHENVALD, 2015, p. 83)[46]. A autora ainda afirma que "para nuclear um SN, ou servir como modificador, um verbo deve ter um classificador em sua função de derivação" (ibidem)[47].

[46] An adjective or a noun has to take a derivation suffix to be able to head a transitive clause.
[47] To head an np, or to serve as a modifier, a verb must take a classifier in its derivation function. The very existence of word-class-changing derivations, and the necessity of applying them under given

Aikhenvald (2015) argumenta que a própria existência de derivações que mudam de classe de palavras, e a necessidade de aplicá-las sob determinadas circunstâncias sintáticas, demonstra a realidade das classes de palavras. Isso apesar de alguma sobreposição sintática entre elas. Portanto, podemos observar que as classes de palavras mais frequentemente são abertas nas línguas e podem exibir diferentes funções gramaticais dentro de um sintagma ou na sentença.

Assim sendo, a estrutura das palavras nas línguas do mundo é um processo que exibem William Muniz diferentes categorias gramaticais que resultam em novos lexemas e categorias, além de possibilitar novas funções sintáticas dentro de uma língua. Para Gonçalves (2019), a função de mudança de classe possibilita adequação sintática e a manifestação de novos significados a partir de processos de formação em que base e produto diferem na especificação categorial. O autor ainda argumenta que os processos de formação de palavras nem sempre são vinculados a uma mudança de classe, por isso, a função de mudança de categoria não é a principal motivação para se criarem novas construções morfologicamente complexas (GONÇALVES, 2019). Importante mencionar que predominantemente, as classes abertas como os nomes, verbos e adjetivos tendem a realizar novas palavras que contêm novos significados, mudança de categoria sintática e função, isso é o que vamos verificar nas seções que seguem.

4.2 Alguns conceitos centrais sobre processos de formação de palavras

De acordo com Haspelmath (2002) os lexemas são entidades abstratas e podem ser pensadas como conjuntos de formas de palavras, já as formas de palavras são entidades concretas que pertencem a um lexema. Por exemplo, a forma-palavra '*vive-m-o-s'* pertence ao lexema *'viv-e-r'*. Contudo, diferentes lexemas podem estar relacionados entre si; esse conjunto de lexemas relacionados é chamado de *família de palavras* (HASPELMATH, 2002). Desse modo, a *família de palavras* são lexemas diferentes que são ligados a uma raiz comum. Por exemplo, no português, a raiz *'cant-'* pode ser a base de origem do verbo cantar que deriva o nome *cantor (cantora)*, fazendo com que a categoria gramatical mude de verbo para um nome.

Assim, Haspelmat (2002) argumenta que existem dois tipos de processos morfológicos entre palavras para qual dois termos técnicos são comumente usados: Flexão (=MORFOLOGIA FLEXIONAL: a relação entre *formas de palavras* de um lexema) e

---

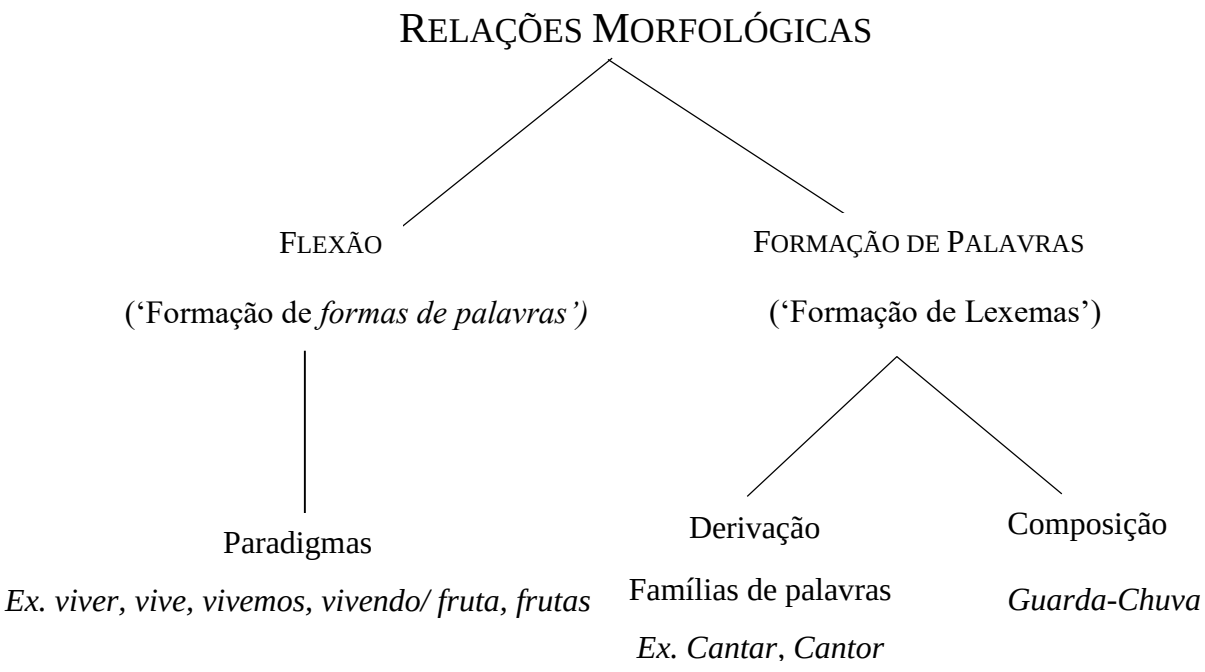
syntactic circumstances, demonstrates the reality of word classes. This is despite some syntactic overlap between them (AIKHENVALD, 2015, p. 83)

Derivação (=MORFOLOGIA DERIVACIONAL: a relação entre lexemas de uma *família de palavra*). Haspelmath (2002) afirma que morfologistas usam os verbos correspondentes como flexionar ou derivar. Sendo assim, poderíamos dizer que o lexema *'viver'* pode ser flexionado por número, tempo e modo e o lexema '*cantor'* é derivado de o lexema *'cantar'*. Conforme Dixon (2021), um processo derivacional aplicado a uma raiz produz um radical, nesse caso, no português, *–cant* é o radical do verbo cantar.

Além desses dois processos, Haspelmath (2002) explica que algumas palavras morfologicamente complexas podem pertencer a duas ou mais *famílias de palavras* simultaneamente. Por exemplo, a palavra no português *'guarda-chuva*' pertence tanto à família do lexema *'guardar'* quanto da família do lexema *'chuva'*, tal relação é chamada de composição e lexemas como *'guarda-chuva'* são chamados de lexemas compostos. Para Haspelmath (2002, p.16) "A composição é frequentemente agrupada com a derivação sob a categoria de formação de palavras (isto é, formação de lexemas)"[48]. A figura 28, abaixo, de Haspelmath (2002, p.16) resume a distinção dessas operações morfológicas.

[48] Compounding is often grouped together with derivation under the category of word formation (i.e. lexeme formation. (HASPELMATH, 2002, p.16).

Figura 28 - Esquema de subdivisão morfológica



Fonte: HASPELMATH (2002, p.16).

De acordo com Aikhenvald (2007a), a formação de palavras é responsável pela organização estruturada do léxico. Desse modo, "o léxico é geralmente concebido como uma lista das correspondências forma-significado convencionalizadas pelos falantes, mas que são amplamente arbitrárias" (AIKHENVALD, 2007, p.1)[49], podendo essa lista ser organizada estruturalmente ou não. A autora argumenta que a principal função da formação de palavras é o enriquecimento do léxico pela formação de novas palavras. Desse modo, quando o falante cria ou emprega uma nova palavra morfologicamente ele tem vários tipos de motivações (mais ou menos icônica).

Haspelmath (2000) argumenta que as palavras podem ser classificadas por vários critérios, tais como: propriedades fonológicas (ex. palavras monossilábicas *versus* palavras polissilábicas), fatores sociais (ex. vocabulário geral *versus* vocabulário técnico) e história da língua (ex. palavras emprestadas *versus* palavras nativas). Basílio (2004) explica que a utilização e a criação de construções morfológicas estão relacionadas às necessidades de nomeação, de adequação ao contexto sintático e de intenções do usuário

[49] The lexicon is usually conceived of as a list of the form–meaning correspondences conventionalized by speakers, but which are largely arbitrary (AIKHENVALD, 2007, p.1).

da língua. Sendo assim, percebe-se que a formação de itens lexicais é um fenômeno necessário que o falante utiliza para nomear e categorizar entidades ou referentes.

Sendo assim, é importante, primeiramente, definir o conceito de palavra que conforme Aikhenvald (2007) tem pelo menos duplo sentido, uma vez que muitas línguas fazem a distinção entre palavra *fonológica* e *gramatical*. A autora define a palavra fonológica como uma unidade prosódica não menos que uma sílaba e que os critérios interlinguísticos usados para distinguir a palavra fonológica incluem: (i) acento e outras características prosódicas e (ii) fonotática e regras fonológicas que se aplicam tanto internamente quanto através das palavras. Já uma palavra gramatical consiste em uma série de elementos gramaticais que (i) sempre ocorrem juntos, ao invés de espalhados pela oração; (ii) ocorrem em uma ordem fixa e (iii) têm uma coerência e significado convencionalizados, ou seja, está relacionado ao número de morfemas por palavra e a expressão de categorias gramaticais que são obrigatórias para que uma palavra gramatical seja bem formada em uma determinada língua[50].

De acordo com Haspelmath (2001), em todos os idiomas, as palavras (e classes inteiras de palavras) podem ser divididas em duas grandes classes: *palavras de conteúdo e palavras de função.* O autor argumenta que os substantivos, verbos, adjetivos e advérbios são palavras de conteúdo, enquanto que adposições, conjunções e artigos, bem como auxiliares e palavras classificadas como 'partículas' são palavras funcionais. Haspelmath (2001) assinala que as classes de *palavras de conteúdo* são geralmente abertas (ou seja, aceitam novos membros em princípio) e grandes (compreendendo centenas ou milhares de palavras) e também tendem a ter um significado específico e concreto. Em contraste, o autor aponta que as classes de palavras funcionais são geralmente fechadas e pequenas, e as palavras funcionais tendem a ter um significado geral abstrato (ou nenhum significado, mas apenas uma função gramatical em construções específicas).

Em muitas línguas, as palavras de conteúdo podem formar novos itens lexicais a partir de uma palavra base já existente. Aikhenvald (2007a) explica que a formação de palavras é tradicionalmente dividida em dois tipos: *derivação e composição*, sendo que na composição os constituintes de uma palavra são os próprios lexemas e, eles podem ser livres, enquanto que isso não ocorre na derivação que se utiliza de diferentes classes de morfemas presos e de processos morfológicos para formar novas palavras. Esses dois

[50] Nesta tese, focaremos na palavra como unidade gramatical, verificando as mudanças de categorias e sua semântica.

processos bastante comum nas línguas do mundo são presentes nas línguas Arawak, é que verificaremos nas seções seguintes.

4.3 Analisando o processo derivacional nas línguas Arawak: Nominalização, verbalização e adjetivação

O processo de derivação nas línguas Arawak é bastante produtivo, como já mencionado por Aikhenvald (1999, 2020). Antes de iniciar a análise sobre esse fenômeno nas línguas de análise, é importante escrever alguns conceitos sobre o processo de derivação. Para Booj (2007), a função básica dos processos de derivação é possibilitar uma língua de fazer novos lexemas através daqueles que já existem. Os lexemas pertencem às categorias gramaticais tais como nome, verbo e adjetivo e os lexemas derivados podem pertencer para uma diferente categoria daquela da sua base (BOOJ, 2007) ou ainda não mudar sua categoria.

Por exemplo, a prefixação de *in-* (ex. *in-feliz*, *in-adequado*, *in-eficaz* etc) é um caso típico de mecanismo no português que não altera a natureza categorial sintática da base, tanto a base quanto o novo lexema formado a partir da prefixação de *in-* fazem parte de uma mesma categoria gramatical, dos adjetivos. A mudança ocorre apenas na função semântica.

Conforme Anderson (1992, p.184) a derivação "refere-se à operação de uma classe de regras de formação de palavras dentro do léxico: especificamente"[51], ou seja, a derivação é uma regra de formação de palavras que consiste, em muitas vezes, em mudar a categoria sintática de uma determinada palavra. Contudo, isso não é uma regra, já que ela pode apenas mudar o sentido, sem interferir na categoria gramatical. Em consonância com Bybee (1985), existem dois tipos de morfemas derivacionais: aqueles que mudam a categoria sintática da palavra para qual eles se aplicam e aqueles que não mudam a categoria. Em Mehináku (Arawak), por exemplo, a afixação de um classificador em um nome muda o sentido do nome, mas não sua categoria gramatical (ex. /ulɛː/ 'mandioca' > /ulɛː-**pe**/ mandioca-CLF: MASSA = 'beijú (Lit. Massa de mandioca) ', CORBERA-MORI, 2012a, p.143). De acordo com Anderson (1992), as regras de derivação podem se referir à categoria lexical, à subcategorização sintática (ex. causativização), à semântica e à estrutura de argumento e dos radicais aos quais se aplicam. Porém, uma regra

[51] refers to the operation of a class of Word Formation Rules within the lexicon: specifically, (ANDERSON, 1992, p.184).

derivacional também pode deixar a semântica de um item inalterada ou sua sintaxe, como vimos no exemplo de /ulɛː/ ‘mandioca’ e alguns casos de valência verbal, como a causatividade.

Haspelmath (2002) explica que significados derivacionais são muito mais diversos do que as categorias flexionais. Além de apresentarem significados translinguisticamente amplos tais como os nomes agentivos. Como dito anteriormente, padrões derivacionais comumente mudam a classe de palavra da base lexical, ou seja, nomes podem ser derivados de verbos, adjetivos de nomes, assim por diante. Tradicionalmente, Haspelmath (2002) e também Anderson (1992) denominam termos como *denominal* para derivados de nomes, *deverbal* para derivados de verbos e *deadjetival* para aqueles derivados de adjetivos, esses três tipos são os mais comuns de observar em processos derivacionais nas línguas do mundo.

Como explicado em §4.2, as palavras são divididas em classes abertas e fechadas. Na maioria das línguas, nomes, verbos e adjetivos formam uma classe aberta. Para Booj (2007), tais classes podem ser estendidas por meio de formação de palavras. Diferentemente, palavras funcionais, tais como determinantes, conjunções, pronomes e adposições formam uma classe fechada e não podem ser estendidas por padrões regulares de formação de palavras. Desse modo, processos de formação de palavras geralmente ocorrem com palavras que pertencem a uma classe aberta. A derivação é um tipo de processo que ocorre neste sentido.

Aikhenvald (2007) afirma que a derivação opera com diferentes tipos de morfemas. Os morfemas presos, geralmente, são classificados em raízes e afixos. As raízes transmitem significado lexical e os afixos formam especificações (AIKHENVALD, 2007). Para a autora, uma raiz é tradicionalmente definida como uma parte de uma palavra que permanece após a remoção dos afixos flexionais ou derivacionais, assim, a distinção entre afixos e raízes é geralmente justificada pelo fato de que afixos podem ser listados exaustivamente, enquanto, as raízes constituem uma classe aberta. Aikhenvald (2007) afirma que línguas fusionais e sintéticas tendem a ter radicais que são diferentes das raízes. Dessa maneira, ela explica que radical (ou base) é uma forma presa que se combina com afixos derivacionais. Desse modo, diferentes afixos derivacionais podem selecionar diferentes raízes ou radicais.

Portanto, funcionalmente, os tipos derivacionais podem mudar a classe de palavras ou subclasses e, formalmente, eles são afixados nas raízes ou radicais. Os afixos mais contínuos na formação de palavras são em uma escala hierárquica: os sufixos,

seguido dos prefixos, já os infixos circunfixos são menos produtivos nos processos derivacionais (cf. HASPELMATH, 2002). Esses afixos também podem exibir outros tipos de fenômenos sintáticos como a recursividade, além de mudar a ordem dos constituintes. Os afixos utilizados na nominalização, por exemplo, podem também expressar uma oração relativa ou subordinada em determinadas línguas. Nas línguas Arawak, por exemplo, os afixos nominalizadores também são utilizados em orações relativas/subordinadas. Isso é bastante comum em línguas ameríndias da América do Sul (cf. GIJN *et al* 2011). O exemplo em (25) exibe isso em Lokono (Arawak).

(25) Lokono-Arawak

a. Li wadili [Ødia-***thi*** jon]
ART-M Homem Ø-falar-NMLZ-M ADV

'the man who spoke there...'
'O homem que falou lá'

b. To hiaro [Øsoko-***tho***-ta ada]
ART-F Mulher Ø-cortar-NMLZ-F-FUT madeira

'the woman who will chop the wood...'
'A mulher que vai cortar a madeira'

(PET, 2011, p.22)

Nos exemplos acima, observamos que, as formas *–thi/-tho* ('sufixos nominalizadores masculino e feminino') são atachadas aos verbos para criarem orações relativas. Esses morfemas também podem criar nomes a partir de uma base verbal (cf. Pet, 2011). Desse modo, os exemplos acima foram apenas para demonstrar que o processo de derivação é bastante produtivo, principalmente nas línguas ameríndias, podendo fazer derivações que vão além de mudança categórica de uma determinada palavra, como é o caso de morfemas nominalizadores que também têm função de derivar orações relativas. Nesta tese, focamos na análise em três processos derivacionais: nominalização, verbalização e adjetivação. Todos eles serão descritos nas subseções sequentes.

4.3.1 Nominalização nas línguas Arawak

Todas as línguas têm uma forma de ajustar a categoria gramatical de uma raiz. A nominalização é um processo que ajusta essa categoria (PAYNE, 1997). Esse fenômeno significa em sua essência tornar algo em um nome (COMRIE E THOMPSON, 2007). De acordo com Lemus-Serrano (*no prelo*), a nominalização é um processo de aquisição de propriedades nominais que se aplica ao nível semântico, morfológico e sintático. Para a autora, este processo é concebido como uma operação de transformação entre uma entrada (*input)* que seria, por exemplo, o elemento ao qual se aplica a operação (o radical/

a raiz), e uma saída *(output)*, o elemento que resulta dessa operação. Quando falamos de nomes deverbais, estamos afirmando que tais nomes são resultados de derivações verbais (V > N), ou seja, eles são de origem verbal. Esse processo é bastante produtivo com verbos nas línguas Arawak, ocorrendo praticamente em quase todas elas, já com adjetivos, a nominalização não parece ser tão produtiva. De fato, o interesse maior desta subseção será analisar as operações que permitem um verbo mudar sua categoria para um nome.

Thomas Payne (1997) afirma que um nome pode ser relacionado para um verbo de diferentes maneiras. Por exemplo, um nome pode se referir ao agente da ação descrita pelo verbo, ou sendo a ação de um verbo, ou seja, uma nominalização de ação. Sendo assim, "uma determinada língua vai empregar várias operações nominalizadoras que diferem funcionalmente, de acordo com a relação do nome resultante com o verbo original" (PAYNE, 1997, p. 223).[52] Comrie e Thompson (2007) dividem a nominalização em duas categorias: A CATEGORIA A retém propriedades dos verbos ou adjetivos em que os nomes estão relacionados e, a CATEGORIA B, que sintaticamente comporta-se, como outros nomes não derivados, carregando a morfologia e as relações semânticas com o verbo ou adjetivo associados.

Tanto Comrie e Thompson (2007) quanto Payne (1997) classificam a nominalização em: *(i) nominalização de estado ou ação*; *(ii) nominalização agentiva*; (i*ii) nominalização instrumental; (iv) nominalização locativa; (v) nominalização de modo; (vi) nominalização produtiva e (vii) nominalização de razão.* Entre as línguas analisadas, apenas a nominalização de razão não foi encontrada. De fato, esse tipo de operação aparenta ser incomum entre as línguas do mundo (cf. PAYNE, 1997). A partir disso, iniciaremos a nossa análise de acordo com essas categorizações de operações nominalizadoras, dividindo as línguas conforme os padrões de nominalização nas quais elas são atestadas, para que em seguida possamos estabelecer padrões desse processo nas línguas Arawak, verificando suas regularidades e diferenças.

4.3.1.1 Nominalização de estado/ação

De acordo com Comrie e Thompson (2007) muitas línguas utilizam um ou mais dispositivos para criarem nomes de ação de verbos ativos e nomes estativos de estado de verbos estativos (ou de adjetivos), significando o fato, o ato e a qualidade ou a ocorrência desse verbo ou adjetivo. Uma regra feita por Payne (1997, p.224) exibe esse tipo de

[52] A language will employ various nominalizations operations that differ functionally according to the resulting nous's semantic relationship to the original verb (PAYNE, 2007, p. 223).

operação em que um verbo designa um nome ativo ou estativo (V → N ação designada por V). Primeiramente, vamos analisar esse processo nas línguas que fazem parte do agrupamento Norte-Arawak e em seguida nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.1.1 Grupo Norte-Arawak

4.3.1.1.1.1 Subgrupo: Rio Branco: Wapixana

Deste subgrupo, analisamos a língua Wapixana. A nominalização de ação/estado nessa língua envolve a sufixação do morfema *–kaɽɨ* nos verbos ativos ou estativos, transformando-os em um nome abstrato de ação, como podemos verificar nos exemplos em (26) retirados de Santos (2006).

(26) Wapixana

a. ɨ-ɽɨ: ma-kaup-a-***kaɽɨ***
3M PRIV-banhar-EP-NMLZ

'Ele não (gosta de) banho'

b. Pɨ-saʔad pa-(a)ɽa-d-***kaɽɨ***
2-escrever um-falado-VBLZ-NMLZ

'Escreve uma palavra'

(SANTOS, 2006, p,136)

4.3.1.1.1.2 Subgrupo palikur: Palikur

Analisamos a língua Palikur deste subgrupo que exibe a nominalização de ação/estado através da afixação do sufixo *–ka* que forma nomes de ação, denotando o próprio processo (LAUNEY, 2003). Além disso, Launey (2003) afirma que esses nomes deverbais podem levar a forma *–aki*[53] em nomes derivados de verbos intransitivos e transitivos. Os exemplos em (27) exibem a nominalização de ação e em (28) a nominalização de estado em Palikur.

(27) Nominação de ação em Palikur

a. ayap	'perguntar'	>	ayap-***ka***	'demande/'solicitação'
b. tomak	'desenhar'	>	tomak-***ka***	'dessin'/ 'desenho'
c. akum	'fuma'	>	akum-***ka***	'fait de fumer'/ 'ato de fumar'
d. hinak	'dormir'	>	hinak-***ka***	'sommeil/ 'sono'
e. tuguh	'cair'	>	tuguh-***ka***	'chute'/ 'queda'
f. anha	'escrever'	>	anha-***ki***	'écriture/ 'escrita'
g. kumaduka	'ordenar'	>	kumaduka-***ki***	'autorité'/'autoridade'

[53] Launey (2003) explica que embora não seja uma regra absoluta, os nomes de ação/estado têm a forma –ki após /a/. No caso do –aki parece ser a junção do fonema /a/ que antecede o morfema {–ki}.

h. mpitha	‘defender’	>	mpitha-***ki***	‘empêchement/’impedimento’
i. arehwa	‘jogar’	>	arehwa-***ki***	‘jeu’/ ‘jogo’

(28) Nominalização de estado em Palikur

a. avis	‘temer’	>	avis-***ka***	‘peur’/ ‘medo’
b. batek	‘ser feliz’	>	batek-***ka***	‘joie’/ ‘feliz’
c. amiya	‘odiar’	>	amiya-***ki***	‘haine’/ ‘ódio’
d. taraksa	‘faltar’	>	taraksa-***ki***	‘faute’/ ‘culpa, erro’

(LAUNEY, 2003, p. 226-227)

4.3.1.1.1.3 Subgrupo do Caribe

Selecionamos a língua Garifuna deste subgrupo para analisar a nominalização de ação/estado. Observamos que essa nominalização ocorre com a sufixação de *–ni* em verbos que demonstram ação, derivando nomes de ação. Não verificamos nos dados analisados verbos derivando nomes estativos. Os exemplos em (29) exibem a nominalização de ação em Garifuna.

(29) Garifuna

a. Ígira ában káte abárase-ha l-ídan ásügürü-***ni***
Deixar um outro obstruir-DISTR 3.M-POSP passar-NMLZ

‘To leave something obstructing the path’
‘Deixar algo obstruir o caminho’

b. Ában bwí-t-i éybugu-***ni***
Um bom-TI-3.M andar-NMLZ

‘A good walk’
‘Uma boa caminhada’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.42)

c. Eweridiha ‘advertir’
Eweridiha-***ni***

‘Advertência’

d. Ideha ‘ayudar’/ ‘ajudar’
Ideha-***ni***

‘Ayuda’/ ‘Ajuda’

(QUESADA, 2017, p.62-63)

4.3.1.1.1.4 Subgrupo TA-Awarák ou Caribe

As línguas que foram analisadas deste subgrupo são Lokono e Wayuu (Guajiro), ambas exibem a nominalização de ação/estado. Em Lokono, a nominalização de ação e

estado se dá a partir da adição dos sufixos relativizadores *–thi* (masculino) e *–tho* (feminino). Essa nominalização ocorre quando uma oração relativa livre consiste apenas de uma única palavra, tomando um caráter de um nome. Nesse caso, esses sufixos têm uma função nominalizadora (PET,2011). Já em Wayuu, a nominalização resulta da ação do verbo a partir da afixação do sufixo *–la (a).* Os exemplos em (30) exibem a nominalização de ação/estado em Lokono e (33) em Wayuu.

(30) Nominação de ação em Lokono

a. Malhitan ‘criar’ > Malhita-***thi*** ‘Creation/ ‘Criação’

b. Dian ‘falar’ > Dia-***thi*** ‘Speaker’/ ‘Falante’

(31) Nominalização de estado em Lokono

c. Ajomyn ‘ser alto’ > Ajomyn-***thi*** ‘God’/ ‘Deus

d. Hehen ‘ser amarelo > hehe-***thi*** ‘Um amarelo’

(PET, 2011, p.23)

(33) Wayuu

a. Ashajaa ‘escrever’ > ashaja-***laa*** ‘escritura’/ ‘escrita’

b. Aˈyatawaa ‘trabalhar’ > aˈyataa-***laa*** ‘el trabajo/ ‘o trabalho’

(ÁLVAREZ, 2017, p.53)

4.3.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua

Os idiomas analisados neste subgrupo são Resígaro e Achagua. Em Resígaro o morfema *–tsí* é utilizado para nominalizar verbos ativos/estativos. Em Achagua, apenas encontramos um exemplo com o sufixo *–ni*, como podemos observar em (34) e (35) em Resigaro e (36) em Achagua, a seguir:

(34) Nominalização de ação em Resígaro

a. Ímú’ ‘dormir’ > ímaaká-***tsi*** ‘sleepness’/ ‘sonolência’

b. Emú ‘moder’ > emaaka-***tsi*** ‘a bite’/ ‘mordida’

(35) Nominalização de estado em Resígaro

c. Kaʔmu ‘estar fermentado’
Kaʔmaaká-***tsi***

‘Something fermented’
‘Algo fermentado’

d. Keʔmu ‘estar satisfeito’ > keʔpiiká-***tsi*** ‘satisfaction’/ ‘satisfação’

(ALLIN, 1976, p.111-112)

(36) Achagua

a. Li-kúnusia-***ni***
3SG.M-relacionar-se-NMLZ

‘Su amizad’/ ‘Seu amigo’

(WILSON, 1992, p.51)

4.3.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

As línguas que exibem a nominalização de estado/ação deste subgrupo são Baniwa de Içana, Tariana e Warekena. Em Baniwa, Ramirez (2001b) explica que o sufixo *–khe* (homófono ao *–khe* ‘gerúndio’) transforma um verbo em nomes que sinaliza uma ação ou estado verbal. Este morfema é mais comumente utilizado com o sufixo indepentizador *-ɨ̱ti*, obtendo a fórmula *i+verbo-khe-ɨ̱ti*, como podemos ver nos exemplos em (37) e (38) abaixo.

(37) Nominalização de ação em Baniwa

a. Wapiɲéeta ‘pensar’
i-wapiɲééta-***khé***-ɨ̱ti
CON-pensar-NMLZ-IND

‘Pensamento’

b. – déénhi
i-deenhi-***khe***-ɨ̱ti
CON-trabalhar-NMLZ-IND

‘Trabalho’

c. – iitsaɭéta ‘pescar’
i-iitsaɭéta-***khe***-ɨ̱ti
CON-pescar-NMLZ-IND

‘Pescaria’

d. –piiɻi ‘mandar’
i-piiɻi-***khé***-ɨ̱ti
CON-mandar-NMLZ-IND

‘Ordem’

e. –kawíɲa ‘pagar’
i-kawíɲa-***khé***-ɨ̱ti
CON-pagar-NMLZ-IND

‘Pagamento’

f. –kaʣeekáta ‘ensinar’
i-kaʣeekáta-***khé***-ɨ̱ti
CON-ensinar-NMLZ-IND

‘Ensino’

g. -ɲaíto ‘roubar’

i-ɲaíto-***khé***-t̪i
CON-roubar-NMLZ-IND

‘Roubo’

h. -íidza ‘chorar’
i-iidza-***khé***-t̪i
CON-chorar-NMLZ-IND

‘Choro’

i. iinóoka ‘brigar’
i-inóoka-***khé***-t̪i
CON-brigar-NMLZ-IND

‘Briga’

j. No-haameeta-ka-phia i-ɻapa-***khé***-t̪i-nako
1SG-ganhar de-SUB-2SG CON-dançar-NMLZ-N.POSS-LOC

‘Eu ganhei de ti na dança’

(RAMIREZ, 2001b, p.352)

(38) Nominalização de estado em Baniwa

a. –ɗzáami ‘estar doente’
i- ɗzáami-***khé***-t̪i
CON- estar doente-NMLZ-IND

‘Doença’

(RAMIREZ, 2001b, p.352)

A nominalização em verbos estativos parece ser um fenômeno pouco frequente, já que não conseguimos encontrar outros exemplos que exibem esse tipo de nominalização em Baniwa. Em Tariana apenas encontramos dois exemplos que mostram a nominalização de ação. Ela é realizada a partir da sufixação de *–nipe*, como podemos observar nos exemplos em (39) a seguir.

(39) Tariana

a. -dana- ‘escrever’

Nu-dana-***nipe***
1SG-escrever-NMLZ

‘My write’/ ‘Minha escrita’

b. -nu- ‘matar’

Di:-nu-***nipe***
3SG.N. F-matar-NMLZ

‘His kill (what he kills)’
‘Sua matança (o que ele mata) ’

(AIKHENVALD, 2018, p.86)

E por fim, em Warekena a nominalização de ação é realizada através dos sufixos: *-pitʃi, -Ø*, além do sufixo *–pe* que deriva nomes de ação de algum verbo intransitivo, estativo. Os exemplos, a seguir, em (40) e (41) exibem essa operação em Warekena.

(40) Nominalização de ação Warekena

a. Patata ‘trabalhar’
Patata-***pitʃi***
Trabalhar-NMLZ

‘Work’/ ‘Trabalho’

b. Waya ‘falar’
Waya-Ø

‘Speak’/ ‘Fala, discurso’

(41) Nominalização de estado em Warekana

c. Dabana ‘ser primeiro’
Dabana-***pe***
Ser primeiro-NMLZ

‘Start’/ ‘Começo’

d. Yawaya ‘ser cedo’
Yawaya-***pe***
Ser cedo-NMLZ

‘Early time’/ ‘Tempo cedo’

(AIKHENVALD, 1998, p.319)

4.3.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

Em Baré, Aikhenvald (1995) apresenta um esboço preliminar dos tipos de sufixos que são usados para derivar nomes de verbos ativos e estativos, são eles: *–waka, -Ø, ɻi(hi), -haɻi, -uɻi, -kaɻi*. Esses sufixos também podem derivar outros tipos de nominalizações que serão descritas ainda nessa seção, por agora, verificaremos a nominalização de ação e estado em Baré nos exemplos abaixo.

(42) Nominalização de ação em Baré

a. - makhi ‘to ende’/ ‘finalizar’ > makhi-***waka*** ‘end’/ ‘fim’

b. -tai ‘make dark/ ‘escurecer’ > taisa-**uɻi** ‘dark’/ ‘escuro’

(43) Nominallização de estado em Baré

c. -heruda ‘secar’
heruda-***haɻi***

‘Dry season’/ ‘estação seca’

(AIKHENVALD, 1995, p. 21)

A partir dos exemplos ilustrados das línguas do grupo Norte-Arawak, podemos observar que esse tipo de nominalização é bastante produtiva nesses idiomas. Outra questão interessante de verificar é que os exemplos mostram que a nominalização em verbos ativos é muito mais comum do que em verbos estativos. Agora, verificaremos esse processo nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.1.2 Grupo Sul-Arawak

4.3.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso do Sul: Terena e Baure

As línguas analisadas deste subgrupo foram Baure e Terena. Em Terena, encontramos nos dados de Butter e Ekdall (2014), verbos estativos derivando nomes de estado a partir da sufixação de *–ko*, como podemos observar nos exemplos abaixo em (44).

(44) Terena

a. Xúnati ‘Estar forte’[54]

Xuná-***ko***
Ø=Xuná-ko
3SG=estar forte-NMLZ

‘A força dele’

b. Okóvo ‘Estar contente’

Êno	elóke-***ko***	ókovo
2SG	estar contente-NMLZ	ADV

‘Sua alegria é muita’

c. [55] Ø=xuxápa-ko Paulo
3=ser rápido-nmlz Paulo

‘A velocidade de Paulo’

(BUTTER E EKDALL, 2014, p.43; OLIVEIRA, 2021, p. 186)

A língua Baure exibe nominalização de ação e estado (qualidade). A nominalização de ação é realizada através da sufixação de *-čo* (que é homófono com o sufixo aplicativo *–čo* ‘APP’). Danielsen (2007) explica que esse tipo de nominalização refere-se diretamente à ação expressa pelo verbo, como podemos observar no exemplo (45) abaixo.

[54] *xunakoti* → Ø=xuna-ko-ti *(*3SG= estar forte-NMLZ-IND*)* ‘Força’. Assim como ocorre em Baniwa e em outras línguas Arawak que verificaremos aqui, quando este nome deverbal está na forma não possuída, ele ocorre com o sufixo *–ti* que é um sufixo bastante regular na família que significa forma ‘não possuída, indepentizador’.

[55] O dado em (44-c) foi retirado da tese de Oliveira (2021).

(45) Nominalização de verbos de ação em Baure

a. Tiwe ro=awantač to sipori iškon eto=no
CONJ 3SG.M=resistir ART sapo até terminar=3PL
teč no=wayiko-***čo*** teč pari
DEM 2M 1SG=construir-NMLZ DEM2M casa

‘But the frog resists until they finish building the house (Lit. building the house)’
‘Mas o sapo resistiu até eles terminarem de construir a casa (Lit. construção da casa) ’

b. To vi=imono-***čo*** nes nka-wo platô
ART 1PL=comprar-NMLZ carne NEG-COP dinheiro

‘There is no money for us to buy meat’
‘Não existe dinheiro para nós comprarmos carne’

(DANIELSEN, 2007, p.190)

No exemplo 45.b a forma nominalizada é usada para orações subordinadas. Danielsen (2007) explica que nominalização de ação é, principalmente, utilizada para um tipo de oração relativa e parar marcar complementização. Conforme a autora, não existem nomes lexicalizados que tenha sido derivado por *-čo*. A língua também apresenta o sufixo *–pi* para derivar nomes abstratos em bases adjetivas ou verbais. A autora explica que todos os verbos que sofrem esse tipo de nominalização são verbos estativos, exemplos de nomes derivados por *–pi* são dados a seguir:

(46) Nominalização de verbos estativos em Baure

c. –yari- ‘be angry’/ ‘estar brabo’
-Yoriri-***pi***

‘Angry’/ ‘raiva’

d. –aserok- ‘be strong’/ ‘ser forte’

(-) aseroko-***pi***

‘Strong’/ ‘força’

e. –kavi- ‘be drunk’/ ‘estar bebido’
Kaviro-***pi***

‘Drunkenness/ ‘embriaguez’

f. –maspoˈe ‘be crazy’/ ‘estar louco’
Maspoˈe-***pi***

‘Crazy’/ ‘loucura’

g. –aper- ‘be lazy’/ ‘ser preguisoso’
Aperono-***pi***

‘Lazy’/ ‘preguiça’

(DANIELSEN, 2007, p.192)

4.3.1.1.2.2 Subgrupo: Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

As línguas que exibem nominalização de ação/estado deste subgrupo são Mehináku e Paresi-Haliti. Em Mehináku encontramos esse tipo de nominalização a partir dos dados coletados por De Felipe (2020). O autor não classifica a nominalização em Mehináku, observando só aspectos mais gerais. Contudo, ao observar esses dados, foi possível constatar que a língua apresenta nominalização de verbos estativos que resultam em nomes estativos. Essa nominalização, diferentemente do que foi mostrado até aqui, envolve a nasalidade da última vogal que ocupa o núcleo da última sílaba do verbo quando é nominalizada passa a ser uma vogal nasal /v → ṽ/ (cf. DE FELIPE, 2020). Os exemplos abaixo exibem a nominalização de ação e estado na língua Mehináku.

(47) Mehináku

a. Nu=katika=pai > nu=katik*ã*
1SG=estar-frio-IMPFV 1SG=gelado/frio
'Eu estou com frio' 'meu gelado/frio'

b. N=imira=pai > n=imir*ã*
1SG=estar-calor-IMPFV 1SG=suor
'Eu estou com calor' 'meu suor'

(DE FELIPE, 2020, p.364)

Em Paresi, esse tipo de nominalização é bastante produtiva, uma vez que ela ocorre com verbos ativos e estativos, derivando nomes que resultam em uma ação ou um estado. Brandão (2014) explica que essa nominalização carrega uma morfologia de inalienabilidade, ocorrendo com o sufixo não-possuído *–ti* (assim como ocorre em outras línguas Arawak). Quando este nome derivado está possuído, ele carrega com os clíticos pessoais, o sufixo possessivo *–ne*. Esses nomes derivados referem-se para eventos ou para resultados de um processo, como podemos observar a seguir

(48) Nominalização de verbos de ação em Paresi-Haliti

a. Kaotse 'acordar'
Kaotse-***ti***/ Kaotse-ne
'Act of waking up'
'Ação de acordar'

b. Mairatya 'pescar'
Mairatya-ti/ Mairatya-ne
'Act of fishing'
'Ato de pescar'

c. Xaka ‘atirar’
Xaka-ti? Xaka-ne

‘Act of shooting’

‘Ato de atirar’

d. Ehare iraiti totahota enomana,
Ehare irai-ti tota-aho-ta en=om-ana
DEM falar-NPOSS direita-entrada-IMPFV 3SG=?LK-BENF
Z=om-ana hoka waiye
2PL=?LK-BENF COM Bom

‘It is good that this speech (speech) is clear to her and to all of you’ (xihatyoawihaliti)’
‘É bom que este discurso (fala) seja claro para ela e para todos vocês’ (xihatyoawihaliti)

(BRANDÃO, 2014, p.201-202)

Silva (2013) denomina essa nominalização em Paresí de tema e coloca o sufixo *–ti* como um nominalizador que se sufixa aos verbos transitivos e intransitivos. Já Brandão (2014) denomina essa nominalização de evento e apresenta um morfema *–Ø*. De fato, o *–ti* é um sufixo de não-possuidor de nomes inalienavelmente possuídos na maioria das línguas Arawak. Em consonância com Brandão (2014), o sufixo *–ti*, apenas assinala que o nome não está possuído. Além da nominalização de ação, existe também uma nominalização de resultado, que deriva nomes de verbos estativos. Essa nominalização ocorre a partir da afixação do prefixo *z-* (~z-~x-~zo-) para derivar nomes abstratos inalienáveis e também pode ocorrer com alguns verbos ativos para derivar nomes que se refere ao resultado de uma ação. Brandão (2014) afirma que esse processo não é produtivo. Tal prefixo co-ocorre com o sufixo não possuído *–ti* ou sufixo possuído *–ne*. Os exemplos abaixo mostram essa derivação.

(49) Nominalização de verbos estativos em Paresi-Haliti

a. Amaikoahare ‘be sad’/ ‘estar triste’
z-amaikoahare-ti

‘Sadness’/ ‘Tristeza’

b. Kiya ‘be black’/ ‘ser preto’
z-a-kiya-tya-ti

‘Dark’/ ‘Escuridão’

c. Ehare ‘be angry’/ ‘estar com raiva’
z-ehali-ti

‘Angry’/ ‘Raiva’

d. Ezoa ‘to fall’/ ‘cair’
z-ezoa-ti

‘Fall’/ ‘Queda’

e. Holikoa ‘to dance’/ ‘dançar
z-holikoa-ti
‘Dance/ ‘Dança’

(BRANDÃO, 2014, p.203)

4.3.1.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro

As línguas selecionadas (Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro) neste subgrupo exibem a nominalização de estado/ação. A língua Apurinã exibe nominalização de ação a partir da afixação do sufixo *–inhi*[56] em verbos de ação, resultando em um nome de ação. Não encontramos exemplos que demonstrem a nominalização em verbos estativos na língua. Os exemplos em (50) exibem nomes derivados de verbos ativos (ação).

(50) Apurinã

a. Nota muteka ‘eu corro’
Nota muteka-***inhi***
1SG correr-NML

‘My run’/ ‘Minha Corrida’

b. Sarawa-ta ‘jogar
Sarawa-ru a-sarawa-t-***inhi***
Existir/Ter-3M.OBJ 1PL-jogar-NMLZ

‘Here's our game’/ ‘Aí está o nosso jogo’

(FACUNDES, 2001, p.247)

Em Maxinéri a nominalização de verbos estativos e de ação ocorre através da sufixação de *–rɨ* (masculino) e *–ro* (feminino). Em verbos que são intransitivos a forma feminina não é permitida (cf. SILVA, 2013). Os exemplos em (51) exibem a nominalização de ação em Maxinéri e (52) ilustra a nominalização de verbos estativos

(51) Nominalização de ação em Maxinéri

a. ʧĩjaxa-***rɨ***
Chorar-NMLZ

‘Choro’

b. Sɨka-***rɨ***
Correr-NMLZ

‘Corrida’

(SILVA, 2013, p.68)

[56] Em Baniwa de Içana o sufixo *–khe* pode também derivar gerúndio (cf. RAMIREZ, 2001).

(52) Nominalização de estado em Maxinéri

c. Ka-xani-***ri***-no
Ter-casar-NMLZ-1SG

'Eu tenho marido/sou casada'

d. Ka-xani-***ro***-no
Ter-casar-NMLZ-1SG

'Eu tenho esposa/ sou casado'

(SILVA, 2013, p.64)

A língua Yine exibe o sufixo *–inri* para derivar um nome que se refere à ação expressada pela raiz verbal, os exemplos abaixo expressam esse tipo de derivação.

(53) Nominalização de verbos de ação em Yine-Piro

a. Nçemlɨ yahotkakinrira
[n-çena-lɨ] $_{pred}$ [Ø-yahota-kaka-***inri***-na]$_{NP:O}$
1SG-escutar-3SG.M 3-lutar-RECIP-NMLZ-PL

'I heard your fight'/ 'Eu escutei sua luta'

b. Cani n-yinɨwaka hinkakleta-le-ta-nɨ-lɨ
Agora 1SG-começar relacionar-SUBD-V_{CL}-ANTIC-3SG.M
n-hiyolika-***inri*** pirana hawa [hoʃa n-ya-***inri***]
1SG-caçar-NMLZ história de CONJ floresta- 1SG-ir-NMLZ

'Now I will begin to tell the story of my hunt and my entry into the forest'

'Agora vou começar a contar a história da minha caça e minha entrada na floresta'

(HANSON, 2010, p.187)

A língua também exibe o sufixo *–nɨ* que deriva nomes abstratos que nomeia uma propriedade, qualidade ou produto relacionada à raiz do lexema. Diferentemente do que observamos até agora, a nominalização de nomes estativos pode ocorrer com advérbios (54 a-b), adjetivos (55 c-d) e em verbos (56-e), como podemos observar nos exemplos a seguir.

(54) Nominalização de nomes abstratos com advérbios em Yine-Piro

a. Temo 'high, deep'/ 'alto, profundo'
Ten***nɨ*** 'height, depth'/ 'altura, profundidade'

b. Teyakna***nɨ*** 'agile'/ 'ágil'
Teyaknan***nɨ*** 'speed'/ 'rapidez'

(55) Nominalização de nomes abstratos com adjetivos em Yine-Piro

c. Sero 'red'/ 'vermelho'
Ser***nɨ*** 'color'/ 'cor'

d. Poniko 'flavourful'/'saboroso'

Ponik***ni*** ‘flavour, taste’/ ‘sabor’

e. Yoʃihata ‘dazzle’/ ‘deslumbrar-se’
Yoʃih***ni*** ‘glory’/ ‘glória’

(HANSON, 2010, p.181)

4.3.1.1.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka Perené, Caquinte e Nanti

Das três línguas pertencentes a esse grupo, apenas não conseguimos encontrar dados desse tipo de nominalização em Nanti, aliás, Michael (2008) afirma que a nominalização em geral é um processo que tem se perdido na língua.

A nominalização de ação/evento em Ashéninka é formada a partir de raízes verbais com a ajuda do sufixo composto *–antsi*, como podemos verificar a seguir:

(56) Nominalização de ação/evento em Ashéninka Perené

a. Mana-t-***antsi***
Lutar-EP-NMLZ
‘Fight’/ ‘Luta, combate’

b. Matsi-t-***antsi***
Enfeitiçar-EP-NMLZ
‘Witchcraft’/ ‘Feitiçaria’

c. Sampi-t-***antsi***
Perguntar-EP-NMLZ
‘Interrogation, inquiry/ ‘Interrogatório, inquérito’

(MIHAS, 2015, p.430)

Já a nominalização de estado/qualidade é derivada de verbos por meio do sufixo *–nka*, como podemos observar no exemplo em (58).

(58) Nominalização de estado/qualidade em Ashéninka

d. *(tzimatsi)* osheki i-shintsi-***nka***
Existir muito 3M.POSS-ser forte-NMLZ
‘He has a lot of strength’
‘Ele tem muita força’

(MIHAS, 2015, p.429)

A nominalização de estado/qualidade também pode ser realizada a partir dos nominalizadores compostos formados com *–ri* e *-ro* e o sufixo *–ntsi* (que é homófono ao marcador de posse não especificada *(-n)tsi* (cf. MIHAS, 2015). Os exemplos em (59) exibem esse processo.

(59) Nominalização de estado/qualidade por *–rintsi* ou *–rontsi*

e. Ki-a-***ro-ntsi***
Enter-EP-NMLZ-NMLZ

‘Rainy season’/ ‘Estação chuvosa’

f. No-yamantsi-te mantsiya-***rontsi*** o-na-tz-i
1SG.POSS-resfriado-POSS estar doente-NMLZ 3N.M.S-Estar-EP-REL

‘My cold is a disease’
‘Meu resfriado é uma doença’

(MIHAS, 2015, p.430)

Em relação ao Caquinte não conseguimos encontrar muitos exemplos sobre nominalização em geral. Contudo, encontramos apenas um exemplo de nominalização de estado, com o sufixo *-ri* que nominaliza o verbo de ação ‘anoitecer’.

(60) Canquinte

a. Pitsek-a-***ri***
Anoitecer-EP-NMLZ

‘Noche’/ ‘Noite’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.135)

4.3.1.1.2.5 Subgrupo Amuesha

A língua Amuesha exibe nominalização de estado através da sufixação dos afixos: *– e*ˈ e suas variantes: *añ-/-ñ e –eñ*, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(61) Nominalização de ação em Amuesha

a. –porrarr ‘secarse’/ ‘secar’
Porrarr-***e***ˈ

‘Cosa seca’/ ‘coisa seca’

b. –morrent ‘amar’
Morrente-***eñ***-e-ts

‘El amor/ ‘amor’

c. –coc̃areˈt ‘Persecución’/ ‘perseguir’
Coc̃areˈt-***eñ***-e-ts

‘Persecucion’/ ‘perseguição’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.38; p. 39 (c))

(62) Nominalização de estado em Amuesha

d. –Atsn ‘enfermase’/ ‘ficar doente’
Atsn-***ãn***-e-ts

‘Enfermedad’/ ‘enfermidade’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.38)

A nominalização de ação/estado nas línguas do grupo Sul-Arawak selecionadas é um processo bastante produtivo, embora algumas delas como Nanti, Waujá e Yawalapiti (Grupo Sul-Arawak) não exibem descrições sobre a nominalização. Assim, podemos observar que nomes derivados de verbos de ação/estado são aqueles que se referem a

atividade ou estado do verbo designado. Em seguida, analisaremos a nominalização de participantes.

4.3.1.2 Nominalização de participantes (Agente/Paciente)

De acordo com Payne (1997, p.225), uma nominalização participante é uma estratégia de nominalização baseada no verbo que resulta em um nome que se refere a um dos participantes de uma raiz verbal.Sua fórmula é : [V → N $_{\text{participante}}$ do V]. O autor explica que as línguas tendem empregar várias estratégias de nominalização participativa, frequentemente, mas não sempre, as diferenças funcionais entre as várias estratégias de nominalização participativas tem a ver com qual o participante é referido. Uma estratégia de nominalização participativa refere-se ao agente do verbo e ao paciente do verbo.

Uma nominalização que se refere ao agente do verbo nominalizado é uma nominalização agentiva, essa operação é produtiva nas línguas Arawak. Givón (2001) define um participante agentivo como aquele que deliberadamente inicia o evento, é tipicamente animado, enquanto que o participante paciente é aquele que está em um estágio ou registra uma mudança de estado como um resultado de um evento, pode ser animado ou não (cf. GIVÓN, 2001). Esses dois tipos são atestados nas línguas Arawak. O nome agentivo é bastante regular, sendo uma operação predominante na maioria dessas línguas. Vamos iniciar a análise com as línguas do Norte-Arawak e em seguida com as línguas do Sul-Arawak.

4.3.1.2.1 Grupo Norte-Arawak

4.3.1.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Em Wapixana só foi possível constatar a nominalização agentiva, não conseguimos encontrar dados para nomes deverbais paciente. Santos (2006) explica que um nome deverbal agentivo é o resultado da adjunção do sufixo *–paɨʐu* como podemos observar a seguir.

(63) Wapixana

a. Kuad-a-***paɨʐu*** pa-(-a)-ɽa-d-a-n kɨwai ɖ-a-ʔɨ
Contar-EP-NMLZ um-falado-VBLZ-EP-MI notícia assunto-DEIT-CC:PTT
'O comentarista falou sobre a notícia'

b. Aiʐi: wa-bat aitʃa-***paɨʐu*** kɨwai
Agora 1PL-ouvir=IMPFV ler-ep-NMLZ Notícia
'Agora vamos ouvir o leitor (da notícia) '

(SANTOS, 2006, p. 136)

4.3.1.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Lauley (2003) explica que os nomes agentivos em – *(e) vutne/- (e) vutno* podem ser derivados de verbos, mas apenas a forma *(-e)ke-vutne/-(e)ke-vutno* podem nominalizar verbos de ação em nomes agentivos, não encontramos dados de nominalização de nomes paciente. O autor informa que em Palikur, o primeiro sufixo –*ke* é provavelmente uma variante de –*ka*, como veremos nos exemplos abaixo.

(64) Palikur

a. Ahegbet ‘préparer, réparer/ ‘preparar, reparar’
Ahegbet***kevutne***

‘Mécanicien, réparateur’
‘Mecânico, reparador’

b. Awnamnih ‘ parler pour, interceder pour/ ‘falar para, interceder para’
Awnamnih***kevutne***

‘Avocat’
‘Advogado’

c. Isim ‘acheter/ ‘comprar’
Isime***kevutne***

‘Acheteur’
‘Comprador’

d. Kamush ‘enseigner/ ‘ensinar’
Kannuhe***kevutne***

‘Enseignant, professeur’
‘Professor’

e. Kay ‘danser’/ ‘dançar’
Kay***kevutne***

‘Danceur’
‘Dançarino’

f. Wewva ‘chasser’/ ‘caçar’
Wewve***kevutne***

‘Chaseur’
‘Caçador’

(LAULEY, 2003, p. 221)

4.3.1.2.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

Em Garifuna, os nomes agentivos são formados pela afixação de –*ti* mais um sufixo de terceira pessoa –*i* (M) ou –*u* (F) para designar o gênero do referente. Não encontramos exemplos que possam mostrar a nominalização de paciente em Garifuna. Os exemplos abaixo exibem a nominalização de nomes agentivos nessa língua.

(65) Garifuna

a. Ówcha-ha-***t***-i
Pescar-DISTR-NMLZ-3M

‘Fisherman’/ ‘Pescador’

b. Aféyndi-ha-***t***-i
Pintar- DISTR-NMLZ-3M

‘Painter’/ ‘Pintor’

c. Á꞉buwagu-***t***-u
Cozinhar-NMLZ-3F

‘Cooky’/ ‘Cozinheira’

d. Á꞉buwagu-***ti***-nya
Cozinhar-NMLZ-PL

‘Cooks’/ ‘Cozinheiros’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.44, 45)

4.3.1.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

Em Lokono, o sufixo ***–lhin*** pode ser direcionado à raiz de um verbo de evento para derivar nomes agentivos ou que expressam uma profissão da pessoa (PET, 2011). Não constatamos exemplos que designam um nome paciente. Os exemplos retirados de Pet (2011) expressam essa operação.

(66) Lokono

a. Baratan ‘to help’/ ‘ajudar’ > barata-***lhin*** ‘salvior’/ ‘salvador’

b. Jokaran ‘sell’/ ‘vender’ > jokara-***lhin*** ‘seller’/ ‘vendedor’

(PET, 2011, p.22)

Já na língua Wayuu (Guajiro) há nominalização participativa de formação de agente. Álvarez (2017) explica que esses nomes deverbais indicam ofício, dedicação, função, ocupação ou hábito na realização de tal ação. Esse nome é formado a partir da afixação dos sufixos de agente masculino *–i*, agente feminino *–lü*, ou do agente do plural *–lii*. Nos dados do autor, não conseguimos encontrar nominalização de verbos para formar nomes pacientes. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Wayyu.

(67) Wayuu

a. Ashajü ‘escrever’
Ashajü-***i***

‘Escritor’/ ‘escritor’

b. Aˈlakajawaa ‘cozinhar’
Aˈlakajaa-***i***

‘Cocinero’/ ‘cozinheiro’

c. Aaˈinmaju ‘controlar’
Aaˈinmaju-***lü***

‘Controlador’/ ‘Controladora’

d. Aapajü ‘servir’
Aapajü-***lü***

‘Servidor/ ‘Servidora’

(ÁLVAREZ, 2017, p.126)

4.3.1.2.1.4 Subgrupo: Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achaguá

A língua Resígaro apenas apresenta dados de nominalização agentiva, não encontramos nos dados Allin (1976) nominalização referente ao recebedor de uma ação, ou seja, um nome paciente. De acordo com este autor, os deverbais agentivos expressam uma característica atributiva de uma pessoa, conforme podemos verificar a seguir.

(68) Nominalização de nome abstrato com base de raiz adjetival em Resígaro

a. *Íná* ‘Lazy/ ‘preguiça’
Inó-***minaagí***

‘A lazy person’/ ‘uma pessoa preguiçosa’

(69) Nominalização agentiva por verbo em Resígaro

b. Haáma khú ‘to steal/ ‘roubar’
Haáma-***minaagí***

‘A thief/ um ladrão’

(ALLIN, 1976, p.112)

Não conseguimos encontrar mais dados de nominalização agentiva, sendo esse processo pouco descrito na língua. A língua Achagua não exibe nenhum dado que possa comprovar a nominalização de participante na língua, sendo esse processo não descrito no trabalho de Wilson (1992).

4.3.1.2.1.5 Subgrupo: Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Iniciando a análise com a língua Baniwa de Içana, essa língua exibe o sufixo *–ka* como nominalizador agentivo derivando nomes deverbais e adjetivais. Ramirez (2001b) explica que esse sufixo serve para todos os tipos de nomes, dependentes ou independentes a partir de qualquer verbo ou adjetivo. Sua fórmula é *i-verbo-ka-CLF*, o prefixo conectivo i- precede o verbo e o sufixo *–ka* vem seguido por um classificador. Quando o nome deverbal está com o sufixo de plural *-pe* o classificador desaparece. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Baniwa.

(70) Nominalização de agentes em Baniwa de Içana

a. No-kapa i-deenhi-***ka***-iita no-ema-lí neení
1SG-ver CON-trabalhar-NMLZ-CLF 1SG-morar-REL ADV

‘Eu vejo o trabalhador onde eu moro’

b. i-dewana-***ka***-pe i-aa-nhinka i-makha garrafa
CON-embriagar-se-NMLZ-PL CON-ir-PERM-SUB CON-quebrar garrafa

‘Os bêbados andaram quebrando garrafas’

c. i-maɲeeta-***ka***-pe-ka-watsa nhaa i-no-li-watsa
CON-enganar-NMLZ-PL-SUB-FUT DET CON-vir-REL-FUT
Krísto i-peedza-ɖoa
Cristo CON-antes-PERST

‘Os enganadores, os que virão antes (da vinda) do Cristo’

(RAMIREZ, 2001, p.340)

Em alguns casos, a combinação *–ka-pe* pode derivar nomes pacientes. Esse tipo de nominalização é pouco produtiva na língua. Ramirez (2001b) explica que as fórmulas *Ind.Pess. + Verbo-ká-pe* (i = CON, ka=NMLZ, pe=PL) e *i+Verbo-ka-pé-ɖi* (i = CON, ka=NMLZ, pe=PL, -ɖi = N.POSS) transformam alguns verbos transitivos em nomes dependentes ou independentes. Exemplos retirados de Ramirez (ibidem) expressam isso.

(71) Nomes Pacientes em Baniwa de Içana

d. –tóda ‘pilar’
‘-toda-***ka***-pe’

‘Coisas piladas’

e. *íipe itodakápe*
I-iipe i-toda-***ka***-pe
CON-carne CON-pilar-NMLZ-PL

‘Carnes piladas’

e. -Daíta ‘ralar’
-Daíta-***ka***-pe-ɖi
‘Coisas raladas’

f. –Wídzo ‘peneirar’
I-widzo-***ka***-pe-ɖi
CON-peneirar-NMLZ-PL-N.POSS

‘Coisas peneiradas’

(RAMIREZ, 2001 a, p. 341, 342)

A língua Tariana exibe o sufixo *–**kani*** para derivar nomes agentivos de algum verbo. Não foi possível encontrar exemplos de nominalização paciente. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Tariana.

(72) Tariana

a. –dana- ‘paint, write’/ ‘pintar, escrever’
Di-dana-***kani***
3M-pintar/escrever-NMLZ
‘Painter, Writer’/ ‘Pintor, escritor’

b. –tape- ‘heal’/ ‘curar’
Di-tape-***kani***
3M-curar-NMLZ
‘Curator/ ‘Curador’

(AIKHENVALD, 2003, p.200)

E por fim, a nominalização agentiva em Warekena é formada com o sufixo *–ena* afixado à raiz verbal. Não encontramos exemplos de nominalização como paciente. Os exemplos abaixo exibem a operação na língua.

(73) Warekena

a. Miwata ‘play’/ ‘tocar’
Miwat-***ena***
‘Player’/ ‘tocador’

b. Wada ‘to cook’/ ‘cozinhar’
Wal-***ena***
‘Cook’/ ‘cozinheiro’

c. ʧĩna ‘tell’/ ‘contar’
ʧĩn-***ena***
‘Story teller/ ‘Contador de história’

(AIKHENVALD, 1998, p320)

De acordo com Aikhenvald (1998, p 320) algumas nominalizações são formadas com um sufixo Ø: *puteta* ‘pescar’ → *puteta* ‘pescador’.

4.3.1.2.1.6 Subgrupo Orinoco: Baré

Já a língua Baré apresenta dois sufixos nominalizadores de particípio o *–kabuɾe* e o kaɽaɽe (~ni), esse último vem acompanhado com o prefixo –ka ‘atributivo’. Como podemos observar nos exemplos a seguir.

(74) Nominação de ação em Baré

a. Phuyu ‘Curator/ ‘curar’
Ka-phuyu-***kaɾeni***
‘Curator’/ ‘curador’

(75) Nominalização de estado em Baré

a. Kubaha ‘estar doente’
Kubaka-***kabuɾe***

‘Sick (sick person) ’/ ‘Doente (pessoa doente) ’

(AIKHENVALD, 1995, p.20)

Embora a autora não distingue nominalização agentiva de paciente, podemos observar que (74.a), o verbo ‘curar’ deriva um nome que provoca a ação do verbo, sendo um nome agentivo, enquanto, no exemplo (75.a), o estado de estar doente designa um nome que recebe um estado, por isso podemos considerar uma nominalização paciente.

Em suma, verificamos que, com exceção da língua Achaguá, no qual não encontramos dados que possam expressar esse tipo de derivação, todas as outras línguas que fazem parte do grupo Norte-Arawak exibem a nominalização participativa, sendo que a nominalização agentiva é bastante produtiva, diferentemente, da nominalização de paciente. Desse modo, embora algumas delas não apresentem muitos exemplos, é possível postular que essa operação é atestada nessas línguas. Em seguida verificamos esse mesmo processo nos idiomas que compõem o grupo Sul-Arawak.

4.3.1.2.2 Grupo sul-Arawak

4.3.1.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso: Terena e Baure

A língua Terena exibe a nominalização agentiva a partir da afixação do sufixo *-**ʧi*** em raízes verbais para formar nomes agentivos, como podemos constatar nos dados retirados de Rosa (2010).

(76) Terena

a. ɛnɛpɔ=nɛ ojɛː-k-ɔ-***ʧi*** ojɛː-k-ɔ ʃupu
ENF=DET cozinhar-T-REAL-NMLZ cozinhar-T-DECL mandioca

‘A cozinheira cozinhou a mandioca’

b. ɛnɛpɔ=nɛ ihika-ʃ-o-***ʧi*** ihika-ʃ-ɔ tɛːɾenɔɛ
ENF=DET ensinar-T-REAL-NMLZ ensinar-T-REAL terena

‘O professor (ensinador) ensina Terena’

(ROSA, 2009, p. 147)

Diferentemente de Rosa (2010), Butler e Ekdahl (2014) argumentam que os verbos podem derivar nomes agentivos a partir da sufixação de ***–kena***, que de acordo com a tradução de Bultler e Ekdahl significa “o que costuma fazer” (p.105), ou seja, o “fazedor” da ação. Os exemplos abaixo exibem nomes agentivos a partir de ***–kena***.

(77) Exemplos de verbos nominalizados a partir de ***–kena***

a. Arúxu-***kena***--ʧi ne tamúku
Morder-NMLZ-N.POSS FOC Cachorro

‘O cachorro é bravo (Lit. aquele que morde/ mordedor) ’

b. Arásura-***kena***-ʧi ne káno
Coicear-nmlz-NPOSS FOC cavalo

‘O cavalo escoiceia (o escoiceador) ’

c. Oró-***kena***-*ʧi* ne hóyeno
Roncar-nmz-N.POSS FOC homem

‘O homem ronca (o roncador) ’

(BUTLER E EKDAHL, 2014, p.105-106)

A língua Bauré exibe a nominalização do participante a partir da afixação do sufixo *–no* em uma raiz verbal que deriva um nome agentivo. Os exemplos a seguir mostram essa derivação.

(78) Nominalização de nomes agentivos em Baure

a. –ak ‘Sing/ ‘cantar’
Ako***n***

‘Singer’/ ‘Cantor’

b. –ehmoek ‘to wash (clothes)/ ‘lavar (roupa)’
Ehmoeko***n***

‘Laundress’/ ‘lavadeira’

c. –inisa ‘to fish’/ ‘pescar’
inisa***n***

‘Fisherman’/ ‘pescador’

d. -weroč ‘heal’/ ‘curar’
-weričo***n***

‘Curator’/ ‘curador’

(DANIELSEN, 2007, p.188)

Danielsen (2007) explica que os nomes agentivos também podem ser derivados de adjetivos a partir de verbos. A autora explica que os adjetivos são uma subclasse dos nomes. Os exemplos abaixo exibem a derivação do verbo *–yak* ‘amadurecer’.

(79) Nomes agentivos derivados de adjetivos em Baure

a. ač kwe' ten pon yi~yako-***no***
CONJ EXIST DEM.M outro (ABS) INT~amadurecer-NMLZ

‘And there's that other mellow one’/ ‘E há aquele outro maduro’.

b. Yako-***no***-wo=ro
Amadurecer-NMLZ-COP=3SG.M

‘It's ripe’/ ‘Está maduro’

(DANIELSEN, 2007, p.189)

4.3.1.2.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu (Paresí-Saraveca): Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Das línguas deste subgrupo, apenas Yawalapiti não exibe dados que possam comprovar a nominalização participativa. Iniciando a análise com Wauja, Postigo (2014) não descreve com afinco os processos de derivação nessa língua, mas foi possível constatar a nominalização de nomes agentivos. Segundo a autora, a derivação de nomes deverbais pode ser feita a partir do sufixo *–hɨ* (*-tsu* F) que assim como ocorre também em Mehináku, pode vir com outros morfemas como o *–weke* que designa ‘dono de’. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Wauja.

(80) Waujá

a. Wakule-weke-***hɨ/-tsu***
Cozinhar-dono de- NMLZ (M, F)
‘Cozinheiro/a (Lit. Dono da cozinha) ’

b. apaí-weke-***hɨ/-tsu***
Cantar-dono de- NMLZ (M, F)
‘Cantor/a (Lit; dono/dona do canto) ’

(POSTIGO, 2014, p.145)

De Felipe (2020) explica que a nominalização por intermédio do sufixo *–ki* transforma verbos em nomes agentivos. Esse morfema pode vir acompanhado com outros morfemas como *–weke* ‘grande/dono’ e também pode distinguir gênero do referente. Outro morfema que se anexa ao nominalizador *–ki* incluem o classificador de idade *–tipa (-tsipa)* para criar nomes de profissões e ofícios (cf. DE FELIPE, 2020). Os exemplos a seguir exibem a nominalização agentiva em Mehináku.

(81) Mehináku

a. Uma-***ki***-jete-hɨ
Trabalhar-NMLZ-ser grande-M
‘Trabalhador (Lit. Dono do Trabalho) ’

b. Uma-***ki***-tsipa
Trabalhar-NMLZ-CLF:IDADE
‘Trabalhador’

c. Eʂeke-***ki***-jeke-hɨ
Rezar-NMLZ-grande/dono-M
‘Rezador (lit. dono da reza) ’

d. Nuka-***ki***-tsupa
Matar-NMLZ-CLF: IDADE

'Matador (aquele que é responsável pela caça dos animais) '

e. Ekeşe-te-***ki***-tsupa
Ensinar-CAUS-NMLZ-CLF:IDADE

'Professor (lit. aquele que ensina) '

(DE FELIPE, 2020, p.362)

Um outro tipo de nominalização de nomes agentivos foi possível de identificar sem o uso do morfema *–ki*, mas com o morfema classificador *–tsupa* que aparenta ter uma função também de nominalizador. Essa operação também não envolve a mudança de categoria, já que ela deriva nomes agentivos dos próprios nomes (N > N $_{agente}$). Os exemplos a seguir mostram esse tipo de derivação.

(82) Nominalização com sufixo –tsupa em Mehináku

a. Ki-ʦapa-nãi-***ʦu'pa***
Pé-CL.foma.pé-roupa-CLF: IDADE

'Sapateiro'

b. Jana-i-***ʦu'pa***
Pintura-N.POSS-CLF:IDADE

'Pintor'

c. kawɨka-***tsu'pa***
Flauta.sagrada-CLF:IDADE

'Flautista'

d. tewe-i-***tsu'pa***
Dente-N.POSS-CLF:IDADE

'Dentista'

(CORBERA MORI, 2012a, p.147)

Não foi possível verificar nominalização de participante para formar nomes pacientes, sendo que apenas a nominalização agentiva foi atestada em Mehináku.

A língua Paresi exibe a nominalização agentiva com o sufixo *–re*[57]*(-lo* F) para derivar nomes de verbos intransitivos e transitivos, além de adjetivos. De acordo com Brandão (2014), os nomes derivados referem-se ao agente do verbo. Os exemplos abaixo exibem a nominalização em Paresí.

[57] De acordo com Brandão (2014, p.204), o sufixo *–re* apresenta alguns alomorfes e distinção de gênero: Masculino: *-ye/i__#/-ze/le __#* e *–re* nos demais ambientes (doravante: n.d.a); Feminino: *-ro*/i,e__#, e *lo* (n.d.a).

(83) Nominalização agentiva em Paresi

a. Tema ‘run’/ ‘correr’
Tema-***re/-lo***

‘The one who runs, runner’/ ‘Corredor (a)’

b. Xaka ‘shoot’/ ‘atirar’
Xaka-***re/-lo***

‘The one who shoots, shooter’/ ‘Atirador (a)’

c. Zanekoatya ‘hunt’/ ‘caçar’
Zanekoatya-***re/-lo***

‘The one who hunts, hunter/ ‘Caçador (a)’

d. Wairatya ‘cure’/ ‘curar’
Wairatya-***re/-lo***

‘The one who cures’/ ‘Curador/médico (a) ’

(BRANDÃO, 2014, p.206)

O sufixo *–re*[58] pode também derivar nomes de adjetivos e verbos estativos como podemos verificar a seguir.

(84) Nominalização de paciente em Paresí

a. Kirane ‘small’/ ‘pequeno’
Kirane-***ze***

‘The one or thing that is small’/ ‘aquele ou coisa que é pequena’

b. Kalore ‘big’/ ‘grande’
Kalore-***ze***

‘The one or thing that is big’/ ‘aquele ou coisa que é grande’

c. Kolotya ‘ser gordo’
Kolote-***re***

‘The one that is fat’/ ‘o que é gordo’

(BRANDÃO, 2014, p.208)

Paresi também exibe outro nominalizador agentivo *–tiye* que se refere para alguém que é especialista ou que é muito bom em fazer a ação ou refere-se a alguém que faz acontecer algo, é uma nominalização [+ humana]. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Paresi.

(85) Nominalização de agente [+ humana] em Paresi

[58] Brandão (2014) explica que o sufixo *–re* e sua contraparte feminina *–lo* quando ocorre sozinho, nomes derivados que podem ser usados como um argumento de um predicado, como um modificador de um nome, como um núcleo de um predicado, como um complemento de uma negação e com a posposição *kakoa* (para mais detalhe ver BRANDÃO, 2014, p.206).

a. Aotyakitsa ‘teach’/ ‘ensinar’
z-aotyakitsa-***ti-ye***

‘Teacher’/ ‘professor’

b. moko ‘hit’/ ‘bater’
moko-tya-***ti-ye***
‘one who hits someone/ ‘aquele que bate’

c. tsema ‘hear’/ ‘ouvir’
tsema-***ti-ye***
‘One who hears something’/ ‘Aquele que ouve algo’

(BRANDÃO, 2014, p.210)

Além desses dois sufixos agentivos, a língua Paresi exibe um terceiro tipo *–hare/-halo* que deriva nomes que se referem para humanos de predicados estativos com o prefixo privativo *ma-*. De acordo com Brandão (2014) o nominalizador *–hare* é usado para o masculino e o *–halo* para o feminino, como podemos observar nos dados a seguir.

(86) Nominalização de verbos estativos em Paresi

a. Aheko ‘pensar’
ma-***z***-aheko-la-***hare***
PRIV-NMLZ-pensar-POSS-NMLZ

‘The one who doesn't think’
‘Aquele que não pensa’

b. Tona ‘caminhar/andar’
Ma-e-tona-ne-***hare***
PRIV-NMLZ-caminhar-POSS-NMLZ

‘Paralyzed person (one who does not walk)’
‘Pessoa paralisada, (aquele que não anda) ’

(BRANDÃO, 2014, p.213)

Além desses nominalizadores agentivos, a língua também exibe uma nominalização de paciente. Segundo Brandão (2014), o nominalizador *-ka* (ou *-ki* para a primeira pessoa) deriva substantivos de verbos transitivos e bitransitivos. O nominal derivado de um verbo transitivo se refere a um evento onde a entidade envolvida é um paciente, enquanto a nominalização de um verbo bitransitvo se refere a um evento onde a entidade envolvida é um receptor. Os exemplos retirados de Brandão (2014) exibem a nominalização participativa de paciente.

(87) Nominalização de nomes pacientes em Paresi

a. Aotyakitsa ‘teach/ ‘ensinar’
z-otyakitsa-***ka***

‘Education of someone’/ ‘Educação de alguém’

b. Fitya ‘plant’/ ‘plantar’
z-a-fitya-***ka***

‘Planting of something, burying of someone’
‘Plantar algo, enterrando alguém’

c. Kera ‘burn’/ ‘queimar’
Keratya-***ka***

‘Queimar algo’

(BRANDÃO, 2014, p.216)

4.3.1.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

A língua Apurinã apresenta nominalização agentiva a partir da afixação do sufixo *–muna* aos verbos transitivos. Exemplos que exibem a nominalização de nomes pacientes, infelizmente não foram encontrados nos dados analisados. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva.

(88) Nominalização agentiva em Apurinã

a. Mayaka-***muna*** apo-pe
Pegar-NMLZ chegar-PFV

‘The catcher has arrived’
‘O apanhador chegou’

b. Taka-***muna*** apo-pe
Colocar/plantar-NMLZ chegar-PFV

‘The planter (one who plants) has arrived’
‘O plantador (aquele que planta) chegou’

c. Oka-***muna*** apo-pe
Matar-NMLZ chegar-PFV

‘The killer/murderer has arrived’
‘O matador/assassino chegou’

(FACUNDES, 2001, p.243)

Facundes (2001) explica que em Apurinã *–muna* também ocorre com nomes concretos. Quando esse sufixo é usado para derivar nomes da cultura material, refere-se “aquele que faz ou constrói”, onde o nome se refere quase sempre para um elemento da cultura material. O autor também explica que essas formas derivadas são flexionadas para gênero, como podemos observar a seguir:

d. Kanawa-***muna***-*ru* su-pe
Kanawa-NMLZ-3M sair-PFV

‘The canoa-builder has left’
‘O construtor da canoa saiu’

e. Serepi-***muna***-*ru* su-pe
Flecha-NMLZ-3M sair-PFV

‘The arrow-maker has left’
‘O fazedor de arco saiu’

f. Kopiti-***muna***-*ro* su-pe

Panela-NMLZ-3F sair-PFV

'The pan-maker has left'
'A fazedora de panela saiu'

(FACUNDES, 2001, p.244)

Nos exemplos em (88- d, e, f) acima verificamos uma derivação de nomes a partir de nomes (N > N) em que os nomes concretos derivam um nome agentivo. Facundes (2001) afirma que *–muna* também pode ser usado com nomes animados e a forma do nome derivado refere-se "aquele que mata N", onde N é relacionado com um nome animado, os exemplos abaixo exibem isso. Observem que os nomes derivados são flexionados para gênero.

g. N-atama-ta-ru ãkiti-***muna***-ru
1SG-ver-VBLZ-3M. O onça-NMLZ-3M

'I saw the jaguar killer'
'Eu vi o matador de onça'

h. N-atama-ta-ru kãkiti-***muna***-ru
1SG-ver-VBLZ-3M. O pessoa-NMLZ-3M

'I saw the person-killer (murderer)'
'Eu vi o matador de pessoa (assassino) '

(FACUNDES, 2001, p.244)

Silva (2013) exibe a nominalização agentiva na língua Maxinéri, ela é realizada a partir da afixação do sufixo *–rɨ (-lɨ* F*)* em verbos para formar nomes agentivos. Não foi possível constatar nominalização de participante na formação de nomes pacientes. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva.

(89) Maxinéri

a. ka-srɨkɾewa-kre-***rɨ***
? -Ensinar-? -NMLZ

'Professor' (o ensinador) '

b. ka-pinirewa-kre-***rɨ***
? - Tratar/curar-? –NMLZ

'Curador/Médico'

(SILVA, 2013, p.68)

A língua Yine-Piro apresenta nominalização de participante tanto para derivar nomes agentivos quanto para formação de nomes pacientes (passivos). O sufixo *–çerɨ (-çero* F) deriva um nome correspondente ao agente do verbo correspondente. Enquanto o sufixo *–lɨrɨ* deriva um nome paciente da raiz verbal que ele segue. Os exemplos abaixo exibem a nominalização de participante em Yine.

(90) Nominalização de nomes agentivos em Piro

a. Kaspɨka ‘let go of’/ ‘deixar ir’
Kaspɨk-***çeri/-çero***
Deixar ir-NMLZ (M, F)

‘Releaser/ ‘Libertador (a) ’

b. kampɨka ‘hold (someone) in our arms’/ ‘segurar (alguém) nós braços’
kampɨk-***çeri/-çero***
Segurar- NMLZ (M, F)

‘Godfather, Godmother’/Padrinho (a)

(91) Nominalização de nomes pacientes em Yine

c. halɨka ‘to want’/ ‘querer’
halɨkka ‘dear, desired’/ ‘querido, desejado’
halɨkaka-***lɨri***
Querer-NMLZ

‘Necessity’/ Necessidade’

(HANSON, 2010, p.175 (a,b); p. 177 (c))

4.3.1.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti

Iniciando a análise com a língua Ashéninka do Alto Perené, Mihas (2010a, 2015) explica que os nominalizadores de nomes agentivos em geral é o ***–ri*** e sua forma feminina ***–ro***, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(92) Ashéninka Perené

a. Heva-t-ak-aNt-tz-i=ro=***ri***
Liderar-EP-APPL-SOC-REAIS-E-REAL=3M.O=NMLZ

‘Chief (Lit. the one who leads)’/ ‘Chefe (Lit. aquele que lidera)

b. Amena-ak-aNt-tz-i=ro=***ri***
Ver-APPL-SOC-APPL-REAS-EP-REAL=3M.O=NMLZ

‘Coordinator’/ ‘Coordenador’

c. Saik-na-ak-e-Ø irõnaaka ar-atsi-***ri***=ka$_s$
Ficar-DIR-PFV-REAL-3S.SET2 agora voar-começar-NMLZ=DEM

‘The aviator [one who flies] stayed [there]’
‘O aviador [aquele que voa] ficou [lá]’

d. No-tsipa-nampi-***ri*** kameetsa-***ri*** i-na-tz-i
1SG.S-juntar-CL:LADO-NMLZ bem-NMLZ 3M.S-ser-EP-REAL
‘My neighbor is a good person’/ ‘Meu vizinho é uma boa pessoa’

(MIHAS, 2010 a, p 213 (ex. a-b); 2015, p. 426-427 (ex. c-d))

Não foi possível verificar nos dados de Mihas (2010) a nominalização de paciente da ação do verbo. Dessa forma, apenas podemos afirmar que a nominalização agentiva é atestada na língua. A língua Caquinte não exibe dados que possam comprovar a

nominalização de participante na língua. Já a língua Nanti exibe apenas um dado que evidencia esse tipo de operação que ocorre através da sufixação de *–rira*, como podemos verificar a seguir:

(93) Nanti

a. TomiNtarira
TomiNt-***rira***
Ter-filho-MASC-NMLZ
'Father of son (male)'/ 'Pai de filho (homem)'

(MICHAEL, 2008, p.304)

O que podemos perceber, com exceção do Ashéninka que ainda apresenta dados suficientes que possam comprovar a nominalização participativa, é que essa operação está se perdendo nas línguas do grupo Campa. Michael (2008) afirma que em uma série de nominalizações produtivas comuns em outras línguas Campa foram perdidas em Nanti. No caso do Caquinte, nos trabalhos analisados também não foi possível verificar esse tipo de nominalização.

4.3.1.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha apresenta de forma bastante produtiva a nominalização de participante, tanto no que diz respeito aos nomes que indica o agente da ação quanto aqueles que indica o paciente. De acordo com Duff-Tripp (1997), a fórmula ***a-...-añ/-ñ/-aña/ña*** aponta o agente que realiza a ação do verbo. Os exemplos abaixo exibem a nominalização agentiva em Amuesha.

(94) Nominalização agentiva em Amuesha

a. Coc̃areˈt 'perseguir'
Acc̃areˈt***ãn***
'Perseguidor'

b. Corr- 'quemar, vivir'/ 'queimar'
Acrr***ãn***a
'Leña que se quema bien'/ 'Lenha que se queima bem'

c. Et- 'robar'/ 'roubar'
Et***ãn***
'Ladrón'/ 'Ladrão'

d. Eyarr 'Hacer llorar/ 'fazer chorar'
Eyarr***ãn***
'lo que hace llorar' /Aquele que faz chorar'

e. Tap- 'nacer'/ 'nascer'
Atap***ña***n
'Yo era uno nacido'/ 'Eu era um Recém-nascido'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.39)

Duff-Tripp (1997) argumenta que a fórmula ***a-/e....-ñat̃/-t̃*** indica um ser (pessoa ou animal) que se caracteriza pela ação do verbo, quer dizer um estado mais permanente, como podemos ver em (95).

(95) Nominalização paciente em Amuesha

a. Atsrreˈm ‘enojarse/ ‘irritar
Atsrreˈm***ñat***

‘El enojado/ ‘o irritado’

b. atsn- ‘enfermarse/ ‘adoecer’
Atsna***ñat̃***

‘El enfermo/ ‘ O doente’

c. Orrareˈt ‘emborracharse/ ‘embebedar-se’
Orrar***ñat̃***

‘El borracho/ ‘O bêbado’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.39)

Outra forma de derivar nomes pacientes é a partir de ***a-/e-/o-…-aret̃/-et̃*** que indica o estado que sofre a ação do verbo. Estas formas se usam com nomes ou adjetivos, os exemplos abaixo exibem isso.

(96) Nominalização paciente em Amuesha com *a-/e-/o-…-arẽt/-et̃*

a. Morrent ‘amar’
a-morrent***aret̃***

‘El amado/ O amado’

b. huanc ‘amarrar’
e-huanc***aret***

‘El amarrado/ O amarrado’

c. c̈har- ‘suspender’
oc̈har***et̃***

‘Suspendido’/ ‘Suspenso’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.40)

A nominalização de participantes é um tipo de processo produtivo nas línguas Arawak analisadas, principalmente no que diz respeito à derivação de nomes agentivos. Praticamente, todas elas exibem verbos que derivam nomes que indicam um agente, com exceção de Achagua (Grupo Norte-Arawak), Caquinte e Yawalapiti (Grupo Sul-Arawak) que não encontramos descrições. Já no que diz respeito aos nomes que recebem uma ação, ou seja, os pacientes, eles são apenas descritos em Baniwa, Baré, Paresí-Haliti, Yine-Piro

e Amuesha. Em seguida, analisaremos a nominalização de instrumento/objeto nessas línguas.

4.3.1.3 Nominalização de Instrumento/Objeto

Conforme Payne (1997), a nominalização instrumental/objeto é geralmente idêntica formalmente da nominalização agentiva, mas é relacionada com a formação de nomes inanimados. Essa operação é usada para formar nomes a partir de um verbo de ação e significa "um instrumento para V" (COMRIE; THOMPSON, 2007). Assim, como nas subseções anteriores, iniciaremos a análise com as línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida com as línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.3.1 Grupo Norte-Arawak

4.3.1.3.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur

De acordo com Launey (2003) existem também nomes de instrumento que são formados a partir da sufixação de *–tet*, como podemos observar a seguir:

(97) Palikur

a. Aher ‘mesurer’/ ‘medir’
Aheh***tet***
‘Mesure (balance, mètre, aussi kilo)’
‘Medida (balança, metro, quilo) ’

b. Anniri ‘écrie’/ ‘escrever’
Enne***tet***
‘Crayon, stylo’/ ‘lápis, caneta’

c. Ax ‘manger/ ‘comer’
Ax***tet***
‘Table’/ ‘Mesa’

d. Iveg ‘regader’/ ‘olhar’
Iveg***tet***
‘Lunettes’/ ‘Óculos’

e. Wew ‘avancer’/ ‘avançar’
Wew***tet***
‘Véhicule’/ ‘Veículo’

(LAULEY, 2003, p.221)

4.3.1.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna exibe o morfema *–gülèy* para derivar nomes instrumentais de verbos ativos. Os exemplos abaixo mostram isso.

(98) Garifuna

a. Anyú:ra-***güléy***

Sentar-se-NMLZ

'Chair'/ 'Cadeira'

b. Adáhiye-**güley** t-ôwbu-wagu múna
Pendurar-NMLZ 3F-lado-LOC Casa

'Coat hangers on the walls of the house'/ 'Cabides nas paredes da casa'

c. Acháva-há-***güley*** l-uwágu armário
Puxar-DISTR-NMLZ 3M-POSP armário

'The closet handle'/ 'A alça do armário'

d. l-atátira-***güle***[59] l-ubágiyen wadégumanu ítara-be-y
3M-começar-NMLZ 3M-antes trabalho CONJ-FUT-3M
l-wbágiyen
3M-antes

'The beginning of work is like this, first of all'
'O início do trabalho é assim, antes de mais nada'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.43)

4.3.1.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak do Caribe: Lokono e Wayuu

Um nome instrumental em Lokono é realizado através da sufixação de *–koana* em verbos de eventos. O resultado do nome derivado é sempre algo com que a ação do verbo pode ser realizada (PET, 2011), em seguida, vejamos exemplos que designam essa derivação.

(99) Lokono

a. Falhetho-dalhidi-***koana***
Homem-branco-correr-NMLZ

'Bus/ 'Ônibus'

b. Da-dalhidi-***koana***
1sg-correr-nmlz

'My car/ 'Meu carro'

c. Bylhyty-***koana***
Fazer marcas-NMLZ

'Pen, pencil'/ 'Caneta/lápis'

(PET, 2011, p.21)

A nominalização instrumental e de objeto em Wayuu é feita através da afixação do sufixo *–ya (a) ~ -ia (a)* em uma base verbal para derivar nomes que designam um instrumento ou objeto da ação do verbo. Segundo Álvarez (2017) os nomes instrumentais são inalienáveis na língua. Os exemplos a seguir mostram essa derivação.

(100) Wayuu

[59] Larsen (2016) explica que quando os nomes derivados instrumentais são possuídos, apaga-se o final /y/.

a. Ashajaa ‘escrever’
ashajia-***a***
Escrever-NMLZ

‘Un instrumento para escribir/ ‘Um instrumento para escrever’

b. Aˈlakajawa ‘cozinhar’
aˈlakajaa-***yaa***
Cozinhar-NMLZ

‘Instrumento para cocinar’/ ‘Instrumento para cozinhar’

(ÁLVAREZ, 2017, p.125)

4.3.1.3.1.5 Subgrupo Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achagua

Não encontramos dados que possam comprovar esse tipo de nominalização em Achagua, diferentemente, em Resígaro foi possível encontrar exemplos. A nominalização instrumental/objeto em Resígaro é realizada pela afixação do sufixo *–tsí* em raízes verbais para derivar nomes instrumentais ou objetos, como podemos observar a seguir.

(101) Resígaro

c. Hipú ‘to wash’/ ‘lavar’
Hipho-***tsí***-gu
‘Soap’/ ‘Sabão’

b. Mení ‘to play’/ ‘brincar’
Meʔniʔ-**tsí**

‘A toy’/ ‘Um brinquedo’

c. Ínó ‘to harpeen, spear’/ ‘lançar’
Noó-***tsí***-gu
‘A lance, an arrow/ ‘Uma lança, flecha’

d. Thoʔkhú ‘to grind’/ ‘moer’
Thoʔkhoó-**tsií**

‘A pestle’/ ‘Pilão’

(ALLIN, 1976, p.111)

4.3.1.3.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana, Warekena

A nominalização instrumental é presente nessas línguas. Em Baniwa, ela é feita através da sufixação do morfema *–joopa* (*~yooda)* que transformam verbos ativos em um nome instrumental. Os exemplos abaixo exibem essa operação na língua.

(101) Baniwa de Içana

a. –pidzo- ‘varrer’[60]

[60] Os exemplos 34.a-b foram cedidos pelos professores Artur Garcia Augusto Garcia e Geraldo Garcia.

i-pidzo-***joópa***-ʈi
CON-varrer-NMLZ-N.POSS

‘Vassoura’

b. Iɲha ‘comer’
pa-iɲha-***jhoópa***
IMP-comer-NMLZ

‘Colher da gente’

c. –Dénaa ‘remar’
-dénaa-***jhoópa***
Remar-NMLZ

‘Remo’

d. –Píaka ‘pentear-se’
-piaka-***jhoópa***
Pentear-se-NMLZ

‘Pente’

e. –Kawíɲa ‘pegar’
-kawíɲ-***jhoópa***

Pegar-NMLZ

‘Pregador’

(RAMIREZ, 2001, p.356)

Em Tariana, encontramos dois morfemas que transformam verbos em nomes instrumentais/objetos, são eles *–nipe* e *–ri*. O exemplo em (85-a) exibe a nominalização de objeto com *–nipe* e em (85-b) a nominalização instrumental com *–ri*

(102) Tariana

a. [kwe-peri na-de-***nipe***]$_{SN}$ [nheta na-nu-na]svc
Distributivo-COL 3PL-ter-NMLZ 3PL+trazer 3PL-vir-PASS.REM.VIS
nha
eles

‘Whatever belongings (that they had), they brought them'
‘Quaisquer pertences (que eles tinham), eles os trouxeram’

b. Kalisi phema-***ri***
História IMP+ouvido-NMLZ.N.PASS

‘Radio (an instrument with which you listen to a story)’
‘Rádio (um instrumento com que se escuta uma história) ’

(AIKHENVALD, 2018, p. 87-90)

Na língua Warekena o sufixo *-ɾi* é usado para nominalizações instrumentais e objetos, como podemos observar nos exemplos a seguir

(103) Warekena

a. Miwata ‘play, jogar’
Miwata-**ɽi**

‘Toy, brinquedo’

b. Mutileta ‘steals, roubar’
Mutileta-**ɽi**

‘Stolen object’/ ‘Objeto roubado’

c. Wiyua ‘to die/ ‘morrer’
Wiyua-**ɽi**

‘Poison’/ ‘veneno’

(AIKHENVALD, 1998, p.320)

4.3.1.3.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A nominalização instrumental da língua Baré é feita a partir da sufixação do nominalizador -*waka* em bases verbais para formar nomes através de verbos ativos, infelizmente, só conseguimos encontrar um exemplo de nominalização instrumental, como podemos verificar a seguir:

(104) Baré

a. –Khumidˈa ‘swim’/ ‘nadar’
Khumidˈa-***waka***

‘Fin/ ‘nadadeira’

(AIKHENVALD, 1995, p.20)

Esse mesmo sufixo deriva nomes locativos também, vamos verificar isso mais adiante quando analisarmos a nominalização locativa.

Assim sendo, a nominalização instrumental/objeto é bastante produtiva nas línguas do grupo Norte-Arawak, sendo ausente apenas em Wapixana e Achagua. Agora, iremos descrever esse tipo de nominalização nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.3.2 Grupo sul-Arawak

4.3.1.3.1.1 Subgrupo Sul-Arawak (Bolívia-Mato Grosso do Sul): Terena e Baure

A língua Terena exibe nominalização instrumental a partir da afixação do sufixo –*ke*. De acordo com Oliveira (2021), esse morfema ocorre com verbos intransitivos e possui a função de instrumento, como podemos observar nos exemplos em (98).

(105) Terena

a. ikáta-k-o-***ke***
Galopar-VBLZ-VBLZ-NMLZ

‘Chicote (Lit. A coisa que faz galopar) ’

b. yúxov=o-***ke***
Ter atenção-VBLZ-NMLZ

‘Ter televisão’

c. Í-pik-o=a-***ke***
CAUS-ter medo-VT=3.OBJ-NMLZ

‘A causa que faz ter medo’

(OLIVEIRA, 2018, p.186-187)

Em Baure, o sufixo *–ri* utilizado para derivar nomes que resultam para um produto do verbo é usado também para denotar nomes instrumentais, como podemos verificar a seguir:

(106) Baure

a. *-kočimoep-*? ‘Hang clothes?’/’Pendurar roupas? ’
-kočimoepo-***ri***
Pendurar roupas? -NMLZ

‘Clothing Line’/ ‘Linha de Roupas’

b. *-konok-* ‘write/ ‘escrever
kono-***ri***
Escrever-NMLZ

‘Machine of write’/ ‘Máquina de escrever’

c. –nik- ‘comer’
niko-***ri***
Comer-NMLZ

‘Plate’/ ‘Prato’

(DANIELSEN, 2007, p.191)

4.3.1.3.1.2 Subgrupo: Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí

Das línguas desse subgrupo apenas encontramos nominalização instrumental em Paresí e talvez em Mehináku. Em Mehináku o morfema *=tenu* que tem a função instrumental aparenta derivar um nome instrumental através da sua sufixação no verbo ‘colocar’, que resultaria em um nome que se refere a algum recipiente para colocar a sopa, como podemos observar no exemplo em (107).

(107) Mehináku

a. pataka=***tenu*** une ya hapuka=kɨna=pai=ku
3 colocar-INSTR. Pessoa ir consumir=IMP-IPFV=DECL
aiʃa=KɨNA=PAI: tsapu, tsapu
Comer=IMP=IPFV

‘Eles colocaram (a sopa). Foram comer: tsupa, tsupa’

(DE FELIPE, 2020, p.243)

Em Paresí, a nominalização instrumental é realizada através do sufixo *–kala* que é atachado em verbos transitivos e intransitivos para formar nomes instrumentais e de objetos. Os exemplos extraídos de Brandão (2014) exibem essa operação.

(108) Paresi

a. zera ‘sing/ ‘cantar’
Zera-***kala***-ti
Cantar-NMLZ-N.POSS

‘Instrument for singing (microphone) ’
‘Instrumento para cantar (microfone) ’

b. tona ‘walk’/ ‘caminhar’
Tona-***kala***-ti
Caminhar-NMLZ-N.POSS

‘Car, bus (vehicle)’/ ‘Carro, ônibus (veículo)

c. Aliyo tsema-ka-tya-***kala***-ti
Onde ouvir-?-TH-NMLZ-N.POSS

‘Where's the phone? ’/ ‘Onde está o telefone?

d. aliyo zairatyakalati
aliyo zaira-tya-***kala***-ti
Onde escrever-th-NMLZ-N.POSS

‘Where is the pen/pencil (thing used for writing)?’
‘Onde está a caneta/lápis (coisa usada para escrever)?

(BRANDÃO, 2014, p.214)

4.3.1.3.1.3 Subgrupo: Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Das três línguas que fazem parte desse subgrupo, apenas Maxinéri não exibe a nominalização de instrumental/objeto. Em Apurinã, a nominalização instrumental é realizada através do sufixo *–iko* que é atachado ao verbo transitivo ou intransitivo para derivar nomes instrumentais ou objetos. Os exemplos abaixo exibem isso.

(109) Apurinã

a. Katso-na-ka-rewa-t-***iko*** pu-muna
Espremer-linear-INT-VBLZ-NMLZ 2SG-trazer

‘Bring to squeezer’/ ‘Trazer o espremedor’

b. nota suk-***iko***
1SG dar-NMLZ

‘My gift’/ ‘Meu presente’

c. kusaka-rewa-t-***iko*** pu-muna
Cavar-INT-VBLZ-NMLZ 2SG-trazer

‘Bring the digger’/ ‘Trazer o escavador’

(FACUNDES, 2001, p. 241)

Em Yine-Piro o sufixo *–pi* deriva nomes instrumentais de verbos transitivos e intransitivos, como podemos ver a seguir.

(110) Yine-Piro

a. Nika ‘eat/ comer’
Nika-***pi***
Comer-NMLZ
‘Eating utensil’/ ‘Utensilio de comida (recipiente, prato)

b. Çitota ‘dig, escavar’
Çitota-***pi***
Escavar-NMLZ
‘Shovel’/ ‘Pá’

c. kowʧohata ‘fish (with hook and line)/ ‘pescar’
kowʧohata-***pi***
Pescar-NMLZ
‘Fishing gear’/ ‘Linha de pescar’

d. tɨplata ‘sit down’/ ‘sentar’
tɨplata-***pi***
Sentar-NMLZ
‘Bench, seat’ / ‘Banco, cadeira’

(HANSON, 2010, p.179)

4.3.1.3.1.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti

Das línguas que compõem esse subgrupo, apenas Nanti[61] não exibem exemplos de nominalização de instrumento/objeto. Mihas (2015) explica que a forma *– (re), (ro)ntsi* resulta na derivação de nomes instrumentais/objetos como podemos verificar nos exemplos (111) abaixo:

(111) Ashéninka Perené

a. Kitsa-***re-ntsi***
Vestir-se-NMLZ-NMLZ
‘Clothes’/ ‘Roupa’

b. Koma-***ro-ntsi***
Remar-NMLZ-NMLZ
‘Oar’/ ‘Remo’

[61] Michael (2008) exibe um exemplo que no qual ele afirma que é um nome instrumental. Contudo, compreendemos que esse tipo possa ser na verdade uma nominalização locativa. Porém, é apenas uma hipótese que pode ser analisada em pesquisas futuras.

c. SaNkina-***re-ntsi***
Ler-NMLZ-NMLZ

'Livro'

(MIHAS, 2015, p.430 (a, b); MIHAS; 2010 p.106 (c))

A língua Caquinte exibe três morfemas para expressar a nominalização instrumental: *-re, -ro* e *–meNto* que nominalizam verbos transitivos para formar nomes instrumentais e objetos, como podemos atestar a seguir.

(112) Caquinte

a. Kitsaa-***re***-Ntsi
Vestir-NMLZ-PNE

'Ropa, cushma'
'Roupa, almofada'

b. Shitaponka-***ro***-Ntsi
Construir:Plataforma-NMLZ-PNE

'Plataforma para sentarse/silla'
'Plataforma para sentar (cadeira) '

c. Kirik-a-***meNto***-Ntsi
Tricotar-TH-NMLZ-INSTR-PNE

'Instrumento de tecelagem'
'Instrumento para tecelagem'

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.135)

4.3.1.3.1.4 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Em Amuesha verificamos apenas um exemplo que comprove a nominalização instrumental, ela se dá a partir da sufixação de *–am̃/-am,* como podemos observar nos exemplos abaixo.

(113) Amuesha

a. Tarr- 'barrer, varrer'
Po-ˈtarr-***am̃***
2SG-varrer-NMLZ

'Su escoba/ Sua Vassoura'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.38)

A nominalização instrumental é encontrada em um número relevante nas línguas Arawak. Contudo, não encontrados dados nos trabalhos selecionados sobre esse tipo de nominaização em Wapixana, Achagua, Waujá, Yawallapiti, Maxinéri e Nanti. Em seguida, analisaremos a nominalização locativa.

4.3.1.4 Nominalização Locativa

Algumas línguas exibem um dispositivo para criar nomes a partir de verbos. Esse dispositivo significa "um lugar onde V acontece" (COMRIE; THOMPSON, 2007). Payne (1997) explica que a nominalização locativa refere-se para um local onde a atividade descrita pelo verbo tende a ocorrer. Verificamos esse tipo nas línguas de análise, como podemos verificar a seguir.

4.3.1.4.1 Grupo Norte-Arawak

4.3.1.4.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur

Os nomes de lugar em Palikur podem ser formados a partir da sufixação de *-¨ket* nos verbos intransitivos ou transitivos, como podemos verificar a seguir:

(114) Palikur

a. Ahinap ‘uriner’/ ‘urinar’
Ahinep***ket***
‘toilettes’/ ‘tolete, banheiro’

b. Anha ‘écrire’/ ‘escrever’
Enne***ket***
‘bureau’/ ‘escritório’

c. Ax ‘manger/ ‘comer’
Ax***ket***
‘cantine, restaurant’/ ‘cantina, ‘restaurante’

d. Bayah ‘garder’/ ‘guardar’
Bayeh***ket***
‘coffre, étagère’/ ‘cofre’

e. Bisik ‘fuir’/ ‘fugir’
Busi***ket***
‘abri, refuge’/ ‘abrigo, refúgio’

f. Keh ‘faire/ ‘fazer’
Keh***ket***
‘usine, attelier’/ fábrica, oficina’

g. Pes ‘sortir’/ ‘sair’
Pes***ket***
‘Sortie’/ ‘saída’

h. Piyuk ‘vendre’/ ‘vender’
Piyu***ket***
‘boutique, magasin’/ ‘loja, armazém’

(LAUNEY, 2003, p.231)

4.3.4.1.1.2 Subgrupo TA-Arawak (Caribe): Lokono e Wayuu

Deste subgrupo, apenas a língua Wayuu exibe alguns dados que possam comprovar a nominalização locativa. A língua Wayuu exibe a nominalização locativa através da sufixação de *–le (e)* afixada no verbo derivando nomes que expressam o lugar da ação do verbo, como podemos verificar nos exemplos.

(115) Wayuu

a. Ashajaa ‘escribir’/ ‘escrever’
Ashajü-***lee***

‘'Lugar para escribir’/ ‘Lugar de escrever’

b. Yaˈlakajaa ‘cocinar’/ ‘cozinhar’
Yaˈlakajaa-***lee***

‘Lugar de cocina’/ ‘Lugar de cozinhar’

c. Aneekaa ‘escolher
Anekü-***lee***

‘Lugar a elegir’/ ‘Lugar de escolher’

(ÁLVARES, 2017, p.123)

4.3.4.1.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

Todas essas línguas exibem nominalização locativa. Iniciando a análise com Baniwa de Içana, segundo Ramirez (2001b), a combinação *IND.PESS+verbo+ka+ɾo-CLF* é utilizada para formar nomes de lugares ou locais onde o verbo pratica a ação, exemplos a seguir mostram essa operação.

(116) Baniwa de Içana

a. I-iŋha-**ka-ɾo**-aaphi
CON-comer-NMLZ-LOC-CLF:SUPERFÍCIE

‘Refeitório (lugar/superfície onde se come) ’

b. -Kadzeekata-ka-ɾo-dapana
Ensinar-NMLZ-LOC-CLF: HABITAÇÃO

‘Escola (Edifício em que (x) ensina) ’

c. Deenhi-**ka-ɾo**-da
Trabalhar-NMLZ-LOC-CLF: SUPERFÍCIE

‘Lugar em que (x) trabalha’

(RAMIREZ, 2001b, p.343)

Já em Tariana, a nominalização locativa ocorre através da sufixação de *–mi* que significa uma nominalização locativa do passado, além deste morfema, o *–ri* também funciona como um nominalizador locativo, mas não passado. Os exemplos abaixo exibem a nominalização locativa em Tariana.

(117) Tariana

a. Dihpani-***mi***
3SGNG+trabalhar-NMLZ-LOC.PASS

'The place where he used to work'/ 'O lugar onde ele usou para trabalhar'

b. Dihpani-***ri***
3SGNF+trabalhar-NMLZ-LOC-N.PASS

'The place where he is working'/ 'O Lugar onde ele está trabalhando'

(AIKHENVALD, 2018b, p. 88)

Aikhenvald (2018b) argumenta que em Tariana a nominalização com *–mi* ausenta de traços nominais, por exemplo, ela não pode ser pluralizada, ou tomar qualquer tempo nominal ou outra morfologia, no exemplo (99-c) abaixo este morfema está na função de sujeito (S).

c. tuki na-nu na-musu
um.pequeno 3PL-ir 3PL-chega
[nha nema-***mi***-naku]
Eles 3PL+dormir-NMLZ.LOC.PASS-NMLZ.A/S
[diha ña-muo di-keta-mi-naku]
Ele espírito mal 3SG.N.F-conhecer-NMLZ.LOC.PASS.TOP-NMLZ A/S

'They went out a little way and came to the place where he had slept, the place where he met the evil spirit'
'Eles saíram um pouco e chegaram ao lugar onde tinham dormido, o lugar onde ele encontrou o espírito maligno'

(AIKHENVALD, 2018b, 89)

Em Warekena, conforme Aikhenvald (1998), a nominalização locativa é formada com o sufixo *-ɬi* que é afixado ao nome *waluta* 'planta' para formar a palavra *waluta-ɬi* que designa 'plantação', ou um lugar onde se planta. Infelizmente não encontramos mais exemplos para descrever sistematicamente essa operação. Contudo, aparentemente a nominalização locativa é atestada em Warekena.

4.3.4.1.1.4 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré exibe nominalização locativa através da afixação do sufixo *–waka* ou *ɾi(ho)* em verbos, como podemos atestar nos exemplos abaixo.

(118) Baré

a. –yanuma 'sit down/ 'sentar'
-yanuma-***waka***
Sentar-NMLZ

'A place to sit'/ 'Um lugar para sentar

b. –kubisa 'tie'/ 'amarrar'
Nu-kubisá-***waka***

1SG-amarrar-NMLZ
'A place where I tie my hammock'/ 'Um lugar onde amarro minha rede'

c. wa-ʃana-**ɽi** 'stay'/ 'ficar'
1PL-ficar-NMLZ
'A place where we live'/ 'Um lugar onde nós vivemos'

(AIKHENVALD, 1995, p.20)

4.3.1.4.2 Grupo Sul-Arawak

4.3.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso: Terena e Baure

Desses subgrupos, apenas, a língua Terena exibe a nominalização locativa. Ela ocorre através da afixação do sufixo nominalizador *–ku* que indica "lugar em que". Os exemplos abaixo mostram essa operação. Esse tipo de nominalização pode ocorrer com o morfema *–ti*, como podemos observar no exemplo em (119-c):

(119) Terena

a. Ôvo 'morar'
Óvo-***ku***
Morar-NMLZ
'Lugar onde mora (casa) '

b. Vêko 'passar'
Vévo-***ku***
Passar-NMLZ
'Lugar onde passa'

c. Ikokú-***ti***
Tirar? -NMLZ
'Lugar onde tirar a água (poço) '

(BUTLER E EKDALL, 2014, p.100)

4.3.1.4.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Apenas conseguimos encontrar a nominalização locativa em Paresi. Infelizmente, nas outras línguas esse processo se perdeu, não existe ou ainda não foi descrito. Em Paresi, o sufixo instrumental *–kala* junta-se como o morfema *–otse* 'locativo' para derivar nomes locativos onde a ação do verbo ocorre e significa 'um lugar onde' (BRANDÃO, 2014). Os exemplos abaixo exibem essa operação em Paresí.

(120) Paresí

a. Zera 'Sing'/ 'Cantar'
Zera-***kala-otse***
Cantar-NMLZ-LOC
'Place used for singing'/ 'Lugar usado para cantar'

b. Tona ‘Walk/ ‘Caminhar’
Tona-***kala-otse***
Caminhar-NMLZ-LOC

‘Place where one walks’/ ‘Lugar onde aquele caminha’

c. Koaha ‘Bathe’/ ‘banhar-se’
Koaha-***kala-otse***
Banhar-se-NMLZ-LOC
‘Place where the person bathes’/ ‘Lugar onde a pessoa se banha’

(BRANDÃO, 2014, p.215)

Além desse tipo de derivação a língua apresenta um outro tipo de nominalização locativa que não envolve uma raiz verbal. Segundo Brandão (2014), o sufixo *–iyere/ -iyolo* deriva nomes de outros nomes e advérbios, ou demonstrativos adverbiais com o significado de ‘alguém que é de’. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de nominalização.

d. eye hare awenaka-***iyere*** zoima-nae a-waiyoli-ni-ki-tsa-ha
DEM ? Aldeia-NMLZ crianças-PL THS-saber-NMLZ-CAUS-TH-PL
Maheta
PURP

‘To teach the children from this village’
‘Para ensinar as crianças desta aldeia’

e. Tyotya witso Owihokoyerenae ene
tyotya witso Owihoka-***iyere***-nae ene
Todos 1PL Owihoko-NMLZ-PL PST

‘It is all over, we were from the Owihoko village’
‘Acabou tudo, éramos da aldeia Owihoko’

(BRANDÃO, 2014, p.215)

4.3.1.4.2.3 Sudoeste Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro

Nesse subgrupo apenas a língua Yine-Piro exibe dados que comprovam a nominalização locativa. De acordo com Hanson (2010), o sufixo *–waka* deriva nomes de localização e a partir de verbos e advérbios, esse morfema é acompanhado pelo aplicativo *ye*. Os exemplos abaixo exibem a nominalização locativa em Yine-Piro.

(121) Yine-Piro

a. Yopika ‘descend’/ ‘descer’
Yopi-çe-***waka***
Descer-FREQ-LOC

‘Port/ ‘Porta’

b. Hiwla ‘cook’/ ‘cozinhar’
Hiwala-lewa-çe-ta-ya-ko-***waka***
Cozinhar-CHAR-FREQ-VCL-APP-ANT.PASS-LOC-NMLZ

‘Kitchen’/ ‘Cozinha’

c. Teno ‘High, deep’/ ‘alto, profundo’
Teno-***waka***
Alto/profundo-NMLZ
‘Deep or high place’/ ‘Lugar profundo ou alto’

(HANSON, 2010, p.182,183)

4.3.1.4.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

Desse subgrupo apenas conseguimos constatar a nominalização locativa em Ashéninka Perené e Nanti. Nos dados de Mihas (2010a) foi possível observar que o relativizador *=ri* junto com um aplicativo também deriva nomes locativos quando o mesmo está atachado a um verbo. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de operação.

(122) Ashéninka Perené

a. no=v-aNt-apiNt-a=***ri***
1SG=comer-APPL-REALIS-HAB-REAL=REL
‘‘Dining area’/ ‘Área de jantar’

b. a=tsiNt-aNt-apiNt-a=***ri***
1PL=urinar-APPL-REALIS-HAB-REAL=REL
‘‘Tolete (a place to urinate) ’/ ‘Tolete (um lugar para urinar) ’

(MIHAS, 2010, p.213)

A língua Nanti aparenta apresentar uma nominalização locativa através da afixação do nominalizador deverbal *–rira*. A hipótese que esse nome derivado é um tipo locativo se dá pelo fato que, primeiramente, apresentar um aplicativo junto com o nominalizador, isso ocorre, concomitantemente, com outras línguas que exibem esse tipo de nominalização. Infelizmente, só encontramos um exemplo desse tipo de operação na língua, como podemos observar abaixo.

(123) Nanti

a. Mag-aNt-***rira***
Dormir-APP: INST-NMLZ
‘Sleeping hut (bedroom) ’/ ‘Cabana de dormir (quarto) ’

(MICHAEL, 2008, p.304)

Não encontramos descrição de nominalização locativa na língua Amuesha. Em suma, as línguas do grupo Norte-Arawak apresentam a nominalização locativa em seis línguas (Palikur, Wayuu, Baniwa, Baré, Tariana e Warekena), enquanto que nas línguas do grupo Sul-Arawak, a nominalização locativa está presente em cinco idiomas (Terena,

Paresí, Yine-Piro, Ashéninka Perené e Nanti). Observamos também que, em algumas línguas, os morfemas nominalizadores sempre vêm acompanhados com um sufixo locativo/aplicativo, para designar o local onde a ação do verbo é designada. A última operação nominalizadora analisada neste trabalho é a produtiva que será descrita a seguir.

4.3.1.5 Nominalização de produto

De acordo com Payne (1997) essa operação derivacional é aquela que se refere ao produto ou resultado da ação de um evento descrito por uma raiz verbal. Ao analisar os dados das línguas Arawak, poucos autores distinguem esse tipo de nominalização daquelas de ação/estado. Contudo, Payne (1997) chama atenção para isso; que esse tipo de operação não é a mesma que de paciente, já que ela expressa um nome que é produto do verbo. As línguas abaixo exibem essa nominalização.

4.3.1.5.1 Grupo Norte-Arawak

Essa nominalização foi encontrada em sete línguas pertencentes a esse grupo. São elas: Palikur (subgrupo: Palikur), Wayuu (Subgrupo: TA-Arawak), Resígaro (Subgrupo: Colômbia) Baniwa de Içana, Tariana, Warekena (subgrupo Alto Rio Negro) e Baré (Subgrupo: Orinoco).

4.3.1.5.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur

Em Palikur, o sufixo *–ka* também pode derivar nomes que designam o produto da ação do verbo, como podemos verificar nos exemplos em (124).

(124) Palikur

a. Isim ‘acheter’/ ‘comprar’
Isin***ka***
‘Achat’/ ‘Compras’

(LAUNEY, 2003, p.226)

4.3.1.5.1.2 Subgrupo TA-Arawak: Wayuu

Em Wayuu, a nominalização de produto é realizada a partir da sufixação de *–la (a)* em verbos que resultam no produto da ação do verbo, como podemos observar em (125).

(125) Wayuu

a. aˈlakajawaa ‘cocinar/ ‘cozinhar’
aˈlakaja***laa***
‘‘La cocina (la comida) ’/ ‘O cozido (a comida) ’

(ALVARÉZ, 2017, p. 123)

4.3.1.5.1.3 Subgrupo Colômbia: Resígaro e Achagua

Em Resígaro foi possível encontrar esse tipo de operação. O sufixo *–tsí* quando atachado a uma base verbal deriva um produto da ação do verbo, como podemos verificar nos exemplos a seguir, retirados de Allin (1976).

(126) Resígaro

a. Kone 'to sell/ 'vender'
Konée-***tsí***
'Merchandise'/ 'mercadoria'

(ALLIN, 1976, p.111)

4.3.1.5.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

A nominalização de produto é uma operação que aparenta ser presente nas línguas Arawak do subgrupo Alto Rio Negro. Em Baniwa de Içana, essa operação não é produtiva e ocorre com a combinação de sufixo nominalizador de futuro *–wa* junto com o classificador para referentes que designam "coisas arredondadas", o *–da*. Ramirez (2001b) explica que *–wa+-da* é usado para nominalizar alguns raros verbos, sem que haja referência ao futuro, dando origem em nomes que expressam o produto da ação do verbo, como podemos verificar em (127).

(127) Baniwa de Içana

a. íiɽa 'beber'
iiɽa-**wa**-da
Beber-NMLZ-CLF:ARRENDONDADO
'Bebida'

(RAMIREZ, 2001, p.358)

Em Tariana encontramos esse tipo de nominalização em alguns dados retirados de Aikhenvald (2006). Esse processo é feito a partir da afixação do sufixo *-ɨ̨si* em verbos que derivam nomes que produzem um produto do verbo fonte. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo de derivação.

(128) Tariana

a. –Nhã 'to eat'/ 'comer'
Nhãka-***si***
'Food'/ 'Comida'

b. -Iɾa 'to drink'/ 'beber'
Iɾaka-***si***

‘A drink’/ ‘Uma bebida’

(AIKHENVALD, 2003, p.200)

E por fim, verificamos em Warekena um exemplo desse tipo através da sufixação de *-ʃi* em bases verbais para derivar um nome que retrata um produto da ação desse verbo.

(129) Warekena

a. Yanata ‘escrever’
Nu-yanata-**ʃi**
1SG-escrever-NMLZ
‘My whrite’/ ‘Minha escrita’

(AIKHENVALD, 1998, p. 320)

4.3.1.5.1.5 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré parece exibir a nominalização de produto já que ela designa um produto dessa operação, como podemos constatar a seguir, através dos morfemas ***-ɻi(hi)*** e ***Ø***.

(130) Baré

a. -Nika ‘to eat’/ ‘comer’
Nika-***ɻihi***
‘Food’/ ‘comida’

b. -Sika ‘to excrete’/ ‘defecar’
Sika-***Ø***
‘Faeces/ ‘Fezes’

(AIKHENVALD, 1995, p.20)

Das onze línguas Arawak selecionadas do grupo Norte-Arawak, observamos que sete exibem esse tipo de operação nominalizadora. Agora, vamos analisar essa operação nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.5.2 Grupo Sul-Arawak

Diferentemente das línguas do grupo Norte-Arawak, nas quais, essa nominalização é uma operação aparentemente recorrente, nas línguas do grupo Sul-Arawak, encontramos esse tipo apenas em quatro línguas, são elas: Baure (subgrupo Bolívia-Mato-Grosso), Maxinéri, Yine Piro (Subgrupo Apurinã-Piro) e Ashéninka Perené (subgrupo Campa). Em seguida, verificaremos a nominalização de produto nestas quatro línguas.

4.3.1.5.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso do Sul: Baure e Terena

Deste subgrupo, apenas, encontramos nominalização de produto em Baure. Em Terena esse tipo de nominalização, infelizmente, não foi encontrada. Mesmo em Baure, essa nominalização não é considerada produtiva na língua (cf. DANIELSEN, 2007). Os exemplos abaixo exibem essa operação em Baure.

(131) Baure

a. pi=ehevi-ko ten pi=ehovi-***ri***
2SG=jogar fora-ABS DEM3M 2SG-jogar fora-NMLZ
‘‘You throw away the garbage’/ ‘Você joga fora o lixo’

(DANIELSEN, 2007, p.191)

4.3.1.5.2.2 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Piro

Das línguas desse subgrupo, apenas Yine-Piro exibem a nominalização de produto. A língua Maxineri exibe um dado que expressa a nominalização de produto a partir da afixação do sufixo *-rɨ* em bases verbais, como podemos atestar a seguir.

(132) Maxinéri

a. Na-sɨka > sɨka-***rɨ***
1SG-comer comer-NMLZ
‘Eu como’ ‘comida’

(SILVA, 2013, p.68)

Em Yine-Piro, Hanson (2010) exibe em alguns exemplos a nominalização de ação e estado a partir da afixação do sufixo *–lɨ*. A autora argumenta que esse tipo de nominalização corresponde para o produto da ação denotada em uma raiz verbal, ou para uma entidade descrita pelo atributo denotado em uma raiz adjetiva. A autora explica que quando esse verbo está combinado com o sufixo *–nɨ* (antecipatório), o *-lɨ* nominaliza um predicado e o nominal derivado corresponde ao objeto do predicado nominal, como podemos verificar a seguir.

(133) Yine-Piro

a. Wnikanrɨ
W-nika-nɨ-***lɨ***
1PL-comer-ANTC-1SG.M
‘Nossa comida’

(HANSON, p. 169)

4.3.1.5.2.3 Subgrupo Campa: Ashéninka Perene, Caquinte e Nanti

Dessas três línguas selecionadas apenas encontramos nominalização de produto em Ashéninka. De acordo com Mihas (2015) a nominalização de produto é formada a partir do sufixo *–mento.* A autora argumenta que os nomes são subtipos de nominais não-agentes (MIHAS, 2015). Os exemplos abaixo exibem a nominalização de produto em Ashéninka Perené.

(134) Ashéninka Perené

a. ari i-nari-ak-a i-tapiy-ak-a [62]
PP 3M.deitar-PFV-REAL 3M.S-ser inflado-PFV-REAL
i-maa-***mento***-ki
3M.S-dormir-NMLZ-LOC

'There he was lying, all swollen, in his bed'
'Lá ele está deitado, todo inchado, em sua cama'

b. tzimatsi ov-ant-a-***mento***-ki-ka
Existir 3N.M. POSS-sentar-EP-NMLZ=DEM

'She had that killing club of hers'
'Ela tinha aquele taco de matar ela'

c. pi-v-i-ro o-soik-a-***mento***-ki=ka
2_A-lugar-IRR-3N.M.O 3N.M.POSS-sentar-EP-NMLZ=DEM

'Put it there on her stool'/ 'Coloquei lá no banquinho dela'

d. Mareria-taki sankina-***mento***-tsi_{VCC}
Brilhar-INTNS escrever-NMLZ-NPOSS-POSS

'The computer's screen is shiny'/ 'A tela do computador é brilhante'

(MIHAS, 2015, p.431)

Em suma, os dados mostram 11 línguas que exibem a nominalização de produto, sendo sete fazendo parte do grupo Norte-Arawak e quatro pertencendo ao grupo Sul-Arawak. Assim, como a nominalização locativa, tal operação não parece ser predominante nas línguas de análise, o que faz dela um tipo menos produtivo. Além disso, há bastante equívoco sobre esse tipo de operação, já que muitos autores a coloca como uma nominalização que faz parte do tipo ação/estado. Novas análises serão realizadas para que se possa ter consistentemente a diferença entre nominalização de produto e de ação/estado. Por fim, acreditamos que até aqui que esse estudo é bastante importante para

[62] No exemplo (134.a) poderíamos afirmar que i-maa-***mento***-ki-ka (3M.S-DORMIR-NMLZ-LOC) pode ser considerado na verdade como uma nominalização locativa, já que o nome derivado apesar de ser cama, é um lugar onde se dorme. Contudo, por questão de fidelidade aos dados da autora colocamos esse exemplo como nominalização de produto que também não deixa de ser. De fato, é uma análise que ainda necessita ser revisada.

a realização de novas formulações e análises. A subseção que segue exibe uma análise tipológica sobre o processo de nominalização nas 24 línguas selecionadas.

4.3.1.6 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Arawak selecionadas

Shibatani (2019) explica que a nominalização é um processo metonímico que produz construções, incluindo palavras e unidades frasais associadas a uma denotação comportada por conceitos nominais ou de entidades que são metonimicamente evocadas pelas estruturas de nominalização, como eventos, fatos, proposições e produtos resultantes, como a nominalização de evento, de participantes dos eventos (nominalização de argumentos, tais como agente, paciente, instrumento, etc) e de outros conceitos intimamente associados às formas bases (SHIBATANI, 2019). Para Shibatani (2019), como produto as "nominalizações são como nomes em virtude de sua associação com uma denotação de conceitos de entidade, uma propriedade que fornece uma base para a função referencial de um sintagma nominal (SN) nucleado por esses nominais" (p.05)[63]. Nos exemplos aqui mostrado observamos que os nomes, na maioria das vezes, são derivados de verbos e desempenham esse tipo de função descrito por Shibatani. A nominalização das 24 línguas Arawak é um fenômeno produtivo nessas línguas, com exceção de Achaguá (subgrupo: Amazônia Colombiana) e Yawalapiti (subgrupo Paresi-Xingu) que infelizmente não encontramos descrições sobre. No caso do Yawalapiti, existe um processo derivacional que está relacionado com classificadores que vamos ver no capítulo 5 de morfologia nominal. A nominalização é um processo extremamente diverso. Só nas 24 línguas selecionadas, ela é descrita de forma extremamente exaustivas, com diferentes morfemas e com pouca regularidade.

A nominalização tem sido abordada a partir de diferentes aspectos, tais como sincrônico, diacrônico, de línguas específicas, como o caso do Yukuna, língua da família Arawak (cf. LEMUS-SERRANO, 2020), traços areais, genealógicos e translinguisticos. Nesta tese, focaremos a análise dos padrões de nominalização a partir de traços morfossintáticos e sincrônicos, uma vez que estamos analisando questões simultâneas dessas línguas. Para uma organização melhor dos dados, primeiramente vamos verificar os padrões tipológicos de nominalização encontrados nas línguas Norte-Arawak e em seguida analisaremos das línguas do grupo Sul-Arawak.

[63] nominalizations are like nouns by virtue of their association with an entity-concept denotation, a property that provides a basis for the referential function of a noun phrase headed by these nominal.

4.3.1.6.1 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Norte-Arawak

O processo de nominalização nas línguas pertencentes ao grupo Norte-Arawak é bastante produtivo, ocorrendo praticamente na maioria das línguas. Um outro ponto importante de se observar é que algumas nominalizações são bastante predominantes enquanto outras são menos recorrentes. A tabela 2 abaixo exibe o padrão tipológico de nominalização das 11 línguas selecionadas do grupo Norte-Arawak. Essas línguas estão divididas conforme os subgrupos das quais elas fazem parte.

Tabela 2 – Recorrência de Nominalização das línguas do Grupo Norte-Arawak[64]

Subgrupos	Línguas	Nmlz Ação/estado	NMLZ Agente/Paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz locativa	Nmlz Produto
Rio Branco	Wapixana	S	S	N	N	N
Palikur	Palikur	S	S	S	S	S
Caribe	Garifuna	S	S	S	N	N
Ta-Arawak	Lokono	S	S	S	N	N
	Wayuu	S	S	S	S	S
Colômbia	Resígaro	S	S	S	N	S
	Achagua	S	N.D	N.D	N.D	N.D
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	S	S	S	S	S
	Tariana	S	S	S	S	S
	Warekena	S	S	S	S	S
Orinoco	Baré	S	S	S	S	S
Total	11	11	10	9	5	7
			42%			

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

[64] SIGLAS:
S = SIM
N= NÃO
ND= NÃO DESCRITO

A tabela 2 acima mostra 42% da distribuição dos tipos de nominalização que ocorrem nas línguas do Grupo Norte-Arawak. Tipologicamente, como esperado, em qualquer estudo de nominalização (cf. PAYNE, 1997; COMRIE & THOMPSON 2007; SHIBATANI, 2019) as derivações que resultam em nomes de ação/estado e participante (agente e paciente) são os tipos mais comuns, e no caso dessas línguas não seria diferente, já que elas são mais recorrentes do que a nominalização instrumental e de produto. A nominalização locativa é aquela que aparenta não ocorrer com tanta ocorrência quanto as outras, já que não encontramos dados sobre ela nos trabalhos pesquisados. Assim, de acordo com a tipologia de nominalização, se formos realizar uma escala de tipos de nominalizações mais recorrentes nas línguas classificadas no grupo Norte-Arawak teríamos a seguinte escala.

(135) *Escala hierárquica dos tipos de nominalização das línguas Norte-Arawak*

NMLZ AÇÃO/ESTADO > NMLZ PARTICIPATIVA (AGENTE/PACIENTE) > NMLZ INSTR./OBJ. > NMLZ PROD. > NMLZ LOC.

Fonte: Elaborado pela autora, 2022

A escala em (135) apenas resume de uma forma hierárquica os tipos de nominalizações que foram encontradas nas 11 línguas que fazem parte do grupo Norte-Arawak, tal escala é apenas uma hipótese de como esse fenômeno é organizado tipologicamente nessas línguas. Muitas línguas Arawak ainda necessitam de um estudo mais sistemático sobre esse fenômeno, por exemplo, a língua Achaguá[65] que no trabalho de Wilson (1992) exibe poucos exemplos de derivação nominal, sendo que esses exemplos não descrevem os tipos de nominalização de forma sistemática. Já nas outras dez línguas a nominalização aparenta ser um processo derivacional frequente. A seguir, observamos a nominalização das línguas que fazem parte do grupo Sul-Arawak.

4.3.1.6.2 Padrões tipológicos de nominalização das línguas Sul-Arawak

Selecionamos 13 línguas que fazem parte do grupo Sul-Arawak, assim como ocorre nas línguas do grupo Norte-Arawak, a nominalização e seus tipos são atestados nessas línguas. Os parâmetros em alguns tipos não mudam, por exemplo, as nominalizações de ação/estado e participativa (agente/paciente) são as mais recorrentes, a instrumental foi encontrada em 9 línguas. Diferentemente das línguas do grupo Norte-

[65] Infelizmente não conseguimos ter acesso ao trabalho de Melendez 1998 sobre a língua Achaguá.

Arawak, tanto a nominalização locativa quanto a de produto são menos recorrentes, ocorrendo em 4 línguas. A tabela 3 a seguir exibe os padrões tipológicos de nominalização das línguas do grupo Sul-Arawak. As línguas estão divididas conforme os subgrupos que elas fazem parte.

Tabela 3 – Recorrência de nominalização das línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	Nmlz Ação/estado	Nmlz agente/paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz Locativa	Nmlz Produto
Bolívia-Mato-Grosso	Terena	S	S	S	S	N
	Baure	S	S	S	N	S
Paresi-Xingu	Waurá	N.D	S	N	N	N
	Mehináku	S	S	S	N	N
	Yawalapiti	N.D	N.D	N.D	N.D	N.D
	Paresí (Haliti)	S	S	S	S	N
Piro-Apurinã	Apurinã	S	S	S	N	N
	Maxinéri	S	S	N	N	S
	Yine-Piro	S	S	S	S	S
Campa	Asheninka Perene	S	S	S	S	S
	Caquinte	S	N	S	N	N
	Nanti	N	S	N	S	N
Amuesha	Amuesha	S	S	S	N	N
Total		10 línguas	10 línguas	9 línguas	4 línguas	4 línguas
37%						

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Das 13 línguas selecionadas das línguas do Grupo Sul-Arawak 37 % delas exibem o processo de nominalização. A diferença entre as línguas do grupo Norte-Arawak é bem pouca. Entre essas línguas, apenas, Yawalapiti que, embora tenha dois trabalhos descritivos, não apresenta uma análise sistemática sobre esse processo, o que dificulta saber se existe algum tipo de nominalização. Outras línguas que têm pouco estudos sobre nominalização são Caquinte e Nanti. Michael (2008) afirma que a nominalização em Nanti é um processo que está se perdendo, o mesmo pode estar ocorrendo em Caquinte (mas ainda não se pode afirmar). Estudos sobre nominalização necessitam ser descritos com mais detalhe tanto nas línguas do subgrupo Campa quanto nas línguas pertecentes ao subgrupo Paresí-Xingu (Wauja, Mehináku e Yawalapiti), já que elas apresentam poucos dados. A escala hierárquica de tipos de nominalizações mais e menos recorrentes nas línguas do grupo Sul-Arawak é dada a seguir:

(136) *Escala hierárquica dos tipos de nominalização das línguas Sul-Arawak*

NMLZ AÇÃO/ESTAD. > NMLZ PARTICIPATIVA (AGENTE/PACIENTE) > NMLZ INSTR./OBJ. > NMLZ LOC. > NMLZ PROD.

Fonte: elaborado pela autora, 2022

Essa escala apenas resume o padrão tipológico hierárquico dos tipos de nominalização encontrados nas línguas do grupo Sul-Arawak. Observamos que ela não tem tanta diferença com a escala do grupo Norte-Arawak. A tabela 4 a seguir resume os padrões tipológicos de nominalização das 24 línguas selecionadas para esta pesquisa.

Tabela 4 – Recorrência dos tipos de nominalização das 24 línguas Arawak selecionadas

Subgrupos	Línguas	Nmlz Ação/estado	NMLZ Agente/Paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz locativa	Nmlz Produto
Rio Branco	Wapixana	S	S	N	N	N
Palikur	Palikur	S	S	S	S	S
Caribe	Garifuna	S	S	S	N	N
Ta-Arawak	Lokono	S	S	S	N	N
	Wayuu	S	S	S	S	S
Colômbia	Resígaro	S	S	S	N	S
	Achagua	S	N	N	N	N
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	S	S	S	S	S
	Tariana	S	S	S	S	S
	Warekena	S	S	S	S	S
Orinoco	Baré	S	S	S	S	S
Bolívia-Mato-Grosso	Terena	S	S	S	S	N
	Baure	S	S	S	N	S
Paresi-Xingu	Waurá	N	S	N	N	N
	Mehináku	S	S	S	N	N
	Yawalapiti	N	N	N	N	N
	Paresí (Haliti)	S	S	S	S	N
Piro-Apurinã	Apurinã	S	S	S	N	N
	Maxinéri	S	S	N	N	S
	Yine-Piro	S	S	S	S	S
Campa	Ashéninka Perene	S	S	S	S	S
	Caquinte	S	N	S	N	N
	Nanti	N	S	N	S	N

Amuesha	Amuesha	S	S	S	N	N
Total		21 línguas	21 línguas	18 línguas	11 línguas	11 línguas
82%						

Fonte: elaborado pela autora, 2022

A tabela 4 apresenta um panorama geral da nominalização das 24 línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa. Observamos que esse fenômeno tem uma recorrência bastante alta, com um porcentual de 82%. Dos tipos de nominalização aqui estudado, a locativa e de produto são menos propícias de ocorrer nos dados analisados ou ainda não foram descritas de forma sistemática. No mais, até o momento, foi possível identificar que a nominalização como processo derivacional é atestada em um número amplo de línguas, embora, algumas delas necessitam de um estudo mais condensado. Em (137) exibimos uma escala hierárquica dos tipos de nominalização encontrados nas 24 línguas selecionadas nesta tese.

(137) *Escala hierárquica de padrões de nominalização nas línguas Arawak*

NMLZ AÇÃO/ESTAD. > NMLZ PARTICIPANTE (AGENTE/PACIENTE) NMLZ INSTR./OBJ. > NMLZ LOC > NMLZ PROD

No que se refere aos parâmetros de nominalização, tais línguas exibem um padrão bem esperado pela tipologia de nominalização, uma vez que muitas línguas exibem com bastante recorrência os tipos de ação/estado e participante. A nominalização instrumental também tem uma predominância, mas não tanto quanto as duas primeiras, já a nominalização locativa e de produto são menos recorrentes. Por fim, além dessas recorrências, é importante observar os morfemas nominalizadores nessas línguas, é o que vamos verificar a seguir.

4.3.1.6.3 A morfologia do processo de nominalização das línguas Arawak

A morfologia da nominalização das 24 línguas Arawak selecionadas nesta tese, mostrou ser bem diversificada, apesar de existir algumas reguralidades, os morfemas são bem diversos e muitos deles exibindo uma grande variedade de alomorfia. Interessante perceber que, na maioria dessas línguas, a nominalização é realizada predominantemente por sufixação e cada operação nominalizadora recebe um afixo diferente. Nessa subseção iremos, primeiramente, exibir os morfemas nominalizadores das línguas Arawak do Norte e em seguida das línguas pertencentes do grupo Sul-Arawak. A tabela 5 abaixo exibe os morfemas das línguas Arawak do Norte.

Tabela 5 – Morfemas nominalizadores das línguas do Grupo Norte-Arawak

Subgrupo	Línguas	Nmlz Ação/estado	NMLZ Agente/Paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz locativa	Nmlz Produto
Rio Branco	Wapixana	*kaɾɨ*	*paiʐu*			
Palikur	Palikur	*ka/ki*	*– (e) vutne/- (e) vutno/atya*	*tet*	*ket*	*ka*
Caribe	Garifuna	*ni*	*–i*	*güléy*	N	N
Ta-Arawak	Lokono	*thi*	*–lhin*	*koana*	N	N
	Wayuu	*laa*	*–i/lü*	*a/yaa*	*lee*	*laa*
Colômbia	Resígaro	*tsi*	*minaagí*	*–tsí*	N	*tsí*
	Achagua	*ni*	N	N	N	N
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	*khe*	*–ka*	*joópa*	*ka-ɾo*	*wa*
	Tariana	*nipe*	*–kani*	*nipe/-ri*	*ri/mi*	*si*
	Warekena	*ʃi, -pitʃi, -Ø/pe*	*ena*	*ɾi*	*ʧi*	*ʃi*
Orinoco	Baré	*waka/haɻi/uɻi*	*kabuɾe /kaɾeni*	*waka*	*waka*	*ɻihi/-Ø*

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Os morfemas nominalizadores das línguas que fazem parte do grupo Norte-Arawak exibem uma ampla diversidade morfológica com pouquíssimas regularidades. Assim, quando analisamos a tabela 5 acima, verificamos que, os morfemas nominalizadores não exibem formas tão regulares. Por exemplo, tanto os morfemas de nomes de ação/estado quanto os de participante apresentam formas diferentes. Outra questão interessante é o papel dos sufixos *-tV em paralelo com o –rV e suas variantes, ocorrendo como sufixos nominalizadores nessas línguas (cf. MATTESON, 1972; PAYNE, 1991). Outro morfema regular é o *–kV* e suas variantes, ocorrendo em Palikur e em Wayuu (com o apagamento da consoante) e Baniwa. Contudo, essas análises, apenas são hipóteses que necessitam ser estudadas com mais detalhes para que se possa ter um resultado mais consistente. Agora verificaremos os morfemas nominalizadores das línguas pertencentes ao grupo Sul-Arawak. A tabela 6 abaixo exibe os morfemas nominalizadores das línguas do grupo Sul-Arawak selecionadas para essa pesquisa.

Tabela 6 - Morfemas nominalizadores das línguas do Grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	Nmlz Ação/estado	Nmlz agemte/paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz Locativa	Nmlz Produto
Bolívia-Mato-Grosso	Terena	*ko*	*ʧi/–kena*	*ke*	*ku/ti*	
	Baure	*čo/pi*	*no*	*ri*	N	*ri*
Paresi-Xingu	Waurá	N	*hɨ/-tsu*	N	N	N
	Mehináku	*ã*	*ki/ʦu'pa*	*tenu*	N	N
	Yawalapiti	N	N	N	N	N
	Paresí (Haliti)	*Ø/z-*	*re/-lo/-ze/–tiye /–hare/-halo/-ka*	*kala*	*kala-otse/ –iyere/ -iyolo*	*ti*
Piro-Apurinã	Apurinã	*inhi*	*muna*	*iko*		
	Maxinéri	*rɨ- (-ro f)*	*–rɨ (-lɨ F)*			*rɨ*
	Yine-Piro	*–inri /nɨ*	*–çerɨ (-çero F)/-lirɨ*	*pi*	*waka*	*lɨ*
Campa	Ashéninka Perene	*nka/ntsi/antsi*	*ri*	*– (re), (ro)ntsi*	*ri*	*mento*
	Caquinte	*ri*	N	*re, -ro e –meNto*	N	N
	Nanti	N	*rira*	N	*rira*	N

Amuesha	Amuesha	*– e ˈ/ añ-/-ñ/–eñ*	*a-...-añ/-ñ/-añа/ña/ a-/e....-ñaĩ/-ĩ/a-/e- /o-…-arẽt/-eĩ̃*	*–am̃/-am*	N	N

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Observando a tabela 6 dos morfemas nominalizadores das línguas Arawak do Sul percebemos que assim como ocorre nas do Norte, eles são variados. Aqui, podemos observar que o nominalizador *–ri* e suas variantes é bastante regular em Asheninka, Baure, Caquinte, Maxinéri e Piro. Além disso, um fato interessante ocorre na língua Mehináku em que a nominalização de ação/estado é realizada através nasalidade de a que muda para /ã/. Contudo, a língua Mehináku não exibe vogais fonologicamente nasais, podendo esse traço ser apenas um resquício de uma consoante nasal que se perdeu, tornando-se um fenômeno suprassegmental nasal /~/, derivando nomes ativos e estativos, essa forma é bastante peculiar já que não conseguimos encontrar esse tipo de nominalização em outras línguas. Por fim, a tabela 7 a seguir exibe os morfemas nominalizadores das 24 línguas Arawak analisadas nessa pesquisa.

Tabela 7 – Morfemas nominalizadores das 24 línguas Arawak

Subgrupos	Línguas	Nmlz Ação/estado	NMLZ Agente/Paciente	Nmlz Instrumental	Nmlz locativa	Nmlz Produto
Rio Branco	Wapixana	*-kaɽɨ*	*-paɨʐu*	N	N	N
Palikur	Palikur	*-ka/-ki*	*– (e) vutne/- (e) vutno/atya*	*-tet*	*-ket*	*-ka*
Caribe	Garifuna	*-ni*	*–i*	*-güléy*	N	N
Ta-Arawak	Lokono	*-thi*	*–lhin*	*-koana*	N	N
	Wayuu	*-laa*	*–i/lü*	*a-/-yaa*	*-lee*	*-laa*
Colômbia	Resígaro	*-tsi*	*minaagí*	*–tsí*		*-tsí*
	Achagua	*-ni*	N	N	N	N
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	*-khe*	*–ka*	*-joópa*	*-ka-ɽo*	*-wa*
	Tariana	*-nipe*	*–kani*	*nipe/-ri*	*-ri/-mi*	*-si*
	Warekena	*-ʃi, -pitʃi, -Ø/pe*	*-ena*	*-ɽi*	*-tʃi*	*-ʃi*
Orinoco	Baré	*-waka/-haɻi/-uɻi*	*-kabuɽe /-kaɽeni*	*-waka*	*-waka*	*-ɻihi/-Ø*
Bolívia-Mato-Grosso do sul	Terena	*-ko*	*-tʃi/–kena*	*-ke*	*-ku/-ti*	
	Baure	*-čo*	*-no*	*-ri*	N	*-ri*
Paresi-Xingu	Waurá		*-hɨ/-tsu*		N	N
	Mehináku	~	*-ki/-ʦu'pa*	*-tenu*	N	N
	Yawalapiti	N	N	N	N	N
	Paresí (Haliti)	*-Ø/z-*	*-re/-lo/-ze/–tiye /–hare/-halo/-ka*	*-kala*	*-kala-otse/ –iyere/ -iyolo*	*-ti*
Piro-Apurinã	Apurinã	*-inhi*	*-muna*	*-iko*		
	Maxinéri	*-rɨ- (-ro f)*	*–rɨ (-lɨ F)*			*-rɨ*

	Yine-Piro	*–inri /nɨ*	*–çerɨ (-çero F)/-lirɨ*	*pi*	*waka*	*-lɨ*
Campa	Asheninka Perene	*-nka/-ntsi/-antsi*	*-ri*	*– (re), (ro)ntsi*	*ri*	*-mento*
	Caquinte	*-ri*		*-re, -ro e –meNto*		
	Nanti	N.D	*rira*	N.D	*rira*	N.D
Amuesha	Amuesha	*– e ˈ/ añt-/-ñ/–eñ*	*a-...-añ/-ñ/-aña/ña/ a-/e-....-ñat̃/-t̃/a-/e-/o-...-aret̃/-et̃*	*–am̃/-am*	N	N

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Essa subseção não tem como objetivo realizar um estudo diacrônico ou de reconstrução desses morfemas, mas objetiva mostrar as variedades morfológicas que ocorrem no processo de nominalização. Observamos que alguns morfemas são regulares e fazem parte de uma forma mais canônica como o *tV ou *rV. Contudo, muitos deles são bastante variados. De acordo com Matteson (1972), O sufixo *-rV, masculino *-ri, feminino *-ru, forma possuída ou combinada *-re, neutro *-ra, parece ter uma recorrência bem generalizada nessas línguas. Esses morfemas, geralmente, servem como nominalizador e, junto com outras pessoas e números, pode ser objeto de um verbo, ou como uma espécie de estativo quando afixado a substantivos, adjetivos ou advérbios (MATTESON, 1972). Um estudo diacrônico sobre esses morfemas é um passo bastante importante, infelizmente não será possível realiza-lo nesta tese. Em vista disso, deixamos em aberto esse estudo para novas pesquisas sobre nominalização seja na tipologia (o que está sendo feito aqui) ou em estudos diacrônicos e de reconstrução histórica dos morfemas nominalizadores da família Arawak. A subseção a seguir exibe a derivação de verbos, a partir de nomes. O que é, frequentemente, chamado na literatura como processo de verbalização.

4.3.2 Verbalização nas línguas Arawak.

Conforme Payne (1997), a verbalização é uma operação muito comum que torna uma palavra em um verbo, quando ela é aplicada aos nomes, ocorre a *desnominalização*. Ou seja, torna um nome “menos nome”. Se esse processo é aplicado aos adjetivos ou em outra categoria gramatical, tal categoria torna-se um verbo. Diferentemente da nominalização, as questões de verbalização parecem não envolver diferentes tipos de operações. Haspelmath (2002) argumenta que, as línguas geralmente têm muito menos verbos do que nomes e os padrões derivados de verbos são menos numerosos e diversos. Mais comumente, os verbos são derivados de outros verbos. Os verbos denominais são muito menos difundidos do que os nomes deverbais (cf. HASPELMATH, 2002). Nas línguas Arawak selecionadas para esse trabalho, focaremos na verbalização sendo derivada principalmente de nomes. Esse tipo de operação é um processo produtivo, ocorrendo praticamente, na maioria dessas línguas. Assim como fizemos como a nominalização, dividiremos as línguas em grupos e subgrupos. Deste modo, verificaremos primeiramente esse processo nas línguas que compõem o grupo Norte-Arawak e, em seguida, nas línguas que fazem parte do grupo Sul-Arawak.

4.3.2.1 Verbalização nas línguas do grupo Norte-Arawak

4.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Na língua Wapixana os verbos podem ser derivados de nomes a partir da afixação dos sufixos verbalizadores *-ɖ, -ʧ, - t,* como mostram os exemplos a seguir:

(138) Wapixana

a. u-biʃua-***ɖ***-a-n wɨn
3F-doce-VBLZ-EP-MI água
'Ela adoçou a água'

b. ɨ-buʔuti-***ʧ***-a-n
3M-laço-VBLZ-EP-MI
'Ele lançou'

c. wa-baukup-***t***-a-n-mi piɖian-na-u aiɽi
1PL-todos-VBLZ-EP-MI pessoa-DEIT-PL hoje
'Vamos reunir o pessoal hoje'

d. ũ-ka-ʐim-***t***-a-n-mi bakɨɽ dɨna:
1SG-ATR-TCL:FOGO-VBLZ-EP-MI-NPRESS caitutu carne
'Assarei carne de queixada'

(SANTOS, 2006, p. 157)

4.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Green e Green (1972) e Launey (2003) argumentam que o sufixo *–ya* aparecem em radicais nominais para derivar nomes e permite a formação de verbos intransitivos que expressam uma ação que realiza a noção expressa pelo nome. Além desse morfema, existe o sufixo *–há* que aparece em radicais adjetivais e também, às vezes, em nominais, para formar verbos transitivos que expressam a ação que resulta em transformar alguém ou algo no que é expresso pelo adjetivo ou pelo nome (cf. LAUNEY, 2003). Os exemplos abaixo exibem a verbalização em Palikur.

(139) Verbalização com sufixo *–ya* em radicais nominais em Palikur

a. Payt 'home'/ 'casa'
Payt-***ya***
'Build a house'/ 'Construir uma casa'

b. kwak- 'farinha'
kwak-***ya***
'Make flour'/ 'fazer farinha'

c. Un 'água'
Un-***ya***

‘Get water’/ ‘Pegar água’

d. Umuh ‘canoa’
Umu-***ya***
‘Make a canoe’/ ‘Fazer uma canoa’

(GREEN E GREEN, 1972, p.73; LAUNEY, 2003, p.161, exemplo 120-d)

(140) Verbalização com sufixo *–ha* em basa adjetivais em Palikur

e. Kabay ‘bon’/bom’
Kabay-***ha***
‘Améliorer’/ ‘Melhorar’

f. Wadit ‘droit juste/ ‘justo’
Wadit-***ha***
‘Redresser, rectifer, endireitar’

g. Mabimne ‘faible’/ ‘fraco’
Mabimne***h***

‘Affaiblir’/ ‘Enfraquecer’[66]

h. Kannu ‘cabaple, habile’/ ‘capaz, hábil’
Kannu***h***

‘Enseigner/ ‘Ensinar’

(LAUNEY, 2003, p.162)

4.3.2.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

De acordo com Haurholm-Larsen (2016), a língua Garifuna exibe dois tipos de afixos denominais: o prefixo *a-* que pode ser usado para derivar verbos de nomes junto com os sufixos *–ha*, *-da* ou *–ra* e o sufixo denominal *-duwa* que é usado para transformar qualquer nome em um verbo estativo que descreve a qualidade de ser semelhante ao referente daquele substantivo, ou mostrar afeição por ele. Alguns exemplos dessa derivação verbal são dados a seguir.

(141) Garifuna

a. ***a***-séni-ha
VBLZ-rede.peixe-DISTR

‘To catch fish with your fishnet’/ ‘Para pescar com sua rede de peixe’

b. ***a***-chincharu-ta
VBLZ-torresmo-DISTR

‘To make pork rinds’/ ‘Para fazer torresmo’

c. ***a***-bágari-***da***
VBLZ-vida-VBLZ

[66] Launey (2003) explica que se a raiz da palavra termina em uma vogal ou em um ditongo, o sufixo *–há* assume a forma de uma nasalização, escrito por h, no trabalho dele.

‘To live’/ ‘Viver’

d. ***a***-bácha-***ra***
VBLZ-calor-VBLZ

‘Warm’/ ‘Aquecer’

e. Eyéri-***duwa***-t-i bi-sa:ni lé
Homem-VBLZ-TI-3M 2sg-FILHO 3M:DEM

‘That son of yours is a rebelli’/ ‘Aquele filho de vocês é rebelde’

f. Chumágü-***duwa***-t-i
Ladino-VBLZ-TI-3M

‘He is obsessed with Ladin culture and the Spanish language’
‘Ele é obcecado pela cultura ladina e pela língua espanhola’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.112, 113, 114)

4.3.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

As duas línguas pertencentes a esse grupo apresentam a verbalização. Em Lokono existe dois morfemas que podem derivar verbos de outras categorias, são eles: o *–ty* que ocorre com verbos estativos e o *–da* que ocorre com nomes para derivar verbos de eventos intransitivos. Os exemplos abaixo exibem essa operação.

(142) Lokono

a. D-alekhebe-***ty***-fa no
1SG-ser feliz-VBLZ-FUT 3SG

‘I will cheer her up’/ ‘Vou animá-la’

b. Da-there-***ta*** no
1sg- ser quente-VBLZ-FUT 3SG

‘I heated it’/ ‘Eu aqueci’

c. Da-bode-***da***-bo
1sg-anzol-VBLZ-CONT

‘I am fishing (with the line and hook)’
‘Eu estou pescando (com a linha e rede) ’

d. L-itotolhi-***da***-bo
3M-prego-VBLZ-CONT

‘He is nailing’/ ‘Ele está pregando’

(PET, 2011, p.38)

Alvaréz (2017) afirma que em Wayuu é comum derivar verbos de nomes alienáveis, colocando o prefixo *a- (ou suas variantes e-* e *o-)* no radical, ao qual um sufixo temático verbal é necessariamente adicionado, principalmente *-ja* e *–la*. Os exemplos abaixo exibem a verbalização de nomes em Wayuu.

(143) Wayuu

a. Areepa ‘arepa’
a-reepa-jaa
‘Hacer arepas’/ ‘Fazer arepa’

b. Chikeera ‘curral
a-chikeera-laa
‘'Hacer corrales’/ ‘Fazer currais’

c. jime ‘peixe’
e-jime-jaa
‘Pescar/ ‘Pescar’

d. moliina ‘moinho’
a-moliina-jaa
‘Moler’/ ‘Moer’

e. yonna ‘ballet’/ ‘balé’
a-yonna-jaa
‘Bailar/ ‘Bailar’

(ALVARÉZ, 2017, p.136)

4.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua

Deste subgrupo apenas conseguimos encontrar a verbalização na língua Achagua. A afixação do sufixo *–ku* em nomes faz com que os nomes se desnominalizem, transformando-os em verbos. Os exemplos abaixo exibem essa operação.

(144) Achagua

a. Kúule
‘Filho’

b. žu-kúule-***ku***
3SG.F-filho-VBLZ
‘Dar a luz (dar a luz)/ ‘Dar a luz (parir) ’

(WILSON, 1992, p.53)

O autor dá outro exemplo de verbalização com o sufixo causativo *–da* no qual o nome *chawi* ‘tigre’ quando vem acompanhado com esse morfema deriva o verbo cháwi-*da* ‘flechar’. Esse sufixo também deriva verbos de adjetivos, como podemos verificar a seguir.

c. Ísabii ‘molhado’
Sábi-***da***
‘Mojado’/ ‘Molhar’

(WILSON, 1992, p.54)

4.3.2.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

Apenas Baniwa de Içana exibe uma descrição detalhada sobre a verbalização, já as outras línguas não encontramos nenhuma descrição sistemática desse processo. Em Baniwa de Içana a verbalização é ocasionada a partir do sufixo causativo *–ta* que pode derivar verbos transitivos de nomes dependentes. Ramirez (2001b) afirma que esse processo não é produtivo na língua, alguns exemplos abaixo exibem essa derivação (N > V)

(145) Baniwa de Içana

a. –áapiɽhe ‘baixo de’ > -aapiɽhe-***ta*** VTR ‘Rebaixar, humilhar’
b. –kitsiNVda ‘amigo de’ > -kitsiNVdá-***ta*** VTR ‘Ajudar’
c. –péedza ‘frente de’ > -peedza-***ta*** VTR ‘Empurrar’
d. –ɨ̱ɨima ‘alegria de’ > -ɨ̱ɨimá-***ta*** VTR ‘Fazer carinho’
e. –wíni ‘caça, presa de’ > -winí-***ta*** VTR ‘Caçar, pescar’
f. doɽóme ‘demorado’ > -daɽomé-***ta*** ‘Fazer demorar’
g. dowhénaa ‘sujo’ > -dowhénaa-***ta*** ‘Sujar’
h. háamaa ‘cansado’ > -haamaa-***ta*** ‘Cansar’
i. hámo’ ‘quente’ > -hamó-***ta*** ‘Esquentar’

(RAMIREZ, 2001b, p.206-207)

4.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré exibe afixos derivacionais para derivar verbos de outras classes. O sufixo *–ka* é usado para derivar verbos impessoais sem prefixos de nomes e adjetivos e o *–da* é usado para verbos incoativos sobre adjetivos, verbos estativos e nomes. Os exemplos abaixo exibem a verbalização em Baré.

(146) Baré

a. yahane ‘day’/ ‘dia’
yahane-***ka***
‘To daw/ ‘Amanhecer’

b. Tai ‘black’/ ‘preto’
Tai-***ka***
‘To be nigth/ ‘Anoitecer’

c. Kunaba ‘thin’/ ‘magro’
Kunaba-***dˈa***

‘To lose weight’/ ‘Perder peso (emagrecer) ’

d. ʧĩnu hani waye-***da***
Cachorro criança alegre-VBLZ-INC

‘The puppy became merry’/ ‘O cachorrinho alegrou-se’

(AIKHENVALD, 1995, p. 39, p.40 (d))

As línguas do grupo Norte-Arawak exibem com predominância a verbalização, sendo atestada na grande maioria delas. Apenas em Resígaro, Tariana e Warekena não conseguimos encontrar exemplos sistemático de verbalização, o que dificulta afirmar se essas línguas apresentam ou não derivação de verbos a partir de outras categorias, um estudo mais detalhado necessita ser realizado para verificar isto. No mais, uma outra questão importante é que a derivação de verbos a partir de nomes aparenta ser mais recorrente daquela que vêm a partir de adjetivos. Em seguida, vamos verificar a derivação de verbos nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.2.2 Verbalização nas línguas do grupo Sul-Arawak

4.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato-Grosso do Sul: Terena e Baure

As duas línguas que fazem parte desse subgrupo exibem o processo de verbalização. Em Terena existem prefixos verbalizadores que derivam verbos a partir de nomes e adjetivos, são eles: *kɔ- (ka-)* e *i-*, os exemplos abaixo exibem a verbalização em Terena.

(147) Terena

a. ***ko***-móhi-ti
VBLZ-brinquedo-PROG

‘Ele está brincando’

b. ***ko***-yûho-ti
VBLZ-língua-PROG

‘Ele está falando’

c. ***ka***-árine-ti
VBLZ-doente-PROG

‘Ele está adoecendo’

d. ***i***-muju-k-ɔ-ʧĩ nɛ hajiʧĩkɔʧĩ
VBLZ-podre-t-PROG ART fruta

‘A fruta está apodrecendo’

e. ***i***-kotu-ʃ-o-aː-ʧĩ nikɔkɔnɔʧĩ nɛ sɛːnɔ
VBLZ-quente-T-REAL-3SG.O-PROG comida ART Mulher

‘A mulher está esquentando a comida’

(BUTLER E EKDALL, 2014, p.123 (a,b,c); ROSA, 2010, p.86 (d,e))

Já em Baure encontramos dois morfemas que podem derivar verbos a partir de nomes: o prefixo causativo *ko-* e o aplicativo *čo* que é produtivo como verbalizador. Os exemplos abaixo exibem essa derivação verbal na língua.

(148) Baure

a. ro=***ko***-poe-ko
3SG.M-CAUS-baixo-ABS

‘He came down (from a tree) ’/ ‘Ele desceu (de uma árvore) ’

b. Havi ‘oar’/ ‘remo’
Havi-***č***

‘Oar’/ ‘remar’

c. Haki ‘port/ ‘porta’
Haki-***č***

‘Close’/ ‘Fechar’

d. Wer ‘medicine/ ‘remédio’
Wero-***č***

‘Cure (applied to medicine) ’/ ‘Curar (aplicado para medicina) ’

(DANIELSEN, 2007, p.89 (a); p.243 (b, c, d))

4.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí

Com exceção da línga Yawalapiti, as outras línguas deste subgrupo exibem o processo de verbalização. Iniciando a análise com a língua Waujá, conseguimos verificar nos dados de Postigo (2014) morfemas verbalizadores: os prefixos *a-* e *hu-* e os sufixos –*ta* e –*ka*. Os exemplos abaixo exibem a derivação verbal em Wauja.

(149) Waujá

a. Sɨkutɨ ***hu***-amaka-wɨ
Sɨkutɨ VBLZ-rede-PASS

‘A Sɨkutɨ dormiu’

b. Januˈmaka ***hu***-aˈmaka-paj
Onça VBLZ-rede-IPFV

‘A onça está dormindo’

c. p-***a***-tuˈku-ta-paj uni
2SG-VBLZ-querer-VBLZ-IPFV água

‘Você quer água? ’

d. aw-atuˈlu-***ka***
2PL-dança-VBLZ

‘Dancem! ’

(POSTIGO, 2014, p.174)

A língua Mehináku exibe um processo de verbalização semelhante. De Felipe (2020) afirma que existem três tipos de morfemas verbalizadores: os prefixos *a-* e *–hu* e o sufixo *–ta*. Os exemplos abaixo exibem essa operação derivacional em Mehináku.

(150) Mehináku

a. Tinuma tineʂu-tãi kau-***ta***=pai?
Por que mulher-DIM dor-VBLZ-IPFV
‘Por que a mulher está doente? ’

b. natu ni=kiʂi-***ta***-la Atapulu
1SG 1SG=faca-VBLZ-FUT Atapulu
‘Eu vou cortar (isso) para o Atapulu’

c. p=ija pu=muka-ta n=itsu-pa-lu i=kahɨ n=itsu-pa-lu
2SG=IR 2SG=levar-CAUS 1SG=filha-EST-F 3=com 1SG=filha-EST-F
a-kama=pai=ku=hã
VBLZ-doente-IPFV=DECL=ENF
‘Você pode olhar minha filha, ela está doente’

d. tu=nai pɨ=***hu***-maka-pai
Onde=LOC 2SG=VBLZ-rede-IPFV
‘Onde você dorme? ’

(DE FELIPE, 2020, p. 270-271)

Em Paresí-Haliti a verbalização ocorre de duas formas. Primeiramente, os verbos estativos se transformam em verbos com função transitivizadora, isso ocorre através do prefixo causativo *–a* que é atachado aos verbos estativos, transformando-os em verbos transitivos, esse prefixo vem acompanhado com os sufixos temáticos *–tya~tsa* (cf. BRANDÃO, 2014). Além deste tipo de derivação, foi encontrado nos dados de Brandão (2014) dois verbos que são derivados de nomes. Os exemplos a seguir exibem essa operação em Paresí-Haliti.

(151) Paresi-Haliti

a. Ohiro *a*-kiya-***tya*** katxolo
Mulher VBLZ-ser preto-TH Cachorro
‘The woman blackened the dog’/ ‘A mulher enagreceu o cachorro’

b. Ne=e-watya-***tya*** matalo
2sg=VBLZ-ser quente-TH panela
‘I heated the pot’/ ‘Eu aqueci a panela’

c. –itxo ‘hoe’/ ‘enxada’
a-itxo-tya

VBLZ-enxada-TH

‘Weed’/ ‘Roçar’

d. –tiho ‘face’/ ‘rosto’
a-tiho-***tya***
VBLZ-rosto-TH

‘Meet’/‘Conhecer’

(BRANDÃO, 2014, p.262 (a,b); p.268 (c,d))

Interessante observar que o morfema causativizador *–a* nessas línguas vêm acompanhado com os morfemas verbalizadores que derivar verbos a partir de nomes, mostrando-se um padrão comum neste subgrupo.

4.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Desse subgrupo só não encontrados exemplos de verbalização em Maxinéri. Em Apurinã o verbalizador *–ta* é atachado a base de um nome para produzir verbos, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(152) Apurinã

a. Karuwa-***ta***-no
Não-indígena-VBLZ-1SG.O

‘I am/act like a non-indigenous person’
‘Eu sou e ajo como não indígena’

b. Nhipoko-***ta***
Comida-VBLZ

‘To eat/ ‘Comer’

(FACUNDES, 2000, p. 276-275)

Em Yine-Piro, os verbos derivados de outras classes, tais como nome ou adjetivos, são realizados através do sufixo *–ta*. Nessa língua, como em outras que exibem esse verbalizador, parece que este morfema se lexicalizou juntamente com a base radical. Alguns exemplos abaixo exibem esse tipo de derivação em Yine-Piro.

(153) Yine-Piro

a. Hanɨnro ‘wife of’/ ‘esposa de’
Hanɨnro-***ta***

‘To get married, to have a wife’/ ‘Casar, ter uma esposa’

b. Poʧke- ‘silêncio’
Hiʧke-***ka***

‘Be silent, shut up’/ ‘Ficar em silêncio, calar-se’

c. Towɨta‘comando’
t-towɨ***ta***-hima-nanɨ-m-ta-lɨ

‘She was ordering him (to kill the monkey they were seeing)’
‘Ela foi mandando nele (para matar o macaco que eles ficaram vendo) ’

(HARSEN, 2010, p.191)

4.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Asháninka Perene, Caquinte e Nanti

Deste subgrupo apenas encontramos dados de verbalização em Asháninka e Nanti. De todas as línguas Arawak selecionadas, o processo de verbalização das línguas do subgrupo Campa é o mais complexo, uma vez que envolve outros tipos de morfemas que não são os mesmos encontrados até agora, ou seja, a verbalização nessas línguas é um processo não padrão das línguas Arawak.

Iniciando a análise com a língua Asháninka Perené, Mihas (2015) explica que verbos denominais são formados a partir de nomes animados e inanimados, massivo e contáveis. Os nomes *shincha* ‘corrente’, *vatsatsi* ‘carne’, *potzotzi* ‘urucum’, *kipatsi* ‘sujeira, solo’, *airipashi* ‘folhas, palmeiras’, *-aNko* ‘mão, braço’, são inanimados e *sheripari* ‘xamã’ e *atziri* ‘pessoa’, são nomes humanos inanimados. Os nomes são uma variedade de domínios semânticos, exemplificados pelos termos panorâmicos em nomes de plantas, parte de corpo e termos sociais (cf. MIHAS, 2015). Para autora, os predicados verbais denominais, muitas vezes, expressam significados de mudança de estado ou adquirem significados não transparentes acessíveis apenas a alguém que esteja familiarizado com as práticas culturais dos falantes e crenças.

Mihas (2015, p.156) argumenta que predicados denominais são encontrados em orações afirmativas declarativas, orações interrogativas, orações de negação, orações focalizadas e orações não principais. De acordo com a autora, os predicados verbais podem tomar marcação realis ou irrealis e o sufixo de tempo passado remoto *–ni*. No entanto, eles exibem possibilidades morfológicas restritas na medida em que não aceitam sufixos verbais de avaliação subjetiva (por exemplo, *matsi* ‘compaixão’, *-mache* ‘involuntário’, amampi ‘premonição’ e mostram aversão a ocorrência com eclíticos =kari ‘para que não’ e nas construções imperativas). Os exemplos abaixo exibem verbos denominas em Asháninka Perené.

(154) Verbos denominais em Asháninka Perené

a. O-***shincha***-t-ap-ak-i nija-teni
3M.N.S-corrente-EP-DIR-PFV-REAL água-plano convexo
Kiarontsi-paite-ki
Estação-chuvosa-CL:PERÍODO-LOC

‘The current is/becomes strong during the season’
‘A corrente é/torna-se forte durante a estação’

b. Ponã y-oit-ai-t-ak-iro ponkaro
CON 3M.A-alimento-IMP-EP-PFV-REAL-3N.M.O videira (espécie)
O-***vatsa***-t-ant-na-ak-ia-ri
3N.M.S-carne-EP-APL-REAL-DIR-PFV-IRR-REL

‘Then they feed it with a vine drink, so that it becomes fleshy’
‘Então, eles alimentam com uma bebida de cipó, para que ela fique carnuda’

c. Ninka ***potsotzi***-ro-ri?
Quem urucum-real-3N.M.O-REAL

‘Who is the one who throws annatto on her body?
‘Quem é aquele que joga urucum no corpo dela?

d. Airo i-***kipatsi***-vai-t-na-aj-i
NEG 3M.S-solo-DUR-EP-DIR-TERM-REAL

‘Ela não foi capaz de extender meus braços’

e. Irotaki ***airipashi***-t-aj-i inchato-paye
3N.M-EXH-FOC 3NN.M.S-palmeiras-EP-TERM-REAL árvore-PL

‘It is covered with trees with broad green leaves (palm trees)’
‘Está coberta de árvores com folhas verdes largas (palmeiras) ’

(MIHAS, 2015, p.156)

Além de verbos denominais, a língua Asháninka Perene também exibe predicados deadjectivais que são formados a partir de classes fechadas de adjetivos não derivados e numerais, exemplificando por *yani* ‘pequeno’, *antari* ‘grande’, *kinkivaro* ‘velho’, *kitamaro* ‘branco’, *kimota* ‘tamanho regular’ e *aparoni* ‘um’. Mihas (2015) explica que os predicados dos adjetivos são diferentes dos predicados deadjectivais, no qual, o predicado adjetivo não toma nenhuma marcação verbal, tais como, aspecto ou marcação de realidade, enquanto os predicados deadjectivais tendem a ter significados de mudança de estado. Em comparação com predicado formados de raízes verbais, predicados deadjectvais exibe comportamentos morfossintáticos restritos. Em particular, eles não aparecem em construções imperativas, mas eles ocorrem em orações principais e não-principais (MIHAS, 2015, p.156). Os exemplos abaixo exibem predicados deadjectivais na língua Asháninka Perené.

(155) Verbos deadjetivais em Asháninka Perené

a. [irõñaaka Miyiri Ovakera ***iyani***-t-ap-ak-i-ni
Agora N. Próprio Con 3M.S-pequeno-EP-DIR-PFV-REAL-REM-PST
iyani-t-atsi-Ø] [i-kara-t-ap-ak-i-ni
Pequeno-ep-estado-3.S.GRUPO 3MS-conter-EP-DIR-PFV-REAL-REM-PST

ikimi-t-a i-tomi=ra]
3M.S-ser como-EP-REAL 3M.POSS-filho=DEM

'When Miguel was small, small, he was the size of my son'
'Quando Miguel era pequeno, pequeno, ele era do tamanho do meu filho'

b. [iro y-antari-t-na-ak-i]
CONN 3M.S-grande-EP-DIR-PFV-REAL
[i-kant-a-vi-t-ak-a-ri-no-imi] [no-imi]
3M.A-dizer-EP-FRUST-EP-PFV-REAL-3M.O 1SG-POSS-Marido
[i-m-pok-e=ta]
3M.S-IRR-vir-IRR=OPT

'He got older and my husband kept telling him to come'
'Ele ficou mais velho e meu marido dizia para ele vir'

c. [airo o-kinkivaro-tzii-t-ant-aj-a]
NEG 3N.M.S-velho-GRAU-EP-APL-REAL-TERM-REAL
[o-kitamaro-tzii-t-ant-aj-a shintsini]
3N.M.S-branco-GRAU-EP-APL-REAL-TERM-REAL rápido

'So that he doesn't grow old, so that he doesn't turn gray quickly'
'Para que ele não envelheça, para que ele não fique grisalho rapidamente'

(MIHAS, 2015, p. 156-157)

Em Nanti, esse processo é menos complexo. Michael (2008) chama os verbos derivados de morfologia exocêntrica. Os verbos derivados em Nanti ocorrem através da sufixação de *–reh* denominado por ele de 'reverso denominal'. Esse sufixo deriva um verbo instranstivo de um classificador ou de um nome inalienável. De acordo com o autor, a raíz resultante indica " (i) a perda dessa parte toda relevante ou uma ruptura ou falha estrutural na peça" (MICHAEL, 2008, p.290) [67]ou " (ii) a quebra de um referente com a forma dada pelo classificador ou a quebra de algo em formas dadas pelo classificador" (MICHAEL, 2008, p. 290)[68], como ilustra os exemplo a seguir.

(156) Verbos denominais em Nanti

a. i= o[+voz] -gito ***-reh***-ak-i=ro
3M.S=CAUS:N.AGENT cabeça REV-PERF-REAL-I=3N.M.O

'He beheaded her'/ 'Ele a decapitou'

b. o= poNkiti ***-reh*** -an -ak -i
3M.S raíz.base REV ABL PERF REAL.I

'It uprooted itself (speaking of the plant)'
'Ela se desenraizou (falando da planta) '

[67] the loss of that entire relevant part or a rupture or structural failure in the part"
[68] (ii) the breaking of a referent with the form given by the classifier or the breaking of something into forms given by the classifier.

c. o= kota - ***reh*** -na -ak -i
3NMS CL:PRANCHA REV ABL PERF REAL I

''It split into a plank shape'/ 'Ele se partiu em forma de prancha'

(MICHAEL, 2008, p.289-290)

4.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha exibe derivação de verbos através de nomes e adjetivos. Conforme Duff-Tripp (1997), alguns substantivos podem verbalizar adicionando os sufixos epentéticos *–V't /-t/-Vt*, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(157) Amuesha

a. pocoll 'casa'
paclla'***t***en

'Construir una casa'/ 'Construir casa'

b. a'tapac̈h 'cós de escalada'
a'tapac̈h***t***ena

'Subir a los árboles'/ 'Subir nas árvores'

c. chaporrñats 'fome'
chaporrñtaso***t***ena

'Comer/ 'Comer'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.111)

Um verbo de estado pode ser formado através do sufixo *–Vr* antes do sufixo *–V't*, como podemos observar nos dados retirados de Duff-Tripp a seguir:

d. ema' 'bebê'
ema***r***e'***t***en

''Tener un bebé'/ 'Ter bebê'

e. oll 'piolho'
ollo***r******e******t***en
'Tener piojos'/ 'Ter piolho'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.111)

A autora argumenta que também existem nomes que podem ser verbalizados adicionanto apenas o sufixo *–t.* Estes verbos são obrigatoriamente reflexivos. Além disso, o sufixo reflexivo *–ann* indica que um dos mais participantes realizam a ação do verbo reciprocamente. Duff-Tripp (1995) ressalta que *–ann*, em geral, indica as pessoas e é seguido pelo sufixo epentético *–V't* ou o durativo *–en/ẽn,* nos exemplos de Amuesha, há

uma junção desses morfemas, transformando-os na forma *–ena*, como iremos verificar em diferentes exemplos exibidos aqui.

f. amueraña ‘pessoa amavél’
amueraña***t***ena

‘Ser una persona amable’/ ‘Ser uma pessova amável’

g. arromñat̃ ‘pessoa morta’
arromñat̃***t***ena

‘'Ser una persona muerta’/ ‘Ser uma pessoa morta’

e. hamchaˈtaret̃ ‘chefe’
amchaˈtaret̃***t***ena
‘Gobernar como un jefe/ ‘Governar como chefe’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.111)

Além de verbos derivados de nomes, um verbo pode ser derivado de adjetivo, adicionando o sufixo epentético *–t:*

i. cohuem ‘bom, bonito’
cohuen***t***ena

‘'Para ser amado, hermoso’/ ‘Ser amado, bonito’

j. atarr
atarr***t***a

‘'Sé grande, crece’/ ‘Ser grande, crescer’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.110)

Assim, como as línguas do grupo Norte-Arawak, as línguas deste grupo exibem uma certa predominância do processo de verbalização, derivando tanto verbos denominais quanto verbos deadjectivais. Abaixo descrevemos o perfil tipológico da derivação verbal nessas línguas com seus morfemas verbalizadores.

4.3.2.3 Padrões de verbalização nas línguas Arawak

Como foi explicado no início dessa subseção, a verbalização é um processo menos comum entre as línguas do mundo (cf. PAYNE, 1997), contudo, nas línguas Arawak, essa observação é diferente, já que uma grande parte dela exibe esse tipo de derivação. A tabela 8 abaixo resume as línguas que exibem ou não a verbalização como um fenômeno derivacional, derivando verbos denominais e verbos que têm função de adjetivos.

Tabela 8 - Recorrência de padrão de verbalização nas línguas Arawak

Grupo Norte-Arawak		Grupo Sul-Arawak	
Línguas		**Línguas**	
Wapixana	S	Terena	S
Palikur	S	Baure	S
Garifuna	S	Waujá	S
Lokono	S	Mehináku	S
Wayuu	S	Yawalapiti	N.D
Achagua	S	Paresí	S
Resígaro	N	Apurinã	S
Baniwa	S	Maxinéri	N.D
Tariana	N.D	Yine-Piro	S
Warekena	N	Ashéninka	S
Baré	S	Caquinte	N.D
	8 línguas	Nanti	S
		Amuesha	S
			10 línguas
Total: 18 línguas			

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Podemos verificar que nas 24 línguas selecionadas, 18 delas exibem a derivação de verbos a partir de nomes ou adjetivos, sendo um processo bastante regular nestas línguas. Infelizmente, só não conseguimos encontrar dados desse processo em Resígaro, Tariana, Warekena (grupo Norte-Arawak) e em Yawalapiti, Maxinéri e Caquinte (grupo Sul-Arawak), totalizando seis línguas que não exibem uma descrição detalhada sobre verbalização, ou porque o processo se perdeu ou ainda não foi descrito de forma detalhada pelos pesquisadores que descreveram tais línguas. Deste modo, sugere-se também que se possa ter um estudo mais sistemático desse fenômeno nas línguas Arawak. A subseção a seguir discute algumas questões referentes sobre os morfemas verbalizadores nessas línguas.

4.3.2.3 Morfemas verbalizadores nas línguas Arawak

A tabela 9, abaixo, exibe a distribuição geral dos morfemas verbalizadores nas línguas de análise.

Tabela 9 – Morfemas verbalizadores das 24 línguas Arawak analisadas

Línguas	Morfemas
Wapixana	-ɖ/-ʧ/-t
Palikur	-ya/–ha
Garifuna	a-/-da/-ra/-duwa
Lokono	-ty/-ta/-da
Wayuu	a-
Achagua	-ku/-da
Resígaro	N
Baniwa	-ta/-ka
Tariana	N
Warekena	N
Baré	-ka/-da
Terena	-ko/i-
Baure	-ko/-č
Waujá	hu-/ka
Mehináku	-ta/a-
Yawalapiti	N
Paresí	-tya
Apurinã	-ta
Maxinéri	N
Yine-Piro	-ta/-ka
Ashéninka	–Vˈt /-t/-Vt
Caquinte	N
Nanti	-reh
Amuesha	–Vˈt /-t/-Vt
Total	18

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Diferentemente com que ocorre com os morfemas nominalizadores que são diversos, aqui, os verbalizadores são bastante regulares, com poucas modificações. O verbalizador *–ta* é presente em Baniwa, Garifuna, Lokono, Wapixana, Apurinã, Mehináku, Waujá e Amuesha; já o sufixo *–da* aparece em Achaguá, Baré, Garifuna, Lokono e Wapixana e o sufixo *–ka* é encontrado em Baré e Waujá. Diferentemente da nominalização que nessas línguas é realizada apenas por sufixação, a verbalização pode ser feita através de dois morfemas, muita delas com o causativo *–a*. Um caso bastante interessante é o que ocorrem em Ashéninka que não foi encontrado um morfema verbalizador, na verdade, os nomes se juntam a vários morfemas e se verbaliza, o mesmo ocorre com os adjetivos.

A língua Palikur exibe os sufixos *–ya*, *-ha*, que é um pouco diferente dos morfemas verbalizadores mostrados aqui, o que torna importante a realização de um estudo mais sistemático com o intuito de verificar diacronicamente os morfemas derivacionais de verbos, não apenas em Palikur, mas também nas outras línguas Arawak. Em relação às línguas Resígaro, Tariana, Warekena, Caquinte, Maxinéri e Yawalapiti não foi possível até o momento atestar com precisão a verbalização, uma vez que não encontramos dados sistematizados que possam comprovar a derivação verbal nessas línguas, isso não quer dizer que, elas não tenham esse processo, mas é importante fazer uma análise mais minuciosa para verificar esse sistema nessas línguas. Em seguida, verificaremos o último tipo de operação derivacional que será tratada nesse trabalho: adjetivação.

4.3.3 Adjetivação ou derivação de verbos descritivos/estativos nas línguas Arawak

Haspelmath (2002) afirma que adjetivos derivados são ainda menos comuns do que verbos derivados, isso se dá devido ao fato de que adjetivos são usados mais raramente do que verbos e substantivos. Além disso, o autor argumenta que a classe semântica de adjetivos é mais elaborada nas línguas europeias, contudo em outras línguas ela pode se relacionar com verbos. Nas línguas Arawak a questão dos adjetivos é um estudo em discussão, pois em muitas línguas ou adjetivos, de fato, são verbos que podem ser estativos ou descritivos. A adjetivação ou a derivação de verbos descritivos/estativos são processos realizados muitas vezes pela prefixação do morfema atributivo *ka-* e o privativo *ma-*. O prefixo *–ka* tem um significado positivo, atributivo e possessivo, enquanto o prefixo *ma-* tem um sentido negativo e privativo (que não tem: “sem”). Mas, também existem outros afixos que podem derivar adjetivos ou verbos

descritivos/estativos de outras categorias gramaticais. Por ora, vamos verificar esse processo nas línguas do grupo Norte-Arawak e, em seguida, nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.3.1 Grupo Norte-Arawak

4.3.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Santos (2006) explica que na língua Wapixana, o morfema mais produtivo para derivação de adjetivo é o *-ʔu* que pode ocorrer junto com o prefixo atributivo *ka-* e privativo *ma-*, quando o adjetivo é derivado de nomes e verbos. Nessa língua, os morfemas de atribuição e privação parece não ser tão produtivo na derivação de adjetivos quando estão sozinhos (apenas conseguimos encontrar um exemplo), eles sempre aparecem acompanhados de *-ʔu* ou do morfema menos produtivo *-ʧ*. Os exemplos abaixo exibem a derivação de adjetivos em Wapixana.

(158) Wapixana

a. ***ma***-ɖiʐu-ʔu
PRIV-cabelo-ADJZ
'Careca'

b. ***ka***-ɖɨnɨ-***ʔu***
ATR-leite-ADJZ
'Gostoso'

c. ɖinan-a-***ʔu***
Correr-EP-ADJZ
'Afiado'

(SANTOS, 2006, p.148, 177 (c))

Além do sufixo -ʔu, a língua exibe um outro morfema menos produtivo na formação de adjetivos que é o *-ʧ*, como mostra os exemplos a seguir.

a. ʐɨn-aba *ma*-ɨ-ɖa-j-a-ɽi-***ʧ***
Mulher-TCL:F PRIV-? –Gênese-N.POSS-EP-M-ADJZ
'Mulher que nunca teve marido'

b. ɖaunaiuɽ ma-ɨ-ɖa-j-a-ɽu-***ʧ***
Homem PRIV-? –Gênese-N.POSS-EP-F-ADJZ
'Homem que nunca teve esposa'

(SANTOS, 2006, p.178)

Santos (2006) argumenta que mediante os dados, não foi possível verificar se esse sufixo aplica-se somente a construções com esse teor semântico, ou se há outro (s) tipo (s) de emprego. O autor afirma que ainda não está clara a razão do emprego desse sufixo,

uma vez que construções com teor semântico similar são expressas mediante o emprego do sufixo mais produtivo ***-ʔu***, como demonstram os exemplos a seguir:

c. zɨn-aba ma-ɨ-ɖa-j-a-ɽi-***ʔu***
Mulher-TCL:F PRIV-?–Gênese-N.POSS-EP-M-ADJZ

'Mulher Solteira'

d. ɖaunaiuɽ ma-ɨ-ɖa-j-a-ɖu-***ʔu***
Homem PRIV-? –Gênese-N.POSS-EP-M-ADJZ

'Homem Solteiro'

(SANTOS, 2006, p.179)

4.3.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Launey (2003) argumenta que a maioria dos adjetivos é derivada, mas sua composição morfológica é muitas vezes imprevisível e irregular. Deste modo, o autor considera que se trata de uma questão lexical e não gramatical. O autor assinala que alguns adjetivos, bastante raros, não possuem sufixo de derivação aparente e, portanto, devem ser considerados morfologicamente simples. Os exemplos citados pelo autor são: "*arud* 'grande', *kivun* 'cheio', *mab* 'cansado', *mahiko* 'duro', *maw* 'pendurado', *wadit* 'justo, reto', *wok* 'aberto' (LAUNEY, 2003, p. 107)"[69]. Segundo Lauyney (2003), a maioria dos adjetivos termina com sufixos, mas sua base radical nem sempre é clara. Em Palikur existem vários tipos de sufixos que podem formar adjetivos. Neste estudo, verificaremos apenas aqueles que podem ser derivados de verbos e nome. Lauyney argumenta que *ye* (masc. + neutro) e *-yo* (fem.) são os mais comum de todos, que antes expressam um estado duradouro. Além deles, existem formas mais complexas em *–vye* e *– vyo*, muitas vezes, derivadas de raízes verbais ou *-truvye/-truvyo* que sempre derivam de verbos, indicando uma propensão. Os exemplos, a seguir, ilustram a formação de adjetivo em Palikur.

(159) Adjetivos derivados por nomes em Palikur

a. Awayg 'homme'/ 'homem'
Awayg-***ye***
Homem-ADJZ

'Viril, courageux'/ 'Viril, corajoso'

b. Mon***ye***/Monpi***ye***
'Muet'/ 'Mudo'

[69] *arud* 'gros', *kivun* 'plein', *mab* 'fatigué', *mahiko* 'difficile', *maw* 'suspendu', *wadit*, 'juste, droit' e *wok* 'ouvert'

c. Arewa ‘maltraiter’/ ‘maltratar’
Arewh-***vye***
Maltratar-ADJZ

‘Cruel’

d. Mbeye***vye***
‘Méchant, laid’/ ‘Mesquinho, feio’

e. Avisa***truvye*** ‘avis, avoir peur/ ‘ter medo’
‘Craintif/ ‘Temeroso’

(LAUNEY, 2003, p.108)

A língua, aparentemente, exibe os prefixos atribuitivos e privativo, mas lexicalizado em alguns itens lexicais (ver 159.b-d-e), com uma forma reduzida: *m-* ‘privativo’, *a-* ‘atributivo’. Não conseguimos encontrar nos dados dos autores uma explicação sobre eles, apenas dos morfermas que formam adjetivos como dos exemplos acima. Green e Green (1972) fazem uma descrição semelhante do que Launey observou na derivação de adjetivos, principalmente, da derivação por verbos a partir de *–vye/-vyo* e *–truvye/-truvyo*.

4.3.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

De acordo com Quesada (2017), a formação de adjetivo em Garifuna é realizada por meio de três sufixos*: -na, -yuma* e *–bele*. O primeiro vai derivar lugar de origem, como em *indura-na* ‘hondurenho’, *sulu-na* ‘Salvadorenho’ e os outros dois são usados para derivar adjetivos que expressam uma característica, eles estão em variação livre, como mostra os exemplos a seguir:

(160) Garifuna

a. Funati ‘Rojo/ ‘Vermelho’
Funa-***yuma***-ti ~ funa-***bele***-ti

‘Rojizo’/ ‘Avermelhado’

b. Suruti ‘Derecho/Reto’
Suru-***yuma***-ti ~ suru-***bele***-ti

‘Rectilíneo’/ ‘Retilíneo’

c. Writi ‘Negro’
Wri-***yuma***-ti ~wri-***bele***-ti

‘Ennegrecido’/Enegrecido’

d. Haruti ‘Blanco/Branco’
Haru-***yuma***-ti ~haru-***bele***-ti
‘Blancuzco’/ ‘Esbranquiçado’

(QUESADA, 2017, p.138)

No que diz respeito aos morfemas atributivo e privativo, a língua os exibe com a forma *ga-/ma-*, mas sendo utilizados com uma outra função de predicativos possessivos para expressar a atribuição de posse ‘ter x’ e de negação ‘não ter x’. Não conseguimos verificar exemplos que possam comprovar eles derivando ‘adjetivos’ ou verbos descritivos/estativos que caracterizam o referente.

4.3.3.1.4 Subgrupo Ta-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua Lokono exibe verbos estativos[70] que são derivados de *ka-* e *ma-* a partir de nomes simples. Os exemplos abaixo exibem essa derivação.

(161) Lokono

a. ***Ka***-sikoa-n
ATR-casa-SUB
‘Have a house’/ ‘Ter uma casa’

b. ***Ma***-sikoa-n
PRIV-casa-SUB
‘Not have a home’/ ‘Não ter casa (sem teto) ’

c. ***Ka***-balha-ka-i
ATR-cabelo-PFV-3M
‘He is hairy’/ ‘Ele é cabeludo’

d. ***Ma***-balha-ka no
PRIV-cabelo-PFV ela
‘She is bald (no hair) ’/ ‘Ela é careca (sem cabelo) ’

e. ***Ka***-polata-n
ATR-dinheiro-SUB
‘ Have a Money (rich) ’/ ‘Ter dinheiro (rico) ’

f. ***Ma***-polata-n
PRIV-dinheiro-SUB
‘Not having money (poor) ’/ ‘Não ter dinheiro (pobre) ’

(PET, 2011, p.41-42)

Assim, como ocorre com algumas línguas Arawak, a classe adjetiva é muitas vezes expressa por um verbo estativo que tem a função de indicar o estado ou qualidade do referente. A língua Wayuu exibe verbos estativos derivados de nomes possuídos inalienavelmente a partir da afixação de *ka-* e *ma-*, como podemos verificar a seguir.

[70] Colocamos os verbos estativos aqui porque eles têm uma função semelhante aos adjetivos, dando um atributo ao referente.

(162) Wayuu

a. ***Ka***-tünaa
ATR-braços

‘Tener brazos’/ ‘Ter braços’

b. ***Ma***-tünaa
PRIV-braços

‘No tener brazos’/ ‘Não ter braços’

c. ***Ka***-uwaa
ATR-olhos

‘Tener ojos/ ‘Ter olhos (ter boa visão?) ’

d. ***Ma***-uwaa
PRIV-olhos

‘No tener ojos’/ ‘Não ter olhos (cego?) ’

e. ***Ka***-cheˈee
ATR-ouvidos

‘Tener oídos’/ ‘Ter ouvidos (ter boa audição?)’

f. ***Ma***-cheˈee
PRIV-ouvidos

‘No tener oídos / ‘Não ter ouvidos (surdo?) ’

g. ***Ka***-meetsee
ATR-dinheiro

‘Tener dinero’/ ‘Ter dinheiro (rico?) ’

h. ***Ma***-meetsee
PRIV-dinheiro

‘No tener dinero’/ ‘Não ter dinheiro (pobre?) ’

(ÁLVAREZ, 2017, p.128)

4.3.3.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá

Apenas encontramos dados desse tipo de derivação na língua Achaguá. De acordo com Wilson (1992), certos nomes inalienáveis se convertem aos adjetivos ao agregar o prefixo atributivo *ka-* e sua parte negativa *ma-*, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(163) Achaguá

a. Li-wéni
3SG.M-preço

‘Seu preço’

b. ***Ka***-wén-i
ATTR-preço-SG.M

‘Caro’

c. ***Ma***-wéni-i
PRIV-preço-SG.M
‘Barato’

d. Nu-wíta-ee
1SG-cabeça-PER.INA
‘Mi mente’/ ‘Minha mente’

e. ***Ma***-wíta-ee
PRIV-falta.cabeça-PER.INA
‘Inexperto’/ ‘Inexperiente’

(WILSON, 1992, p. 54)

De acordo com o autor, os nomes em Achaguá derivam em adjetivos por meio destes prefixos e não se permite um prefixo pronominal. Mais exemplos são dados a seguir.

d. ***ka***-bálini-i
ATR-solidez-M
‘duro, sólido’

e. ***ma***-balini-i
PRIV-sólido-M
‘Suave, no sólido’/ ‘Leve, não sólido’

f. ***ka***-kabakanaa
ATR-beleza
‘Bonito (a) (una pessoa) ’/ ‘Bonito (a) (uma pessoa) ’

g. ***ma***-kabakanaa
PRIV-beleza
‘Feo (a) ’/ ‘Feio (a) ’

(WILSON, 1992, p. 54)

4.3.3.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

Todas as línguas pertencentes a esse grupo exibem a derivação de adjetivos ou verbos estativos/descritivos com os prefixos *ka- e ma-*, com algumas exceções, uma vez que algumas dessas línguas há também outros morfemas adjetivizadores. Em Baniwa, os prefixos *ka-* e *ma-* podem formar adjetivos secundários a partir de qualquer nome dependente. O adjetivo derivado atribui uma qualidade, um aspecto físico, biológico ou estado do referente. Os exemplos abaixo exibem essa derivação em Baniwa.

(164) Baniwa de Içana

a. Aáko ‘voz’
káako
Ka-aako
ATTR- voz

‘Ter voz (falante) ’

b. Maako
Ma-aako
PRIV- voz

‘Não falar (mudo) ’

c. –Hidzáako ‘força’
Khe-dzáako
Ka-hidzaako
ATR- força

‘Forte’

d. Mhedzáako
Ma-hidzaako
PRIV- força

‘Fraco (Não ter força) ’

e. –Iino ‘esposa’
Káino
Ka-iino
ATR- esposa

‘Casado (ter esposa) ’

f. Máino
ma-iino
PRIV- esposa

‘Solteiro (Não ter esposa) ’

g. Iiɽoa ‘raiva’
Kééɽo
ka-iiɽoa
ATR- raiva

‘Zangado, raivoso, braço (ter raiva)’

h. Mééɽoa
ma-iiɽoa
PRIV-raiva

‘Não ter raiva, sossegado’

i. Koáda ‘valor’
ka-koada
ATR-valor

‘Ter valor, caro’

j. Makoada
ma-koada
PRIV-valor
'Barato (Não ter valor) '

(RAMIREZ, 2001b, p. 325)

Ramirez (2001) explica que esses morfemas ao se afixar a um nome têm a mesma função como qualquer adjetivo. Eles podem ser utilizados como predicados de uma oração também. Os exemplos abaixo expressam isso.

(165) ka- e ma- como predicativos em Baniwa

a. ***Ka***-heeni-ka-ni
ATR-orelha-SUB-3M.SG
'Ele tem orelha/Ele tem boa audição'

b. ***Ma***-heeni-ka-tsa-ni
PRIV-orelha-SUB-REST-3M.SG
'Ele não tem orelha/ Ele não tem boa audição/ele é surdo'

(RAMIREZ, 2001, p.325)

Em Tariana, o prefixo atributivo *ka-* e o privativo *ma-* prefixados em nomes como parte do corpo e termos de parentescos podem expressar posse de uma parte do corpo ou de uma relação de parentesco ou ausência dela (' *vs* não ter'), derivando uma caraterística ou estado do referente. Os exemplos retirados de Aikhenvald expressam isso.

(166) Tariana

a. ***Ka***-sa-nirite
ATR-conjugue-M+NCL: ANIMADO
'Married'/ 'Casada'

b. ***Ma***-sa-nirite
PRIV-conjugue-M+NCL: ANIMADO
'Not married (single) '/ 'Não casada, solteira'

c. **Ke**-pite
ATR-carne+NCL:ANIM: ANIMADO
'Fat'/ 'Gordo'

d. **Me**-pite
PRIV-carne+ NCL: ANIMADO
'Thin'/ 'Magro'

e. ***Ka***-pisite
ATR-sujeira+NCL:ANIMADO
'Dirty'/ 'Sujo'

f. ***Ma***-pisite

PRIV-sujo+NCL: ANIMADO

‘Clean’/ ‘Limpo’

(AIKHENVALD, 2003, p.410)

Aikhenvald (2006) afirma que numerosos verbos estativos que não tomam prefixos têm contrapartes com prefixos derivacionais *ka-* e *ma-*, como podemos observar nos exemplos abaixo.

f. Ñapu ***ka***-waka-puna
Fonte ATR-profundo-CLF: RIO

‘A deep spring’/ ‘Uma fonte profunda’

g. Ñapu ***ma***-waka-puna
Fonte PRIV-profundo-CLF: RIO

‘A shalow spring’/ ‘Uma fonte rasa’

h. ***Ka***-meɾiku
ATR-barulho

‘Make noise’/ ‘Fazer barulho’

i. ***Ma***-meɾiku
PRIV-barulho
‘Be quiet’/ ‘Ser quieto’

(AIKHENVALD, 2006, p.411)

Assim como algumas línguas Arawak, Tariana não apresenta a classe de adjetivos, sendo os verbos estativos fazendo essa função de atribuir algum aspecto ao o referente. Dessa forma, não conseguimos encontrar outros tipos de derivação a não ser essa. E por fim, em Warekena os adjetivos são derivados de verbos estativos e os nomes com a adição do adjetivizador *-ɭi* que também é usado para formar relativas deverbais e construções nominalizadoras, exemplos abaixo exibem isso.

(167) Warekena

a. Iɭa ‘be red/ ‘ser vermelho’
Iɭa-***ɭi***

‘Red/ ‘vermelho’

b. Aɭi ‘be white/ ‘estar branco’
Aɭa-***ɭi***
‘White/ ‘Branco’

c. Anetua ‘be good’/ ‘ser bom’
Anetua-***ɭi***

‘Good’/ ‘bom’

d. Akune ‘be afraid’/ ‘ser receoso’
Akuna-***ɭi***

‘Fearful’/ ‘temeroso’

e. Akunena ‘ scare/ assustar’
Akunena-***ɭi***

‘Being scared’/ ‘Sendo assustado’

(AIKHENVALD, 1998, p.304)

Além desse sufixo, a língua apresenta um outro adjetivizador o *–ni* que não é produtivo, mas é encontrado em alguns adjetivos formados por verbos estativos e sob um nome inalienavelmente possuído.

(168) Verbos estativos sendo adjetivizados por *-ni*

a. Awini ‘be cold/ ‘estar frio’
Awini-***ni***

‘Cold/ ‘Frio’

b. Aʃe ‘be angry’/ ‘estar zangado’
Aʃe-***ni***

‘Angry’/ ‘Raiva’

c. ʧìabu ‘belly’/ ‘barriga’
A-ʧìabu-***ni***

‘Pot-bellied’/ ‘barrigudo’

(AIKHENVALD, 1998, p.305)

Aikhenvald (1998) afirma que alguns adjetivos contém um sufixo não produtivo *–mi* e ele aparece nas seguintes palavras *awaɭapeʃia-**mi*** ‘poor’, ‘pobre’, *iɭua-**mi*** ‘big’, ‘grande’, *puɭapia-**mi*** ‘thin’, ‘magro’ (AIKHENVALD, 1998, p.305).

4.3.3.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré também exibe os prefixos *ka-* e *ma-* para derivar verbos estativos de nomes. Aikhenvald (1995) explica que os adjetivos que significam “ter algo” são formados a partir de nomes possuídos inalienavelmente. Os exemplos abaixo mostram essa derivação.

(169) Baré

a. Heñaɽi ***ma***-kiate-ɽi
Homem PRIV-medo-M

‘A fearless man’/ ‘Um homem sem medo (corajoso) ’

b. Hinãʧati ***ka***-witi-w
Mulher PRIV-olhos-F

‘A Woman with good eyesight’/ ‘Mulher com boa visão’

c. Heñaɽi/Hinãʧati ***ma***-witi-ɽi/w
Man/Woman PRIV-eye-M.F

‘Blind man/woman’/ ‘Mulher/homem cego’

(AIKHENVALD, 1995, p. 20)

Além desses morfemas derivacionais de adjetivos, a língua exibe também um outro afixo adjetivizador o *-ɽi* que significa “Alguém que tem a qualidade de” (AIKHENVALD, 1995) que é usado para derivar adjetivos de nomes. O exemplo em (d) com esse morfema derivacional é dado a seguir.

d. Katiñaha-waka-***ɽi***
Miséria-NMLZ-ADJZ

‘Miserável’

(AIKHENVALD, 1995, p.25)

Verificamos que a adjetivação ou a derivação de verbos estativos é um processo derivacional produtivo nas línguas do grupo Norte-Arawak, apenas não conseguimos descrever essa operação em Resígaro, pois falta uma análise mais detalhada sobre tal fenômeno, o que infelizmente não conseguimos encontrar. Observamos que a derivação de ‘adjetivos’ ou verbos estativos/descritivos utilizando os prefixos *ka-* e *ma-* é bastante regular nessas línguas. Além disso, as línguas exibem um sufixo adjetivizador que é o *-ɽi* e suas variantes, de forma muito semelhante. Em seguida, verificaremos, como se dá a derivação de adjetivos ou verbos estativos nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.3.3.2 Grupo Sul-Arawak

4.3.3.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

As duas línguas pertencentes a esse grupo exibem processos derivacionais diferentes. A língua Terena, por exemplo, não exibem os prefixos atributivo *ma-* ou privativo *ka-*, diferentemente de Baure que os possuem. Iniciando a nossa análise com a língua Terena que não ilustra adjetivos e sim verbos estativos que se comportam como ‘adjetivos’, eles são resultados da sufixação de *–ti*, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(170) Terena

a. Xúna-***ti*** ‘É forte’
b. Mómi-***ti*** ‘Está cansado’
c. Kaˈaríne-***ti*** ‘Está doente’
d. Púˈ-***iti*** ‘É/está gordo’
e. Laká-ˈ***iti*** ‘Está molhada’

f. Upóri-***ti*** ‘É/Está magra’
g. Exóke-***ti*** ‘É bonita’
h. Kótu-***ti*** ‘Está quente’
i. Kása-***ti*** ‘Está frio’
j. Uhhepe-***ti*** ‘Bom/agradável’

(BUTLER & EKDHAL, 2012, p.39-40)

Em relação aos morfemas atributivo *ka-* e privativo *ma-* não foi possível verificar derivações de verbos estativos/descritivos. De acordo com Carvalho (2019), a língua Terena é uma das poucas línguas da família Arawak que não possui o reflexo do prefixo privativo **ma-*. Porém, o autor traz uma hipótese interessante para verificar diacronicamente o reflexo do morfema privativo *ma-* (*mo-*) em Terena através dos nomes *mojénoti* <**mo-jeno-ti*> ‘aquele que é ausente de pais (órfão) ’ e moʃêu <**mo-ʃe-ru*> ‘aquela mulher ou não-humana que falta descendência (estéril) ’ (CARVALHO, 2019, p.1). Conforme Carvalho, esses léxicos contêm reflexos fossilizados do prefixo privativo *pa- (ma-) que foram absorvidos inteiramente em palavras não derivadas. Então, podemos afirmar que embora a língua Terena não tenha derivações com *ka-* e especialmente com *ma-*, o autor mostra evidencias lexicais que trazem resquícios do *ma-* ‘privativo’ na língua.

Já em Baure, a derivação com os morfemas atributivos e privativos é bastante comum, contudo existe um outro morfema adjetivizador, o *–no.* Danielsen (2007) afirma que a maior parte dos adjetivos é derivado por meio do nominalizador *–no* (que também tem a função de adjetivizador) e com os prefixos *ko-* (atributivo) e *mo-* (privativo). Os exemplos abaixo exibem a derivação de adjetivos em Baure.

(171) Baure

a. *Moseropon* ‘Red’/ ‘Vermelho’
Mosero-po-***no***
Vermelho-CLF: PEQUENO-ADJZ
‘Red’/ ‘Vermelho’

b. *Kotipokon* ‘White’/ ‘Branco’
Kotipo-sero-**no**
Branco-dente-ADJZ
‘White tooth’/ ‘Dente Branco’

c. *Kotiskon* ‘ Green’/ ‘Verde’
Kotis-pono-**no**
Verde-folha-ADJZ
‘Green’/ ‘Verde (folha) ’

d. *Kopirokon*

ko-piro-ko-no
ATR-esquentar-ABS-ADJZ

'Hot'/ 'Quente (Lit. Com calor)

e. *Moes*[71]
mo-kis
PRIV-olhos

'Blind'/ 'Cego'

f. *Mave*[72]
mo-ve(ko)
PRIV-falar

'Mute'/ 'Mudo'

g. *Mavinon*
ma-avinon
PRIV-marido

'Single'/ 'Solteira (sem marido) '

(DANIELSEN, 2007, p.162, 163)

4.3.3.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi-Haliti

Entre as línguas desse subgrupo apenas Yawalapiti não exibe desrição de derivação de adjetivos ou verbos estativos. Na verdade, já podemos observar que o processo de derivação nessa língua é uma operação que necessita ser descrita, já que nos trabalhos de Mijuca (1992) e Yawalapiti (2021) a derivação não é uma forma sistemática em seus estudos. Iniciamos a nossa análise com a língua Waujá que exibem a derivação de adjetivo por meio do prefixo atributivo *ka-* e privativo *ma-*. Segundo Richards (1988), os verbos estativos em Waujá são realizados através da prefixação de *ka-* e *ma-* em nomes para derivá-los. Alguns exemplos a seguir podem atestar esse processo na língua.

(172) Waujá

a. ***k***-ieje
ATR-conhecimento

'Ter conhecimento (ser sábio, inteligente) '

b. ***m***-ieje
PRIV-conhecimento

'Não saber (ser tolo, ingênuo) '

c. ***ka***-tai
ATR-fruto

'Frutífero (que dá fruto) '

[71] Danielsen não exibe uma glosa dos adjetivos derivados com *mo-*, aqui fazemos uma a partir dos dados que ela apresenta sobre essa derivação.
[72] Pode também se referir a uma pessoa menos inteligente (DANIELSEN, 2007).

d. ***ma***-tai
PRIV-fruto
'Infrutífero (que não dá fruto) '

(RICHARDS, 1988, p.1-2)

Em Mehináku, ocorre o mesmo processo. Nos dados retirados de Corbera-Mori (2012b), a língua deriva adjetivos de nomes a partir da afixação do prefixo atributivo *ka-* e privativo *ma-*. Na verdade, a língua necessita de uma análise mais detalhada para verificar esse tipo de derivação já que não se sabe se essa classe é adjetivo ou classes de verbos estativos, por ora, decidimos deixá-los como fazendo parte de derivação adjetival. Deste modo, elencamos abaixo, os exemplos de derivação com os prefixos *ka-* e *ma-* em Mehináku.

(173) Mehináku

a. ***Ka***-me-pei
ATR-marido-IMPFV
'Casado'

b. ***Ka***-nu-ˈpai
ATR-esposa-IMPFV
'Casada'

c. ***Ma***-kati-ˈwa
PRIV-perna-PESSOA
'Sem perna (coxo) '

d. ***Ma***-tulũ-naaku
PRIV-orelha-LOC
'Surdo'

(CORBERA-MORI, 2012b, p.148)

A última língua deste subgrupo que exibe a derivação de predicados estativos é o Paresí. Brandão (2014) argumenta que a derivação desses predicados não é um processo produtivo na língua. Porém, conseguimos verificar algumas derivações com prefixo privativo *ma-* que em Paresí vai derivar predicados estativos privativos de nomes ou verbos estativos, já derivações com o atributivo *ka-* não conseguimos encontrar exemplos que de fato atestam uma derivação. Brandão (2014) explica que esse morfema aparenta ter mais uma função de realizar orações possessivas, no sentido de 'ter/ser' do que formar um novo lexema como verbos estativos ou algum aspecto físico ou característica de algum referente. Dessa forma, derivações com o prefixo atributivo ka- necessitam ser mais aprofundadas, para que se tenha uma análise mais consistente deste morfema na língua.

Dois exemplos foram retirados de Brandão (2014) para mostrar a derivação com *ma-* na língua.

(174) Paresi-haliti

a. ***Ma***-e-tona-ne-hare
PRIV-? -caminhar-poss-M

‘Being paralyzed (Lit. not being able to walk)’
‘Ser paralítico (Lit. não ser capaz de caminhar) ’

b. ***Ma***-tsema-ne-hare
PRIV-ouvir-POSS-M

‘He who cannot hear, a deaf person / he is deaf!
‘Aquele que não pode ouvir, uma pessoa surda/ ele é surdo! ’

(BRANDÃO, 2014, p.356,359)

4.3.3.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

As três línguas pertencentes a esse grupo derivam verbos estativos também utilizando os mesmos mofermas presentes nas outras línguas. Em Apurinã, há uma pequena variação que é de *ka-~pa-* e *m-~mẽ-*. Essa língua deriva verbos descritivos que podem funcionar como um adjetivo na língua, uma vez que também atribui para o sujeito uma característica física ou abstrata (cf. FACUNDES, 2000) do referente. A derivação dos verbos descritivos é realizada através da afixação dos morfemas atributivos *pa-/ka-* e do privativo *ma-*. Os exemplos em Apurinã é dado a seguir

(175) Apurinã

a. ***Pa/ka***-tuma-ru
ATR-ser rápido-3.M.O

‘He is fast’/ ‘Ele é rápido’

b. ***Pa***-ĩtano-ru
ATR-ser longo- 3.M.O

‘He's tall, that's long’/ ‘Ele é alto, isso é comprido’

c. ***Pẽ***-ere-ro
ATR- ser bonita-3F.O

‘She is pretty/ ‘Ela é bonita’

d. ***K***-ĩĩ-powa-ru
ATR-gordo-grande-3M.O

‘He’s fat’/ ‘Ele é gordo’

e. ***M***-ĩtano-tu
PRIV-ser longo-3M.O

‘He's short’/ ‘Ele é baixo’

f. Mẽ-ere-tu
PRIV-ser bonito-3M.O
'He's ugly''/ 'Ele é feio'

(FACUNDES, 2000, p.336, 338)

Em Maxinéri o prefixo atributivo *–ka* e privativo *ma-* foram encontrados derivando verbos estativos que exibem uma característica do sujeito da oração. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de derivação.

(176) Maxinéri

a. Mɨtiri matɨta makiwɨtɨ/to
Mɨtiri matɨta ***ma***-kiwɨ-tɨ
Menino nascer PRIV-cabelo-3SG.M
'O menino nasceu careca'

b. ***ma***-xanɨ-rɨ-no
PRIV-casar-NMLZ-1SG
'Eu não tenho esposa (Solteiro) '

c. ***ka***-xanɨ-rɨ-no
ATR-casar-NMLZ-1SG
'Eu tenho esposa (Casado) '

(SILVA, 2013, p.54,64)

A questão de derivação de adjetivos por meios de nomes ou verbos nominalizados foram possíveis de serem identificados a partir da prefixação dos morfemas *ka-* e *ma-*. Não conseguimos encontrar outros morfemas que possam derivar predicados estativos em Maxinéri. Na verdade, um estudo mais detalhado sobre esse processo precisa ser realizado para que futuramente possa se ter uma análise mais detalhada da derivação dessa classe na língua.

E por fim, em Yine-Piro, assim como ocorre na maioria das línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa, ela também exibe os prefixos de atribuição e privação *ka-* e *ma-*. Hanson (2010) explica que ambos são usados produtivamente para derivar adjetivos de verbos e nomes. Em seguida, exibimos os adjetivos derivados desses morfemas na língua.

(177) Derivação com ka-e ma- em Yine-Piro

a. *Kwenɨ* 'Valuable'/ 'Valor'
Mwenɨ 'Cheap'/ 'Barato'

b. *Khanɨnro* 'Having a wife'/ 'ter uma esposa (casado) '

Kihle ‘Goog’/ ‘Bom’
Mɨhle ‘Bad’/ ‘Mal’

c. *Hiʃko* ‘Strong’/ ‘Forte’
Mɨʃko ‘Weak’/ ‘Fraco’

d. *Howɨka* ‘Long, far’/ ‘Comprido’
Mowɨka ‘Short’/ ‘Curto’

(HARSON, 2010, p.99 (a, b);100 (c, d,e))

Além desses morfemas, a língua exibe mais dois tipos de afixos formativos para derivar adjetivos: *po-* e *ho-*. Harsen (2010) explica que esses dois formativos de ocorrência nem sempre constitui uma raíz verdadeira como ocorre com os prefixos de atribuição e, por essa razão, a autora não os analisa como prefixos derivacionais verdadeiros, mas sim como adjetivos formativos com algumas propriedades derivacionais (HARSEN, 2010). Exemplos com esses prefixos são exibidos a seguir.

(178) Derivação com po- e ho- em Yine-Piro

a. *Pohmi* ‘Perforable’/ ‘Perfurável’
b. *Poʃiype* ‘Given to shuddering’/ ‘Tremedeira (assustado) ’
c. *Hoyhi* ‘Long-toothed’/ ‘Dentuça’
d. *Hoyaka* ‘Durable’/ ‘Durável’

(HARSON, 2010, p.101)

4.3.3.2.4 Subgrupo Campa: Asháninka Perene, Caquinte e Nanti

Todas as três línguas exibem processos derivacionais que resultam em verbos estativos ou adjetivos. Em Asháninka, Mihas (2010) explica que uma subclasse aberta de adjetivos é derivada de raízes verbais, verbos nominalizados, nomes e advérbios. Essas raízes tomam um conjunto de sufixos adjetivantes específicos de gênero, tais como *-ntzi / -Nto, -tsiNkari / -tsiNkaro* e *–ri /-ro.* A autora explica que uma outra técnica de adjetivação é combinar a forma do relativizador/nominalizador/adjetivizador *–ri* com um verbo. Essa última técnica aparenta ser bem produtiva na língua. Exemplos utilizando esses adjetivizadores são dados a seguir:

(179) Asháninka Perené

a. Shintsi-**ri** o=kaNt-a shivitsa
Ser forte-ADJZ 3N.M.S=ser-REAL Corda
‘The rope is strong’/ ‘A corda é forte’

b. No=N-tyooNk-aNt-ak-ia=ri a=sheniNka
1SG.A=IRR=banhar-se-APPL.REAS-PRF-IRR=3M.O 1PL.POSS=companheiro

Mantsiya-**ri**
Estar doente – ADJZ.M

'I'll bathe in steam this sick fellowman'
'Vou banhar-me no vapor deste doente'

c. Tsipananatsiya-**ro**
Folha-ser.verde –ADJZ N.M

'The leaves are green'/ 'As folhas são verdes'

d. Iroo kameetsa-**Nto** irotoki yotani-**tsiNkaro**
Ela ser bom – ADJ.N.M FOC conhecimento-ADJZ N.M
No=tomi iritaki yotani-**tsiN**
1SG.POSS=filho FOC conhecimento-ADJZ.N.M

'She's pretty, she is clever, my son is clever (too)'
'Ela é bonita, ela é inteligente. Então, meu filho é inteligente (também) '

(MIHAS, 2010a, p.100 (a), 148)

A língua Caquinte apresenta um exemplo que expressa a derivação de adjetivos a partir da sufixação de *–ri* que pode transformar verbos estativos em adjetivos, como podemos verificar no exemplo a seguir.

(180) Ashéninka Perené

a. Mago-***ri*** kakinte
Estar cansado-ADJZ pessoa

''La persona cansada'/ 'A pessoa cansada'

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.100)

Contudo, Castilho-Ramirez (2017) não exibe de forma sistemática como se dá esse tipo de derivação, apenas mostrando adjetivos já lexicalizados, sem fazer uma explicação detalhada sobre esse processo. Porém alguns dados do autor exibem alguns adjetivos derivados com o sufixo *–ri*: *katsanta**ri*** 'largo', *anta**ri*** 'grande', *chaahaniki**ri*** 'pequeno', *koramani**ri*** 'antigo'. Outra questão que necessita ser melhor analisada é a derivação de adjetivos a partir do prefixo atributivo *ka-* e privativo *ma-*. Conseguimos encontrar um exemplo que possa dá indício dessa derivação em Caquinte: *kapatsari* 'gordo' e *matsari* 'magro'. Porém, necessitamos de mais dados para verificar esse tipo de derivação na língua.

Por fim, a língua Nanti também exibe a derivação de adjetivo através do sufixo *–ri*. Michael (2008) explica que a maioria dos adjetivos verbais são derivados de raízes verbais usando o sufixo *–ri*. As raízes verbais que sofrem esta derivação são, principalmente, de verbos estativos intransitivos expressando propriedades físicas

estáveis, mecânicas, aparência visual e cores. Os exemplos a seguir exibem a derivação de adjetivos em Nanti.

(181) Nanti

a. *Kachori*
Kacho-***ri***
Ter gosto-ADJZ

'Sour'/ 'Azedo'

b. *Amatsoganpiri*
Amatsoganpi-***ri***
Ser direto-ADJZ

'Blunt'/Contundente'

c. *Shamehari*
Shameha-***ri***
Ter listras longitudinais-ADJZ

'Longitudinally stripey'/ 'Longitudinalmente listrado'

d. *Kutari*
Kuta-***ri***
Ser branco-ADJZ

'White/ 'Branco'

(MICHAEL, 2008, p.310)

No que diz respeito às derivações com os prefixos *ka-* e *ma-*, esses morfemas têm se perdido na língua. De acordo Michael (2015), em Nanti assim como ocorre em Asháninka e também em Caquinte, as palavras que exibem esses afixos, principalmente o privativo *ma-* se lexicalizaram, exibindo formas congeladas do privativo, como mostra os exemplos retirados de Michael (2015, p.212) *magempi* 'surdo' (-gempita 'ouvido'). Então podemos afirmar que as línguas do grupo Campa exibem resquícios desses morfemas, assim como vimos em Terena. Outra questão interessante é a regularidade do morfema *–ri* nas línguas desse subgrupo, sendo um morfema padrão de adjetivação.

4.3.3.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha exibe adjetivos derivados de verbos a partir da prefixação do prefixo *–a/-e/-o* que indica a derivação, ou seja, a mudança do verbo para um adjetivo (cf. DUFF-TRIPP, 1997). Os exemplos abaixo exibem esse tipo de derivação.

(182) Amuesha

a. rr- ‘comer’
arrapo
‘Comestible’/ ‘Coméstivel’

b. Meˈñ- ‘creer’/ ‘crer’
ameˈñapo
‘Creíble’/ ‘Credível’

c. Morrent- ‘amar’
amorrentpo
‘Amable’/ ‘Amável’

d. Ot- ‘decidir’
otapo
‘Obediente (lit. decible) ’ / ‘Obediente’

e. ent- ‘ver’
entpoˈ
‘Visible’/ ‘Visível’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.55)

De todas as línguas que pertencem ao grupo Sul-Arawak, só não conseguimos descrever esse tipo de derivação em Yawalapiti em que não há nenhuma descrição detalhada, seja por um morfema derivacional que deriva ‘adjetivo’ ou ‘verbos estativos/descritivos’, ou por meio do prefixo atributivo ou privativo *ka-* e *ma-*. No mais, o processo de ‘adjetivação’ ou que deriva ‘predicados estativos/descritivos’ é produtivo também nas línguas desse grupo. Na subseção a seguir, discutiremos a recorrência da adjetivação ou a derivação de verbos estativos/descritivos nas 24 línguas Arawak.

4.3.3.3 Padrões de adjetivação encontrados nas línguas Arawak

Como visto acima, a adjetivação ou formas derivadas dela é um processo produtivo nas línguas Arawak selecionadas para esse trabalho, principiante, quando o morfema derivacional é o morfema atributivo *ka-* e privativo *ma-*. Esses dois morfemas são presentes em praticamente em quase todas as línguas, com exceção de algumas nas quais não conseguimos encontrar descrições detalhadas sobre eles. A tabela 10 abaixo resumo a recorrência desse tipo de derivação nessas línguas.

Tabela 10 – Recorrência de adjetivização ou derivação de verbos estativos nas línguas Arawak

Línguas Grupo-Norte-Arawak		**Línguas Grupo Sul-Arawak**	
Wapixana	S	Terena	S
Palikur	S	Baure	S
Garifuna	S	Waujá	S
Lokono	S	Mehináku	S
Wayuu	S	Yawalapiti	N
Achagua	S	Paresí	S
Resígaro	N	Apurinã	S
Baniwa	S	Maxinéri	S
Tariana	S	Yine-Piro	S
Warekana	S	Ashéninka	S
Baré	S	Caquinte	S
Total	10 línguas	Nanti	S
		Amuesha	S
		Total	12 línguas
Total	**22**		

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Com exceção de Resígaro e Yawalapiti, todas as outras línguas exibem uma recorrência alta de adjetivação ou derivação de verbos estativos, principalmente no que diz respeito aos morfemas *ka-* e *ma-* que são dois tipos bastante estáveis nas línguas Arawak (cf. AIKHENVALD, 1999, MICHAEL, 2014). A subseção abaixo discute esses morfemas, além de outros que são adjetivizadores ou resultam um verbo estativo/descritivo.

4.3.3.4.1 Morfemas derivacionais de adjetivos ou verbos estativos/descritivos: focalizando no ka- (atributivo) e ma- (privativo).

Em consonância com Aikhenvald (1999) os prefixos mais estáveis nas línguas Arawak são *ka-* 'atributivo' e *ma-* 'privativo'. O primeiro é utilizado para derivar predicados possessivos e verbos denominais, além de ter essa função de adjetivizador ou de atribuidor de uma função descritiva/estativa do predicado. Já o *ma-* sendo a contraparte de *ka-* é utilizado para derivar predicados negativos ou privação de uma determinada característica relacionada ao referente. Payne (1991) afirma que o *–ma* é um dos poucos morfemas que a maioria dos trabalhos históricos sobre as línguas Arawak concordam em atribuir ao Proto-Arawak. A tabela 11 abaixo exibe os morfemas derivacionais de adjetivos ou verbos estativos/descritivos. Das 24 línguas consideradas nesse trabalho, 15

exibem produtivamente *ka-* e *ma-* como morfemas derivacionais ‘adjetivais’ ou de ‘verbos descritivos/estativos’.

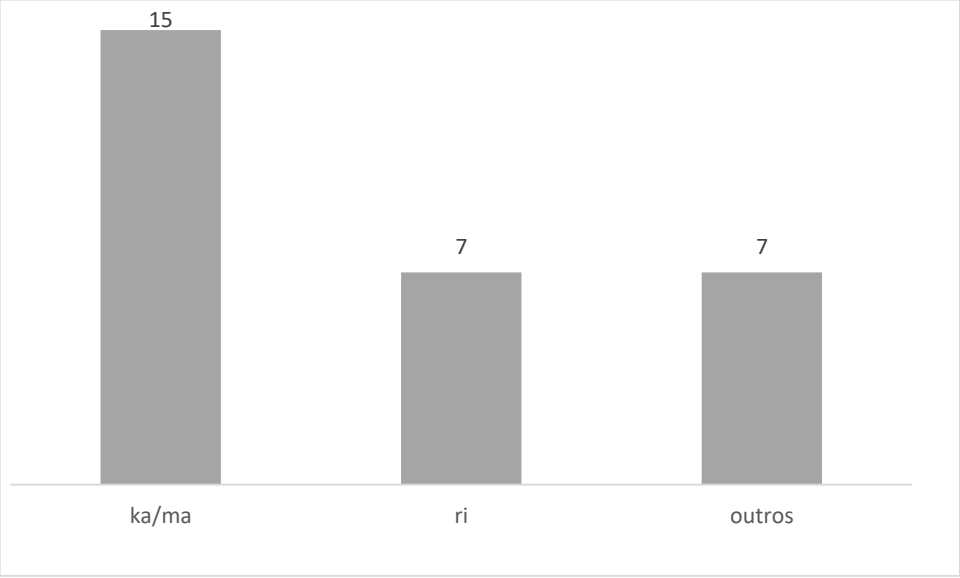
Tabela 11 – Morfermas derivacionais de adjetivos ou verbos estativos/descritivos das línguas Arawak

Subgrupo	**Línguas Grupo-Norte-Arawak**		**Subgrupo**	**Línguas Grupo Sul-Arawak**	
Rio Branco	Wapixana	ka-/ma-/ʔi	Bolívia-Mato-Grosso	Terena	ti
Palikur	Palikur	trup/-ye		Baure	ko-/mo-
Caribe	Garifuna	na/-yuma/ -bele	Paresí-Xingu	Waujá	ka-/ma-
Ta-Arawak	Lokono	ka-/ma-		Mehináku	ka-/ma-
	Wayuu	ka-/ma-		Yawalapiti	N
Colômbia	Achagua	ka-/ma-		Paresí	ka-/ma-
	Resígaro	N	Piro-Apurinã	Apurinã	ka ~pa/m ~me
Alto Rio Negro	Baniwa	ka-/ma-/-ri		Maxinéri	ka-/ma-/-ri
	Tariana	ka-/ma-		Yine-Piro	ka-/ma-/po-/ho-
	Warekena	ka-/ma-/-ri/-ni	Campa	Ashéninka	-ntzi/-nto/-tsiNkari/tsiNkar/-ri/ro
Orinoco	Baré	ka-/ma-/-ɽi		Nanti	-ri
			Amuesha	Amuesha	a-

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

A tabela 11 acima exibe os morfemas derivacionais que derivam adjetivos ou verbos descritivos/estativos. Os morfemas *ka-* e *ma-* são os mais recorrentes. Como já foi observado por Michael (2014) as línguas do subgrupo Campa (Asháninka, Caquinte e Nanti) não exibem esses morfemas produtivamente. O privativo *ma-*, por exemplo, nessas línguas são formas congeladas no léxico. Em Garifuna embora haja a existência desses prefixos, não encontramos dados que possam atestar eles como morfemas derivacionais de 'adjetivos' ou verbos que possam exercer essa função. Em terena, como vimos anteriormente, esses morfemas também foram congelados, principalmente, no que diz respeito ao privativo *ma-*. Na língua Warekena o reflexo desses prefixos parece ter se perdido também. E por fim, na língua Yawalapiti não foi possível verificar esse tipo de derivação. Outra questão interessante é a regularidade do morfema *–ri*, não apenas nas línguas do subgrupo Campa (que também pode ser um nominalizador), mas também em outras línguas como Baniwa, Wapixana, Warekena e Baré. O gráfico 1, a seguir, exibe a distribuição desses morfemas derivacionais de adjetivos e verbos estativos/descritivos.

Gráfico 1 - Distribuição dos morfemas adjetivizadores nas línguas Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Observando os resultados do gráfico, verificamos que a tendência tipológica dessas línguas é exibir *ka-* e *ma-* como morfemas predominantes de derivação de adjetivos ou verbos. Já o *–ri* e suas variantes (-ɭi 'werkena'/ -ɻi 'baré) ocorrem, principalmente, nas línguas do subgrupo Campa, como já mencionamos e outros morfemas são encontrados

nos restantes das línguas. A derivação de adjetivos de nomes é um traço não predominante, ocorrendo apenas em algumas línguas, tal como Palikur.

É importante elencar que algumas dessas línguas não exibem a classe de 'adjetivos', fazendo do verbo (seja ele descritivo ou estativo) o papel principal para expressar essa função. Alguns desses morfemas adjetivizadores (como em Caquinte) parecem terem sido absorvidos lexicalmente. No que diz respeito aos morfemas atributivo *ka-* e privativo *ma-*, esses são estáveis aparecendo em quase todas elas e sempre tendo essa função derivacional que atribui algo 'positivo' ou 'negativo' ao referente.

Em suma, as tabelas exibem as línguas que apresentam ou não morfemas que derivam adjetivos ou verbos estativos/descritivos para se referir a um atributo do referente. A maioria dessas derivações partem de nomes inalienáveis ou verbos estativos. A adjetivação é uma operação derivacional bastante produtiva nessas línguas, com exceção de Resígaro, que tem adjetivos, mas os processos derivacionais para que ele ocorra não são sistemáticos nos estudos de Allin (1976), o mesmo ocorre com Yawalapiti. Em síntese, podemos afirmar que a derivação de adjetivos ou verbos estativos/descritivos é um padrão tipológico de formação de palavra recorrente nas línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa. Em seguida, realizamos umas considerações gerais sobre o processo de derivação na formação de palavras nas línguas dessa família.

4.3.4. Uma visão geral do processo de derivação nas línguas Arawak

Como foi mostrado, os idiomas dessa família exibem os três tipos principais no processo de derivação de palavras nas línguas do mundo: nominalização, verbalização e adjetivação. Sendo a nominalização o processo mais produtivo nessas línguas, seguido da adjetivação e verbalização. Dentre esses três processos, observamos que a nominalização é o processo mais recorrente entre elas. De fato, esse tipo de derivação é bastante atestado em estudos tipológicos de nominalização nas línguas do mundo e também é o mais completo, pois deriva vários tipos de nomes (nomes de ação/estado, agente, instrumental, locativo etc). No que diz respeito à adjetivação que na verdade pode também ser um tipo de derivação de verbos estativos/descritivos, esse processo é menos produtivo nas línguas do mundo. Contudo, observamos que nas línguas Arawak, ele é um padrão recorrente tal como a verbalização. A verbalização tem um sub-processo derivacional chamado de causatividade que tem a função de mudar a valência do verbo intransitivo.

Por ora, sabemos que estudos tipológicos precisam ser bastante analisados e revisados para que não ocorra equívocos que possam prejudicar a análise. Desse modo,

os resultados aqui apresentados foram realizados de modo cauteloso, com hipóteses que foram sugeridas através dos dados analisados, contudo, essa tese é apenas o primeiro passo para estudos futuros, muitas revisões e análises ainda necessitam ser realizadas, para que possamos apresentar cada vez mais os resultados conducentes sobre a formação da estrtura de palavras nas línguas Arawak, abrangendo também um número maior de línguas e contribuindo cada vez mais para os estudos descritivos, tipológicos e diacrônicos dessa família. Para finalizar esta seção, exibimos a tabela 12 a seguir que sumariza os tipos de derivações que foram encontradas nas línguas dessa família.

Tabela 12 - Padrões tipológicos de padrões derivacionais nas línguas Arawak

Subgrupos	Línguas	Nmlz	Vblz	Adj/ verb est/descr.
Rio Branco	Wapixana	S	S	S
Palikur	Palikur	S	S	S
Caribe	Garifuna	S	S	S
Ta-Arawak	Lokono	S	S	S
	Wayuu	S	S	S
Colômbia	Resígaro	S	N.D	N.D
	Achagua	S	S	S
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	S	S	S
	Tariana	S	S	S
	Warekena	S	S	S
Orinoco	Baré	S	S	S
Bolívia-Mato Grosso do sul	Terena	S	S	S
	Baure	S	S	S
Paresi-Xingu	Waurá	S	S	S
	Mehináku	S	S	S
	Yawalapiti	N.D	N.D	N.D
	Paresí (Haliti)	S	S	S

Puru-Apurinã	Apurinã	S	S	S
	Maxinéri	S	N	S
	Yine-Piro	S	S	S
Campa	Ashéninka Perene	S	S	S
	Caquinte	S	N.D	S
	Nanti	S	S	S
Amuesha	Amuesha	S	S	S
Total	24 línguas	23%	18%	22%
63%				

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Em suma, a tabela 12 acima, resume os padrões tipológicos de três processos derivacionais mais importantes nas línguas do mundo: nominalização, verbalização e adjetivação. Como resultado, a nominalização é o processo mais recorrente, ocorrendo em 23 línguas, em seguida vem a adjetivação ou derivação de verbos estativos/descritivos, totalizando 22 línguas e o último processo que é menos recorrente é a verbalização, descrita em 18 línguas. A escala hierárquica exibida a seguir resume os tipos derivacionais mais encontrados nas 24 línguas Arawak selecionadas nesta tese.

(183) *Escala dos tipos derivacionais mais suscetíveis nas línguas Arawak*

NOMINALIZAÇÃO > ADJETIVAÇÃO > VERBALIZAÇÃO

O processo de formação de palavras nas línguas Arawak é bastante denso e complexo, envolvendo diferentes análises. Esperamos que os resultados mostrado até aqui possam contribuir de alguma forma para os estudos tipológicos de tipos derivacionais nas línguas do mundo, e principalmente, o que concerne às línguas indígenas da América do Sul que necessitam cada vez mais de descrição não só apenas desse fenômeno, mas de outros tão importantes. A seção, a seguir, trata de outro processo também recorrente nas línguas do mundo, a composição.

4.4 Analisando o processo de composição nas línguas Arawak

Além desses processos de derivação, existe um outro tipo de operação que também cria novos lexemas, é a composição (também chamada derivação de nomes compostos). De acordo com Booj (2007), em muitas línguas, a composição é a forma mais utilizada para fazer novas palavras. A diferença dela para derivação é que na maioria das vezes, a composição forma palavras a partir de dois radicais ou mais, diferentemente, da derivação que acrescenta vários tipos de afixos a um radical (ou raíz) para derivar uma nova palavra. Booj (2007) argumenta que a propriedade definidora da composição é que "ela consiste da combinação de lexemas em palavras maiores" (p.75)[73]. O autor argumenta que em casos simples, a composição consiste da combinação de duas palavras, em que uma palavra modifica o significado da outra, sendo que uma delas é o núcleo. Isso significa dizer que "o processo de composição possui uma estrutura binária" (BOOJ, 2007, p.75)[74].

[73] (...) It consists of the combination of lexemes into larger words (BOOJ, 2007, p.75).
[74] This means that such compounds have a bynary structure (BOOJ, 2007, p.75).

Haspemalth (2002) argumenta que um composto é um lexema complexo que pode ser pensado como consistindo de dois ou mais lexemas de base. Em casos mais simples, como mencionado já por Booj (2007), um composto consiste em dois lexemas que são unidos e são chamados de membros compostos. No português, por exemplo, um composto é um processo que recorrentemente combina dois radicais, tais como, nas palavras: *amor-perfeito, guarda-chuva, abaixo-assinado, guarda-noturno etc.* Booj (2007) explica que a produtividade de nomes compostos em muitas línguas é grande devido à sua transparência semântica e sua versatilidade. Assim, para o autor, quando um composto é formado, já sabemos o significado do seu constituinte e a única tarefa é descobrir a relação semântica entre as duas partes (cf. BOOJ, 2007). Por exemplo, a palavra *guarda-chuva* no português significa proteger alguém da chuva o mesmo ocorre com a palavra *guarda-sol* que protege uma pessoa do sol quando o mesmo está muito quente. Assim sendo, falantes do português sabem interpretar essas palavras através da relação semântica dos constituintes que fazem parte delas.

Booj (2007) descreve que o padrão semântico geral de um composto da forma '*XY'* é que ele denota um *y* que tem algo em comum com *x* ou vice-versa, isso vai depender da língua. Então, para o autor, a natureza exata da relação semântica entre dois constituintes não recebe expressão formal (como no caso da derivação) e é um problema de interpretação pelos usuários da língua. Booj (2007, p.76) explica que "como usuários da língua temos que interpretar esta relação na base do significado dos constituintes compostos, nosso conhecimento de mundo e algumas vezes o contexto em que o composto é usado"[75]. O autor afirma que o processo de composto é aplicado recursivamente, e, por isso, podemos obter compostos muito longos. De acordo com Booj (2007), a noção de núcleo é altamente relevante para aplicação de regras de palavras compostas, já que o núcleo que determina as propriedades formais do composto.

As línguas podem permitir vários tipos de combinações de diferentes classes de palavras. Haspelmalth (2002, p. 85) cita alguns exemplos em inglês: N + N: *lipstick (lips*$_N$ + *stick*$_N$*)* 'batom'; A + N: *hardware (hard*$_A$ + *ware*$_N$*)* 'ferragens'; V + N: *drawbridge (draw*$_V$ + *bridge*$_N$*)* 'ponte levadiça'; N + V: *babysit (baby*$_N$ + *sit*$_V$*)* 'babá'; N + A: *leadfree (lead*$_N$ + *free*$_A$*)* 'solda em chumbo'; A + A: *bitter-sweet (bitter*$_A$ + *sweet*$_A$*)* 'agridoce'.

[75] As language users, we have to interpret that relationship on the basis of the meanings of the compound constituents, our knowledge of the world, and sometimes the context in which the compound is used (BOOI, 2007, p.76).

Haspelmath (2002) argumenta que, assim como as regras derivacionais, as regras no processo de composição podem variar em suas produtividades.

No inglês, por exemplo, N + N é um padrão extremamente produtivo. Quando não se tem uma variedade grande na formação de lexemas compostos, podemos denominar de uma composição endocêntrica, já que a categoria (sintática ou morfológica) da palavra não muda, quando ocorre a mudança da categoria gramatical denominamos de compostos exocêntricos. Conforme Aikhenvald (2020), as línguas Arawak tendem a ter composição nominal produtiva, predominantemente do tipo endocêntrico com relação parte do todo ou genitivo entre os componentes nominais. Assim, compostos nominais podem conter nomes presos (ou obrigatóriamente possuídos) ou livres. A subseção a seguir analisa os tipos de nomes compostos encontrados nas 24 línguas selecionadas nessa pesquisa.

4.4.1 Tipos de nomes compostos nas línguas Arawak

As línguas Arawak exibem o processo de composição menos produtivo do que a derivação. Nas línguas Arawak do Norte, apenas encontramos algumas notas sobre esse fenômeno em apenas cinco línguas: Wapixana, Garifuna, Wayuu, Tariana e Warekena. Já nas línguas do grupo Sul-Arawak, esse processo é bem mais produtivo, ocorrendo em quase todas as línguas. O processo de composição muitas vezes vem acompanhado com classificadores. Contudo, nessa subseção, focaremos na composição com categorias gramaticais, por exemplo, N + N, V+ N, A + V, N+Adp, N+Ideo etc. A questão de classificadores vai ser tratada no capítulo 5 (classificadores verbais). Assim, iniciamos a análise com as línguas que pertecem ao grupo Norte-Arawak e em seguida com as línguas do Grupo Sul-Arawak.

4.4.1.1 Grupo Norte-Arawak

4.4.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Santos (2006) explica que o processo de composição na língua Wapixana é pouco produtivo e que o principal processo de formação de palavras se dá por meio de termos de classe (ver capítulo 5). Os exemplos a seguir revelam um significado nominal expresso por formas compostas de raízes distintas.

(184) Wapixana

a. N+N
ka-kɨti-ba-u-kanaw
ATR-asa-TCL: parte de-PL-canoa
‘Avião’

b. N + Onomatopéia
Kanaw-spititiz̨
Canoa-ONOM

'Hélicoptero'

c. N + POSP
Auwini-j-tan-na:
Olho-N.POSS-frente-DEIT

'Óculos'

(SANTOS, 2006, p.138)

4.4.1.1.2 Subgrupo Caribe: Garifuna

De acordo com Haurholm-Larsen (2016), os nomes compostos não são produtivos em Garifuna. O autor argumenta que apenas encontrou um exemplo que é *arígey-leü* 'brinco' (HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.46). Contudo, nos dados de Quesada (2017) há uma grande variedade de exemplos de nomes composto nessa língua, como podemos verificar a seguir:

(185) Garifuna

a. N + N
Haban-lufu
3PL-lugar + prostituta

'Prostíbulo'

b. ADJ + N
Luerin-lanigi
Grande + coração

'Valor' (para el mal), 'sorpresa') / 'Valor' (para o mal), 'surpresa') '

c. V + V
Águra-uhabu
Botar + arruinar

'Derrumbar'/ 'Derrubar'

d. V + N
Apouha-uhabu
Aplaudir + mão

'Aplaudir, palmear/ 'Aplaudir, aplausos'

e. V+Posp+N
Anüga-lau-éregu
Levar + com + força

'Arrebatar'

f. V+ADV
Gumugua-dan
Terminar + Tempo

'Hasta el final, para siempre/ 'Até o fim, para sempre'

(QUESADA, 2017, p.59)

4.4.1.1.3 Subgrupo TA-Arawak: Wayuu

Em Wayuu encontramos apenas a combinação N + N. Na composição, o primeiro elemento do composto pode ser um nome alienável ou inalienável (ver capítulo 5). No entanto, o segundo elemento deve sempre ser um nome inalienável (cf. ALVARÉZ, 2017). Os exemplos a seguir exibem os nomes compostos em Wayuu.

(186) Wayuu

a. N + N
Eeˈiyalaayaüˈi
Eeˈiyalaayaa + -wüi
Página + pé
‘Rodapié/ ‘Rodapé’

b. N + N
Ajaˈapüüyaawase
Ajaˈapüü + yaawase
Tamanho + marca
‘Grado’/ ‘Grau’

c. N + N
Wanülüüpi
Wanülüü + pi
Virús + medicina
‘Antivirus’/ ‘Antivírus’

(ALVARÉZ, 2017, p.139-140)

4.4.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Tariana e Warekena

Neste subgrupo conseguimos encontrar este processo de formação de palavras em apenas duas línguas: Tariana e Warekana. A formação de nomes compostos tanto em Tariana quanto em Warekena não são produtivos. Em Tariana, encontramos apenas a combinação N + N, sendo este composto encontrado em nomes possessivos e possuindo a mesma estrutura dos sintagmas nominais possessivos, ou seja, o possuidor procede o nome possuído, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(187) Tariana

a. N + N
U:ni-dumeri
Água-cobra
‘Water snake’/ ‘Cobra d’água’

b. N + N
Puali-syawa

‘Oven fire’/ ‘Forno-fogo

‘Forno’

c. N + N
Di- ʧi-numa
3SG.N.F-cabelo-boca

‘His beard, moustache’/ ‘Sua barba, bigode’

d. N + N
Awiña-waru-ni
Wacu-árvore-POSS

‘Mealy parrot’/ ‘Papagaio farinhento’

(AIKHENVALD, 2003, p.201-202)

Aikhenvald (2003) argumenta que existe apenas em seus dados um composto de um nome e um modificador. O resultado é um verbo estativo *sa-kumu* (fumaça-quente) ‘morna’ (AIKHENVALD, 2003, p.202).

Na língua Warekena existem dois tipos de composto nominal: (i) o tipo possessivo, em que dois nomes em uma relação genitiva correspondem diretamente para um SN possessivo, a diferença entre um composto e um SN_{POSS} é que o composto é uma palavra fonológica única e nenhum componente pode ser inserido entre esses compostos, como podemos observar a seguir:

(188) Warekena

a. N + POSP
Pana-taʌi
Casa-P-acima

‘Kitchen, oven house’/ ‘Cozinha, casa do forno’

(AIKHENVALD, 1998, p. 321)

O outro tipo é o deverbal que consiste de uma função verbal e de constituinte S e O (preposicionado), como podemos verificar nos exemplos (b-c) a seguir:

b. N + V
Constituinte S
Mawaʌi-ʃia
Cobra-viver

‘The place where the snake lives (the traditional name of São Gabriel da Cachoeira’)’
‘O lugar onde a cobra vive (o tradicional nome de São Gabriel da Cachoeira’)

c. N + N
Constituinte O
Pana-tama-ɽi
Casa-dança-REL

‘Dance house, maloca/ ‘Casa de dança, maloca’

(AIKHENVALD, 1998, p.322)

Das 11 línguas selecionadas do grupo Norte-Arawak apenas cinco exibem esse processo descrito quando se trata de formação de nomes. Entre essas línguas, apenas Garifuna apresenta um maior tipo de combinação, já as outras exibem de forma recorrente a combinação N + N. Agora, analisamos as línguas do grupo Sul-Arawak.

4.4.1.2 Grupo sul-Arawak

Diferentemente das línguas do grupo Norte-Arawak, as línguas pertencentes a este grupo exibem a formação de nomes compostos mais produtivamente. Com exceção de Wauja e Yine-Piro que não encontramos dados que comprovam o fenômeno de composição como um método de formar novos lexemas, as outras línguas apresentam este processo bem recorrente, como iremos ver nas subseções a seguir:

4.4.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso: Terena e Baure

A língua Terena exibe o processo de composição na formação de novas palavras. Segundo Oliveira (2021), o processo de formação de palavras em Terena tem N + N (sendo a forma canônica), V + N e ADV + N. A autora argumenta que a composição é um processo bastante importante em Terena. Muitos compostos não consistem de dois radicais somente, sendo construídos com bases nominais com a ordem possessor e possuído pela justaposição, dos quais, principalmente, o segundo é o núcleo mais genérico e o primeiro nome serve como seu modificador. Os exemplos abaixo exibem esse processo em Terena.

(189) Terena

a. N+ N
None – óvoku
Rosto + casa

‘Entrada (parte de frente da casa) ’

b. V + N[76]
Nókuti-irunóeroti
Agrupar + ornamento com flor

‘Jardim, praça’

c. V +N
Ixuˈókoti-tikóti

[76] Oliveira (2021) explica que nos compostos verbo e nome, o verbo é sufixado com o morfema - *ti.*

Cortar (algo) + árvore

'Pica-pau'

d. ADV + N
[mayane kámo]-ti
Igual Anta – N.POSS.

'Anta de alguém'

(OLIVEIRA, 2021, p.107)

Em Baure, a composição, na verdade é um processo que mais se assemelha a casos genitivos que forma um sintagma nominal e não na formação de nomes. Além disso, segundo Danielsen (2007), muitos compostos não consistem em apenas dois radicais nominais, mas sim um radical nominal e um classificador (ver adiante capítulo 5). Assim, como ocorre nas outras línguas, os compostos são construídos como nomes possuídos com a combinação N + N, sendo o segundo composto o núcleo mais genérico e o primeiro sendo o seu modificador. Deste modo, os compostos são produtivamente formados, em particular onde N_2 refere-se à parte do corpo, parte das plantas ou parte de um todo (DANIELSEN, 2007). Os exemplos abaixo exibem a composição em Baure que exibe a combinação canônica é N + N.

(190) Baure

a. N + N
Tiporekpoˈe
Tiporek-poˈe
Frango + cabeça'

'Chicken head'/ 'Cabeça de frango'

b. N + N
Kahauhiˈ
Kahau-hiˈ
Veado + chifre

'Deer antler'/ 'Chifre de veado'

c. N + N
Wakpen
Wak-pen
Vaca + Língua

'Cow tongue'/ 'Língua de vaca'

d. N + N
Simorieš
Simori-eš
Porco + Carne

'Pork meat'/ 'Carne de porco'

(DANIELSEN, 2007, p.134-135)

4.4.1.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-haliti

Com exceção de Waujá que não conseguimos obter dados que comprovam o processo de composição, as outras línguas exibem essa operação produtivamente. Em Mehináku, a combinação N + N e N +ADJ vai resultar em alguns nomes. Assim, como ocorre nas outras línguas, é muito comum a composição com partes do corpo, os exemplos abaixo exibem essa operação na língua Mehináku.

(191) Mehináku

a. N + N
Kapi-jeˈke-hɨ
Luta + dono-MASC
'Lutador'

b. N + N
Pãj-ʧanarɨ
Casa-boca
'Porta'

c. N + ADJ
Pãĩ-ˈweːke
Casa+ Grande/Alta
'Prédio'

(CORBERA-MORI, 2012a, p.140)

Na língua Yawalapiti, encontramos um exemplo que exibe o processo de composição nessa língua, como podemos verificar a seguir:

(192) Yawalapiti

a. N + N
Nutiparatala
Nu-tipa-rata-la
1POSS-pedra-casca-MP
'Minha panela'

(YAWALAPITI, 2021, p.112)

Em Paresi-Haliti, onde se tem a descrição mais completa sobre a formação de nomes compostos deste subgrupo. Eles são formados de dois ou mais radicais nominais que podem ser presos ou não. Brandão (2014) explica que a combinação nomes compostos não preso a uma raiz tem uma função classificatória e é o tipo mais comum. A autora argumenta que existem três tipos de compostos que são ilustrados nos exemplos a seguir. Brandão afirma que em nomes composto, o primeiro nome é modificado e o

segundo é o núcleo. Em radicais em que ambos nomes estão ligados, se o segundo radical ligado se inicia com vogal, então, coloca-se uma consoante /n/ que é um interfixo (cf. BOOIJ, 2007) que conecta esses nomes.

(193) Paresi-Haliti

a. N + N
Kokoya
Kamae-kokoi
Sol + falcão

'Harpy eagle'/ 'Águia de Rapina'

b. N+N
Zohityakate
Zohitya-kate
Cajú + Casca de

'Cashew tree'/ 'Cajueiro'

c. N + N
Awo natxihi
Awo n-atxi-hi
Ema LK-estômago-CL: LONGO-FINO

'Cobra cipó snake'/ 'Cobra-Cipó

d. ADV + N
Aliyo zolakitakotyoakalati
Aliyo z-ola-ki-tako-tyoa-kala-ti
Onde é NMLZ-gravata-? -cintura-INSTR-NMLZ-N.POSS

'Where is my belt?'/ 'Onde está meu cinto?'

e. N + POSP
Kano katyale
Braço de baixo

'Armpit'/ 'Axila'

f. N + IDEO
One talolo
Água + ideofone: barulho

'Thunder'/ 'Trovão'

(BRANDÃO, 2014, p.177-178)

Em Paresi encontramos a combinação canônica N + N e também ADV + N, N + POSP e N + Ideofone. Nessa língua, a formação de palavras pela composição é um processo bem produtivo, como podemos observar nos exemplos acima.

4.4.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Deste subgrupo, conseguimos encontrar exemplos de formação de nomes pela composição em Apurinã e Maxinéri. Em Yine-Piro, esse processo ainda precisa ser mais detalhado, já que não encontramos dados que possa comprovar esse processo em Yine-Piro. Segundo Lima-Padovani (2020), em Apurinã existem palavras compostas a das seguintes combinações ilustradas a seguir:

(194) Apurinã

a. $N_{CLASSIFICATÓRIO}$ + $N_{CLASSIFICATÓRIO}$
NC: PLANTA DE-NC:TRONCO-NC:CASCA DE
'Casca da árvore'

b. N + $N_{CLASSIFICATÓRIO}$
Uky-tãtã
Olho de – NC:CASCA DE
'Óculos'

c. N + N
Kai-kuta
Pedra-argila
'Tabatinga'

d. V + N
Ãta-kãary
Beber-igarapé
'Espelho'

(LIMA-PADOVANI, 2020, p.149-150)

De acordo com Silva (2006), em Maxinéri, há dois tipos de compostos nominais identificados como qualificadores, são eles: N + N e N + V. Tais nomes compostos são ilustrados a seguir.

(195) Maxinéri

a. N + N
Patlapa-pki
Galo-casa
'Galinheiro'

b. V + N
Nika-re-xite
Comer-NMLZ-carne
'Carne de comer'

(SILVA, 2006, p.49-50)

4.4.1.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti

A língua Nanti tem composição com classificadores, o mesmo ocorre com a língua Caquinte. Portanto, aqui o processo de composição com uma estrutura mais formal foi apenas encontrado em Ashéninka Perené, tal língua também exibe composição com classificadores, mas o foco não é descrever esse tipo aqui.

De acordo com Mihas (2015), a composição é um processo bastante produtivo em Ashéninka. Para a autora, um composto é uma palavra fonológica, pronunciada sem pausa, com uma unidade única intencional. As combinações encontradas de composto em Ashéninka Perené são: N + N, ADJ + N, V + N, V + N +N, V +V e ADJ + V. De todas as línguas Arawak analisadas, este idioma é o que mais tem formas combinatórias de diferentes classes gramaticais na formação de nominais compostos. Os exemplos abaixo ilustrem esse processo em Ashéninka Perené.

(196) Ashéninka Perené

a. N + N
[Intaani o-ñ-e eentsi] [***eentsi-voro***-tanaki irorí]
Apenas 3N.M.S-ver-IRR criança criança-rosto-sim 3M.N-FOC

‘She only sees children, and she, too, has a child-like face’
‘Ela só vê crianças e também tem um rosto infantil’

b. ADJ + N
Antaro-tsomante kooya=ra
Grande-barriga mulher-DEM

‘That woman has a big belly’
‘Essa mulher tem barriga grande’

c. V + N
[Pɨn-kim-e-ri i-***poim-a-vante***-tz-i]
2A-IRR-ouvir-IRR-3M.O 3M.S-som-EP-boca-EP-REAL

‘Listen, he is snoring’
‘Escute, ela está roncando’

d. V+ N + N
I-***shirinka-vatsa-vori***-t-ant-aj-i
3M.S-aproximar-carne-EP-DIR-TERM-REAL

‘The flesh from his thigh grew back’
‘A carne da sua coxa voltou a crescer’

e. V + V
Tekatsi ***ñ-a-shirink***-ap-ai-ni
NEG VER-EP-aproximar-DIR-1PL-O-REL-IRR

‘There will be no one who will bother us’
‘Não haverá ninguém que nos incomode’

f. ADJ + V

[***Antaro-metara***-atsi-*Ø* ir-oki]
Grande-ser redondo-STAT-3S. GRUPO2 3M-POSS-olhos
[i-shy-a-ri-mamaro]
3M.S-ser como-REAL-3M.O-coruja

'He has big eyes, he is like an owl'
'Ela tem olhos grandes, ela é como uma coruja'

(MIHAS, 2015, p.400-401)

4.4.1.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha exibe substantivos compostos. Tripp-Duff (1997) explica que a primeira é uma palavra independente enquanto a segunda é dependente. Assim como a maioria das línguas aqui apresentadas, os nomes compostos em grande parte são ligados a um classificador. Em seguida, os exemplos abaixo ilustrem os nomes compostos em Amuesha, observem que a combinação canônica encontrada é N + N, além desse tipo, a língua exibe as combinações ADJ + N e V + N

(197) Amuesha

a. N + N
Posos (pos 'água')
'Agua salada, río de sal'/ 'Água salgada, rio de sal'

b. N + N
Shoñquerepo (shoñquer 'verme')
'Tiempos de gusanos'/ 'Tempos de verme'

c. N + N
Rorma' (ror 'flor')
'Jardín/ 'Jardim'

d. ADJ + N
Atarrpo' (atarr 'grande')
'Casa Grande'

e. V + N
Anorrpuets (anorr 'sentar-se')
'Lugar para sentarse'/ 'Lugar para sentar-se'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.37-38)

4.4.4.3 Padrão tipológico dos tipos de compostos nominais nas línguas Arawak

Neste estudo, não vamos aprofundar a questão de nomes compostos e suas propriedades, por ser um estudo que requer um aprofundamento maior. Aqui, apenas focaremos nas combinações de compostos referentes às categorias gramaticais. Apesar

de alguns exemplos exiberem um nominal e um classificador. Em suma, adiante apresentaremos os tipos de combinações mais recorrentes encontrados tanto nas línguas do Grupo Norte-Arawak quanto nas línguas que fazem parte do Grupo Sul-Arawak. Iniciaremos com as línguas do Grupo Norte-Arawak e em seguida com as línguas do grupo Sul-Arawak.

4.4.4.3.1 Padrões de nomes compostos nas línguas do Grupo Norte-Arawak

As línguas do grupo Norte-Arawak são as que exibem com menos produtividade a formação de nomes por meio da composição. Das 11 línguas analisadas, apenas 5 exibem esse processo e em muitas delas não sendo produtivo. A combinação canônica, ou seja, padrão entre essas línguas é N + N, enquanto as outras são menos recorrentes. O nome aparece em todas elas sendo o primeiro composto, isto é, o núcleo principal. As combinações possíveis são resumidas nas tabelas 13, 14 e 15 a seguir.

Tabela 13 - Combinação de N com outras categorias

Subgrupos	Línguas	N + N	N + V	N + ADJ	N + ADV	N + POSP	N + IDEO
Rio Branco	Wapixana	sim				sim	sim
Caribe	Garifuna	sim					
TA-Arawak	Wayuu	sim					
Alto Rio-Negro	Tariana	sim		sim			
	Warekena	sim	sim			sim	

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Tabela 14 – Combinação de V com outras categorias

Subgrupos	Línguas	V + V	V + N	V + ADJ	V + ADV	V + POSP	V+ IDEO
Rio Branco	Wapixana						
Caribe	Garifuna	sim					
TA-Arawak	Wayuu						
Alto Rio-Negro	Tariana						
	Warekena						

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Tabela 15 – Combinação com ADJ com outras categorias

Subgrupos	Línguas	ADJ + ADJ	ADJ + N	ADJ + V	ADJ + ADV	ADJ + POSP	ADJ + IDEO
Rio Branco	Wapixana						
Caribe	Garifuna		sim				
TA-Arawak	Wayuu						

Alto Rio-Negro	Tariana						
	Warekena						

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

A combinação de ADV com outras categorias não foi encontrada. Entre essas línguas, o Garifuna é o que mais exibe variações nas combinações, mas tendo como forma padrão N + N, assim como as outras línguas. A subseção a seguir exibe os padrões de nominais compostos das línguas do Grupo Sul-Arawak.

4.4.4.3.2 Padrões de nomes compostos nas línguas do Grupo Sul-Arawak

As línguas pertencentes a esse grupo exibem de forma mais recorrente a formação de nomes por meio da composição. Com exceção de Waujá e Yine-Piro que não há uma descrição detalhada sobre esse processo, as outras línguas exibem este tipo de operação. A maioria delas tem nomes compostos sendo realizados a partir da afixação de um classificador, contudo, como já mencionado aqui, apenas verificamos a composição e suas combinações com diferentes classes gramaticais. As línguas Caquinte e Nanti exibem o processo de composição a partir da justaposição de um classificador, não conseguimos encontrar nomes compostos com categorias gramaticais. As tabelas 16, 17 18 e 19 ilustram os padrões de composição e sua combinação nas línguas analisadas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 16 - Combinação de N com outras categorias

Subgrupos	**Línguas**	**N + N**	**N + V**	**N + ADJ**	**N + ADV**	**N + POSP**	**N + IDEO**
Bolívia-Mato Grosso	Terena	sim					
	Baure	sim					
Xingu-Paresí	Waujá	sim					
	Mehináku	sim		sim			
	Yawalapiti	sim					
	Paresi-Haliti	sim				sim	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	sim					
	Maxinéri	sim					
Campa	Asháninka	sim					
Amuesha	Amuesha	sim					

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Tabela 17 – Combinação de V com outras categorias

Subgrupos	**Línguas**	**V + V**	**V + N**	**V + ADJ**	**V + ADV**	**V + POSP**	**V + IDEO**
Bolívia-Mato Grosso	Terena		sim				
	Baure						
Xingu-Paresí	Waujá						

	Mehináku						
	Yawalapiti						
	Paresi-Haliti						
Piro-Apurinã	Apurinã		sim				
	Maxinéri		sim				
Campa	Ashéninka	sim	sim				
Amuesha	Amuesha		sim				

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Tabela 18 – Combinação de ADJ com outras categorias

Subgrupos	**Línguas**	**ADJ + ADJ**	**ADJ+ N**	**ADJ + V**	**ADJ + ADV**	**ADJ + POSP**	**ADJ + IDEO**
Bolívia-Mato Grosso	Terena						
	Baure						
Xingu-Paresí	Waujá						
	Mehináku						
	Yawalapiti						
	Paresi-Haliti						
Piro-Apurinã	Apurinã						
	Maxinéri						
Campa	Ashéninka		sim	sim			
Amuesha	Amuesha		sim				

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Tabela 19 – Combinação de ADV com outras categorias

Subgrupos	**Línguas**	**ADV + ADV**	**ADV + N**	**ADV + V**	**ADV + ADJ**	**ADV + POSP**	**ADV + IDEO**
Bolívia-Mato Grosso	Terena		sim				
	Baure						
Xingu-Paresí	Waujá						
	Mehináku						
	Yawalapiti						
	Paresi-Haliti		sim				
Piro-Apurinã	Apurinã						
	Maxinéri						
Campa	Ashéninka						
Amuesha	Amuesha						

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

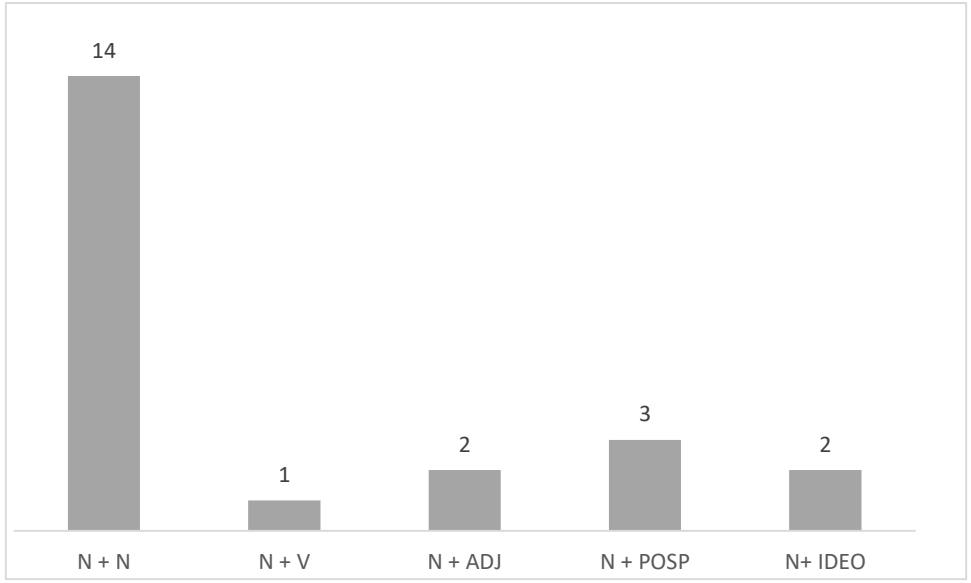
Observando as tabelas do grupo Sul-Arawak, é possível verificar uma ocorrência maior de combinações na formação de nomes compostos, o que não que não ocorre com as líguas Grupo Norte-Arawak. A combinação N + N é a mais comum encontrada nessas línguas, enquanto, as combinações com adjetivos e advérbios são raras. A subseção a seguir mostra de forma geral os padrões de nomes compostos nas línguas Arawak analisadas.

4.4.4.3.3 Recorrências tipológicas de combinações de nomes compostos nas 24 línguas Arawak analisadas

A composição é um processo que aparece em 16 línguas Arawak, sendo ela mais presente no Grupo Sul-Arawak do que nas línguas do Grupo Norte-Arawak. A maioria é compostos endocêntricos. De acordo com Booij (2007), o termo endocêntrico significa que a categoria da construção toda é idêntica aquela dos seus constituintes, por exemplo, todas elas exibem a combinação N + N, sendo esta a forma canônica na construção de nominais compostos. Mas também existem nomes exocêntricos que exibem combinações de categorias diferentes no constituinte nominal como um todo. As combinações com adjetivos e advérbios são mais raras, ocorrendo apenas em Garifuna (se trantando das línguas do Grupo Norte-Arawak que tem uma combinação ADJ +N), Asháninka (ADJ + N/V), Amuesha (ADJ + N), Terena (ADV + N) e Paresi (ADV + N).

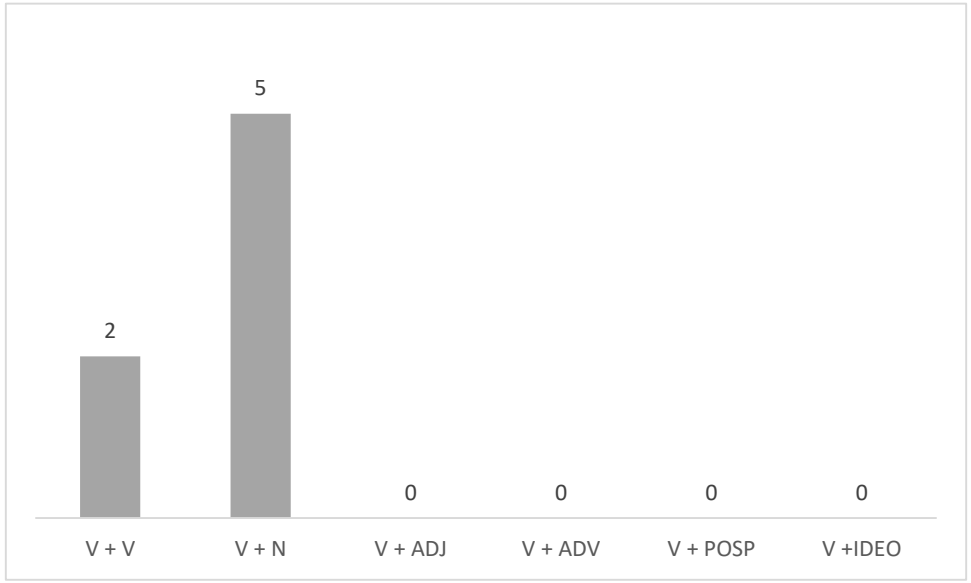
Outra questão importante é o núcleo que tem como categoria padrão o nome, esse nome, muitas vezes, faz parte do corpo humano ou parte de um todo, como plantas. A maioria desses nomes ocorrem como nomes classificatórios que tem uma função semelhante a um classificador, mas não é um classificador por muitas vezes ser uma raiz e não um sufixo. As combinações de verbos com outras categorias sintáticas é a segunda mais recorrente, ocorrendo tanto em línguas pertencentes do Grupo Norte-Arawak quanto as do Sul. Em suma, o processo de composição é um fenômeno bastante importante nas línguas Arawak e merece um estudo mais aprofundado, infelizmente, não foi possível fazê-lo nesta tese, já que muitos estudos descritivos apresentam certas lacunas sobre esse processo nas línguas analisadas. Mas, deixamos em aberto a discussões para estudos futuros que possam contribuir na formação de lexemas através da composição. Os gráficos a seguir resumem as combinações possíveis encontradas para formar nomes compostos nas 16 línguas Arawak que exibem esse processo.

Gráfico 2 - Distribuições de nomes compostos de N com outras categorias



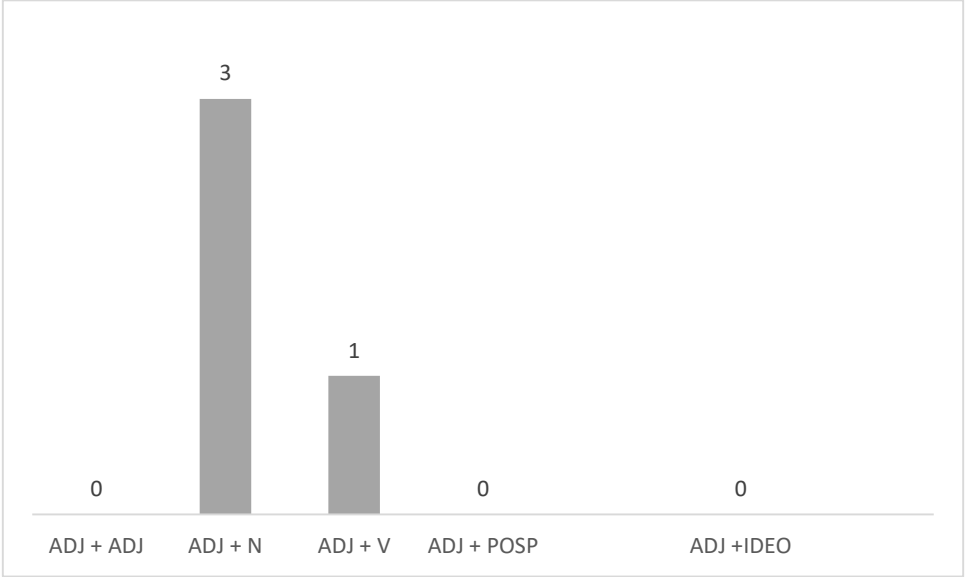
Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Gráfico 3 - Distribuições de nomes compostos de V com outras categorias



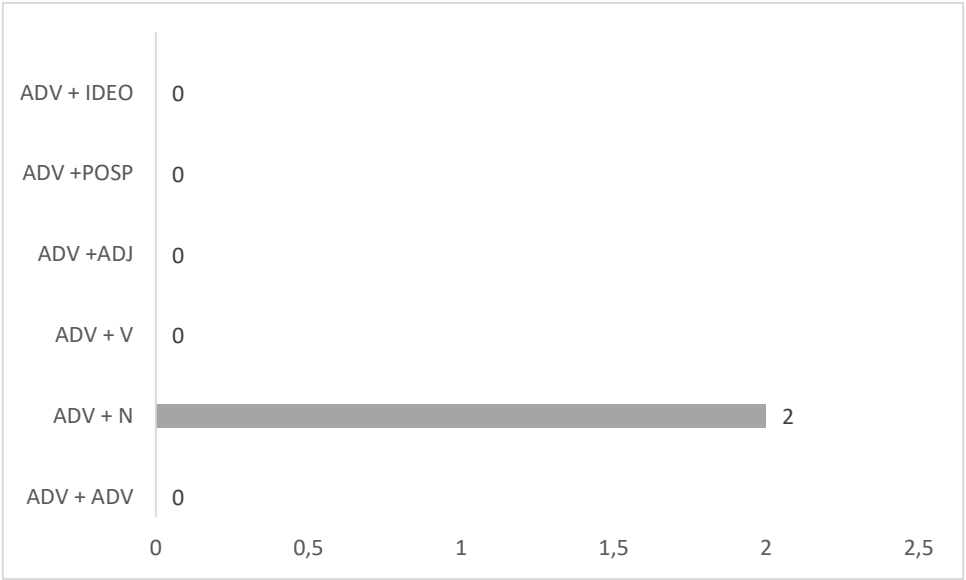
Elaborada pela autora, 2022.

Gráfico 4 - Distribuições de nomes compostos de ADJ com outras categorias



Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Gráfico 5 - Distribuições de nomes compostos de ADV com outras categorias



Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

4.4.5 Incorporação nominal e composição

Conforme Booij (2007), a combinação de um nome e um verbo em um composto verbal é geralmente chamada de *incorporação nominal*. A incorporação nominal é um processo lexical em que uma raiz nominal é combinada com um verbo para formar uma nova raiz verbal derivada (MITHUM, 1986). Para ilustar isso, Mithum (1986, p.379) traz um exemplo do Ghandi Astrauliano na qual a raiz nominal *-ŋal* 'saliva' é incorporada na raiz verbal *-geyk-ḏa* 'atirar', resultando em *ŋalgeykḏa* 'cuspir'. A autora explica que -ŋa*l* 'saliva' em *ŋalgeykḏa* não faz referência para uma especificidade, mas qualifica o tipo de predicado lançado pelo verbo hospedeiro. Assim, os nomes incorporados não denotam um objeto específico, isto é, eles são não-referenciais. A incorporação nominal é usada essencialmente para formar verbos que expressam uma atividade instualizada e unitária (cf. BOOIJ, 2007; MITHUM, 1986).

Mithum (1986) explica que os nomes incorporados, assim como os nomes em outros compostos não fazem referência para alguma entidade, restrigindo o escopo do seu verbo hospedeiro. Tanto Mithum (1986) quanto Booij (2007) ressaltam que, tipicamente, os nomes em casos de incorporação não são marcados para definitudes, número ou caso. Eles também não desempenham um papel sintático como argumentos de uma oração, embora semanticalmente eles podem qualificar o paciente, o instrumento ou local do verbo hospedeiro, sendo casos não marcados (MITHUM, 1986). A autora argumenta que o processo de incorporação se desenvolve nas línguas a partir da predicação. Desta maneira, a incorporação nominal tem uma estratégia para criar verbos para novas categorias de ação e estado (MITHUM, 1986). Assim, um verbo e um nome estão junto para formar um item lexical que representa um composto verbal que reflete os interesses dos seus falantes.

Cobera-Mori (2014) afirma que a incorporação mais produtiva é aquela em que ocorrem modificações nos papeis dos participantes. Mithum (1986) denomina isso como a manipulação de relações de caso dentro das orações. Para Cobera-Mori (2014), esse fato ocorre quando na incorporação o nome perde sua função sintática de argumento interno, mas o verbo transitivo mantém sua valência. A posição livre, deixada pelo sujeito, é ocupada geralmente por um oblíquo. Um exemplo em Ngandi ilustrado por Mithum (1986, p.380) mostra que o composto *-maŋagulk* 'enforcar alguém' (*–maŋa* 'pescoço' + *-gulk* 'cortar') permance com o verbo transitivo, mas o possuidor de 'pescoço' acaba sendo mais significante do que o próprio nome 'pescoço', assim, ele é promovido para

um statu absoluto e referenciado no prefixo pronominal (cf. MITHUM, 1986). Mithum (1986) explica que compostos desse tipo pode ocorrer também com verbos intransitivos quando o sujeito de um verbo instransitivo é incorporado, um argumento oblíquio pode ser promovido para a posição livre.

Assim sendo, a incorporação nominal é um argumento verbal (tipicamente seu objeto/paciente) que é incorporado a este verbo. Para Mithum (2000), a função desse fenômeno é qualificar o verbo, estreitando seu escopo semanticalmente para pertencer ao tipo de paciente, local ou instrumento designado pelo nome. Olthof (2020), argumenta que uma importante questão que tem sido dirigida é verificar se a incorporação de nomes tem uma função referencial, semelhante aos compostos ou se tem uma função referencial com nomes independentes.

Dessa forma, esse processo se dá tipicamente com o argumento interno do verbo transitivo e argumento externo de verbo intransitivo, mas não com argumento externo de verbo transitivo. É frequentemente encontrado dentro de línguas polissintéticas, aquelas que têm um alto índice de morfemas por palavras. Mithun (2000) explica que na incorporação prototípica, o composto nome-verbo constitui um único padrão fonológico. Normalmente, apenas a raiz nominal é incorporada e outros modificadores não são incorporados com o nome, como já mencionado.

A incorporação nominal envolve comumente a presença de composto contendo nomes para partes do corpo incorporado. Mithum (1986) assinala que os termos referentes à parte do corpo estão entre os nomes mais frequentemente incorporados. Para a autora, isso não é surpresa, já que tantas atividades institualizadas os envolvem, como por exemplo: *lavar o rosto*, *escovar os dentes* etc (cf. MITHUM, 1986). Deste modo, o nome incorporado para parte do corpo pode torna-se um meio útil de qualificar o verbo pertencente ao aspecto físico de uma pessoa ou animal sem fundamentar o indivíduo.

Esse processo nas línguas Arawak selecionadas não é produtivo, já que apenas encontramos a incorporação nominal em algumas línguas pertecentes ao Grupo Sul-Arawak. Aikhenvald (1999) afirma que esse fenômeno não é recorrente nas línguas do Grupo Norte-Arawak. De fato, não conseguimos encontrar dados que possam comprovar a incorporação nominal nos 11 idiomas analisados deste grupo. Entretanto, conseguimos encontrar esse fenômeno em oito línguas do grupo Sul-Arawak, como será descrito a seguir.

4.4.5.1 Incorporação Nominal nas línguas do Grupo Sul-Arawak

A incorporação nominal foi encontrada em oito línguas pertencentes a esse grupo, são elas: Terena e Baure (subgrupo: Bolívia-Mato Grosso), Paresi (Subgrupo: Paresi-Xingu), Apurinã e Yine Piro (subgrupo: Piro-Apurinã), Ashéninka Perené e Nanti (subgrupo: Campa) e, por fim, em Amuesha (subgrupo: Amuesha). Aqui, apenas focaremos na incorporação com nomes, outros tipos de incorporação não serão tratados neste estudo.[77]

4.4.5.1.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Oliveira (2021) afirma que a incorporação nominal em Terena envolve partes do corpo e, em geral, o argumento do objeto é incorporado a qualquer tipo de base verbal. Para autora, a incorporação nominal de nomes é bastante versátil, pois ela é usada para fins de composição lexical e manipulação de valência. Em Terena, a incorporação de substantivos é uma operação que afeta a valência quando aplicada a base transitivas (OLIVEIRA, 2021), não encontramos exemplos de incorporação nominal em verbos instransitivos. A ordem de nomes incorporados na língua é: Raiz (v) + Raiz (n) → Base (v). Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal em Terena.

(198) Terena

a. Ø=***kipo-none***-o-vo
   3SG=lavar-rosto-V.TR-REFL
   'Ela lavou o seu (próprio) rosto'

b. ***kipo-none***-o-vo ne-Xuaum
   Lavar-rosto-VTR-REFL FOC-João
   'João lavou o rosto'

c. Ø=***timaru-paho***-x-o-vo
   3SG-lamber-boca-VBLZ-VT-REF
   'Lambeu a boca'

d. Ø=***timaru-ine***-x-o-vo ne-kalivân
   3SG-lamber-lábios-VBLZ-VT-REFL FOC.D-criança
   'A criança lambeu os lábios'

e. Ø=kalaka-puˈi-k-o-vo-ti voˈoku ótuko
   3SG=molhar-cabeça-VBLZ-VT-REFL-DUR motivo calor
   'Ele está molhando a cabeça por causa do calor'

f. ***ngipo-****puˈik*-o-vo-ti-mo
   1SG-lavar-cabeça-VBLZ-VT-REFL-DESC-IRR

[77] A incorporação nominal envolvendo classificadores será tratada no capítulo referente aos classificadores, na parte de morfologia nominal.

‘Eu vou lavar a cabeça’

(OLIVEIRA, 2021, p.165)

Em Baure, encontramos exemplos de incorporação nominal tanto em verbos transitivos (o que é mais frequentente) quanto em verbos instransitivos. Danielsen (2007) explica que ao classificar a incorporação em um verbo intransitivo, o elemento incorporado é simplesmente sufixado à raiz, enquanto que nos verbos transtitivos, um argumento incorporado sempre deve ser marcado pelo sufixo de ligação *–a* (LK). Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal em Baure.

(199) Baure

a. ro=***mer-mir-***a-wo to monči to kove
3SG.M=lamber-rosto-LK-COP ART criança art cachorro
‘The dog is licking the child's face’
‘O cachorro está lambendo o rosto da criança’

b. Ni=***šini-po ˈe-***wo
1SG=estar doendo-cabeça-COP
‘I have a headache’
‘Eu tenho uma dor de cabeça’

c. Ver ni=***eh-pes***-a-wo
PERF 1SG=lavar-pernas-LK-COP
‘I washed my legs’
‘Eu lavei minhas pernas’

(DANIELSEN, 2007, p. 208-209)

Danielsen (2007) argumenta que quando a incorporação é em verbos intransitivos, o sujeito é analisado como possuidor da parte corporal incorporada, como em *–po ˈe* ‘cabeça’ em (b). Assim, quando nomes possuídos inalienavelmente são incorporados em verbos instransitivos, a realação de classificação se transforma em uma relação de parte de um todo (DANIELSEN, 2007). Assim como em Terena, o padrão de incorporação nominal encontrado em Baure é: Base (V) + Base (N) → Base (V).

4.4.5.1.2: Subgrupo Paresi-Xingu: Paresi

De acordo com Brandão (2014), a incorporação nominal em Paresí ocorre frequentemente em nomes inalienáveis referente à parte do corpo. Os nomes são incorporados imediatamente após a raiz verbal, antes dos sufixos de aspectos e do meio *–ao* (BRANDÃO, 2014). A autora argumenta que a incorporação com verbos intransitivos é rara e ocorre apenas em dois nomes: *aho* ‘caminho’ e *kihihu* ‘nariz (no sentindo metafórico: na borda) ”. Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal em Paresi.

(200) Paresi-Haliti

a. Ø=***kera-kahe***-tya-ha natyo
3SG=queimar-mão-TH-PL 1SG

‘They burned my hand'
‘Eles queimaram a minha mão’

b. Ø=***waya-kahe***-tya-ha natyo
3SG=ver-mão-TH-PL 1SG

‘I saw my hands’
‘Ele viu as minhas mãos’

c. Na=***horera-kitxi***-tya-ao
1SG-lavar-pé-TH-MM

‘I wet my foot’
‘Eu lavei meu pé’

d. Na=***kawe-aho***-th na=tema
1SG-gritar-caminho-TH 1SG=comer

‘I ran shouting along the path’

‘Corri gritando pelo caminho’

e. Ø-***toma-kilihi***-tya
3SG-caminhar-nariz (na borda) –TH

‘He walked on the edge’
‘Ele caminhou na borda’

(BRANDÃO, 2014, p.270 (a, b); p. 271 (c); p. 272 (d, e))

Os exemplos em (200.a-b-c) exibem a incorporação nominal em verbos transitivos, enquanto que os exemplos em (200.d-e) ilustram a incorporação em verbos instransitivos. O padrão de incorporação nominal na língua é: Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V).

4.4.5.1.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã e Yine Piro

Facundes (2000) explica que os verbos em Apurinã podem incorporar uma forma nominal que ocorre adjacente à raiz verbal. O autor registra a incorporação de nomes apenas em verbos transitivos. Ela pode ocorrer em um nome regular (nomes inalienáveis não classificatórios e em nomes alienáveis) e em um nome classificatório. Os nomes incorporados em Apurinã requer a presença do verbalizador *–ta*, como podemos verificar nos exemplos abaixo.

(201) Apurinã

a. Pu-***suka-tapo***-ta-no
2SG-dar-arco-VBLZ-1SG.O

‘Give me a bow’

‘Me dê um arco’

b. Pu-***suka-toi***-txi-ta-no
2SG-dar-coisas-N.POSS-VBLZ-1SG.O

‘Give me the goods’
‘Me dê as mercadorias’

c. n-***atama-yãkunu***-ta-ru
1SG-ver-pegada-VBLZ-3M.O

‘I looked at the tapir’s footprint’
‘Eu vi a pegada da anta’

(FACUNDES, 2000, p.298 (a, b, c); p.299 (d))

Quando o verbo incorpora em nomes classificatórios eles exibem a mesma regra que nomes não classificatórios, ocorrendo também depois da raiz verbal e acompanhado com o verbalizador *ta-*. De acordo com Facundes (2000), os nomes classicatórios são definidos como o tipo de nomes inalienáveis que podem ocorrer com uma função classificatória. Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal com nomes classificatórios em Apurinã.

(202) Incorporação nominal em nomes classificatórios

a. a-***txirãka-ke***-ta-ru
1PL-dividir-NCL:ARCO-VBLZ-3M.O

‘We opened long, thin, flexible objetc’
‘Nos abrimos o objeto longo, fino e flexível’

b. nu-***taka-pe***-ta-ru
1SG-colocar-NCL:POLPA-VBLZ-3M.O

‘I put the paste object’
‘Eu coloco o objeto pasta’

c. u-***pokĩka-ã***-ta
3M-flutar-NCL:ÁGUA-VBLZ

‘It floated in the water’
‘Flutuava na água’

(FACUNDES, 2000, p. 301)

Assim sendo, podemos observar que a incorporação nominal em Apurinã ocorre em nomes que desempenham a função de objeto. O padrão encontrado é o mesmo das línguas anteriores: Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V).

Em Yine-Piro, a incorporação nominal sempre envolve um nome possuído (independente se for alienável ou inalienável). Hanson (2010) argumenta que quando o nome é incorporado, seu possuidor é obrigatoriamente expresso no núcleo argumentativo do predicado. No entanto, isso não significa necessariamente dizer que, um novo

argumento seja introduzido, muitas vezes, a valência da sentença permanece a mesma, mas os papéis expressos pelos argumentos são alterados para acomodar o possuidor que pode funcionar como argumento externo (S) em uma construção com verbo intransitivo ou como argumento interno (O) em uma construção com verbo transitivo. Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal em Yine-Piro.

(203) Yine-Piro

a. Hi hima r-***hapoka-kaʃri***-e-ta-na hispɨwanaha
NEG QUONT 3SG-chegar-flecha-PSSD-VCL-CMPV beira

'His arrow did not make it to the shore'
'Sua flecha não atingiu a costa'

b. Ri-***histaka-ksiçe***-ta-na-no-na
3SG-cortar-pernas de-VCL-CMPV-1SG-3PL

'They cut my leg.' (they leg-cut me)'.
'Eles cortaram as minhas pernas'

c. N-***kaʃi-tokani***-yi
1SG-gravar-fala de-2SG

'I record your speech'
'Eu gravei sua fala'

(HANSON, 2010, p.282)

A incorporação nominal em Yine-Piro ocorre tanto em verbos transitivos quanto intransitivos e o padrão de ordem é: Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V).

4.4.5.1.4 Subgrupo Campa: Asháninka Perené, Caquinte e Nanti

De acordo com Mihas (2015), a incorporação nominal é bastante versátil em Asheninka, sendo utilizada para fins de composição lexical e manipulação de valência. Mihas (2015) registra a incorporação de nomes em verbos estativos e transitivos. A autora explica que esse fenômeno pertence a um tipo classificatório, na medida em que não tem efeito de mudança de valência. Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal na língua.

(204) Asháninka Perene

a. No-***jempa-pori***-t-atz-i
1SG-ter dormência-coxa-EP-PROG-REAL

'I felt numbness in my thigh'
'Eu senti dormência nas coxas'

b. Pi-***shet-a-vante***-t-av-ak-ia pi-yoka-ni
1SG-limpar-EP-boca-EP-U-PFV-IRR 2POSS-coca-POSS

'Clean your mouth from the coca particles'
'Limpe a sua boca das partículas de coca'

c. y-oi-***ja-tapi***-t-ak-e-ri

3M.A-CAUS-ir-costas-EP-PFV-REAL-3M.O

'He followed behind his back'
'Ele seguiu pelas costas'

d. y-***amin-a-sheteri***-tzii-t-ak-i
3M.S-ver-EP-pessoa com olhos preguiçosos-GRAU-EP-PFV-REAL
'He has a lazy eye [he looks with a lazy eye (or eyes)]'
'Ele tem um olho preguiçoso [ele olha com um olho preguiçoso (ou olhos) '.

(MIHAS, 2015, p.114 (a-b); p. 314 (c, d))

Michael (2006) afirma que a incorporação nominal em Nanti aplica-se exclusivamente às partes do corpo de seres humanos e de animais e às partes de plantas. O autor denomina esse processo como incorporação das partes. De acordo com o autor, os nomes incorporam imediatamente após a raiz verbal antes de qualquer morfologia derivacional. Em Nanti, assim como a maioria das línguas Arawak, as partes do corpo e as partes das plantas são obrigatoriamente possuídas e o elemento que sofre a incorporação nominal é a parte possuída (e não o possuidor). Michael (2006) afirma que a incorporação nominal em Nanti é caracterizada por dois aspectos importantes: 1) um padrão ergativo de incorporação e 2) a ascensão do possuidor após a incorporação. Os exemplos abaixo exibem a incorporação nominal nesta língua.

(205) Nanti (Incorporação com verbos transitivos)

a. No-***katsa-bako***-t-ak-i-ri
1SG-agarrar.com a mão-CEP-PERF-REA.IRR-3MO

'Le agarro su mano (con mi mano) '
'Eu agarrei a mão dele (com a minha mão) '

b. No-***kiba-bonkiti***-t-ak-e-ri
1SG-lavar-pé-CEP-PERF-REA.IRR-3MO

'Lavé su pie'
'Lavei o seu pé'

c. No-***katsi-negi***-ak-i
1SG-doer-peito-AK-REAL.I

'Me duele el pecho'
'Meu peito dói'

d. No-mapa-gito-t-ak-i-ri
1SG-pulverizar-cabeça-CEP-PERF-REA.IRR-3MO

'He pulverizado su cabeza (hablando de un pescado ahumano) '
'Eu pulverizei sua cabeça (falando de um peixe defumado). '

(MICHAEL, 2006, p.3 (a-b); p. 4 (c); p.5 (d))

A incorporação nominal em Nanti ocorre tanto em verbos transitivos quanto em verbos intransitivos. Michael (2006) argumenta que no caso dos verbos intransitivos, o possuidor da parte incorporada torna-se o sujeito do novo verbo, como podemos verificar a seguir. O padrão da incorporação é: Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V).

(206) Incorporação em Nanti com verbo intransitivo

a. i-***kam-a-shi***-t-ak-i
3MS-morrer-VEP-folha-EP-PFV-REAL
'Su hoja ha muerto'/ 'Sua folha morreu'

(MICHAEL, 2006, p. 6)

4.4.5.1.4 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Assim como nas outras línguas, a incorporação nominal em Amuesha ocorre em nomes possuídos, principalmente, os que são relacionados para parte do corpo. Duff-Tripp (1997) argumenta que sintaticamente esses verbos carecem de complemento, mas semanticalmente possuem um complemento. O complemento incorporado é a segunda parte da raiz verbal, seguindo o padrão: Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V). Para Duff-Tripp (1997), o complemento por ser uma raiz nominal que recebe o sufixo verbalizador *–V't*, obrigatório para verbalizar a palavra, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(207) Amuesha

a. E'***patca***'tena
'Se lava los pies'/ 'Ele lava os pés'

b. E'***patca***'tena pa'tac.
'Le lava los pies'/ 'Lava os pés'

c. ***Coɬaso***'tos.
'Sigue por el río (el agua)/ 'Segue pelo rio (a água)

d. ***Coɬapɲa***'tos.
'Sigue por el cerro'/ 'Siga o morro'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.171)

4.4.4.5 Visão geral do processo de incorporação nominal nas línguas Arawak do Sul

O padrão de incorporação nominal nas línguas Arawak é semelhante com que ocorre nas línguas do mundo, ocorrendo principalmente em construções que exibem verbos transitivos. Todas elas exibem a ordem padrão: Raiz (v) + Raiz (n), onde o nome incorporado vem sempre após a raiz verbal. Outra questão interessante é que a maioria dos nomes incorporados faz referência para parte do corpo e são obrigatoriamente possuídos, sendo o possuidor, o argumento externo (S) do nome incorporado. A tabela 20

abaixo resumem a incorporação nominal nas oito línguas pertencentes do grupo Sul-Arawak.

Tabela 20 - Padrãoes de incorporação nominal nas línguas do Grupo Sul-Arawak

Subgrupos	Línguas	Incorp. V.TR	Incorp V.INTR	Ordem
Bolívia-Mato Grosso	Terena	Sim	Não	V + N
	Baure	Sim	Sim	V + N
Xingu-Paresí	Paresi-Haliti	Sim	Sim	V + N
Piro-Apurinã	Apurinã	Sim	Não	V + N
	Yine-Piro	Sim	Sim	V + N
Campa	Asháninka Perene	Sim	Sim	V + N
	Nanti	Sim	Sim	V + N
Amuesha	Amuesha	Sim	Não	V + N

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Como já mencionado, a incorporação de nomes em verbos transitivos é bem mais frequente em que em verbos instransitivos. Observa-se que apesar de nomes referentes à parte do corpo serem mais propícios a se incorporarem, nomes que fazem referência para questões culturais ou do dia-a-dia (ex. flecha, arco, rio) também podem sofrer incorporação. Baker (1985) argumenta que os nomes incorporados precedem o verbo, e isso também é uma tendência das línguas Arawak aqui analisadas, sendo os nomes seguindo uma base verbal, independente se o verbo é transitivo ou intransitivo. Deste modo, uma regra para a formação de incorporação nominal nessas línguas é dada a seguir:

(208) *Regra de formação de incorporação nominal*

Raiz (V) + Raiz (N) → Base (V)

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Verificamos também que na maioria das línguas há uma diminuição da valência do verbo, contudo, semanticamente isso não ocorre, já que o argumento incorporado é expresso dentro da base verbal. Em suma, a incorporação nominal é um processo de composição onde um argumento do verbo pode ser incorporado dentro da base verbal, resultando em um verbo complexo. A incorporação nominal é um fenômeno bastante importante nas línguas do mundo e presente em algumas línguas Arawak do grupo Sul,

infelizmente, não encontramos exemplos que possam comprovar esse fenômeno das línguas do Grupo Norte-Arawak.

Em suma, T. Payne (1997) argumenta que a incorporação nominal exibe todas as características morfossintáticas e semanticas do processo de composição, são elas: (i) um padrão acentual característico de uma palavra e não de sintagamas; (ii) odem incomum na ocorrência das palavras; (iii) processos morfonologicos característicos de palavras e não de sintagmas; (iv) morfologia específica, e por fim; (v) significados mais específicos que suas partes individuais. Assim, ela se torna um fenômeno importante no processo de formação de verbos compostos nas línguas do mundo. A incorporação nominal é uma característica recorrente nas línguas da América do Sul (cf. DORIS PAYNE,1990) e, por isso, necessita de um estudo mais aprofundado nas línguas Arawak.

4.5 Reduplicação

O último processo que analisaremos na parte que se refere à formação das palavras nas línguas Arawak é a reduplicação. O termo reduplicação é aplicado para um tipo de formação de palavras na qual a forma fonológica de um afixo é determinada em um todo ou em parte pela forma fonológica da base em que esse afixo é atachado (cf. WILTSHIRE; MARANTZ, 2000). Rubino (2005) explica que a repetição sistemática de um material fonológico dentro de uma palavra para fins semânticos ou gramaticais é conhecida como reduplicação que é “um dispositivo morfológico amplamente utilizado em um número substâncial de idiomas que abrange o mundo” (RUBINO, 2005, p.11). Deste modo, a reduplicação é um fenômeno que ocorre na maioria das línguas do mundo.

Apesar de existir diferentes definições de reduplicação, em termos gerais, ela é geralmente considerada como um processo morfológico que envolve a repetição de palavras ou parte delas, podendo ser uma estratégia tanto derivacional quanto flexional (cf. GÓMEZ E VON DER VOORT, 2014). Em algumas línguas, como no português brasileiro (doravante PB), ela é um processo marginal. Para Araújo (2002), “a reduplicação em PB atua como um morfema aspectual de iteratividade, isto é, a palavra reduplicada funciona como uma forma da base repetitiva” (p.75). Já em outras línguas, no entanto, ela pode exibir um padrão elaborado, expressando diferentes funções. Gómez e Von der Voort (2014) argumentam que línguas austronésias são bem conhecidas pela reduplicação, tal como a língua Malaia, onde o plural é indicado pela duplicação do nome (ex. *anak* ‘criança’ vs. *anak anak* ‘crianças’, GÓMEZ E VON DER VOORT, 2014, p.1).

Além disso, os diferentes tipos de reduplicação podem ter diferentes funções gramaticais, como por exemplo, repetição, intensidade, pluralidade, etc.

De acordo com Rubino (2005), para efeitos tipológicos que acompanha a reduplicação, distinguem-se dois tipos com base do tamanho do reduplicante: *total vs. parcial*. Para o autor, a reduplicação total é a repetição de uma palavra inteira, raiz da palavra (raiz com mais de um afixo) ou raiz. Já a reduplicação parcial pode vir com uma variedade de formas, de consoantes simples geminadas ou alongamento da vogal até uma cópia quase completa de uma base (cf. RUBINO, 2005). Os exemplos abaixo exibem a reduplicação total e parcial em Nukuoro, uma língua austronésia.

(209) Reduplicação total em Nukuoro

a. *gohu* 'escuro' → *gohugohu* 'ficando escuro'
b. *vai* 'água' → *vaivai* 'aguado'
c. *hano* 'ir' → *hanohano* 'diarréia'

(CARROLL, 1965 *apud* RUBINO, 2005, p.14)

(210) Reduplicação parcial em Nukuoro

a. *seni* 'dormir, SG. ator' → *sseni* 'dormir, PL.atores'
b. *huge* 'aberto, PL. metas → *hhuge* 'aberto, SG. meta'
c. *gai* 'comer' → gagai 'os peixes estão mordendo'

(CARROLL, 1965 *apud* RUBINO, 2005, P.14)

O autor ressalta que as construções reduplicativas podem também ser caracterizadas como sendo simples, complexas e automática. Assim, uma construção simples é aquela reduplicação que combina com à base da qual é copiada sem alteração ou acréscimo de fonema (ex. Nukuoro (Austronésia): *gada* 'sorriso' vs *gada gada* 'gargalhada', CARROLL, 1965 *apud* RUBINO, 2005, p.14). Já uma construção complexa envolve reduplicação com algum material fonológico diferente, tais como, uma vogal ou alteração de consoante ou adição, ou inversão de ordem de fonema (ex. Yakan (Austronésia): *labo*ˈ 'queda' *lewlabo* 'continue caindo', BEHRENS, 2002, p. 71 *apud* RUBINO, 2005, p. 16) e, por último, o autor afirma que a reduplicação automática é a reduplicação obrigatória em combinação com outro afixo e que não acrescenta significado por si só à construção geral; o afixo e a matéria reduplicada juntos são monomorfêmicos (ex. Nez Perce (Penutian): *Tohon* 'perneira' titohonot 'sem perneiras', AOKI, 1963, p.43 *apud* RUBINO, 2005, p.18).

Rubino (2005) argumenta ainda que as resconstruções reduplicativas são mais prováveis de serem contínuas. Os prefixos reduplicativos ocorrem ao lado do material copiado da parte inicial de uma base e os sufixos seguem o material que é copiado no

final de uma base. Além disso, algumas línguas podem empregar mais de um tipo de prefixo reduplicativo na mesma palavra. Rubino afirma que a língua Ilocono emprega uma construção usada com raízes onomatopoéticas que consiste em uma cópia da consoante inicial, seguida por uma vogal substitutiva, e por outra cópia da consoante inicial, acompanhada de reduplicação de vogal final (ex. Kitol /kitul/ 'som de sapatos' → kaktüol /kaktuul/ 'clique repetido de saltos', cf. RUBINO, 2005, p.18). E por último, em algumas línguas há restrições sobre o que pode aparecer no reduplicante, decorrentes de restrições fonológicas ou fatores históricos (RUBINO, 2005).

No que diz respeito à função, Rubino explica que os morfemas reduplicativos podem carregar vários significados e, em algumas línguas, os mesmos morfemas são usados para denotar significados contrários. A reduplicação também é usada para formar novas palavras. Com verbos e adjetivos, o autor afirma que ela pode ser usada para denotar um número de coisas tais como número (pluralidade, distribuição, coletividade), distribuição de um argumento, tempo, aspecto (ocorrência contínua ou repetida de uma ação), conclusão, incoatividade, atenuação, intensidade, transtitividade (valência, objetos desfocados, condicionalidade, reciprocidade, pretensão, etc). Com nomes, a reduplicação pode denotar conceitos de número, caso, distributividade, indefinitude, reciprocidade, tamanho (aumentativo vs. diminutivo) e qualidade associada (RUBINO, 2005). A reduplicação pode alterar às classes de palavras em determinas línguas.

Moravcsik (1978) assinala que a relação entre o significado de uma construção reduplicativa e sua contraparte não duplicada é quase sempre de inclusão adequada, com a primeira incluindo adequadamente a segunda. Outro fato impressionante ressaltado pela autora é que dentro do pequeno conjunto de significados que a maioria das reduplicações transmitem em várias línguas, há alguns significados que aparentam ser opostos, tais como, aumentativo e diminutivo, apreciação ou depreciação (MORAVCSIK, 1978, p.316). No que diz respeito às propriedades particulares de significado, a autora argumenta que o conceito mais notável que as construções reduplicativas expressam recorrentemente em várias línguas é o conceito de quantidade aumentada que se divide em dois subtipos: a quantidade de referência e a quantidade de ênfase.

A autora explica que os subtipos de quantidades de referentes diz respeito aos participantes do evento ou os próprios eventos. Moravcsik tem encontrado reduplicação de nomes em participantes e reduplicação de verbos em eventos. Para ela, em ambos os casos, o conjunto de referentes cuja pluralidade é transmitida por reduplicação pode ser aquele cujos membros são entendidos como não ocorrendo no mesmo lugar ou tempo,

mas como dispersos no espaço ou temporalmente; ou pode ser um conjunto onde tal especificação não é compreendida (MORAVCSIK, 1978). Segundo Moravcsik (1978), pluralidade simples (não marcada) de participantes de um evento pode ser expressado por reduplicação nominal, como em Papago (ex: bana 'coiote' → *baabana* 'coiotes', MORAVCSIK, 1978, p.317). A autora afirma que a reduplicação no plural é usada principalmente para expressar a diversidade de participante em um evento. Sendo assim, a reduplicação nominal é usada para denotar a existência ou ocorrência de objetos/indivíduos conceitualmente idênticos, mas também diferentes, em ações ou situações ou ocasiões diversas. Ela também é usada quando nem todos os membros de uma classe de objetos são referenciados, mas quando qualquer um ou alguns dos membros são (MORAVCSIK, 1978, p.319).

Já a reduplicação nos verbos pode expressar repetição ou ocorrência continuada de um evento com o mesmo participante perfomando ele em diferentes tempos ou lugares. Moravcsik também afirma que a reduplicação verbal pode expressar a ocorrência repetida de um evento (possivelmente em momentos e em lugares diferentes) perfomado por participantes diferentes, mas também, pode expressar a ocorrência repetida do mesmo evento com o mesmo participante, mas com os papeis dos participantes investidos, isso ocorre em Yam (ex. palu 'atacar' → mi*palupalu* 'bater um no outro', GONDA, 1949, p. 182 *apud* MORAVCSIK, 1978, p.320). Outro exemplo dado pela autora, é a reduplicação que expressa ações repetidas com diferentes participantes e possivelmente até ao mesmo tempo, como ilustrado em Twi (ex. *wu* 'morte (de um ou várias pessoas)' → *wuwu* 'morte (em número)', CHRISTALLER, 1875, p.64 *apud* MORAVCSIK, 1978, 320).

Moravcsik explica que a intensidade na reduplicação aparece relacionada à quantidade em que ela envolve a quantidade de energia investida ou tamanho do efeito. Assim, se uma ação é realizada com maior intensidade, isso não significa que alguém necessariamente a execute repetidamente ou continue por algum período de tempo e nem significa necessariamente que os participantes ativos e passivos de forma mais completa e/ou com efeito maior do que o normal praticam tal ação. O aumento de intensidade é geralmente expresso em várias línguas por meio de reduplicação. A autora ressalta que construções intensivas em alguns casos tem a conotação adicionada "mais do que apropriado", como em Dyirbal (ex. *miyadaŋu* 'rir' → *miyamimiyandaŋu* 'rir mais do que apropriado', DIXON, 1972, p.251 *apud* MORAVCSIK, 1978, p.322).

Em suma, a reduplicação é um fenômeno bastante produtivo nas línguas do mundo e nas línguas da América do Sul não seria diferente. No que diz respeito às línguas

Arawak, esse fenômeno é produtivo, ocorrendo em muitas línguas em raiz inicial ou em raiz final. Aikhenvald (1999) afirma que a reduplicação é usada comumente com verbos, para marcar intensividade, repetição ou ação continuada, além de pluralidade dos participantes, todas essas características que foram descritas serão ilustradas nas línguas Arawak analisadas neste trabalho na subseção que segue.

4.5.1 Reduplicação nas Línguas Arawak

Essa subseção trata especificamente sobre o processo de reduplicação nas línguas Arawak, verificando tanto a ocorrência de reduplicação total e parcial e sua relação morfo-semântica. Como já mencionado, em várias línguas Arawak, a reduplicação é usada com verbos para marcar ações intensivas, repetitivas ou contínuas, ou pluralidade de participantes (AIKHENVALD, 2020). De acordo com Aikhenvald (2020), em geral, a reduplicação é uma característica dos verbos. Além de analisar a reduplicação nos verbos, iremos observar se ela pode ocorrer também com nomes, para marcar pluralidade de participante e com adjetivos para caracterizar um traço específico do referente. Primeiramente, analisaremos esse processo nas línguas do grupo Norte-Arawak e, em seguida, nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.5.1.1 Reduplicação em línguas do grupo Norte-Arawak

A reduplicação é presente em seis línguas selecionadas deste grupo, são elas: Garifuna (Subgrupo: Caribe), Wayuu (Subgrupo: TA-Arawak), Achagua (Subgrupo: Colômbia), Baniwa de Içana, Baré e Warekena (Subgrupo: Rio Negro). Encontramos tanto a reduplicação total quanto parcial. No que diz respeito à semântica, a reduplicação muitas vezes marca a pluralidade, repetição de eventos, intensidade e sequência, além de algumas delas ser um processo que forma palavras. A seguir, analisaremos como esse processo se dá em cada uma dessas seis línguas.

4.5.1.1.1 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna exibe reduplicação em adjetivos, nomes e verbos. Haurholm-Larsen (2016) explica que o adjetivo *reü* ‘pequeno’ se comporta de maneira diferente da maioria dos adjetivos, tomando um prefixo de indexação de pessoa, em vez de um sufixo e permitindo a reduplicação total da raiz, como ilustrado a seguir:

(211) Reduplicação total em Garifuna

a. Ti-reü~reü mábi
   3F. pequeno-RED Batata.doce
   ‘Small sweet potato/Batata doce pequena’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.75)

Em Quesada (2017) a reduplicação além de ocorrer em adjetivos, ocorre também na formação de nomes. Os exemplos a seguir exibem isso.

(212) Reduplicação toal em adjetivos e nomes em Garifuna

a. *Gule~gule*-ti
‘Flexible/Flexível’

b. *Kanu~kanu*-ti
‘Crujiente/crocante’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.60)

(213) Reduplicação parcial em Garifuna

a. *Hüe'~hü*-ti
‘Lechoso/ leitoso’

b. *Iñe~ñei*
‘Língua’

(QUESADA, 2017, p.60)

Em relação aos verbos, a reduplicação em Garifuna ocorrem em alguns verbos sonoros, isto é, verbos que não são derivados de itens lexicais de palavras regulares, mas sim de ideofones que replicam os sons ou movimentos produzidos pelo evento correspondente, como podemos verificar adiante, nos exemplos extraídos de Haurholm-Larsen (2016).

(214) Reduplicação total com ideofones em verbos em Garifuna

a. A-Chû~chü-ra
VBLZ-IDEO-IDEO-VBLZ
‘To kick/ chutar’

b. A-búlu~bu-há
VBLZ-IDEO-IDEO-VBLZ
‘Cause to bob in water (to force under water)’
‘Fazer balançar na água (forçar debaixo da água) ’

c. L-abúdaha-nya iránü le fáluma ában~abán
3M-pegar-PROG criança 3M.DEM coco um~RED
‘The boy is picking up the coconuts one by one’
‘O menino está pegando coco um por um’

d. Balá~bala
Balançar-red
‘Object that swings from side to side’
‘Objeto que balança de um lado para o outro’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.115-116)

Os exemplos acima mostram que em Garifuna a reduplicação total é mais produtiva do que a parcial e tem uma função derivacional de verbos, além disso, esse fenômeno também expressa sequencialidade do evento e pluralidade do participante.

4.5.1.1.2 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu[78]

Em Wayuu encontramos poucos dados que mostram a reduplicação nesta língua. Entretanto, ela é presente em raízes verbais. De acordo com Sabogal (2018), as raízes verbais podem ser reduplicadas em construções auxilares. O autor interpreta essas construções como expressando atividades diretas quando usadas com ambas ações de estado e télico. Essa reduplicação é total, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(215) Reduplicação total em Wayuu

a. *wata ~wata* mü-shi wayuu-ka-i
Distante-RED AUX-M pessoa-SPC-M
'The man was getting farther (and farther)'
'O homem estava chegando mais longe (e pai) '

b. A-lüˈlü-la a-lüˈü-la-shi
IDF-chegar perto-SNG IDF-RED-AUX.M
'He was getting closer'
'Ele estava chegando perto (próximo) '

(SABOGAL, 2018, p. 133)

Sabogal (2018) argumenta que a reduplicação de tema é icônica com o progresso incremental da atividade em uma única direção ou escala.

4.5.1.1.3 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resigaro e Achagua

De acordo com Wilson (1992), a reduplicação morfológica encontra-se de vez em quando em Achagua. O autor explica que a primeira sílaba se duplica em alguns verbos cujo significado intríseco é iterativo, como ilustrado nos exemplos adiante:

(216) Reduplicação parcial em Achagua[79]

a. *Páa~pa*da
'Bartise las manos/balança as mãos'

b. *Čé~či*nau
'Tiritar/arrepio'

(217) Reduplicação inerente em Achagua[80]

a. *Palú~palu*ma
'Conejo/Coelho'

[78] Infelizmente não conseguimos ter acesso aos trabalhos de Álvarez que trata sobre reduplicação em Wayuu. Os que estão disponíveis não tratam de forma sistemática sobre esse processo.
[79] O exemplo mostra alteração vocálica de vogal média para vogal alta.
[80] O exemplo em (d) exibe uma inversão vocálica.

b. *Kiú-Kui*
‘Que chilla/ isso grita’

(WHISON, 1992, p. 55)

Em (217.a), Wilson argumenta que as sílabas reduplicadas provavelmente refletem o movimento vivo do coelho. Conforme o autor, a origem da reduplicação pode ser onomatopéico, como em (217.b) acima.

4.5.1.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

O sufixo *–me* é um adjetivizador que é usado no processo de reduplicação na língua Baniwa de Içana. Ramirez (2001b) explica que, neste caso, é quase sempre métrico. Por exemplo, a partir de *baɻame* ‘rachado’, obtemos *baɻa~baɻa-me* ‘rachado em vários lugares’ (RAMIREZ, 2001b, p. 236). Assim como ocorre nas outras línguas, em Baniwa, há dois tipos de reduplicação: a total e a parcial. Além de também ter a reduplicação inerente que ocorre com a formação de verbos por onomatopeia. De acordo com Ramirez (2001b), as onomatopéias expressam em geral imitações de ruídos naturais ou impressões auditivas, como podemos verificar a segir:

(218) Reduplicação inerente em Baniwa

a. Kalala!
‘Fazer atrito’

b. Kabobo!
‘Barulho (da água) na correnteza

c. Koloo!
‘Trovejar’

(RAMIREZ, 2001b, p.333)

No que diz respeito à reduplicação total, ela indica a repetição do estado ou do progresso em várias partes do sujeito ou uma repetição do processo. Enquanto que a reduplicação parcial expressa uma pluralidade de sujeitos no estado ou no processo considerado (RAMIREZ, 2001b). Assim, a reduplicação total serve de intensificador (interativo) e a reduplicação parcial é usada como pluralizador dos participantes. Os exemplos abaixo exibem o processo de reduplicação em Baniwa.

(219) Reduplicação total em Baniwa

a. *ɗali~ɗalí*-me
Apagado-RED-ADJZ

‘Diz-se um fogo que apaga de vez em quando’

b. *Paʦi~paʦí-me*
Mole-RED-ADJZ

‘Mole (uma banana espatifada, o cacho inteiro) ’

c. *Malio~malío*-me

Desmaiar-RED-ADJZ

‘Desmaiar de vez em quando’

d. *Pho~phó*-me
‘Muito desrespeitoso’

(220) Reduplicação parcial em Baniwa

a. *ɗ͡ʑali-li*-me
Apagado-RED-ADJZ

‘Apagados’

b. *Paʦi~ʦí*-me
‘Moles (plural) ’

(RAMIREZ, 2001b, p.336)

De acordo com Aikhenvald (1998), a reduplicação de sílaba raiz-final é usada para expressar ações intensivas e repetitivas em Warekena. Em verbos transitivos e intransitivos, ela pode indicar ação intensa, pluralidade do objeto (O); e também a pluralidade do sujeito (A), como ilustrado a seguir:

(221) Reduplicação parcial em Warekena

a. Wani ni-ʃa ni-*wayata-ta* ate umina-ma-mia-lu
Aqui 3PL-ir 3PL-falar-RED até tempo longo-DEL-PERF-ENF
YaʃapunaNoite

‘They (the jaguar and the rabbit) went on talking a lot, until late at night’
‘Eles (a onça e o coelho) foram conversando muito, até tarde da noite’

(AIKHENVALD, 1998, p.339)

Conforme a autora, a reduplicação também marca a mulplicidade do Agente e do Objeto, dependendo do tipo do verbo. Assim, se ele é obrigatoriamente transitivo ou ambitransitivo o processo marca a multiplicação do participante da ação, como podemos verificar abaixo:

b. Ni-ʃuwiya-ya ema-nawi
3PL-assobiar-RED anta-PL

‘Many tapirs are whistling’
‘Muitas antas estão assobiando’

c. Ni-paka-ka-mia-hã kopu (-nawi)
3PL-quebrar-RED-PERF-PAUSA óculos (-PL)

‘They broke all the glasses’
‘Eles quebraram todos os óculos’

d. Nu-ʃa nu-peta-ta ʃinu-nawi
1SG-ir 1SG-bater-RED cachorro-PL

‘I’am going to hit many dogs’
‘Eu estou indo bater em muitos cachorros’

e. Nu-weya-ya weni
1SG-querer-RED água

‘I want much water’
‘ Eu quero muita água’

f. Uʧipie ni-mita-ta-wa
Passáro 3PL-voar-RED-N.M
‘Very many birds are flying (to and fro)’
‘Muitos passáros estão voando (para lá e para cá) ’

(AIKHENVALD, 1998, p. 349-352)

Em Warekena, diferentemente das outras línguas, apenas encontramos exemplos de reduplicação parcial, sendo ela aparentemente produtiva em verbos e transmitindo sentidos de pluralidade, repetição, intensidade, multiplicidade e sendo presente em diferentes classes verbais, como verbos transitivos, intransitivos, estativos etc. No que diz respeito aos ideofones, eles ocorrem muito raramente e são principalmente monossilábicos, usados para imitar sons bruscos. Um ideofone pode ser repetido para intensificação, por exemplo, ‘*tu, tu, tu*’ que expressa o som de bater (AIKHENVALD, 1998, p.420). Neste caso, não consideramos esse exemplo como reduplicação, até porque ele só está repetindo o som e não está criando um novo lexema ou realizando uma ação verbal. Como afirma Gómez e Van der Voor (2014, p. 2) “nem toda repetição, no entanto, é reduplicação”[81].

4.5.1.1.4 Subgrupo Orinoco: Baré

De acordo com Oliveira (1993), a raiz verbal em Baré sofre o processo de reduplicação que pode ser total ou parcial, com a finalidade de enfatizar o caráter repetitivo ou prolongado de uma ação. A autora argumenta que a reduplicação não é um processo muito produtivo na língua e que a reduplicação parcial (que se aplica a última sílaba da raiz verbal) aparentemente é a mais comum (OLIVEIRA, 1993). Os exemplos abaixo exibem a reduplicação na língua Baré.

(222) Reduplicação em Baré

a. Patu iwaʧuwaʧukã idanabati
Patu i-waʧu~waʧu-kã-~ i-danabati
Pato 3M-bater-RED-ST-IMP 3M-asa

[81] Not all repetition, however, is reduplication.

‘O pato bateu as asas (várias vezes) ’

b. (nutemudani) ʧinu ʧumakaka
(nutemudani) ʧinu ʧuma-*ka~ka*
(Eu ouvi o) Cão Gritar/Latir-ST-IMP

(OLIVEIRA, 1993, p.72)

Assim como Oliveira (1993), Aikhenvald (1995) também observa a reduplicação na língua Baré. De acordo com a autora, os aspectos repetitivos dos verbos são ações repetidas ou prolongadas, a reduplicação desses verbos é ilustrada a seguir.

(223) Reduplicação total/parcial em Baré por Aikhenvald (1995)

a. *Waʧu~waʧu*-ka
Bater-RED-TH

‘To beat, shake (feathers of a bird)/Bater, sacudir (penas de um passáro)’

b. *-ʧuma~ma*-ka
Chorar-RED-TH

‘Cry (mutch) cry/Chorar muito’

(AIKHENVALD, 1995, p. 31)

4.5.1.2 Reduplicação em línguas do grupo Sul-Arawak

Das trezes línguas que pertencem ao grupo Sul-Arawak, encontramos em oito línguas, algum tipo de reduplicação. Assim como ocorrem nas línguas do Grupo Norte-Arawak, as línguas desse grupo exibem tanto reduplicação total quanto parcial, e muitas delas exibem a reduplicação inerente. Quando esse fenômeno ocorre sobre os verbos, ele tem a função de intensificar a ação verbal na maioria das vezes. A reduplicação também é encontrada na formação de nomes através da função onomatopéica, além de ser também um tipo de ideofone. A seguir, analisaremos a reduplicação nas oito línguas na qual ela foi encontrada.

4.5.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

A reduplicação em Terena não é um processo produtivo, ocorrendo apenas na formação de algunas nomes para animais e com formas onomatopéicas. Oliveira (2021, p.88) explica que a língua exibe palavras onomatopeicas como *hororoko* ‘cachoeira’, ou *korokoko*, ‘gargalhada’, *verekeeke*, ‘tipo de sapo’, *xikixikina*, ‘chacoalho’, entre outros. A autora trata esses nomes como reduplicação inerente. No que diz respeito aos verbos, a reduplicação marca a intensidade da ação e não é produtiva na língua (cf. OLIVEIRA, 2021). Encontramos tanto a reduplicação total quanto a parcial em Terena, como podemos verificar nos exemplos abaixo.

(224) Reduplicação total em Terena

a. Ø=namu ~ˈnãmuˈ-kixo-a
3=pegar-RED-AUX-TR-3.O

‘Ele o pegou de surpresa’

b. Ø=topíˈtopi Ø=kixo-a
3=CORTE-RED 3=AUX-TR-3.O

‘Ele o cortou muito’

(225) Reduplicação parcial em Terena

a. Vaha~ha
‘Aranha’

b. Vateke~ke
‘Jacaré’

c. Vihi~hi
‘Pato pequeno’

(OLIVEIRA, 2021, p.88-89)

De acordo com Danielsen (2007), a reduplicação em Baure concentra-se em morfemas lexicais ou parte deles. Assim, como em Terena, muitos nomes para animais consistem de uma raiz reduplicada, como em *sorisori* ‘coruja’ (DANIELSEN, 2007, p.96). A Reduplicação em Baure é principalmente encontrada em verbos e tem a função de intensificar ou dar ênfase. A reduplicação pode ser tanto total quanto parcial nessa língua, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(225) Reduplicação total em Baure

a. Ni=hiš-ko=ro ni=hiš~hiš-ko=ro
1SG=puxar-ABS-3SG.M 1SG=puxar-RED-ABS=3SG.M

‘I pulled it, I pulled it quickly/Eu puxei, puxei rapidamente’

b. ri=či~či-i-so-wapa
3SG.F= estar cheio~RED-SUBJ-COS

‘She is already very full up/Ela já estava muito cheia.’

(226) Reduplicação Parcial

a. Ri=eto~to-i-so-wapa
3SG.F=ser quieto~RED-DUR-APPX-COS

‘She was very quiet/Ela estava muito quieta’

b. ni=koyepin~pin-ko-wo=pi
1SG=conversar~RED-ABS-COP=2SG

‘I am going to converse with you a lot/Eu estou indo conversar muito com você.’

(DANIELSEN, 2007, p.96 (225.a); p.227 (225.b, 226.-c); p. 228 (226.d))

Ainda sobre os verbos, a reduplicação é encontrada também em formas onomatopéicas, como ilustrado a seguir.

a. Wawak
‘'Bark’/’ Latir’

b. Torotorok
‘Stutter’/ ‘Gaguejar’

c. Miahmiahˈinok
‘To swallow’/ ‘Engolir’

(DANIELSEN, 2007, p.328)

4.5.1.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti

Em Wauja não conseguimos encontrar dados sobre reduplicação. Em Mehináku, a reduplicação é um fenômeno que ainda não foi tratado detalhadamente. Contudo, conseguimos encontrar alguns exemplos em sentenças atribuitivas no qual a partir do uso do existencial =*waka*, o atributivo é reduplicado, como podemos verificar a seguir.

(227) Reduplicação total em Mehináku

a. Wi ka=ka=waka=pai tewe
Cobra ATR=ter=existir=IPFV dente

‘A cobra tem dente’

b. Pipiulu-kuma pai ka=ka=waka=pai mapa
Abelha-prot casa atr=ter=existir=ipfv mel

‘A casa de abelha tem mel’

(DE FELIPE, 2021, p. 416)

Há um exemplo nos dados De Felipe (2021) em que há a reduplicação de um classificador, com a finalidade de intensificar a característica do nome a quem se refere, como podemos ver abaixo.

c. Numa kutsa pe=jeu-lu i=piri=ku=hã makula=tai
3=dizer EVID.IND 2SG=cunhada-F 3=BEN=DECL=ENF panela=DIM
Tsipa-pɨ~pɨ=ku kata=hã
Semelhante-CLF:GRANDE-REDONDO-RED=DECL DEM=ENF

‘Diz que (ela) falou para a cunhada dela: a panelinha de barro, a panelinha de barro (igual a panela) aquela bem redonda. ’

(DE FELIPE, 2021, p.296)

E por fim, a reduplicação em Mehináku pode ser encontrada a partir de ideofones, como observado no exemplo a seguir em que *tsapu tsapu* que faz referência ao som da comida sendo consumida (DE FELIPE, 2021).

(228) Reduplicação inerente em Mehináku

a. Pataka=tenu une ija hapuka=kɨna=pai=ku
3.colocar=COM pessoa ir consumir=IMP=IPFV=DECL
Aiʃa=kɨna=pai: **tsapu, tsapu**
Comer=IMP=IPFV tsapu, tsapu

‘Eles colocaram (a sopa). Foram comer: tsapu, tsapu’ (Alapu) ’

(DE FELIPE, 2021, p.243)

Em Yawalapiti apenas encontramos um exemplo de formação de nomes por reduplicação: é o caso para palavra abano que é *watʃi~watʃi* (cf. YAWALAPITI, 2021, p.110).

Assim como ocorre nas maiorias das línguas, a reduplicação em Paresi é um processo que geralmente acontece com formas onomatopéicas que denota animais (especialmente passáros). Os exemplos retirados de Brandão (2014) exibem a reduplicação em Paresi.

(229) Reduplicação inerente em Paresi-Haliti

a. Tolotolo
‘Type of hummingbird’/ ‘Tipo de beija-flor’

b. Towitowi
‘Type of hawk/ ‘Tipo de falcão’

c. Zokozoko
‘Cicada’/ ‘Cigarra’

d. Koxikoxi
‘Type of Monkey’/ ‘Tipo de macaco’

e. Malamala
‘Lung’/ ‘Pulmão’

(BRANDÃO, 2014, p.155)

A reduplicação é total e lexicalizada, infelizmente, não conseguimos encontrar reduplicação em verbos nesta língua.

4.5.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã (Subgrupo: Piro-Apurinã), Maxinéri e Yine-Piro

Apenas encontramos descrições de reduplicação na língua Apurinã. Facundes (2000) argumenta que reduplicação é onomatopéica, formando nomes que se referem aos animais ou fenômenos que produzem certos sons. Os exemplos abaixo exibem esse processo.

(230) Reduplicação inerente em Apurinã

a. Mẽko~mẽko-ru
Mẽko~RED-3SG

‘Thunder/Trovão’

b. Toro-toro

‘Type of big frog/ um tipo de sapo grande’

c. Nhao-nhao

‘Type of large seagull/ tipo de gaivota grande’

(FACUNDES, 2000, p.251)

4.5.1.2.3 Subgrupo Campa: Asheninka Perené, Caquinte e Nanti

Mihas (2015) afirma que a reduplicação é um fenômeno produtivo em Asháninka, ocorrendo em verbos e de forma ideofônica. A autora argumenta que a reduplicação de raízes verbais é completa, mas em certos ambientes, ela pode ser parcial. A autora argumenta que a reduplicação em raízes verbais é utilizada para codificar a interação, duratividade ou intensidade da ação verbal, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(231) Reduplicação total em Asháninka Perené

a. Paita pi-sampi~sampi-t-ant-na-a-ri?
Q 2SG-perguntar-RED-EP-APLI-REAL-DIR-REAL-REL

‘Why do you keep asking me questions? ’
‘Por que você continua me fazendo perguntas? ’

b. i-koma~koma-t-atz-i
3M.S-remar-RED-EP-PROG-REAL

‘He rows a lot’
‘Ele rema muito’

c. anii~anii-jee-t-an-ak-i
3N.M.S-caminhar-PL-EP-DIR-PFV-REAL

‘They were walking for a long times’
‘Eles estavam andando por um longo tempo ’

(232) Reduplicação parcial em Asháninka

a. i-pepetya~ki-tz-i
3M.S-piscar.EP~GRAU-EP-REAL

‘He blinks a lot’
‘Ele pisca muito’

(MIHAS, 2015, p.87 (231.a); p.88 (321.b-c); p.89 (232.a))

Além da reduplicação em verbos, como já mencionado, a língua também exibe a reduplicação com ideofones. Mihas (2015) argumenta que a repetição de ideofones é icônica, servindo para expressar ações repetidas, duradoras e intensificadoras, como ilustrado a seguir.

(233) Reduplicação inerente em Ashéninka

a. [pi-chonk-i-na] ***[shipopopo]*** [no-katsi-t-atz-i]
2A-vapor.banho-IRR-1SG.O IDEO 1SG-ferido-EP-PROG-REAL

‘Give me a steam bath, shipopopo ‘action of rising vapor’, I am in pain’
‘Dê-me um banho de vapor, *shipopopo* ‘ação de vapor ascendente’, estou com dor. ’

b. i-n-kinkitsa-t-ak-a-i-na ***ãni~ãni***
3M.A-IRR-contar-EP-PFV-REP-IRR-1SG.O IDEO

‘They will tell me stories, añi añi ‘action of speaking’
‘Eles me contarão histórias, añi añi 'ação de falar. ’

(MIHAS, 2015, p.435 (233.a); p. 436 (233.b))

E por fim, em Caquinte, encontramos nos dados de Swift (1988) alguns exemplos de reduplicação que expressam atenuação, sequencialidade, durabilidade, como podemos verificar a seguir.

(234) Reduplicação total em Caquinte

a. I-*soto~soto*-ahaipohake
Sotoγ + ha (sair + água)

‘Ellos salieron del agua uno tras outro’
‘Eles saíram da água um após o outro’

b. noγiNteniγ~iNteni-niβetapanahaNta
γiNteni+ni (habitar+aum)

‘Yo viví (allá) por una corta temporada, hace tiempo’
‘Eu vivi (lá) por pouco tempo, muito tempo atrás. ’

c. O-Nčara~Nčara-Nkahaitanake
ČaraNk + ha (cair + água)

‘El agua caerá (en una cascada) ’
‘A água vai cair (em uma cachoeira) ’

(235) Reduplicação Parcial

a. iNto*Nki*to~*Nk*imereNtetake
ToNki+mereNte (osso + costela)

‘El tendrá las costillas muy pronunciadas’
‘Ele terá costelas muito pronunciadas ’

(SWIFT, 1988, p. 129)

A reduplicação é um processo bastante produtivo nas línguas Arawak aqui selecionadas, ocorrendo principalmente nos verbos para expressar intensidade, duração, repetição, sequencialidade, etc. Ela também é usada na formação de nomes a partir da

onomatopéia, além de também ser produtiva com ideofones. A subseção seguinte trata melhor os padrões de reduplicação encontrados nas línguas Arawak.

4.5.2 Padrões de Reduplicação nas línguas Arawak

Como já mencionado, a reduplicação nas línguas Arawak, é um processo que ocorre principalmente em verbos que especificifica diferentes funções. Das 24 línguas selecionadas para essa pesquisa, encontramos em 13 línguas descrição sobre esse processo. Sabemos que a reduplicação é "a repetição de morfemas ou parte de morfemas pelo qual um novo morfema com um novo significado relacionado é criado, ou pelo qual uma função gramatical é sistematicamente expressada[82]." (GÓMEZ E VON DER VOORT, 2014, p.2).

Do ponto de vista formal, verificamos que a maioria dessas línguas exibe a reduplicação total e parcial, com exceção da língua Warekena que a reduplicação parcial é predominante, já que não encontramos dados que expressam a reduplicação total nesse idioma. Já no que diz respeito a um ponto de vista funcional, a reduplicação nessas línguas tem como função principal atenuar ou fazer a interação de uma ação verbal. Mas também tem a função de pluralizar os seus participantes, como ocorre em Baniwa de Içana.

De acordo com Gómez e Von der Voort (2014), a reduplicação é usada para expressar uma gama diversificada de funções semânticas, como expressar a pluralidade, a sequencialidade, o coletivo, o tamanho, a progressão de uma ação, etc. Ela também é usada para noções opostas como intensificação ou atenuação. Como verificamos, todas essas funções são atestadas nas línguas Arawak aqui analisadas. Por agora, resumimos os padrões de reduplicação nas línguas do Grupo Norte-Arawak e em seguida nas línguas que pertecem ao grupo Sul-Arawak.

4.5.2.1 Padrões de Reduplicação nas línguas do Grupo Norte-Arawak

No que diz respeito às línguas do grupo Norte Arawak, encontramos tanto a reduplicação total quanto a parcial, além da inerente. Em Garifuna, por exemplo, encontramos a reduplicação na formação de adjetivos e na formação de nomes, ela também faz a formação de verbos a partir de palavras ideofônicas. Em Wayuu, ela tem um sentido icônico de repetição da ação verbal. Em Achaguá a reduplicação tem a função de atenuar a ação verbal e também formar nomes a partir da função onomatopeica (ver a palavra para 'coelho', exemplo (217.a) em Achagua). Em Baniwa e Warekena ela ocorre

[82] The repetition of morpheme or of parts of morphemes by which a grammatical function is systematically expressed.

especialmente em verbos e expressa ações repetidas ou intensas, além também de ter uma função pluralizadora dos participantes e de sequencialidade, em Baré (subgrupo: Orinoco) ela também expressa ações repetidas ou atenuação do verbo. Das línguas do subgrupo Rio Negro, apenas Baniwa tem reduplicação inerente por onomatopeia. A tabela 21, abaixo, resume a reduplicação encontrada nas cinco línguas que compõem o grupo Norte-Arawak.

Tabela 21 - Padrões de Reduplicação em Línguas do Grupo Norte-Arawak

Subgrupo	Língua	Red total	Red Parcial	Red Inerente
Caribe	Garifuna	sim	sim	sim
Ta-Arawak	Wayuu	sim	não	não
Colômbia	Achagua	sim	sim	sim
Rio-Negro	Baniwa de Içana	sim	sim	sim
	Baré	sim	sim	não
	Warekena	não	sim	N.D

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

Apesar dessas línguas exibirem um padrão regular de reduplicação, algumas delas exibem um tipo mais predominante. Em Garifuna a reduplicação total é mais comum do que a reduplicação parcial. Em Wayuu, infelizmente, não podemos constatar se a reduplicação total é mais regular ou a parcial, por conta da ausência de dados. Em Achaguá a reduplicação pode ser tanto total quanto parcial, não tendo uma certa predominância, isso também ocorre em Baniwa de Içana. Contudo, em Warekana a reduplicação parcial é bem mais comum do que a total, isso ocorre também em Baré. Em seguida, verificaremos esse fenômeno nas línguas do grupo Sul-Arawak.

4.5.2.2 Padrões de Reduplicação nas línguas do Grupo Sul-Arawak

Do mesmo modo que ocorre com as línguas do grupo Norte-Arawak, a reduplicação nas línguas do grupo Sul-Arawak é predominantemente em verbos e tem a função de intensificar a ação verbal. Ela também é presente na formação de nomes e verbos por onomatopeia, sendo uma reduplicação inerente. Em Mehináku, há um caso especial de reduplicação que ocorre em morfemas. O morfema atributivo *ka=* que expressa o sentido ‘ter’ pode ser reduplicado em sentenças atributivas a partir do uso do existencial *=waka*. De acordo com Gómez e Van der Voort (2014), a reduplicação em morfemas presos pode também ser atestada e produtiva. Em Mehináku não se sabe se é produtivo, contudo, sabemos que ela existe. A tabela 22, abaixo, ilustra os padrões de reduplicação encontrados nas línguas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 22 - Padrões de Reduplicação nas línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupos	Línguas	Red total	Red Parcial	Red Inerente
Bolívia-Mato Grosso do sul	Terena	sim	sim	sim
	Baure	sim	sim	sim
Paresí-Xingu	Mehináku	sim	não	sim
	Yawalapiti	sim	não	não
	Paresí	não	não	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	não	não	sim
Campa	Ashéninka Perene	sim	sim	sim
	Caquinte	sim	sim	não

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Analisando a tabela, verificamos que, na língua Terena a reduplicação total ocorre em verbos para expressar a atenuidade da ação verbal e a reduplicação parcial, assim como a inerente ocorre na formação de nomes. Em Baure, esse fenômeno ocorre, principalmente, em verbos com a finalidade de intensificar ou dar ênfase em uma ação verbal praticada por algum participante. A língua também exibe a formação de verbos a partir de onomatopeia, tendo por tanto uma reduplicação inerente. Deste modo, a língua tem reduplicação total, parcial e inerente, sendo as três produtivas na língua. Como já explicado, em Mehináku ocorre reduplicação total do morfema atributivo *=ka* e exibe idefones que repetem o som de uma ação. Em Yawalapiti, apenas encontramos um exemplo de reduplicação lexical, infelizmente, esse fenômeno não é detalhado nesta língua, o mesmo ocorre em Amuesha. Em Paresí e Apurinã, a reduplicação é inerente e ocorre de forma onomatopeica e é utilizada na formação de nomes, principalmente, para animais. Em Ashéninka, a reduplicação é produtiva, sendo a reduplicação total mais comum do que a parcial. A língua também exibe a reduplicação inerente. E por fim, em Caquinte, a reduplicação ocorre em verbos, sendo a reduplicação total mais comum do que a parcial.

Deste modo, diferentemente das línguas do grupo Norte-Arawak, a reduplicação aparenta ser mais produtiva nas línguas deste grupo, ocorrendo principalmente na formação de nomes e verbos a partir de reduplicação inerente. As reduplicações totais e inerentes são mais comuns de ocorrerem do que a parcial nessas línguas. Em relação à reduplicação inerente, Gómez e Van der Voort (2014) argumentam que muitas línguas não têm tipos tão produtivos de reduplicação e que não pode ser relacionada para formas não reduplicadas. De acordo com os autores, isso é conhecido como reduplicação inerente

ou lexical e é observada especialmente em funções onomatopeicas e em outras formas simbólicas, como os ideofones.

Em relação aos ideofones, eles são comuns nas línguas do mundo. Dingemanse (2015) argumenta que os ideofones são palavras marcadas que retratam imagem sensoriais, muitas vezes identificados por suas formas reduplicadas. Deste modo, os ideofones envolvem repetição de formas, apesar de aparecerem muitas vezes diferentes dos tipos regulares de reduplicação. Contudo, é importante chamar a atenção de que nem toda reduplicação é icônica e nem todos os ideofones são reduplicados, como vimos em Warekena (Grupo Norte-Arawak). Nas línguas do grupo Sul-Arawak a reduplicação com idefones é produtiva e tem a função de intensificar uma ação ou fazer a sua interação em um sintagma (verbal ou nominal de preferência). A seguir exibiremos um resumo geral sobre a reduplicação nas línguas Arawak.

4.5.3 Uma visão geral dos padrões de reduplicação nas línguas Arawak

A reduplicação é um fenômeno que é bastante comum nas línguas do mundo e isso não seria diferente nas línguas Arawak. Contudo, infelizmente, muitos estudos ainda não tratam detalhadamente sobre esse fenômeno na família, apesar de alguns autores descreverem sobre a reduplicação, ela precisa ser mais desenvolvida em estudos posteriores. Das 24 línguas selecionadas para essa pesquisa 14 exibem esse processo. A reduplicação é predominantemente encontrada em verbos, mas também em outras categorias como adjetivos e nomes. As línguas exibem tanto reduplicação total quanto parcial, além da reduplicação inerente formando itens lexicais através da onomatopeia. A tabela 23, abaixo, mostra de forma geral a reduplicação nas 14 línguas que exibem esse processo.

Tabela 23 - Resumo dos padrões gerais de reduplicação nas línguas 14 línguas Arawak

Subgrupo	Língua	Red total	Red Parcial	Red Inerente
Caribe	Garifuna	sim	sim	sim
Ta-Arawak	Wayuu	sim	não	não
Colômbia	Achagua	sim	sim	sim
Rio-Negro	Baniwa de Içana	sim	sim	sim
	Warekena	não	sim	não
		não	sim	não
Orinoco	Baré	sim	sim	não
Bolívia-Mato Grosso do sul	Terena	sim	sim	sim
	Baure	sim	sim	sim
Paresí-Xingu	Mehináku	sim	não	sim
	Yawalapiti	não	não	sim
	Paresí	não	não	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	sim	não	sim

Campa	Ashéninka Perene	sim	sim	sim
	Caquinte	sim	sim	não
Total	14	11	9	10
44%				

Fonte: Elaborada pela autora, 2022

Portanto, ao observar o quadro, verificamos que a reduplicação de forma geral ocorre em 44% na amostra de línguas que analisamos. Assim sendo, podemos hipotetiza que a uma tendência maior da reduplicação total, seguida da inerente e parcial. Esse estudo é apenas uma visão geral desse fenômeno e serve apenas como uma base para futuras pesquisas sobre reduplicação em uma visão comparativa e tipológica de línguas que pertecem a uma mesma família, mas também serve para estudos translinguisticos de línguas não relacionadas, como o que fez Ramos em (2019) que tratou da reduplicação em diferentes línguas da América do Sul. Reafirmamos que esse estudo necessita ser mais consolidado nas pesquisas descritivas, uma vez que é um fenômeno bastante interessante e pode contribuir imensamente para os estudos gerais da linguística. A reduplicação é o último fenômeno de estruturação de formação de palavras que tratamos neste capítulo, finalizando, assim, a parte 2 desta tese. Em seguida, iremos realizar um resumo tipológico dos sistemas de formação de palavras nas línguas Arawak.

4.6 Uma visão geral dos estudos de formação de palavras nas línguas Arawak

Como visto as línguas Arawak, em geral, exibem uma tipologia bastante rica nos processos de formação de palavras, tais como derivação, composição e reduplicação. Esses processos são bem produtivos nas línguas do mundo e não seria diferente nessas línguas. Dentre esses processos, a derivação, principalmente no que diz respeito à nominalização é o fenômeno mais comumente encontrado, uma vez que, todas as 24 línguas, exibem um tipo de nominalização. Em relação aos estudos de composição, eles nem sempre são presentes nessas línguas, encontramos tal fenômeno em 14 línguas, o mesmo número para reduplicação, totalizando uma porcentagem de 44%. No mais, a tabela 24 a seguir resume os tipos de fenômenos de estruturação das palavras nas línguas Arawak estudadas neste trabalho.

Tabela 24 - Resumo dos padrões gerais de estruturação de formação das palavras nas 24 línguas Arawak

Subgrupos	Línguas	Nmlz	Vblz	Adjz	comp.	incorporação nominal	Reduplicação
Rio Branco	Wapixana	sim	sim	sim	sim	não	não
Palikur	Palikur	sim	sim	sim	não	não	não
Caribe	Garifuna	sim	sim	sim	sim	não	sim
Ta-Arawak	Lokono	sim	sim	sim	não	não	não
	Wayuu	sim	sim	sim	sim	não	sim
Colômbia	Resígaro	sim	não	não	não	não	não
	Achagua	sim	sim	sim	não	não	sim
Alto Rio-Negro	Baniwa de Içana	sim	sim	sim	não	não	sim
	Tariana	sim	não	sim	sim	não	sim
	Warekena	sim	não	sim	sim	não	sim
Orinoco	Baré	sim	sim	sim	não	não	sim
Bolívia-Mato Grosso do sul	Terena	sim	sim	sim	sim	sim	sim
	Baure	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Paresi-Xingu	Waurá	sim	sim	sim	não	não	não
	Mehináku	sim	sim	sim	sim	não	sim
	Yawalapiti	não	não	não	sim	não	não
	Paresí (Haliti)	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Puru-Apurinã	Apurinã	sim	sim	sim	sim	sim	sim
	Maxinéri	sim	não	não	sim	não	não
	Yine-Piro	sim	sim	sim	não	sim	não
Campa	Asheninka Perene	sim	sim	sim	sim	sim	sim
	Caquinte	sim	não	não	não	não	sim
	Nanti	sim	sim	sim	não	sim	sim
Amuesha	Amuesha	sim	sim	sim	sim	sim	não
Total	24 línguas	23	18	22	14	8	14
99%							

Fonte: elaborada pela autora, 2022

A tabela 24 exibe de forma geral todos os tipos de processos de formação de palavras encontradas na nossa amostra de línguas. Como resultado, no geral, 99% dessas línguas exibem operações que podem derivar novas palavras. Esse capítulo é essencial para compreender os processos que estruturam a formação dos lexemas nas línguas Arawak. A seguir, trataremos da parte 3 que analisa a morfologia nominal nessas línguas.

PARTE 3: MORFOLOGIA NOMINAL; CATEGORIZAÇÃO NOMINAL CLASSIFICADORES; GÊNERO; POSSE NOMINAL

5. MORFOLOGIA NOMINAL

Este capítulo trata especialmente da morfologia nominal, isto é, dos processos morfológicos que envolvem os nomes. Sabemos que em todas as línguas os nomes formam uma classe amplamente aberta e que sintaticamente eles podem ser o núcleo de um sintagma nominal (doravante SN), funcionando muitas vezes como um argumento de um verbo. De acordo com Aikhenvald (2015), um nome pode recair em diferentes subclasses, dependendo da sua morfologia e traços sintáticos. Nesse sentido, os nomes tendem a referir-se as entidades ou objetos. A autora explica que as categorias gramaticais associadas com os substantivos podem refletir várias propriedades tais como: gênero, classificadores nominais, classificadores numéricos, classificadores em construções possessivas, classificadores verbais, número (flexão, plural), nomes possuídos, caso, definitudes e especificidades, derivação e composição, etc. Neste capítulo, trataremos de quatro sistema de classificação nominal: classificadores (§5.2), termos de classe e nomes classificatórios (§5.3), gênero/classe de nomes em (§5.4) e posse nominal em (§5.5).

5.1 Definindo a Categorização Nominal

Senft (2000) ressalta que toda classificação implica em uma seleção. Para o autor, uma das questões fundamentais no estudo da linguagem é como o mundo percebido é expressado e representado através da linguagem e como essa linguagem refere-se a esse mundo percebido. Assim, Senf (2000, p.12) argumenta que:

> Nós não apenas percebemos o mundo, mas nos também desenvolvemos conceitos sobre o que nós percebemos e criamos expressões linguísticas que se refere e representa esses conceitos. Essas expressões referem-se entre outras coisas – para ação, estado de temporalidade, coisas e objetos, pessoas e outros seres vivos[83].

Deste modo, o autor destaca que muitas expressões são classificadas por linguistas como nomes e sabemos que os nomes são uma classe aberta de palavra. A partir do pensamento de Talmy (1992, p.131), Senft (2000) elucida que, as línguas, geralmente, subcategorizam gramaticamente os substantivos ao longo de certos parâmetros

[83] We do not only perceive the world, but we also develop concepts about what we perceive and create linguistic expression that refer to and represent these concepts. These expressions refer – among other thing – to actions, temporary states, things and objects, persons and other living beings.

semânticos e tais subcategorias são classificações. Greenberg (1978) afirma que os nomes são sujeitos discursivos e, portanto, necessitam, constantemente de dispositivos de identificação. Segundo Senft (2000), as línguas têm desenvolvido uma variedade bastante ampla desses sistemas de classificação nominal. Sendo assim, encontramos, línguas que classificam seus nomes em vários tipos de acordo, principalmente, com sues parâmetros semânticos e morfossintáticos. Dessa maneira, na linguística, sistemas de classificação representam maneiras de categorizar elementos nominais (cf. VON DER VOORT, 2015).

Este capítulo trata exclusivamente sobre os tipos de subcategorizações dos nomes das 24 línguas Arawak selecionadas. Assim, descrevemos as subcategorizações dos nomes dessas línguas a partir dos diferentes tipos de classificadores, nomes classificatórios, termos de classe, gênero, classe de nomes, posse nominal, etc. Para Kilarski (2013), as descrições de sistemas de classificação nominal são frequentemente caracterizadas por uma proliferação de termos ambíguos e intercambiáveis. Isso representa um obstáculo na análise e classificação de sistemas individuais e no estabelecimento de propriedades comuns de classificação nominal. Consequentemente, a discussão de classificação nominal ou categorização é um tema dentro da linguística que ainda apresenta bastante discussão e muitas questões importantes precisam ainda ser analisadas e respondidas.

No que concerne às línguas Amazônicas, onde se encontram uma grande parte das línguas Arawak, Grinevald e Seifart (2004) afirmam que elas se destacam por serem um desafio descritivo e tipológico no que diz respeito aos seus sistemas de classificações nominais. Como veremos adiante, as línguas Arawak analisadas exibem diferentes tipos de classificações que podem, muitas vezes ser confundidos, por conta de serem muitas vezes semelhantes semanticamente. Contudo, observamos que, por exemplo, em Apurinã, os nomes classificatórios, são diferentes de classificadores e classificadores são diferentes de termos de classe (ex. Wapixana). Assim, embora, possam apresentar uma semântica parecida, os sistemas classificatórios são diferentes. Por isso, é necessário fazer uma distinção dos tipos classificatórios encontrados nas línguas Amazônicas.

Grinevald e Seifart (2004) argumentam que a exuberância dos sistemas de classificação nominal nas línguas da região da Amazônia é um problema de exploração e debate tipológico. Assim, “a discussão em torno dos sistemas de categorização das línguas amazônicas evoluiu para caracterizá-los de várias maneiras não típicas, como diferentes sistemas concordantes ou diferentes sistemas de classificadores”

(GRINEVALD E SEIFART, 2004, p.257)[84]. Os autores afirmam que uma das características tipológicas mais interessantes da Amazônia, principalmente, na parte ocidental, é o sistema de classificação nominal. Assim, os autores destacam que a maior dificuldade encontrada na categorização tipológica de muitas línguas amazônicas de classificação nominal, reside de fato, na aparente difusão de morfemas classificatórios em uma variedade de funções diferentes.

Deste modo, "a imagem é complicada por uma certa quantidade de sobreposições dos inventários de tais morfemas em diferentes contextos morfossintáticos" [85] (GRINEVALD E SEIFART, 2004, p.260). Ou seja, muitas vezes, os mesmos morfemas acabam desempenhando diferentes funções tanto semântica quanto morfossintática em uma mesma língua. A partir desse viés, Dixon (1986) afirma que, por exemplo, classes de nomes (gênero) e classificadores são dois fenômenos que podem ser bastante semelhantes no papel semântico de uma língua, mas em relação aos aspectos formais apresentam diferenças.

Senft (2000) afirma que as línguas desenvolvem uma variedade de sistema de classificação nominal. Então, encontramos, línguas que classificam o nome de acordo com parâmetros semânticos como animacidade, sexo, tamanho, espessura, forma, posse, etc, mas também morfossintáticos. De fato, sistemas de classificação nominal são geralmente categorizados por critérios morfossintáticos (CORTINI-MORAVA E KILARSKI, 2013). No entanto, a função motivacional para esses fenômenos não coincide diretamente com suas propriedades morfossintáticas. De acordo com Cortini-Morava e Kilarski (2013), algumas funções são compartilhadas por sistemas diversos e cada tipo morfossintático pode oferecer funções comunicativas diversas. Desse modo, estudos de classificação nominal diferem nas suas funções de termos, em seus objetivos e nos fenômenos que eles se concentram.

Conforme Aikhenvald (2019), todos os dispositivos de categorização nominal são baseados nos parâmetros universais de humaninade, animacidade, sexo, forma, consistência, orientação no espaço e função. Para a autora, eles podem refletir o valor do objeto e a atitude do falante em relação a ele. Desta maneira, seus significados refletem parâmetros e crenças socioculturais e podem mudar se a sociedade mudar (cf.

[84] The discussion around the Amazonian systems has evolved around characterizing them in various non-typical ways, as different concordial systems or different classifiers systems.
[85] The picture is complicated by a certain amount of overlap of the inventories of such morphemes in different morphosyntactic contexts.

AIKHENVALD, 2019). Então, os dispositivos de nomes oferecem uma janela para como os falantes conceituam o mundo em que vivem.

Em consonância com Cortini-Morava e Kilarski (2013), as marcas de classificação sempre oferecem subsídios para identificar o referente do discurso e fornecem informações sobre ele, seja na questão de gênero ou animacidade. Propriedades indexadas de um nome pode também identificar o referente. Desse modo, por causa desta função compartilhada, nenhum sistema de classificação é puramente formal. Assim, todo o nome tem uma base ou núcleo semântico (CORTINI-MORAVA E KIRLARSKI, 2013, p.264). Além disso, as línguas podem exibir uma mesma marcação de classificação para propósitos semânticos/pragmáticos e formais.

Cortini-Morava e Kirlasky (2013) reservam o termo "classificação nominal" para os sistemas que incluem pelo menos algumas classificações de nomes como formas linguísticas. Ou seja, baseada em propriedades fonológicas ou morfológicas. Deste modo, dispositivo de classificação nominal varia em sua expressão e no contexto em que ele ocorre (AIKHENVALD, 2019). Portanto, como elucida Cortini-Morava e Kirlasky (2013, p.263)[86]:

> Os sistemas de classificação nominal são geralmente categorizados com base em critérios morfossintáticos, e os estudos desses sistemas identificaram uma variedade de funções comunicativas, como rastreamento de referentes de discurso ou apresentação deles de diferentes perspectivas. No entanto, as motivações funcionais para esses fenômenos gramaticais não coincidem diretamente com suas propriedades morfossintáticas: algumas funções são compartilhadas por sistemas formalmente diversos, e cada tipo morfossintático pode servir a diversas funções comunicativas. Além disso, os estudos de classificação nominal às vezes diferem em suas definições de termos, em seus objetivos e nos fenômenos em que se concentram.

A subseção seguinte apresenta algumas considerações gerais sobre a tipologia de sistema de classificação nominal para uma melhor compreensão do tema.

5.1.1. Um esboço sobre a tipologia de sistema de classificação nominal: gênero, classe de nomes, termos de medidas e termos de classe

[86] Nominal classification systems are generally categorized on the basis of morphosyntactic criteria, and studies of these systems have identified a range of communicative functions such as tracking of discourse referents or presentation of them from different perspectives. However, the functional motivations for these grammatical phenomena do not coincide directly with their morphosyntactic properties: some functions are shared by formally diverse systems, and each morphosyntactic type may serve diverse communicative functions. Also, studies of nominal classification sometimes differ in their definitions of terms, in their goals, and in the phenomena that they focus on.

Classificadores, gênero, classe de nomes, termos de medidas e termos de classe são tipos de classificação nominal que podem exibir semelhanças em seus parâmetros semânticos, mas diferem no que diz respeito à morfossintaxe. No que diz respeio ao gênero e classes de nomes, ambos são descritos nas literaturas como fazendo parte de um mesmo fenômeno de categorização nominal (cf. DIXON, 1986; CORBETT, 1991). Contudo, para uma visão mais organizada destes fenômenos, nesta subseção, gênero e classes de nomes serão tratatos separadamente, seguindo a proposta de Grinevald (2000).

a. Gênero

Grinevald (2000) explica que uma das características de um sistema de gênero é que ele é um tipo de classificação nominal que nem sempre é evidente no próprio nome, mas é ecoado em outros elementos da oração que pode variar de acordo com a língua. Para a autora, esses elementos podem ser de ordem descrescente de verossimilhança, como:

> (a) dentro de um SN, como em adjetivos, demonstrativos, artigos, numerais ou caso de posse;
> (b) dentro de formas pronominais independentes, como pronomes pessoais, pronomes relativos ou palavras interrogativas;
> (c) dentro do predicado como marcador de concordância ou complemetização.
> (d) em outras partes dentro da sentença, raramente, em advérbios, em adposições ou em complementadores.
> (GRINEVALD, 2000, p.55-56)[87].

Sendo assim, os sistemas de concordância foram incluídos como sistema de classificação e o gênero faz parte desse sistema. Grinevald (2000) explica que o gênero é atribuído para todos os nomes da língua e é obrigatoriamente marcado. Além de ser um sistema de classificação nominal mais limitado em termos de número de suas classes (GRINEVALD, 2000). A autora explica que essse sistema é mais comum em línguas fusionais, como nas línguas indo-europeia e na maioria das vezes é marcado por meio de morfema *portemanteau*[88] que vai combinar outras categorias gramaticais, como número e caso em um mesmo morfema. Na seção (§5.4), detalharemos melhor a questão de gênero, exemplificando esse sistema a partir das línguas Arawak selecionadas.

[87] (a) within the NP, such as adjectives, demonstratives, articles, numerals or possessives; (b) within independent pronominal forms such as personal pronouns, relative pronouns or wh-questions; (c) within the predicate as "agreement" markers of the core arguments; (d) elsewhere within the sentence, rarely, adverbs, adposition, or complementizers.

[88] De acordo com o dicionário da *língua portuguesa contemporânea* um morfema *portemanteau* é um traço formal que pode ser atribuído a mais do que um morfema (CASTELEIRO, 2001).

b. Classe de nomes

Seguindo a proposta de Grinevald (2000), os gêneros e classes de nomes são tratados como um dos principais sistemas de classificação nominal. Os sistemas de classe de nomes são típicos de línguas pertencentes ao tronco linguístico Níger-Congo, especialmente da família Bantu. A autora informa que o sistema de classe de nomes em Bantu é em média de uma dúzia a vinte classes morfológicas, que quando combinadas em pares de singular e plural somam cerca da metade do número de gêneros. Eles, assim, como os gêneros, exibem padrões de concordância mais ou menos definidos dentro do SN e através do predicado.

Grinevald (2000) ressalta que a questão da identificação dos sistemas de classes de nomes é importante para a descrição dos sistemas de classificação das línguas amazônicas. Em consonância com a autora, as línguas dessa região são ricas em sistemas de classificação nominal, incluindo o sistema de gênero de aparência tradicional que coexiste com outros sistemas extensos, como os classificadores.

Além desses dois sistemas, Grinevald (2000) exibe duas classificações nominais que são tratadas por ela como "lexical" e são de natureza diferente, são eles: termos de medidas e termos de classe. Ambas serão explicadas a seguir:

c. Termos de medidas

Conforme Grinevald (2000), os termos de medidas existem em todas as línguas do mundo e expressam quantidades, seja de nomes massivos para quais identificam unidades ou de nomes contáveis cujo existe um arranjamento especifíco particular. Para exemplicar isso, ilustramos um exemplo do inglês retirado de Grinevald (2000, p.58):

(236) Exemplos de termos de medidas

a. Termos de medidas de nomes massivos: *a glass of water, a pound of sugar, a slice of bread, a head of cattle, a herd of cattle*
b. Termos de medidas/arranjo de nomes contáveis: *a pile of books, a group of children, a line of cars, a gaggle of geese (on the ground), a skein of geese (flying).*

(GRINEVALD, 200, p.58)

Esse sistema não será tratado neste trabalho, devido ao fato dele não ser o foco desta pesquisa. Contudo, Grinevald (2000) assinala que termos de medidas são algumas vezes rotulados de classificadores. Nas línguas Arawak investigadas nesta pesquisa, iremos tratar de classificadores numerais e consequentemente algumas considerações

relacionadas ao termo de medidas podem ser utilizadas e fazer referência para essa classificação. Mas, reafirmamos que este tipo de categorização não será explorado aqui.

d. Termos de Classe

Segundo Grinevald (2000), os termos de classe são morfemas classificatórios que participam da gênese do léxico de uma língua. Os termos de classes foram rotulados muitas vezes como classificadores, entretanto, não são. A autora argumenta que os termos de classe são morfemas classificatórios de origem lexical clara e exibem graus variados de produtividade no léxico de uma língua. Um dos domínios semânticos mais comuns dos termos de classe é o do mundo vegetal, onde o léxico especifica a diferença entre árvores e frutas por um processo de composição: X-fruta/redondo *vs* X-árvore/longo-rígido (cf. GRINEVALD, 2000, p.59). Esse processo é bastante comum na língua Wapixana, analisada neste trabalho.

Desta forma, Grinevald (2000) argumenta que embora esses morfemas classificatórios são apresentados muitas vezes como classificadores, eles não são usados tipicamente em expressões quantitativas ou em qualquer outra construção morfossintática. Assim, "a relação próxima entre termos de classe e classificadores tem levado para algumas confusões desses dois tipos de classificação nominal"[89] (GRINEVALD, 2000, p.60). A seguir, trataremos sobre a diferença de duas categorias principais na categorização nominal nas línguas do mundo: classes de nomes e classificadores.

5.1.2 Classes de nomes (gênero) vs Classificadores

Para Dixon (1986), as classes de nomes, incluindo o sistema de gênero são um sistema gramatical obrigatório onde um nome escolhe um pequeno número de possibilidades para marcar sintaticamente a distinção entre alguma propriedade semântica do nome, muitas vezes, o sexo, tal como feminino, masculino, neutro. O autor argumenta que as formas de marcar as classes de nomes incluem um prefixo ao nome e geralmente, para outros constituintes do SN ou na sentença, mostrando um sistema de concordância. Já os classificadores são lexemas que podem vir separados ou junto com nomes, ocorrendo em certos ambientes morfossintáticos. Dixon (1986) argumenta que o sistema de classe de nomes e classificadores têm características formais bastante diferentes e

[89] The close relation between class term and classifiers has lead to some confusion of these two types of nominal classification.

raramente há alguma dificuldade de distingui-las. Ele faz três tipos de distinção tendo como relevância o tamanho, a realização e o escopo.

Em relação ao TAMANHO (a), Dixon (1986) explica que gênero/classes dos nomes envolvem um agrupamento de todos os nomes de uma língua em um pequeno número de classes (em torno de 2 a 20). O autor afirma que em muitas línguas cada nome pertence pelo menos a uma classe. Contudo, existe um pequeno número de nomes que podem selecionar mais de uma classe. Enquanto que, os classificadores, geralmente, são um número grande. Segundo Dixon (1986), existem nomes que parecem estar no limite entre os classificadores e nomes específicos, sugerindo que essas palavras se juntem entre uma na outra. Muitos nomes podem ocorrer também com mais de um classificador.

Na REALIZAÇÃO (b), as classes de nomes sempre constituem um sistema gramatical fechado, igual ao número, caso e tempo. Dixon assinala que informações de gênero/classe de nomes podem ser afixadas em um único morfema com um número de definições. Desse modo, as subcategorias de classes de nomes podem ser codificadas com afixos ou com palavras gramaticais separadas ou ainda por clíticos como os artigos ou 'marcadores nominais' (DIXON, 1986). Já os classificadores, para o autor, ocorrem geralmente de forma livre[90]. Dixon afirma que um classificador vai ocorrer com o mesmo SN com o nome que ele quantifica, mas que ele é sempre separado do constituinte, raramente forma uma unidade fonológica. Essa afirmação do autor torna-se equivoca se levarmos em conta as línguas Arawák, cujo o sistema ocorre de forma presa e há variações fonológicas também.

No que tange ao ESCOPO (c), a marcação de gênero/classes de nomes nunca é inteiramente dentro do nome. Nesse caso, se um nome indica classe de nomes por um afixo nele mesmo, este afixo também estará presente em outra palavra na sentença para expressar concordância, como, por exemplo, no verbo. Esse fenômeno é o que a literatura denomina de referência-cruzada ou trans-referência (*Cross-reference)*. Contudo, os classificadores comportam-se diferentemente, isto é, não existe qualquer referência a eles fora do SN em que eles co-ocorrem com o nome especifico. Kilarski (2013, p. 10) elabora um quadro que mostra a diferença semântica e morfossintática entre gênero/classes de nomes e classificadores, como podemos observar a seguir.

[90] Contudo se observamos as línguas ameríndias verificaremos que diferentemente do que Dixon (1986) afirma os classificadores nessas línguas são predominantemente presos e não livres. Nas línguas Arawak, por exemplo, as línguas apresentam os classificadores como morfemas presos.

Quadro 11- Diferenças semânticas e morfossintáticas entre gênero/classe de nomes e classificadores

Propriedades	**Gênero/Classes de Nomes**	**Classificadores**
Presença de concordância	sim	não
Realização	Pode ser marcado sobre o nome	Tipicamente não afixado ao nome
Princípios de Atribuição	Semântica ou semântica/formal	Semântica ou Lexical
Aplicabilidade	Todos os nomes classificados	Nem todos os nomes são classificados
Tamanho de inventário	Grupos relativamente pequenos, sistema fechado	Relativamente amplos, sistema aberto
Variabilidade	Nomes atribuídos para uma classe sem variabilidade	A escolha do classificador é usada para destacar uma propriedade do referente

Fonte: KILARSKI (2013, p.10)

Assim como Dixon (1986), Kilarski (2013) também faz a distinção entre classes de nomes e classificadores. A presença de concordância é uma propriedade de definição dos sistemas de classe de nomes. Desse modo, a autora explica que o gênero ou a classe de nomes sempre refletem nas formas dos constituintes dentro ou fora do SN e podem também ser marcados no próprio nome. Em contraste, um classificador ocorre dentro do SN como uma palavra independente ou um afixo sobre outro constituinte[91].

No que diz respeito ao princípio de atribuição, os nomes são atribuídos para gênero com base de propriedades semânticas (cf. CORBETT, 1991), tais como sexo ou animacidade, mas eles também podem combinar com propriedades formais (morfológicas/fonológicas). Já a escolha de um classificador não é baseada em propriedades morfológicas ou fonológicas dos nomes, em vez disso, a escolha de um classificador é determinada por cada propriedade do referente, como por exemplo: animacidade, propriedades físicas, materiais, funcionais, status sociais e culturais, em alguns casos o classificador pode ser lexicalizado em determinadas línguas.

Para as aplicabilidades, Kilarski (2013) afirma que todos os nomes são tipicamente classificados entre gênero ou classe de nomes, mas alguns nomes podem ser não classificáveis em línguas com classificador. Em relação ao inventário e variabilidade, Kilarski (ibidem) explica que classes de nomes e classificadores diferem ao tamanho de inventário e variabilidade. O sistema de gênero ou classe de nomes são geralmente

[91] Nas línguas Aruák o classificador é predominantemente afixado em outros constituintes (número, nome, marcadores de posse, verbos etc.).

pequenos e fechados, com nomes tipicamente atribuídos para um determinado gênero sem variabilidade. Diferentemente, classificadores são geralmente um grupo amplo e aberto e a escolha de um classificador pode ser usada para destacar uma propriedade particular do referente, e tal classificador pode ser usado em múltiplos ambientes morfossintáticos. Desse modo, compreendemos que embora esses dois fenômenos tenham um papel de classificar os nomes, eles diferem na sua categorização e aspectos, principalmente nas questões formais.

Para Dixon (1986), os sistemas de classes de nomes e conjunto de classificadores fornecem o significado para categorização de um objeto em termos de parâmetros relevantes de uma visão de mundo. O autor assinala que ambos sistemas fazem, essencialmente, a mesma tarefa semântica, apesar das abordagens serem de formas diferentes. Deste modo, as classes de nomes operam em termos de uma morfologia obrigatória, com um número limitado de escolhas possíveis e classificadores constituem um conjunto grande de itens lexicais em construções sintáticas ou com o núcleo nominal. Dixon argumenta que tanto a classe de nomes quanto classificadores fornecem informações sobre características físicas (tamanho, forma, animacidade, etc), funções ou uso (comestível, habitual, etc) e categorias cognitivas, isso vai depender da cultura e também sobre o papel social e interações da comunidade da fala (DIXON, 1986).

No que diz respeito às questões tipológicas, Dixon (1986) ressalta que algumas famílias linguísticas são caracterizadas pela presença de classes de nomes/gênero, como as línguas indo-europeia e outras pelas ausências deste sistema, como as línguas da Ucrânia. O autor argumenta que essa distribuição pode ser areal ao invés de genética. O sistema de classe de nomes é um traço tipológico bastante presente nas línguas africanas. Já línguas com classificadores, principalmente, os numerais, são um traço tipológico das línguas do sul e oeste asiático. Dixon também elucida que essas distribuições podem parcialmente ser explicadas em termos de uma correlação com a classificação bem estabelecida em flexional (=fusional), aglutinante e línguas isoladas. Sendo assim, línguas que tendem a ser isolantes predominantemente têm classificadores nominais enquanto línguas que são fortemente aglutinantes ou flexionais preferem sistema de classes de nomes (cf. DIXON, 1986).

Dixon (1986) enfatiza que as classes de nomes/ gênero são relacionadas para um sistema gramatical enquanto classificadores nominais são um conjunto lexical. Contudo, vamos ver adiante, que na verdade, os classificadores são um intermédio entre a gramática

e o léxico (cf. GRINEVALD, 2000), já que podemos também observar os classificadores em uma perspectiva formal, seguindo a proposta de Grinevald (2000).

Assim sendo, não podemos esquecer que os dois sistemas cumprem a função semântica de forma semelhante em uma língua. Esses sistemas tendem ocorrer em diferentes tipos morfológicos e também podem estar relacionados às preferências variadas na organização do discurso (DIXON, 1986). Além disso, Dixon afirma que as classes dos nomes, às vezes, se desenvolvem a partir de pequenos conjuntos de classificadores. Quando uma língua é extinta, as classes de nomes e também, talvez, os classificadores, podem ser um dos primeiros fenômenos a serem perdidos. Por isso, a necessidade de descrevê-los cada vez mais nas línguas do mundo.

Portanto, é importante compreender que esses dois sistemas de classificação são importantes na descrição linguística de uma língua e que desempenham um papel classificatório. Porém, é importante ressaltar que, eles diferem na sua categorização e nos diferentes aspectos, principalmente morfossintáticos. Em relação aos classificadores, iremos analisar nas línguas Arawak investigadas os quatro tipos mais comuns em línguas do mundo, a saber: (i) classificadores numerais, (ii) classificadores nominais, (iii) classificadores genitivos (posse) e (iv) classificadores verbais. Além desses quatro tipos, analisaremos também os classificadores em construções locativas (v), em construções dêiticas e com adjetivos (vi). A seção seguinte trata especialmente sobre os classificadores em uma perspectiva morfossintática, seguindo a proposta de Grinevald (2000), mas também semântica, uma vez que não se pode desvincular a questão semântica com dos classificadores, já que eles exibem a função de salientar uma característica semântica do seu referente.

5.2 O sistema de Classificadores

Para Grinevald (2000), a característica principal dos classificadores é que eles constituem um sistema gramatical de classificação nominal na faixa intermediária entre os extremos lexicais e morfossintáticos, conforme mostrado na figura 29 a seguir:

Figura 29 - Sistema de Classificação Nominal

< Lexical ..... Gramatical >

Termos de Medidas
Termos de classe

Classe nominal-Gênero

Classificadores

Medidas/Sortais

Fonte: GRINEVALD, 2000, p. 61

Grinevald (2000) considera dois tipos de sistemas lexicais. O primeiro faz parte de um nível gramatical cuja autora denominou *"Grammatical end of the continuum"* que inclui o sistema de gênero e o sistema de classe nominal, enquanto que, o segundo que está dentro do nível lexical *"Lexical end of the Continuum"* insere os termos de medidas e termos de classe, como pode ser observado na figura 29.

Um tipo particular de classificação nominal que será analisado nesta seção é *o sistema de classificadores*, que como observado, ocupa o ponto intermediário da gramática-lexical contínua. Os estudos dos classificadores é um foco de interesse da tipologia funcional. Os classificadores numerais, por exemplo, são um traço tipológico predominante nas línguas do continente asiático, sendo na maioria das vezes obrigatórios[92]. Na América do Sul, principalmente, nas línguas da região da Amazônia ocidental, elas se destacam por terem classificadores que além dos ambientes classificatórios bem estabelecidos, também aparecem como dispositivos derivacionais em nomes (cf. ROSE E LINDEN, 2022).

Rose e Linden (2022) argumentam que os classificadores são comumente originários de nomes. Eles são definidos, geralmente, como morfemas que classifica e qualifica os nomes de acordo com critérios semânticos (cf. SENFT, 2000). Assim, um classificador categoriza um nome inerente, isto é, ele designa e especifica traços semânticos inerentes ao denominar um nominal. Para Allan (1977), os classificadores são definidos em dois critérios. O primeiro é que eles ocorrem como morfemas em estruturas de superfície sob condições especificáveis. Já no segundo, eles têm significado, no sentido de que um classificador denota alguma característica saliente percebida ou imputada da entidade à qual um nome associado se refere (ou pode se referir).

[92] Conferir: https://wals.info/feature/55A#2/28.0/149.9

Senft (2000) ressalta que as línguas com classificadores nominais referentes são classificadas e categorizadas de acordo com suas características específicas. O autor explica que esse tipo de classificação é baseado em princípios semânticos e resulta na ordem do objeto, seres vivos, conceitos, ações e eventos. Em outras palavras, "essa classificação conduz para uma categorização de todos os 'rótulos concentuais' nominais codificado em cada língua"(SENFT, 2000, p. 23)[93]. Deste modo, o autor enfatiza que os sistemas de classificadores são categorias semânticas que são fundamentais para todas as línguas do mundo.

Senft (2000) assinala que precisamos ter um olhar mais atento aos respectivos classificadores que constituem os domínios semânticos nas diferentes línguas, com base nas características que elucidam essas categorias gerais e, provavelmente, universais que são definidas, muitas vezes, através da cultura. O autor afirma que isso também evidencia que as fronteiras dos domínios semânticos em diferentes línguas são mais fluídas. Além de um escopo semântico, os classificadores podem ser analisados por viés morfossintáticos. De acordo com Grinevald e Seiarf (2004), os subtipos de classificadores são identificados, primeiramente, sobre a base de seus diferentes locus que, de fato, irão definir seus referentes. Além disso, eles ocorrem em diferentes construções morfossintáticas, como esquematizado em 12 a seguir, adaptado de Grineval e Seifart (2004, p. 262).

Quadro 12- Sistema de classificadores

[POSS + CLF	NUMERAL + CLF	CLF + NOME //	VERBO+CLF]
Genitivo Classificador	Numeral Classificador	Nome Classificador	Verbo Classificador

Fonte: Grinevald e Seifart (2004, p.262)

Grinevald (2000) explica que ancorar o sistema de classificadores no nível morfossintático é apenas uma estratégia para compreender o fenômeno a partir de um aspecto formal. Contudo, é interessante explicar que os classificadores diferentemente dos gêneros ou classe de nomes são tipicamente menos gramaticalizados, isso mostra como resultado uma transparência semântica e uma ampla gama de funções no discurso, uma vez que eles também funcionam como elementos anafóricos (cf. KILASRKI, 2013).

[93] This classification leads to a categorization of all the nominal 'conceptual labels' coded in such a language.

Grinevald e Seifart (2004) elucidam que os argumentos para estabelecer diferentes subtipos de classificadores dependem de uma combinação de fundamentos morfossintáticos de diferentes locus com a existência de inventários distintos de classificadores naquelas línguas em que dois sistemas claramente distintos coexistem. Em adição, os autores argumentam que os diferentes subtipos de classificadores exibem diferentes tipos de distinção semântica também (GRINEVALD E SEIFART, 2004). Isso é uma tendência particularmente perceptível em línguas com múltiplos sistemas de classificadores (GRINEVALD E SEIFART, 2004).

Assim, os autores explicam que classificadores numerais, por exemplo, sistematicamente incluem algumas classificações por traços físicos tais como a forma. Em contraste, os classificadores genitivos são mais utilizados com utensílios como roupas, comida, transporte, etc. Já os classificadores nominais incluem um domínio mais relacionado para seres animados (ex. homem, mulher, animais) e plantas, além disso, podem formar novas palavras a partir do nome no qual se afixa. Não mencionados pelos autores, os classificadores que ocorrem com verbos, são aqueles que caracterizam semanticamente o argumento do verbo. Essas questões serão melhores observadas a partir das análises dos classificadores das línguas Arawak investigadas nesse trabalho. O quadro 13, a seguir, esquematiza os três subtipos de sistema de classificadores que foram elencados no estudo de Grinevald e Seifart (2004).

Quadro 13 - Tipos de classificadores e preferências semânticas

a. Classificadores numerais = categorias físicas ex. redondo, longo, flexível, etc.
b. Classificadores genitivos = categorias funcionais ex. roupa, comida, transporte, etc.
c. Classificadores nominais = categorias materiais/essenciais

Fonte: Grinevald e Seifart (2004, p. 264)

Para Aikhenvald (2000) o termo "classificador" é usado para denotar um *continuum* de métodos de categorização do nome. Desse modo, a categorização é uma propriedade importante quando se refere aos nomes, por isso, a importância de descrevê-la com suas propriedades semânticas e/ou sintáticas. A subseção, a seguir, analisa os sistemas de classificadores nas línguas Arawak.

5.2.1 Classificadores nas línguas Arawak

Miranda (2020) realizou um estudo preliminar sobre a questão de classificadores em 15 línguas pertencentes à família Arawak. Como resultado, a autora verificou que os classificadores de número são o tipo mais recorrente nessas línguas, enquanto que os locativos e com função adjetival, ou seja, que vêm junto com os substantivos, são os mais raros. Com a inserção de novas línguas, vamos ampliar e revisar esse estudo. Uma das questões observadas é que algumas línguas não apresentam classificadores, mas sim outras categorias que podem ter uma função parecida, como termos de classes ou nomes classificatórios (ex. Apurinã e Wapixana). Esses tipos vão ser apresentados resumidamente no final desta subseção.

5.2.1.1 Classificadores Numerais nas línguas Arawak

Esse tipo é o mais comum encontrado entre línguas do mundo. Os classificadores numerais aparecem contíguos ao número, em sintagmas nominais ou expressão de quantidade. Grinevald (2000) explica que a denominação "numeral" é devido o contexto de quantificação em que eles ocorrem. A autora explica que esse tipo pode variar morfologicamente de um morfema livre para um afixo. Nas línguas Arawak selecionadas eles são morfemas presos, predominantemente, sufixados no número ou no SN. Eles também são infixados em algumas línguas como em Baure, Nanti, Palikur e Wapixana. Esse tipo de classificador também pode ocorrer com demonstrativos (ex. Paresi).

Os classificadores numéricos são recorrentes nas línguas do Sudoeste da Ásia (Tai, Birmanês), do Leste da Ásia tal como o Chinês e o Japonês e nas línguas da América e Oceania. Segundo Aikhenvald (2000b), os classificadores numerais não podem aparecer em qualquer constituinte fora do SN, uma vez que não existe concordância entre o nome e outro constituinte. Adiante, verificaremos os classificadores nas línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.2.1.1.1 Grupo Norte-Arawak

5.2.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Encontramos poucos exemplos de classificadores numerais em Wapixana devido à falta de dados do material coletado por Santos (2006). Deste modo, os classificadores de numerais são *(a)ɽa* 'CLF:FALADO' em (a); o *ʔɨ/ʔ* 'CLF:PTT' que expressa o partitivo[94]

[94] De acordo com Santos (2006), os numerais em Wapixana parece envolver o classificador partitivo.

(em 237a.b-c-d) e o *ap* ‘CLF: EXTENSÃO’ em (237.e), como podemos observar nos exemplos a seguir.

(237) Wapixana

a. Pa-***(a)ɽa***-d-kaɽɨ
Um-CLF:FALADO-VR-NMLZ

‘Uma palavra’

b. /Di-ki-kaʔɨ-ɖa-***ʔi***/ [ɖikiɲaʔɨɖaʔɨ]
Dois-antes-mão-gênese-CLF:PTT

‘Três’

c. /Pa-mi-kaʔɨ-ta-m-ki-***ʔ***/ [pamiɲaʔɨtamkiʔ]
Um-antes-mão-gênese-?-cada-CLF:PTT

‘Quatro’

d. /ba-kaʔi-aɨ-ɖa-***ʔɨ***/ [bakaʔiaɨɖaʔɨ]
Um-mão-?-gênese-CLF:PTT

‘Cinco’

e. Na-***ʔ-ap***-aʔɨ-ɖa-***ʔɨ***-n baɽu kaiɲa:
DEIT-CL:PTT-CLF:EXTENSÃO-MÃO-GÊNESE-CL:PTT-QU machado EXIST

‘Quantos machados têm? ’

(SANTOS, 2006, p.119 (a); p. 120 (b-d); p. 121 (e))

Santos (2006) explica que os classificadores numerais caracterizam-se por se constituírem de forma presa. O autor ressalta que, do ponto de vista de sua distribuição, todos seguem a forma referente ao nominal envolvido na expressão de quantificação em que estão inseridos. Santos (2006) destaca que o classificador *(a)ɽa* ‘falado’ parece apresentar emprego apenas discursivo-pragmático, isto é, “ocorre apenas quando os nomes que se referem às noções por ele caracterizadas não se encontram explicitados em uma forma, portanto, substitui o nome” (p.121). Outro caso interessante de se notar, é que os classificadores, tanto o classificar partitivo ‘ *-ʔ* = CLF: PTT’ quanto o de extensão *‘ap-*CLF:EXTENSÃO’ ocorrem seguido de um morfema dêitico *‘na-’*, construindo uma função anafórica na língua.

5.2.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Na língua Palikur há classificadores do tipo *sortal* e mensurais. Todos os nomes em Palikur deve tomar um classificador numeral, portanto, classificadores numerais nessa língua são obrigatórios (cf. AIKHENVALD E GREEN, 1998). A língua Palikur tem numerais de 1 a 10 e os classificadores são sufixados para todos os números, com exceção de “dois” onde eles são infixados. Launey (2003) também observa essa ocorrência na língua, uma vez que “cada vez que contamos coisas ou seres animados, o nome do número

é acompanhado por um classificador, que se refere ao tipo de coisa contada (p.115)[95]. Os exemplos de classificadores numerais em Palikur foram retirados de Aikhenvald e Green (1998) e são exibidos abaixo.

(238) Palikur

a. *Paha-**bru*** *upayan*
Um-CLF:GRUPO Patos
'Um bando de patos'

b. *Pi-**wok**-na* *i-wak-ti*
Dois-CLF:MÃO-DOIS IND-mão-N.POSS
'Duas mãos'

c. *Paha-**p**-gi* *awayg*
Um-CLF:ANIMADO-M Homem
'Um homem'

(AIKHENVALD & GREEN, 1998, p.441- 444)

5.2.1.1.1.3 Subgrupo Norte-Amazônico (Colômbia): Resígaro e Achagua

Os classificadores em Resígaro ocorrem do mesmo modo como nas outras línguas, eles vêm sempre acompanhados com números. Neste caso, apenas encontramos exemplos com numeral um *'Sá'*. Os exemplos mostram que os classificadores também podem ter uma função anafórica.

(239) Resígaro

a. *Sá-**hugí***
Um-CLF:CAMINHO
'One (way)/ 'Um (caminho)'

b. *Sá-**koomí***
Um-CLF:ALDEIA
'One (village)'/ 'Uma (aldeia)'

c. *Sá-**mi*** *hiitú*
Um-CLF:CANOA Canoa
'One canoe'/ 'Uma canoa'

d. *Sá-**ʔé*** *aváana-**ʔé***
Um-CLF:TRONCO árvore-CL:TRONCO
'One trunk of the tree'/Um tronco da árvore'

[95] Chaque fois qu'on compte des choses ou des êtres animés, le nom de nombre est accompagné d'un classificateur, qui renvoie au type de chose compete (LAUNEY, 2003, p.115)

(ALLIN, 1976, p.156-158)

Em Achagua encontramos três tipos de classificadores que vêm junto com número, são eles: *-ahi* ‘CF: RECIPIENTE’; *-kua* ‘CF: LONGO’ e *–nai* ‘CF: MAMÍFERO’, como podemos observar nos exemplos a seguir retirado de Wilson (1992).

(240) Achagua

a. *Báaji* *mitáajia*
áaba-***ahi*** mitáahia
Um-CLF: RECIPIENTE prato
‘El plato’/ ‘Um prato’

b. *Chámacua* *cubái*
ʃáma-***kua*** kubái
Dois-CLF: LONGO peixe
‘'Dos peces’/ ‘Dois peixes’

c. *Matálinai* *puíti*
Matálĩ-***nai*** puíti
Três-CLF: MAMÍFERO porco
‘Tres puercos’/ ‘Três porcos’

(WILSON, 1992, p.62)

5.2.1.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Em Baniwa, os classificadores numerais ocorrem em diferentes ambientes, sendo múltiplos. Ramirez (2001b) exibe um exemplo no qual mostra um classificador numeral em construção anafórica, como podemos ver a seguir:

(241) Baniwa de Içana

a. Nheéte, nokápa lhíwakawa apaápa
/nheete, no+kapa li+hiwa-ka-wa aapa+***aapa***/
Depois, 1SG + ver 3N.F.SG+cair+SUB+MED 1-CLF:AVE
‘Depois, vi cair 1 (dele) ’

(RAMIREZ, 2001, p.301)

Aikhenvald (2007b) também realiza um estudo sobre classificadores na língua Baniwa. Desta maneira, elencamos mais exemplos de classificadores numerais nesta língua, a partir do estudo desta autora.

a. *Apa-**api*** *maw-**ipi***
Um-CLF:CÔNCAVO Flecha-CLF:LONGO/FINO
“Uma flecha’

b. *Apa-**ita*** *ʧinu*
Um-CLF:FEMININO,ANIMADO Cachorro

'Uma cachorra'

c. *Apa-**ma*** *inaʒu* *i-mutu-ka-**ma***
Um-CLF:FEMININO Mulher IND-sair-DECL-CL:FEMININO

'Uma mulher que saiu'

(AIKHENVALD, 2007, p. 480-482)

Na língua Tariana, Aikhenvald (1994) argumenta que os classificadores numerais nessa língua são usados basicamente nas expressões que envolvem quantificação, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(242) Tariana

a. pa-***ita*** ʧinu
Um-CLF:ANIMADO cachorro

'Um cachorro'

b. pa-***ma*** inaru
Um-CLF:ANIMADO FEM mulher

'Uma mulher'

c. ñama-***pa*** deri
Dois-CLF: HORIZONTAL banana

'Duas bananas'

d. Madaɻi-***kha*** kuɻe-kha
Três-CLF: CURVADO linha de pesca-CL: CURVADO

'Três linhas de pesca'

e. Kanapa-***dapana***-pe-hna pani-si-pe
Quanto-CLF:CASA-pl-int casa-N.POSS-PL
di-de Yawhipana
3SG.M-ter Iauarete

'Quantas casas têm em Iauarete? '

(AIKHENVALD, 1994, p.212)

A última língua a exibir classificadores numerais é o Warekena. A língua Warekena apenas exibe esse tipo de classificadores. Aikhenvald (1998) afirma que a esse idioma está perdendo o sistema de classificadores por conta da influência da língua Nheengatú. Os classificadores em Warekena, além de ocorrerem com numerais, apresentam também uma função anafórica, já que eles retomam um referente que já foi

introduzido no discurso. Os exemplos abaixo exibem os classificadores numerais em Warekena.

(243) Warekena

a. Ni-ʃitua-hã ba-***buya*** pepuʧi ninapa-mia
3PL-Cortar-PAUS um-CLF:TEMPO dia 3PL+terminar+PERF

'They cut (the trees) during one day, and stopped'/ 'Eles cortaram (as árvores) durante o dia e pararam'

b. Wa-hã ni-we ʃia-wa ba-**buya** yaʃapua
Conj-PAUS 3PL-sair ficar-NONACC um-CLF:TEMPO noite

'Then they let him stay one night'/ 'Então, eles deixaram ficar uma noite'

c. Wa ʧia-wa ***peya*** pepuʧi
Conj. Ficar-nonacc um-CLF-MASC dia

'He stayed (there) one day'/ 'Então, ele ficou (lá) uma noite'

(AIKHENVALD, 1998, p.299)

Por fim, apenas não conseguimos encontrar descrições de classificadores numerais em Garifuna (Caribe) e do subgrupo TA-Arawak (Lokono e Wayuu). Infelizmente, os materiais disponíveis nestas línguas não tratam sobre esse fenômeno. Adiante, verificaremos os classificadores numerais nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.2.1.1.2 Grupo Sul-Arawak

Nas línguas deste subgrupo, os classificadores numerais foram encontrados apenas em Baure (Subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul), Nanti (Subgrupo: Campa), em Paresí (Subgrupo: Paresí-Xingu) e Amuesha (subgrupo: Amuesha). Aparentemente, esse tipo de classificador não é comum nas línguas do grupo Sul-Arawak. Verificaremos a seguir, os classificadores numerais em cada língua.

5.2.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso do Sul: Terena e Bauré

A língua Baure exibe classificadores numerais ocorrendo em números quantificadores, como ilustrado a seguir:

(244) Baure

a. Roti ro=inisa po-***po***-*š* him
3SGM 3SGM=PEIXE um-CLF:PEQUENO-um Peixe
Pitir *piti'*
Pitir piti
2SG.P 2SG

'He caught one fish for you/ Ele pegou um peixe (pequeno) para você'

b. po-***po***-š him po-***po***-š
Um-CL: MINÚSCULO-um peixe um-CLF:MINÚSCULO-um

Hoser po-***po***-š kočopon
Mosca Um-CLF:MINÚSCULO-um jacaré

‘One fish, one fly, one caiman/ ‘um peixe, uma mosca, um jacaré’

c. Po-e-š rekirokpo-***e***-š
Um-CLF:NÃO DOCE-um Tucumã-um-CLF:NÃO DOCE-um
Mokovis
Abóbora

‘One tutuma, one pumpkin/Um tucumã, uma abóbora’

(DANIELSEN, 2007, p.139 (a); p.141 (b); p.142 (c))

5.2.1.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Em Paresi, os classificadores podem ser atachados a um numeral e também a um demonstrativo, exibindo uma função dêitica. Os exemplos a seguir mostram os classificadores com numerais nessa língua.

(245) Paresi

a. *Atya-**taotse*** *hanama-**taotse***
Árvore-CLF:PEDAÇOS Três-CLF:PEDAÇOS

‘Three pieces of wood/Três pedaços de madeira’

b. Eze hanama-**katse** atya-**katse**
DEM três-CLF:COMPRIDO árvore-CLF:LONGO/COMPRIDO

‘These are three sticks/ Esses são três varas’

c. Katse-ze hamana-tse quatro-tse
ATTR-semente-NMLZ três-CLF:PEQUENO quatro-CLF:PEQUENO
Hare
Também

‘It has seeds, three, four seeds/ 'Tem sementes, três, quatro sementes’

(BRANDÃO, 2015, p.61)

5.2.1.1.2.3 Subbgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

Encontramos apenas exemplos de classificadores numerais em Nanti. Michael (2006, p.8) explica que em contextos morfossintáticos os classificadores numerais são infixados com os números em Nanti.

(246) Nanti

a. *Pitekiti*
Pite-**ki**-ti
Dois-CLF:PEQUENO.REDONDO-DURO-DOIS

‘Dos (predicado de, por ejemplo, un par de mostacillas (chaquiras)) ’/ ‘Dois (predicado de, por exemplo, um par de contas (miçangas) ’

(MICHAEL, 2006, p.8)

Entre as vinte quatro línguas selecionadas, observamos que, os classificadores numerais estão presentes em dez. Podemos observar que os classificadores numerais são predominantemente sufixados. Contudo, em Baure, Palikur, Nanti e Wapixana podem ser infixados. Além disso, esse tipo de classificador é bem mais comum nas línguas do grupo Norte-Arawak, ocorrendo em sete línguas, diferentemente do grupo Sul-Arawak que ocorre apenas em três idiomas. Adiante, verificaremos, agora, os classificadores nominais.

5.2.1.2 Classificadores nominais nas línguas Arawak

Para Aikhenvald (2000), os classificadores nominais caracterizam o nome e coocorrem com um SN. Eles são um tipo de sistema de classificador bem reconhecidos nas línguas da Austrália e Mesoamericanas. Eles podem ser conhecidos na literatura como "classificadores genéricos" ou apenas "genéricos". De acordo com a autora, a propriedade conceitual de um classificador nominal é que sua presença em um SN é independente de outros constituintes dentro ou fora dele, o escopo do classificador nominal é um SN. Aikhenvald (2000a, p. 81)[96] elenca algumas propriedades dos classificadores nominais que são:

> (a) A escolha de um classificador nominal é baseada na semântica. Cada nome em uma língua não necessariamente leva um classificador nominal
> (b) Línguas podem permitir a co-ocorrência de vários tipos de classificadores nominais dentro de um SN
> (c) Um nome pode ser usado com diferentes classificadores, com uma mudança no significado
> (d) O tamanho do inventário de classificadores nominais pode variar de língua para língua e consequentemente classificadores nominais podem ser gramaticalizados em extensões variadas
> (e) Classificadores nominais são frequentemente usados anaforicamente, eles podem gramaticalizar e marcar funções sintáticas.

Para a autora, a escolha de um classificador nominal é semântica. Deste modo, os classificadores nominais correlacionam-se com características semânticas inerentes dos substantivos, como 'animal', 'humano', 'planta'; 'forma' e 'estrutura do referente' (cf. AIKHENVALD, 2000; GRINEVALD, 2000; GRINEVALD E SEIFART, 2004).

[96] (i) The choice of a noun classifier is based on semantics. Every noun in a language does not necessarily take a noun classifier; (ii) Languages may allow the cooccurrence of several noun classifiers within one noun frase; (iii) One noun can be used with different classifiers, with a change in meaning; (iv) The size of the inventory of noun classifiers can vary, from a fairly small closed set to a fairly large open set. Consequently, noun classifiers can be grammaticalized to varying extents (v) Noun classifiers are often used anaphorically; they may grammaticalize as markers of syntactic functions.

Aikhenvald (2000) argumenta que, frequentemente, há uma relação genérica e específica entre os classificadores e os nomes. A autora assinala também que os classificadores nominais podem também referir-se a status sociais ou uma relação de parentesco entre os povos. Além disso, sabemos que a escolha de um classificador é totalmente de transparência semântica. Contudo, em alguns casos, a relação semântica entre nome e classificadores nominais não é óbvia.

Grinevald (2000) ressalta que esses classificadores são morfemas livres. Entretanto, nas línguas Arawak são morfemas presos, posicionados em um SN. Sendo assi, como observado em outras línguas, eles são próximos ao próprio nome ou dentro do limite do SN com outros elementos, tais como os determinantes, demonstrativos, pronomes dêiticos etc. A autora explica que eles são um tipo ignorado na literatura e, muitas vezes, a expressão 'classificador nominal' é frequentemente usada para se referir a todos os classificadores, especialmente para classificadores numerais (GRINEVALD, 2000). Porém, os classificadores nominais constituem um tipo de classificador e nas línguas Arawak investigadas, muitas vezes, são um dispositivo de derivação nominal ou frequentemente se comportam como tendo um papel anafórico. A seguir, verificaremos as línguas que exibem classificador nominal nas línguas Arawak selecionadas. Primeiramente, veremos esse tipo nas línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.2.1.2.1 Grupo Norte-Arawak

5.2.1.2.1.1 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro

Miranda (2020) não se atentou nos dados de Allin sobre os classificadores nominais. Nesse estudo, com um olhar mais cauteloso, verificamos que essa língua exibe classificadores nominais que ilustram a função de formar nomes através de outros nomes (N + CLF = N DERIVACIONAL). Os exemplos abaixo ilustram os classificadores nominais em Resígaro.

(247) Resígaro

a. -Hiiʔpa-***bábu***
Pé-CLF: 'AQUELE QUE PERTENCE ALGUÉM'[97]
'Sock, Stocking/Meia'

b. híve-***bábu***
Cabeça- CLF: 'AQUELE QUE PERTENCE ALGUÉM'
'Pillow/Almofada'

[97] Faz referência a um objeto utilizado por alguma parte do corpo.

c. Iní-***gahú***
Olho-CLF:ACIMA

‘Eyebrow/sobrancelha’

d. Atsáa-***gí***
Homens-CLF: HUMANO, MASCULINO E TODOS ANIMADOS NÃO-HUMANO

‘Man/Homem’

e. -Ké-***gú***
Mão-CLF: LONGO/PLANO

‘Finger/Dedo’

f. Kopáagí-***hí***
Dinheiro-CLF: REDONDO E PLANO

‘A coin/ Uma moeda’

g. Moótsi-*hú*
Dormir-CLF: LONGO/PLANO

‘Bed/Cama’

(ALLIN, 1976, p.154-155)

5.2.1.2.1.2 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana

Das línguas pertencentes a essse grupo apenas encontramos classificadores nominais em Baniwa de Içana e Tariana. Na língua Baniwa, os classificadores nominais também desenvolvem uma função derivacional, como podemos constatar abaixo.

(248) Baniwa de Içama

a. -Éetsha-***ápa***
Dente-CLF:ALONGADO

‘Gengiva’

b. –Hiwid-***áapi***
Cabeça-CLF:FORMA

‘Crânio’

c. –Dzawi-ta ‘flechar’
-Dzawithí-***apo***
Flecha-CLF:LONGO/FLEXÍVEL

‘Arco’

d. Ṯidzée-***na***
Fogo-CLF:TRONCO
‘Lenha’

(RAMIREZ, 2001, p.287, 288)

Em Tariana, Aikhenvald (2000b, p.97) afirma que os classificadores nominais são sufixados ao nome e especifíca a sua propriedade semântica. Assim, “todos os

classificadores são usados com sufixos nominais derivacionais"[98](AIKHENVALD, 2000b, p.97) e eles não podem ser usados anaforicamente[99]. Nessa língua, os classificadores nominais quando usados sobre um nome com um referente inanimado têm o efeito de focar em uma característica adicional de um nome, individualizando o seu referente. A autora explica que os nomes com referentes inanimados são intrinsicamente não marcados para número, quando usado sem o sufixo classificador, mas, caso o sufixo classificador seja adicionado, os nomes adquirem uma visão singular e podem ser pluralizados.

Aikhenvald (2000b, p.97) apresenta como exemplo *episi* que significa "ferro com substância" e ele não pode ser marcado para número e não pode ser pluralizado (*episi-pe → ferro + PL). Quando um classificador nominal é adicionado, ele adquire uma semântica mais concreta e é compreendido como se referindo a um objeto especificado para sua forma: *episi-kha* (Ferro-CLF: CURVADO → 'iron wire/ arame de ferro'; AIKHENVALD, 2000b, p.97), *episi-pi* (ferro-CLF: LONGO → 'long piece of iron/ um pedaço de ferro longo'; AIKHENVALD, 2000b, p.97). Para a autora, a escolha de um classificador é semanticamente transparente em alguns casos, no entanto, a relação semântica entre um classificador nominal e um nome não é tão óbvia em Tariana. Os classificadores nominais nessa língua podem desempenhar também uma função derivacional, como ilustrado a seguir.

(249) Tariana

a. *Episi* "Ferro, metal" → *episi-**aphi***
   Metal Metal-CLF:OCO
   'Panela de metal'

b. *Heku-**na*** → *-heku-**ita** > hekuta*
   Madeira-CLF:VERTICAL -madeira-CLF:ANIMADO
   'Remo'

c. Heku-da
   Madeira-CLF:REDONDO
   'Fruta da árvore'

(AIKHENVALD, 1994, p.216)

Das onze línguas investigadas do grupo Norte-Arawak, apenas três exibem o classificador nominal, são elas: Resígaro, Baniwa e Tariana. Todas elas mostram que esse tipo de classificador desempenha uma função derivacional. Contudo, tais exemplos não

[98] "All noun classifiers are used as nominals derivational sufixes"
[99] Nesse caso, os classificadores nominais não podem ser realizados como anáforas, caso esse em Tariana que é diferente da propriedade exposta por Aikhenvald (2000a).

exibem somente essa função, em Resígaro, por exemplo, pode ser termos de classe. Por ora, deixamos como classificadores, já que são sufixos presos e não um morfema que participa da gênese do léxico. Estudos posteriores devem ser realizados para verificar a questão dos classificadores nas línguas do grupo Norte-Arawak. Em seguida, verificaremos esse tipo de classificador nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.2.1.2.2 Grupo Sul-Arawak

5.2.1.2.2.1 Subgrupo Bolívia – Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Classificadores nominais é um tipo que não é comum nas línguas deste subgrupo. O que podemos sugerir, no momento, é um exemplo em Terena, retirado de Oliveira (2021) que pode fazer referência a um classificador nominal, que é o *–pu'i* 'CLF: arrendondado', como podemos verificar a seguir.

(250) Terena

a. Karixo-***pu'i***
Carijó-CLF:ARREDONDADO
'Galinha Carijó'

(OLIVEIRA, 2021, p.169)

Esse classificador não funciona como um sufixo formador de nome, mas faz alusão a um tipo de galinha ou salienta uma característica semântica do referente. Butler e Ekdall (1979) tratam de classificadores, mas utilizando um outro termo que elas denominam de 'qualificadores'. Esses qualificadores, muitas vezes, fazem menção para partes do corpo, plantas, localização, categorias físicas, mas na maioria das vezes, sempre acompanhando os verbos, sendo eles outro tipo de classificador que será tratado adiante. Em Baure não encontramos exemplos de classificadores nominais.

5.2.1.2.2.1 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti

A língua Waujá também exibe classificadores nominais desempenhando uma função derivacional, como podemos verificar a seguir:

(251) Wauja

a. /jala ˈki-***ɢa***/
Preto-CLF:LÍQUIDO
'Café'

b. /Akãj-***ɢa***/
Pequí-CLF: LÍQUIDO
'Mingau de Pequi'

c. /a ˈta-***ka/***
Madeira-CLF:PLANO

‘Tábua de madeira’

d. /ata-***pana***/
Madeira-CLF: FOLIFORME
‘Folha/dinheiro’

(POSTIGO, 2010, p.153 (a-b), p.154 (c), p.155 (d))

Nos exemplos acima, observamos que, os classificadores estão desempenhando uma função derivacional, ou seja, além deles exibirem um aspecto semântico dos seus referentes, sintaticamente eles podem formar novos itens lexicais, sendo um sufixo formador de nomes. O mesmo ocorre em Mehináku.

De Felipe (2020) afirma que em Mehináku, os classificadores nominais são usados para categorizar um referente nominal e, semanticamente, expressam propriedades dos nomes que modificam, tais como forma, dimensão, consistência, posição, estado (DE FELIPE, 2020). O autor afirma que alguns desses classificadores derivam de partes de plantas e podem ser usados com nomes que se referem a partes do corpo, objetos, partes de plantas etc, assim como ocorre nas outras línguas Arawak que exibem esse tipo de classificador. Como já mencionado, uma grande parte dos classificadores na língua Mehináku apresenta função derivacional, já que derivam nomes de um outro (N + CLF = N). Os exemplos retirados de De Felipe (2020) ilustram os classificadores nominais na língua Mehináku.

(252) Mehináku

a. Nɨ=kiʂa-***pi***
1sg=lábio-CLF:LINEAR
‘Meu lábio’

b. Nu=putaka=pai jalaki-***ja***
1SG=beber=IPFV preto-CLF:LÍQUIDO
‘Eu estou bebendo café’

c. Akai-***pie***
Pequi-CLF:PASTOSO
‘Massa de Pequi’

d. Ata-***ka***
Árvore-CLF: LARGO
‘Tábua’

(DE FELIPE, 2020, p. 292 (a); p. 294 (b); p.195 (c-d); p.297 (e))

Cobera-Mori (2005, 2007, 2011, 2012) em vários trabalhos sobre a língua Mehináku também identificou classificadores nominais, principalmente, desempenhando a função de sufixo formador, como nas palavras *ulũti* (*ulũ* ‘orelha’, *ti* ‘CLF: SEMENTE’ =

‘brinco’ ver CORBERA-MORI, 2012, p.134) *ulepe* (*ule* ‘mandioca’, *pe* ‘CLF: MASSA’ = beijú; ver CORBERA-MORI, 2012, p.135). Assim, como em Wauja e Mehináku, os classificadores nominais em Yawalapiti também desempenha a função derivacional, além de categorizar o referente nominal.

De acordo com Yawalapiti (2021), os classificadores nominais são presentes, mas bastante reduzidos. De acordo com o autor, o número de classificadores do Yawalapíti é somado em três tipos de classificadores. Assim como ocorre em Mehináku, esses classificadores podem vir junto com palavras que fazem partes do corpo, planta, forma, comprimento etc. Os exemplos abaixo exibem os classificadores nominais em Yawalapiti.

(253) Yawalapiti

a. N-iṣa-***ja***-la
   1SG-sangue-CFL: LÍQUIDO-MP
   ‘Meu sangue’

b. Nu-katula-***ja***
   1SG-mangaba-CLF: LÍQUIDO
   ‘Minha bola’[100]

c. Ata-***pana***
   Árvore-CLF: FOLIFORME
   ‘Caderno’

d. Kaṣaparu-*ti*
   Mesa-CLF:COMPRIDO
   ‘Mesa’

e. Nu-tsiri-*ti*
   1sg-orelha-CLF: COMPRIDO
   ‘Brinco’[101]

(TAPI-YAWAPITI, 2021, p. 116 (254.a); p.117 (253.b); p.119 (253.c-d-e))

[100] De acordo com Tapi-Yawalapiti (2021), a palavra para a fruta mangaba dá nome à ‘bola’ em Yawalapíti. O autor explica que isso se dá porque as bolas tradicionais eram feitas com folhas. Sendo assim, para confeccioná-las, eles ungiam um dos braços com o líquido pegajoso da mangaba. Aikhenvald (2000) que a escolha de um classificador é geralmente semântica. Contudo, em alguns casos, a relação semântica entre nomes e classificadores não é óbvia, como é o caso que ocorre na palavra para bola em Yalapiti. Para os Yawalapiti, a extensão da palavra mangaba para bola, faz referência para o classificador de nomes relacionados ao líquido, traço saliente da mangaba.

[101] Diferentemente das outras línguas (Waujá e Mehináku), em Yawalapiti, o classificador *–ti* faz referência ao comprimento, enquanto, nas outras línguas, faz alusão à semente. Outra situação interessante é que para os Yawalapiti, a palavra ‘brinco’ recebe o sufixo classificador de comprimento porque ele deixa a orelha mais comprida (cf. YAWALAPITI, 2021).

A última língua analisada deste subgrupo é Paresi-Haliti. Brandão (2016) explica que os classificadores em raízes nominais funcionam como elementos derivacionais em alguns compostos e, eles podem ser lexicalizados em nomes para introduzir itens culturais. Assim sendo, eles são sufixos formadores de nomes a partir de outros, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(254) Paresi

a. Kore-***natse***
Flecha-CLF: CILINDRICO
'Arma'

b. Kano-***li***
Braço-CLF: REDONDO
'Antebraço'

c. Txini-***tse***
Onça-CLF: PEQUENO
'Gato'

d. Wenore-***za***
Abacaxi-CLF: LÍQUIDO
'Chicha de abacaxi'

e. Kore-***tse***
Flecha-CFL: PEQUENO
'Pólvora'

(BRANDÃO, 2016, p. 278 (244.a-b-c-d); p.279 (254.d)).

Os morfemas classificadores deste subgrupo não mudam tanto de uma língua para outra, muitas vezes, tendo a mesma semântica. A função principal dos classificadores nominais nas línguas do subgrupo Paresí-Xingu é semelhante com que ocorre com as outras línguas analisadas, sendo um morfema derivacional. Adiante, verificaremos, os classificadores nominais em Maxinéri do subgrupo Piro-Apurinã.

5.2.1.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Apenas a língua Maxinéri exibe classificadores nominais do subgrupo Piro-Apurinã. Apurinã e Yine-Piro exibem outro tipo de categorização nominal que será tratado adiante. Em Maxinéri, os classificadores nominais também são morfemas formadores de nomes, derivando nomes que fazem relação com o nome de origem (cf. SILVA, 2013). Os exemplos, abaixo, exibem os classificadores nominais tendo uma função derivacional em Maxinéri.

(255) Maxinéri

a. ʃiki 'milho'

ʃiki-***xa***
Milho-CLF: LÍQUIDO

'Mingau de Milho'

b. Kimeka 'Mandioca'
Kimeka-***ʃa***
Mandioca-CLF: PLANTAÇÃO

'Plantação de mandioca'

c. ʧiʧi 'Fogo'
ʧiʧi-***pi***
Fogo-CLF: COMPRIDO

'Fosfóro'

(SILVA, 2013, p. 47(255.a); p. 48 (255.b-c))

5.2.1.2.2.4 Subgrupo Campa: Asháninka Perene, Caquinte e Nanti

Esse tipo de classificador é encontrado nas três línguas analisadas deste subgrupo. Em Ashaninka Perené, os classificadores nominais, como na maioria das línguas aqui analisadas, têm a função de formar novos itens lexicais, principalmente, nomes, mas também faz referência para alguma característica semântica do referente. Mihas (2015) afirma que os classificadores nominais constituem o maior conjunto de formas classificatórias que participam de operações derivacionais. A seguir, alguns exemplos de classificadores nominais encontrados em Asháninka.

(256) Asháninka

a. Aka o-ponkity-***a***
DEMS.ADV 3N.M-sistema de raízes-CLF: LÍQUIDO
Nija-***teni***
Água-CLF: CÔNCAVO, PLANO

'Here is the mouth of the stream/ Aqui é a foz do riacho'

b. Ant-atz-i-ro o-shinki-***a***-te
3N.M.A-fazer-PROG.REAL-3N.M.O 3N.M.POSS-milho-CLF: LÍQUIDO-POSS

'She was making her fermented corn drink/ 'Ela estava fazendo sua bebida fermentada de milho'[102]

c. Naranka-***mashi***
Árvore. Laranja-CLF: PLANO, LONGO

'Orange-tree orchard/Palmar de laranjeiras'

d. I-sompo-***ina***-ro i-ito-ki
3M.POSS-corcundo-CLF: ESFÉRICO 3M.POSS-cabeça-LOC

'The tumor is in his head/ O tumor está na cabeça'

e. Irotaki i-pai-t-ant-a-ri

[102] Faz referência a bebida tradicional denominada chicha. Neste caso, uma chicha de milho.

3N.M-EXH-FOC 3M.S-ser chamado-EP-APL-REAS-REAL-REL
Kiri-***to***-ri iroñaka
Palmeira-CLF: OCO, LONGO, RÍGIDO- NMLZ Agora

'That's why they call it 'pifayo palm bird', the one with a long beak/ É por isso que eles chamam de 'passarinho da palmeira pidato', aquele com um bico longo. '

(MIHAS, 2015, p.416 (256.a-b); p.417 (256.c); p.418 (256.d); p.421 (256.e))

Como já visto anteriormente, nem sempre a semântica dos classificadores vai ser tão óbvia, uma vez que muitos deles são utilizados em diferentes contextos. A semântica vai depender também de fatores culturais da comunidade, e também da forma como eles vêem o referente. No exemplo (256.e), em Ashéninka, por exemplo, o nome com classificador *kiritori* faz alusão ao bico do passáro que é semelhante a uma palmeira, por ser longo. O nome *'kiri'* junto com o classificador *'to'* deriva um nome para uma ave, ao qual o falante está se referindo. Isso também pode ser observado nos outros exemplos, não apenas em Ashéninka, mas em outras línguas aqui analisadas.

A língua Caquinte exibe um exemplo que atesta um classificador nominal derivando uma nova palavra, como podemos verificar a seguir:

(257) Caquinte

a. i-chokoti-t-a-na-ak-a paamari-***poki***=ki
3M-sentar-se-EP-ABL-PERF-REAL.A FOGO-CLF: LENHA=LOC

'Ele sentou-se ao redor da cozinha'

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.128)

O nome fogo, o classificador *poki* 'lenha' junto com o locativo *=ki* aparentemente está formando o nome para palavra cozinha na língua que parece ser *paamaripokiki*. Contudo, apenas um exemplo não permite definir se os classificadores nominais em Caquinte é produtivo ou não, ou nominal ou locativo, mas podemos hipotetizar a existência dele através dessa palavra.

E por fim, em Nanti, os classificadores nominais aparecem para serem sufixados em nomes alienáveis. Michael (2008) afirma que esse tipo de classificador é produtivo na língua. Assim como nas outras, em Nanti, muitas formas nominais são resultados da afixação do classificador que se tornam lexicalizados. A seguir, alguns exemplos de classificadores nominais em Nanti.

(258) Nanti

a. Nairo-***tsa***
Náilon-CLF:1. D FLEXÍVEL

‘Nylon thread (typically, nylon fishing line)' (nairo < nylon (Sp.))’/ fio de náilon (normalmente, linha de pesca de náilon)' *(nairo < náilon (Sp.)*) ’

b. Kuri-***kii***
Palmeira *(s.p)* -CLF: 1D RÍGIDO

‘Fishing arrowhead (a long, slender arrowhead made of kuri palm (Bactris gasipaes) wood) ’ / ‘Ponta de flecha de pesca (uma ponta de flecha longa e fina feita de madeira de palmeira *kuri (Bactris gasipaes)*) ’

c. Kapiro-***kota***
Bambu-CFL: LONGO

‘Game arrowhead (a broad, at arrowhead made of bamboo) ’/ ‘Ponta de flecha de jogo (uma ponta de flecha larga, feita de bambu) ’

d. Tsitsi-henka
Lenha-CLF: IMATERIAL

‘Soot’/ ‘Fuligem’

e. Saboro-kii
Cana selvagem-CLF:1D RÍGIDO

‘Cane stave’/ ‘Pau de Cana’

f. Saboro-kita
Cana selvagem-CLF: FROUXO, TECIDO

‘Cane mat’/ ‘Esteira de cana’

(MICHAEL, 2008, p.337 (258.a-d); p. 338 (258.e-f))

Ashéninka, Nanti e Caquinte são línguas que se assemelham pela morfologia. Em relação aos classificadores nominais, a função derivacional é produtiva em todas elas, assim como a categorização semântica dos referentes nominais. Por fim, a língua Amuesha não exibe uma descrição sobre classificadores. Sendo assim, não encontramos dados que possam estabelecer algum tipo de classificador nominal nesta língua.

Em suma, no que concerne às análises sobre os classificadores nominais nas línguas Arawak em geral, verificamos que, eles desempenham com bastante produtividade uma função derivacional, ou seja, além deles exibirem um aspecto semântico dos seus referentes, sintaticamente eles podem formar novos itens lexicais, sendo um sufixo formador, principalmente de nomes. Portanto, assim como outros morfemas derivacionais, os classificadores nominais podem formar novos substantivos a partir dos nomes em que eles se afixam. Adiante, examinaremos outro tipo de classificador que é o genitivo, ocorrendo em construções possessivas.

5.2.1.3 Classificadores genitivos, possuídos e relacional nas línguas Arawak

De acordo com Aikhenvald (2000a, p. 125) existem três formas de categorizar nomes em construções possessivas: (i) categorizando um nome possuído; (ii) categorizando a natureza semântica da relação entre o possuidor e o possuído e (iii) categorizando o possessor. Para a autora, os três tipos de categorização em construções possessivas são relativamente independentes um do outro. Grinevald (2000) não faz uma distinção de classificadores em construções possessivas, mas argumenta que esse tipo de categorização tem diferentes denominações: atributivo, genitivo, relacional ou possuidor. Eles não envolvem concordância (cf. AIKHENVALD, 2000a) e, assim como outros classificadores categorizam os nomes em termos de animacidade, forma, tamanho e estrutura. De acordo com Aikhenvald (2019) a função essencial desses classificadores é ocorrer em construções possessivas, caracterizando o possuidor em termos de suas propriedades inerentes

Estes classificadores são, geralmente, afixados para marcar a posse e semanticamente classificam o nome possuído. Grinevald explica que este sistema de classificador seleciona um conjunto limitado de nomes das línguas para categorização. Aikhenvald (2000a) argumenta que os classificadores possuídos não caracterizam o tipo de relação entre o possuidor e o possuído, ou seja, eles não necessitam estar inter-relacionados ou depender da distinção entre posse alienável e inalienável. Contudo, em algumas línguas, esse tipo de classificador pode ser usado apenas com nomes alienavelmente possuídos. Esse tipo de classificador é encontrado em línguas da Oceania (cf. Aikhenvald, 2000a).

Nas línguas Arawak selecionadas, ele não é um tipo tão comum, ocorrendo apenas nas línguas do grupo Norte-Arawak, em um número reduzido de cinco línguas, são elas: Wapixana, Palikur, Garifuna, Baniwa e Tariana. Curiosamente, nas treze línguas do grupo Sul-Arawak selecionadas para essa tese, não exibem descrições sobre classificadores genitivos, sendo um tipo não comum. Deste modo, estudos futuros sobre a diacronia ou contato devem ser realizados para averiguar o porquê da não existência de descrições desse tipo de classificador nas línguas do grupo Sul-Arawak. Adiante, verificaremos os classificadores genitivos nas cinco línguas do grupo Norte-Arawak.

5.2.1.3.1 Grupo Norte-Arawak

5.2.1.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Na língua Wapixana, os classificadores genitivos são agregados ao possuidor e têm uma função discursiva-pragmática em que o próprio classificador substitui o nome que é ausente (SANTOS, 2006). Santos (2006) afirma que em Wapixana, os classificadores genitivos são apenas usados na ausência de nomes, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(259) Wapixana

a. Suẓaẓ awaɨt-a-n wa-puna:
Soldado impedir-EP-MT 1PL.POSS-CLF: EXTENSÃO
'O Soldado impediu nosso caminho'

b. ũ-ɖap sabi-a-n ipei
1POSS-CLF: HABITAÇÃO goteja-EP-MI toda
'Coteja toda a minha casa'

(SANTOS, 2006, p. 121 (a); p.122 (b))

Observamos que, nos exemplos (259.a-b) retirados de Santos, o classificador de extensão *–puna* e o classificador de habitação *-ɖap* substituem os nomes para caminho (que na língua é *ɖɨnap*) e casa (que na língua é *kabaɨn*). Outros exemplos de classificadores genitivos são dados a seguir. Eles ocorrem com nomes que são possuídos alienavelmente na língua, reforçando a proposta de Aikhenvald (2000a) que o classificador genitivo ocorre majoritariamente em nomes alienáveis.

c. Ũgaʈɨ ẓim
1SG.POSS CLF: FOGO
'Meu fogo'

d. ũ-ʃimak
1SG.POSS-CLF: FLEXÍVEL
'Minha rede'

(SANTOS, 2006, p.123)

No exemplo (259.c) acima, o classificador aparece como uma forma livre. Até o momento, este foi o único exemplo de classificador como morfema livre nas línguas Arawak, já que eles são predominantemente sufixados. A seguir, verificaremos o classificador genitivo em Palikur.

5.2.1.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

O estudo mais completo de classificadores genitivos em Palikur é o de Aikhenvald e Green (1998). As autoras utilizam o termo 'classificador possessivo' e o uso desses classificadores são restritos para referentes de nomes alienavelmente possuídos.

Aikhenvald e Green (1998) argumentam que a relação semântica entre o classificador e o nome possuído é *específico-genérico*. Os referentes são classificados de acordo com suas funções, ou as formas em que eles podem ser nucleados. Deste modo, frutas podem ser relacionadas com classificadores referentes à alimentos ou plantação e animais podem fazer alusão aqueles que são domesticados (ou seja, pet), ou aqueles que podem ser capturados (ex. caça) para comida. Os exemplos, abaixo, ilustram os classificadores genitivos em Palikur.

(260) Palikur

a. Gi-***pig*** pewru
   3M.POSS-CLF: PET cachorro
   'His dog' / 'Cachorro dele '

b. Gi-***pig*** muton
   3M.POSS-CLF: PET carneiro
   'His Sheep'/ 'Carneiro dele'

c. Pi-***mana*** uwas
   2POSS-CLF: FRUTA laranjas
   'His oranges'/ 'Suas laranjas'

d. N-***amutra*** pilatno
   1POSS-CLF: PLANTA banana
   'My banana plant'/ 'Minha bananeira'

e. Nu-***win*** arudiki
   1POSS-CLF: CAÇA anta
   'My catch-tapir ('the tapir I caught') '/ Minha caça de anta (a anta que eu capturei')

f. Nu-***kamkayh*** awaayg
   1poss-clf: criança menino (criança)
   'My son' / 'meu filho'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p. 460)

5.2.1.3.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo norte: Garifuna

A língua Garifuna exibe com bastante produtividade os classificadores genitivos, denominado por Haurholm-Larsen (2016), por classificadores relacionais. De acordo com Aikhenvald (2000a), os classificadores relacionais são diferentes dos outros classificadores, uma vez que eles apenas caracterizam uma relação possessiva entre os nomes, eles também não envolvem concordância e são quase sempre encontrados em construções de posse alienável. Os exemplos abaixo exibem os classificadores relacionais em Garifuna.

(261) Garifuna

a. N-***égygan*** hudútu
1POSS-CLF: NÃO CARNE banana.massa
'My banana mash/ 'Minha massa de banana'

b. N-***úyi*** údereü
1poss-clf: carne peixe
'My fish'/ 'Meu peixe'

c. N-***uníye*** charígi
1POSS-CLF: LÍQUIDO toranja
'My grapefruit'/ 'minha toranja'

d. B-ánu mamádi
2POSS-CLF: GERAL manati (tipo peixe-boi)
'Your mamati'/ 'Meu mamádi'

e. N-ilûgün ównli
1POSS-CLF: DOMÉSTICO cachorro
'My dog'/ 'Meu cachorro'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p. 60 (261.a-b-c); p.61 (261.d-e))

5.2.1.3.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana

As duas línguas que exibem classificadores genitivos deste subgrupo é Baniwa e Tariana, ambas não exibem muitos exemplos sobre esse classificador, contudo, esse tipo pode ser atestado nesses idiomas. Ramirez (2001) explora alguns tipos de classificadores, mas seu estudo sobre os genitivos é confuso e muito preliminar. Aikhenvald (1994; 2007) faz um estudo sobre os múltiplos classificadores nesta língua e apresenta exemplos de classificadores em construção possessivas, como podemos verificar a seguir.

(262) Baniwa

a. Kiniki Nu-ʣa-***phi***
Roça 1SG-POSS-CLF: ESP
'A roça é minha'

b. Hrie ʧ͡ʃ̀ipaɾa-***api***
DEM.PROX.N.F.SG metal.objeto-CLF: OCO
Nu-daʐ̩-***api***
1SG-POSS-CLF: OCO
'This pan is mine'/ 'Essa panela é minha'

(AIKHENVALD, 1994, p.201 (261.a); AIKHENVALD, 2007b, p.479 (262.b))

Diferentemente, do que ocorre com as outras línguas, os classificadores genitivos na língua Tariana ocorrem tanto com nomes alienáveis quanto em nomes inalienáveis, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(263) Tariana

a. Posse Inalienável
Nu-ya-***da*** nu-hwida
1SG-POSS-CLF: REDONDO 1POSS-cabeça
'My head'/ 'Minha cabeça'

b. Posse Alienável
Nu-ya-***di*** sĩpi
1SG-POSS-CLF:LONGO Zarapatana
'My blowgun'/ 'Minha zarapatana'

(AIKHENVALD, 2000b, p.96)

Nas línguas Baniwa e Tariana há um morfema que indica posse antes do classificador: *-dza {-daz}* e *–ya,* aparentemente semelhantes. Na língua Tariana, é importante mencionar o SN *sĩpi* "Zarapatana" diferente do *Hwida* "cabeça" não recebe marcação de posse. Aikhenvald (2000b) afirma que em Tariana, os classificadores de posse podem ser usados também em construções anafóricas, como ilustrado a seguir:

(264) Classificadores genitivos em construções anafóricas em Tariana

a. Aĩ-nuku pai-ya-dapana
Aqui-TOP.NON.A/S padres-POSS-CL:HABITAÇÃO
Irukuitaka di-dana-miki-ri
Próximo 3SG.N.F-escrever-VELHO-M
Di-sua-thaka
3SG.N.F-CONTRARY.TO.EXPECTION

'Over here, near the church (lit. the house of prieces) there is an old sign (of the adventures of a mythical hero) '
'Por aqui, perto da igreja (lit. a casa dos precios) existe um antigo letreiro (das aventuras de um herói mítico) '.

(AIKHENVALD, 2000b. p.96)

Deste modo, verificamos que, os classificadores genitivos são um tipo morfossintático não predominante nas línguas Arawak, sendo presente apenas em cinco línguas du grupo Norte-Arawak. Eles ocorrem, principalmente, com nomes alienáveis e junto com o possuidor. Adiante, verificaremos, os classificadores verbais.

5.2.1.4 Classificadores verbais nas línguas Arawak

Para Grinevald (2000) e Aikhenvald (2000a), o classificador verbal é incorporado dentro do verbo, categorizando o referente do seu argumento em termos de sua forma,

consistência, tamanho, estrutura, posição e animacidade. Segundo Aikhenvald (2000a), a escolha do classificador verbal é predominantemente semântica. Geralmente, esses classificadores categorizam semanticamente o sujeito em uma oração intransitiva ou o objeto em uma oração transisitiva e também podem ocorrer com ambas, dependendo do sistema da língua. A autora ressalta que cada nome em uma língua não necessariamente requer um classificador verbal e alguns nomes podem ser associados com mais de um classificador (AIKHENVALD, 2000a).

Em consonância com Aikhenvald (2000a), o inventário de classificadores verbais varia de número e a sua escolha é baseada na seleção lexical ao invés de concordância gramatical. Assim, "classificadores verbais são, portanto, uma subclasse de dispositivos de categorização nominal não concordante"[103] (AIKHENVALD, 2000a, p.149). Aikhenvald (2000a) argumenta que o uso de classificadores verbais é frequentemente limitado para certos grupos semânticos dos verbos. Segundo a autora, esse tipo de classificador tem sido descrito em línguas da América do Norte e da Austrália.

Grinevald (2000) assinala que os classificadores verbais podem ser de dois tipos. O primeiro é uma construção de classificador incorporado, no qual, o classificador é ainda reconhecível como um nome genérico. A autora explica que os classificadores desta incorporação ainda transparente é um tipo semelhante àqueles denominados nominais. O outro tipo de classificador verbal é mais semelhante por sua semântica ao tipo de classificadores numerais. Ele consiste em afixos classificatórios verbais que referenciam semanticamente o argumento do predicado. Aikhenvald (2000a) ressalta que os classificadores verbais afixados frequentemente desenvolvem-se a partir da incorporação nominal, algumas vezes (como ocorre nas línguas Arawak), os dois subtipos podem coexistir, refletindo diferentes estágios de gramaticalização (AIKHENVALD, 2000a). Recorrentemente, nas línguas indígenas da América do Sul, os classificadores verbais são utilizados para fazer referência de um nome já introduzido no discurso, portanto, podem ser frequentemente usados anaforicamente. Os classificadores verbais são um tipo comumente encontrado nas línguas Arawak investigadas neste estudo. Como veremos a seguir.

[103] Verbals classifiers are thus a subclass of non-agreeing noun categorization devices.

5.2.1.4.1 Grupo Norte-Arawak

5.2.1.4.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

A língua Wapixana exibe classificadores verbais que está interno nas raízes verbais, realçando alguma característica semântica saliente de um argumento verbal. Como é ilustrado a seguir.

(265) Wapixana

a. Ũ-nizu[104]-***b***-a:an-a-n kan-ɨzᵸ-biʔ
1-tipiti-CLF: MASSA-INTER-EP-MI Mandioca-TCL: NÃO DISCRETO-TCL: MASSA

'Espremo a massa de mandioca no tipiti'

b. Ɨ-ʃa-zu-***bizᵸ***-ni: kaʔɨzᵸ-kin
3M-TCL: ESPARSO-TCL: OCO-CLF: MASSA-NPRES Panela-TCL: CONTINENTE
Kɨba-ja-ʔu
Pedra-?–ADJZ

'Ele despedaçou a panela de barro'

c. Ũ-ʃa-zu-***ɖa***-n-ni: kukunut
1-TCL: ESPERSO- TCL: OCO-CLF: REDONDO-MI-NPRES Coco
Pa-zᵸikun-?-na
ANF-meio-?-MAN

'Eu vou partir o coco no meio'

(SANTOS, 2006, p. 125)

Santos (2006, p.125) argumenta que o classificador *–b* (CFL: MASSA) se encontra no interior da forma verbal *ũnizu**b**a:anan* 'espremo', caracterizando o argumento do verbo *kan-ɨzᵸ-biʔ* 'mandioca', quanto a sua consistência, ou seja, mandioca enquanto massa espremida pelo *nizu* 'tipiti' e não *kanɨzᵸ* (Mandioca-TCL: NÃO DISCRETO) 'mandioca' em seu estado natural. Os outros exemplos (264.c-d) seguem a mesma linha de raciocínio da análise do autor em (a). Os exemplos trazem os classificadores *-bizᵸ* (cfl: MASSA) e *-ɖa* (CLF: REDONDO) no interior das raízes verbais *ɨʃazu**biz**ᵸni:* 'despedaçar' e *ũʃaɖanni* 'partir' que estão categorizando semanticamente as propriedades salientes dos argumentos verbais. Outros tipos de classificadores verbais encontrados em Wapixana por Santos (2006) é com o classificador *-ɨzᵸ* (CFL: NÃO DISCRETO), como podemos verificar abaixo:

d. Ũ-t-***ɨzᵸ***-ni: w-ɨn
1-beber-CLF: NÃO DISCRETO-NPRES água-TCL: NÃO DISCRETO
Wadiɖi-ʔu
Frio-ADJZ

[104] Santos (2006) não deixa claro se as formas verbais nos exemplos acima são nomes que estão derivando verbos ou se são verbos, apenas argumenta que classificadores podem exibir uma função derivacional de acordo com a proposta de Aikhenvald (2000).

‘Eu bebi água fria’

e. Ũ-t-***iɻ***-a-n-ni: Tapiʔ-iɻ-aba
1-beber-CLF: NÃO DISCRETO-NPRES Gado-TCL: NÃO DISCRETO-F
ɖɨn-ɨ:
Seio-TCL: NÃO DISCRETO

‘Eu vou beber leite de vaca’

(SANTOS, 2006, p.126)

Segundo Santos (2006), o classificador ***-iɻ*** (CLF: NÃO DISCRETO) localizado no interior das formas verbais *Ũ-t-**iɻ**-ni:* ‘ eu bebi’ e *Ũ-t-**iɻ**-a-n-ni:* ‘eu vou beber’ está caracterizando semanticamente os respectivos argumentos verbais *wɨn waɖiɖiʔu* ‘água fria’ e *Tapiʔiɻaba ɖɨnɨ:* ‘gado-seio’. Em consonância com Santos (2006), o termo “não discreto” não parece ser o mais adequado nesses exemplos, uma vez que é possível identificar que este classificador está se referindo a uma propriedade semântica do nome que é líquido na língua. Contudo, ele o usa como “uma maneira de reunir, sob um mesmo rótulo, conteúdos semânticos que, embora apresentando distinções nas línguas ocidentais mais conhecidas (água, sangue poderiam ser entendidos como líquidos) ” (SANTOS, 2006, p.127). A seguir, verificaremos os classificadores verbais na língua Palikur.

5.2.1.4.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

A língua Palikur exibe os classificadores verbais em distribuição complementar (cf. AIKHENVALD, 2000a). Aikhenvald e Green (1998) explicam que os classificadores verbais em Palikur são tipologicamente incomum em duas formas. Primeiramente, existem dois conjuntos de classificadores verbais. Um conjunto é usado em verbos estativos para referir-se ao sujeito ou para o núcleo se um verbo estativo é usado como modificador. Já outro tipo é usado em verbos transitivos, para referir-se aos objetos desses verbos e aos sujeitos derivados de verbos passivos destransitivizados. Segundo, o uso de classificadores verbais é restrito para certos tipos semânticos de verbos, seja ele estativo ou transitivo. Os exemplos, a seguir, ilustram os classificadores verbais em diferentes tipos verbais.

(265) Classificadores verbais em construção de verbos estativos

a. Gu-sipri puhi-***pti***-ye
3SG.F-pena Preto.V-CLF: IRREGULAR-DURN.F

‘Her (the bird's) feathers are black all over/are completely black’/ 'As penas dela (do pássaro) são totalmente pretas/são completamente pretas. ’

(266) Classificadores verbais em construção de verbos transitivos

a. Ig pituk-***mina***-wa a-r-iw
3M quebrar-CLF: VERTICAL-REFL 3N-EP-Longe de

‘He broke (himself) out of the cord. (Lit. He broke his own vertical parts (i.e., his arms and legs), which were tied by a cord) ’/ ‘Ele quebrou (a si mesmo) fora do cordão. (Lit. Ele quebrou suas próprias partes verticais (ou seja, seus braços e pernas), que estavam amarradas por uma corda) ’.

(267) classificadores usados no sujeito (como tópico)

a. Gu-apitiw wanak-***pita***-ka a-kak mawru
3F-cabeça amarrar-CLF: IRREGULAR-PASS 3N-com algodão
‘The head [of the rattle] is tied (all over) with cotton’/ ‘A cabeça [do chocalho] é amarrada (toda) com algodão’

(AIKHENVALD, 1998, p.449 (a, b); p.451 (c))

Aikhenvald e Green (1998) assinalam que os classificadores verbais são usados apenas se o verbo estativo descreve o envolvimento completo do sujeito ou da construção modificadora de núcleo. Em (265.a), o classificador *-pit* (CFL: IRREGULAR) é usado para indicar a escuridão completa da pena de pássaro. Já com verbos transitivos, os classificadores só podem ser usados quando há contato físico direto com o objeto, seja por uma ação física como em (266.a) ou de verbos posicionais, tais como, ‘pendurar’, ‘ficar de pe’, ‘deitar’. As autoras também argumentam que é mais provável que o classificador seja usado se o objeto ou sujeito estiverem em tópicos, como no exemplo em (267.c). A seguir, verificaremos os classificadores verbais no subgrupo Alto Rio Negro.

5.2.1.4.1.3 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana

Conforme Ramirez (2001b), as formas verbais nominalizadas e que funcionam como orações relativas dentro dos sintagmas nominais, utlizam, geralmente, classificadores. Em particular, o autor argumenta que os deverbais *–ka* (nominalizador orientado para o sujeito) e *–ni* (nominalizador orientado para o objeto) são sempre sugeridos por um classificador (cf. RAMIREZ, 2001b). Nos exemplos, a seguir, os deverbais estão funcionando como um morfema relativizador.

(268) Baniwa de Içana

a. I-eeni-pe-ṯi i-hiwa-***ka***-da-wa li-hiniko
Criança CON-CAIR-NMLZ-CLF: CRIANÇA-MED 3N.F.SG-levantar-se
li-enna
3N.F.SG-de pé

‘A criança que caiu e se levantou’

b. Aapi no-iinoa-ni-khaa aa-ṯoaoni inipo-l̠iko
Cobra 1SG-matar-NMLZ-CLF: COBRA estar-PERST-3N.F.SG Caminho-em

‘A cobra que matei ainda está no caminho’

c. Kaphaa-neemi-ka pi-aanhe-ni-iita ajaaNhV
Haver-ter-SUB 2SG-conhecer-NMLZ-CLF: N.F.ANIMADO aqui

'Há (alguma pessoa) que tu conheces aqui?

(RAMIREZ, 2001, p.307 (a-b); p. 308 (c))

Aikhenvald (2007) também exibe alguns exemplos que mostram os classificadores verbais na língua Baniwa.

d. Aʧʃiãri pi-a-n-iita paɾata
Homem 2SG-dar-NMLZ-CLF: N.F.ANIMADO dinheiro

'The man was given money by you'/ 'O homem recebeu dinheiro de você'

e. Apa-ma inaʒu i-mutu-ka-ma
Um-CLF: FEM mulher IND-partir-NMLZ-CLF: FEM

'One woman who left'/ 'Uma mulher que partiu'

(AIKHENVALD 2007, p.481 (d); p. 482 (e))

A última língua a ser analisada do Grupo Norte-Arawak é o Tariana que exibe classificadores verbais, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(269) Tariana

a. *Iːnaɾi di-naku-ni-ma-pe-**se*** *ihya*
Mucura 3SGNF-ter relação-TOP.ADV-CLF: FEM-PL-RESULT 2PL

'You two (womam) were swived by the mucura rat (said the bird to the mythical women'/ 'Vocês duas (mulheres) foram recebidas pelo rato mucura (disse o pássaro para as mulheres míticas) '

b. Ne-se di-musu dy-uka pani-si
Então-loc 3SG.N.F-sair 3SG.N.F-chegar casa-N.POSS
Di-uma-pidana diha aɾia-hyu-***dapana***
3SG.N.F-olhar para-REM-P.INFR 2PL Ficar-PURP-CLF: HABITAÇÃO

'Them he went and looked for a house for himself to live in'/ 'Eles foram e procurou uma casa para se viver'.

c. Diha waliki-ɾi di-dia-pidana di-a diha
Ele novo-homem 3SGNF-retornar-REM.P.INFR 3SGNF-ir ele
Walikasu di-ña-ni-***dapana***-se
Novamente 3SGNF-viver-TOP-ADV-CLF: HABITAÇÃO-LOC

'The young man went back, he went to the (house) in which he lived'/ 'O jovem voltou, ele foi para a (casa) em que morava'

(AIKHENVALD, 2000b, p.96 (a-b); p.97 (c))

Aikhenvald (2000b) afirma que o classificador em (269.a) está funcionando como um marcador de voz de avanço de tópico[105]. Em (269.b) está marcando o sujeito de uma

[105] Em inglês: topic-advancing voice

construção propositada e, por fim, em (269.c) o classificador verbal é usado anaforicamente. Em suma, os classificadores verbais comportam-se de maneira semelhante em todos as 4 línguas que exibem esse tipo. Adiante, verificaremos, os classificadores verbais nas línguas do Grupo Sul-Arawak.

5.2.1.4.2 Grupo Sul-Arawak

Nas línguas do grupo Sul-Arawak, encontramos descrição sobre esse tipo de classificador em sete línguas, sendo este tipo mais recorrendo neste grupo do que nas línguas do grupo Norte-Arawak. As línguas que exibem classificadores incorporados aos verbos são: Terena, Baure, Paresi, Yawalapiti, Ashéninka, Caquinte e Nanti. Todas elas são descritas a seguir.

5.2.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato-Grosso: Terena e Baure

Butler e Ekdall (1979) foram as primeiras a observar os classificadores na língua Terena, no qual elas denominam de 'qualificadores'. De acordo com as autoras, os verbos podem ser classificados de acordo com a presença ou ausência de elementos qualificadores e designam propriedades que são vinculadas com a parte do corpo ou categorias fisícas. Como podemos verificar em *Oye**pu'i**koti* 'Está cozinhando (coisas redondas, cf. BUTLER E EKDALL, 1979, p.144) '. Em que ***pu'i*** (CLF: 'REDONDO, EM CIMA') está alocado ao verbo *oyé* 'cozinhar' designando uma propriedade semântica do referente a ser cozinhado (algo arredondado). As autoras não sistematizam muito bem esses qualificadores, mas deixa aberto a hipótese de que eles, na verdade, podem ser classificadores verbais que designam uma propriedade semântica dos argumentos do verbo.

Oliveira (2021) faz uma releitura sobre os classificadores em Terena e argumenta que, nesta língua, os classificadores concordam com o argumento interno do predicado, ou seja, com o objeto, fazendo referência à sua propriedade física ou localização. A autora divide os morfemas classificadores de incorporação, uma vez que, a autora exibe em seus dados morfemas de parte do corpo que atuam tanto com incorporação quanto classificador e também com verbos descritivos (OLIVEIRA, 2021).

Oliveira (2021) explica que existe vários casos em que o mesmo morfema pode ocorrer como incorporação ou em outra situação contextual como classificador. O próprio *pu'i* mencionado acima, ocorre como nome incorporado quando faz referência a cabeça (parte do corpo humano) e como classificador quando o sentido é de arredondado. Os exemplos abaixo exibem os classificadores, ocorrendo em construções verbais em Terena.

(270) Terena

a. Ø=ma-***pu'i***-k-o naranja
3=descascar-CLF: ARREDONDADO-VBLZ-VT laranja

'Ele descasca a laranja'

b. Ø=oye-***na***-k-o-ti xupu
3=cozinhar=CLF: RAIZ-VBLZ-VT-DUR mandioca

'Ele está cozinhando mandioca'

c. Kipo-***ik***-ino-ti ope-ti-na vaka
Lavar-CLF: LONGO, RÍGIDO-BENF-VT-DUR osso-N.ESP.POSS vaca
Tamuku ra-xuaum
Cachorro FOC-João

'O João está lavando o osso para o cachorro'

d. Ø=oye-ˈ***é***-ka-ti
3-cozinhar-CLF: N. ESP-VBLZ-VT-DUR

'Ele está cozinhando (alguma coisa) '

(OLIVEIRA, 2021, p. 170)

Danielsen (2007) trata de classificadores verbais como um processo de incorporação, o que não deixa de ser, uma vez que esse tipo também ocorre dentro da raiz verbal. Contudo, ele não diminui a valência do verbo (como ocorre na incorporação de nomes), mas sim categoriza semanticamente os argumentos dele. Os exemplos, abaixo, ilustram os classificadores verbais em Baure.

(271) Baure

a. Ro=aromo-***se***-wapa to yašor
3SG.M=afundar-CLF: OVAL-WAPA ART Barco

'The boat has sunk'/ 'O barco afundou'.

b. Ro=ni-***po***-a-po šep
3SG-M=comer-CLF: PEQUENO-LK-PRFLX cebolinha

'He ate chivé'/ 'Ele comeu cebolinha'

c. Ro=aro-***čipi***-a-wo
3SG.M=subir-CLF: TOPO-LK-COP

'He is climbing the back of an animal'/ 'Ele está subindo na costa (de um aninal) '

d. Ni=ešie-ˈ***e***-ko-wo to kahap
1sg=esmagar-CLF: N.DOCE-ABS-COP ART Mandioca

'I am crushing manioc (some of it) '/ 'Estou esmagando mandioca (um pouco) '.

(DANIELSEN, 2007, p. 207 (271.a); p.209 (271.b); p.210 (271.c); p.211 (271.d))

5.2.1.4.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Das quatro línguas que compõem esse subgrupo, apenas encontramos dados de classificadores verbais em Yawalapiti e Paresi. A língua Yawalapiti, aparentemente, exibe o classificador verbal. Porém, apenas encontramos um exemplo como podemos verificar a seguir:

(272) Yawalapiti

a. Ata-pana ku'ka 'iru kana-***pa 'na***
Árvore-CL: FOLHA PAS DEM.FEM morrer-CLF: FOLHA

'A árvore seca (a folha que morreu) está aí'

(MIJUCA, 1992, p.48)

Neste exemplo observamos que, o classificador *–pana* (CLF: FOLHA) está alocado na raiz verbal *-kana,* fazendo referência ao argumento externo (sujeito) da sentença.

Outra língua que exibe classificadores verbais é Paresí. De acordo com Brandão (2016), eles ocorrem em verbos intransitivos, fazendo referência ao sujeito da sentença ou argumento oblíquo e, também, em verbos transitivos, fazendo referência ao objeto direto ou argumento oblíquo no verbo (BRANDÃO, 2016). Os classificadores também são usados como elementos anafóricos, quando o sujeito já foi identificado no discurso. Os exemplos, abaixo, exibem os classificadores verbais em Paresi.

(273) Paresi

a. Nilva Ø=itsoa-***tse***-henna
Nilva 3SG=entrar-CLF: PEQUENO-TRS

'Nilva (a baixinha) entrou'

b. Ø=holikoa-***natse***-tya
3SG=dançar-CLF: CILINDRO-TH

'Dançou em cima do tronco'

c. Halakoa iya Ø=hityo-katse-tya mairoka-tse
Rasgar IRR 3SG=cortar-CLF: COMPRIDO-TH mandioca-CLF: PEQUENO

'Eles cortaram pedaços pequenos e compridos de mandioca'

d. Inityohali-ti-henaha xaka-***za***-tya minita
Adulto-MASC.N.POSS-TRS-PL atirar-CLF: LÍQUIDO-TH sempre

'Quando eles estavam crescendo, eles sempre pescavam com flechas (lit. Quando eles estavam crescendo, eles sempre atiraram na água).

e. Tyoma-***hoko***-hena
Fazer-CLF: LÍQUIDO-TRS

'Fizeram beijú'

(BRANDÃO, 2016, p. 280 (273.a-b-c); p.281 (273.d); p.282 (273.e))

Nos exemplos (273.a-b) os classificadores estão referindo-se ao sujeito da oração, enquanto em (272.c), ao objeto. Em (273.d), o classificador faz alusão ao argumento oblíquio, expressando o lugar. E por fim, em (273.e), o classificar é usado como elemento anafórico. A seguir, verificaremos os classificadores verbais nas línguas do subgrupo Campa.

5.2.1.4.2.3 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

Todas as três línguas investigadas neste subgrupo exibem classificadores com verbos, categorizando os argumentos do verbo intransitivo e transitivo. Eles também funcionam como elementos anafóricos. Mihas (2015) afirma que em Ashéninka Perené, há dois tipos de classificadores: *-ampori* (CLF: PISTA) e *–ako* (CLF: RECIPIENTE) que ocorre em verbos apenas. A autora argumenta que, cada um desses classificadores, seleciona um número limitado de raízes verbais. Por exemplo, *-ampori* é encontrado em verbos tais como *ñ 'ver', kin 'ir em uma direção' e oja 'seguir'*. Já *–ako* é restrito ao subconjunto dos verbos de lugar, tais como *v 'colocar', saik 'estar em', p 'dar'*. Como dito anteriormente, tais classificadores têm, predominantemente, um sentido anafórico em Ashéninka. Os exemplos, abaixo, exibem os classificadores verbais nesta língua.

(274) Ashéninka

a. No-ñ-***ampoiri***-t-ak-i-ri i-tzi samani
1SG.A-ver:CLF: PISTA-EP-PFV-REAL-3M.O 3M-POSS-pé paca
'I saw the tracks of paca feet'/ 'Vi rastros de pés de paca'

b. Oija-***mpoiri***-tz-i-ri
1PL.A-seguir-CLF: PISTA-EP-REAL-3M.O
'We followed his tracks' / 'Nós seguimos seus rastros'

c. O-kin-***ampoiri***-tz-i-ri
3N.M.S-ir-CLF: PISTA-EP-IRR-3M.O
'Its tracks go in this direction' / 'Seus rastros vão nesta direção'

d. poña a-v-***ako***-t-ak-i-ro
CONN 1PL.A-colocar-CLF: RECIPIENTE-EP-PFV-REAL-3N.M.O
a-kant-tz-i a-m-pasonki-t-e-ri
1PL.S-agradecer-EP-REAL 1PL.A.-IRR-agradecer-EP-IRR-3M.O
Pava
Pava (Divindade)
'Then we will place it [the new gourd which contains manioc beer] aside, [because] she says that we should thank Pava. ' / Aí a gente vai colocar [a cabaça nova que contém a cerveja de mandioca] de lado, [porque] ela diz que a gente tem que agradecer a Pava. '

e. [paamari o-na-tz-i] [saik-***ako***-t-atsi-ri=ranki
Fogo 3N.M.S-ser-EP-REAL estar em-CLF:RECIPIENTE-EP-ESTADO-REAL=ANT
pachaka-ki]
fundo da cabaça-LOC

‘It was fire which had been kept contained in the gourd. ’ / ‘Era o fogo que estava contido na cabaça. ’

f. o-p-***ako***-t-ak-i-ri pajo-ki
3N.M.A-dar-CLF: RECIPIENTE-EP-PFV-REAL-3M.O prato-LOC

‘They gave him [manioc beer] contained in a bowl. ’/ ‘Deram-lhe [cerveja de mandioca] contida numa tigela. ’

(MIHAS, 2015, p. 424 (a); p. 425 (b-c-d-e-f)).

A língua Caquinte exibe classificadores verbais que são alocados aos verbos, como podemos verificar a seguir:

(275) Caquinte

a. i-sheka-***ki***-t-ak-a-ro i-seβaNtoki-te
3M-comer-CLF: PEQUENO, REDONDO-EP-PFV-REAL-3.F.O 3M-úvila-POSS

‘Se comió sus uvillas’/ ‘Ele comeu suas úvulas’

b. Pi-kem-a-***heNka***-ak-i-ro
2SG-ouvir-EP-CLF: IMATERIAL-PFV-REAL-3F.O

‘Ya lo has escuchado (y. su cuento/voz) ’/ ‘Você já ouviu (sua história/voz) ’

c. o-kiβa-a-***tsara***-t-ak-i-ro
3F-lavar-EP-CL:ROUPA-EP-PFV-REAL-3F.O

‘Ella le lavó su ropa (La cushma que llevaba su esposo) ’/ ‘Ela lavou suas roupas (ou seja, a roupa do seu esposo). ’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.129)

E por fim, a língua Nanti que, na maioria dos casos, ocorre da mesma forma como nas outras línguas Arawak. Porém, um caso interessante é verificar dois tipos de fenômenos ocorrendo simultaneamente: incorporação de nomes e classificadores (cf. MICHAEL, 2008). Em seguida, alguns exemplos de classificadores verbais em Nanti.

(276) Nanti

a. O=maka-***kita***-na-ak-i
3N.M.S=apodrecer-CLF: MATERIAL-ABL-PFV-REAL.I

‘It began to rot (speaking of a mat). ’/ ‘Começou a apodrecer (falando de um tapete). ’

b. No=sagu-***boki***-i
1S=jogar água em-CLF: FOGO-REAL.I

‘I am throwing water on the fire. ’/ ‘Eu estou jogando água no fogo. ’

c. Hara no=pirini-***se***-a kipatsi
neg.irreal 1sg=sentar-clf: massa-real.a Chão

'I will not sit on the ground.'/ 'Eu não vou sentar no chão'

d. No=tisarah-***baNt***-ak-i
1SG=rasgar-CFL:2D: FLEXÍVEL-PFV-REAL.I

'I tore (something at and exible).'/ 'Eu rasguei (algo em e flexível).'

e. No=kib-bako-***ha***-ak-i
1SG=lavar-mão-CLF: LÍQUIDO-PFV-REAL.I

'I washed my hands with water. '/ 'Eu lavei as minhas mãos com água. '

(MICHAEL, 2008, p.333 (276.a-b-c); p.334 (276.d); p.135 (276.e))

Nos exemplos acima, observamos que, os classificadores estão categorizando os argumentos do predicado acima, assim como ocorre nas outras línguas. Além disso, verificamos que eles também são usados anaforicamente e diferentemente do que foi visto nas outras línguas, em Nanti ocorre dois tipos de fenômenos de classificação verbal: nome incorporado e classificador incorporado ao verbo, ambos ocorrendo simultaneamente.

Em suma, os classificadores alocados aos verbos fazem referência a um nome que é argumento do predicado, fazendo referência desse nome em termos de suas propriedades inerentes. Os classificadores em construções verbais são usados, frequentemente, anaforicamente e sempre fazendo referência a um referente do discurso. Palikur e Ashéninka têm classificadores que ocorrem exclusivamente com certos grupos semânticos dos verbos. Na língua Nanti, incorporação de nomes e classificadores podem ocorrer concomitantes. Deste modo, podemos observar que os classificadores incorporados aos verbos é um processo produtivo ocorrendo em 11 línguas do grupo Sul-Arawak. A seguir, descrevemos algumas considerações sobre classificadores com adposições ou com partículas locativas.

5.2.1.5 Classificadores locativos em línguas Arawak

Os classificadores nas línguas Arawak também podem ser encontrados com posposições. São tipos mais raros, contudo conseguimos verificar em algumas línguas, como Palikur, Lokono e Baure. Aikhenvald (2000) já verificou esse tipo em Palikur e Lokono, contudo, não em Baure, o que faz dessa língua ser mais uma fonte de estudo de classificadores em construções locativas em línguas Arawak.

Para Aikhenvald (2000), em todos os casos conhecido, os classificadores locativos são 'fundidos' com uma adposição (preposição ou posposição). A escolha depende das propriedades físicas do nome, tais como forma ou consistência. Desse modo, a escolha é

determinada pela característica semântica do nome envolvido. Os exemplos abaixo exibem os classificadores em construções locativas nas línguas Arawak.

5.2.1.5.1 Grupo Norte-Arawak

5.2.1.5.1.1 Subgrupo Palikur: Palikur

A língua Palikur exibe um grupo de morfemas que funcionam como adposição locativa, significando "sobre" e "em". Aikhenvald & Green (1998) afirmam que a escolha depende da forma e limite do núcleo nominal. Em Palikur, os classificadores locativos são baseados na forma, dimensionalidade e limitações. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo de classificador nessa língua.

(277) Palikur

a. Pis keh paha-***t*** arab pi-wan-***min***
2sg fazer um-CLF:VERTICAL escudo 2sg-braço-SOBRE.VERTICAL
'You make a shield on your arm. '/ 'Você fez um escudo no braço. '

b. Ig-kis ute-e-gi ig motye ay-h-te
3m-pl encontrar-compl-3m 3m vespa adv-int-distal
a-***peru*** ah
3n-SOB.RAMO árvore
'They found the wasps on the tree. '/ 'Eles encontraram as vespas na árvore. '

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.455)

Aikhenvald e Green (1998) argumentam que esses classificadores podem referenciar a pessoa, número e o gênero do nome. Eles também podem co-ocorrer com outros sufixos locativos, tal como o *'-t'* direcional (cf. AIKHENVALD E GREEEN, 1998). Outros exemplos de classificadores em construções locativas são dados a seguir.

c. Wis-uh tarak-e-gu a-***hakwa***-t un
1PL-EXCL empurrar-COMPL-3F 3N-IN.ÁGUA-DIR água
'We push it (the canoe) into the wate. '/ 'A gente empurra (a canoa) na água. '

d. Ka-daha-ni warukma gu-***mandka***
ATT-para-POSS grande.estrela 3F-ON.FLAT
'It (rattle: feminine, flat) had a big star on it. '/ Ele (chocalho: feminino, achatado) tinha uma grande estrela. '

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.457)

5.2.1.5.1.2 Subgrupo Ta-Arawak: Lokono

Em Lokono há uma classe de posposição que são utilizadas de acordo com a forma física ou do tipo de objeto referente por seus sintagmas nominais (cf. PET, 2011). É um sistema semelhante ao que Allan (1977, p.287) denomina de "classificadores

intralocativos". Para o autor, as línguas que exibem esses tipos de classificadores são aquelas nas quais os nomes estão embutidos em algumas das expressões locativas que, obrigatoriamente, acompanham os nomes na maioria dos ambientes, como podemos observar a seguir:

(278) Lokono

a. da-khabo ***loko***
1POSS-mão DENTRO DE. UM OBJETO OCO, SÓLIDO

'In my hand (e.g. the thorn inside the flesh of my hand). '/ 'na minha mão (por exemplo, o espinho dentro da carne da minha mão). '

b. da-khabo ***roko***
1POSS-mão NA.SUPERFÍCIE.INTERNA

'In my hand (e.g. Referring to what i am holding in my hand). '/ 'Na minha mão (por exemplo, referindo-se ao que estou segurando na minha mão). '

c. De ***koborokon***
1SG DENTRO DE. UM CORPO. ANIMADO. SERES VIVOS

'In me (e.g. a pain in my body). '/ 'Em mim (por exemplo, uma dor no meu corpo). '

d. To iniabo ***rakon***
ART água EM. UM. FLUÍDO

'In the water (e.g. referring to the wash). '/ 'Na água (por exemplo, referindo-se à lavagem). '

e. ikihi-hi ***kolokon***
Fogo-N-GEN NO FOGO, LUZ

'In (the) fire (e.g. referring to the pot). '/ 'No (o) fogo (por exemplo, referindo-se à panela). '

f. hadali ***kolokon***
Sol NO FOGO, LUZ

'In the sunshine (e.g. referring to walking). '/ 'ao sol (por exemplo, referindo-se ao caminhar). '

(PET, 2011, p.20 (278.a-b-c-d); p.21 (278.e-f))

Como já observado por Aikhenvald (2000a) a língua Lokono exibe formas locativas que têm a função de referenciar alguma propriedade semântica do nome ao qual ele se refere. De acordo com a autora, os classificadores locativos são o argumento de uma adopsição locativa. Nas línguas do grupo Sul-Arawak apenas verificamos esse tipo de construção em Baure, ilustrado a seguir.

5.2.1.5.2 Grupo Sul-Arawak

5.2.1.5.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

(279) Baure

Danielsen (2007) apresenta para a língua Baure apenas um exemplo de classificador locativo, o *–imir* 'face, frente' que ocorre junto com o morfema locativo *–ye.*

a. Siy-***imir***-ye
Cadeira-CLF: FACE-LOC
'In front of the chair.'/ 'Na frente da cadeira'

(DANIELSEN, 2007, p.150)

5.2.1.6 Classificadores com dêiticos nas línguas Arawak

De acordo com Aikhenvald (2000a), os classificadores dêiticos ocorrem com elementos dêiticos, tais como artigos ou demonstrativos. Assim como os outros classificadores, a sua escolha é semântica e eles categorizam o nome em termos de sua forma, animacidade e posições em espaços. Eles nem sempre aparecem no próprio nome. Esse tipo também não é comum nas línguas Arawak, ocorrendo apenas em quatro línguas: Resígaro, Baniwa, Tariana e Paresí.

5.2.1.6.1 Línguas Grupo Norte-Arawak

5.2.1.6.1.1 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro

Allin (1976) agrupa os classificadores em Resígaro com pronomes demonstrativos, como ilustrado a seguir:

(280) Resígaro

a. hí-***gá***[106] vaʔa-***gú***
DEM-CLF:? Facão-CLF: LONGO, RÍGIDO
'This/that machete. '/ 'Este/aquele facão. '

b. heʔe/hí-***gá***-jáʔ vaʔa-***ga***-jáʔ
DEM-CLF:?-DIM FACÃO-CLF:?-DIM
'This/that knife, '/ Esta/aquela faca. '

c. hí-***gí*** píʔmi
DEM-CLF:ANIMADO beija-flor
'This hummingbird. '/ 'Este beija-flor. '

d. heʔe-***gí***-mu-ná
DEM-CLF:ANIMADO-NUM.ANIMADO-RESTR

[106] Allin faz uma lista não exaustiva de classificadores em Resígaro. Contudo, o classificador *–gá* está nos exemplos, mas o autor não define a propriedade semântica dele, colocando-o apenas como um sufixo de primeira ordem, nos quais os classificadores são inseridos.

ano-***gí***-mu-na
anta- CLF:ANIMADO-NUM.ANIMADO-RESTR

‘Only those tapirs.’/ ‘Só aquelas antas. ’

(ALLIN, 1976, p. 1999)

5.2.1.6.1.2 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana

Ramirez (2001) ressalta que geralmente não se usa nenhum classificador em formas demonstrativas não-marcadas, dentro de um SN. No entanto, um demonstrativo sem núcleo nominal ou uma forma demonstrativa marcada com *–ka* ‘subordinativo’ podem ser acompanhados por um classificador. Ramirez dá apenas dois exemplos desse tipo de classificador.

(281) Baniwa de Içana

a. lhia-***iita***
DEM-CLF: PEIXE

‘Este peixe’

b. lhia-***iita*** pi-iiɲha-ii-NhV
DEM-CLF: PEIXE 2SG-comer-DEM

‘Coma este peixe! (não outro) ’

(RAMIREZ, 2001, p.405)

E por fim, língua Tariana também exibe classificadores com demonstrativos, como podemos observar a seguir:

(282) Tariana

a. ha-***dapana*** pani-si-pe
DEM-CLF: HABITAÇÃO casa-NPOSS

‘Esta casa’

b. hane-***ma*** inaru
DEM-CLF:ANIMADO FEMININO mulher

‘Aquela mulher’

(AIKHENVALD, 1994, p. 213)

5*.2.1.6.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Paresi-Haliti*

Das línguas pertencentes ao grupo Sul-Arawak, apenas encontramos um exemplo em Paresi, no qual um classificador ocorre com um pronome demonstrativo, como ilustrado a seguir:

(283) Paresi

a. eze-***tse*** n=aikoli Ø=kawe-ta
DEM-CLF: PEQUENO 1SG=dente 3SG=doer-IFV

‘Este meu dente dói’

(BRANDÃO, 2016, p. 279)

Desta forma, podemos afirmar que os classificadores também podem ser encontrados com dêiticos, especialmente com demonstrativos em algumas línguas Arawak. Esse tipo não é uma construção recorrente, já que não ocorre com frequência, mas é atestado em Resígaro, Baniwa, Tariana e Paresi. Por fim, verificaremos o último tipo de classificadores, aquele que ocorre com adjetivos ou modificadores.

5.2.1.7 Classificadores com adjetivos nas línguas Arawak

Outro tipo de classificador encontrado em línguas do mundo são os que vêm junto com adjetivos. Nas línguas Arawak selecionadas para esse trabalho, encontramos esse tipo em sete línguas: duas pertencentes ao grupo Norte-Arawak (Baniwa e Tariana) e cinco pertencentes ao grupo Sul-Arawak (Baure, Yawalapiti, Asheninka, Caquinte e Nanti). A seguir, ilustramos os exemplos de classificadores em construções adjetivas nas línguas Arawak.

5.2.1.7.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak

5.2.1.7.1.1 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Nas línguas pertencentes ao subgrupo Alto Rio Negro, encontramos classificadores com adjetivos em Baniwa e Tariana. Em Baniwa, ele ocorre como um infixo, já que vem acompanhado com o nominalizador *–li*. Os exemplos abaixo ilustram esse tipo em Baniwa de Içana.

(284) Baniwa de Içana

a. No-ooma-ka aapa-da kamitsa iita-***da***-li
1SG-querer-SUB NUM.1-CLF: ROUPA camisa preto-CLF: ROUPA-NMLZ
‘Quero uma camisa preta’

b. No-iinoa aapa-aapa aadaɽo iiɽai-***aapa***-li
1SG-matar NUM.1-CLF: AVE arara vermelho-CLF: AVE-NMLZ
‘Matei uma arara vermelha’

(RAMIREZ, 2001, p.302)

Aikhenvald (2007) também verifica esse tipo em Baniwa, como podemos ver no exemplo abaixo:

c. Apa-ita i-ñapi maka-***ite***
NUM.1-CLF:NOM.FEM.ANIMADO IND-osso grande-CLF:NOM.FEM.ANIMADO
‘A big bone (seen as a part of a human body). ’/ ‘Um osso grande' (visto como parte de um corpo humano). ’

(AIKHENVALD, 2007, p.487)

Do Tariana, encontramos dois exemplos no trabalho de Aikhenvald (1994) que exibe classificadores ocorrendo com adjetivos. Os exemplos, abaixo, exibem esse tipo em Tariana.

(285) Tariana

a. hĩ sidua-na hanu-***ite***
este+CLF:ANIMADO flecha-CLF: VERTICAL grande-CLF: ANIMADO
'Esta flecha grande'

b. ha sidua-na hanu-***na***
este+CLF: INANIMADO flecha-CLF: VERTICAL grande-CLF: INANIMADO
'Esta flecha grande'

(AIKHENVALD, 1994, p.216)

Os exemplos acima em Tariana são os mesmos, o que muda é o classificador. De acordo com Aikhenvald (1994), o item lexical *siduana* 'flecha' pode ser classificado com um objeto animado não feminino em (285.a), porque flecha pertence ao domínio semântico de experiência dos seres humanos por excelência. Porém, o mesmo pode ser classificado como um objeto inanimado de forma vertical em (285.b), por ser apenas um instrumento de uso. Adiante, verificaremos esse tipo nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.2.1.7.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak

5.2.1.7.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Encontramos esse tipo apenas em Baure. Esse idioma exibe classificadores com adjetivos, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(286) Baure

a. te čo-***se*** ro=ačko-wo in marok
DEM.1.M grande-CLF: OVAL 3SGM=ser completo-COP água chicha
' Big glass/ bottle is full of water (or) chicha. '/ 'Este grande copo/garrafa está cheio de água (ou) chicha. '

b. čo-***aso*** monči-wo=ni ni=kač vi=yompoek
Grande-CLF: TEMPO criança-COP=1SG 1SG=ir 1PL=caminhar.descalço
šonoki-ye
caminho-LOC
'Long time ago when I was a child I went – we walked barefoot along that path. '/ 'Há muito tempo, quando eu era criança, eu ia – caminhávamos descalços por aquele caminho. '

(DANIELSEN, 2007, p.148 (a); p. 149 (b))

5.2.1.7.2.2 Subgrupo Xingu-Paresí: Wauja, Mehinaku, Yawalapiti e Paresi

Neste subgrupo apenas conseguimos verificar classificados com adjetivos na língua Yawalapiti na qual os classificadores sempre estão afixados a um adjetivo,

categorizando uma característica do referente. Desse modo, podemos sugerir que nessa língua os classificadores também ocorrem com adjetivos. Os exemplos abaixo retirados de Mijuca (1992) exibem esse tipo.

(287) Yawalapiti

a. Ma'ʧi ju'ma-***ti***
Milho verde-CLF: LONGO

‘Milho verde’

b. a'maka autsa-***ka***
Rede Novo-CLF: PLANO

‘Rede nova’

c. iɾuˈtiɾa ata-paˈna iɾ̥ula-***paˈna***
3SG.F árvore-CLF: FOLIFORME verde-CLF: FOLIFORME

‘Aquela folha é verde’

(MUJICA, 1992, p. 47 (a); p. 48 (c-d))

5.2.1.7.2.2 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

As línguas do subgrupo Campa exibem classificadores ocorrendo com adjetivos. Verificamos exemplos desse tipo nas três línguas selecionadas deste subgrupo. Em Ashéninka encontramos dois exemplos nos dados de Mihas (2015) de adjetivo acompanhado de um classificador, como podemos verificar a seguir.

(288) Ashéninka

a. antaro-***mashi*** oparai
Grande-CLF: PLANO.LARGO praia

‘The beach is big and flat. ’/ ‘A praia é grande e plana. ’

b. antaro-***niro*** shintori
Grande-clf: simulativo queixada

‘The white-lipped peccary-like animal [i.e. pig] is big. ’/ ‘O animal parecido com queixada [i.e. porco] é grande. ’

(MIHAS, 2015, p. 417 (288.a); p. 421 (288.b))

Em Caquinte conseguimos encontrar um exemplo no qual um adjetivo está ocorrendo junto com um classificador.

(289) Caquinte

a. katsaNtsa-***poa***-ro o-ma-***ha***-t-ak-i
Comprido-CLF: CILINDRO-ADJZ 3F-frutuar-CLF:LÍQUIDO-CE-PFV-REAL.I

‘El tronco largo flota en el río. ’/ ‘O tronco comprido flutua no rio. ’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.129)

E por último, em Nanti encontramos também adjetivo ocorrendo com classificadores nos dados de Michael (2008).

(290) Nanti

a. kiraha-***ki***-ri
Vermelho-CLF: 0.D.DURO-vermelho

‘Red (referring to a bead). ’/ ‘vermelho (referindo-se a uma miçanga). ’

b. omara-ha-te
Largo-CLF: LÍQUIDO-LARGO

‘Large (referring to a river in flood). ’/ ‘grande (referindo-se a um rio em cheia). ’

(MICHAEL, 2008, p.336)

5.2.1.8 Padrões tipológicos de classificadores nas línguas Arawak

Aikhenvald (1994) realizou um estudo sobre categorização nominal nas línguas Arawak, analisando a partir de uma perspectiva tipológica questões relacionadas à classe de nomes, gênero e classificadores. O estudo em foco fez uma revisão do estudo de Aikhenvald (1994), focalizando na parte de classificadores. As línguas Arawak, em geral, exibem classificadores que podem ocorrer em múltiplos ambientes e tendo diferentes funções, tais como referenciar uma propriedade semântica do SN, uso anafórico, derivar outros nomes, ser utilizados com dêiticos no discurso, etc. Além disso, verificamos que diferentes classificadores nas línguas Arawak podem coexistir em uma língua e em diferentes ambientes morfossintáticos. Aikhenvald (2000) já observou sobre isso e argumenta que os classificadores em diferentes ambientes morfossintáticos “constituem um forte argumento em favor da proposta tipológica de classificadores baseada no locus morfossintáticos de codificar dispositivo de categorização nominal”(p.184)[107].

Para Grinevald (2000), a proposta da tipologia de classificadores é concentrada em uma perspectiva da tipologia funcional que leva em consideração aspectos funcionais, morfossintáticos e semânticos de uma determinada língua. As línguas Arawak analisadas aqui exibem classificadores que designam sempre uma propriedade do nome, ocorrendo em diferentes aspectos gramaticais como: sistema numérico, nome, posse, incorporado ao verbo, com locativos, adjetivos etc. Miranda (2020) realizou um estudo preliminar sobre os classificadores nas línguas Arawak e observou algumas questões que já foram analisadas por Aikhenvald (1994). A pesquisa da autora colabora com as hipóteses já

[107] constitutes a strong argument in favor of the proposed typology of classifiers based on the morphosyntactic locus of coding of noun categorization devices.

elencadas sobre classificadores nessas línguas, contruibuindo, desta forma, com os estudos posteriores sobre esse fenômeno.

Aikhenvald (1994) afirma que uma série de línguas do grupo Norte-Arawak apresenta apenas classificadores numerais, no estudo presente, verificamos isto em Achaguá e Warekena. Outra questão observada por Miranda (2020) e também aqui, é que, os classificadores numerais são bem mais predominantes nas línguas do grupo Norte-Arawak, ocorrendo em sete línguas (Wapixana, Palikur, Achaguá, Resígaro, Baniwa, Tariana e Warekena). Já nas línguas do grupo Sul-Arawak, classificadores numerais ocorrem em quatro línguas (Baure, Paresí, Nanti e Amuesha), não sendo um fenômeno tão recorrente.

No que diz respeito aos classificadores nominais, eles ocorrem predominantemente nas línguas analisadas como um morfema formador de novos nomes. Aikhenvald (1994) já tinha observado a função derivacional de classificadores nas línguas Arawak. Contudo, apenas conseguimos descrições sobre ele em três línguas do Grupo Norte-Arawak (Resígaro, Baniwa e Tariana). Ao contrário, as línguas do grupo Sul-Arawak exibem classificadores nominais com mais predominância, ocorrendo praticamente em todas as línguas com classificadores, tais como: Terena, Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi, Maxinéri, Ashéninka, Caquinte e Nanti. Já os classificadores em construções genitivas (posse, relacional) apenas foram possíveis de observar em algumas línguas do grupo Norte-Arawak, tais como, Wapixana, Palikur, Garifuna, Baniwa e Tariana. Já as línguas selecionadas do grupo Sul-Arawak não exibem nenhuma descrição sobre esse tipo de classificador.

Os classificadores incorporados aos verbos é um tipo comum nas línguas analisadas, mas com uma predominância maior nas línguas do grupo Sul-Arawak. Esses classificadores ocorrem em quatro línguas do grupo Norte-Arawak (Wapixana, Palikur, Baniwa e Terena) e em oito línguas do grupo Sul-Arawak (Terena, Baure, Yawalapiti, Paresi, Ashéninka, Caquinte, Nanti e Amuesha). Já os tipos locativos são raros em todas essas línguas, ocorrendo apenas em duas línguas do grupo Norte-Arawak (Lokono e Palikur) e em uma língua do grupo Sul-Arawak (Baure). Os classificadores com dêiticos ocorrem em três línguas do grupo Norte-Arawak (Resígaro, Baniwa e Tariana) e apenas o encontramos uma língua do grupo Sul-Arawak (Paresí). Por fim, os classificadores com adjetivos ocorrem em duas línguas do grupo Norte-Arawak (Baniwa e Tariana) e em cinco do grupo Sul-Arawak (Baure, Yawalapiti, Asheninka, Caquinte e Nanti). Esse tipo foi o mais comum de encontrar do que os locativos e dêiticos. A tabela 25 e 26, a seguir,

exibem a distribuição de tipos de classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas Arawak.

Tabela 25 - Classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas do grupo Norte-Arawak

Subgrupos	Línguas	CLF: NUM	CLF: NOM	CLF: GEN	CLF: VERB	CLF: LOC	CLF: DEIT	CLF: ADJ
Rio Branco	Wapixana	sim	não	sim	sim	não	não	não
Palikur	Palikur	sim	não	sim	sim	sim	não	não
Caribe	Garifuna	não	não	sim	não	não	não	não
Ta-Arawak	Lokono	não	não	não	não	sim	não	não
	Wayuu	não	não	não	não	não	não	não
Colômbia	Resígaro	sim	sim	não	não	não	sim	não
	Achaguá	sim	não	não	não	não	não	não
Alto Rio Negro	Baniwa	sim	sim	sim	sim	não	sim	sim
	Tariana	sim	sim	sim	sim	não	sim	sim
	Warekena	sim	não	não	não	não	não	não
Orinoco	Baré	não	não	não	não	não	não	não
Total	11	7	3	5	4	2	3	2
26%								

Fonte: elaborada pela autora, 2023

Tabela 26 - Classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupos	Línguas	CLF: NUM	CLF: NOM	CLF: GEN	CLF: VERB	CLF: LOC	CLF: DEIT	CLF: ADJ
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	não	sim	não	sim	não	não	não
	Baure	sim	não	não	sim	sim	não	sim
Paresi-Xingu	Waujá	não	sim	não	não	não	não	não
	Mehináku	não	sim	não	não	não	não	não
	Yawalapiti	não	sim	não	sim	não	não	sim
	Paresi	sim	sim	não	sim	não	sim	não
Piro-Apurinã	Apurinã	não	não	não	não	não	não	não
	Maxinéri	não	sim	não	não	não	não	não
	Yine-Piro	não	não	não	não	não	não	não
Campa	Ashéninka	não	sim	não	sim	não	não	sim
	Caquinte	não	sim	não	sim	não	não	sim
	Nanti	sim	sim	não	sim	não	não	sim
Amuesha	Amuesha	não	não	não	não	não	não	não
Total	13	3	9	0	8	1	1	5
27%								

Fonte: elaborada pela autora, 2023

As tabelas acima resumem a distribuição de classificadores em ambientes morfossintáticos. Das 24 línguas analisadas, não encontramos dados sobre classificadores nas línguas Wayuu (subgrupo: TA-Arawak), Baré (subgrupo: Orinoco) e Amuesha (subgrupo Amuesha). As línguas Apurinã e Yine-Piro (subgrupo: Piro-Apurinã) exibem outros tipos de classificação nominal que será tratado adiante. Classificadores genitivos não foram encontrados nas línguas do grupo Sul-Arawak, estudos posteriores devem ser realizados para verificar o motivo desse tipo não aparecer nas línguas pertencentes a esse grupo. Os classificadores verbais ocorrem com bastante predominância nas línguas do grupo Sul-Arawak, diferentemente com que ocorre com as línguas do grupo Norte-Arawak.

A distribuição de classificadores nas línguas Baniwa e Tariana do subgrupo Alto Rio Negro são semelhantes, isso mostra um perfil comparativo de línguas muito próximas, não apenas geograficamente, mas por serem línguas irmãs com perfis linguísticos bastante semelhante, o mesmo ocorre com as línguas do subgrupo Campa. No que diz respeito às línguas do subgrupo Paresí-Xingu, principalmente, aquelas faladas no Xingu, tem como predominância os classificadores nominais, desempenhando uma função derivacional. Além disso, apenas Yawalapiti e Paresí exibem outros tipos de classificadores. Enfim, podemos afirmar que esse sistema ocorre de forma variada nessas línguas, sendo uns mais recorrentes enquanto outros não.

Grinevald (2000) afirma que os classificadores numerais são os mais predominantes nas línguas do mundo, contudo, nas línguas analisadas, encontramos com mais predominância os classificadores incorporados aos verbos e os classificadores nominais, ocorrendo em 12 línguas, ambos tipos. Já os classificadores numerais, apesar de ser em maior número nas línguas do grupo Norte-Arawak, não são encontrados com predominância nas línguas do Grupo Sul-Arawak, totalizando um número de 11 línguas com descrição desse tipo. Os outros tipos de classificadores em ambiente morfossintáticos são os adjetivos, ocorrendo em 7 línguas, em seguida, os classificadores genitivos sendo encontrado em 5 línguas (todas pertencentes do grupo Norte-Arawak). E por fim, os classificadores com menos frequência ocorrem com dêiticos, realizando-se em 4 línguas e os locativos, ocorrendo apenas em 3 línguas. Uma escala da ocorrência desses classificadores é dada a seguir:

(291) *Escala de ocorrência de classificadores em ambientes morfossintáticos nas línguas Arawak*

CLF: VERBAL > CLF: NOMINAL > CLF: NUMERAL > CLF: ADJ > CLF: GENITIVO > CLF: DÊITICO > CLF: LOCALIVO

Fonte: elaborada pela autora, 2022

Portanto, os classificadores são uma forma de categorização nominal presente nas línguas de análise, sendo um perfil tipológico importante da morfologia nominal da família Arawak. Aikhenvald (2000a) afirma que a tipologia de classificadores se torna necessária no sentido de estabelecer padrões abrangentes desse sistema em línguas do mundo. O estudo realizado aqui tem como objetivo colaborar com outras pesquisas de sistema de categorização nominal, não apenas das línguas da família Arawak, mas sim de outras línguas que exibem esse processo. Classificadores são um conjunto que interage com quaisquer categorias gramaticais, por isso, a importância de saber verificá-los em qualquer descrição gramatical de uma língua. Assim sendo, é necessário cada vez mais estabelecer estudos não apenas desse sistema, mas sim de outros fenômenos de categorização nominal como termos de classe e nomes classificatórios.

5.2.2 Termos de Classe e Nomes classificatórios

5.2.2.1 Termos de Classe: Wapixana e Ashéninka

Como já mencionado, os termos de classe são morfemas que participam da gênese de um nome e ocorrem, principalmente em nomes compostos. De acordo com Delancey (1986), existem morfemas que ocorrem com o núcleo de um número de nomes compostos que são exemplares da categoria denominada por *termos de classe*. Para o autor, termos de classe têm uma classificação semântica funcional bastante semelhante daqueles dos classificadores. Delancey afirma que muitos termos de classe também funcionam como classificadores e um número de termos de classe não ocorre apenas como nomes independentes. Assim, ele explica que a relação entre classificadores e termos de classe é de grande interesse, pois ambas têm similaridades na função semântica e porque termos de classe são uma das principais fontes para novos classificadores.

Em geral, para Delancey (1986), as categorias rotuladas por termos de classe são mais consistentes e circunscritas do que aquelas rotuladas por classificadores. No entanto, a gama de uso de classificadores e termos de classe é geralmente idiossincrática até certo ponto (DELANCEY, 1986). Outra questão interessante notada pelo autor é que os termos de classe ocorrem com seus nomes classificados em compostos lexicalizados. Essa

categoria é encontrada em duas línguas da família Arawak: Wapixana (Grupo Norte-Arawak) e Asheninka (Grupo Sul-Arawak).

Na língua Wapixana, Santos (2006) argumenta que, partes de nomes inalienáveis possui uma função classificadora, indicando a categoria do objeto que são especificadas pelas outras partes do composto que os integram. Os exemplos abaixo exibem os termos de classe em Wapixana.

(292) Wapixana

a. Atamɨna-***ak***
   Árvore-TCL: FRUTA
   'Fruta da árvore'

b. Wabu-***ak***
   Açaí-TCL: FRUTA
   'Fruta do açaizeiro'

c. kuʃɨ-***ɖap***
   Porco-TCL: HABITAÇÃO
   'Chiqueiro'

d. maba-***ɖap***
   Abelha-TCL: HABITAÇÃO
   'Casa de abelhas'

(SANTOS, 2006, p.107)

Na língua Wapixana, termos de classe são formas presas e fazem parte de processo de formação de palavras como a composição e está no nível da palavra. Santos (2006) argumenta que *–ak* 'fruta' e *ɖap* 'habitação' são usados recorrentemente para produzir nomes compostos. Desta forma, o autor afirma que tais termos exibem função classificatória, isto é, "-ak e ɖap indicam categorias de objetos que são especificadas pelas outras partes dos compostos que integram, constituindo, assim, núcleos semânticos desses compostos" (SANTOS, 2006, p. 108). Uma outra questão relevante de notar é que os termos de classe em Wapixana ocorrem como constituintes de compostos que são sempre formas presas. Uma outra característica dos termos de classe em Wapixana está relacionada ao fato de que é permitida a sequência deles em um mesmo composto, como podemos verificar a seguir:

e. Atamɨn-***ak-ɨːɖ***
   Árvore-TCL: FRUTA – TCL: SEMENTE
   'Semente da fruta da árvore'

(SANTOS, 2006, p.113)

Em Ashéninka Perene os elementos de classificação que formam compostos também são referidos como termos de classe (MIHAS, 2015). Eles, assim como os classificadores, ocorrem em múltiplos ambientes morfossintáticos na língua, com membros de classe abertas, tais como os nomes, verbos e adjetivos. Mihas (2015) afirma que a maioria dessas unidades classificadoras são morfemas gramaticalmente não obrigatório. A autora assinala que quando eles ocorrem com nomes e adjetivos, eles formam compostos nominais e com verbos eles exibem um padrão de incorporação de nomes classificatórios, criando composto verbo-nome. Os exemplos abaixo exibem os termos de classe na língua Ashéninka.

(293) Ashéninka

a. [o-kiso-***tonki***-t-an-ak-i=kari
3NM.S-ser difícil-TCL: LONGO.FINO.RÍGIDO-EP-DIR-PFV-REAL=APR
Kaniri] [o-kimi-t-a=ra o-***tonki*** pi-tavato]
Mandioca 3NM.S-EP-REAL=ADV 3NM.POSS-osso 2POSS-canela

‘The flesh of manioc could become hard, exactly like the bone of your shin.’/ ‘A carne da mandioca pode ficar dura, exatamente como o osso da sua canela.’

b. N-a-aty-e-ni-ri incha-***tonki***
1SG.A-trazer-PROSP-IRR-3T-3M-R planta- TCL: LONGO.FINO.RÍGIDO

‘I am going to bring him wood posts.’/ ‘Vou trazer postes de madeira para ele.’

c. Karini-taki incha-***panki***
Liso-INTNS planta-TCL:LONGO.RÍGIDO

‘The wood planks are very smooth.’/ ‘As tábuas de madeira são muito lisas.’

(MIHAS, 2015, p.409 (a,b); p.410 (c))

Tanto em Wapixana quanto em Ashaninka os termos de classe têm função de formar nomes compostos, são formas presas, e suas origens são relativamente transparente, funcionando na gênese do nome. Podemos observar que nas duas línguas, os termos de classe são morfemas com uma origem lexical clara, fazendo parte também de nomes para parte do corpo ou parte de um todo. Adiante, verificaremos outro tipo de categorização nominal que também é bastante similar com os classificadores, são os chamados nomes classificatórios, encontrados em Apurinã e Yine-Piro.

5.2.3.2 Nomes classificatórios: Apurinã e Yine-Piro

Os nomes classificatórios têm uma semântica semelhante com os termos de classe, já que eles também funcionam como núcleo de nomes compostos produtivos. Essa categorização é bastante produtiva na língua Apurinã, sendo ela dividida em duas duas

categorias: nomes classificatórios tipo $_1$ (doravante N_{CLF1}) e nomes classificatórios tipo $_2$ (doravante $N_{CLF\ 2}$). Facundes (2000) faz uma descrição detalhada desse sistema de classificação em Apurinã. No que concerne à língua Yine-Piro, Hanson (2010) exibe apenas alguns exemplos desse tipo na língua, sendo assim, uma categoria não exaustiva.

No geral, os nomes classificatórios são nomes que formam uma palavra fonológica simples, na medida que ocorrem como parte de uma base de um composto nominal ou com um marcador prononominal atachado a eles (cf. FACUNDES, 2000). Isso ocorre tanto em Apurinã quanto em Yine. Nas duas línguas de análise, os nomes classificatórios podem recorrer como parte de um composto e podem ocorrer repetidamente como parte de vários nomes compostos. Os nomes classificatórios podem ocorrer em construções de incorporação dentro do verbo. A propriedade semântica dos nomes classificatórios vem de parte de planta, parte do corpo, forma e consistência. Facundes (2000) explica que apesar dos nomes classificatórios (em Apurinã $N_{CLF\ 2}$) terem propriedades semântica tipos de classificadores, eles também podem ter propriedades semânticas e sintáticas de classe nominal/marcadores de gênero (cf. FACUNDES, 2000). Os exemplos, abaixo, ilustram os nomes classificatórios em Apurinã.

(294) Apurinã

a. Ata komuru usomãka-***pe***-ta-ka
1pl mandioca secar-polpa de [N_{CLF1}]-VBLZ-CAUS

‘We put the manioc pulp to dry.’/ ‘Eu coloquei a polpa de mandioca para secar.’

b. Umamaru-***katu***
Jeninpapo-ramo de
[Raiz Nominal + N_{CLF1}]

‘Jenipapo tree branch. ’/ ‘galho de jenipapo. ’

c. Ãã-***muna-katu***
Árvore-tronco de – ramo de
[Raiz Nominal + + N_{CLF1} + + N_{CLF1}]

‘Tree branch. ’ / ‘galho da árvore. ’

d. Oku-***mata***
Olho-pele de
[Raiz nominal + $N_{CLF\ 2}$]

‘Eyelid. ’/ ‘pálpebra. ’

e. Xamuna-***ku-panhi***
Lenha-semente de-pó de
[Raiz nominal + $N_{CLF\ 2}$ + $N_{CLF\ 2}$]

‘Gun powder. ’/ ‘pólvora’

f. Tenu-***pẽ***
Peito de-suco de/líquido de
[Raiz nominal + $N_{CLF\ 2}$]
‘Maternal milk. ’/ ‘leite materno’

g. Putetu-***ta***
Prato de barro-DIM
[Raiz nominal + $N_{CLF\ 2}$]
‘Small plate.’/ ‘prato pequeno.’

(FACUNDES, 2000, p. 165 (a); p. 167 (b, c); p. 172 (d); p. 173 (e, f); p. 179 (g))

Os exemplos acima exibem os nomes classificatórios na língua Apurinã. Dividimos eles, conforme Facundes (2000), em qual os exemplos em (a, b) ilustram os N_{CLF1}. De acordo com Facundes (2000), os N_{CLF1} são conjuntos de nomes inalienáveis simples que requer como núcleo semântico elementos de uma classe de composto nominal com uma formação quase-produtiva. O autor argumenta que eles sempre têm seu significado fonte preservado onde eles ocorrem. Já os $N_{CLF\ 2}$ formam um subconjunto de nomes classificatórios que exibem um significado alvo, metaforicamente extendido, além de terem o domínio de parte das plantas e parte do corpo, podem fazer alusão a outros elementos, como os manufaturados, como podemos observar em (c, d, e). Eles também podem funcionar como uma unidade gramatical, como em (f) em que se refere a uma propriedade do objeto de ser pequeno. Além de serem incorporados aos verbos, como visto no exemplo em (a).

Em Yine-Piro, encontramos alguns exemplos de nomes classificatórios. Hanson (2010), diferentemente de Facundes (2000), não aprofunda esses nomes na língua, mas dá alguns indícios de que eles ocorrem de forma semelhante como ocorre em Apurinã. Por exemplo, os nomes classificatórios são encontrados em nomes inalienáveis, são base de nomes compostos, podem ocorrer repetidamente como parte de nomes compostos e podem fazer referência a um aspecto gramatical da língua, além de serem incorporados aos verbos. Os exemplos abaixo exibem os nomes classificatórios em Yine-Piro.

(295) Yine-Piro

a. N-nika-na-lo paranta-***ʧkehi***
1SG-comer-CMPV-3SG.F banana-massa de [NCLF]
‘I ate the mashed plantain(s).’/ ‘Eu comi bananas amassadas.’

b. N-nika-na-lɨ çimeka-***ʧkehi***
1SG-comer-CMPV-3SG.M mandioca-massa de [NCLF]
‘I ate the mashed manioc.’/ ‘Eu comi mandioca amassada.’

c. Wane-ya-hima-lɨ [sato plato-***whene***]

ADV-APPL-QUONT-3SG.M [SPEC+FEM plato-criança de[NCLF]]

'He had a little plato. '/ 'Ele tem um pequeno prato'

d. N-hiʃpaka-***hrata***-ta
1sg-sair-sangue de [NCLF]-VCL

'I'm bleeding. '/ 'Eu estou sangrando. '

(HANSON, 2010, p. 113 (a, b); p.142 (c); p. 282 (d))

Assim sendo, além dos classificadores, que é um sistema produtivo e múltiplo que ocorrem em diferentes ambientes morfossintáticos nas línguas Arawak, temos também os termos de classe e nomes classificatórios, que se assemelham aos classificadores, mas não são considerados como classificadores, mas sim como outros sistemas de categorização nominal. Os termos de classe e nomes classificatórios, apesar de ocorrerem em alguns ambientes morfossintáticos têm a tendência de aparecer em ambientes lexicais, ou seja, na gênese do nome, principalmente na formação de nomes compostos, diferentemente, os classificadores ficam em um intermédio entre o léxico e a gramática, já que ocorrem em outros ambientes morfossintáticos no qual os termos de classe e nomes classificatórios são mais difíceis de encontrar. Esse estudo colabora com as hipóteses de Aikhenvald (2000) e Grinevald (2000) em que apontam que as línguas amazônicas são ricas em sistemas de categorização nominal. Deste modo, as línguas Arawak analisadas nesta tese são um exemplo claro de múltiplos sistemas de categorização nominal ocorrendo comumente. Um outro sistema bastante interessante e presente nas línguas Arawak é aquele de classe nominal ou marcadores de gênero, tópico a ser tratado a seguir.

5.2.4 Gênero nas línguas Arawak

Gênero é uma das categorias gramaticais mais instigantes nas línguas do mundo. Corbett (1991) afirma que em algumas línguas essa categoria é central e em outras, o gênero é totalmente ausente. A classificação, frequentemente, corresponde a uma distinção de sexo no mundo-real. Assim, a palavra gênero é usada não apenas para um grupo de nomes, mas também para toda uma categoria (CORBETT, 1991). Então, por exemplo, uma determinada língua pode ter a distinção de dois gêneros (ex. português) ou três (ex. latim). Corbett (1991) explica que a categoria de gênero tende a se concentrar em um número pequeno de línguas e frequentemente sob seleções que não são típicas dos sistemas nas línguas do mundo. Desta forma, o autor argumenta que gênero gramatical é amplo, e, portanto, uma consideração da distribuição dele pode ser útil.

Para Corbett (1991), a descrição de gênero é estabelecida em suas tradições gramaticais particulares e obscurece semelhanças com outras línguas geneticamente distantes ou não relacionadas. O autor explica que isso vai mostrar também como as divisões entre animados e inanimados ou humanos e não-humanos não funcionam em línguas onde o feminino e não-masculino é, em certo sentido, mais regular. Isso pode sugerir possíveis estudos comparativos e, é isso que iremos fazer aqui. Contudo, antes de iniciarmos as comparações dessa categoria nas línguas Arawak, é preciso fazer uma distinção do termo gênero e classe de nomes, que aqui, são tratados como sendo uma mesma categoria, seguindo a proposta de Corbett (1991), Aikhenvald (2000a).

Existe uma ambiguidade na definição ou divisão dos termos "gênero" e "classe nominal". Conforme Kilarski (2013), eles são tradicionalmente usados em referências para classificação de nomes em línguas Indo-Europeia e Bantu. A partir das línguas Bantu, o termo "classe de nomes" é, frequentemente, usado para o sistema baseado no sexo (macho/fêmea). Para a autora, ambos termos têm sido usados em estudos comparativos e tipológicos para caracterizar as categorizações por concordância. O termo gênero é geralmente reservado para os sistemas relativamente pequenos baseados no sexo, do tipo Indo-europeu, já a outra categorização envolve o uso de termos "classe" e "gênero" em descrições das línguas Bantu que se refere não apenas para marcas de singular e plural sobre os nomes e seus modificadores, mas também seus pares. Corbertt (1991) argumenta que o número de gênero/classe de nomes não é limitado para dois ou três tipos, mas que línguas podem apresentar quatro ou até vinte tipos de categoria de gênero. Os exemplos abaixo exibem atribuição de gênero em francês e classes de gênero encontrado nas línguas Bantu.

(296) Francês

a. *La fourchete (f)* 'a força'
b. *Une chaussure (f)* 'um sapato'
c. *Le balai (m)* 'a vassoura'
d. *Un mur (m)* 'uma parede'

(GRINEVALD, 2000, p.56)

(297) Sesotho

a. *mo-tho é-mo-holo-rata Ø-ntjá é-ntle eá-hae*
   1 1 1 1 9 9 9 1
   Pessoa grande ele/ela-gostar de cachorro bonito de seu/sua
   'The old man/ woman likes his/her beuatiful beautiful dog.'
   'O homem ou a mulher gosta do seu/sua bonito cachorro
b. *ba-tho bá-ba-holǒ ba-rata li-ntjá tsé-ntle tsá-bona*
   2 2 2 2 10 10 10 2
   Pessoa grande eles-gostar de cachorros bonito de eles

‘the old people like their beautiful dogs.’
‘Os velhos gostam de seus lindos cachorros’
(GRINEVALD, 2000, p.57)

Os exemplos acima ilustram a diferença de atribuição de gênero e classe de nomes nas línguas no francês e em sesotho, uma língua banto. Grinevald explica que a motivação semântica limitada de atribuição a classes além daquela ligada ao sexo animado é ilustrada pela atribuição de gênero diferente dos nomes de objetos comuns em francês. Em sosotho, a autora, explica que os exemplos em (b) mostra que as classes são marcadas nos nomes, nos adjetivos, nos verbos e nos pronomes de posse. Assim, cada número corresponde para uma concordância de classe – 1 e 9 sendo classes singulares, 2 e 10 sendo os correspondentes plurais. Os pares de classes singulares/plurais constituem a categoria “gênero” na tradição Banto, de modo que, a combinação 1/2 é considerada o gênero para humanos e 9/10 para animais (GRINEVALD, 2000. p.57).

Em muitas literaturas, o sistema de gênero insere as classes nominais (cf. CORBETT, 1991; AIKHENVALD 2000a). Aikhenvald (2000a) afirma que as classes dos nomes e gênero são sistemas de concordância gramaticalizados que se correlacionam com algumas características semânticas do referente, por isso que as vezes são chamados de classe de concordância. De acordo com Corbett (2001) a característica definidora do gênero é a concordância, ou seja, uma língua tem um sistema de gênero apenas se o sintagma nominal nucleado por nomes de tipos diferentes controla a concordância. De acordo com Aikhenvald (2000a), o termo gênero foi usado pela primeira vez no século V A.C pelo filósofo grego Protágoras, quando ele dividiu os substantivos do grego em três classes: “feminino”, “masculino” e “inanimado” (hoje chamado de “neutro”). O latim do proto indo-europeu tinha um sistema similar; posteriormente, nomes neutros foram redistribuídos entre os outros dois gêneros, dando o moderno sistema masculino e feminino, como no português, espanhol, francês e italiano.

O sistema de gênero é tratado como um dos principais sistemas de classificação nominal. Esse sistema é contrastivo com o sistema de classificadores, uma vez que esse último sistema não exige concordância. Assim sendo, o gênero é sempre refletido na forma de constituintes dentro e / ou fora do SN e também pode ser marcado no próprio nome. No que diz respeito aos princípios de atribuição, Kilarski (2013) afirma que os substantivos são atribuídos com base em propriedades semânticas como sexo ou animacidade, ou em combinação de propriedades semânticas e formais (morfológicas ou fonológicas). Em contraste, a escolha de um classificador não é baseada nas propriedades

morfológicas ou fonológicas dos nomes; em vez disso, é determinado por propriedades semântica do referente como animacidade, propriedades físicas, material, função e status social, e em alguns casos pode ser lexicalizado.

Diferentemente de Corbett (1991), Aikhenvald (2000a) e Kilarski (2013) que tratam os sistemas de gênero e classe nominal juntos, Grinevald (2000) discute os dois sistemas separadamente. A autora assume que a característica principal de um sistema de gênero é que o mesmo é um tipo de classificação nominal que nem sempre é evidente no próprio nome, mas pode ser codificado em outros elementos da sentença (artigos, pronomes) que variam de língua para língua. Grinevald (2000) explica que o sistema de gênero pode ter uma ordem decrescente de probabilidade, tal como, dentro de um sintagma nominal, adjetivo, demonstrativo, artigo, numerais, em construções de posse, dentro de uma forma pronominal independente, como pronomes pessoais, relativos ou em questões interrogativas. Os gêneros podem também ser presentes em orações predicativas como elementos que marcam a concordância dos argumentos do núcleo. Em outros lugares dentro da sentença, raramente eles ocorrem com advérbios, adposições ou complementizadores (cf. GRINEVALD, 2000).

As línguas Arawak analisadas até o momento apresentam atribuições de gênero por meio de propriedades formais e semânticas, uma característica importante sobre essas línguas é que elas apresentam uma marcação morfológica de gênero no verbo ou em outras categorias gramaticais (adjetivos, adposições, demonstrativos), realizando um fenômeno chamado de *trans-referência ou referência cruzada* (cf. AIKHENVALD, 1994, 2000, 2020). Nota-se também que, algumas línguas não apresentam afixos de gêneros presos gramaticalmente, mas fazem uma referência a esse sistema por meio do léxico atribuindo o gênero semanticamente. Assim, dividimos a atribuição de gênero dessas línguas conforme a distribuição realizada por Corbett (1991), atribuição semântica e formal. Decidimos dividir essa categoria em dois tipos pela visão de Corbett, uma vez que, ela, ao nosso ver, é a mais simétrica para analisar esse sistema nas línguas selecionadas.

5.2.3.1 Atribuição de gênero pela semântica

Corbett (1991) afirma que a atribuição de gênero depende de dois tipos de informações sobre o nome: seu significado (semântica) e sua forma (gramatical). Assim, a partir de um ponto de vista teórico, o sistema de atribuição tem implicações importantes para tentar determinar a estrutura do léxico. Em certos sentidos todos os sistemas de

gênero são semânticos no qual existe um núcleo semântico de atribuição (AKSENOV, 1984, *apud* CORBETT, 1991, p.8). No entanto, consideraremos aqui aquelas línguas em que os fatores semânticos são mais evidentes ou suficientes para mostrar a distinção de gênero.

De acordo com Corbett (1991) existem sistemas em que o significado de um nome determina seu gênero e em que, igualmente, dado o gênero de um nome podemos inferir algo sobre seu significado. As línguas do mundo que têm atribuição semântica dividem os nomes em diferentes grupos semânticos: inanimados, humanos de não-humanos, macho *vs* fêmea, racional de não-racional etc. Nesse tipo de atribuição, os nomes referentes a seres do sexo masculino são masculinos, do sexo feminino são femininos e outros podem pertencer ao gênero neutro e a determinação do gênero é feita por meio do significado e não da forma.

5.2.3.1.1 Línguas do Grupo-Norte Arawak

5.2.3.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Santos (2006) argumenta que os nomes alienáveis em Wapixana, quando referido às entidades com o traço [+ animado] estabelecem a distinção de gênero mediante a presença do termo de classe *–aba* para indivíduos do sexo feminino em oposição a ausência de qualquer marca, para indivíduo do sexo masculino, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(298) Wapixana

a.	Kuʃì	‘porco’
	Kuʃì-***aba***	‘porca’
b.	Kuɖui	‘anta-macho’
	Kuɖui-***aba***	‘anta-fêmea’
c.	Sukuɽɨ	‘cútia-macho’
	Sukuɽɨ-***aba***	‘cútia-fêmea’
d.	kɨɽɨkɨ	‘galo’
	kɨɽɨkɨ-***aba***	‘galinha’

(SANTOS, 2006, p.141 (a,b,c); p, 142 (d))

Santos (2000) assinala que apesar, do ponto de vista semântico, o sufixo *–aba* apresenta para os nomes alienáveis o mesmo conteúdo que o sufixo *-ɾu* apresenta para os nomes inalienáveis, ou seja, marcando o feminino ao qual o nome ele se agrega. O autor argumenta que *–aba* deve ser considerado apenas como um termo de classe e não uma desinência de gênero, uma vez que o emprego do termo de classe não é sistemático,

diferentemente do *-ɾu* que é obrigatório. Deste modo, a atribuição semântica de gênero em Wapixana se dá através do termo de classe *–aba* designando o feminino e a ausência dele designa o masculino. Em relação aos nomes lexicalizados que remetem entidades, tais como, corpos celestes, fauna e flora o autor não os descreve em seu trabalho. Então, não sabemos se eles fazem parte do gênero feminino ou masculino.

5.2.3.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Diferentemente de Wapixana, a língua Palikur tem uma descrição um pouco mais detalhada de atribuição de gênero por aspecto semântico. Aikhenvald e Green (1998) afirmam que a divisão semântica principal que governa a atribuição de gênero é por animacidade. As autoras assinalam que corpos celestes, como sol, lua, estrelas, plantas, trovões e relâmpagos pertecem ao gênero masculino, pois segundo as narrativas tradicionais já foram homens. A atribuição de gênero de nomes não humanos é determinada pela sua natureza. Aikhenvald e Green (1998) argumentam que certos animais (ex. passáros, tartarugas, peixes) são femininos. De acordo com as autoras, o sexo da espécie determina a escolha de gênero para animais grandes. Por exemplo, macacos, cachorros e onças onde os machos são masculinos e as fêmeas são femininas. Se o sexo é desconhecido, o gênero masculino é usado (AIKHENVALD E GREEN, 1998).

As autoras descrevem que o tamanho da espécie também determina a escolha do gênero, então, para peixes e para alguns animais pequenos tendem a ser feminino, enquanto os animais grandes tendem a ser masculino. Conforme Aikhenvald e Green (1998), a atribuição de gênero feminino está associada a um valor positivo, enquanto, a associação de gênero masculino se correlaciona com sentimentos negativos. Por exemplo, o rato é um animal pequeno; no entanto, é atribuído ao gênero masculino porque é considerado sujo e mau (AIKHENVALD E GREEN, 1998).

Em linhas semelhantes, as autoras explicam que as tartarugas geralmente são femininas, mas uma tartaruga que é um incômodo e que deve ser eliminada seria referida como masculina. Um dos consultores das autoras explicou que todos os insetos são masculinos, apesar de seu tamanho pequeno porque “nenhum deles serve para comida e tudo o que fazem é incomodar as pessoas, comer colheitas e causar doenças”(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.435)[108]. Se o sexo de uma pessoa é desconhecido, o gênero masculino é usado para um adulto e feminino para uma criança. Diferentemente, das outras línguas Arawak, Palikur tem um gênero neutro. As autoras

[108] None of them are any good for food" and all they do is bother people, eat crops, and cause sickness.

assinalam que uma grande proporção de substantivos com referentes inanimados - incluindo fenômenos naturais, substantivos abstratos e nominalizações - são atribuídos ao gênero neutro e as palavras que se referem ao tempo também são neutras.

E por fim, a atribuição de gênero de outros substantivos inanimados é parcialmente baseada na forma, consistência e material. Substantivos que se referem a objetos que têm forma constante e são rígidos e limitados são femininos. Os objetos redondos ou quadrados ou côncavos com uma forma fixa também são femininos. Fenômenos naturais considerados como tendo altura e profundidade definidas e limites também são femininos - por exemplo, rios, cachoeiras ou fogo. Por outro lado, substantivos que se referem a objetos flexíveis e ilimitados sem forma constante são neutros. A tabela 27, abaixo, exibe os nomes em Palikur dividididindo-os em feminino, masculino e neutro.

Tabela 27- atribuição de gênero por categoria semântica em Palikur

Masculino	**Feminino**	**Neutro**
Kamuw 'sol'	Kuhivra 'pássaro'	Ahin 'caminho'
Kayg 'lua'	Wayam 'tartaruga'	Hawkri 'dia'
Waravyu 'estrela'	Kuru 'borboleta'	Abektey 'exemplo'
Warukma 'planeta'	Im 'peixe'	Barewka 'beleza'
Digidgiye 'trovão'	Tat 'tatu'	Hawkri 'dia'
Ugugune 'relâmpago'	Ahaku/Gahaka planta/fruta	Paka 'semana'
Hieg 'pessoa'	Amuh 'canoa'	Ah 'madeira'
Nosuwyeg 'panela de metal'	Tumawi 'cuia'	Payt 'telhado de folha/ lar'
Tamanuwa 'tamanduá'	Warik 'rio'	Panye 'cesta'

Fonte: SIL, 2019; AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.136

5.2.3.1.1.2 Subgrupo Caribe: Garifuna

De acordo com Munro (1997) e com as concepções de Corbett (1991) sobre gênero, a língua garifuna pode ser baseada na atribuição de gênero por semântica, uma vez que gênero não é determinado pela forma fonológica de uma palavra, mas pelo seu significado (MUNRO, 1997). Munro afirma que, em geral, nomes animados têm gênero sexual no mundo real e gênero inanimado (incluindo plantas) tem arbitriaridade masculina e feminina. A autora ao citar Taylor (1951) assinala que as palavras para contêiner, veículos, árvores, roupas e armas são femininas, enquanto, palavras para

instrumentos perfurantes, partes do corpo, produtos corporais e plantas silvestres são masculinos. A autora argumenta que certos grupos de animais são masculinos, enquanto outros são femininos. Para a autora, os falantes usam essas categorias como uma forma de "sentir" o gênero e as categorias parecem ser relevantes para a atribuição de gênero por empréstimos.

Munro explica que, apesar de o Garifuna ter um sistema de distribuição de gênero semântico, em vez de formal, o gênero do substantivo inanimado é arbitrário, uma vez que as regras propostas não preveem todos os casos e nem seguem uma 'lógica' claramente enunciável. Algumas palavras para seres humanos têm uma atribuição de gênero, como por exemplo, *úguchuru* 'mãe' (feminino), a maioria das palavras para humanos tem gênero "comum" e concordam com o gênero do mundo real do seu referente (MUNRO, 1997). Por exemplo, as palavras para peixe, pássaros e cobra são femininas, assim como insetos rastejantes. Já os nomes de insetos voadores são masculinos. Mamíferos grandes são masculinos, já os pequenos são femininos. Assim como ocorre em Palikur, há algumas exceções que vai depender do tamanho do animal. Deste modo, peixes grandes são masculinos, assim também ocorre com os pássaros, se eles são grandes são masculinos. Munro assinala que algumas criaturas menos típicas são, principalmente femininas (ex. *Sibári* 'arraia', *ararí* 'polvo', *hohóuru* 'caranguejo de mar', *húgawí* 'lagosta' etc, MUNRO, 1997, p.457). A tabela 28, abaixo, exibe a divisão de gênero por atribuição semântica entre masculino e feminino em Garifuna.

Tabela 28 - atribuição de gênero por categoria semântica em Garifuna

Masculino	**Femenino**
Sínduru 'limão'	Fáluma 'coco'
Bunídi 'chapéu'	Dúnigi 'vestido'
Léfa 'elefante'	Mésu 'gato'
Gabáyu 'cavalo'	Óunli 'cachorro'
Mudúm 'carneiro'	Garádu 'rato'
Gábara 'bode'	Hiwa 'sapo'
Údu 'baleia'	Hewe 'cobra'
Wébayu 'tubarão'	Bugüdura 'tartaruga'

Hába 'borrachudo'	Gawámu 'tartaruga marinha'
Warúbi 'cavalinha'	Guéwigi 'papagaio'
Seriewe 'lagarto'	Gánaru 'pato'
Wadúbi 'corvo'	Hárü 'formiga'

Fonte: MUNRO, 1997, p.456-457

5.2.3.1.1.3 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

Pet (2011) não detalha a questão de gênero por questão semântica em Lokono, mas afirma que alguns nomes podem ser masculinos ou não-masculino, isso vai depender do sentimento do falante em relação ao referente. Por exemplo, bebês bonitos e pequenos são do sexo feminino e alguns animais são às vezes considerados como tendo a característica masculina (PET, 2011). O autor ressalta que se tende a encontrar as formas humanas masculinas de terceira pessoa do singular usadas para: (1) todos os homens do grupo étnico do falante, exceto se eu tiver um desdém especial; (2) homens que não sejam da etnia do falante, se forem amigos do falante ou se existir uma relação de respeito mútuo entre o falante e o referente; (3) bebês humanos pequenos (masculino ou feminino, do grupo do falante ou não), se não houver ênfase no gênero pretendido e (4) animais (por exemplo, *hikolhi* 'tartaruga'), objetos (por exemplo, *adali* 'sol') e seres espirituais (por exemplo, *Adajali* 'Deus') considerados bons ou desejáveis, ou quando são protagonistas em histórias tradicionais (PET, 2011, p.14).

A língua Wayuu não exibe uma descrição detalhada sobre a noção de gênero. Contudo, Álvarez (2017) explica que apenas os nomes de homens ou animais machos são masculinos. Todos os outros seres são femininos, ou seja, seres sexuais, sejam mulheres ou animais fêmeas e também aqueles inanimados (várias entidades e objetos). O autor assinala que o masculino às vezes é usado como hipocorístico, indicando apreciação afetuosa de um objeto assexuado: *chi ipachonkai* ‘a pedrinha’ (ÁLVAREZ, 2017, p.55). Álvarez afirma que os nomes sem artigos são usados o gênero feminino para se referir a coletividade em geral: *sünüiki wayuu* ‘a voz dos Guajiro (em geral) ’. Conforme Olza Zubiri & Jusayú (1978, p. 18 *apud* REGÚNAGA, 2005, p. 237), o feminino em Wayuu serve para designar pessoas, animais e objetos em geral, razão pela qual constitui um arquigênero, na medida em que, pode ser aplicado a pessoas e animais do sexo masculino. Entretanto, ao usar esse gênero, é ignorado que eles sejam machos. Infelizmente, não

encontramos mais dados que possam sustentar a atribuição de gênero por aspecto semântico em Wayuu, mas podemos compreender que essa atribuição é presente.

5.2.3.1.1.4 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa de Içana e Tariana

Em Baniwa os nomes são formados por dois sufixos *-ɬi* ‘masculino’ e -ɽo ‘feminino’. De acordo com Ramirez (2001), o sufixo *-ɬi* encontra-se em certos termos de parentescos e com termos que designam aves, peixes, insetos, vegetais, certos objetos, corpos celestes, como a lua, nomes que designam ilha, lama etc. Já o sufixo *-ɽo* também pode ser encontrado em termos de parentescos e com outros termos que designam aves, insetos, vegetais, certos objetos (tais como charuto, corda, maracá etc.) e outros (ex. lugar caxiri, etc.). A marca de *-ɬi* ‘masculino’ e -ɽo ‘feminino’ se lexicalizaram em tais termos. A tabela 29 ilustra atribuição de gênero por questão semântica.

Tabela 29 – atribuição de gênero por categoria semântica em Baniwa

Masculino *-ɬi*	**Feminino *-ɽo***
Áakaɬi ‘formiga’	Áadaɽo ‘arara’
Áaɬi ‘jaburu (ave)’	Áakoɽo ‘lagarta’
Aalídaɬi ‘tatu’	ʤawikaɽo ‘borboleta’
Bokóloɬi ‘corujão’	Káapaɽo ‘macaco-barrigudo’
Dóidaɬi ‘peixe’	Híipaɽo ‘sapo’
Dóokoɬi ‘embaúba’	Ɲámaɽo ‘arraia’
ʤamapaɬi ‘zagaia’	Paʤawaɽo ‘caxiri’
Katónoɬi ‘ilha’	Pháaɽo ‘mucuim’
Kéeɬi ‘lua’	ʦhítsiɽo ‘pássaro’
Malíiɬi ‘Xamã’	Wáaɽo ‘papagaio’

Fonte: RAMIREZ, 2001, p. 464-465

A língua Tariana exibe distinção de gênero por atribuição semântica. De acordo com Aikhenvald (1994, p.218) em Tariana há oposição entre animado feminino e não-feminino, animacidade e não-animacidade, objetos não contáveis e pares, forma e estrutura (redondo, oco, vertical, longo, fino, espaços limitados, curvilínear, líquidos etc.). A tabela 30 exibe as classes nominais por categoria semântica.

Tabela 30 – atribuição de gênero por categoria semântica em tariana

Não-feminino	**Feminino**
ʧĩãɽi ‘homem’	Inaru ‘mulher’
ʧĩnu ‘cachorro’	Iphema ‘asa’
Keri ‘lua, sol’	Kabuetama ‘professora’
Kapi ‘Mão’	

Fonte: AIKHENVALD, 1994, p.230

5.2.3.1.2 Línguas do Grupo-Sul Arawak

5.2.3.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

No que concerne à distinção de gênero da língua Terena, Butler & Ekdahl (1979, p.20) afirmam que não há uma distinção formal de gênero. Rosa (2010) explica que há uma referência a seres humanos que distingue masculino e feminino nos nomes, mas essa marcação não é realizada morfologicamente. Na língua Terena há um item lexical específico para masculino *hɔjɛnɔ* e outro item lexical específico para feminino *sɛːnɔ*. Desse modo, podemos dizer que em Terena o gênero do referente pode ser expressado através dessas duas palavras. Além disso, não conseguimos encontrar exemplos de palavras lexicalizadas que distinguem o gênero pelo seu significado, como vimos até agora nas línguas do grupo Norte-Arawak. Deste modo, em Terena a distinção de masculino e feminino é realizada por um item lexical, realizando uma atribuição aparentemente semântica para distinguir um nome masculino do feminino, com podemos constatar nos exemplos abaixo:

(299) Terena

a. *sɛːnɔ* kalivɔːnɔ ‘Criança fêmea, menina’
b. *hɔjɛnɔ* kalivɔːnɔ ‘Criança macho, menino’
c. *hɔjɛnɔ* siːni ‘Onça macho’
d. *sɛːnɔ* siːni ‘Onça Fêmea’

(ROSA, 2010, p. 81)

Em Baure, a categoria de gênero é inerente e ele é, principalmente, biológico e não gramatical, apesar de ter prefixos que fazem tal distinção em orações para fazer concordância. Danielsen (2007) afirma que apenas animas femininos são considerados gramaticalmente femininos, e todos os outros substantivos são masculinos. A distinção de gênero nos nomes é dada na figura 30, a seguir, retirada de Danielsen (2007, p.117).

Figura 30 - Distinção de gênero em nomes na língua Baure

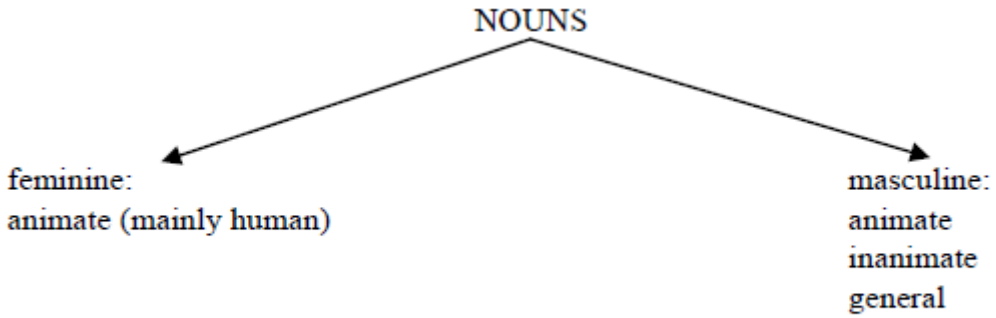


Figure 4.3: Gender distinction in Baure nouns

Fonte: DANIELSEN, 2007, p.117

Segundo Danielsen (2007), os inanimados são sempre referidos como masculino não marcado, enquanto os animados não são marcados quanto ao gênero, como geralmente todos os animais. A autora afirma que apenas para seres humanos, alguns animais de estimação, animais domesticados ou animais de uma narrativa é feita a distinção de gênero. A autora assinala que o gênero não é formalmente aparente ao nome, mas existem formas supletivas para humanos femininos e masculinos e termos de parentesco e alguns animais. Para Danielsen (2007), alguns desses nomes têm uma forma geral que se refere genericamente para ambos os gêneros, além de nomes específicos de gênero. A autora assinala que existe, por exemplo, um nome geral *-iron* 'parente' e os nomes específicos *-en* ‘mãe’ e *-ia'* ‘pai’.

Danielsen (2007) ressalta que esses nomes gerais também são de gênero masculino não marcado, mas geralmente interpretados como masculinos, enquanto a forma feminina deve ser marcada por um determinante feminino (pelo menos o demonstrativo feminino *ti* ‘DEM1’). Os exemplos, a seguir, exibem a distinção de gênero em Baure.

(300) Baure

a. *To niron*
To ni=*iron*
‘My parent (father) / ‘Meu pai.’

b. *ti niron*
Ti ni=*iron*
DEM.F 1SG=parente
‘My mother’/ ‘minha mãe. ’

c. *to nirononev*
To ni=irono=nev
ART 1SG=parente-PL

‘My parents’/ ‘Meus pais’

d. *to nia*
To ni=ia
ART 1SG=pai
‘My father’/ ‘Meu pai’

e. *ti nen*
Ti ni=em
DEM.F 1SG=mãe
‘My mother’/ ‘Minha mãe’

(DANIELSEN, 2007, p.117)

Em Bauré há também outras divisões masculina e feminino para outros termos de parentescos como avós, irmãos e tios. Danielsen (2007) afirma que quando os animais são distinguidos por gênero, eles são precedidos por um determinante ou alternativamente, o nome animal é marcado por um modificador nominal *etan* “mulher” ou *hir* “homem”, como podemos observar nos dados a seguir.

f. *to tiporek*	g. *ti tiporek*	h. *to hir tiporek*
to tiporek	ti tiporek	to hir tiporek
ART frango	DEM.F frango	ART. homem frango
‘The chicken/ ‘O frango’	‘The hen/ ‘a galinha’	‘The rooster’/ ‘O galo’

(DANIELSEN, 2007, p.117)

A língua não exibe uma lista de nomes lexicalizados no qual o gênero é atribuído por questões semânticas. Contudo, podemos compreender que a língua Baure exibe atribuição semântica de gênero, embora, ela tenha alguns morfemas independentes marcando a distinção feminino/masculino. Essas distinções morfológicas são feitas através de nomes que designam parentesco, homem, mulher, e são frequentemente referidas para seres animados. Essas formas não ocorrem em outras categorias gramaticais (verbos, adjetivos, demonstrativos etc.) ou fazem referência cruzada.

5.2.3.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Paresí-Haliti

A língua Wauja não apresenta distinção de gênero por aspectos gramaticais, os dados de Postigo (2014) apontam para uma atribuição semântica dessa categoria. Postigo (2014) afirma que não há uma distinção de gênero para os nomes de seres inanimados. Já no que se refere aos seres animados há uma distinção lexical de gênero masculino marcado com a palavra *eneza* “homem, macho” e *tenezu* “mulher, fêmea” para marcar o gênero, como podemos observar nos exemplos abaixo.

(301) Waujá

a. araukuma *eneẓa* “galo”
b. araukuma *teneẓu* “galinha”
c. jãnumaka *eneẓa* “onça macho”
d. jãnumaka *teneẓu* “onça fêmea”

(POSTIGO, 2014, p.143)

Os nomes próprios em Wauja apresenta o morfema *–lu* para se referir ao gênero feminino, o gênero masculino não é marcado morfologicamente.

e. Aruta → Aruta-*lu*
f. Eju → Eju-*lu*
g. Ulepe → Ulepe-*lu*

(POSTIGO, 2014, p.143)

Desse modo, podemos verificar que a atribuição de gênero em Waujá aparentemente é semântica.

De acordo com Corbera Mori (2012, p.132) não há propriamente morfemas presos nos nomes que marcam a distinção de gênero. Conforme o autor as diferenças se dão lexicamente, atribuindo gênero por questões semânticas. Contudo, assim como correm Baure e Wauja, alguns termos de parentescos recebem sufixos para indicar o masculino e o feminino. Nesse caso, os exemplos mostram que a forma masculina não é marcada ou em alguns poucos casos recebem o sufixo *ʂɨ*, já o feminino é marcado para distinguir o sexo com o sufixo *-lu* e suas variações (~ -lulu-~ -ʂu). Os exemplos, abaixo, exibem a distinção de gênero em termos de parentescos em Mehináku.

(302) Mehináku

a. Nu-'tãĩ ‘meu filho’ x N-itsu'pa-*lu* ‘minha filha’
b. Nu-tu'kaka ‘meu irmão’ x Nu-taka'ka-*lu* ‘minha irmã’
c. Nu-matu'kɨ-*ʂɨ* ‘meu sogro’ x Nu-matɨ-*ʂu* ‘minha sogra’
d. Ka-tũ'pa-*ʂɨ* ‘viúvo’ x Ka-tũpa-*'lulu* ‘viúva’

(CORBERA MORI, 2012, p. 133)

Corbera Mori (2012) afirma que os sufixos atachados nos nomes têm função derivacional e não flexional. Em alguns casos a distinção de seres animados como os animais pode ser realizada a partir do léxico *enɨʂa* “homem, macho” e *tɨneʂu* “mulher,

fêmea”[109]. A língua Yawalapiti não apresenta um estudo sistemático sobre atribuição de gênero seja por propriedade semântica ou formal.

E por fim, a atribuição de gênero em Paresí-Haliti se perdeu. De acordo com Brandão (2014), em Paresi as categorias nominais são número, classificadores e tempo nominal. No entanto, alguns vestígios podem ser encontrados em nominalização e raramente em alguns léxicos que podem designar o sexo dos seres animados. Por exemplo, nessa língua os classificadores podem ocorrer com os nomes *ohiro* “mulher/fêmea” ou *ena* “homem/macho” em compostos de animais, referindo-se ao gênero do referente. O classificador nesse caso é lexicalizado em alguns nomes, como o exemplo a seguir:

(303) Paresí

a. Txini ohironatse
   Txini *ohiro*-natse
   Onça mulher/fêmea-CLF: CILÍNDRICO
   ‘A female jaguar/ ‘Uma onça fêmea’

(BRANDÃO, 2014, p.189)

Importante argumentar que embora a língua possa apresentar alguns resíduos de gênero, Brandão (2014) ressalta que a língua não exibe tal categoria, por isso, não há uma atribuição nem semântica ou formal de gênero. O exemplo acima apenas mostra que há resíduos dessa categoria na língua.

5.2.3.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Facundes (2001) argumenta que nomes que são morfologicamente não marcados para gênero constitui a maioria dos léxicos da língua Apurinã. Segundo o autor, a boa parte dos nomes não marcados morfologicamente referem-se para elementos de sexo não diferenciável e são atribuídos para o gênero masculino ou feminino, como podemos observar na tabela 31 a seguir.

[109] A distinção por aspectos semânticos de gênero não é feita, contudo, podemos observar nos exemplos que existem algumas formas morfológicas para distinguir feminino e masculino, mas isso não é uma regra (comunicação pessoal por CORBERA-MORI). Poderíamos dizer, então, que alguns itens lexicais específicos, como os elencados aqui recebem sufixos de gênero, e na maioria dos casos é lexicalizado na língua. Isso também é visto em outras línguas neste trabalho, como Apurinã, Ashéninka, Wauja etc.

Tabela 31 - Atribuição semântica em Apurinã

Feminino	**Glosa (F)**	**Masculino**	**Glosa (M)**
ããtsa	canoa (tradicional)	ããmuna	árvore
ããxike	folha (fina)	ããtsopa	folha (ampla, longa)
pirana	fala	ĩtopa	selva/mato
serepi	Flecha	kanawa	canoa
upo	larva	mãka	roupas de
		mane	corpo de
		sãkire	língua de
		tõõpa	lugar

Fonte: FACUNDES, 2000 (p.220)

A língua Maxinéri exibe dois tipos de atribuição de gênero: semântico e formal. No que concerne à atribuição semântica, Silva (2013) argumenta que a categoria de gênero não é marcada morfologicamente nos nomes, com exceção dos termos de parentescos. Nos seres animados, para especificar o sexo, os nomes de animais se combinam com *keki* ‘macho’ e *sɨcço* ‘fêmea’.

(304) Aspecto semântico de gênero em Maxinéri

a. ʃĩkane keki ‘tucano macho’
b. ʃĩkane siço ‘tucano fêmea’

(305) Marcação de gênero em termos de parentescos em Maxinéri

a. nɨnro ‘mãe’
b. niɾɨ ‘pai’
c. kiro ‘avó paterna e materna’
d. totɨ ‘avô paterno e materno’

(SILVA, 2013, p. 55)

A língua Yine-Piro exibe nomes alienáveis que são especificados lexicalmente como masculinos ou femininos. Harsen (2010) assinala que para humanos e outros referentes diferenciáveis por sexo, o gênero gramatical é consistente com o gênero natural. Para todos os outros referentes, a base da atribuição de gênero não é tão óbvia, embora certas tendências possam ser observadas (HARSEN, 2010). Por exemplo, nomes

abstratos tendem fortemente a ser masculinos, como animais maiores e cobras e répteis, insetos e pequenos animais e pássaros tendem a ser femininos.

De acordo com Harsen (2010), na maioria dos nomes, o gênero é oculto e é revelado apenas por meio da morfologia de concordância sensível ao gênero, demonstrativos ou formas pronominais anafóricas. Alguns nomes, no entanto, têm um reflexo fonológico de seu gênero, de modo que as raízes masculinas contêm a vogal [ɨ] e a contraparte feminina contém a vogal [o].

(306) Yine-Piro

a. Makl***ɨ***çi ‘Boy, young man’/ ‘menino’
b. Makl***o***çi ‘Girl, young woman’/ ‘menina’
c. Mhenokl***ɨ*** ‘Male jaguar’/ ‘onça macho’
d. mhenokl***o*** ‘Female jaguar’/ ‘onça fêmea’

(HARSEN, 2010, p.108-109)

Em relação aos nomes inalienáveis, eles parecem sempre ter sua própria especificação de gênero; outros às vezes não, apenas uma especificação de gênero ou às vezes contam com a de seu possuidor; e outros ainda parecem nunca ter sua própria especificação de gênero, mas dependem inteiramente da de seu possuidor. A autora não descreve de forma sistemática a questão de gênero no significado, mas dá dois exemplos, como *paranta* ‘babana’ (F) e *çimeka* ‘mandioca (M) (HARSEN, 2010). Assim sendo, podemos verificar que a língua Yine-Piro, embora não seja predominante, exibe exemplos que constastam a atribuição de gênero por aspecto semântico.

5.2.3.1.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

A língua Ashéninka exibe os dois padrões de atribuição de gênero: semântico e formal. Em relação ao semântico, a atribuição inclui sexo para nomes humanos (machos para masculinos e fêmeas são não-masculina) e animacidade para nomes não-humanos (entidades inanimadas não são masculinas por padrão). A tabela 32 mostra a marcação de gênero masculino como o sufixo *–ri* que é encontrado sobre nomes [+ humanos] e alguns [+ animados] não humanos e nomes inanimados que mostram a concordância em gênero masculino com adjetivos, demonstrativos, possessivos, verbos, pronomes e advérbios. A distinção de gênero feminino é com nomes que vêm com o sufixo *–ro*. Os exemplos de Ashéninka mostram que estas marcas em alguns nomes se lexicalizaram. A tabela 32 ilustra a atribuição de gênero por domínios semânticos em Ashéninka.

Tabela 32 - Atribuição semântica de gênero Ashéninka

Domínios Semânticos	**Masculino *-ri***	**Feminino *-ro***
Parentesco	*Nasa**ri*** “meu neto”	*Nasa**ro*** “neta”
Nomes humanos genéricos	*Evanka**ri*** “jovem homem”	*Envanka**ro*** “jovem mulher”
Elementos naturais	*Kashi**ri*** “Lua”	
Mamíferos	*Saa**ri*** “Gambá”	
Peixes	*Shavo**ri*** “Barbon”	
Roedores	*Onki**ri*** “Rato”	
Pássaros	*Amimpo**ri*** “Condor”	
Insetos	*Katsito**ri*** “Formiga”	
Coisas de casa	*Kishi**ri*** “Pente”	

Fonte: MIIHAS, 2010, p.121

Mihas (2010b) explica que a atribuição de gênero masculino para entidades animadas não humanas tais como *kashiri* “lua”, *saari* “gambá”, *katsitori* “formiga”, deve-se ao fato das crenças cosmológica dos Ashéninka, ou seja, originalmente essas criaturas eram pertencentes ao gênero masculino, mas que se tornaram não-humanos em algum momento.

Já a língua Caquinte não exibe exemplos para demostrar a atribuição de gênero por atribuição semântica. Castilho-Ramirez (2017) explica que algumas espécies têm gênero semântico determinado. Por exemplo, alguns anfíbios e reptéis são considerados femininos e a maioria dos peixes são semanticamente masculino, assim como, os corpos celestes.

Michael (2008) divide gênero de classe de nomes em Nanti. O autor explica que essa língua apresenta dois parâmetros de classes de nomes: um parâmetro binário de animacidade (animado *vs* inanimado) e um parâmetro binário de gênero (masculino *vs* não-masculino). Os nomes que se inserem na categoria [+ animados] são obrigatoriamente masculinos, nomes não masculinos podem ser animados e inanimados. Michael (2008) explica que o gênero é absolutamente marcado de forma semanticamente transparente sobre um grupo pequeno de nomes que denotam [+ humano] (ex. *aNta**ri**ni* “adulto macho”/ *aNta**ro**ni* “adulto fêmea”, *Sa**ri*** “avô”, *Sa**ro*** “avó”, ***i**chere* “menino”, ***o**chere* “menina” cf. MICHAEL, 2008, p.286). Michael (2008) afirma que há fortes evidências de que no Proto-Kampa, o último sistema era produtivo, e que pelo menos os substantivos que denotavam referentes animados eram marcados com os sufixos de classificaçãa o de gênero *-ri* (masculino) ou *-ro* (não masculino), assim como em Ashéninka. A tabela 33 abaixo exibe a distinção de gênero em Nanti.

Tabela 33 - Atribuição semântica de gênero em Nanti

Masculino *-ri*	**Feminino *-ro***
Kema***ri*** 'anta'	mase***ro*** 'sapo'
Kapaheri***ri*** 'gambá'	ShiNpe***ro*** 'perservejo fedorento'
Tsuge***rí*** 'macaco esquilo'	Tsiregi***ro*** 'plantas de urbarbas'
Matsira***ri*** 'macaco aranha'	

Fonte: MICHAEL, 2008, p.295

Assim sendo, semanticamente os nomes inanimados são um subconjunto de classe de nomes não-masculino. Já os mamíferos, pássaros, peixes, répteis e insetos sociais são associados ao gênero masculino enquanto insetos não sociais, anfíbios e répteis aquáticos são não-masculino. Adiante verificaremos a atribuição de gênero por aspectos gramaticais, principalmente, em relação a concordância e referência cruzada, dois aspectos essenciais para compreender a morfologia de gênero nas línguas Arawak.

5.2.3.2 Atribuição de gênero gramatical: Concordância e referência cruzada

Corbett (1991) explica que, em línguas que têm um número grande de nomes falham nas regras de atribuição semântica. É esperado que esses nomes sejam tratados por regras de atribuição formal, isto é, regras que depende das formas dos nomes envolvidos e não do seu significado (CORBETT, 1991). Essas regras são de dois tipos: morfológicos e fonológicos. Em consonância com Corbett (2001), a distinção entre regras atributivas semânticas e formais são claras, no entanto, a distinção entre regras morfológicas e fonológicas não são.

Para o autor, as regras fonológicas referem-se para uma forma simples de um nome (ex. nomes terminados em –a no português referem-se ao gênero feminino), já as regras morfológicas requerem o acesso à estrutura da palavra, tipicamente para flexionar informações das classes gramaticais. Atribuição de gênero por aspectos gramaticais fornece ferramenta prática para iniciar análises de marcação explicitas de diferentes fenômenos gramaticais, como *a concordância e referência cruzada* que é a marcação de gênero morfologicamente nos argumentos do verbo e nele mesmo, além disso verificaremos também a concordância nominal, com adjetivos e pronomes demonstrativos.

5.2.3.2.1 Línguas do grupo Norte-Arawak

5.2.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

De acordo com Santos (2006), certos nomes inalienáveis em Wapixana fazem a distinção de gênero mediante a presença do sufixo *–ɾɨ* para nomes que se referem a indivíduos do sexo masculino e a presença de *–ɾu* para nomes que se referem ao sexo feminino.

(307) Wapixana

a. Da-j-a-***ɾɨ***
Gênese-NPOSS-EP-M

‘Esposo’

b. Da-j-a-***ɾu***
Gênese-NPOSS-EP-F

‘Esposa’

(SANTOS, 2006, p.140)

A língua, assim como, veremos nas outras línguas Arawak exibe concordância de gênero na trans-referência, como podemos observar a seguir:

(308) Trans-referência de gênero em Wapixana

a. zn̨in **u**-ipai-a-n zn̨amaka
Mulher 3SG.F-acabar-EP-MI Rede

‘A mulher acabou a rede’

b. **ɨ**-tɨkp-a-n wɨɻada naʔik ɨ-bajʔi-a-n-ɨzn̨
3SG.M-ver-EP-MI jabuti CONECT. 3SG.MAS-flecha-EP-MI-OBJ
pa-uku-n
ANF-timbó-POSS

‘Ele viu o jabuti e atirou nele com o seu timbó’

(SANTOS, 2006, p.129)

Santos (2006) argumenta que o adjetivo pode concordar em gênero com o sujeito ao qual se relaciona, como demonstram os exemplos a seguir:

(309) Concordância de gênero com adjetivo em Wapixana

a. ũ-ɖa-j-a-**ɾɨ** kaʔɨdn̨ɲaba-ʔu zn̨ak-ap
1-gênese-NPOSP-EP-M trabalhador-ADJ roça-TCL: EXTENSÃO
ɖ-a-ʔɨ
Posse-DÊIT-CLF: PTT

‘Meu esposo é trabalhador da roça’

b. ũ-ɖa-j-a-**ɾu** kaʔɨdn̨ɲaba-i-ba
1-gênese- NPOSP-EP-F trabalhador-?-TCL:F

‘Minha esposa é trabalhadora’

(SANTOS, 2006, p.180)

Além do que foi exposto acima, Santos ressalta que a língua Wapichana apresenta um sistema em que se distinguem graus de distância (próximo / distal) e gênero para seres animado (masculino / feminino). As oposições de gênero se revelam nas formas referentes ao distal, como ilustrado a seguir:

(310) Concordância de gênero em pronomes demonstrativos em Wapixana

a. tawu-**ɽu** zɨin maku-n zɑkap it
DIST-F mulher ir-MI roça ALL
'Aquela mulher vai para roça'

b. tawɨ-**ɽɨ** ɖaunaiuɽ maku-n zɑkap it
DIST-M homem ir-MI roça all
'Aquele homem vai para roça'

(SANTOS, 2006, p.188)

5.2.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Em Palikur, a atribuição de gênero por aspectos formais é realizada, principalmente, para marcar a concordância. Existem três formas de marcar a concordância de gênero em Palikur, elas são encontradas nos SN, no núcleo-modificador com demonstrativos e com modificadores. Aikhenvald & Green (1998) afirmam que outros modificadores como quantificadores, indefinidos e interrogativos não fazem a concordância de gênero. Em construções argumento-predicativo, afixos de terceira pessoa em construções de *trans-referência* e pronomes independentes têm formas de concordância. Os exemplos, abaixo, exibem a atribuição de gênero nessa língua por aspectos formais.

(311) Marcação de gênero em pronome demonstrativo em Palikur

a. Ner awayag
DEM-M Homem
'This man'/ 'Este homem'

b. No tino
DEM=F Mulher
'This Woman'/ 'Esta mulher'

c. Ini ahin
DEM=N Caminho
'This parth'/ 'Este caminho'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.437)

Aikhenvald & Green (1998) afirmam que outros modificadores como quantificadores, indefinidos e interrogativos não fazem a concordância de gênero. Em construções argumento-predicativo, afixos de terceira pessoa em construções de *trans-*

referência e pronomes independentes têm formas de concordância, como podemos verifica a seguir:

(312) Trans-referência de gênero em Palikur

a. Ig Karumaya **ig** ukokri gi-wat-ni
DEM-M Karumaya 3M Deus 3SG.M-enviar-POSS
'This (man) Karumaya was God's messenger'
'Este Karumaya (homem) foi o mensageiro de Deus'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p. 437)

Aikhenvald e Green (1998) argumentam que a referência cruzada neutra é comumente usada em textos para marcar concordância com um substantivo de núcleo inanimado. No exemplo a seguir, a concordância com o modificador demonstrativo é feminina; já a concordância com o possuidor de referência cruzada é neutra.

b. eg ***gi***-waw-ni nawene-wa a-humwa-ni
DEM.F 3SG.M-chocalho-POSS diferente-N.F-ENF 3SG.N-forma-POSS
'This (feminine) rattle of his had a different form'
'Este chocalho (feminino) dele tinha uma forma diferente'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.438)

Aikhenvald e Green (1998) assinalam que a concordância de gênero aparece em vários sufixos de verbos. Esses sufixos distinguem duas formas de concordância: uma para masculino e neutro (não-feminino) e outra para feminino. Para alguns itens lexicais individuais, a concordância de gênero é realizada por meio de mudança de vogal interna (*o* para 'feminino'; e ou *a* para 'masculino/neutro'). As autoras afirmam que esse tipo de concordância de gênero é obrigatório nas construções predicado-argumentais e sempre com o sujeito (A/S).

c. Gi-waw-ni eg-yer-wa waw
3SG.M-chocalho-POSS 3SG.F-verdadeiro-EMPF chocalho
Waymaviya-no eg
Sobremundo-PERF-CONTF ela
'His rattle (feminine) was a true underworld one'
'Seu chocalho (feminino) era um verdadeiro submundo'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.438)

A concordância também pode ser observada em verbos estativos como modificadores em sintagmas nominais.

(313) Concordância de gênero com verbos estativos

a. Barew-ye tino
Ser bonito/claro-DUR.F Mulher

'A pretty woman'
'Uma mulher bonita'

b. Eg ipeg-pita hiyeg barew-**ye**
DEM-F olhar-V-CLF:IRR pessoa ser bonita-DUR.F

'She looked a beautiful person all over'
'Ela parecia uma pessoa bonita por todo o lado'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.438)

E por fim, Aikhenvald e Green (1998) argumentam que a concordância de gênero com um nome animado (*hiyeg* 'pessoa') no verbo (*miyap* 'ele morre') e com um nome inanimado (*yuwit* 'palavra') em *barew-ye* 'belo durativo não feminino' ocorrem com um verbo estativo em uma função modificadora.

c. Kuri a-pit hiyeg miyap ig-kis awn
Agora 3SG.N-antes pessoa morrer: 3SGN.F 3M-PL fala
barew-ye-nem yuwit ku pariye pes
bonito-DUR.F-único palavra SUB isso sair

'Now, before a person dies, they speak beautiful words that come out'
'Agora, antes de uma pessoa morrer, ela fala palavras bonitas que saem'

(AIKHENVALD E GREEN, 1998, p.439)

5.2.3.2.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo Norte: Garifuna

De acordo com os dados de Larsen (2016) e de Quesada (2017) observamos que o gênero em Garifuna tem sua manifestação morfossintática principalmente em regras de concordância. Quesada (2017) explica que a concordância é tanto interna quanto externa. Em Garifuna existe concordância de gênero entre o verbo e os argumentos (trans-referência), nos adjetivos, a partir da afixação do sufixo *-ti* para a concordância masculina e o sufixo *–tu* para a concordância feminina. No que se refere aos nomes, também existe concordância interna de gênero entre os marcadores de posse. Além disso, há distinção de gênero também nos pronomes demonstrativos, como podemos ver nos exemplos (g-h). Os exemplos retirados de Quesada (2017, p.70) exibem a distinção de gênero por atribuição formal.

(314) Concordancia de gênero com adjetivo/demonstrativo em Garifuna

a. *Wügüri Sandi-**ti***
Homem Enfermo-M

'Hombre enfermo
'Homem doente'

b. *Würi* *Sandi-**tu***
Mulher enferma-F

‘Mujer enferma’
‘Mulher doente’

c. Wéiri-t-***i*** eyeri ***le***
Grande-AOR-3SG.M homem DEM.M

‘Ese hombre es grande’
‘Esse homem é grande’

d. Wéiri-t-***u*** hiñaru ***to***
Grande-AOR-2SG.F mulher DEM.F
‘Esa mujer es grande’
‘Essa mulher é ótima’

(315) Concordância de gênero nominal

a. ***Li**-chügü* *Simeón*
3SG.M-cabeça Simon

‘Cabeza de Simón’
‘Cabeça de Simon’

b. ***Ti**-chügü* *Nolbia*
3SG.F-cabeça Nolvi
‘La cabeza de nolvia’
‘Cabeça de Nolvia’

(316) Concordância de gênero em trans-referência em Garifuna

a. *Gura-t-**i*** *Bédudu* *duna*
Beber-PFV-SG.M Beto água

‘Beto bebe agua’
‘Beto bebeu água’

b. *Gura-t-**u*** *Maria* *duna*
Beber-PFV-3SG.FEM Maria água
‘María bebió agua’
‘Maria bebeu água’

(QUESADA, 2017, p.70)

5.2.3.2.1.4 Subgrupo TA-Awarák: Lokono e Wayuu

A língua Lokono exibe distinção de gênero marcado morfologicamente no verbo e nos nomes. Nos verbos, os sufixos *–ly* (masculino) e *–thy* (feminino) vão fazer referencia ao sujeito do predicado e também faz concordância com adjetivo, além de fazer distinção em pronomes demonstrativos, como podemos verificar a seguir.

(317) Concordância de gênero em trans-referência em Lokono

a. ***li**-*siki-fa halham ***ly**-*polatonia ***l**-*eretho myn
3SG.M-dar-FUT tudo 3M.POSS-dinheiro 3M.POSS-esposa POSP

‘Ele vai dar todo o seu dinheiro para sua esposa’

b. ***tho***-bokonoa-bo
3SG.F-cozinhar-PROG

'Ela está cozinhando'

(318) Concordância de gênero com adjetivo

a. Nykamy-ka-***i***
Triste-PFV-3M

'Ele está triste'

(319) Concordância de gênero com demonstrativo

a. Lira-bo osa-bo
DEM.M-aí ir-CONT
'That (male) there is going/ 'Aquele está indo'

b. Tora-da da-bianthe
DEM.N.M 1SG-esposa

'That (female) spouse of mine'/ 'Aquela é minha esposa'

(PET, 2011, p. 28,41,63)

Em Wayuu, Álvarez (2017) argumenta que a distinção de gênero é de suma importância para estabelecer a concordância do nome com os artigos, demonstrativos, com verbos e adjetivos. O morfema *–shi* marca 'masculino' e *sü* marca 'feminino'. Nos pronomes demonstrativos a distinção é feita a partir de *chi* 'masculino' e *tü* 'feminino'. Exemplos a seguir mostram isso.

(320) Concordância de gênero com adjetivo em Wayuu

a. *Talatü-**shi*** *maˈin* *jimaˈai* ***kai***
Ser feliz-3SG.M muito jovem ART.M

O jovem está muito feliz

b. *Talatü-**sü*** *maˈin* *majayüt* ***kalü***
Ser feliz-3SG.F muito moça ART.F

'A moça está muito feliz'

(321) Concordância de gênero com verbo (trans-referência)

a. *Ee-jayee-**chi*** *Lukaa* *wanee* *jayeechi*
Fut-Cantar-fut-3SG.M Lucas uma canção

'Lucas cantará uma canção'

b. *A-chajaa-nü-**sü*** *chaamaa-**kalü*** *te-pia-luˈu*
IND-buscar-PSV-3F brucha-ART-F 1SG-casa-LOC

A bruxa era procurada em minha casa

(322) Concordância de gênero com pronomes demonstrativos

a. ***Chi*** alijunakai

'Eso crioulo/ Este criolo'

b. ***Tü*** alijunakalü

‘Esa criolla/ esta criola’

(ÁLVAREZ, 2017, p.55)

5.2.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá

Na língua Resígaro, Allin (1976) não descreve sistematicamente a questão de atribuição de gênero na língua. Contudo, alguns dados retirados do seu trabalho exibem concordância gramatical de gênero. O pronome livre *tsú* marca a forma masculina enquanto *tsó* marca a forma feminina. Há também afixos que fazem concordância e estão junto ao verbo realizando a trans-referência. O prefixo *–gi* marca a forma masculina e o prefixo *dó-* marca a forma feminina. Os dados abaixo exibem a atribuição de gênero por aspectos gramaticais em Resígaro.

(323) Concordância verbal de gênero (Trans-referência) em Resígaro

a. ***Gi***-?daá khó kamá-káa ***tsú***
3SIG.M-beber POSP Beber-incipiente Ele

‘From drinking, he got drunk’
‘De beber, ele ficou bêbado’

b. ***Gi***-ná vakhájakáa ***tsi***
3SG.M-LOC adoecer Ele

‘He got sick/he is sick’
‘Ele adoeceu/ele está doente’

c. ***Tso***-kódoo ma mi ***dó***-fu
Ela-retornar REL REC ela-medo

‘Ela estava com medo de retornar’

d. Na-ado?phaavú miké ***tsó*** ímú
1SG-trabalhar CONECT ela dormir

‘Eu trabalho, mas ela dorme’

(ALLIN, 1976, p.271-344)

Em Achagua, Wilson (1992) explica que a concordância verbal tem duas formas, uma com sufixo e outra não. A forma com sufixo geralmente é usada para introduzir um novo tópico. Os sufixos de concordância com o sujeito são: *-ezi* (singular, menos terceira pessoa feminina), *-ečo* (terceira pessoa singular, feminino) e *-enai* (plural). Há também prefixos que distinguem não-feminino *li-* do feminino *zu-*. Esses morfemas fazem uma construção de trans-referência, marcando o gênero gramatical nos verbos. Em tal situação, o verbo leva um prefixo nominal que concorda com o sujeito e um sufixo nominal que concorda com o complemento. Os exemplos a seguir exibem a atribuição de gênero por aspectos gramaticais em Achagua.

(224) Achagua

a. *Néenee'ee* *jiní* *rumédani* *íinetóomica*
Néénee-ee hiní ***zu***-méda-ni íinetoo-mi-ka
Então-Foc nada 3SG.F-FAZER-3COM Mulher-PAS.REM-AFIR

'Entonces la mujer no hizo nada'/ 'Então a mulher não fez nada'

b. *Samálita* *wówairri* *béerri*
Sáama-***li***-*ta* wówai-***ežį*** béézi
Criança-3SG.M.? Querer-SG.M Cazabe

'El chico quiere um cazabe / 'O menino quer beijú'

c. *Ruya* *wówaicho* *éema*
Zuyá wóai-***ečo*** éema
3SG.F querer-3SG.F Cavalo

'Ela quer um cavalo'

(WILSON, 1992, p. 6,12,28)

Os nomes podem levar também um sufixo de gênero para especificar o sexo do referente.

d. *Nuéénajri*
Nu-éenah-***ežį***
1SG-irmão-M

'Mi hermano'/ 'Meu irmão'

e. *Nuéénajtoo*
Nu-éenah-***etoo***
1SG-irmão-F

'Minha irmã'

(WILSON, 1992, p.22)

Os adjetivos, geralmente, concordam em gênero com o nome núcleo, como se demostra a seguir:

(325) Concordância de gênero com adjetivos

a. *Washiálikuérri cadánanü*
Wašialikua-***ežį*** ka-dánani-i
Homem-3SGM ATR-força-3SG.M

'Un hombre fuerte'/'Um homem forte'

b. *Íinetoo cadánanin*
Iina-***etoo*** ka-dánani-u
Mulher-3SG.F ATR-força-3SG.F

'Una mujer fuerte'/ 'Uma mulher forte'

(WILSON, 1992, p.35)

5.2.3.2.1.6 Alto Rio Negro: Baniwa de Içana, Tariana e Warekena

A língua Baniwa de Içana combina um sistema de dois gêneros (feminino e não feminino) distinguidos em demonstrativos singular, trans-referência de pessoas (prefixos e enclíticos), pronomes pessoais e com sufixos sobre os nomes, principalmente em termos de parentescos e partes do corpo. A concordância nessa lingua ocorre com a afixação dos morfemas *-ɾo* (sujeito) e *–no* (objeto) para o feminino e -ɽi (sujeito) e –ni (objeto) para o masculino. Observem que esses morfemas também são usados para indicar distinção de gênero em trans-referência. Os exemplos abaixo exibem isso.

(326) Baniwa de Içana

a. ***ɾo***-iiɲha-ka
   3SG.F-comer-SUB
   'Ela está comendo'

b. Pédoɽo i-kapa-***no***
   Pedro CON-ver-3F.O
   'Pedro ver ela (Pedro a vê)

c. Iinonaa-ka-***no***
   Triste-SUB-3SG.F
   'Ela está triste'

d. ***li***-iiɲha-ka
   3SG.M-comer-SUB
   'Ele está comendo'

e. Maria i-kapa-***ni***
   Maria CON-ver-3M.O
   'Maria viu ele (Maria o vê)'

f. Iinonaa-ka-***ni***
   Triste-SUB-3SG.M
   'Ele está triste'

(RAMIREZ, 2001, p.105)

A língua Tariana exibe predominantemente distinção de gênero por concordância o que mostra a predominância dessa categoria por aspectos formais. Aikhenvald (1994) explica que a língua possui dois tipos de concordância: predicado-argumento e núcleo-modificador. O predicado concorda com o sujeito em gênero e pessoa. Essa concordância ocorre a partir da trans-referência cuja concordância se marca com prefixos (***di-*** não-feminino e ***du-*** feminino). Já em construção núcleo-modificador, o modificador concorda com o núcleo em classe nominal que leva um classificador. Nessas construções, o marcador de concordância não aparece necessariamente no nome-núcleo. Os exemplos ilustram a atribuição de gênero em Tariana por aspectos gramaticais.

(327) Tariana

a. *Ha-phe* *livru* *Graciliano* ***di****-dana-ni-phe-ka*
Este-CL:FOLHA livro Graciliano 3SG.N.F-escrever-PASS-CL:FOLHA-DELC

‘Este livro foi escrito por Graciliano’

b. *Pa-piu* *nuha* *hidu* ***du****-keta-hni* *miñe*
Uma-vez eu avó 3SG.F-ver-PERF tatu
Hinipu pamunya
Caminho metade

‘Uma vez a minha avó encontrou um tatú no meio do caminho’

(AIKHENVALD, 1994, p. 218-225)

A língua Warekena apresenta dois gêneros feminino e não-feminino (masculino). Gênero é marcado em prefixos de trans-referência, enclíticos e pronomes independentes de terceira pessoa. Não existe distinção de gênero no plural. Para seres animados, masculino e feminino relaciona à distinção do sexo. Nomes com um referente inanimado são tratados como pertencentes ao gênero masculino. Desse modo, o gênero masculino é considerado como não marcado nessa língua (AIKHENVALD, 1998). Os exemplos abaixo exibem a distinção de gênero por atribuição morfológica.

(328) Concordância de gênero com demonstrativos/verbos em Warekana

a. ***Ayuta*** *neyawa* ***yu****-tapa-pa*
DEM.DIST.F mulher 3SG.F=ir-RED

‘This woman is coming’/ ‘Esta mulher está vindo’

b. Eta enami tapa-pa
DEM.DIST.M homem vir-red
‘This manis coming’/ ‘Este homem está vindo’

(AIKHENVALD, 1998, p.298)

A concordância em gênero com adjetivo em atributivos SNs é marcado com –*yawa* “feminino” e não tem marcação para o masculino.

(329) Concordância de gênero com adjetivo em Warekena

c. Neyawa weduana-l̨i(-**yawa*)***
Mulher ser boa-ADJZ-F

‘A good woman’/ ‘Uma mulher boa’

d. Enami weduana-l̨i
Homem ser bom-ADJZ-M

‘A goog man’/ ‘Um homem bom’

(AIKHENVALD, 1998, p.298)

5.2.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

De acordo com Aikhenvald (1995), a língua Baré tem uma oposição de dois gêneros em algumas nominalizações e resíduos de concordância de gênero na construção núcleo-modificador. A língua apresenta concordância de gênero em construções de argumento-predicado e de núcleo-predicado. Os exemplos abaixo exibem a atribuição de gênero por atribuição morfológica.

(329) Concordância de gênero com verbos em Baré

a. Herãɽi ***i***-kasa
Homem 3S.G.N.F-CHEGAR
'A man arrived'/ 'Um homem chegou'

b. Hiñaʧati ***u***-kasa
Mulher 3SG.F-chegar
'A woman arrived'/ 'Uma mulher chegou'

(AIKHENVALD, 1995, p.19)

Existe marcação de gênero também nas classes dos adjetivos como podemos verificar a seguir:

(330) Concordância de gênero com adjetivo em Baré

a. Heñaɽi ma-kiate-***ɾi***
Homem PRIV-medo-M
'A fearless man'/ 'Um homem corajoso (sem medo) '

b. Hiñaʧati ma-kiate-***u***
Mulher PRIV-medo-F
'A fearless woman'/ 'Uma mulher destemida'

(AIKHENVALD, 1995, p.20)

Todas as línguas do grupo Norte-Arawak exibem distinção de gênero a partir de atribuição formal. Essa distinção é realizada principalmente por *trans-referência* com sujeito e objeto no verbo, além de outras categorias como adjetivos e demonstrativos. Importante ressaltar que isso não anula a atribuição de gênero por aspectos semânticos, uma vez que elas também apresentam esse tipo de distinção. A subseção a seguir descreve a atribuição de gênero por aspectos formais nas línguas do grupo Sul-Arawak

5.2.3.2.2 Línguas do grupo Sul-Arawak

5.2.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

A língua Terena não exibe distinção de gênero marcado morfogicamente. A marca para indicar a terceira pessoa do singular é Ø. Ela ocorre afixada tanto em nomes quanto em verbos, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(331) Terena

a. Ø-eno
3sg-mãe
'Mãe dele'

b. Ø-ni-k-o-ne ho̱e
3SG-comer-CT-MOD-PERF Peixe
'Ele comeu peixe'

c. Ø-pi-h-o-ti-mo
3SG-ir-CT-MOD-IMPF-FUT
'Ele vai depois'

d. Ø-koepe-k-o-a ne ovoe
3SG-matar-CT-MOD-OBJ DET jabuti
'Ele matou o jabuti'

(NASCIMENTO, 2012, p.70 (a); p.95 (b); p. 96 (c), p. (99))

Já em Baure a marcação de gênero morfologicamente é realizada. A língua exibe atribuição de gênero formal na concordância verbal quando se usa o próclitico *ro*= para o masculino e *ru*= para o feminino, como podemos observar os exemplos abaixo.

(332) Baure

a. Ver **ro**=kopiri to eropoe'
Perf 3SG.M=cortar ART banana
'The plantain is already cut in half '/ 'A banana já está cortada ao meio'

b. *Teč* ***ri****=avinon* *tič* *eton*
dem2.m 3sg.f=marido dem 2f mulher
'This is my husband'/ 'Este é meu marido'

c. *Nohinoek erapoe', tiwe' nka notorakor, ver etor*
No=hinoek erapoe tiwe nka no=torak=***ro*** ver
3PL=buscar banana ADV NEG 3PL=encontrar=3SG.M pfv
Eto=***ro***
Finalizar-3SG.M
'They are looking for a banana tree, but they did not find it, it is already finished'/ Eles estão procurando bananeira, mas não a encontraram, já está terminado'

(DANIELSEN, 2007, p.310-312)

5.2.3.2.2.2 Subbgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti

As línguas do grupo Paresí-Xingu não exibem distinção de gênero gramatical, ou seja, não há distinção masculino ou feminino (não-femenino). Isso é um aspecto bastante interessante de se notar em relação às outras línguas Arawak que exibem tal distinção. A perda da distinção de gênero nessas línguas é algo que ainda necessita ser estudado, já

que não há informações detalhadas sobre. Podem existir várias hipóteses, como, por exemplo, o contato com línguas indígenas de outras etnias que são faladas no Xingu. Contudo, ainda é muito incipiente afirmar tal hipótese, um estudo posterior pode ser feito para verificar essa diferença em relação as outras línguas. Além disso, a língua Terena e Kinikinau (não estudada aqui) também não exibe tal distinção. A seguir, verificaremos exemplos que ilustram essa explicação.

(333) Wauja

a. ʒa-haN Ø-aˈwɨʒɨ-ˈpaj
3SG-ENF 3sg-bom-IPFV
'Ele é bom'

b. ˈtapa-paj Ø-ɨtsa
Fazer-IMPF 3SG-canoa
'Ele está fazendo uma canoa'

(POSTIGO, 2014, p.177 (a); p.(179) (b))

(334) Mehináku

a. Mama **u**-muka ulekẽi pü-xe-***xu***
Mãe 3SG-dar.PASS comida 2SG-parente-F
'Minha mãe deu comida para tua irmã'

b. U-nupa metuwai-ri
3-ver.PASS ladrão-NMLZ(?)
'Ela/ele viu o ladrão'

(CORBERA-MORI, dados cedidos)

(335) Yawallapiti

a. Kuˈka i-pihi-ka ˈtsɨri
PAS 3SG-furar-SUB orelha
Ele/ela furou a orelha'

b. juˈmɨʎɨ ku'ka i-i'nu - -ka kuʂi' kuʂi
Menino PAS 3SG-matar ? Macaco
'O menino matou o macaco'

(MUJICA, 1992, p.52)

(336) Paresí-Xingu

a. Ø= zaneheta
Ø=zane-ta
3SG=ir-PASS
'He went away'/ 'Ele foi embora'

c. Etsiri
e=tsiri
3SG=orelha
'His head'/ 'orelha dele'

(BRANDÃO, 2014, p.81)

Brandão (2014) a única diferença na marcação de sujeito e possuidor está na terceira pessoa, onde os verbos têm realização zero *Ø=*, mas nomes e posposições têm *e=*

5.2.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro

Facundes (2000) explica que todos os nomes são marcados para masculino ou feminino para fazer concordância de trans-referência com outros elementos dentro de uma construção sintática. Os prefixos o- (masculino) e u- (feminino) fazem a marcação de trans-referência do sujeito dentro de um predicado e os sufixos *–ro* e *–ru* marcam o objeto dentro de um predicado, além de designar o gênero nos nomes e concordância com adjetivos. Os exemplos abaixo exibem isso em Apurinã.

(337) Apurinã

a. ***U***-muteka hãtako-***ru***
   3SG.M-correr jovem-M
   'The young man runs'/ 'O jovem corre'

b. ***O***-muteka hãtako-***ro***
   3SG.F-correr jovem-F
   'The girls runs'/ 'A Jovem corre'

c. Mita-***ro*** pataru
   Grande-3F.O frango
   'The chicken is big'/ 'A galinha é grande'

d. Aõtu ***o***-apa-nanu-ta-***ru*** suto
   Umari 3SG.F-pegar-PROG-VBLZ-3M.O Mulher
   'The woman picked umari fruit'/ 'A mulher apanhou fruta de umari'

(FACUNDES, 2000, p. 220-384)

Segundo Silva (2013), o gênero em Maxinéri é marcado gramaticalmente na terceira pessoa do singular, sendo a forma *r-* para o masculino e *t-* para o feminino, nos sujeitos, enquanto nos objetos de verbos transitivos são realizadas as formas *–ro* para o masculino e *-rɨ* para o feminino. Os exemplos abaixo exibem a atribuição de gênero por aspectos formais em Maxinéri.

(338) Maxinéri

a. Ximatɨ ***r***-et-a-tka
   Panela 3SG.M-ver-AFF-PERF
   'Ele viu a panela'

b. Mamapo ***t***-et-a

Caranguejeira 3SG.F-ver-AFF

'Ele vê a caranguejeira'

c. Nostiniɾi nikaʃre
n-osti-ni-***ɾi*** ni-kaʃre
1SG-amarrar-PROJ-3M.O 1sg-flecha

'Eu vou amarrar a minha flecha'

d. Njiknakotaɾo motoɾ
n-jiknakota-***ro*** motor
1SG-escutar-3F.O motor

'Eu escuto o motor dela (barulho do motor da canoa) '

(SILVA, 2013, p. 56)

A língua Yine-Piro exibe *r-* 'masculino' e *t-* 'feminino'para marcar distinção de gênero no sujeito e *-lɨ* 'masculino' e *–lo* 'feminino' para marcar a distinção de gênero no objeto. Os exemplos a seguir mostram a atribuição de gênero por aspectos gramaticais em Yine-Piro.

(339) Yine-Piro

a. *Netanro rɨnro*
n-heta-na-***lo*** ***r***-hinro
1SG-ver-cmpv-3SG.F 3M-mãe de
'Eu vi a mãe dele'

b. *Netanɾɨ tiɾɨ*
n-heta-na-***lɨ*** ***t***-hiɾɨ
1SG-ver-CMPV-3SF.M 3SG.F-pai de
'Eu vi o pai dele'

c. *Netanrɨ topçi*
n-heta-na-***lɨ*** ***to***-pçi
1SG-ver-CMPV-3SG.M 3SG.F-casa de
'Eu vi a casa dele'

d. *Rakapʃotno noçiciçi*
r-hakapʃota-no no-çiciçi
3SG.M-pisar-1sg 1SG-dedo do pé
'Ele pisou no meu dedo do pé'

(HANSON, 2010, p.112)

5.2.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashaninka Perené, Caquinte e Nanti

A língua Asheninka Perene exibe distinção de gênero por aspectos formais a partir da afixação do enclítico *=ro* 'não-masculino', como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(340) Ashéninka Perené

a. Te a=yot-e=***ro*** *aavintaronsti*
NEG.REAL 1PL=A=saber-IRR-3N.M.OBJ medicamento

‘We are not familiar with the medicine’
‘Não estamos familiarizados com o medicamento’

b. A=mi=shitov=akot=ak-e=***ro*** sankinarentsi=ka
1PL.A=CAUS=sair=APPL-PRF-IRR=3.N.M.OBJ Livro=DEM
Karamani
Karanami
ADV

‘We are going to publish the book soon’
‘Nós vamos publicar o livro em breve’

c. Irotaki naari n=a-ant-a=ri
FOC Eu 1SG-A=pegar-INST-REAL=3M.OBJ
Kapicheeni oka kireeki
pequeno DEM.N.M dinheiro

‘With this I get some money’
‘Com isso eu ganho algum dinheiro’

(MIHAS, 2010c, p.122)

A língua também apresenta sistema de concordância de gênero. Elas foram encontradas em adjetivos, demonstrativos, pronomes de posse, verbos e locativos. Em seguida, apresentamos os exemplos de concordância de gênero na língua Ashéninka Perene.

(341) Concordância de gênero com adjetivos em Asheninka

a. Antaro ***i***=yovarit=akot-ak-i=na Apa
Grande=N.M 1M.S=fazer=APPL-PRF-REAL=1SG.O Pai
Anta=***ro*** Korarintsi
Grande=N.M Curral

‘Father made a big corral for me, a big corral’
‘Pai fez um grande curral para mim, um grande curral’

(MIHAS, 2010c, p.126)

A língua Caquinte exibe distinção de gênero morfologicamente nos nomes com os sufixos *–ri* ‘masculino’ e *–ro* ‘feminino’, além de também distinguir gênero em concordância de trans-referência, os exemplos abaixo exibem isso.

(342) Concordância de gênero com nomes em Caquinte

a. Sheripiga-***ri***
Xamã-M
'Xamã macho'

b. sheripiga-***ro***
Xamã- F
'Xamã fêmea'

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p. 89)

(344) Concordância de gênero com verbos em Caquinte

a. ***i***-to-t-ak-e-***ro***
3M-cortar-E-PFV-NF-3F.O
'He cut her'/ 'Ele a cortou'

b. ***o***-kena=βoki-t-ak-ayeti kenaβokiro=n***ɔ***i
3F-ir por rota=caminho-PERF-NFR-ADV Caminho-N.ESP
'Where does the path go?'/ 'Por onde passa o caminho'

(SWIFT, 1988, p.29)

De acordo com Michael (2008), o gênero aparece principalmente em concordância sobre marcas verbais e marcas de pronomes possessivos, demonstrativos também concordam em gênero com seus referentes (ex. *yoka* "este=MASC"/*oka* "este=NÃO.MASC", cf. MICHAEL, 2008, p.286). Alguns adjetivos também recebem concordância de gênero (ex. ***i****marane* "grande.MASC/***o****maɾane* "grande-NÃO.MASC", cf. MICHAEL, 2008, p.286). A distinção de gênero é realizada a partir da prefixação de *i=* 'masculino' e *o=* para marcar distinção de concordância no sujeito do verbo e *=ri* e *=ro* para marcar o objeto. Os exemplos abaixo exibem essa distinção.

(345) Nanti

a. ***o***=arateh-na-ak-i
3SG.F=passear-ABL-PERF-REAL
'She left'/ 'Ela foi embora'

b. ***i***=irag-ak-a
3SG.m=chorar-PERF-REAL.A
'He cried'/ 'Ele chorou'

(MICHAEL, 2008, p.269)

5.2.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha não faz distinção de gênero entre masculino e feminino no aspecto formal. A marca pessoal da terceira pessoa no singular Ø que se refere tanto ao sexo masculino quanto feminino.

(346) Amuesha

a. Ø-Taruasen

‘Él/ella trabaja’/ ‘Ele/ela trabalha’

b. Ø-esen

‘Él/ella tiene febre/ ‘Ele/Ela tem febre’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.72 (a); p. 73(b))

A distinção de gênero por atribuição gramatical nas línguas Arawak do Sul não é tão predominante daquelas que pertencem ao grupo Norte-Arawak, na qual, todas têm concordância de distinção de gênero na terceira pessoa do singular. A língua Terena, as do subgrupo Paresí-Xingu (Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresí) e Amuesha não exibem concordância de gênero, como já explicitado nessa subseção. A seguir verificaremos os padrões tipológicos de gênero nas línguas Arawak.

5.2.3.3 Padrões tipológicos de atribuição de gênero nas línguas Arawak

5.2.3.3.1 Tendências tipológicas de gênero por aspectos semânticos

Como já mencionado por Aikhenvald e Dixon (1999), gênero é um traço tipológico comum entre os idiomas do mundo. Verificamos que a atribuição dessa categoria nominal, nas línguas Arawak, pode se dá a partir de atribuição semântica que leva em conta a atitude do falante em relação ao referente. Assim sendo, os sistemas de gênero tipicamente têm sexo, humanidade e animacidade como suas principais características semânticas, tais como forma, tamanho, propriedades físicas, questões sócio-cultural, crenças etc. Observamos também que, gênero pode ser expresso de forma gramatical, a partir de um marcador obrigatório no constituinte fazendo a concordância e também abertamente, no próprio nome. Aikhenvald (2019) afirma que em via de regra, todo nome pertence a um gênero e há sempre uma base semântica para atribuição de gênero. A tabela 34 exibe a atribuição de gênero por aspectos semânticos nas línguas do grupo Norte-Arawak.

Tabela 34 - atribuição semântica em línguas do grupo Norte-Arawak

Fonte: elaborada pela autora 2023.

Subgrupo	Línguas	semântica
Rio Branco	Wapixana	A distinção é feita através do TCL: ABA: FEMININO
Palikur	Palikur	Corpos celestes (m), pássaros, tartarugas, peixes (f), sexo desconhecido (m), animais grandes (m), insetos (m/f), inanimados (n)
Caribe	Garifuna	Veículos, árvores, roupas, armas (f), instrumentos, partes dos corpos, plantas silvestres (m), peixe, pássaro, cobra, insetos rastejantes (f), insetos voadores (m), mamíferos grandes (m), mamíferos pequenos (f)
TA-Arawak	Lokono	Bebês (f), tartarugas, sol, seres celestes (m)
	Wayuu	Pessoas, animais e objetos (f), animais machos (m)
Amazônia Colômbiana	Resígaro	Não encontramos distinção de gênero por aspectos semânticos
	Achaguá	Não encontramos distinção de gênero por aspectos semânticos
Rio Negro	Baniwa	Termos de parentescos, aves, peixes, vegetais, objetos (m/f), corpos celestes (m)
	Tariana	Homem, cachorro, sol e lua (m), mulher, parte do corpo, professora f)
	Warekena	Não encontramos distinção de gênero por aspectos semânticos
Orinoco	Baré	Não encontramos distinção de gênero por aspectos semânticos

Fonte: elaborada pela autora 2023.

A tabela 34 acima exibe a distinção de gênero por aspectos semânticos, observamos que não há tanta discrepância entre essas línguas no que diz respeito aos nomes e a designação de gênero. Animais grandes são masculinos e animais pequenos são do sexo feminino, além disso corpos celestes, tal como lua e sol são masculinos (um traço bastante comum nas línguas ameríndias). Adiante, verificaremos a atribuição de gênero por questão semântica nas línguas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 35 - Atribuição semântica em línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	semântica
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	Faz distinanção entre macho e fêmea
	Baure	Animados (principalmente humano) (f), animados, inanimados, gerais (m)
Paresí-Xingu	Waujá	Faz distinção entre macho e fêmea
	Mehináku	Faz distinção entre macho e fêmea
	Yawalapiti	Não há descrição
	Paresí	Não tem atribuição por aspecto semântico
Piro-Apurinã	Apurinã	Canoa, folha, flecha, larva (m), árvore, mato, roupa, língua (f)
	Maxinéri	Faz distinção entre macho e fêmea
	Yine-Pio	Faz distinção entre macho e fêmea
Campa	Ashéninka	Animados, corpos celeste , gambá, formiga (m), termos de parentescos (m/f), animados [+ feminino]
	Caquinte	Anfíbios e reptéis (f), peixes e corpos celestes (m)
	Nanti	Anta, gambá, macaco (m), sapo, percevejo, plantas (f)

Fonte: elaborada pela autora 2023

As línguas que fazem parte do grupo Sul-Arawak também exibem pouca discrepância no que diz respeito à questão de gênero de aspecto semântico. Contudo, em comparação com as línguas do grupo Sul-Arawak, esse aspecto aparenta ser mais comum, sendo exibido em nove línguas, diferentemente com que ocorre com as línguas do grupo Sul-Arawak que exibem sete línguas com atribuição de gênero por aspectos semânticos. Além disso, a língua Yawalapiti não tem estudo qualitativo que possa confirmar esse fenômeno na língua e a língua Paresí não exibe distinção de gênero pela semântica e nem formal. Agora, verificaremos os padrões de gênero por aspectos formais nessas línguas.

5.2.3.3.2 Tendências tipológicas de gênero por aspectos formais nas línguas Arawak

Como já observado nos estudos de Aikhenvald sobre as línguas Arawak (1994, 2000), todas as línguas do grupo Norte-Arawak exibem distinção de gênero por aspectos formais, marcados morfologicamente, fazendo a distinção entre masculino e feminino. Diferentemente, as línguas do grupo Sul-Arawak, nem todas exibem essa distinção morfologicamente, principalmente, a língua Terena, as línguas do subgrupo Paresí-Xingu (Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí) e Amuesha. A marcação por atribuição formal é realizada através do processo de *trans*-referência. Conforme Aikhenvald (1999, p. 83) a maioria das línguas Arawak tem dois gêneros (masculino *vs* feminino) como afixos de trans-referência e algumas possuem gênero neutro (ex. Palikur). As tabelas abaixo exibem os morfemas que fazem a distinção de gênero nessas línguas.

Tabela 36 - Atribuição formal em línguas do grupo Norte-Arawak

Subgrupos	Línguas	DEM	V	ADJ	N
Rio Branco	Wapixana	Tawu-ɽu (m) Tawɨ-ɽɨ (f)	u-(m)/ i- (f)	-ɽɨ(m)/-ɽo (f)	ɽɨ- (m)/ ɽu (f)
Palikur	Palikur	Ner (m) No (f)	gi-(m)/ge-(f)	ye (f)	gi-(m)/ge-(f)/a-(n)
Caribe	Garifuna	To (m)/ Le (f)	i- (m)/ tu-(f)	ti-(m)/ tu-(f)	ly- (m)/ ti-(f)
TA-Arawak	Lokono	bo (m)/ da (f)	li (m)/ tho (f)	-i (m)	ly (m), tho (f)
	Wayuu	chi (m)/ tü (f)	shi (m)/ sü (f)		Shi (m)/ sü (f)
Amazônia colômbiana	Resígaro		gi-(m)/ tso (f)		
	Achaguá		zu- (f) /ežɨ- (m)	ežɨ (m)/ etoo (f)	
Rio Negro	Baniwa		ɽo- (f)/ ɽɨ- (m) -no (f)/ -ni (m)		
	Tariana		di-(n.f)/ du (f)		
	Warekena	Ayata (f) Eta (m)	yu (f)/ li (m)	li(yawa, f) li (m)	
Orinoco	Baré		i-(n.f)/ u- (f)	-ɽɨ (m)/-u (f)	
Total	11	6	11	7	5

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

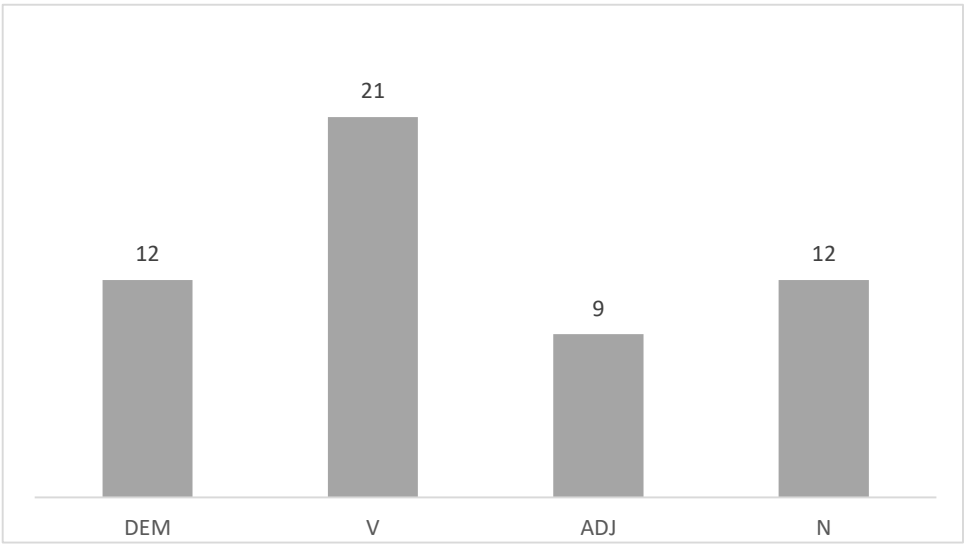
Tabela 37- Atribuição formal em línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	DEM	V	ADJ	N
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	ra=	Ø	Ø	Ø
	Bauré	Ti (f)/ To (m)	ro-(m)/ri-(f)		ro-(m)/ri-(f)
Paresí-Xingu	Waujá	ˈkata	ʒa-		ʒa-
	Mehináku	ˈkata	nu-/ɨ-		ɨ-
	Yawalapiti	ˈkata	i-		i-
	Paresí	Hatyo, eze	Ø		e-
Piro-Apurinã	Apurinã		u-, -ru(m)/-o, ro- (f)		u-(m)/o-(f)
	Maxinéri		r-(m)/t-(f)	-ri(m)/ro-(f)	
	Yine		lo (f)/ lɨ (m)		lo (f)/ lɨ (m)
Campa	Ashéninka		=ro (m)/=ri (f)		
	Caquinte		i-(m)/ o- (f)		
	Nanti		i-(m)/ o- (f)	=ro (m)/=ri (f)	
Amuesha	Amuesha		Ø		
Total	13	6	10	2	7

Fonte: elaborada pela autora, 2023.

As tabelas 36 e 37 ilustram a distribuição de gênero por aspectos gramaticais nas línguas Arawak. Verificamos que os morfemas estão bem distribuídos em seus determinados subgrupos. Importante destacar que o subgrupo Paresí-Xingu não exibe distinção de gênero gramaticalmente, assim como em Terena e Amuesha. É interessante notar que mesmo essas línguas pertencendo a uma mesma família, elas apresentam distinção no que diz respeito à morfologia de gênero. Observamos que a maioria apresenta morfemas que designam dois gêneros (masculino *vs* feminino), apresentam concordância de trans-referência sobretudo nos verbos, mas também com outras categorias gramaticais. A língua Palikur exibe um gênero neutro, isso se deve por questão de influência areal com línguas crioulas faladas na região do Amapá com a Guiana Francesa (cf. AIKHENVALD & GREEN, 1998). No mais, é interessante notar que esse sistema de categorização é predominante na maioria dessas línguas. O Gráfico 6 a seguir exibe a ocorrência de gênero por aspectos gramaticais nas línguas Arawak.

Gráfico 6 - ocorrência de marcação de gênero por aspectos gramaticais nas línguas Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Observando o gráfico, verificamos que na nossa amostra de línguas, 21 delas exibem afixos de gênero em verbos, 12 exibem formas em demonstrativos e em nomes e 9 em formas adjetivais. No mais, a marcação de gênero em aspectos gramaticais é bastante predominante nessas línguas.

5.2.4 Padrões de categorização nominal nas línguas Arawak

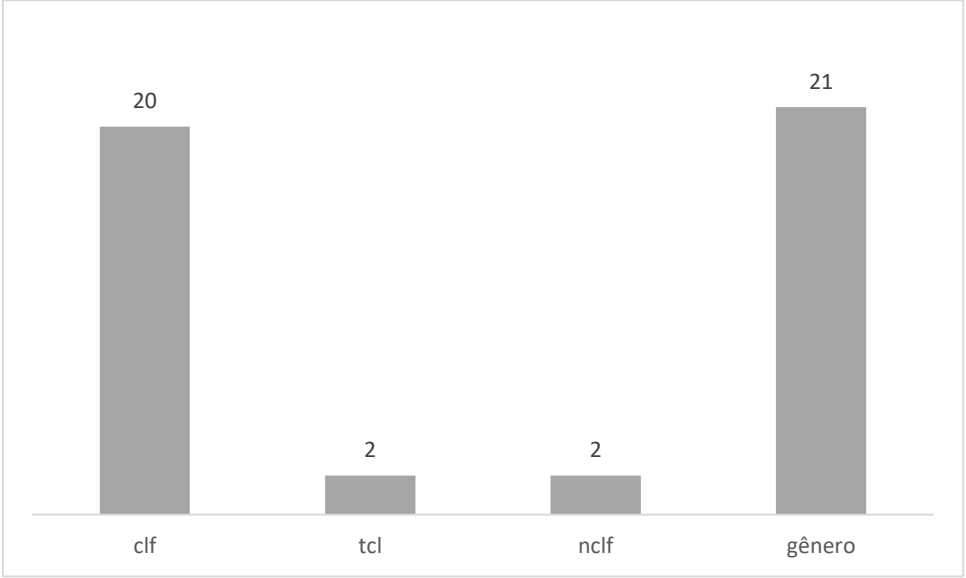
As línguas Arawak exibem uma diversidade bastante interessante de dispositivos de categorização nominal, apresentando desde múltiplos classificadores a questão de gênero. Aikhenvald (2019) ressalta que todos os dispositivos de categorização de nomes são baseados nos parâmetros semânticos universais de humanidade, animacidade, sexo, forma, consistência, orientação no espaço e função e isso não seria diferente nas línguas Arawak. Assim, de acordo com a autora, eles refletem o valor do objeto e a atitude do falante em relação a ele. Os dispositivos de categorização nominal baseiam-se nos parâmetros e crenças socioculturais e podem mudar se a sociedade também mudar (AIKHENVALD, 2019). Portando, os dispositivos de categorização nominais oferecem uma janela para como os falantes conceituam o mundo em que vivem. Nesse sentido, verificamo línguas que exibem classificadores, termos de classe, nomes classificatórios e gênero. Desses dispositivos as línguas Arawak exibem com maior predominância o sistema de classificadores e gênero, enquanto que termos de classe e nomes classificatórios tendem a ocorrer com pouca predominância. Para resumir, a tabela 38 e o gráfigo, a seguir, ilustram a ocorrência das categorizações nominais nas línguas Arawak.

Tabela 38 - Tendência de dispositivos de categorização nominal nas línguas Arawak

SUBGRUPOS	LÍNGUAS	CLF	TCL	NCLF	GÊNERO
Rio Branco	Wapixana	sim	sim	não	sim
Palikur	Palikur	sim	não	não	sim
Caribe	Garifuna	sim	não	não	sim
TA-Arawak	Lokono	sim	não	não	sim
	Wayuu	não	não	não	sim
Amazônia colômbiana	Resígaro	sim	não	não	sim
	Achaguá	sim	não	não	sim
Rio Negro	Baniwa	sim	não	não	sim
	Tariana	sim	não	não	sim
	Warekena	sim	não	não	sim
Orinoco	Baré	não	não	não	sim
SUBGRUPOS	**Línguas**	**clf**	**tcl**	**nclf**	**gênero**
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	sim	não	não	sim (semântico)
	Baure	sim	não	não	sim
Paresí-Xingu	Waujá	sim	não	não	sim (semântico)
	Mehináku	sim	não	não	sim (semântico)
	Yawalapiti	sim	não	não	não
	Paresí	sim	não	não	não
Piro-Apurinã	Apurinã	não	não	sim	sim
	Maxinéri	sim	não	não	sim
	Yine-Piro	não	não	sim	sim
Campa	Ashéninka	sim	sim	não	sim
	Caquinte	sim	não	não	sim
	Nanti	sim	não	não	sim
Amuesha	Amuesha	sim	não	não	não
Total	24	20	2	2	21

Fonte: elaborada pela autora, 2023

Gráfico 7 – Padrões tipológicos de categorização nominal nas línguas Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A tabela 38 e o gráfico 7 acima ilustram a distribuição de dispositivos de categorização nominal nas 24 línguas Arawak selecionadas. Deste modo, classificadores e gênero são os dispositivos mais comum de ocorrerem, enquanto que termos de classes e nomes classificatórios são menos recorrentes. A diferença entre os tipos de categorização nominal não é uma discrepância, ao contrário, so reafirma o quanto esse fenômeno é interessante e importante nessas línguas e, por isso, necessitam ser cada vez mais descritos em estudos tipológicos de categorização nominal. Um outro tópico muito importante e característico dessa família é a questão de posse nominal, tema que será tratado a seguir.

5.3 A Posse inalienável e alienável

As relações possessivas podem ser expressas dentro de um sintagma nominal (SN) ou em estruturas predicativas. Aikhenvald & Dixon (2013) afirmam que a posse predicativa parece ser mais especializada em sua expressão do que as relações possessivas dentro de um SN. Dentro de uma oração, relações possessivas podem ser encontradas através de manipulação de estrutura de argumentos e nas fronteiras das orações. Segundo Lyons (1977), o termo posse é mais ou menos equivalente para propriedades. Assim, a expressão linguística de "posse" dentro de um SN pode ser vista como uma das realizações de um conceito mais amplo de associação ou a relação entre dois nomes (AIKHENVALD & DIXON, 2013).

Uma das principais características da morfologia das línguas Arawak é o fenômeno de posse atributiva (chamada também de nominal). Esta seção objetiva trazer um estudo comparativo desse fenômeno nessas línguas com a finalidade de realizar todas as generalizações possíveis, envolvendo a posse inalienável e alienável nas línguas Arawak. Entre os trabalhos analisados, quase todos os autores trazem essa questão sob análise. Por isso, em se tratando de um fenômeno bastante interessante e também recorrente nas línguas do mundo, trazendo-o nesta tese estamos colaborando com outros estudos que envolvem esse fenômeno línguas naturais. Nesta pesquisa, apenas iremos investigar construções possessivas dentro do SN que tenham significados de posse, seguindo o modelo de Nichols (1988) que apesar de não ser tão recente, colabora significamente com os resultados encontrados.

Assim como Nichols (1988), a questão a ser considerada aqui é onde a marca de posse é colocada em uma construção possessiva. Para a autora, este único parâmetro acaba por ser suficiente para prever a distribuição de oposição entre inalienável e

alienável. Dado que uma construção possessiva é um SN, consistindo de um núcleo (possuído) que é um nome e um dependende (possessor) que pode ser um nome ou um pronome (NICHOLS, 1988). De acordo com Nichols, existem dois lugares que uma marca de posse pode ser localizada: sobre o nome-núcleo (possuído), tipicamente na forma de afixos possessivos, ou sobre nome dependente, tipicamente na forma de um caso chamado ‘genitivo’ ou ‘possessivo’ (NICHOLS, 1988). A autora ilustra três exemplos desses dois tipos, como podemos ver a seguir.

(347) Navajo

a. ˈashikü bi-deezhí
boy 3SG-younger.sister
‘the boy’s younger sister’

(YOUNG E MORGAN, 1980 *apud* NICHOLS, 1988, p.559)

(348) Zuni

b. hom kˈakʷenne
1SG.POSS house
‘my house’

(NEWMAN, 1965, p.66 *apud* NICHOLS, 1988, p.559)

(349) Nez Perce

c. ˈip- ním miyaˈe
3SG GEN child
‘his child’

(AOKI, 1970, p.134 *apud* NICHOLS, 1988, p.559)

Os exemplos a seguir exibem os seguintes padrões: em Navajo o nome-núcleo carrega marcas morfológicas de posse. Nichols (1988) denomina esse padrão de *núcleo-marcado*. As duas ultimas línguas, Zuni e Nez Perce, exibem o segundo tipo, onde o possuidor carrega um caso e o núcleo não é flexionado. Como essas duas línguas exibem o dependente, o nome possuído carrega a marca de posse. Nichols (1988) chama de padrão *dependente-marcado*. Desses dois tipos, o tipo *núcleo-marcado* é mais comum nas línguas pesquisadora pela autora e também é um perfil tipológico das línguas Arawak.

Em relação à terminologia, Nichols (1988) argumenta que os termos alienável e inalienável são padronizados na literatura e sua referência é altamente variável. A autora ressalta que eles são usados para se referir a uma ampla variedade de tipos estruturais descritos e para uma variedade considerável de propriedades semânticas, algumas delas irredutíveis a qualquer denominador comum. A linguista enfatiza que há uma condição recorrente, quase universal na distribuição lexical de nomes possuído. Deste modo, nomes

que levam a posse ‘inalienável’, visualmente, fornecem sempre um conjunto fechado, frequentemente um pequeno grupo, enquanto que aqueles que levam posso ‘alienável’ são um grupo aberto, portanto, infinito. Disto isso, é importante destacar que “a posse inalienável é o membro marcado da oposição a alienabilidade” (NICHOLS, 1988,p.567)[110].

Nichols destaca três tipos de padrões de marcação de posse. O primeiro é o núcleo-marcado, o segundo é a marcação dividida e por último o dependente-marcado. Cada um desses padrões representa diferentes tipos que variam de 1-7. Destes padrões, o que nos interessa é o padrão 1, que é das línguas que exibem um conjunto fechado, frequentemente, grupos pequenos que não pode ocorrer sem um marcador possessivo. A autora denomina de *nomes presos,* já que só podem ocorrer junto com a marca de posse. Verificaremos adiante que essa nomenclatura também é chamada de nomes dependentes e inalienáveis. Nichols ressalta que para línguas com padrão 1 ou 2A, o falante não tem escolha do tipo de posse: ‘alienavel’ e ‘inalienável’ são ditados pelo léxico e estão em distribuição complementar (NICHOLS, 1988).

Já em línguas com padrões 2B, a autora afirma que alguns nomes, tipicamente nomes presos, dar ao falante uma escolha entre os dois tipos, formalmente, distintos de marcadores possessivos, com uma consequência semântica. Assim, a oposição mais comum é entre uma relação inerente como parte do todo ou de propriedade. Como exemplo, a autora cita que em Navajo, os nomes quando são propriedade de alguém que não seja o inalienável toma o que é chamado de segunda posse. Assim, existem dois prefixos possessivos, o primeiro indicando o proprietário e o segundo marcando posse não específica. Observaremos, a seguir, que isso também ocorre nas línguas Arawak. Deste modo, compreendemos que a posse inalienável é aquele que “é inata, inerente, não conferida por compra” (NICHOLS, 1988, p. 568)[111].

No que concerne aos nomes alienáveis, eles são mais semânticos, embora formalmente costumam ser mais marcados do que os nomes inalienáveis. Em consonância com Nichols & Bickel (2013) existem línguas que exibem uma classificação possessiva binária que é geralmente chamada de posse “inalienável / alienável” na literatura. A posse alienável é aquela que pode ocorre independente de um todo (AIKHENVALD & DIXON, 2013), ou seja, ela é relacionada para itens que podem ocorrer por conta própria. Assim, a relação entre o possuidor e possuído não é inerente,

[110] inalienable possession is the marked member of the alienability opposition.
[111] inalienable possession is inborn, inherent, not conferred by purchase.

uma vez que o possuidor, nesses casos, tem controle sobre a relação de posse, podendo desfazê-la quando desejar, a posse alienável não é obrigatória. Por exemplo, uma “casa” pode ser comprada ou vendida, mas “mãe” ou “cabeça” não, ela é uma propriedade inerente.

Aikhenvald & Dixon (2013) seguindo o princípio icônico na gramática afirmam que uma relação inalienável envolve menos marcação formal daquelas que são alienáveis. Assim, o princípio da iconicidade prevê que em uma construção com posse inalienável, ela nunca vai ser mais analítica ou requerer mais marcação formal do que nomes possuídos alienavelmente (AIKHENVALD & DIXON, 2013). A escolha de um marcador gramatical adicional de uma construção de posse alienável pode depender das propriedades do possuído e a natureza da relação dentro da construção (AIKHENVALD & DIXON, 2013) é o que Haspelmath (2008) chama de motivação econômica.

Nichols (1988) enfatiza que a alienabilidade não é apenas uma questão semântica. Para a autora, de todos os fenômenos gramaticais, é mais parecido com valência, pois alguns nomes requerem tipos particulares de dependentes (nomes presos requerem possuidores) e alguns nomes ditam a forma a ser levada por seus dependentes. Nas línguas Arawak por exemplo, há um aumento da valência, por conta de sufixos alienáveis presentes, mas tais sufixos vão depender da semântica do nome que está sendo possuído. Portanto, como afirma Nichols, uma descrição semântica de posse, possivelmente, faz parte da gramática de uma língua. A subseção a seguir traz alguns conceitos sobre a semântica de posse.

5.3.1 A semântica do fenômeno de posse e suas implicações tipológicas

Stassen (2009) argumenta que vários autores têm estipulado que posse é basicamente um conceito social ou um conceito bio-cultural. Desse modo, o conceito de posse pode ser esperado para exibir alguns graus de variações transculturais (STASSEN, 2009). Para o autor, existem alguns aspectos da posse em que essas diferenças transculturais vêm à tona, ou seja, algumas sociedades podem divergir na variedade de objetos que podem ser “possuídos” e também alguns subdomínios de posse notavelmente. Stassen afirma que o subdomínio de posse inalienável parece ser influenciado ou moldado por convenções sociais ou culturais. Para Stassen, a definição ou noções de posse são relativamente abstratas e são difíceis de definir explicitamente.

Stassen afirma que a caracterização mais neutra e menos controversa de posse seja que, como um conceito semântico, ela pertence à classe de entidades cognitivas

conhecidas como “relações”. A partir disso, percebe-se que a posse envolve duas entidades, que são chamadas de POSSUIDOR e POSSUÍDO (STASSEN, 2009). O POSSUIDOR tende para seres animados ou humanos. Para Aikhenvald & Dixon (2013), o POSSUIDOR é frequentemente expressado por um pronome pessoal ou um nome próprio, tipicamente ocupa uma posição alta em uma hierarquia nominal[112].

Além disso, pode-se caracterizar esta relação como assimétrica, na medida em que envolve a noção de pertencimento. Em consonância com Stassen (2009) sobre a semântica da posse, o autor explica que um caso de posse que envolve uma relação de tipo bastante específico, nomeadamente um caso em que uma das entidades envolvidas, o POSSUÍDO, pode ser dito que pertence à outra entidade, o POSSUIDOR (STASSEN, 2009). Assim, pode-se dizer que uma entidade X “pertence” a uma entidade Y - e, portanto, X e Y podem ser considerados em uma relação de posse - se X e Y compartilham o mesmo espaço e, portanto, estão em contato (STASSEN, 2009).

As construções possessivas podem ser relacionadas com uma ampla gama de significados. Aikhenvald & Dixon (2013) distinguem os seguintes significados “principais” de construções possessivas que são frequentes entre as línguas do mundo. São eles: (a) propriedade; (b) relação parte de um todo, incluindo partes do corpo e plantas e (c) relações de parentescos. Os autores argumentam que em muitas línguas um SN possessivo é tipicamente usado para expressar relações de parte de um todo (ex. cabeça de João, cabeça dele), termos de parentesco (pai de João, pai dele), propriedades (casa de João, casa dele) e associações em gerais. Essa posse é conhecida como atributiva ou nominal.

Herslund e Baron (2001) explicam que a posse envolve a relação entre duas entidades, mas essas duas entidades são apenas atribuídas para o papel do possuidor e do possuído em virtude de uma outra, ou seja, não existe possuidor sem possuído e nem possuído sem um possuidor. Isso baseia-se em uma relação estritamente binária. No que diz respeito à posse atributiva, os autores destacam que parâmetros de nomes inalienáveis e alienáveis tornam-se evidente. De acordo com Herslund & Baron (2001), muitas línguas fazem a distinção entre esses dois tipos de posse. A posse inalienável agrupa os referentes que são conceitualizados como uma relação mais próxima ao possuidor. A posse inalienável frequentemente agrupa nomes que se referem a parte de um todo, como partes

[112] A hierarquia nominal reflete a probabilidade dos participantes de diferentes tipos semânticos para ocorrer com A (sujeito transitivo) ou em O (objeto transitivo), demonstrativos e pronomes pessoais de 3º pessoa, nomes próprios, humanos, animacidade (AIKHENVALD & DIXON, 2013).

do corpo, parentescos e alguns itens culturais. Já a posse alienável é aquela que não necessariamente necessita ter uma relação muito próxima do possuidor, ou seja, é independente de um todo.

A relação de posse em termos de parentescos e parte de um todo (partes do corpo) reflete para uma relação fechada entre o possuidor e o possuído do que as outras construções convencionais de propriedades. Assim, uma relação de parentesco ou parte do corpo é sempre vista com respeito a um possuidor, ou seja, uma relação obrigatória. Já objetos culturais como casas, canoas, flechas etc podem estar no domínio de um nome obrigatório, mas tipologicamente são menos marcados para terem uma posse inalienável. Nichols (1988, p.572) estabelece uma escala de hierarquia implicacional para posse inalienáveis, como podemos observar em (X) a seguir.

(350) Hierarquia implicacional de posse de nomes inalienáveis

1. Termos de parentesco/ Parte do corpo
2. Parte de um todo/ relações espaciais
3. Itens culturais possuídos

(NICHOLS, 1988, p.572)

A autora afirma que termos de parentesco e parte do corpo encabeçam a hierarquia, em disjunções inclusivas. Assim, ambos os termos estão no topo da hierarquia implicacional estabelecida pela autora. Sendo assim, se uma língua inclui outros nomes entre seus inalienáveis, também vai incluir termos de parentescos e parte do corpo. No geral, a posse inalienável e alienável é bastante comum, especialmente nas línguas ameríndias, estabelecendo um conjunto binário de classes possessivas (NICHOLS & BICKEL, 2013). Desse modo, a partir dos subsídios teóricos sobre posse, analisaremos aqui, o fenômeno de posse nas línguas da família Arawak selecionadas.

5.3.2 Analisando a posse inalienável nas línguas Arawak

Por questão de organização, primeiramente, iremos verificar a posse inalienável nas línguas Arawak. Assim, como na análise de Nichols (1988) que nomes inalienáveis são um grupo fechado, nas línguas Arawak, isso não é diferente, os nomes mais recorrentes nesse grupo são termos de parentescos, parte do corpo e do todo, e alguns itens culturais.

5.3.2.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak

5.3.2.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

De acordo com Santos (2006), uma primeira e ampla divisão que se pode fazer entre os nomes do Wapichana, calcada na categoria de posse, resulta em dois subgrupos: *inalienáveis* e *alienáveis*. O autor explica que os nomes inalienáveis são obrigatoriamente possuídos, como podemos verificar nos exemplos abaixo.

(351) Nomes inalienáveis em Wapixana

a. -Iɖib ‘nariz de’
b. -anub ‘braço de’
c. -maɖ ‘casca de’
d. -baiɽi ‘flecha de’
e. –ɖaɽɨ ‘pai de’
f. -ɖaɽu ‘mãe de’
g. dajaɽɨ ‘marido de’
h. dajaɽu ‘mulher de’

(SANTOS, 2006, p.102)

Quando esses nomes não estão sendo possuídos recebem o sufixo –j que é adicionado à raiz do nome inalienável, quando ele não apresenta um possuidor especificado.

(352) Nomes inalienáveis não possuídos em Wapixana

a. iɖib-a-**j** ‘nariz’
b. anub-a-**j** ‘braço’
c. maɖ-a-**j** ‘casca’
d. baiɽi-a-**j** ‘flecha’

(SANTOS, 2006, p.102)

De acordo com Santos (2006) os termos de parentesco são o grupo semântico dos nomes inalienáveis que mais apresenta desvios em relação ao padrão de nomes não marcados com o sufixo não-possuído –j. O autor explica que palavras como *ɖaɽɨj* ‘pai’ e *ɖaɽuj* ‘mãe’ são muitas vezes empregadas sem o morfema *-j*, mesmo quando configuram uma construção em que os possuidores não são explícitos (SANTOS, 2006).

5.3.2.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

A língua Palikur também exibe nomes possuídos inalienavelmente. Da Silva (2016) explica que nomes possuídos obrigatoriamente referem-se, em geral, a partes do corpo e termos de parentesco. São sempre acompanhados por um prefixo marcador de

pessoa, que indica o possuidor (Da SILVA, 2016). Os exemplos, abaixo, exibem os nomes inalienáveis na língua Palikur.

(353) Nome inalienável Palikur

a. ***Gu***-kuk
   3POSS.F-pé
   'Pé dele'

b. ***Nu***-bagwan
   1POSS-perna
   'Minha perna'

c. ***Nu***-hay-o
   1POSS-esposa.fêmea-F
   'Mnha esposa'

(Da SILVA, 2016, p.50)

Os nomes inalienáveis podem utilizar o sufixo *–ti* para marcar um nome não possuído ou não especificado, como podemos verificar a seguir:

(354) Nomes inalienáveis não possuídos em Palikur

a. i-wan-***ti***
   IND-braço-NPOSS
   'Arm'/ 'braço'

b. i-nar-***ti***
   IND-mãe-NPOSS
   'Mother'/ 'Mãe'

(GREEN E GREEN, 1972, p. 53)

5.3.2.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo norte: Garifuna

De acordo com Haurholm-Larsen (2016), a língua Garifuna assim como as outras línguas Arawak distingue duas maneiras de marcar a posse morfossintaticamente: a posse atributiva e predicativa. Neste momento, vamos apenas verificar a posse atributiva nessa língua. Em Garifuna, a posse atributiva é codificada por um marcador possessivo prefixado a um nome. A língua distingue também posse alienavel de inalienável, verificaremos, no momento, a posse inalienável, como ilustrado nos exemplos a seguir:

(355) Nome inalienável Garifuna

a. n-úguchu
   1SG-mãe
   'My mother'/ 'Minha mãe'

b. n-íbiri
   1SG-irmão
   'My brother'/ 'Meu irmão'

c. n-ugúdi
1SG-pé

‘My foot’/ ‘Meu pé’

d. n-igí:na
1SG-pescoço

‘My neck’/ ‘Meu pescoço’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.49)

Haurholm-Larsen (2016) ressalta que como outras línguas Arawak, o garifuna tem um pequeno número de sufixos -CV não possessivos, mas eles têm formas diferentes das outras línguas Arawak e, portanto, parece improvável que sejam cognatos (HAURHOLM-LARSEN, 2016). O sufixo de posse inalienável não marcada é *–ni* e em alguns casos também pode aparecer o prefixo *h-*, esse aparece tanto em nomes possuídos alienavelmente quanto inalienavelmente. Os exemplos são mostrados a seguir:

(356) Nomes inalienáveis não possuídos em Garifuna

a. Ugúfe:ra-ní
Avô-NPOSS

‘Godfather’/ ‘padrinho’

b. Anága-ni
Costa-NPOSS

‘Back’/ ‘Costa’

c. E-um
Pênis-NPOSS

‘Penis’/ ‘pênis’

d. h-ítaü
NPOSS-sangue
‘Blood’/ ‘sangue’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.54)

5.3.2.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua Lokono exibe posse inalienável. Pet (2011) explica que os substantivos inalienáveis tendem a ser nomes mais comumente usados em contextos onde seriam possuídos. Eles incluem a maioria das partes do corpo ou outras partes de um todo, a maioria dos termos de parentesco e algumas outras palavras que parecem não se enquadrar em qualquer categoria semântica facilmente definível. Os exemplos, abaixo, ilustram a posse inalienável em Lokono.

(357) Nome inalienável em Lokono

a. Da-khabo
   1POSS-mão
   'My hand'/ 'Minha mão'

b. Thy-bana
   2POSS-fígado
   'Your liver'/ 'Seu fígado'

c. l-aithi
   3POSS-filho
   'His son'/ 'Filho dele'

d. l-eretho
   3POSS-esposa
   'His wife'/ 'Esposa dele'

(PET, 2011, p. 17)

Com exceção da maioria dos termos de parentesco, nomes inalienáveis só podem ser usados em um sentido não possuído se tiverem o sufixo "generalizador de nomes" – hV que aqui denominamos de não possuído, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(358) Nomes inalienáveis não possuídos em Lokono

a. Kakythinon kamyn-ka khabo-***ho***
   Pessoas ter-PERF mão-NPOSS
   'People have hands'/ 'Pessoas têm mão'

b. Dyna-***ha***
   Braço-NPOSS
   'Arm'/ 'Braço'

c. Bana-***ha***
   Fígado-NPOSS
   'Liver'/ 'Fígado'

(PET, 2011, p. 17-18)

A língua Wayuu também exibe nomes possuídos inalienavelmente, além de possuir também um marcador que marca nomes inalienáveis não possuídos, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(359) Nomes inalienáveis em Wayuu

a. ta-tüna
   1POSS-braço
   ‘Mi brazo’/ ‘Meu braço’

b. ta-che ̈e
   1POSS-orelha
   ‘'Mi oído’/ ‘Minha orelha’

(ALVAREZ, 2017, p.49)

Quando nome inalienável não está possuido, ele vem com duas marcações, o prefixo indefinido *a-* e o sufixo *-a* que expressa posse não especificada.

(360) Nomes inalienáveis não possuídos em Wayuu

a. a-tüna-a
   IND-braço-NPOSS
   ‘Brazo/ ‘Braço’

b. a-chan-waa
   IND-orelha-NPOSS
   ‘Oído’/ ‘Orelha’

(ALVAREZ, 2017, p.49)

5.3.2.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achaguá

A língua Resígara aparenta ter também o fenômeno de posse, contudo os dados encontrados em Allin (1972) são bastante escassos. Encontramos alguns exemplos de nomes inalienáveis.

(361) Nomes inalienáveis em Resígaro

a. Pha-hanígí
   2POSS-pai
   ‘Your father'/ ‘Seu pai’

b. Gi-iidú
   3POSS.M-sangue
   ‘His blood’/ ‘Sangue dele’

(ALLAN, 1972, p.170)

Wilson (1992) ressalta que quando os nomes são possuídos obrigatoriamente, eles recebem um prefixo possessivo pessoal, evidenciando a posse do referente. Partes do corpo, termos de parentescos e algumas partes de um todo relacionadas aos referentes

devem ser obrigatoriamente possuídos. Os exemplos, abaixo, expressam a posse inalienável em Achaguá.

(362) Nomes inalienáveis em Achagua

a. *Nudáku*
Nu-dáku
'Meu nariz'

b. *Nuwíba*
Nu-wiba
'Minha orelha'

c. *Nuéénajri*
žu-ééwi
1POSS-irmã-M
'Meu irmão'

(WILSON, 2002, p. 4 (a); p.20 (b), p. 22 (c))

O autor argumenta que muitos nomes de posse inalienável têm uma forma correspondente que pode ocorrer sem uma expressão de posse a partir da sufixação de -*ši*, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(363) Nomes inalienáveis não possuídos em Achagua

a. *Cawóishi*
Káwai-ši
Calças-N.POSS
'Pantalones'/ 'Calças'

b. Ééwishi
Ééwi-*ši*
Ovo-N.POSS
'Huevo'/ 'Ovo'

(WILSON, 1992, p. 20)

5.3.2.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

De acordo com Ramirez (2001b), em Baniwa, os nomes inalienáveis são diretamente possuídos e indicam a dependência necessária quando não são derivados. Encontram-se nos termos que denotam partes do corpo, anatomia animal ou vegetal, parte de um objeto e espaço, termos de parentesco, relações estreitas etc, como podemos observar a seguir:

(364) Nomes inalienáveis em Baniwa

a. no-kaapi ‘minha mão’
b. ɽó-iniɽi ‘marido dela’
c. – iináka ‘fruta’
d. pi-heeni ‘tua orelha’

(RAMIREZ, 2001, p.128)

A língua também apresenta nomes inalienáveis não possuídos a partir da prefixação de i- e da sufixação de *–ɽ̲i*, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(365) Nomes inalienáveis não possuídos em Baniwa

a. – dáki > *i*-ɖakí-**ti** ‘corpo’
b. – kaapi > *i*-kaapí-**ti** ‘mão’
c. – jhaa > *i*-jháa-**ti** ‘mentira’

(RAMIREZ, 2001, p.134)

De acordo com Ramirez (2001, p.133) as formas da esquerda são presas e só podem aparecer com prefixo pessoal ou com algum conectivo precedido do sintagma possuidor (*no-jhaa* ‘minha mentira’, *Pedoɽo i-jhaa* “mentira de Pedro’). Essa combinação de nome inalienável não possuído não ocorrem em termos de parentesco.

Em Tariana, os nomes possuídos inalienavelmente sempre tomam prefixos; e existem outros nomes que não tomam prefixos. Desse modo, a língua apresenta termos que são possuídos obrigatoriamente como: partes do corpo, partes das plantas, termos de parentescos, os exemplos abaixo exibem isso:

(366) Nomes inalienáveis em Tariana

a. –kawa ‘leg of’/ ‘perna de’
b. –kuda ‘trunk of’/ ‘tronco de’
c. –itu ‘daughter of’/ ‘filha de’
d. –ipitana ‘name of’/ ‘nome de’

(AIKHENVALD, 2003, p.127)

Aikhenvald (2003) explica que a posse obrigatória em nomes está mudando para classe de nomes possuídos opcionalmente e é feita por justaposição. Essa expansão é devido aos padrões de marcação de posse inalienável de línguas Tukano (ex. yɨˈɨ pa-co = eu parente-FEM ‘minha mãe’). Aikhenvald (2003) afirma que dois nomes de parentesco são usados para ser prefixado obrigatoriamente para posse em Tariana (*ex. –ha-dua = parente-mulher ‘mãe’, -ha-nisi parente-homem ‘pai’*) e são tratados como nomes

obrigatórios no modelo de línguas Arawak ou como posse opcional seguindo o modelo Tukano, essa mudança é presente nas falas dos mais jovens.

Observamos que as línguas Arawak apresentam um sufixo que exibe um nome inalienável como sendo não possuído. O reflexo do *-ɟi* em Tariana é *–si* devido uma mudança fonológica. Essa forma sobrevive em alguns nomes, nos quais são tratados como aqueles que são possuídos opcionalmente, como mostra os exemplos a seguir.

(367) Nomes inalienáveis não possuídos em Tariana

a. yaɾu-**si**
Coisa-NPOSS ‘Assets’/ ‘Bens’

b. yaru-maka-**si**
coisa-CL:pano-NPOSS ‘Clothes’/ ‘Roupas’

c. hiti-**si**
lágrima-NPOSS ‘Tears/ ‘Lágrimas’

e. hini-**si**
leite.materno-NPOSS ‘Breast milk’/ ‘Leite materno’

(AIKHENVALD, 2003, p.129)

O sufixo não-possuído é presente também em alguns nomes derivados por nominalização (ex. *ñhaka-**si*** ‘comida’, *iɾaka-**si*** ‘bebida’, *hiwya-**si*** ‘sopro’, *heɾena-**si*** ‘doença’, cf. AIKHENVALD, 2006, p.129). Nenhum desses nomes podem tomar prefixos possessivos pessoais. Conforme Aikhenvald (2006), o sufixo *–si* é arcaico, o tratamento desses nomes na língua é feito através de posse opcional que é uma inovação devido a expansão de posse alienável na língua.

A última língua deste subgrupo analisada é o Warekena que exibe posse inalienável, como podemos verificar nos nomes a seguir.

(368) Nomes inalienáveis em Warekena

a. Pi-nenituana
2POSS-barriga
‘Your belly’/ ‘Sua barriga’

b. Na-pi
1POSS-mão
‘My hand’/ ‘Minha mão’

c. Nu-ʃuɻuani
1POSS-mãe
‘My mother’/ ‘Minha mãe’

(AIKHENVALD, 1998, p.294)

Os nomes inalienáveis também carregam sufixo não possuídos, assim como as outras línguas analisadas.

(369) Nomes inalienáveis não possuídos em Warekena

a. Pina-ʃi
Medicina-NPOSS
'Medicine'/ 'Medicina'

b. Tsumeni-ʃi
Comida-NPOSS
'Food'/ 'Comida'

(AIKHENVALD, 1998, p.294)

5.3.2.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A posse inalienável em Baré consiste de nomes de parte do corpo e termos de parentescos, como podemos verificar a seguir:

(370) Nomes inalienáveis em Baré

a. Nu-nene 'my tongue'/ 'minha língua'
b. Nu-numa 'my mouth'/ 'minha boca'
c. Nu-ahai 'my tooth'/ 'meu dente'

(AIKHENVALD, 1995, p.13)

Segundo Aikhenvald (1995), a posse inalienável é marcada por prefixos possessivos e as formas não possuídas de posse inalienável apresentam um sufixo que designa um nome não possuído (*-hVi*), ilustrado nos exemplos a seguir:

(371) Nomes inalienáveis não possuídos em Baré

a. nene-**he** ' tongue/ 'língua'
b. numa-**hai** 'mouth'/ 'boca'
c. ahai-**hi** 'tooth'/ 'dente'

(AIKHENVALD, 1995, p.13)

Observamos que todas as línguas do grupo Norte-Arawak exibem a posse inalienável acompanhada com um prefixo que designa a posse do referente. Além disso, essas línguas exibem marcas que marcam o nome inalienável não possuído. Adiante, verificaremos a posse de nomes inalienáveis nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.3.2.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak

Assim como as línguas do gupo Norte-Arawak, as línguas do grupo Sul-Arawak também exibem posse de nomes inalienáveis, como verificaremos a seguir:

5.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Em Terena, os nomes inalienaveis são obrigatoriamente marcados como posse. Oliveira (2021) argumenta que os nomes inalienáveis carregam consigo, semanticamente, traços [+ possuído] e, obrigatoriamente, devem ser afixados por um pronome possessivo. Os termos que designam a posse em Terena são termos para parentescos e partes do corpo. Os exemplos abaixo exibem isso.

(372) Nomes inalienável em Terena

a. Ø=háˈa
   3SG=pai
   'Pai dele'

b. Nzáˈa
   1SG=pai
   'Meu pai'

c. Y=êno
   2SG=mãe
   'Tua mãe'

d. Ø=pâho
   3SG=boca
   'Boca dele'

(OLIVEIRA, 2021, p.110)

Assim como as outras línguas Arawak, a língua também exibe o sufixo de nomes inalienáveis não possuídos, o *=ti* e *–e*, tais sufixos não são encontrados em termos de parentescos (cf. OLIVEIRA, 2021). Os exemplos, a seguir, exibem os nomes inalienáveis não possuídos.

(373) Nomes inalienáveis não possuídos em Terena

e. Páho=ti
   Boca=N.POSS
   'Boca'

f. Ihâ-e
   Nome- N.POSS
   'Nome'

(OLIVEIRA, 2021, p.111 (a); p.112 (b))

Danielsen (2007) argumenta que em Baure, os nomes inalienáveis são partes do corpo e termo de parentesco, como podemos verificar a seguir.

(374) Nomes inalienáveis em Baure

a. *Nikis*
   Ni=kis
   1SG=olhos

   'My eyes'/ 'Meus olhos'

b. *Niser*
Ni=ser
1SG=dente
'Meu dente'

(DANIELSEN, 2007, p. 120)

Os nomes inalienavelmente possuídos podem ser realizados pelo prefixo *e-* que designa uma posse não especifica ou pelo sufixo absolutivo *–ko* que é restrio a alguns nomes na língua. Danielsen (2007) explica que alguns nomes podem tomar a formar *eser* 'dente' ou *setok* 'dente'. Ela argumenta que a forma absoluta não necessariamente se refere para uma parte do corpo, mas possibilita algo que assemelhe. Nomes que sofrem esse tipo de 'derivação' são, geralmente, outros nomes possuídos obrigatoriamente, além de parte do corpo. Os exemplos abaixo exibem nomes não possuídos por *e-* e por *–ko* em Baure.

(375) Nomes inalienáveis não possuídos em Baure

a. *eser*
e-ser
N.POSS-dente
'Dente de alguém'

b. toerok
toero-ko
campo-ABS
'Um campo'

(DANIELSEN, 2007, p.121)

5.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí

A língua Wauja exibe posse inalienável, a autora apenas dá exemplo de partes do corpo, como podem ser ilustrados a seguir:

(376) Nomes inalienáveis em Wauja

a. Nu-tuˈpulu
1SG-calcanhar
'Meu calcanhar'

b. Pi-ˈtsewe
2SG-dente
'Meu dente'

c. Ɨ-kanaˈtapa
3SG-braço
'Braço dele'

(POSTIGO, 2014, p.138)

Quando esses nomes não estão possuídos, eles são marcados pelo sufixo *–j*, como podemos verificar a seguir:

(377) Nomes inalienáveis não possuídos em Wauja

a. Tuˈpulu-***j***
Calcanhar-N.POSS

‘Calcanhar’

b. ˈtsewe-***j***
Dente- N.POSS

‘Dente’

c. Kanaˈtapa-***j***
Braço- N.POSS

‘Braço’

(POSTIGO, 2014, p.138 (f))

Na língua Mehináku, os nomes inalienáveis incluem itens relacionados com parte do corpo, termos de parentesco e alguns objetos considerados íntimos pelo possuidor, como podemos ver nos exemplos retirados de Corbera-Mori (2012b).

(378) Nomes inalienáveis em Mehináku

a. Nu-ˈtewe
1SG-dente

‘Meu dente’

b. Nu-ˈpɨna
1SG-casa

‘Minha casa’

c. ˈn-ɨ̃ta
1SG-arco

‘Meu arco’

d. Nu-ˈtãĩ
1SG-filho

‘Meu filho’

e. Nu-tanuˈle
1SG-primo

‘Meu primo’

(CORBERA-MORI, 2012, p.130 (a, b, c); p.131 (d, e))

Esses nomes quando não estão possuídos recebem o sufixo *–i* que designa um nome inalienável não possuído, esse sufixo só não é presente em termos de parentesco. Os exemplos abaixo exibem nomes inalienáveis não possuídos.

(379) nomes inalienáveis não possuídos em Mehináku

a. ˈtewe-***i***
Dente-N.POSS
‘Dente’

b. ˈpina-***i***
Casa-N.POSS
‘Casa’

c. ĩta-***i***
Arco-N.POSS
‘Arco’

(CORBERA-MORI, 2012, p.130)

Em Yawalapiti, encontramos nomes inalienáveis ocorrendo com parte do corpo, itens culturais e termos de parentescos, como podemos verificar a seguir:

(380) Nomes inalienáveis em Yawalapiti

a. nu-pina
1SG-casa
‘Minha casa’

b. p-ita
2SG-arco
‘Meu arco’

c. N-urita
1SG-olho
‘Meus olhos’

d. Nu-kuʂu
1SG-cabeça
‘Minha cabeça’

e. N-akiɾu
1SG-tia
‘Minha tia’

(YAWALAPITI, 2021, p. 100 (380.a); p.101 (380b); p.102 (380.c); p.103 (380.d); p. 105 (380.e))

O autor não menciona nenhum exemplo desses nomes inalienáveis com algum marcador de nome não possuído.

Brandão (2014) explica que em Paresí os nomes inalienáveis são inerentemente possuídos: eles devem ter um possuidor (um clítico pessoal ou outra raiz nominal) quando possuídos. Esses nomes também são nomes vinculados, no sentido de que não ocorrem como constituintes livres (BRANDÃO, 2014). A autora ressalta que semanticamente, nomes inalienáveis incluem termos de parentesco, partes do corpo ou de plantas,

pertences pessoais e alguns outros nomes. Os exemplos, abaixo, exibem os nomes inalienáveis em Paresí.

(381) Nomes inalienáveis em Paresí

a. e=kahe
3SG=mão
'His hand'/ 'mão dele'

b. i=tsiri
3SG=pé
'His foot' / 'pé dele'

c. e=watyahala
3SG=pulseira
'His bracelet'/ 'pulseira dela'

d. e=zaitso
3SG=sobrinha
'His niece'/ 'sua sobrinha'

e. in=ityo
3SG=mãe
'His mother' / 'mãe dele'

(BRANDÃO, 2014, p. 164 (a,b); p.165 (c,d,e))

Quando esses nomes não estão possuídos eles recebem o sufixo de não possuído *-ti*, assim como as outras línguas aqui vista.

(382) Nomes inalienáveis não possuídos em Paresi

a. Kahe-***ti***
Mão-N.POSS
'Hand'/ 'Mão'

b. Watyahala-***ti***
Pulseira-N.POSS
'Bracelet'/ 'pulseira'

(BRANDÃO, 2014, p.164 (a); p.165 (b))

Silva (2013) trata os termos de parentesco como inerentemente possuídos, ou seja, sem formas não possuídas. Contudo, Brandão argumenta que os seus consultores usam a forma possuída em termos de parentesco com a forma *–kati*, isso não ocorre em outros nomes inalienáveis, essa forma é reduzida por *–ka*. Segundo Brandão (2014) o significado de *–ka* não é claro.

c. Zaitso-ka-***ti***
Sobrinha-?-N.POSS
'Niece of someone'/ 'sobrinha de alguém'

d. Ityo-ka-***ti***
mãe-?-N.POSS
'Mother of someone'/ 'Mãe de alguém'

(BRANDÃO, 2014, p.165)

5.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

De acordo com Facundes (2000) os nomes em Apurinã são divididos entre os nomes simples, nomes compostos e nomes derivados de outras categorias, além deles se dividirem em gênero masculino e feminino. Aqui, iremos analisar apenas os nomes simples que são subcategorizados em nomes simples inalienáveis. Os nomes simples podem ser marcados lexicamente para serem possuídos obrigatoriamente. Esses nomes inalienáveis pertencem a uma classe fechada e são obrigatoriamente possuídos, como podemos verificar a seguir:

(383) Nomes inalienáveis em Apurinã

a. Nu-kuwu
1SG-cabeça.de
'My head/ 'Minha cabeça'

b. P-oku
2SG-olho.de
'Your eye'/ 'Seus olhos'

c. u-nakanhi
3M-tapioca
'Its/his tapioca paste'/ 'Massa de tapioca dele'

(FACUNDES, 2000, p.158)

Em Freitas (2017) verificamos exemplos com termos de parentesco em Apurinã. Importante mencionar que tais termos não recebem a forma não possuída que é *–txi* (cf. FACUNDES 2000; FREITAS, 2017).

(384) Nomes inalienáveis de termos de parentesco em Apurinã

a. Ny-nyrymany
1SG-parente de
'Meu parente'

b. n-muiana-ry
1SG-amigo, companheiro de-M
'Meu companheiro'

(FREITAS, 2017, p.190)

Já os nomes inalienáveis nos exemplos em (383.a-b-c) podem exibir a marca de nomes inalienáveis não possuídos, como podemos verificar a seguir.

(385) Nomes inalienáveis não possuídos em Apurinã

a. kuwu-***txi***
Cabeça de-N.POSS

‘Head’/ ‘Cabeça’

b. Oku-***txi***
Olho de-N.POSS

‘Eye’/ ‘Olho’

c. Nakanhi- ***txi***
Tapioca de- N.POSS

‘Tapioca’

(FACUNDES, 2000, p.158)

A língua Maxinéri exibe nomes possuídos obrigatoriamente. Em relação aos nomes obrigatoriamente possuídos eles abrangem parte do corpo humano, termo de parentesco e objetos pessoais, como podemos verificar a seguir:

(386) Nomes inalienáveis em Maxinéri

a. N-ɨɾɨ
1sg-pai

‘Meu pai’

b. No-tɨɾɨ
1sg-filho

‘Meu filho’

c. No-mjo

1sg-mão

‘Minha mão’

d. No-ʃeko
1sg-rede

‘Minha rede’

(SILVA, 2013, p.42)

Silva (2013) explica que termos de parentescos não podem ser não-possuidos, enquanto nomes que designam partes do corpo e objetos pessoais podem. O sufixo *-ʧi* deriva nomes não-possuídos em Maxinéri.

(387) Nomes inalienáveis não possuídos em Maxinéri

a. mjo-ʧi
mão-N.POSS

‘Mão’

b. kane-ʧi
braço-N.POSS
‘Braço’

(SILVA, 2013, p. 45)

Yine-Piro, assim como as outras línguas Arawak, também apresenta nomes inalienáveis. De acordo com Hansen (2010), semanticamente, os nomes inalienáveis são termo de parentesco, partes de todos e suas extensões, características geográficas e relações espaciais; objetos inalienavelmente possuídos na casa e arredores; etc. Os exemplos, a seguir, exibem os nomes inalienáveis em Yine-Piro.

(388) Nomes inalienáveis em Yine-Piro

a. N-iri
1SG-pai de
‘My father’/ ‘Meu pai’

b. N-inro
1SG-mãe
‘My mother’/ ‘Minha mãe’

g. no-mane
1SG-corpo de
‘My body’/ ‘Meu corpo’

c. hi-sire
3PL-folhas de
‘We leaves’/ ‘Nossas folhas’

d. No-spi
1SG-lábios
‘My lips’/ ‘Meus lábios’

e. No-hriro
1SG-mosquiteiro de
‘My mosquito net of”/ ‘Meu mosquiteiro’

f. No-pçi
1SG-casa
‘My home’/ ‘Minha casa’

(HARSEN, 2010, p. 110)

Da mesma maneira com que ocorre com as outras línguas, na ausência de possuidor, a raiz inalienável deve assumir o sufixo *-ʧi*. Todos os nomes inalienáveis descrito aqui exibem essa marca quando não estão possuídos.

(389) Nomes inalienáveis não possuídos em Yine-Piro

g. Hir-***ʧi***
Pai de-N.POSS

‘Father’/ ‘Pai’

h. man-***ʧi***
corpo de – N.POSS
‘Body/ ‘Corpo’

i. sir-***ʧi***
Folha de – N.POSS

‘Leaf/ ‘Folha’

j. Pan- ***ʧi***
Casa de- N.POSS
‘Home’/ ‘Casa’

(HARSEN, 2010, p. 110)

5.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Asháninka, Caquinte e Nanti

A posse inalienável é expressa em termos de parentescos, relação de parte de um todo, como parte do corpo e objetos de pertencimento. Os exemplos abaixo exibem a posse inalienável em Asháninka:

(390) Nomes possuídos inalienavelmente em Asháninka

a. No=ito
1SG=cabeça

‘My head’/ ‘Minha cabeça’

b. No=saro
1SG=avó

‘My grandmother’/ ‘Minha avó’

c. No=vito
1SG=canoa

‘My canoe’/ ‘Minha canoa’

d. No=vaNko
1SG=casa

‘My house/ ‘Minha casa’

(MIHAS, 2010a, p.123)

Assim como ocorre com outras línguas, em Asháninka, nomes possuídos obrigatoriamente tomam um sufixo – *(n) tsi* não possuído para não especificar o possuidor. Como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(391) Nomes inalienáveis não possuídos

a. Tsi-***tsi*** ‘firewood/’lenha’
b. Avo-***tsi*** ‘road’/ ‘estrada’
c. Aiki-***Ntsi*** ‘tooth’/ ‘dente’

(MIHAS, 2010a, p.123)

Castilho-Ramirez (2017) explica que no Caquinte, a posse se expressa morfologicamente em em nomes possuídos obrigatoriamente. Os exemplos abaixo exibem a posse inalienável em Caquinte.

(392) Nomes inalienáveis em Caquinte

a. *nomotiha*
No-motiha
1POSS-barriga
‘Mi vientre’/ ‘Minha barriga’

b. *Pisonteki*
Pi-soNteki
2POSS-olho
‘tu ojo’/ ‘Teu olho’

c. *iyenaharo*
I-kenaharo
3POSS-canoa
‘Su canoa’/ ‘Canoa dela’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.73)

A língua tem também uma forma não possuída *(-tsi/-ntsi)* para nomes inalienáveis que não estão especificando um possuidor, como ilustrado a seguir:

(393) Nomes inalienáveis não possuídos em Caquinte

a. *vakotsi*
βako-***tsi***
mão-NPOSS
‘Mano’/ ‘Mão’

b. *kenaharontsi*
kenaharo-***Ntsi***
‘Una canoa’/ ‘Uma canoa’

(CASTILHO, 2017, p.73)

Do mesmo modo que ocorre em outras línguas Arawak, em Nanti, os nomes inalienáveis devem sempre aparecer com um prefixo possessivo, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(394) Nomes inalienáveis em Nanti

a. No-tyona
   1SG-nariz
   "My nose/ 'Meu nariz'
b. i-koriti
   3M-esposa
   'His wife'/ 'Esposa dele'

(MICHAEL, 2008, p.298)

A forma não-possuída, diferentemente com que ocorre com outras línguas, não é produtiva em Nanti, embora ainda se encontrem formas congeladas exibindo esse sufixo (ex. *panko**tsi*** 'casa', cf. MICHAEL, 2008, p.301). Segundo Michael (2008), em vez do marcador não possuído *–tsi*, os falantes Nanti empregam a primeira pessoa inclusiva possessiva *–a* que funciona nesse contexto como um possessor impessoal.

(395) Nomes inalienáveis não possuídos em Nanti

a. a-gito
   1PL.INCL-cabeça
   'One head/ our (inclusive) head'/ 'Uma cabeça/ nossa (inclusivo) cabeça'
b. **gitotsi.*

(MICHAEL, 2008, p.301)

5.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A última língua analisada do grupo Sul-Arawak também apresenta nomes inalienáveis que se comportam da mesma forma que as outras línguas, sempre levando um prefixo possessivo. De acordo com Duff-Tripp (1997) pertencem a essa classe os termos de parentescos, objetos que tenham uma relação estreita com seu referente, partes do corpo e alguns termos abstrados. Os exemplos abaixo exibem os nomes inalienáveis em Amuesha.

(396) Nomes inalienáveis em Amuesha

a. Pa-ˈmoˈnerr
   2SG-irmã
   'Su hermana'/ 'Sua irmã'
b. Po-chemer
   2SG-filho

‘Su hijo’/ ‘Seu filho’

c. Po-ˈmasmaɸ̃
2SG-cabrio

‘Su cabrio (de la casa) ’/ ‘Seu caibrio (da casa) ’

d. P-oñ
2SG-cabeça

‘Su cabeza’/ ‘Sua cabeça’

e. Po-ˈser
2SG-miçanga

‘Su chaquira’/ ‘Sua miçanga’

f. Po-morrenteña
2SG-amor

‘Su amor’/ ‘Seu amor”

(DUFF-TRIPP, 1997, p. 31 (a, b, c, d) p.132 (e, f))

Assim como as outras línguas Arawak, quando estes nomes inalienáveis não estão possuídos eles recebem o sufixo não possuidor *–Vts*, como ilustrado a seguir:

(397) Nomes inalienáveis não possuídos em Amuesha

a. Oñ-***ets***
Cabeça-N.POSS

‘Cabeza’/ ‘Cabeça’

b. Rrollar-***ets***
Esposo-N.POSS

‘Esposo’/ ‘Esposo’

c. Ser-***ets***
Micança-N.POSS

‘Chaquira’/ ‘Miçanga’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.31 (g), p. 132 (h, i))

Todas as línguas Arawak selecionadas para essa pesquisa exibem posse inalienável de forma regular, sendo um fenômeno padrão na língua. Quando estes nomes estão não possuídos recebem um sufixo de posse que na grande maioria é *(V) -ɸV*. Em Baure há um morfema diferente, o prefixo *e-* que designa nome não especificado, ou seja, não se sabe o possuidor ou se usa o sufixo absolutivo *–ko*. Nanti tem perdido o sufixo de nome inalienável não possuído, sendo o prefixo impessoal *a-* fazendo essa função. Em Yawalapiti, não encontramos exemplos de nomes inalienáveis não possuídos, mas podemos hipotetizar que ele deve ocorrer como acontece com outras línguas xiguianas, com o sufixo ***–j (-i).*** Contudo, isso é apenas uma hipótese e ainda precisa ser confirmada

em estudos posteriores sobre a língua. Agora, verificaremos um outro tipo de posse bastante comum em línguas do mundo, a posse alienável.

5.3.3 Analisando a posse alienável nas línguas Arawak

Como visto anteriormente, as línguas Arawak exibem também posse alienável. Ela é mais aberta e opcional, ocorrendo com sufixos que são relacionados com questões de morfofonologia e semântica do nome.

5.3.3.1 Línguas do Grupo Norte-Awarák

5.3.3.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

No que concerne os nomes alienáveis em Wapixana, são nomes opcionalmente possuídos, não apresentam qualquer marca e quando possuídos exibem um sufixo caraterizador. Em Wapixana também há três marcas distintas para marcar a posse alienável nos nomes, são os sufixos *–n, ʐ* e *–t.*

(398) Wapixana

a.	ɖaunaiuɽ	baɽu-***n***	
	Homem	machado-POSS	‘machado do homem’
b.	ũgaɽɨ	kubaw-a-***ʐ***	
	1	anzol-EP-POSS	‘meu anzol’
c.	ɨ-ɽɨ	baɨɖukuɽɨ-***t***	
	3m-m	onça-POSS	‘onça dele’
d.	ũ-kanaw-a-***n/ʐ***		
	1sg-canoa-ep-POSS		‘minha canoa’

(SANTOS, 2006, p. 132- 134)

5.3.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Na língua Palikur, os nomes alienáveis são opcionais e quando estão possuídos recebem tanto o prefixo de posse quanto os sufixos de nomes alienáveis, que são *–a* e *–n.* Os exemplos, abaixo, exibem os nomes alienáveis em Palikur.

(399) Palikur

a. N-im-***a***
   1POSS-peixe-POSS
   ‘Meu peixe’

b. Gi-hmu-***n***-kis
   3POSS-M-canoa-POSS-PL
   ‘Canoa deles’

c. Nu-vin-***n***
   1POSS-casa-POSS
   ‘Minha casa’

(Da SILVA, 2016, p.51)

5.3.3.1.3 Subgrupo Caribe ou Extremo Norte: Garifuna

Os nomes alienáveis em garifina exibem o prefixo de posse e também os sufixos *–te, -ri, -n* que marcam a posse inalienável. Os exemplos, abaixo, ilustrem esses nomes.

(400) Garifuna

a. N-éyfi-***te***

1sg-feijão-POSS

'My bean'/ 'Meu feijão'

b. Bi-dúna-***ri***
2sg-água-POSS

'Your water'/ 'Sua água'

c. Nu-báruru-***n***
1sg-plantação-POSS

'My Plantation'/ 'Minha Plantação'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.56)

5.3.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

Os nomes alienáveis, esses representam a maioria dos substantivos em Lokono. Quando estão possuídos, além de serem precedidos por um pronome de possuidor (seja morfologicamente ligado ou livre) ou um substantivo, eles recebem um dos sufixos de posse (POSS), *-n, -ja* ou *-ra*. Quando não estão em posse, podem ser usados sem qualquer modificação morfológica (PET, 2011, p.17).

(401) Lokono

a. Siba 'loja'
Py-siba-***n***
2POSS-loja-POSS

'Your store' /'Sua loja'

b. Ada 'árvore/planta'
d-ada-***n***
1POSS-árvore/planta-POSS

'My tree/plant'/ 'Minha árvore/planta'

c. Arakobosa 'pistola'
De arakabosa-***n***
1POSS pistola-POSS

'My pistol'/ 'Minha pistola'

(PET, 2011, p. 17-18)

Em Wayuu também há nomes possuídos alienavelmente a partir da sufixação de *–in* e *–se* que vêm acompanhado com os prefixos de posse. Como demonstrado nos exemplos a seguir:

(402) Wayuu

a. Ta-kaaˈula-***in***
1POSS-bode-POSS
'Mi cabra'/ 'Meu bode'

b. Pu-luma-***se***
2POSS-mandril-POSS
'Tu mandril/ 'Seu mandril'

(ALVAREZ, 2017, p.50)

5.3.3.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá

Infelizmente, não conseguimos encontrar exemplos que descrevem a posse inalienável em Resígaro. Já em Achaguá, a posse alienável na língua é expressada através dos sufixos *–ni* e *–dee* que vêm fixados ao nome, juntamente com um prefixo de posse, indicando o possuidor.

(403) Achagua

a. Nu-cárru-***ni***
1SG-carro-POSS
'Mi coche'/ 'Meu carro'

b. Nu-cuita-***dee***
1SG-casa-POSS
'Mi casa'/ 'Minha casa'

(WILSON, 1992, p. 21)

5.3.3.1.6 Subgrupo Alto-Rio Negro: Baniwa e Tariana

No que diz respeito à posse alienável em Baniwa, ela é feita a partir de nomes independentes que não podem ser diretamente possuídos. Os nomes que se encontram na posse alienável são os que designam seres humanos ou sobrenaturais, animais, vegetais, elementos da natureza, objetos e seres inanimados, artesanatos, estados físicos e alguns empréstimos. Para que esses nomes sejam possuídos é necessário a afixação de um prefixo de posse e de um sufixo que faz com que o nome se torne possuído. Em Baniwa de Içana há três formas de sufixo de posse: *-ni, -te, -le,* como podemos verificar a seguir.

(404) Baniwa

a. No-tsiino-***ni*** 'meu cão'
b. No-oɲai-***te*** 'meu porto'

c. No-kenike-***le*** ‘minha roça’

(RAMIREZ, 2001, p. 129)

No que diz respeito à posse alienável, a língua Tariana tem perdido completamente os sufixos possessivos em nomes possuídos alienavelmente. No entanto, esses sufixos permanecem ainda em alguns nomes arcaicos e a distribuição deles se dá devido uma questão semântica (AIKHENVALD, 2006). Os sufixos de posse alienável são: *-ni* e *-ɾe*.

(405) Tariana

a. Kuphe hipatu-**ni**
Peixe-rapé-POSS

‘Fish snuff’/ ‘Rapé de peixe’

b. Hipatu-tiya-**re**
Rapé-Prato-POSS

‘Plate for snuff’/ ‘Prato para rapé’

(AIKHENVALD, 2006, p.132)

E por fim, encontramos alguns exemplos em Warekena de nomes possuídos alienavelmente, como podemos verificar a seguir:

a. Nu-waɻu-***ne***
1SG-papagaio-POSS

‘My parrot’/ ‘Meu papagaio’

b. Nu-mukawa-***ne***
1SG-espinguarda-POSS

‘My shotgun’/ ‘Minha espinguarda’

(AIKHENVALD, 1998, p.295)

5.3.3.1.5.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A posse alienável em Baré é marcada por um prefixo possessivo e um dos sufixos possessivos seguintes: -ni, -ɻe, -ʂe, como ilustrado nos exemplos abaixo:

(407) Baré

a. Wa-dutur-**ʂe**
1PL-doutor-POSS

‘Our doctor’/ ‘Nosso doutor’

b. Nu-kaku-**ɻe**
1SG-rede.peixe-POSS

‘Fishing net’/ ‘Minha Rede’

c. Nu-maʧeta-**ni**
1SG-faca-POSS

‘My knife’/ ‘Minha faca’

(AIKHENVALD, 1995, p.14)

Observamos que, com exceção de Resígaro que infelizmente não encontramos dados de posse alienável, as outras línguas deste grupo exibem a posse alienável, com sufixos até semelhantes, como vimos nos exemplos acima. Adiante, descrevemos a posse alienável nas línguas do grupo Sul-Arawak.

5.3.3.2.2 Línguas do Grupo Sul-Awarák

5.3.3.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Oliveira (2021) ressalta que os nomes possuídos alienavelmente recebem o sufixo *–na*, além dos prefixos possessivos. Além disso, esses nomes exibem algumas formas irregulares. A autora assinala que há um grupo de itens lexicais que ocorrem com a mudança da vogal [o] para vogal [a] no interior da palavra. Há uma outra irregularidade também em Terena. Segundo Oliveira (2021), existe um acréscimo de morfema de posse *–a* que para autora parece ser uma redução de *–na*. Assim, se a palavra termina em vogal /i/ passará a ser /e/. Os exemplos abaixo exibem os nomes alienáveis em Terena.

(408) Terena

a. Lambape-***na***
   1=tapioca-POSS
   'Minha Tapioca'

b. Ø=áhara=***na***
   3=enxada-POSS
   'Enxada dele'

c. Sopôro > nzápara
   'Milho' 1=milho
   'Meu milho'

d. Pahapéti > Ø=páhapete=a
   'Porta' 3=porta=POSS
   'Porta dele'

(OLIVEIRA, 2021, p.111 (a, b); p. 113 (c, d))

A língua Baure também exibe posse alienável através de um proclítico possessivo e o sufixo *–no* expressando a posse, como evidencia os exemplos a seguir.

(409) Baure

a. *Niyakison*
   Ni=yakiso-***no***
   1SG=lenha-POSS
   'My firewood'/ 'Minha lenha'

b. *Nihapin*
Ni=hapi-***no***
1SG=jarra-POSS
‘My jar’/ ‘Minha jarra’

c. *Niromon*
Ni=rom-***no***
1SG=chefe-POSS
‘My chef’/ ‘Meu chefe’

d. *Nyakin*
Ni=yaki-***no***
1sg=fogo-poss
‘My fire/ ‘Meu fogo’

(DANIELSEN, 2007, p.123)

5.3.3.2.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresí

Postigo (2014) explica que em Waujá, os nomes considerados “alienáveis” não recebem marcação morfológica de posse e são aqueles que designam animais e elementos da natureza. A autora assinala que, os nomes “alienáveis” que opcionalmente podem ser possuídos em wauja são: utensílios domésticos, artesanatos, objetos e outros. Nesses casos, há o uso de prefixos pronominais para a marcação de posse. Não verificamos nos dados de Postigo (2014) um sufixo de posse alienável como vimos em outras línguas Arawak. Os exemplos abaixo exibem a posse alienável em Waujá.

(410) Wauja

a. /ˈteme/ ‘anta’
b. /januˈmaka/ ‘onça’
c. /ˈkezɨ/ ‘lua’
d. /kamɨ/ ‘sol’
e. /nu-tunuˈmala/
1sg-rede
‘Minha rede’
f. /p-ɨˈpɨna/
2sg-casa
‘Tua casa’
g. /ɨ-ˈnetse/
3sg-colar
‘Colar dele’

(POSTIGO, 2014, p.137 (a, b, c, d); p.138 (f, g))

Conforme Corbera-Mori (2012), os nomes alienáveis quando ocorrem livres não precisam de marcadores de posse. Contudo ao ocorrerem em construções possessivas devem ocorrer com prefixos possessivos e pelos sufixos indicados de posse que são *–la (e), -ɾa, -ʂa*, como se vê nos exemplos abaixo.

(415) Mehináku

a. uˈku > n-uˈku-***la***
‘Flecha’ 1SG-flecha-poss
‘Minha flecha’

b. maˈtapu > nu-mataˈpu-***la***
‘Zunidor’ 1SG-zunidor-poss
‘Meu zunidor’

c. ˈteːme > nu-teːme-***le***
‘Anta’ 1SG-anta-poss
‘Minha anta’

d. ʂepi > nu- ʂeˈpi-***ɾa***
‘Banco’ 1SG-banco-poss
‘Meu banco’

e. kuˈpatɨ > nu-kupaˈtɨ-***ʂa***
‘Peixe’ 1SG-peixe-poss
‘Meu peixe’

(CORBERA-MORI, 2012b, p.131)

Em Yawalapiti, os nomes alienáveis, denominados por Tapir-Yawalapiti (2021) de absolutos, são aqueles que ocorrem livres de possuidor, mas que podem ser possuídos, a partir dos sufixos *-la*, *-ra* e *-ʎɨ*. De acordo com o autor, a distribuição dos alomorfes de posse é fonologicamente condicionada: *-la* se combina com itens terminados em /a/ ou /u/, *-ra* se combina com itens terminados em /i/ e *-ʎɨ*[113] se combina com palavras terminadas em /ɨ/. Os exemplos, abaixo, evidenciam a posse alienável em Yawalapiti.

(416) Yawalapiti

a. Nu-tipa-rata-***la***
1SG-pedra-casca-POSS
‘Minha panela’

b. P-uku-***la***
2SG-flecha-POSS
‘Sua flecha’

c. N-ɨri-***ɾa***

[113] O autor não cita exemplos com *-ʎɨ*.

1SG-carvão-POSS

‘Meu carvão’

d. N-watʃi=watʃi-***la***
1SG-abano=abano-POSS

‘Meu abano’

(YAWALAPITI, 2021, p.107 (a); p.108 (b); p. 109 (c); p.110 (d))

E por fim, a língua Paresí que exibem nomes alienáveis que são raízes de nomes livres que são possuídos opcionalmente. Do mesmo modo como ocorre com outras línguas Arawak, em Paresí, os nomes alienáveis devem ocorrer com o possuidor e com sufixos possuídos que são *–za*, *-la*, *-ne*, como podemos observar nos exemplos abaixo:

(417) Paresí

a. Wiya wi=maha-***za*** w=iye-heta
Vamos 1PL=mel-POSS 1PL=pegar-PERF

‘Let’go get our honey again’/ ‘Vamos pegar o nosso mel de novo’

b. Eaotseta ha=komata-***la*** Ø=zozoka Ø=waiya zomm!
Então 3SG=feijão-POSS 3SG=espalhar 3SG=olhar zomm!

‘Then he scattered his beans, and look zomm!’ / ‘Então ele espalhou seus feijões e olha zomm!’

c. Baba =ene-tya na=kola-heta hi=koho-***ne***
Pai PST-FOC 1SG=levar-PERF 2SG=cesta-POSS

‘My deceased dad said: I will take your basket’/ ‘Meu falecido pai disse: vou levar sua cesta.’

(BRANDÃO, 2014, p. 170 (a); p.171 (b); p.172 (c))

5.3.3.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Em Apurinã, os nomes simples possuídos alienavelmente ocorrem de forma semelhantes aos das outras línguas. Nessa língua, os nomes possuídos, opcionalmente, são aqueles que requerem os sufixos *–te*, *-ne* e *–re* quando estão possuídos, como podemos verificar a seguir.

(418) Apurinã

a. Ny-kupiti-***ne***
1SG-panela.de.barro.POSS

‘Minha panela de barro’

b. Ny-kasyri-***te***
1sg-lua-poss

‘Minha Lua’

c. Ny-ãputa-***re***
1sg-abano-poss
'Meu abano'

(FREITAS, 2017, p.180-207)

A língua Maxinéri exibe também posse alienável a partir do atachamento de um prefixo de posse junto com um sufixo *–ne* que indica a posse. O exemplo retirado de Silva expressa isso.

(419) Maxinéri

a. No-ʃĩkoti-***ne***
1SG-macaco-POSS
'Meu macaco'

(SILVA, 2013, p. 44)

De acordo com Hanson (2010), a maioria dos nomes em Yine são alienáveis. Para estes, estar possuído – e especificar o possuidor – não é uma exigência gramatical (HANSON, 2010). Quando possuídos, são obrigatoriamente marcados como um dos cinco sufixos dedicados a esse fim *–te, -ne, re, -e* e *le*. A autora argumenta que a escolha entre esses sufixos é amplamente previsível com base em uma combinação de semântica e morfológica (HARSON, 2010). Os exemplos, a seguir, exibem a posse alienável em Yine-Piro.

(420) Yine-Piro

a. Nçimeka***te***
'My yucca'/ 'Minha mandioca'

b. Nʃim***ne***
'My fish'/ 'Meu peixe'

c. Nyonawap***re***
'My pencil'/ 'Meu lápis'

d. Nɨnkal***e***
'My store'/ 'minha história'

e. N-yopiçe-waka-***le***
1SG-DESCEND-FREQ-LOC.NOM-POSS
'My port'/ 'Meu porto'

(HANSEN, 2010, p.120 (a); p.121 (b); p. 122 (c); p. 123 (d); p.124 (e))

5.3.3.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

A língua Ashéninka exibe também posse alienável que é marcado com os sufixos de posse *–te, -ni, -ri* acompanhados de proclíticos possessivos em nomes opcionalmente marcados. Os exemplos abaixo exibem a posse alienável em Ashéninka.

(421) Asheninka

a. No=chokopi-***te***
1SG-flecha-POSS
'My arrow'/ 'Minha flecha'

b. No=yoka-***ni***
1SG-cocar-POSS
'My coca'/ 'Meu cocar'

c. N=otsitzi-***te***
1SG-cachorro-POSS
'My dog'/ 'Meu cachorro'

d. N=akipa-***ri***
1SG-peixe=POSS
'My grilled fish/ 'Meu peixe grelhado'

(MIHAS, 2010, p.123)

O caquinte exibe sufixos possuidores alienáveis *(-ne, -te, -re)* que marcam a posse na língua e tais sufixos estão presentes também em termos de parentescos, muito diferente do que ocorre com outras línguas Arawak. Os exemplos abaixo exibem a posse em Caquinte.

(422) Caquinte

a. No-chomo-***ne***
1SG-panela de barro-POSS
'Mi olla de barro'/ 'Minha panela de barro'

b. I-kotsiro-***te***
3SG-facão-POSS
'Su machete'/ 'Facão dele'

c. i-se-***re***
3SG-tabaco-POSS
'Su tabaco'/ 'Tabaco dele'

d. No-aapani-***te***
1SG-pai-POSS
'Mi papa'/ 'Meu pai'

e. Pi-iipani-***te***

2SG-mãe-POSS

‘Tu mamá’/ ‘Tua mãe’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.75 (a, b, c); p.76 (d, e))

A marcação de posse alienável em Nanti ocorre a partir da afixação dos sufixos possessivos *–ne, -te* e *–re*. A distribuição é determinar por fatores prosódicos. O sufixo *–re* aparece em um número pequeno de formas denotando objetos manufaturados. Assim como em Tariana, em Nanti, nomes alienáveis não necessitam vir com prefixos de posse. Os exemplos, abaixo, mostram a posse alienável na língua.

(426) Nanti

a. Igusi***ne***
‘His guan’/ ‘Seu guan’

b. Ochaberi***te***
‘My chicken’/ ‘Meu frango’

c. Icha***re***
‘His arrow’/ ‘Minha flecha’

(NANTI, 2008, p.300)

5.3.3.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Em Amuesha, Duff-Tripp (1997) argumenta que os nomes possuídos alienavelmente são formas livres sem flexão e são formados por nomes de objetos, animais e alguns termos de parentescos, semelhante com que ocorre com o Caquinte. Os exemplos abaixo exibem os nomes alienáveis em Amuesha.

(427) Amuesha

a. Poˈnoñt̃
‘Su canoa’/ ‘Sua canoa’

b. Pochar
‘Su perro’/ ‘Seu cachorro’

c. Pachor
‘Su madre’/ ‘Sua mãe’

d. Popapar
‘Su padre’/ ‘Seu pai’

(DUFF-TRIP, 1997, p. 32)

Assim como ocorre com a posse inalienável, as línguas Arawak, em geral, também exibem posse alienável, sendo uma característica padrão nessas línguas. A grande maioria exibe sufixos que marcam esses nomes como possuídos. Existem também algumas irregularidades, uma vez que em Caquinte e Nanti, os sufixos alienáveis ocorrem em termos de parentescos, isso não é um traço comum, uma vez que não ocorre na maioria

das línguas. A subseção que segue descreve os padrões tipológico da categoria de posse encontrada nas 24 línguas Arawak selecionadas.

5.3.4 Padrões de posse inalienável e alienável nas línguas Arawak

A grande parte da complexidade gramatical das línguas Arawak está na morfologia, onde os estudos de posse se encontram. Noble (1965, p.1) foi um dos primeiros a observar que termos de partes do corpo regularmente começam com prefixos possessivos. D. Payne (1991, p.376) explica que nas línguas Arawak, o mesmo conjunto de prefixos pronominais que denotam possuidores em nomes são atachados aos verbos para fazer trans-referência ao sujeito. A posse inalienável nessas línguas obrigatoriamente deve vir com esses prefixos para designar o possuidor do nome, apesar de que em Apurinã e Wapixana o nome não necessariamente deve vir com o prefixo, já que ele mesmo sem o morfema possuidor já mostra, semanticamente, a posse. Seguindo a hierarquia implicacional de posse de Nichols (1988, p. 572), a mesma pode ser adaptada para as línguas analisadas nesse trabalho, como podemos observar a seguir.

(428) *Hierarquia de posse inalienável nas línguas Arawak analisadas*

TERMOS DE PARENTESCO > PARTE DO CORPO HUMANO/PLANTAS > ITENS CULTURAIS

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Nessa hierarquia, colocamos termos de parentescos como nomes mais suscetíveis à posse inalienável, já que na maioria dessas línguas, esses termos não podem receber o sufixo não-possuído (**ɟi* Proto-Arawak, cf. PAYNE, 1991), apesar de que em Wapixana, Palikur, Garifuna, Paresí e Amuesha exibem termos de parentescos com essa marca. Nichols (1988) ressalta que termos de parentescos são tratados como mais 'inalienáveis' do que parte do corpo. Além disso, ela argumenta que quando os termos de parentescos não são 'inalienáveis' isso, geralmente, deve-se a uma das duas tendências que sustentam sua afinidade com a classe inalienável ou eles estão quase relacionados, mas podem ocorrer sem posse sob duas condições bem definidas: em vocativos ou não são nem inalienáveis e nem alienáveis. Outra questão interessante notada nessa pesquisa é que em Caquinte e Amuesha, os termos de parentescos também parecem como sendo nomes alienáveis, algo que é bastante raro de ocorrer, seguindo os padrões implicacionais de Nichols (1988).

No que diz respeito aos itens referentes às partes do corpo/partes de plantas ou itens culturais esses exibem sufixos de nomes inalienavelmente não possuídos. Mas,

como toda regra há exceção, na língua Tariana, o sufixo de nome inalienável não possuído é um processo arcaico que ocorre lexicalizado ou como marca nominalizadora nos nomes inalienáveis. Já em Nanti, o sufixo não possuído não é produtivo, ocorrendo apenas em formas congeladas. Nesse caso, usa-se o prefixo *a-* 'impessoal' para referenciar um nome inalienável não possuído. Em Yawalapiti não encontramos descrições desses nomes em formas não possuídas.

Em se tratando da posse alienável, ela é realizada com o seguinte padrão: PREFIXO PESSOAL + NOME + SUFIXO DE POSSE. Contudo, em Waujá e Amuesha não encontramos sufixos, apenas são formas livres, ocorrendo com algum prefixo possessivo, sendo a marca de posse Ø. De acordo com Haspelmath (2008), as relações universais de forma-função de construção possessiva deveriam ser explicadas pela motivação econômica e a frequência de ocorrência. Verificamos que nas línguas de análise é muito mais comum a posse alienável ser mais marcada que a inalienável, ou seja, a posse alienável é menos econômica do que a inalienável, colaborando com a hipótese de Haspelmath (2008) e também de Nichols (1988). A tabela 39 abaixo resume os morfemas que designam nomes não possuídos e posse alienável nas línguas de análise.

Tabela 39 - Morfemas de nomes alienáveis não possuídos e sufixos de posse alienável nas línguas Arawak

Subgrupos	Línguas	N. POSS	POSSE ALIENÁVEL
Rio Branco	Wapixana	-j	-n/-ʐ/-t
Palikur	Palikur	-ti	-a/-n
Caribe	Garifuna	-ni/h-	-te/-ri/-n
Ta-Arawak	Lokono	-hV	-n
	Wayuu	a-N-a	-in/-se
Colômbia	Resígaro	Não há descrição	Não há descrição
	Achaguá	-ši	-ni/-dee
Alto Rio Negro	Baniwa	i-N-ti	-ni/-te/-le
	Tariana	-si	-ni/-re
	Warekena	-ʃi	-ne
Orinoco	Baré	-hVi	-ʂe/-ɻe/-ni
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	=ti	-na (-a)
	Baure	e-/-ko	-no
Paresi-Xingu	Waujá	-j	Ø
	Mehináku	-i	-la (e)/ -ɾa/-ʂa
	Yawalapiti	Não há descrição	-la/-ɾa/ ʎi
	Paresi	-ti	-za/-la/-ne
Piro-Apurinã	Apurinã	-txi	-ne/-te/-re
	Maxinéri	-ʧi	-ne

	Yine-Piro	-ʧi	-te/-ne/-re/-e/-le
Campa	Ashéninka	-(n)tsi	-te/-ni/-ri
	Caquinte	-(n)tsi	-ne/-te/-re
	Nanti	a-	-ne/-te/-re
Amuesha	Amuesha	-Vts	Ø
Total	24	24	22

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Primeiramente, iremos verificar os sufixos de posse inalienável não possuído nas 24 línguas analisadas. A maioria exibe o *-ʧi* e suas variantes (-j/-i/-ni). Contudo, há algumas variações, tais como em Lokono que é *–hV*, em Wayuu *a-N-a*, Baré *–hVi*, Bauré *e-/-ko*, nanti *a-* e Amuesha *–Vts*. Já no que diz respeito aos sufixos de posse alienável, a maioria exibe três tipos de sufixos que alguns são até regulares, como o *–ni* e suas variantes. É interessante notar que o agrupamento destas línguas não se baseia apenas por questão de distribuição geográfica, mas sim por comparações, uma vez que elas acabam tomando sufixos semelhantes, isso ocorre praticamente em todos os subgrupos como podemos observar na tabela 39 acima, isso colocabora bastante com os estudos de padrão de posse nas línguas Arawak, como sendo uma característica própria dessa família, mesmo com algumas variações, mas que não afeta o padrão tipológico de posse nominal nessas línguas.

Nichols (1988), ao pesquisar as línguas da América do Norte, observou algumas hierarquias formais que podem ser direcionadas para as 24 línguas de análise. Primeiramente, a autora argumenta que uma oposição entre ‘alienável’ e ‘inalienável’ é quase inevitável em línguas onde a posse é regularmente núcleo-marcado, isso ocorre nas línguas Arawak. Segundo, a oposição alienável/inalienável é quase nunca sinalizada pela morfologia dependente-marcado, esse tipo de padrão não foi encontrado nas línguas analisadas. Terceiro, a autora assinala que o membro ‘inalienável’ de uma oposição de posse que está associado a ocorrer com uma alta tendência de marcação de núcleo-marcado, isso é bastante nítido nas línguas de análise e por último, nomes inalienáveis aparecem para existir apenas onde têm posse de núcleo-marcado. Portanto, os resultados obtidos sobre posse nominal nas línguas Arawak, colabora com as postulações de Nichols (1988), tanto na questão formal quanto semântica. A tabela 40, abaixo, resume a distribuição de posse nominal nas 24 línguas analisadas.

Tabela 40 - Padrão de posse nominal nas línguas Arawak analisadas

Subgrupos	Línguas	Posse Inalienável	Posse alienável
Rio Branco	Wapixana	sim	sim
Palikur	Palikur	sim	sim
Caribe	Garifuna	sim	sim
Ta-Arawak	Lokono	sim	sim
	Wayuu	sim	sim
Colômbia	Resígaro	sim	não há descrição
	Achaguá	sim	sim
Alto Rio Negro	Baniwa	sim	sim
	Tariana	sim	sim
	Warekena	sim	sim
Orinoco	Baré	sim	sim
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	sim	sim
	Baure	sim	sim
Paresi-Xingu	Waujá	sim	sim
	Mehináku	sim	sim
	Yawalapiti	sim	sim
	Paresi	sim	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	sim	sim
	Maxinéri	sim	sim
	Yine-Piro	sim	sim
Campa	Ashéninka	sim	sim
	Caquinte	sim	sim
	Nanti	sim	sim
Amuesha	Amuesha	sim	sim
Total	24	24	23

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Observamos que a discrepância é, praticamente, 1%, isso porque não conseguimos encontrar dados em Resígaro que comprovem a posse alienável nessa língua. Hipotetizamos que ela possa existir, mas, infelizmente, os dados não foram constatados. A seguir, na parte 4, verificaremos a morfologia verbal nas 24 línguas Arawak analisadas.

PARTE 4: MORFOLOGIA VERBAL
VERBOS TRANSITIVOS, BITRANSITIVOS, INTRANSITIVOS E ESTATIVOS
TEMPO, ASPECTO E MODO

6 MORFOLOGIA VERBAL

Este capítulo trata sobre a morfologia verbal das línguas Arawak. Sabemos que a classe dos verbos em qualquer língua é a categoria gramatical que inclue lexemas que expressam pelo menos conceitos de tempo-estado ou evento (PAYNE, 1997). A morfologia verbal das línguas Arawak é muito rica e inclue diferentes aspectos morfossintáticos, de tal modo que seria impossível discutir todos aqui. Deste modo, focaremos em dois aspectos importantes que são essenciais para iniciar esse estudo. Primeiramente, em 6.1§ descrevemos os tipos de verbos, principalmente, o que são transitivo, intransitivo e estativo/descritivos; em seguida em §6.2 trataremos sobre tempo, aspecto e modo.

6.1 Tipos de verbos

A principal classe gramatical de qualquer língua é o verbo. Para Givón (2011), os verbos constituem o próprio núcleo das orações e, portanto, "definem o tipo semântico do evento/estado, os papéis semânticos dos participantes e o quadro sintático da oração" (GIVÓN, 2011, p.54)[114]. Em consonância com Aikhenvald (2015), na maioria das línguas do mundo, os verbos formam uma grande classe de palavra aberta. A autora assinala que os verbos são os únicos elementos obrigatórios dentro de uma oração, apesar de existir orações sem verbos, denominadas frases nominais. Assim sendo, sua função sintática é "nuclear a oração predicativa" (id. 2015, p.129)[115]. Gramaticalmente, os verbos são lexemas que expressam ação ou estado. Tradicionalmente, existe três tipos de verbos: ação, verbos de ligação (cópulas) e auxiliares. Nesta seção, trataremos de verbos de ação que se dividem em dois tipos: transitivos e intransitivos ativos. Além deles, também serão descritos os verbos intransitivos estativos. A seguir, verificaremos os verbos transitivos e suas funções nas línguas Arawak.

6.1.1 Verbos transitivos nas línguas Arawak

[114] define the semantic type of the event/state, the semantic roles of the participants, and the syntactic frame of the clause.
[115] [...] to head the clausal predicate.

Segundo Hopper e Thompson (1980), a transitividade é tradicionalmente compreendida com uma propriedade global de uma oração inteira, de modo que, uma atividade é transferida de um AGENTE para um PACIENTE, tradicionalmente, chamados de sujeito e objeto. Frequentemente, o termo argumento é usado para se referir aos participantes e seu papel semântico é normalmente associado com um determinado verbo (cf. PAYNE, 1997). Givón (2011) argumenta que os verbos são o núcleo semântico das orações e definem o tipo de estado, evento ou a ação que a oração é relacionada. Sendo assim, "os verbos são, por sua vez, caracterizados semanticamente pelos papéis participantes obrigatórios (papéis semânticos) envolvidos no estado, evento ou ação. " (GIVÓN, 2011, p.64)[116]. Assim, cada verbo se enquadra em um tipo que possui um conjunto característico de papéis de participantes obrigatórios (GIVÓN, 2011).

Os verbos transitivos podem ser divididos em duas subclasses: os monotransitivos que são aqueles que tem apenas um sujeito e um objeto direto e bitransitivos que são aqueles que exibem dois tipos de objeto, um direto e um indireto que é marcado com um obliquío, mas neste estudo, trataremos como dativo, já que essa nomenclatura abrange não apenas os obliquíos mais as posposições no qual o objeto indireto é relacionado. Assim sendo, nesta seção tratatemos de dois tipos de transitividade, aquela com apenas o objeto direto e a outra com o objeto direto e indireto. Além disso, casos de referência cruzada, tanto dos sujeitos quanto os objetos vão ser analisados, uma vez que tal correferência é um padrão comum nas línguas Arawak (cf. AIKHENVALD, 2020). A seguir verificaremos esse tipo nas línguas de análise.

6.1.1.1 Verbos transitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak

6.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

De acordo com Santos (2006, p.150), em Wapixana, os verbos transitivos se dividem em *divalentes*, ou seja, aqueles que exigem dois argumentos (sujeito e objeto direto e indireto) e *trivalentes* que requerem três argumentos (sujeito, objeto direto e objeto indireto). Os exemplos, abaixo, ilustram esses tipos de verbos transitivos.

(429) Verbo transitivo com objeto direto em Wapixana

a. ***[Kamuː]***$_S$ aɽaɖaɖ-niː ***[piniʔ]***$_O$
Sol secar-N.POSS campim

'O sol secou o campim'

[116] Verbs are, in turn, characterized semantically by the obligatory participant roles (semantic roles) involved in the state, event or action.

(430) Verbos bitransitivos extendidos em Wapixana

b. **[Ũgari]**$_{S}$ t-a-n-ni [**sɨ-**:**ʐ-na-u]**$_{O.D}$
1sg dar-EP-MI-N.PRES banana-CLF: NÃO DISCRETO
[**i-na-u]**$_{O.I}$ **at**
3-DEIT-PL dat

'Vou dar banana para eles'

(SANTOS, 2006, p.150)

Santos (2006) assinala que, o objeto direto pode constituir, do ponto de vista morfológico, uma típica distinção do verbo transitivo em relação aos outros tipos de verbos, "uma vez que pode apresentar uma marca de concordância em forma de sufixo verbal" (SANTOS, 2006, p.151). Essa marca é o que já mencionamos na questão de gênero, é uma concordância de referência cruzada, onde o sujeito ou objeto pode ser marcado no verbo. O exemplo, a seguir, ilustra isso em Wapixana.

(431) Verbos transitivos marcados morfologicamente em Wapixana

c. Aiʐi: **[Wapitʃan-na-u]**$_{s}$ kaiw-a-n-**ɨʐ** **[pa-uku-n]**$_{o}$
Hoje Wapixana-DEIT-PL usar-EP-MI-3$_{O}$ ANF-timbó-POSS

'Hoje os Wapixana usam o seu timbó'

(SANTOS, 2006, p. 151)

Neste caso, o sufixo *-ɨʐ* está fazendo referência ao timbó, isto é, fazendo a concordância com objeto.

6.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Assim como em Wapixana, a língua Palikur exibe três tipos de verbos transitivos, dividos em verbos transitivos simples, bitransitivos que recai também nos extendidos. Os exemplos abaixo exibem isso.

(432) Verbos transitivos simples em Palikur

a. **[Nah]**$_{S}$ hapis **[im]**$_{O}$
1SG atirar peixe

'I shoot fish'
'Eu flecho o peixe'

(433) Verbos transitivos com objeto direto e indireto em Palikur

b. **[Ir]**$_{S}$ ikí **[im]**$_{O.D}$ ta-**[ru]**$_{O.I}$-t
3M dar peixe DAT-3F-DAT

'He gave fish to her'
'Ele deu peixe para ela'

c. **[Ir]**S ikatsa nu-**[thu]**$_{O.I}$ **[r-is**e]$_{O.D}$
3M prometer 1SG-DAT 3F-filha.mais.velha

'He promised his older daughter to me'

‘Ele prometeu sua filha para mim’

(GREEN E GREEN, 1972, p.81)

6.1.1.1.3 Subgrupo Caribe ou extremo Norte: Garifuna

De acordo com Haurholm-Larsen (2016), a maior parte dos verbos transitivos em Garifuna tem uma forma simples que ele chama de monotransitivo, ou seja, possuem apenas dois argumentos: o sujeito e o objeto, que é denominado por ele de A e P. O autor explica que A refere-se à pessoa responsável pela ação e um argumento P que se refere a entidade que recebe a ação. Ou seja, o elemento A é o que a literatura chama de AGENTE e o elemento P o paciente. Os exemplos, abaixo, ilustram orações com verbos monotransitivos em Garifuna.

(434) Verbos transitivos simples em Garifuna

a. ***l-***áfara:l-***i*** ***[ẅugurû]***$_{S}$ ***[arûney]***$_{O.D}$
3M-bater-di-3M homem capitão
‘the man is going to hit the captain’
‘O homem vai bater no capitão’

b. **[l]**$_{O.D}$-un [**wa]**$_{S}$-ríhi-n-***i*** **[l]**$_{O}$-uma **[l]**$_{O}$-un **[wa]**$_{S}$-gá:mbu-n-***i***
3M-DAT 1.PL-ver-n.ESP- 3M 3M-DAT 3M-POSP 1PL-escutar-N.ESP-3M
‘In order for us to see it and in order for us to hear it’
‘Para que possamos vê-lo e para que possamos ouvi-lo’

c. ***[únifye]***$_{O.D}$ lé ***[b]***$_{S}$-aríhu-be-***[y]***$_{O.D}$
Diabo DEM.M 2SG-ver-EXTR-3M
‘The devil that you saw’
‘O diabo que você viu’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.100)

Os dados acima exibem verbos transitivos ocorrendo de forma simples, como já mencionado. Importante observar que nas sentenças acima, o sujeito e o objeto são marcados no verbo, fazendo a concordância de referência cruzada. No exemplo em (434-b), o objeto que é marcado com *–l* (M) ocorre nos verbos e também nas posposições, aqui tratadas como caso dativo. De acodo com Haurholm-Larsen (2016, p.102), uma pequena subclasse de verbos transitivos tem três argumentos e são chamados de bitransitivos. Além dos argumentos A e P, eles incluem um destinatário ou argumento objetivo que é marcado por uma posposição *un* ‘para’, como podemos evidenciar nos exemplos abaixo:

(435) Verbos bitransitivos extendidos em Garifuna

a. aban ***[l]***$_{S}$-afúredeyrú-n-i ***[(li-fáyen)]***$_{O.D}$ l-un ***[eyéri]***$_{O.I}$ lé
CONN 3M-emprestar-N.ESP-3M (3M-pente) 3M-DAT homem DEM.M

'Then he lent it (his comb) to the man'
'Então ele emprestou (seu pente) para o homem'

b. rú ***[n]***$_{S}$-umu-t-u ***[líburu]***$_{O.D}$ l-un ***[máysturu]***$_{O.D}$
Dar 1SG-PST-TI-3F livro 3M-DAT professor

'I gave the book to the teacher'
'Eu dei o livro para o professor'

c. Dey ***[n]***$_{S}$-arúfudu-n-***[i]*** ***[l-ówba]***$_{O.D}$ ***[l-um]***$_{O.I}$ [***máysturu]***$_{O.I}$
Quando 1SG-mostrar-N.ESP-3M 3m-lado 3M-DAT professor

'When I showed the other side to the teacher'
'Quando mostrei o outro lado para o professor'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.102)

6.1.1.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua lokono exibe verbos transitivos que exibem objetos de superfície obrigatórios quando são usados em orações (PET, 2011). A língua também exibe alguns verbos bitransitivos. Pet (2011) ressalta que o objeto indireto é opcional na estrutura da superficie. Mas, se for expresso, ele vem com uma frase posposicional beneficente com a posposição *-myn.* Os exemplos, abaixo, exibem orações com verbos transitivos.

(436) Verbos transitivos simples em Lokono

a. ***[Li]***$_{S}$ fary-fa ***[aba kabadaro]***$_{O.D}$
3M matar-FUT um onça

'He will kill a jaguar'
'Ele vai matar uma onça'

b. ***[To hiaro]***$_{S}$ kamaby-fa ***[to kodibio-be]***$_{O.D}$
ART mulher escutar-FUT ART pássaro-PL

'The woman will hear the birds'
'A mulher vai escutar os pássaros'

(437) Verbos bitransitivos com objeto direto e indireto em Lokono

a. ***[Da]***$_{S}$-soka to ***[ada]***$_{O.D}$ ***[ly-myn]***$_{O.I}$
1SG-cortar ART árvore 3M-POSP

'I chopped the true for him'
'Eu cortei a árvore para ele'

(438) Verbos transitivos extendidos em Lokono

b. **[*Da*]**$_{S}$-siki-fa ***[no]***$_{O.D}$ ***[ly]***$_{O.I}$-myn ***[by]***$_{O.I}$-myn
1SG-dar-FUT 3N 3M-DAT 2SG-DAT

'I will give it to him for you'
'Eu vou dar a ele por você'

(PET, 2011, p.25 (a); p.26 (b); p.31 (c, d))

Em Wayuu, Sabogal (2018) afirma que, os verbos transitivos são rotulados como analítico e sintético. Eles refletem a diferença no número de participantes com referência cruzada no verbo. Sabogal (2018) argumenta que em Wayuu, os verbos analíticos apenas indexam um sujeito Sa/A, enquanto os verbos sintéticos indexam tanto o sujeito (A) quanto o objeto (O). Isso parece ocorrer também em Lokono. Para Sabogal (2018), esses dois tipos verbais têm o mesmo número de morfemas, mas diferem no número de referências pessoais. O autor ressalta que o verbo transitivo analítico é, formalmente, caracterizado pelo prefixo de pessoa 'indefinida' *a-*, enquanto o verbo sintético é caracterizado por um prefixo de pessoa específica. Os exemplos, abaixo, ilustram isso.

(439) Verbos transitivos analíticos em Wayuu

a. A-yaˈlaj-ee-rü ***[taya]***$_{S}$ ***[kaaˈula]***$_{O.D}$
IND-comprar-FUT-F 1SG cabra

'I will buy goats'
'Eu vou comprar cabras'

(440) Verbos transitivos sintéticos em Wayuu

b. ***[Ta]***$_{S}$-ˈyalaja-ee-***[chi]***$_{O.D}$ ***[kaaˈuka-ka-i chii]***$_{O.D}$
1SG-comprar-FUT-3M.OBJ cabra-SPC-M DEM.M

'I will buy that goat'
'Eu vou comprar essa cabra'

(SABOGAL, 2018, p.148)

A língua Wayuu exibe um exemplo que expressa uma bitransitividade. Isso ocorre através do locativo *–luˈu*, como podemos verificar a seguir:

(441) Verbos bivalentes em Wayuu

c. A-atapajü-in ***[taya]***$_{S}$ ***[wanne jimaˈa-i]***$_{O.D}$ ***[wopu-luˈu]***$_{O.I}$
IND-esperar-O 1SG um jovem-M caminho-DAT

'I waited for a young guy on the path'
'Eu esperei por um jovem no caminho'

(SABOGAL, 2018, p.153)

6.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colômbiana: Resígaro e Achagua

Em Resígaro encontramos dois tipos de verbos transitivos: os monotransitivos e os bitransitivos. Assim como nas outras línguas, há também marcação morfológica indicando o participante do predicado, principalmente, nos verbos bitransitivos. Os exemplos abaixo exibem sentenças transitivas em Resígaro.

(442) Verbos transitivos simples em Resígaro

a. ***[Tsa]***$_{S}$-mí [anoógí]$_{O.D}$ kainée khú
3M-PASS.REC anta matar ?

‘He killed the tapir’
‘Ele matou a anta’

b. ***[Tsó]***$_{S}$ ***[maaʔmá]***$_{O.D}$ emú
3f mandioca morder

‘She bites the cassava’
‘Ela morde a mandioca’

(ALLIN, 1976, p.222)

(443) Verbos bitransitivos em Resígaro

a. ***[Naikoogígí]***$_{S}$-mí ***[tiʔphoótsi]***$_{O.D}$ ***[phaipíʃe-ke]***$_{O.I}$ aaʔní
Pajé-PASS.REC remédio mulher.velha-DAT dar

‘The shaman gave the medicine to the old woman’
‘O xamã deu o remédio para a velha’

b. ***[Do-ké]***$_{O.I}$-mí ***[pišaaní]***$_{O.D}$ ***[da]***$_{S}$-aaʔní
3F-DAT-PASS.REC carne 3M-dar

‘He gave the meat’
‘Ele deu a carne para ela’

(ALLIN, 1976, p.331)

O estudo de Wilson (1992) exibe apenas verbos transitivos simples, não conseguimos encontrar dados de verbos bitransitivos.

(444) Verbos monotransitivo em Achagua

a. ***[Nu]***$_{S}$-wówai ***[éema]***$_{O.D}$
1SG-querer Cavalo

‘Quiero um caballo’
‘Eu quero um cavalo’

b. ***[Juáni]***$_{S}$ wówai ***[ééma]***$_{O.D}$
João querer cavalo

‘Juan quiere un caballo’
‘João quer um cavalo’

c. Bása-***[ežɨ]***$_{O.D}$ li-ya ***[áuli]***$_{O.D}$
Bater-3M.OBJ 3M-COP cachorro

‘ (el) está pegando el perro’
‘Ele está batendo no cachorro’

(WILSON, 1992, p.26 (a); p.27 (b); p.30 (c))

A língua Achagua exibe marcas morfológicas para expressar o sujeito e o objeto do verbo, fazendo a concordância de referência cruzada. No exemplo em (444.a) o sujeito é afixado no verbo, enquanto que (444.c) o sufixo está fazendo referência ao objeto.

6.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Em relação à língua Baniwa, no estudo de Ramirez (2000b) encontramos sentenças de verbos transitivos, sendo eles simples (monotransitivos) e bitransitivos, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(445) Verbos transitivos em Baniwa

a. ***[Nhoa]***$_{S}$-ni i-iiɲha-li ***[kophe]***$_{O.D}$
1SG-3N.F IND-comer-3M.OBJ peixe

'Fui eu que comi o peixe'

b. Lhie ***[dzaawi]***$_{S}$ ***li***-iiɲha-ka ***[no-tsiino-ni]***$_{O.D}$
Art onça 3M-comer-sub 1SG-cachorro-POSS

'A onça comeu meu cachorro'

(446) Verbos bitransitivos em Baniwa

c. ***[Péɖoɽo]***S i-aaa-ka **[Paulo]**$_{O.I}$ i-lhio ***[aapa-itta malije]***$_{O.D}$
Pedro IND-dar-KA Paulo IND-DAT um-CLF:FACA faca

'Pedro dê uma faca para Paulo'

(RAMIREZ, 2000b, p.117)

A língua Tariana exibe verbos transitivos em três subtipos: ambitransitivos, ditranstivos e transitivos extendidos. Aikhenvald (2003) afirma que a maioria dos verbos prefixados que podem levar dois argumentos em Tariana são ambitransitivos do tipo S=A. Os exemplos, abaixo, exibem esse tipo em Tariana.

(447) Verbos ambitransitivos em Tariana

a. ***[Di]***$_{O.D}$-na ***[na]***$_{S}$-ínu-kasu-pidana nha iɾi-ne
3SG.N.F-OBJ 3PL-matar-INT-REM-P.REP eles sangue-PL

'The Irine (i.e. The Tariana, lit. people of the blood) were going to kill him (their grandfather's offender)'
'Os Irine (i.e. Os Tariana, lit. povo de sangue) iriam matar ele (o agressor do seu avô) '

b. ***[Yawi]***$_{S}$ [***di***]$_{S}$-pu-mi-se ***[di]***-nu-pidana
Onça 3SG.N.F-seguir-NOM-LOC 3SG.N.F-REM.P.REP
Di-na ***[dhipa]***$_{O.D}$-kasu
3SG.N.F 3SG.N.F-agarrar-INT

'A jaguar came after him, it was intending to grab him'
'Uma onça veio atrás dele, com a intenção de agarrá-lo'

(AIKHENVALD, 2003, p.235 (a); p. 236 (b))

Os verbos bitransitivos em Tariana se comportam da mesma forma como os outros verbos das outras línguas. De acordo com Aikhenvald (2003), eles são formados de uma subclasse de S=A ambitransitivos. Dixon e Aikhenvald (2000) assinalam que eles podem ser considerados transitivos extensivos, contudo, em Tariana, eles diferem de outros verbos transitivos extendidos, pois não podem ser usados em sentenças intransitivas. Os verbos bitransitivos são evidenciados nos exemplos abaixo.

(448) Verbos bitransitivos em Tariana

a. ***[Na]***$_{O.I}$-na [kuphe]$_{O.D}$-nuku ***[di]***$_{S}$-walita
1PL-OBJ peixe-TOP-N:$_{A/S}$ 3SG.N.F-oferecer

'He offered them fish'
'Ele ofereceu-lhes peixe'

b. ***[Nuha]***$_{S}$ ***[siɾuɾi]***$_{O.I}$ [***nu***-walita]$_{O.D}$ nu-a
Eu folha de camatá 1SG-fazer, oferecer 1SG-ir

'I'am making na offering of camatá-leaves'
'Eu estou fazendo uma oferenda de folhas de cametá'

(AIKHENVALD, 2003, p. 236 (c); p. 237 (d))

(449) Verbos bitransitivos estendidos em Tariana

Esses verbos ocorrem com três argumentos, são aqueles exibem três participantes na sentença, como podemos verificar a seguir.

a. ***[I-na]***$_{O.D}$ ***[pa-ñha-nipe-ne-ka***]$_{O.I}$ ***nu***-wape-ta ***[nhua]***$_{S}$
2PL-OBJ IMP-comer-NOM-INS-PASS.REC.VIS 1SG-esperar-CAUS Eu

'I have waited for you with food'
'Eu esperei por vocês com comida'

(AIKHENVALD, 2003, p.238)

E por fim, a língua Warekena que exibe sentenças transitivas simples com dois argumentos (A e O). Assim como Tariana, na língua existe uma certa sobreposição entre a classe dos verbos transitivos e intransitivos, devido à existência de A = S e S = O ambitransitivos (AIKHENVALD, 1998). Os exemplos a seguir evidenciam as sentenças com verbos transitivos simples em Warekana.

(450) Verbos transitivos simples em Warekena

a. Wa-hã ***[waʃi]***$_{S}$ yuʧia-hã ***[ema]***$_{O.D}$
CONEC-PAUS onça matar-PAUS anta

'Then the jaguar killed the tapir'
'Aí a onça matou a anta'

b. ***[yu]***S-tawina-***[na]***$_{O.D}$ ***[nu-ʃuluami]*** S
3SG.F-criar-1SG 1SG-mãe

‘My mother brought me up’
‘Minha mãe me criou’

c. ***[Nu]***$_{S}$-bukuita-mia ***[aʃi]***$_{O.D}$
1SG-acender-PERF fogo

‘I lit the fire’
‘Eu acendi o fogo’

(AIKHENVALD, 1998, p.229 (450.a); p.359 (450.b), p.360 (450.c))

Assim como nas outras línguas, O warekena tem referência cruzada, (ver 410-b acima). O sujeito e o objeto devem ser referenciados no verbo, com os prefixos no qual está fazendo a concordância (AIKHENVALD, 1998), entretanto, o objeto só é referenciado no verbo quando ele não está explícito. A língua também exibe verbos bitransitivos, como podemos ver nos exemplos a seguir:

(451) Verbos bitransitivos em Warekena

d. ***[Nu]***$_{S}$-yuʧia ***[pi]***$_{O.I}$-ʃiwa ***[mawaya]***$_{O.D}$
1SG-matar 2SG-DAT cobra

‘I shall kill the snake from you’
‘Eu vou matar a cobra de você’

e. Wa-ʃia ***[yu]***$_{O.D}$-ma [umina]-lu
CONEC-viver 3SG.F-com ADV-IMPF

‘And then he lived with her a long time’
‘E então ele viveu com ela por um longo tempo’ (p.231)

(AIKHENVALD, 1998, p.230 (d); p.231 e))

No exemplo (451-e) ocorre a elipse do sujeito, mas podemos verificar a marcação do objeto no dativo *–ma* ‘com’. Aikhenvald (1998) afirma que a colocação de obliquíos e objetos indiretos é relativamente livre. Nas sentenças ativas transitivas os objetos indiretos tendem a ser colocados imediatamente após o predicado.

6.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré exibe transitivos simples, com apenas um argumento e bitransitivos que possuem mais de um argumento. Os exemplos retirados de Oliveira (1993) ilustram esses tipos de verbos transitivos.

(452) Verbos Transitivos simples em Baré

a. ***[U]***$_{S}$-yakara-ka-~ ***[kaniti sibuku]***$_{O.D}$
3F-cortar-ST-IMP mandioca toco

‘Ela cortou o toco da mandioca’

b. ***[Nu]***$_{S}$-hiwa-~ ***[a]***$_{S}$***-***mudu-ka ***[tema]***$_{O.D}$ pʰiwakana
1-ir-IPFV IND-matar-ST anta tarde

‘Eu vou matar anta mais tarde’

(OLIVEIRA, 1993, p.66 (a); p.68 (b))

(453) Verbos bitransitivos em Baré

c. ***[I]***s-ihiwa-~ ***i***-da-ka ***[nu]***$_{O.I}$-iku ***[uni]***$_{O.D}$
3M-ir-IMP 3M-dar-ST 1SG-BENF água
‘Ele vai me dar água’

(OLIVEIRA, 1993, p.68)

Em suma, observamos que todas as línguas selecionadas do grupo Norte-Arawak exibem verbos transitivos, a maioria exibe um padrão simples com S e O e também um padrão bitransitivo onde há mais de um objeto na oração. Além disso, predominantemente, exibem marcação de sujeito nos verbos, mesmo quando eles estão explícitos, o mesmo não ocorre com o objeto que quando está evidente na sentença, não necessariamente precisa vir no verbo, isso também ocorre com palavras e pronomes livres, no qual os verbos estão sozinhos sem nenhuma marca morfológica. A seguir verificaremos os verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.1.2 Verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak

6.1.1.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

De acordo com Oliveira (2021), os verbos transitivos em Terena são aqueles que selecionam mais de um argumento. Deste modo, a língua requer um sujeito e um objeto. A autora também assinala que esses verbos podem exibir mais de dois argumentos. Oliveira (2021) argumenta os verbos transitivos tem um sujeito marcado por um morfema pronominal, em Terena o objeto pode também ser marcado por morfemas pronominais específicos. Deste modo “o papel semântico do objeto pode ser indicado pela marca de terceira pessoa referencial sufixada ao verbo, a saber, *=a*. Nesse caso, o objeto é precedido pela marca de foco *ne-*” (OLIVEIRA, 2021, p. 123). Os exemplos abaixo exibem os verbos transitivos em Terena.

(454) Verbos transitivos simples em Terena

a. Nik-o-ti ***[tapîˈi]***$_{O.D}$ ***[ne-kalivôno]***$_{S}$
Comer-VT-DUR galinha FOC.D=criança
‘A criança está comendo galinha’

b. Nik-o-***â***-ti ***[tapî o ˈi]s*** ***[ne-kalivôno]***
Comer-VT-=3.OBJ-DUR galinha FOC.D=criança
‘A galinha está comendo a criança’

c. ***[Ø]***$_{S}$-koepe-k-o-***a*** ne ***[ovoe]***$_{O.D}$
3SG-matar-CT-MOD-3.OBJ DET Jabuti

‘Ele matou jabuti’

(OLIVEIRA, 2021, p. 123 (a-b); NASCIMENTO, 2012, p.99 (c))

(455) Verbos bitransitivos em Terena

d. Enepone ***[Rogerio]***$_{S}$ pore-x-o=***[a]***$_{O.I}$ ***[ra=xaku]***$_{O.D}$
TOP Rogério dar-VBLZ-VT=3.OBJ DEM-saco

‘Foi o Rogério que deu esse saco para ele?

(OLIVEIRA, 2021, p. 123)

Os verbos transitivos em Baure podem ter um objeto explícito ou atachado no verbo. O sujeito é sempre marcado no predicado (DANIELSEN, 2007). Já os objetos não são obrigatoriamente marcados. Danielsen (2007) explica que quando há um objeto explícito, o verbo, geralmente não é marcado. A língua exibe verbos bitransitivos e transitivos estendidos, com mais de dois argumentos, como visto na maioria das línguas até aqui. Os exemplos abaixo exibem as sentenças transitivas em Baure.

(457) Verbos transitivos simples em Baure

a. ***[Nti ̓]***$_{S}$ ***ni***=ikomorik p-a-š ***[simori]***$_{O.D}$
Eu 1SG=matar um-CLF:ANIMAL-um porco

‘I killed one pig’
‘Eu matei um porco’

b. Heni ver ***[ni]***$_{S}$=ikomorik=***[ro]***$_{O.D}$
Sim PERF 1SG=matar=3M.OBJ

‘Yes, I already killed it’
‘Sim, eu já matei ele’

c. ***[pi]***$_{S}$=am-ri woperi-ye ***pi***=kowyo-čo te ***[monči]***$_{O.D}$
2SG=levar-3SG.F rio-LOC 2SG=banhar-se-APL DEM.1F criança

‘Take her to the river, and bathe the child’
‘Leve-a ao rio e dê banho na criança’

d. Ver ***[ni]***$_{S}$=kowyo-čo=***[ro]***$_{O.D}$
PERF 1SG=banhar-APL=3M.OBJ

‘I already bathed him’
‘Eu já banhei ele’

e. ***[ri]***$_{S}$=hamoroˈin=***ro*** to ***[Adolfo Sware]***$_{O.D}$
2SG.F=perder-3M.OBJ DEM.2M Adolfo Suazez

‘She missed him, the Adolfo Suarez’
‘Ela sente falta dele, seu Adolfo Suzarez’

(DANIELSEN, 2007, p.176)

Os exemplos acima exibem dois tipos de construção: Uma na qual o objeto está explícito e outra que mostra a marcação do objeto no verbo. Os exemplos em (457. b-d) exibem um padrão de marcação morfológica no verbo, fazendo a concordância em

referência cruzada. Além disso, Danielsen (2007) ressalta que quando o objeto é enfatizado, ele pode também ocorrer duas vezes, marcando uma vez no verbo, como no exemplo (454.e). O exemplo, abaixo, exibe um verbo bitransitivo sem marcação do objeto, mas com objeto explícito e também uma sentença onde o verbo marca os objetos dentro do predicado.

(458) Verbos bitransitivos em Baure

f. ***[Ni]***$_{S}$=kiˈino-wo ***ni***=pa te ***[liver]***$_{O.D}$ ti ***[ni=piri]***$_{O.I}$
1SG=querer-COP 1SG=dar FOC livro DEM1.M 1SG=irmã

‘I want to give this book to my sister’
‘Eu quero dar este livro para minha irmã’

g. ***[Ro]***$_{S}$=pa***=[ro]***$_{O.\ D}$ teč ***[hoven]***$_{O.I}$
3SG.M=dar=3M.OBJ DEM.2M jovem
‘He gave it to the youngster’
‘Ele deu isso para o jovem’

h. ***[Pi]***$_{S}$=pa=***[ni]***$_{O.I}$=***[ro]***$_{O.D}$
2SG=dar=1SG=3M.OBJ

‘You give it to me’
‘Você dá isso para mim’

(DANIELSEN, 2007, p.176 (e); p.178 (f-h))

Danielsen (2007) assinala que Baure podem exibir os verbos transitivos com três objetos, sendo transitivos extendidos, como podemos verificar no exemplo a seguir.

(459) Verbos trivalentes em Baure

i. ***[Ni]***$_{S}$=kono-pa-k-***ino***-wo=***[ro]***$_{O.I}$
1SG=escrever-clf: PLANO, REDONDO-ABS-BENF-COP=3M.OBJ
To ***[rerirok]***$_{O.D}$
ART choruno

‘I’am writting (signing the initials) on the choruno for him’
‘Eu estou escrevendo (assinando as iniciais) no choruno para ele’

(DANIELSEN, 2007,178)

Danielsen (2007) ressalta que a maioria dos verbos bitransitivos ou de mais argumentos é derivado por *–ino* ‘benefectivo’.

6.1.1.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti

Na língua Waujá, assim como nas outras línguas, exibe verbos de três tipos que são transivitos com S e O, bitransitivos que ocorrem com mais dois objetos e também os bitransitivos extendidos, ou seja, verbos transitivos com três objetos, como podemos verificar a seguir nos exemplos retirados de Postigo (2014).

(460) Verbos transitivos simples em Waujá

a. ***[Janu*ˈ*maka]***$_{S}$ uˈnuka ***[***ˈ***teme]***$_{O.D}$
Onça-pintada matar anta

‘A onça pintada matou a anta’

b. ***[N]***$_{S}$-usiʃaˈtene ***[***ˈ***ata]***$_{O.D}$
1SG-queimar madeira

‘Eu queimei a madeira’

(POSTIGO, 2014, p.156 (a); p.195 (b))

(461) Verbos bitransitivos em Waujá

c. ***[ɻa]***$_{S}$-ˈhá iˈputa ***[i*ˈ*ku]***$_{O.D}$ ***[pi]***$_{O.I}$-ˈj-u
3SG-ENF dar flecha 2SG-?-DAT

‘Ele dá a flecha a você’

(POSTIGO, 2014, p. 195)

(462) Verbos trivalentes em Waujá

a. ***[Ø]***$_{S}$-ijaNka-ˈpaj ***[i]***$_{O.D}$-tapiʐɨgɨu ***[*ˈ***i-**u***]***$_{O.I}$
3SG-contar-IMPF 3SG-irmão.mais.velho 3SG-dat

‘Ele está contando sobre o seu irmão mais velho’

(POSTIGO, 2014, p.195)

Em Waujá, a marcação morfológica é realizada, sobretudo, no sujeito, e no objeto parece ocorrer apenas na terceira pessoa do singular, como podemos verificar nos exemplos em (462.a).

De Felipe (2020) argumenta que os verbos em Mehináku podem ser divididos em duas classes: os transitivos diretos e os transitivos indiretos. Ambos requerem dois argumentos sintáticos: um sujeito, e um objeto direto ou indireto. O autor assinala que os sujeitos e objetos tanto em construções diretas quanto indiretas, podem ser pronominais ou lexicais, mas há diferença entre eles em termos dos formativos que tomam. Assim como nas outras línguas, quando os sujeitos são pronominais, os verbos transitivos tomam como argumento externo obrigatório os proclíticos de pessoa. Entretanto, quando o sujeito é da terceia pessoa, não toma um proclítico nominal sendo apenas não marcado (cf. DE FELIPE, 2020). Os exemplos, a seguir, exibem orações com verbos transitivos diretos em Mehináku.

(463) Verbos transitivos diretos em Mehináku

a. Ahã pi=hipialu=pai? Hehe ni=hipialu=pai=hã
INTERJ 2SG=estar.faminto=IPFV INTERJ 1SG=estar.faminto-IPFV=ENF
[Natu]$_{S}$ kuta ***n***=aiʃa=pai=hã ***[kupatɨ]***$_{O.D}$=hã
1SG DESID 1SG-comer-IPFV=ENF peixe=ENF

‘Então, você está com fome? Sim, eu estou faminta. Eu quero comer peixe’

b. ***[Au]***$_{S}$=nupa ***[jitsu]***$_{O.D}$

1PL=ver 2SG

'Nós vimos você'

c. ***[Aiɬa]***$_{S}$=pai ***[nihɨti]***$_{O.D}$
3=comer=ipfv carne

'Ele/ela está comendo carne'

d. ***[Ɬ]***$_{S}$=nuka=wa ***[araukuma]***$_{O.D}$
3sg=matar=pfv galinha
'Ele/ela matou a galinha'

(DE FELIPE, 2020, p.310 (a, b, c); p.311(d)

No exemplo em (463.d), De Felipe (2021) afirma que embora a grande mairia dos verbos transitivos não seja marcado para a terceira pessoa, alguns verbos tomam como sujeito procítico *ɨ=*. No que concerne à marcação de objeto no verbo, somente a terceira pessoa em posição de objeto de verbos transitivos foi encontrada nos dados De Felipe (2021). A marcação é feita através de três sufixos: *-nɨ* (3sg.obj), *-pɨ* (3pl.obj) e wɨ (3.obj), como evidenciam os exemplos a seguir.

(464) Marcação de objeto de verbos transitivos em Mehináku

a. Pu=nuka pi=mijatɨ-ʂu=wi=ku? Aitsa=wa ʂa Aitsa=wa ʂa!
2SG=matar 2SG=sogra-F=REP=DECL NEG=PFV DEM NEG=PFV DEM
[Janumaka]$_{S}$ ***ɨ***=matar=wa-***[nɨ]***$_{O.I}$ nutsa
Onça 3=matar=PFV-3SG.OBJ de.mim

'Você matou tua sogra? Não, não!
A onça que atirou (matou) ela de mim'

b. ***[Ju]***$_{S}$=nupa=wa-[***pɨ]***$_{O.D}$
2PL=ver=PFV-3PL.OBJ

'Vocês viram eles'

c. ***[Hukapi]***S-tsa ***[kamalu-pi=ku]***$_{O.D}$
3=pegar-INTEr panela.de.barro-CLF:GRANDE, REDONDO=DECL
Heputa-***wɨ*** ɨ=tenu=wi=ku=hã
3=tampar-3OBJ 3=INS=DECL=DECL-ENF

'Ela pegou a panela de barro grande e tampou (as redes) com ela'

(DE FELIPE, 2020, p.316)

No que diz respeito aos verbos bitransitivos, De Felipe (ibdem) ressalta que, em Mehináku, os sujeitos de construções bitransitivas são os mesmos das transitivas e os verbos não requerem obrigatoriamente dois argumentos em posição de objeto, mas, o autor afirma que há alguns verbos, como *muka* 'dar', *ekuwa* 'mostrar', *keʂete* 'ensinar' que dão suporte a esse tipo de construção. De acordo com o autor, em sentenças

bitransitivas, o argumento é representado pelo objeto direto, enquanto o recipiente é representado pelo objeto indireto (cf. DE FELIPE, 2020). Esse objeto indireto vem acompanho com um dativo. Os exemplos, a seguir, exibem os verbos bitransitivos em Mehináku.

(465) Verbos bitransitivos em Mehináku

a. ***[Nu]***$_{S}$=muka=wa ***[tuapi=tsai]***$_{O.D}$ ***[Paulo ɨ-u]***$_{O.I}$
1SG=dar-PFV esteira=DIM Paulo 3SG=DAT
'Eu dei a esteirinha para Paulo'

b. ***[Wajeru]***$_{S}$ ekwa-ta ***[ʂa ʂepi]***$_{O.D}$ ***[ni=piri]***$_{O.I}$
Wajeru mostrar-caus DEM banco 1SG=dat
'Wajeru me mostrou o banco'

c. ***[Natu]***s ne=keʂete=pei ***[mehináku]*** $_{O.D}$ ***[ɨ=tenu]*** $_{O.I}$
Eu 1SG=ensinar=IPFV Mehináku 3SG=DAT
'Eu estou ensinando Mehináku para ele'

(DE FELIPE, 2020, p.319 (465.h); p.320 (465.i, j))

Em Yawalapiti encontramos alguns exemplos de verbos transitivos diretos e bitransitivos, como podemos verificar a seguir.

(467) Verbos transitivos simples em Yawalapiti

a. Uka ***[a]***$_{S}$-unupi ***[tiniʂu]***$_{O.D}$
Já 1PL-ver mulher
'Nós vimos a mulher'

b. ***[j]***-unupa-ɲiʂi-ʧ-uka ***[tiniʂu]*** awiriwaka
2PL-ver-PROJ-mesmo-já mulher amanhã
'Vocês vão ver a mulher amanhã'

(YAWALAPITI, 2021, p.183)

(468) Verbos bitransitivos em Yawalapiti

c. Uku ***[n]***$_{S}$-iputa ***[walu-rata]***$_{O.D}$ ***[hi-u]***$_{O.I}$ ʧawaka
Já 1SG-dar caramujo-casca 2SG-DAT ontem
'Eu dei o colar de caramujo para você'

(YAWALAPITI, 2021, p.186)

E por fim, a língua Paresi-Haliti também exibe verbos transitivos diretos e bitransitivos. Assim como verificamos em Mehináku, a marcação de objeto é feita através do enclítico *=ene* apenas para terceira pessoa. Brandão (2014) argumenta que não há marcadores pronominais de objeto nas outras pessoas; pronomes independentes são

usados em seu lugar. A seguir, ilustramos alguns exemplos de verbos transitivos simples em Paresi.

(469) Verbos monotransitivos em Paresi

a. Hatyo kama natxikini-ye-ta =atyo ***[marinho neye]*** O.D
Dem morte depois-nmlz-enf =top marinho pai
[Ø]S=aitsa-ha natxikini-ta=la
2sg-matar-pl depois- ifv=loc

'After that death, and after they killed Marinho's father....'
'Depois dessa morte, e depois que mataram o pai do Marinho…'

b. Waihalatya ***[Ø]***S-aitsa=***[ene]***O.D
Atirar com uma flecha 3SG-matar-3OBJ

'He shot an arrow and killed him'
'Ele atirou uma flecha e o matou'

c. Awa=ira =atyo ***[ha]***S=zawa-hena e=mena
NEG=AFF, pequeno TOP 2SG.A=lançar-TRS 3SG=leite
[en]O.D=aotse-ta=ra ***[ha]***S=miliri-het=***[ene]***O.D
3SG=colocar-IFV=AFF, pequeno 2SG.A=segurar-PERF=3OBJ

'Don't throw the trunk! leave it in its place'
'Não jogue o tronco! Deixe-o em seu lugar'

(BRANDÃO, 2014, p.239)

Brandão (2014, p.241) argumenta que Paresi não exibe verbos bitransitivos em termos de dois objetos obrigatórios. A autora explica que a única ocorrência de três argumentos é com verbo *aotyakitsa* 'ensinar', contudo, há verbos que podem receber um argumento de tema e um argumento de recipiente. Brandão ressalta que a ocorrência de um terceiro argumento aberto com esses verbos é rara e que geralmente apenas um dos argumentos é mencionado e o outro é implícito (cf. BRANDÃO, 2014). Para a autora, o tema é "codificado como o paciente de um verbo monotransitivo e o recipiente é codificado por uma posposição, e ambos podem ser expressos por um argumento lexical ou por um marcador pronominal" (BRANDÃO, 2014, p.242). No corpus da autora, ela apenas encontrou três verbos bitransitivos, tais como: "*aotyakitsa* 'ensinar', *hotikitsa* 'mostrar' e *itsa* 'dar'" (cf. BRANDÃO, 2014, p.242). Os exemplos retirados de Brandão exibem verbos bitransitivos.

(470) Verbos bitransitivos em Paresi-Haliti

a. ***[Hi]***s=zane ***[Kamaehiye nali]***o.i hoka Ø=**a-otya-ki-tsa**
2SG=ir Kamaehitye DAT CON 3SG=CAUS-lembrar-CAUS-TH
xitso hanama katyahe-ro ***[abali***
vocês todos três em baixo-NMLZ peneira de forma plana
tohiri]o.d zaira
tipo de peneira desenhar

‘You three go to Kamahiye for him to teach you [how to make] abali and tohiri sieves’
‘Vocês três vão a Kamahiye para que ele os ensine [como fazer] peneiras abali e tohiri’

b. ***[Waira-ti]***$_{O.D}$ hare-nae ***[Ø]***$_{S}$=itsa-ha] ***[e]***$_{O.I}$=om-ana
Curar-NMLZ também-PL 3SG=dar-PL 3SG=LK-BENF.DAT

‘They also gave him medicine’
‘Também lhe deram remédios’

(BRANDÃO, 2014, p.242)

6.1.1.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro

Iniciando a análise com a língua Apurinã, Facundes (2000, p.284) argumenta que, os verbos transitivos em Apurinã podem ser divididos em verbos transitivos regulares e verbos bitransitivos, com base em saber se seu objeto pode ser marcado por um oblíquio ou não. O autor assinala que observar apenas os termos morfológicos não é o suficiente para distinguir verbos transitivos monovalentes dos britransitivos ou trivalentes em Apurinã, uma vez que em alguns verbos bitransitivos podem opcionalmente omitir seu terceiro argumento, com exceção do verbo *suka* ‘dar’ (FACUNDES, 2000, p.286). Primeiramente, verificaremos os exemplos de verbos simples em Apurinã e em seguida os britransitivos.

(471) Verbos simples em Apurinã

a. ***[Hãtako-ro]***$_{S}$ apa-nanu-ta-***ru*** ***[aõtu]***$_{O.D}$
Menina-F buscar-PROG-VBLZ-3M.OBJ umari

‘The girl is fetching umari (frut)’
‘A garota está buscando umari (fruta) ’

b. ***[O]***$_{S}$-atamata-***[ru]***$_{O.D}$ [uwa]o.d [suto]s
3F-olhar-3M.OBJ 3SG.M mulher

‘The woman, she looked at it/him’
‘A mulher, ela olhou para ele’

c. ***[A]***$_{S}$-makatxaka txa-***ru*** [komeru-pe]$_{O.D}$
1PL-retirar aux-3.M.O mandioca-polpa de.

‘We take the manioc pulp out’
‘Nós retiramos a polpa da mandioca’

d. ***[A]***$_{S}$-makatxaka-***[ru]***$_{O.D}$
1PL-tirar-3M.OBJ

‘We take it out’
‘Nós tiramos isso’

(FACUNDES, 2000, p.286)

Facundes (2000) explica que os verbos bitransitivos em Apurinã comportam-se como verbos transitivos regulares na língua, na medida que, apenas o sujeito e um objeto é exigido, enquanto, um terceiro argumento é opcional, uma vez que, ele pode ser omitido na sentença. Entretanto, existe apenas um verbo bitransitivo que requer os três argumentos que é *suka* ‘dar’ (cf. FACUNDES, 2000). O terceiro argumento representa o recipiente que pode ser expresso morfologicamente com um dativo, que o autor glosa como GOAL ‘objetivo’, mas aqui glosamos com dativo por padronização, como evidenciam os exemplos abaixo.

(472) Verbos bitransitivos em Apurinã

e. ***[Mipake]***$_{S}$ owara-pira-ta-***ru*** ***[u-sãkire]***$_{O.D}$ ***[(pita-monhi)]***$_{O.I}$
Mikape ensinar-língua-VBLZ-3M.OBJ 3POSS-língua 2SG-DAT

‘Mipake tought his language (to you) ’
‘Mipake ensinou sua língua (para você)

f. ***[O]***$_{S}$-suka-***ro*** ***[uwa-mokaru]***$_{O.I}$ ***[nu-serepi]***$_{O.D}$
3F-dar-3M.OBJ 3SGM-DAT 1SG-flecha de

‘She gave my arrow to him’
‘Ela deu minha fleche para ele’

(FACUNDES, 2000, p.288)

Em Maxinéri, encontramos nos dados de Silva (2013) verbos transitivos regulares e aqueles bitransitivos. Assim como ocorre na maioria das línguas Arawak, os verbos transitivos são marcados morfologicamente com seus argumentos S e O. A autora assinala que os SNs podem ser omitidos quando já foi referido no discurso. Deste modo, o verbo com suas marcações morfológicas já faz à referencia ao sujeito e o objeto da oração. Os exemplos abaixo exibem orações com predicados monotransitivos em Maxinéri.

(473) Exemplos de verbos transitivos regulares em Maxinéri

a. ***[Mitiro]***$_{S}$ ***[sipi]***$_{O.D}$ ***ti***-jirata-***ri***
Menina tracajá 3SG.F-matar-3M.OBJ

‘A menina matou o tracajá’

b. ***[Kema]***$_{S}$ ***[keki]***$_{O.D}$ ***t***-et-a-tka-***ri***
Anta homem 3SG.F-ver-AFF-PFV-3M.OBJ

‘A anta viu o homem’

c. ***[Keki]***$_{S}$ ***[kema]***$_{O.D}$ ***r***-et-a-***ro***
Homem anta 3SG.M-ver-AFF-3F.OBJ

‘O homem viu a anta’

d. ***[R]***$_{S}$-et-a-***[ro]***$_{O.D}$
3SG.M-ver-aff-3F.OBJ

‘Ele a vê’

(SILVA, 2013, p.79 (a, b, c); p.80 (d))

Os verbos bitransitivos em Maxinéri ocorrem com dois argumentos internos, em que um deles é marcado por uma posposição (glossada aqui como dativo), sendo ele o objeto indireto. Os exemplos abaixo exibem isso.

(474) Verbos bitransitivos em Maxinéri

e. ***[Kinka]***$_{S}$ ***[tserewaka]***$_{O.D}$ ja ***[to-kicçi-ja]***$_{O.I}$
Kinka cidade ir 3SG.F-pé-DAT

‘Kinka foi a pé para a cidade’

f. ***[Kame]***$_{S}$ ***[xiskola]***O.D ja-nɨ ***[Maʧi-ima]***$_{O.I}$
Kame escola ir-PROJ Maʧi-DAT

‘Kame vai para escola com Maʧi’

g. ***[Keki]***$_{S}$ ***[sɨcço-ima]***$_{O.I}$ xasɨka
Homem mulher-DAT fugir

‘O homem fugiu com a mulher’

(SILVA, 2013, p.84)

E por fim, em Yine-Piro, Hanson (2010) argumenta que a transitividade não é uma característica proeminente dos verbos na língua. A autora afirma que poucas raízes verbais são estritamente intransitivas ou estritamente transitivas. Assim como vimos em Tariana, a maioria dos verbos em Yine é ambitransitivo. Nos poucos casos de verbos transitivos encontrados em Yine, analisando-os a partir dos dados de Hanson (2010), verificamos que, apesar da transitividade não ser um traço canônico na língua, ela ocorre da mesma forma como Maxinéri, sendo o S e O marcados morfologicamente nos verbos. Os exemplos de verbos transitivos são dados a seguir.

(475) Verbos transitivos simples em Yine-Piro

a. ***[T]***$_{S}$-hanika-***[lɨ]*** $_{O.D}$ ***[ʧiʧi]***$_{O.D}$
3SG.F-trazer-3SG.M lenha

‘She brought firewood’‘Ela trouxe a lenha’

b. Wane hima ***[Ø]***$_{S}$-çiçrɨka-ya-***[lɨ]*** $_{O.D}$-na wa [ʃiçi]$_{O.D}$
Aí/Assim REF 3PL-pegar-APPL-3SGM-3PL REF milho

‘There they picked the corn, it is said’
‘Aí, eles colheram o milho, dizem’

c. ***r***-homkahita-na-***[no]***$_{O.D}$ ***[pɨtsoti]***$_{S}$
3SG.M-seguir-CMPV-1SG enguia.elétrica

‘The electric eel was following me’
‘'A enguia elétrica estava me seguindo’

d. ***[R]***$_{O.D}$-hetimha-hima-ta-***li-[na]***$_{S}$
3SG.M-provar-QUOT-VCL-3SG.M-3PL
'They tasted it, reportedly'
'Eles testaram isso, supostamente'

(HARSON, 2010, p.259 (a, b); p.260 (c, d))

De acordo com Harsen (2010), não existem predicados bitransitivos em Yine, pois a língua marca apenas uma posição para o objeto do predicado. Contudo, a autora explica que existe, sentenças com três argumentos, sendo um S e dois objetos que, diferentemente de Apurinã, são explícitas ou recuperáveis no contexto (cf. HARSON, 2010). A autora afirma que com dois objetos na sentença e apenas uma posição para o objeto, " deve-se escolher qual deles será indexado como O e qual terá o status E" (HARSON, 2010, p.261)[117]. Harsen encontrou raros casos de orações bitransitivas em seu corpus, alguns exemplos são dados a seguir:

(476) Verbos bitransitivos em Yine-Piro

a. ***[Wale]***$_{O.D}$ ***[Ø]***$_{S}$-yimaka-***[wi]*** $_{O.I}$ [na]
3SG.M 3PL-ensinar-1PL-3PL-POSP
'They taught us that (fishing with a line) '
'Eles nos ensinaram isso (pescar com linha) '

b. ***[çipali]***$_{O.D}$ ***[R]***$_{S}$-heneka-***[no]***$_{O.I}$-na
Batata.doce 3PL-M-dar-1SG-POSP
'They gave me sweet potatoes'
'Eles me deram batata-doce'

c. Hi wa ***[hi-pçi]***$_{O.I}$ ***[r]***$_{S}$-hanika-na-tka-***[li]***$_{O.D}$-na
NEG REF 3SG.M.PSSR-casa de 3PL-trazer-CMPV-PFV-3SGM.OBJ-3PL
'They did not bring him to his house'
'Eles não o trouxeram para sua casa'

(HARSON, 2010, p.262)

6.1.1.2.4 Subgrupo Campa: Asháninka Perené, Caquinte e Nanti

Todas as três línguas deste subgrupo exibem verbos transitivos e bitransitivos. Do mesmo modo como ocorre nas outras línguas, em Asháninka, os verbos transitivos são uma classe de verbos de dois argumentos que são o sujeito e objeto, ambos são indexados no verbo também. Os exemplos a seguir exibem sentenças com verbos transitivos regulares em Asháninka.

(477) Verbos transitivos regulares em Asháninka

a. ***[Y]***$_{S}$-a-na-ak-e-***[ri]***$_{O.D}$ ***[i]***$_{S}$-ta-ak-e-***[ri]***$_{O.D}$

[117] [...] a choice must be made as to which of them will be indexed as O and which will have E status.

3M.SG-pegar-DIR-PFV-IRR-3M.OBJ 3M.A-queimar-PFV-IRR-3M.OBJ

'They take it [the corpse] and burn it [in the fire]'
''Eles pegam [o cadáver] e o queimam [no fogo]'

b. Iritaki ***[i]***$_{S}$-vitsik-ak-i-***ro***
3M.EXH.FOC 3M.A-fazer-PFV-REAL-3NM.OBJ
Apaniroini ***[saviri shecha]***$_{O.D}$
Sozinho facão machado

'He fabricated machetes and axes by himself'
'Ele fabricou facões e machados sozinho'

c. ***[I]***$_{S}$-v-ak-a-***[ro]***$_{O.D}$ ***[i-niro-=nta]***$_{O.D}$
3M.SG-comer-REAL-3N.M.OBJ 3M.POSS-mãe=DEM

'They ate their mother'
'Eles comeram a mãe deles'

d. ***[No]***$_{S}$-sampi-t-e-***[ro]***$_{O.D}$
1SG-perguntar-EP-IRR-3N.M.OBJ

'I will ask her'
'Vou perguntar a ela'

(MIHAS, 2015, p.198)

No que diz respeito aos verbos bitransitivos, Mihas (ibdem) assinala seis verbos em Ashaninka, são eles: *p* 'dar'; *am* 'trazer'; *pavi* 'transmitir', *tyank* 'enviar', *ook* 'jogar' e *ninja* 'demonstrar' (MIHAS, 2015, p.200). A autora ressalta que no alinhamento bitransitivo de Ashéninka, observa-se "uma cisão gramatical, condicionada pela proeminência referencial dos argumentos recipiente e tema" (ibdem, p.200)[118]. A autora explica que há dois tipos de alinhamento dos verbos bitransitivos, um neutro e outro benefectivo (cf. MIHAS, 2015). De acordo com a autora, o alinhamento neutro ocorre quando um dos argumentos do objeto é a primeira ou a segunda pessoa, que são os participantes do ato fala e, o outro de terceira pessoa que não participa do ato da fala.

Segundo Mihas (2015), no padrão neutro de argumento, tanto o recipiente quanto o tema são marcadores de pessoas. Além desse tipo de bitransitividade, a autora destaca também a bitransitividade benefectiva. Em Ashéninka, a autora ilustra que os verbos mais comuns em construções benefectivas são *matsik* 'lançar um feitiço', *ant* 'fazer', *Amin* 'procurar, cuidar de, examinar', *v* 'colocar' e *aa* 'pegar, obter'. Alguns exemplos, abaixo, retirados do trabalho da autora ilustram os verbos bitransitivos nessa língia.

(478) Verbos bitransitivos com alinhamento neutro em Ashéninka

a. Te ***[i]***$_{S}$-nint-e ***[i]***$_{S}$-ninja-i-***[na]***$_{O.I}$-***[ro]***$_{O.D}$

[118] a grammatical split is observed, conditioned by the referential prominence of the Recipient and Theme arguments.

NEG.REAL 3SG.M-querer-IRR 3SG.M-mostrar-IRR-1SG.R-3N.M.T

'He didn't want to show it to me'
'Ele não quis mostrar para mim'

b. ***[Iro]***$_{S}$ p-ak-e-***[na]***$_{O.I}$-***[ro]***$_{O.D}$
3N.M-TOP dar-PFV-REAL-1SG.R-3N.M-T

'She was the one who gave it to me'
'Ela foi quem me deu'

(MIHAS, 2015, p.201)

(479) Verbos bitransitivos benefectivos em Ashéninka

a. ***[a]***$_{S}$-an-ak-i-***[na]***$_{O.I}$-***[ri]***$_{O.D}$
3N.M-levar-DIR-PFV-REAL-1SG-BENF-3M.T

'She took him [inside] for my benefit'
'Ela o levou [para dentro] para meu benefício'

(MIHAS, 2015, p.202)

Em Caquinte, a transividade ocorre da mesma forma como em Ashéninka. Swift (1988) ressalta que os verbos transitivos podem ter um sufixo que concorda com o objeto do verbo e os verbos bitransitivos podem ter sufixos que se referem à pessoa do objeto. Apesar de mencionar sobre a transitividade em Caquinte, os exemplos do autor não colaboram com a análise que está sendo realizada neste subeção, no qual o objetivo é verificar os argumentos dos verbos sejam eles em palavras livres ou presas, principalmente, no que diz respeito aos tipos de transividade e seus objetos. Em Castilho-ramirez (2017), o autor trata superficialmente sobre a transitividade, evidenciando alguns exemplos, elencados em (423) a seguir:

(480) Verbos transitivos regulares em Caquinte

a. ***[I]***$_{S}$-kaNt-ak-i-***[ro]***$_{O.D}$ ***[βirakocha]***$_{S}$ ***[tiitoro]***$_{O.D}$
3sg.m-chamar-pfv-real-3f.obj branco título

'... El blanco (i.e., hablante de español) le llama título'
'... O Branco (ou seja, falante de espanhol) chama isso de título'

b. ***[I]***$_{S}$-ashiNt-ah-a-***[na]***$_{O.D}$ ***[irioshi]***$_{S}$
3SG.M-possuir-reg-real.a-1SG.OBJ Dios

'Yo le pertenezco a dios (lit. Dios me posee) '
'A deus eu pertenço' (lit. Deus me possui) '

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.40)

(481) Verbos bitransitivos em Caquinte

a. ***[I]***$_{S}$-ag-a-ge-t-ak-i-[***nV-ri***]$_{O.I}$ ***[pamakaβiri]***O.D
3SG.M-pegar-VE-DISTR-CE-PFV-REAL I-3.RECIP-3M.OBJ peixe

'...cogió los peces para ella'

‘Ele pegou o peixe para ela’[119]

d. ***[i]***s-am-ak-i-***[na-ro]***$_{O.I}$ ***[seri]***$_{O.D}$
3SG.M-trazer-PFV-REAL.I-1.RECIP-3F.OBJ tabaco

‘Él me trajo tabaco’
‘Ele me trouxe tabaco’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.41)

E por último, a língua Nanti que exibe verbos transitivos diretos e bitransitivos com benefectivos. Uma diferença encontrada nesta língua é em relação ao sujeito que quando ele está explicitamente evidenciado ou a sua realização é a única do material morfológico associado a um determinado referente, ele não precisa vir marcado no verbo. Contudo, se um clítico de pessoa é o único material morfossintático associado a um referente, ele aparece no verbo. Como mostram os exemplos a seguir:

(482) Verbos transitivos regulares em Nanti

a. ***[Migero]***$_S$ keNt-ak-i=***[ro]***$_{O.D}$
Migero atirar-PFV-REAL.I=3N.M.OBJ

‘Migero shot it’
‘Migero atirou ela’

b. ***[i]***$_S$=keNt-ak-i=***[ro]***$_{O.D}$
3SG.M-atirar-PFV-REAL.I=3N.M.OBJ

‘He shot it’
‘Ele atirou ela’

(MICHAEL, 2014, p.352 (a); p. 353 (b))

Em Nanti, encontramos nos dados de Michael (2014) verbos bitransitivos benefectivos como podemos verificar a seguir:

(483) Verbos bitransitivos benefectivos em Nanti

c. ***[i]***$_S$=nat-ak-i=***[na]***$_{O.I}$ [tsitsi]$_{O.D}$
3SG.M-carregar-PFV-REAL.I-1SG.OBJ lenha

‘He carried (firewood) for me’
‘Ele carregou (lenha) para mim’

d. ***[pi]***$_S$=am-ak-i=***[ri]***$_{O.I}$ [kotsiro]$_{O.D}$
2SG=trazer-PFV-REAL.I=3M.OBJ faca
‘You brought him a knife’
‘Você trouxe uma faca para ele’

(MICHAEL, 2014, p.357 (c); p. 360 (d))

6.1.1.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

[119] Acreditamos que nesse exemplo houve um equívoco na glosa, já que o –ri é forma masculina e não femina, como está na glosa. Contudo, para ser fiel aos dados do autor deixamos como está no trabalho dele.

A língua Amuesha tem uma morfologia verbal complexa, envolvendo muitos morfemas com processos de morfofonologia. O trabalho de Duff-Tripp (1997) sobre essa língua é uma gramática tradicional em que, nos exemplos, os morfemas não são segmentados, dificultando a análise. Contudo, conseguimos analisar alguns desses exemplos[120] e verificar verbos transitivos regulares e bitransitivos com benefectivos. Os exemplos abaixo exibem as sentenças com verbos transitivos em Amuesha.

(484) Verbos transitivos regulares em Amuesha

a. ***Nentẽn*** ***ochec***
[N]$_{S}$-ent-en [ochec]$_{O.D}$
1SG-ver-1SG.IRR cachorro

‘Lo veo al perro’
‘Eu vi o cachorro’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.76)

(485) Verbos bitransitivos com benefectivos em Amuesha

b. ***Pecuãmp̃onay*** ***yechatser***
[Pe]$_{S}$-cuãm-***[p̃-on-ay]***$_{O.I}$ [ye-chatser]$_{O.D}$
2SG-cuidar-2SG.OBJ-BENF-1PL.OBJ 1PL-coisas

‘Cuida nuestras cosas (em nuestro beneficio) ’
‘Ele cuida das nossas coisas (em nosso beneficio) ’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.79)

Os afixos pronominais em Amuesha ocorrem de diferentes formas, os processos de alormofia também são muito comuns nessa língua. Mesmo com a dificuldade em analisar esse processo na língua, percebemos que, assim como nas outras, o Amuesha exibe um padrão de marcação morfológica dos participantes no próprio verbo. Infelizmente, o trabalho não traz a segmentação desses morfemas, como já dito, anteriormente e por isso, decidimos apenas só mostrar que essa língua, assim como as outras tem verbos transitivos regulares, com objeto direto e bitransitivos com uma marca de benefectivo fazendo referência ao recipiente da ação. A seguir, verificaremos os padrões de verbos transitivos e seus participantes nas 24 línguas analisadas.

6.1.2 Padrões tipológicos dos verbos transitivos nas línguas Arawak

De modo geral, todas as 24 línguas analisadas nesta tese exibem verbos transitivos, com seus respectivos argumentos A, S e O. Contudo, elas mostram algumas

[120] A segmentação realizada aqui é sobre a minha responsabilidade, tentei segmentar de acordo com com os afixos pronominais de sujeito e objeto na língua. O mesmo ocorre com os benefectivos. Para mais informações sobre esses afixos ver (DUFF-TRIPP, 1997).

diferenças em seus argumentos, do mesmo modo, com os verbos bitransitivos sejam eles, exibindo apenas dois objetos ou três (transitividade extendida). Para uma organização melhor, iniciaremos a análise dos padrões encontrado nas línguas do grupo Norte-Arawak e, em seguida, com as línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.2.1 Padrões tipológicos das línguas do grupo Norte-Arawak

Todas elas exibem sujeito e objetos de forma livre, sendo SN ou pronomes livres. Em Wapixana (subgrupo: Rio Branco) quando os verbos transitivos ocorrem com sujeito e objeto em formas nominais, o verbo não é marcado morfologicamente. A língua exibe verbos bitransitivos que também não apresentam marcação morfológica nos verbos e os dativos são livres, não encontramos dados com afixos presos em dativos. Já nos verbos bitransitivos extendidos que exibem três objetos, o objeto indireto é marcado no dativo, mas o objeto direto não é marcado no verbo e é um pronome livre. Em Palikur (subgrupo: Palikur), ocorre o mesmo sistema, formas livres não são marcadas no verbo. O dativo precede o objeto ou objeto vem antes do dativo, sem marcação morfológica. Não encontramos dados de sujeito e objeto ocorrendo nos verbos.

A língua garifuna (subgrupo: Caribe), diferentemente, de Wapixana e Palikur, marca tanto o sujeito e o objeto, mesmo quando estes estão explícitos na sentença transitiva. O objeto indireto é marcado morfologicamente no dativo, a língua exibe transitividade extendida onde os argumentos são marcados tanto no verbo quando no dativo. A língua Lokono (subgrupo: TA-Arawak) marca o sujeito no verbo, mas não encontramos casos em que S e O estão marcados morfologicamente no verbo. Quando os argumentos são explícitos os verbos não são marcados. Nos casos dos verbos bitransitivos, os objetos indiretos são marcados no dativo morfologicamente. A língua Wayuu (subgrupo: TA-Arawak) marca o objeto no verbo, mesmo quando ele está explicito, mas não marca o sujeito. Entretanto, se não existir uma referência evidente do sujeito, tanto S quanto O são marcados no verbo. Nos verbos bitransitivos, verificamos que, o dativo vem depois da forma nominal livre, infelizmente, não encontramos exemplos de afixos presos com dativos.

A língua Resígaro (subgrupo: Amazônia-Colombiana) marca o sujeito no tempo verbal (passado recente), mas não no verbo. Formas livres não precisam ser referenciadas novamente nos verbos. Em verbos bitransitivos, o dativo vem depois da forma nominal. A marca de objeto indireto é afixada no dativo e pode segui-lo ou antecede-lo. Verificamos casos de sujeito marcado no verbo, mas não o objeto. A língua Achaguá (subgrupo: Amazônia-Colombiana) marca o sujeito no verbo, mas não o objeto. Não

encontramos dados que possam evidenciar a marcação de S e O no verbo, mas há marcação de objeto no verbo quando o sujeito é explícito.

Em Baniwa (subgrupo: Alto Rio Negro), a língua faz referência do sujeito no verbo, mas não do objeto quando o mesmo está em forma livre na sentença. Contudo, em alguns casos tanto o A, S e O são indexados morfologicamente no verbo, fazendo a referência-cruzada. Em sentenças bitransitivas, o objeto é marcado morfologicamente com dativos. A língua Tariana (subgrupo: Alto Rio Negro) exibe comumente uma ambitransitividade que é quando um verbo, dependendo do contexto pode ser transitivo ou intransitivo. Nos casos dos verbos transitivos, o sujeito é marcado no verbo, mas se o objeto está em forma livre ele não é marcado. Um verbo bitransitivo extendido ocorre marcação de sujeito, mas não encontramos marcação morfológica com dativos. Na língua Warekena (subgrupo: Alto Rio Negro), assim como nas outras línguas, se o sujeito e o objeto estão referenciados de forma livre, os mesmos não necessitam ser marcados morfologicamente nos verbos. A referência do sujeito e objeto como pronomes presos ocorre na língua, contudo, se o objeto é uma forma livre, ele não é marcado no verbo. A língua exibe pronomes presos marcados no dativo, fazendo referência aos objetos indiretos na língua.

E por fim, a língua Baré que de acordo com Aikhenvald (1995) exibe uma marcação de ergatividade-cindida. Nos dados de Oliveira (1993) observamos que os sujeitos são sempre marcados no verbo, mas não os objetos, em verbos bitransitivos benefectivos, ocorre marcação morfologia do objeto indireto no dativo. Em suma, verificamos que, nessas línguas existe uma tendência maior na marcação do sujeito, mesmo quando estes estão evidentes na sentença, já o mesmo não ocorre com o objeto. As sentenças bitransitivas, comumente, vêm com um dativo (posposição, oblíquios, locativos) e tendem a ser marcadas morfologicamente. A tabela 41 abaixo resume os padrões encontrados dos verbos transitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak.

Tabela 41 - Marcação morfológica (com co-nominal ou não) nos verbos transitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak

Subgrupo	Línguas	V.TR NÃO MARCADOS	SUJ. MARCADO	OBJ.MARCADO	S E O MARCADO EM VTR	O.I MARCADOS DAT COM SN
Rio Branco	Wapixana	sim	sim	sim	sim	não
Palikur	Palikur	sim	sim	não	não	não
Caribe	Garifuna	não	sim	sim	sim	sim
TA-Arawak	Lokono	sim	sim	não	não	sim
	Wayuu	não	sim	sim	sim	não
Amazônia-Colombiana	Resígaro	sim	sim	não	não	sim
	Achagua	sim	sim	sim	não	não
Alto-Rio Negro	Baniwa	não	sim	sim	sim	sim
	Tariana	não	sim	não	não	não
	Warekena	não	sim	não	sim	sim
Orinoco	Baré	não	sim	não	não	sim
Total	11	5	11	5	5	6

Elaborado pela autora, 2023.

Observando a tabela 41 acima, verificamos que, predominantemente a tendência de marcar o sujeito nessas línguas é bem mais proeminente de ocorrer do que com objetos. Nos exemplos analisados, o sujeito é sempre marcado morfologicamente em todas as línguas do subgrupo Norte-Arawak, enquanto que no objeto a marcação é menor. Em casos bitransitivos com dativos, os objetos indiretos tendem a ser marcados morfologicamente junto com seus respectivos dativos. Quando o sujeito e o objeto são uma forma livre, o verbo não precisa ser marcado na maioria dessas línguas, com exceção da língua garifuna que ocorre a marcação, mesmo quando estes argumentos estão explícitos. Os resultados exibidos aqui, mostram que os verbos transitivos nem sempre vão requerer marcas morfológicas dos seus argumentos e isso muitas vezes ocorre quando um deles não é explícito na sentença. Estudos sobre marcação morfológica nos verbos transitivos nas línguas Arawak necessitam ser mais aprofundados em trabalhos futuros. A seguir, verificaremos o padrão de verbos transitivos e suas marcações morfológicas nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.2.2 Padrões tipológicos das línguas do grupo Sul-Arawak

As línguas do grupo Sul-Arawak não mudam tanto no que diz respeito aos verbos transitivos das línguas do grupo Norte-Arawak, mas existem algumas diferenças. Iniciando a análise com a língua Terena (subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul). As formas livres não exibem marcação no verbo. A marcação do objeto no verbo é feita mesmo quando ele é explicíto na sentença, comumente com o sufixo *–a*. Encontramos também sentenças que exibem marcação morfológica de S e O no verbo. Em casos de bitransitividade, não encontramos exemplos de marcação com dativo, apenas o objeto no verbo em frases bitransitivas. No que concerne à língua Bauré, como já mencionado, os objetos não são obrigatoriamente marcados, eles só são marcados no verbo quando o mesmo não está explícito na sentença. Contudo, o sujeito é, independente se ele está evidente ou não. Em sentenças bitransitivas, encontramos casos com benefectivos, realizados através do sufixo *–uno* que é marcado no objeto indireto.

As línguas do subgrupo Xingu-Paresi exibem um padrão regular. Em Waujá, quando os argumentos são formas livres o verbo não é marcado, o mesmo ocorre em Mehináku, Yawalapiti e Paresí. Mas o sujeito pode ser marcado no verbo nessas línguas, contudo, com exceção, da terceira pessoa (SG/PL), os objetos não são marcados no verbo. Existe também marcação de objeto indireto em dativos quando o verbo é bitransitivo. As línguas do grupo Piro-Apurinã exibem um padrão semelhante também. Em Apurinã, o objeto é marcado no verbo, mas o sujeito quando é expresso por formas livres não é

marcado no verbo, diferentemente do objeto. A marcação de S e O ocorre quando o sujeito não é referenciado por um SN ou pronome livre. Em verbos bitransitivos, em Apurinã, o terceiro objeto é opcional, menos quando é o verbo *suka* ‘dar’ que exige três argumentos. Em Maxinéri, diferentemente de Apurinã, afixos pronominais de sujeito e objeto são marcados no verbo, mesmo quando os argumentos estão explícitos. No caso dos verbos bitransitivos, o objeto indireto é marcado morfologicamente no dativo. Em Yine-Piro, a transitividade é um traço não predominante na língua, sendo muitos verbos ambitransitivos, mas, quando ocorre acontece a marca morfológica de S e O no verbo. A bitransitividade é opcional, ocorrendo de forma semelhante como acontece em Apurinã.

As línguas do grupo Campa exibem transitividade de forma semelhante, com algumas diferenças. Ashéninka e Caquinte são as mais semelhantes, uma vez que ambas marcam morfologicamente o S e O no verbo, mesmo quando esses argumentos estão explícitos. A bitransitividade também é semelhante, são marcadas no verbo, mas sem um dativo, mas com um benefectivo expresso no SV. A língua Ashaninka exibe um padrão de alinhamento neutro de transitividade. Em Nanti, o sujeito explícito não precisa ser novamente marcado no verbo, mas o objeto sim. Quando o sujeito não está evidente, ocorre a afixação dos proclíticos de pessoas junto com os sufixos no verbo. Assim, como nas outras línguas deste subgrupo, os casos dativos são encontrados por meio de benefectivos, não encontramos palavras morfológicas que expressam o dativo nessas línguas. E por fim, a língua Amuesha que exibe verbos transitivos diretos, sendo o sujeito e objeto marcado no verbo. Em casos de bitransitividade, o objeto indireto vem marcado junto com o benefectivo *–on/-n*. A tabela 42 abaixo resume os padrões encontrados dos verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 42 - Marcação morfológica nos verbos transitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	V.T NÃO MARCADOS	S. MARCADO	O.MARCADO	S E O MARCADO EM V	O.I MARCADOS DAT
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	sim	não	sim	sim	não
	Baure	não	sim	não (opcional)	sim	sim
Paresí-Xingu	Waujá	sim	sim	não [- 3pessoa]	não	sim
	Mehináku	não	sim	não [- 3pessoa]	não	sim
	Yawalapiti	não	sim	não [- 3pessoa]	não	sim
	Paresí	não	sim	não [- 3pessoa]	não	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	não	não	sim	sim	sim
	Maxinéri	não	sim	não	sim	sim
	Yine-Piro	não	sim	não	sim	sim
Campa	Asháninka	não	não	não	sim	sim
	Caquinte	não	não	não	sim	sim
	Nanti	não	não	sim	sim	sim
Amuesha	Amuesha	não	sim	não	sim	sim
Total	13	1	8	3	9	12

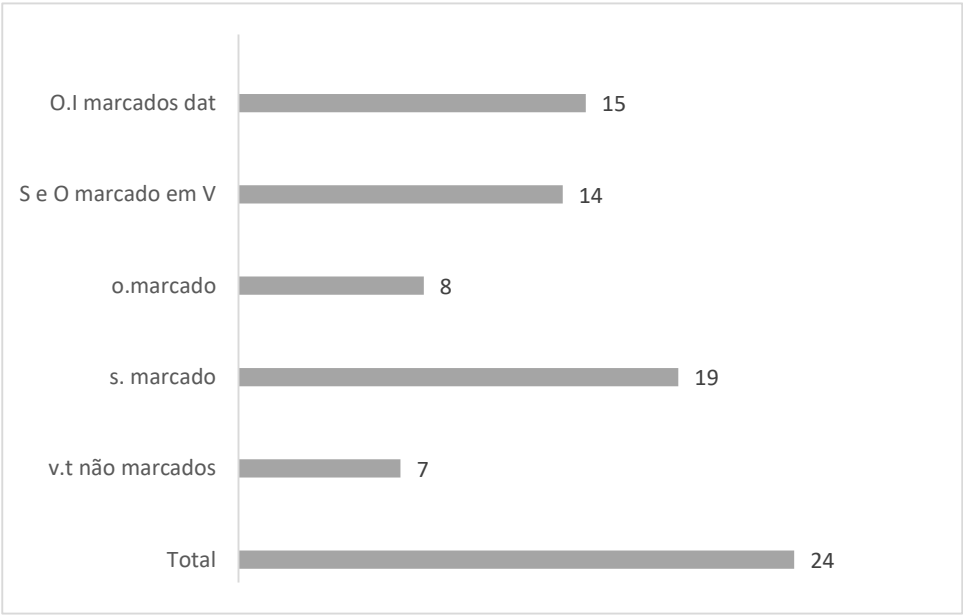
Fonte: elaborado pela autora, 2023

Observando a tabela 42, verificamos que há uma certa discrepância no que diz respeito ao verbo não marcado entre as línguas do grupo Norte-Arawak e Sul-Arawak, uma vez que nas línguas do Sul-Arawak os verbos tendem a ser marcados mesmo quando seus argumentos estão evidenciados na sentença. Neste caso, verificamos apenas em Wauja uma sentença sem marcação do sujeito ou objeto no verbo. Uma regularidade encontrada em ambos grupos é a tendência de marcar apenas o sujeito na sentença, enquanto o objeto é uma forma opcional. Já o que diz respeito à marcação morfológica só do objeto, ela foi vista apenas em Apurinã, mesmo quando o objeto está evidente na sentença. A marcação de S e O nos verbos foi vista em nove línguas, sendo o padrão mais comum de encontrar nessas línguas, com exceção do subgrupo Paresí-Xingu que a marcação é apenas realizada na terceira pessoa. Nos casos dos verbos bitransitivos, todas as línguas exibem esse tipo, contudo em Terena, não encontramos exemplos de dativos sendo marcados morfologicamente, já nas outras línguas, a marcação do objeto indireto é realizada seja com um dativo ou com morfemas que são benefectivos, sendo um padrão de marcação morfológica comum nessas línguas. A seguir, verificaremos o padrão geral encontrado nas 24 línguas.

6.1.2.3 A distribuição dos marcodores morfológicos nos verbos transitivos

O gráfico exibe um resume da distribuição de marcação morfológica das 24 línguas analisadas nessa tese.

Gráfico 8 - Distribuição tipológica de marcação morfológica de verbos transitivos nas línguas Arawak



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Das 24 línguas analisadas nessa tese, a marcação de sujeito é a mais predominante, seguida da marcação de objeto indireto em dativos nas sentenças bitransitivas. A marcação de S e O no verbo foi encontrada em 14 línguas, já apenas o objeto marcado em 8, enquanto que verbos transitivos não marcados foram encontrados em sete línguas. Essa distribuição dos padrões de marcação nas línguas Arawak é para exemplificar o quanto a morfologia verbal dessas línguas é rica, sendo proeminentemente marcadas com afixos pronominais que expressam os argumentos do verbo transitivos, até quando eles são explícitos na sentença. Essa marcação é chamada de referência cruzada na literatura e, é um padrão bastante comum nas línguas Arawak. A seguir verificaremos os verbos intransitivos nessas línguas.

6.1.4. Os verbos intransitivos ativos nas línguas Arawak

Os verbos intransitivos são comumente conhecidos na gramática por apresentar apenas um argumento, que é o sujeito. Givón (2001) argumenta que os verbos nesta classe podem codificar estado, eventos e ações e seu sujeito pode ser UM AGENTE, PACIENTE OU DATIVO. O sujeito é o único argumento nominal de um verbo intransitivo. Givón (2011) assinala que os verbos intransitivos levam apenas um participante obrigatório do estado/evento que, portanto, por padrão, ocupa o papel gramatical do sujeito. Ou seja, o verbo intransitivo por si só já tem uma semântica completa e não precisa de um complemento. Nesta seção verificaremos as sentenças intransitivas nas línguas Arawak e verificar a questão de marcação do sujeito nessa classe verbal.

6.1.4.1 Verbos instransitivos nas línguas do grupo Arawak do Norte

6.1.4.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Em Wapixana, os verbos intransitivos são classificados como sendo monovalentes, recebendo apenas um participante que é o sujeito. Esse sujeito pode ser uma forma livre ou pode ser marcado morfologicamente no verbo, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(486) Wapixana

a. ***[Atuɽɨ]***$_S$ mauk-a-n
Jacaré morrer-EP-MI
'O jacaré morreu'

b. ***[ũ-ɖa-ni-ʐɨnaba]*** $_S$ kaːw-a-n mɨnɨmɨn
1-gênese-?-mulher chegar-EP-MI ontem
'Minha filha chegou (ontem) '

c. ***[ũ]***$_S$-ʧiʔik-p-a-n ũ-ɖa-ɽu tɨm

1SG-andar-PROG-EP-MI 1-gênese-F com

‘Eu estou andando (com a minha mãe) ’

d. ***[ũ]***$_S$-ɖaʔawɨ-n-ni: ũ-ʃimak uwɨʔ
1SG-dormir-MI-NPRESS 1-CL:FLEXÍVEL INESS

‘Vou dormir (na minha rede) ’

(SANTOS, 2016, p.151 (a); p.152 (b, c, d))

6.1.4.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Em Palikur, encontramos apenas exemplos com verbos intransitivos com formas livres, tanto com SN ou pronomes. Os exemplos abaixo assinalam isso.

(487) Garifuna

a. ***[Un]***$_S$ ti-tiris-e
água REP-pingar-PFV

‘The water repeatedly dripped’
‘A água pingava repetidamente’

b. ***[irkis]***$_S$ atak
Eles ir

‘They are going’
‘Eles estão indo’

c. ***[Ihamui]***$_S$ ax-e kibeye
Pajé comer-PFV devagar

‘O pajé comeu devagar’

d. ***[Ig]***$_S$ awag mehw-e amaka
3M homem desaparecer-PFV ontem

‘O homem desapareceu ontem’

(GREEN & GREEN, 1972, p.75 (a, b);
DA SILVA, 2016, p.52 (c, d))

6.1.4.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

Segundo Haurholm-Larsen (2016, p.95), os verbos intransitivos marcam seu único argumento com um prefixo atachado no verbo, mesmo quando o sujeito é uma forma livre, como evidencia os exemplos a seguir.

(488) Garifuna

a. ***[b]***$_S$-éybuga=san alúgura-ha guguwédi?
2SG-ir=Q vender-DISTR coco verde

‘Are you going to sell green coconuts?’
‘Vai vender coco verde?’

b. Ságü ***[t]***$_S$-achûlülü-n nyén ***[t]***$_S$-ágawa-ha
ADV 3.F-chegar-N.ESPC ADV 3.F-banhar-se-DISTR

'Every time she arrives there, she bathes'
'Toda vez que ela chega lá, ela toma banho'

c. Aban ***[l]***$_S$-áfurida ában ***[búho]***$_S$ l-ún
CONN 3.M-sair um coruja 3.M-DAT

'And an owl came out towards him'
'E uma coruja saiu em sua direção'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.95)

6.1.4.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua Lokono exibe sentenças com verbos intransitivos, tanto com formas livres ou marcadas morfologicamente no verbo, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(489) Lokono

a. ***[Li]***$_S$ fara-fa
Ele lutar-FUT

'He will
'Ele vai lutar'

b. ***[Thy]***$_S$-simaka-fa
3.F.SG-gritar-FUT

'She will yell/scream'
'Ela vai gritar'

c. ***[Na]***$_S$-mithada-fa
3PL-rir-FUT

'They will laugh'
'Eles vão rir'

(PET, 2011, p.26)

Na língua Wayuu, os verbos intransitivos se comportam um pouco diferente do que foi visto até agora. Uma vez que os verbos além de poderem ser marcados morfologicamente, eles levam o sufixo de gênero se caso o verbo vir com outro verbo auxiliar. Assim, a marcação de gênero é no verbo auxiliar. Os exemplos abaixo exibem sentenças intransitivas em Wayuu.

(490) Wayuu

a. O-ˈonü-***shi*** ***[ta-ˈwayuu-se-ka-i]***$_S$
IDF-ir-M 1SG-esposo-POS-SPC-M

'My husband left'
'Meu marido saiu'

b. yaa-***shi*** ***[wanee wayuu]***$_S$ shaˈwatü-in
Estar-M um pessoa levantar-PROG

‘There is a man here standing’
‘Tem um homem de pé aqui’

c. yaa-shi ***[wanee wayuu]***$_S$ ***[ni]***$_S$-yalajü-in
Estar-M um pessoa 3SG.M-chorar-PROG

‘There is a man here crying’
‘Tem um homem chorando aqui’

d. O-jujaa-shi ***[nia]***$_S$
IDF-boocejar-M ele

‘He yawned’
‘Ele bocejou’

(SABOGAL, 2018, p. 115 (a); p.116 (b, c); p.118 (d))

No exemplo (490.c) verificamos que o sujeito além de estar presente de forma nominal livre, ele também é referenciado junto com o verbo. Nos outros casos, o sujeito está na sua forma livre e não faz referência cruzada no verbo.

6.1.4.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achagua

No estudo de Allin (1976) conseguimos encontrar alguns exemplos que evidenciam sentenças intransitivas na língua. Do mesmo modo como ocorre com as outras línguas, os verbos intransitivos podem ter seu sujeito de forma livre ou formas presas como prefixos pronominais. Os exemplos abaixo exibem verbos intransitivos em Resígaro.

(491) Resígaro

a. ***[Naʔá]***$_S$ odoʔphaavú
Eles trabalhar

‘They Work’
‘Eles trabalham’

b. ***[Tsá]***$_S$ ímú
Ele dormir

‘He sleeps’
‘Ele dorme’

c. ***[Gí]***$_S$-mú
3M.SG-dormir

‘He sleeps’
‘Ele dorme’

(ALLIN, 1976, p.221 (a); p.312 (b, c))

Em Achagua há sufixos do sujeito que se afixam aos verbos para fazer a transreferência quando o sujeito está em uma forma livre, contudo se o sujeito é expresso por um prefixo de pessoa, tais sufixos não aparecem (ver exemplo 492.b). Os exemplos abaixo exibem verbos intransitivos em Achaguá.

(492) Achagua

a. ***Nuya*** tráwahaha-***ežɨ***
1SG trabalhar-1SG.SUJ

‘Estoy trabajando’
‘Estou trabalhando’

b. ***Nu***-káida
1SG-rir

‘Estoy riendo’
‘Estou rindo’

(WILSON, 1992, p.31)

6.1.4.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

A língua Baniwa exibe verbos instransitivos que podem ter o seu sujeito ou não afixado ao verbo, fazendo a correferência com o sujeito livre ou vir em uma forma presa sendo apenas o único argumento do verbo intransitivo, assim como ocorre nas outras línguas Arawak.

(493) Baniwa de Içana

a. ***[kalaka]***$_S$ i-aapoa-ka-iina
Galo IND-cantar-SUB-INCL.1

‘O galo está cantando’

b. ***[li]***$_S$-dia-wa
3SG.N.F-voltar-MED

‘Ele voltou’

c. ***[pi]***$_S$-héeko-wa
2SG-correr-med
‘Corre! ’

(RAMIREZ, 2001b, p.198 (a); p. 214 (b); p.215 (c))

A língua Tariana exibe verbos intransitivos em que o sujeito é sempre expresso no verbo por um afixo pronominal. Não encontramos dados em Aikhenvald de sujeito de forma livre.

(494) Tariana

a. Nu-ɾuku ***[nu]***$_S$-a
1SG-abaixo 1SG-ir

‘I'am going downstream’
‘Estou indo (rio abaixo’

b. ***[Na]***$_{S}$-nu nema ne ***[na]*** $_{S}$-tawaina-pidana
1PL-vir 3PL+ficar CONJ 1PL-crescer-REM.P.REP

‘They (the Tariana 'ancestors) came and remained (there), then they grew up’
‘Eles (os ancestrais dos Tariana) vieram e ficaram (lá), depois cresceram’

(AIKHENVALD, 2003, p.239)

Em Warekena, o sujeito quando está em evidência não precisa ser marcado no verbo, contudo, a marcação do sujeito no verbo é predominante na língua, sendo ele referenciado por um afixo pronominal preso, como ilustrado nos exemplos abaixo.

(495) Warekena

a. Peya ***[nu-yalitua]***$_{S}$ wiyua
um 1SG-irmão morrer

‘One of my brother’s dies’
‘Um dos meus irmãos morreram’

b. ***[Yu]***$_{S}$-wiya-mia
3SG.F-morrer-PFV

‘She died’
‘Ela morreu’

c. Yu-wiya-mia ***[nu-ʃumiawa]***$_{S}$
3SG.F-morrer-PFV 1SG-esposa+F

‘My wife died’
‘Minha esposa morreu’

(AIKHENVALD, 1998, p.230 (a); p.364 (b, c))

6.1.4.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

Em Baré, os sujeitos dos verbos intransitivos são marcados mesmo quando eles estão em evidenciados na sentença. Os exemplos retirados de Oliveira (1993) ilustram isso.

(496) Baré

a. ***[Kubati]***$_{S}$ ***[a]***$_{S}$-k^{h}umi-da-~
Peixe Ø.P-nadar-ST-IMPV

‘O peixe nada’

b. Yaharika ***[i]***$_{S}$-duma-ka-ka
Agora 3SG.M-dormir-ST-MD

‘Agora, ele dormiu’

c. ***[i]***$_{S}$-tiku-a-na
3SG.M-deitar-se-ST-PFV

‘Ele já se deitou’

(OLIVEIRA, 1993, p.66 (a); p.67 (b); p.68 (c))

No exemplo (496.a) a forma presa *a-* é um prefixo impessoal na língua Baré e deve estar fazendo referência ao animal 'peixe', uma vez que a marcação do sujeito no verbo é obrigatória (cf. AIKHENVALD, 1995). Adiante, verificaremos os verbos intransitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.4.2 Verbos instransitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak

6.1.4.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

De acordo com Oliveira (2021), os verbos intransitivos padrão são aqueles monovalentes mais típicos que expressam eventos. Esses verbos requerem lexicalmente um argumento externo. Não encontramos nos dados de Oliveira, a marcação de sujeito nos verbos intransitivos, sendo eles expressos apenas por formas livres. Contudo, em Rosa (2010) há verbos intransitivos onde o sujeito está marcado morfologicamente no verbo, como podemos ver nos exemplos a seguir.

(497) Terena

a. Yókovo-ne ***[mbêyo*** ***tamúku]***$_S$
Morrer-CONCL 1/doméstico cachorro
'Meu cachorro morreu'

b. Simino-mo Miranda-Ke ***[ne-sêno]***$_S$
Chegar-IRR Miranda-DAT FOC.D-mulher
'A mulher chegará de Miranda'

c. Hara-mo im<***[é]***$_S$ >k-a
Aqui-IRR <2> dormir-VTPOT
'Aqui é (onde) você dormirá'

d. k<***[e]***$_S$>jtuke
2sg-trabalhar
'Você trabalha'

e. ***[v]***$_S$-imoko
1PL-dormir
'Nós dormimos'

(OLIVEIRA, 2021, p. 123 (a, b); p.124 (c);
ROSA, 2010, p.117 (d); p.118 (e))

Segundo Danielsen (2017), em Baure verbos intransitivos têm um sujeito proclítico e nenhuma marcação de objeto, como é comum nas línguas em geral. A autora explica que a marcação do sujeito é como a concordância verbal, porque o proclítico pode, mas não é obrigado a ocorrer com um sujeito explícito. Os exemplos abaixo exibem algumas orações com verbos intransitivos em Baure.

(498) Baure

a. ***[Ro]***$_S$=šim ***[tečˇ*** ***aren]***$_S$
3SG.M=chegar DEM.2M pássaro

‘A Bird arrived’
‘O pássaro chegou’

b. kačˇ=hi ***[ro]***$_S$=ya-pa ***[tečˇ*** ***ri=avinon]***$_S$
ir=QUOT 3SG.M=estar triste DEM.2M 3SG.F=marido
tečˇ ***[ro]***$_S$=aroˈinoko-čo-wo
DEM.2M 3SG.M=estar triste-NMLZ-COP

‘Her husband went to cry because he was sad’
‘O marido dela foi chorar porque estava triste’

c. ***[Pitiˈ]***$_S$ ***[pi]***$_S$=kotoreko-wo maiyok
2SG 2SG=trabalhar-COP muito

‘You work a lot’
‘Você trabalha muito’

(DANIELSEN, 2007, p.175)

6.1.4.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Nos dados de Postigo (2014) apenas observamos verbos intransitivos com formas nominais livres, sem nenhuma marcação do sujeito nos verbos intransitivos, como podemos verificar a seguir.

(499) Waujá

a. ***[Sɨkutɨ]***$_S$ ˈpiʧa-ˈwiu
Sɨkutɨ chegar-PFV

‘Sɨkutɨ chegou’

b. ***[ˈteme]***$_S$ aˈkama-ˈwiu
Anta morrer-PFV

‘A anta morreu’

c. ***[Janumaka]***$_S$ hu-aˈmaka-ˈpaj
Onça VBLZ-rede-IMPF

‘A onça-pintada está dormindo’

(POSTIGO, 2014, p.196)

A língua Mehináku exibe verbos intransitivos com formas livres e proclíticos presos no verbo desempenhando o papel do sujeito. Tanto as formas livres quanto as presos irão preceder o verbo. Os exemplos, abaixo, evidenciam as sentenças intransitivas em Mehináku.

(500) Mehináku

a. Ɨ=maluitse=ku ***[jatamã]***$_S$ puhɨka=wi=ku=hã
3sg=depois-decl pajé fumar=rep=decl=enf

‘Depois o pajé fumou (para poder olhar o paciente) ’

b. ***[Alua]***$_S$ ija kene etuna=wa-ta=wi=ku
Morcego ir DEM andar=PFV=CAUS=REP=DECL
‘Mocego vai andar’

c. ***[Aitsu]***$_S$ ***[a]***$_S$=malalaku=wa
1PL 1PL=gritar=PFV

‘Nós gritamos’

d. ***[Nɨ]***$_S$=hɨmaitsa=wa
1SG=correr=PFV

‘Eu corro’

(DE FELIPE, 2020, p.322 (500.a, b); p.323 (500. c, d))

Observamos no exemplo (500.c) que o proclítico no verbo faz referência e concordância com o sujeito que é o pronome livre da primeira pessoa no plural *‘aitsu’*, enquanto que no exemplo (500.d), o proclítico *nɨ=* é o próprio sujeito afixado no verbo.

No trabalho de Yawalapiti (2021) encontramos alguns exemplos de verbos intransitivos. Os exemplos exibem os pronomes presos afixados aos verbos sendo o sujeito da oração intransitiva e também formas livres, como podemos verificar a seguir.

(502) Yawalapiti

a. ʧawaka ***[nu]***$_S$-tima
Ontem 1SG-correr

‘Ontem eu corri’

b. ***[N]*** $_S$-ajata
1SG-chorar

‘Eu choro’

c. Uka ***[jumiʎi]***$_S$ atima ʧawaka
Já menino correr ontem

‘O menino correu ontem’

d. Atsa ***[nuti]***$_S$ maka-pa utuna
NEG 1SG dormir-EST muito

‘Eu não dormi muito’

(YAWALAPITI, 2021, p. 139 (502.a);
p.182 (502.b); p.184 (502.c); p.187 (502.d))

E por fim, a língua Paresi que exibe duas classes de verbos intransitivos. Brandão (2014) argumenta que os verbos intransitivos em Paresi podem pertencer a duas classes: A e B. De acordo com a autora, os verbos da classe A são a maioria dos verbos

intransitivos e são aqueles que têm participantes que são agentes ou executores de uma ação controlada, enquanto, aqueles da classe B devem ser participantes de verbos que devem carecer de controle. Além disso, eles também exibem uma alomorfia como podemos ver nos exemplos, abaixo, de orações intransitivas em Paresi-Haliti.

(503) Paresi

a. Hatyaotseta=la ***[wi]***S=yane-heta ***[wi]***S=yane-heta ***[wi]***S=yane
Conj=FOC 1PLB=ir-PFV 1PLB=ir-PFV 1PLB=ir
[Wa]S=hikoa-heta
1PLA=chegar-PFV

‘Then we went, went, and we arrived’
‘Então nós fomos, fomos e chegamos’

b. Azeze zema =ite ***[no]***S=zan=ita
irmão.mais.velho COM =FUT 1SGB=criança-NMLZ
[no]S=zoimi-ni-ta hoka ***[na]***S=waiyore
1SG=criança-NMLZ-IFV CON 1SGA=aprender

‘Since I was a child I would go with my oldest brother, then I learned (how to hunt)’
‘Desde criança eu ia com meu irmão mais velho, aí eu aprendi (a caçar) ’

c. ***[Na]***S=tonokoa
1SGA=tossir

‘Eu tossi’

(BRANDÃO, 2014, p.232 (a); p. 233 (b, c))

6.1.4.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Em Apurinã existe duas classes de verbos intransitivos: os padrões e os descritivos (estativos), no momento, verificaremos só os padrões, que são os verbos que expressam eventos. Esses verbos requerem um argumento obligatório que é o sujeito. Ele pode coocorrer com um afixo pronominal do sujeito no verbo, como podemos verificar a seguir.

(504) Apurinã

a. ***[nh]***S-irika ***[nota]***S
1SG-cair 1SG

‘I fell down’
‘Eu caí’

b. ***[n]*** S-umaka-ko
1SG-dormir-FUT

‘I will sleep’
‘Eu vou dormir’

c. ***[U]***S-muteka ***[kuru]*** S
3SG.M-correr homem

‘The man run’
‘O homem corre’

d. ***[O]***$_S$ -serena ***[suto]***$_S$
3SG.F-dançar mulher

‘The woman danced’
‘A mulher dançou’

e. ***[O]***$_S$-apo-pe
1sg.f-chegar-pfv

‘She arrived’
‘Ela chegou’

(FACUNDES, 2000, p.277 (a, b, c); p.278 (d, e))

Assim, como em Apurinã, a língua Maxinéri exibe dois tipos de predicados intransitivos: os ativos e os estativos. Por ora, observaremos apenas os verbos intransitivos ativos que tomam um sujeito agente (S_A). Silva (2013) ressalta que tais predicados admitem um único argumento que é o sujeito e o mesmo pode coocorrer afixados nos verbos, mesmo quando o sujeito está explícito.

(505) Maxinéri

a. ***[Ta]***$_S$-sɨk-a-tka ***[wara]***$_S$
3SG.F-correr-AFF-PFV ela

‘Ela correu’

b. ***[Ta]***$_S$-sɨk-a-tka
1SG.F-correr-AFF-PFV

‘Ela correu’

c. ***[No-wexene]***$_S$ ximka
1SG-filho dormir

‘Meu filho dorme’

d. ***[Mike]***s ximka
Mike dormir

‘Mike dorme’

(SILVA, 2013, p.86 (a, b); p.87 (b, c, d))

Em Yine-Piro, Hansen (2010) afirma que os predicados intransitivos têm um único argumento central e podem ser verbais ou não verbais. Conforme a autora, os sujeitos de cada um são indexados de forma diferente no predicado. Os exemplos abaixo exibem orações intransitivas em Yine-Piro.

(506) Yine-Piro

a. ***[p]***$_S$-hasɨka

2SG-correr

'You run'
'Você corre' (p.254)

b. ***[t]***$_S$-hiknoka-hima-ta-tka ***[t-hinro]***$_S$
3SG.F-lembrar-QUOT-VCL-PFV 3SG.F-mãe de

'Her mother looked back, reportedly'
'Sua mãe lembrou, supostamente'

c. ***[r]***$_S$-hiphiçewna ***[sati yine-li]***$_S$
3SG.M-aparecer homem povo-3SG.M

'A certain man appeared'
'Um certo homem apareceu'

(HANSON, 2010, p. 254 (a); p.258 (b, c))

6.1.4.2.4. Subgrupo Campa: Ashéninka Perené, Caquinte e Nanti

Em Ashéninka os verbos intransitivos se comportam como a maioria das línguas Arawak, com um argumento obrigatório que é o sujeito e eles podem vir também atachados no verbo. Como podemos verificar nos exemplos de Mihas (2015) a seguir:

(507) Ashéninka Perené

a. ***[No]***$_S$-tzimpina-i ***[naari***$_S$***]***]
1SG-se.perder-IRR 1SG.FOC
[***o***-tzimpina-ak-a-na Nayiro]
3N.M.A-se perder-APL.SOC.CAUS-REAL-1SG.OBJ Minha sogra

'I, too, got lost [once], my mother-in-law made me get lost'
'Eu também me perdi [uma vez], minha sogra me fez perder'

b. ***[O]***$_S$-shook-i=na osheki ***[chorina-shi]***$_S$
3N.M.SG-crescer-REAL=ADV muito chorina-TCL: FOLHA

'A lot of chorina plants were growing there'
'Muitas plantas de chorina estavam crescendo lá'

c. ***[i]***$_S$-pepetya~ki-tz-i ***[eentsi=ra]***$_S$
3M.SG-piscar~GRAU-EP-REAL criança=DEM

'The child is blinking'
'A criança está piscando'

d. Ari o-n-kant-apaint-ia ***[i]***$_S$-ñaatsa-vai-t-ia
PP 3N.M.SG-IRR-ser-uma vez-IRR 3M.SG-cavalgar-DUR-EP-IRR
[I]$_S$-shiront-a-vai-t-ia
3M.SG-rir-EP-DUR-EP-IRR

'So it will be this way that he will horse around and laugh'
'Então será assim que ele vai cavalgar e rir'

(MIHAS, 2015, p.196)

Em Caquinte, o sujeito é obrigatoriamente marcado no verbo, mesmo quando ele está explícito na oração. Os exemplos retirados de Castilho-ramirez (2017) exibem isso.

(508) Caquinte

a. ***[No]***$_S$-ken-a-βae-t-apoh-ak-i oyapi=ki
1SG-ir-VE-CONT-CE-AL-PFV-REAL.I cabeceira do rio=LOC

‘He venido, después de mucho tiempo, desde la cabecera’
‘Eu vim, depois de muito tempo, da cabeceira’

b. ***[I]***$_S$-kih-ha-t-na-ak-i ***[shiraβari]***$_S$
3M.SG-entrar-CLF: FLUÍDO-CE-ABL-PFV-REA.I homem

‘El hombre se sumergió’
‘O homem mergulhou’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.41)

Em Nanti, assim como ocorre nas outras línguas, o sujeito vem atachado no verbo intransitivo, contudo, quando este argumento obrigatório está em foco, ele não precisa coocorrer no verbo, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(509) Nanti

a. ***[No]***$_S$=shig-a
1SG=correr-REAL.A

‘I run’
‘Eu corro’

b. ***[O]***$_S$=norih-Ø-a
3N.M.SG-deitar-se-IMPFV-REAL.A

‘She is lying down’
‘Ela está deitada’

c. ***[Iro]***$_S$ mag-tsi
3N.M.SG.FOC dormir-DERANK-REAL-IMPFV

‘She is sleeping’
‘Ela está dormindo’

(MICHAEL, 2014, p. 251 (a, b); p.386 (c))

6.1.4.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Como ocorreu com os verbos transitivos, em Amuesha também tivemos dificuldades em segmentar os morfemas. Entretanto, conseguimos segmentar alguns com o propósito de observar o sujeito da oração intransitiva. Nos dados de Duff-Tripp (1997), o prefixo pronominal afixado no verbo faz referência ao sujeito da sentença, como podemos verificar a seguir.

(510) Amuesha

a. ***[N]***s-atsanaˈtem
1SG-estar doente
‘Estoy enfermo’
‘Estou doente’

b. ***[p̃]***s-amesen
2SG-descansar
‘Estás descansando’
‘Você está descansando’
(DUFF-TRIPP, 1997, p. 70)

6.1.5 Tendências tipológicas encontradas nos verbos intransitivos ativos nas línguas Arawak

Os verbos intransitivos, de forma geral, se comportam como qualquer verbo intransitivo em uma língua, com apenas um argumento obrigatório, sendo ele o sujeito. Praticamente, todas as línguas Arawak marcam o sujeito com pronomes presos afixados nos verbos, contudo, é importante atentar para algumas diferenças. Primeiramente, descrevemos as tendências tipológicas encontras nas línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida, nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.5.1 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas línguas do grupo Norte-Arawak

A língua Wapixana (subgrupo: Rio Branco) não exibe verbos marcados morfologicamente quando o sujeito é realizado por uma forma livre. Contudo, se o sujeito é um pronome, ele pode ser afixado sob o verbo. Em Palikur (subgrupo: Palikur) só encontramos exemplos de sujeito em formas livres e que não fazem correferência do sujeito no verbo com formas presas. Em Lokono (subgrupo: TA-Arawak), formas livres não são correferenciadas morfologicamente nos verbos. O sujeito pode ser marcado com um prefixo de pronome no verbo. Na língua Wayuu (subgrupo: TA-Arawak), os verbos podem ser marcados com um prefixo pronominal, entretanto, se o sujeito é uma forma livre não precisa fazer a referência dele no verbo novamente. A língua exibe distinção de gênero, naqueles verbos intransitivos que vêm acompanhados com um verbo auxiliar. Essa distinção é, geralmente, feita no verbo auxiliar. Em Resígaro (subgrupo: Amazônia-Colômbiana), o sujeito pode ser uma forma livre ou presa, mas não ocorrem juntas fazendo a correferência. Em Achaguá (subgrupo: Amazônia-Colômbiana), verificamos sufixos do sujeito marcados no verbo, fazendo a correferência com um sujeito explícito. Contudo, se o sujeito é expresso por um prefixo pessoal, tais sufixos não aparecem.

Em Baniwa (subgrupo: Rio Negro), o sujeito é marcado no verbo e pode coocorrer junto com afixos pronominais atachados no verbo, já a língua Tariana (subgrupo: Rio

Negro) sempre vai exibir a correferência do sujeito no verbo, mesmo quando o sujeito é evidente. Em Warekena (subgrupo: Rio Negro), o sujeito quando é uma forma livre não precisa ser marcado no verbo, fazendo a correferência, mas o sujeito pode ser uma forma pronominal presa atachada no verbo. E por fim, a língua Baré (subgrupo: Orinoco), onde o sujeito é sempre correferenciado com uma forma pronominal presa, mesmo quando o sujeito é evidente. A tabela 43, abaixo, resume os padrões de verbos instransitivos marcados ou não no verbo.

Tabela 43 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas do grupo Norte-Arawak

SUBGRUPO	LÍNGUAS	V.I NÃO MARCADOS COM FORMAS LIVRES	S. MARCADO NO V.I	S CORREFENCCIADO NO V.I
Rio Branco	Wapixana	sim	sim	sim
Palikur	Palikur	sim	sim	não
Caribe	Garifuna	não	sim	sim
TA-Arawak	Lokono	sim	sim	não
	Wayuu	sim	sim	não
Amazônia-Colombiana	Resígaro	sim	sim	não
	Achagua	sim	sim	com sufixo
Alto-Rio Negro	Baniwa	não	sim	sim
	Tariana	não	sim	sim
	Warekena	sim	sim	sim
Orinoco	Baré	não	sim	sim
Total	11	7	11	7

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

6.1.5.2 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas línguas do grupo Sul-Arawak

Em Terena (subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul), o sujeito é marcado no verbo quando o mesmo não é explícito, não encontramos dados de sujeito livre coocorrendo com um pronome preso no verbo, diferentemente, na língua Baure (subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul), os sujeitos são tipos prototípicos marcados no verbo, independente se ele é livre ou não, ambas formas podem coocorrer juntas, fazendo a transreferência. Em Wauja (subgrupo: Paresi-Xingu), não encontramos formas presas afixadas nos verbos, apenas formas livres, sendo elas não correferenciadas no verbo. Já em Mehináku (subgrupo: Paresi-Xingu), formas livres podem coocorrer junto com os verbos, mas geralmente quando o sujeito é livre o verbo não é marcado. Sujeito pode ser um proclítico de pessoa afixada no verbo. Na língua Yawalapiti, o sujeito pode ser marcado no verbo com formas pronominais presas, mas não faz correferência se o sujeito é uma forma livre,

ou seja, não é marcado no verbo. Em Paresí (subgrupo: Paresi-Xingu), existem duas classes: A e B, na qual os verbos irão se afixar. Porém, isso vai depender da alomorfia do proclítico. Ademais, existem sujeitos marcado no verbo, fazendo a correferência da forma livre.

Na língua Apurinã (subgrupo: Piro-Apurinã), os verbos transitivos podem coocorrer com um afixo pronominal de pessoa no verbo, fazendo a correferência. Em Maxinéri e Yine Piro (subgrupo: Piro-Apurinã), os sujeitos são marcados nos verbos, mesmo quando esses argumentos estão em formas livres, fazendo também a transreferência. As línguas do subgrupo Campa, Asheninka e Caquinte se comportam da mesma forma, sempre fazendo a correferência do sujeito com proclíticos presos sob os verbos. Em Nanti, não encontramos afixos pronominais fazendo a transreferência nos verbos, mas há sujeitos pronominais presos marcados nos verbos e também formas livres que não são marcadas nos verbos. E por fim, a língua Amuesha que, só encontramos dados de pronomes presos sendo marcados no verbo intransitivo. A tabela 44, a seguir, exibe a distribuição de marcação ou não de sujeito nos verbos nas línguas Arawak do Sul.

Tabela 44 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas do grupo Sul-Arawak

SUBGRUPO	LÍNGUAS	V.I NÃO MARCADOS COM FORMAS LIVRES	S. MARCADO NO V.I	S CORREFENCCIADO NO V.I
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	sim	sim	não
	Baure	não	sim	sim
Paresí-Xingu	Waujá	sim	não	não
	Mehináku	sim	sim	sim
	Yawalapiti	sim	sim	não
	Paresí	não	sim	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	não	sim	sim
	Maxinéri	não	sim	sim
	Yine-Piro	não	sim	sim
Campa	Ashéninka	não	sim	sim
	Caquinte	não	sim	sim
	Nanti	sim	sim	não
Amuesha	Amuesha	não	sim	não
Total	13	5	12	8

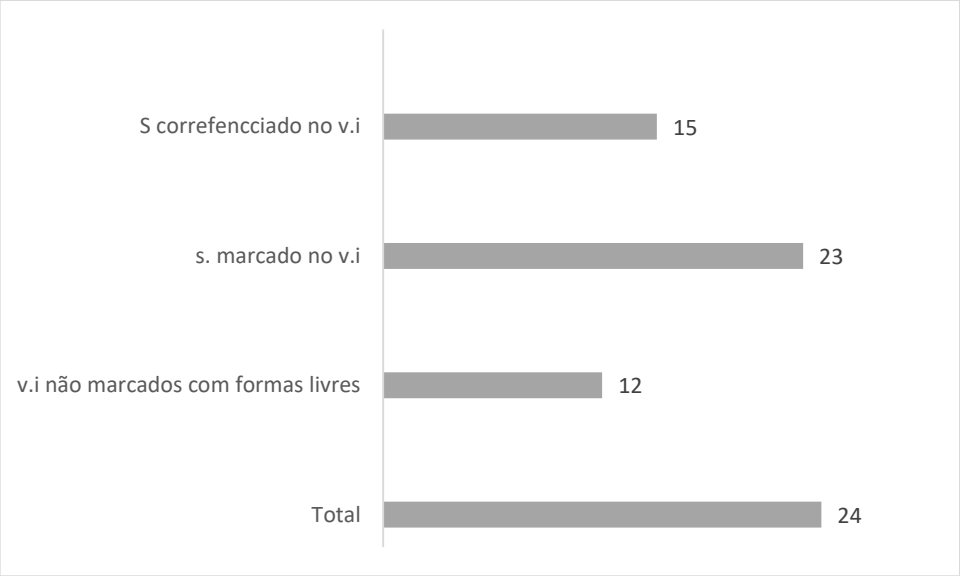
Fonte: Elaborada pela autora, 2023

6.1.5.3 Tendências tipológicas de marcação de sujeito intransitivo nas 24 línguas Arawak

Todas as 24 línguas Arawak exibem prototipicamente sujeito marcado no verbo em formas presas, contudo, nem todas essas línguas exibem uma correferência do sujeito,

quando este já foi evidenciado na sentença por uma forma livre. Assim, embora seja uma característica das línguas Arawak a referência-cruzada nem sempre é obrigatória nessas línguas. O gráfico, a seguir, exibe essa distribuição.

Gráfico 9 - Distribuição de marcação de sujeito em verbos intransitivos nas línguas Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Deste modo, verificamos que os verbos intransitivos ativos são predominantemente marcados com afixos pronominais de pessoas, seja fazendo a referência ao sujeito, que é a maior tendência. A correferência foi encontrada em 15 línguas Arawak. Verbos não marcados tendem a ter o menor número de línguas, apenas 12 exibem esse tipo. A seguir, verificaremos, um outro subtipo de verbos intransitivos, os estativos.

6.1.6 Verbos intransitivos estativos nas línguas Arawak

Givón (2001) argumenta que um verbo intransitivo estativo é uma proposição que não envolve mudanças ao longo do tempo. O estado pode ser temporário (de duração limitada), permanente (de duração relativamente longa) ou de duração intermediária. Aqui iremos verificar os verbos estativos nas línguas Arawak relacionados para duas questões: estado permanente (propriedade física) ou estado temporário (duração limitada). Em muitas línguas Arawak, os verbos intransitivos estativos podem fazer o papel da classe de adjetivos, já que muitas delas não exibem essa classe de forma tão clara. As subseções que seguem descrevem os verbos intransitivos estativos nas línguas Arawak.

6.1.6.1 Verbos intransitivos estativos nas línguas do grupo Norte-Arawak

6.1.6.1.1 Subgrupo Wapixana: Wapixana

Em Wapixana a distinção de verbos ativos e estativos não é evidente na língua. Santos (2006) afirma que a categoria dos verbos para expressar eventos é prototípica, mas não parece clara para a expressão de estativos. Parece que nessa língua, ocorre a adjetivização, tornando-se de fato uma classe de adjetivos, a partir da sufixação de *-ʔu*. Como podemos verificar nos exemplos abaixo.

(411) Wapixana

a. Ɨ-ɽɨ ɖikintap-a-***ʔu*** pa-kaʔɨ-ɖ-ɨɲ-kizɻ ɨː
3M-M teimoso-EP-ADJZ ANF-mão-VR-REFL-TCL: LUGAR LOC

‘Ele é teimoso no seu trabalho’

b. Amazɻaɖa tɨbaɽɨ-***ʔu***
Mundo grande-ADJZ

‘O mundo é grande’

c. Pɨ-baizɻ-i-n paʔiɲa-***ʔu***
2SG-cuia-EP-POSS novo-ADJZ

‘Teu chicote é novo? ’

d. Imiʔi zɻakap ii kaiman-a-***ʔu***
Barro roça LOC bem-ep-ADJZ

‘O barro na roça é bom’

(SANTOS, 2006, p.152)

6.1.6.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Assim como em Wapixana, em Palikur há uma classe de adjetivos que caracterizam alguma propriedade física ou estado do referente. Contudo, encontramos um dado que exibe um verbo estativo temporário em Palikur, como podemos ver a seguir.

(412) Palikur

a. Ig nawe
3SG.M febre

‘Ele tem febre’

(GREEN E GREEN, 1972, p.75)

Entretanto, o dado nos mostra que *‘nawe’* não é um verbo e sim um nome que está ocupando um lugar de estado temporário. Desse modo, difícil afirmar se essa classe de verbos intransitivos é presente ou não na língua. Por ora, afirmamos que os verbos intransitivos estativos não é uma classe comum encontrada na língua Palikur.

6.1.6.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna exibe verbos estativos que podem expressar qualidade do referente, estado (temporário ou limitado), verbos estativos com oblíquios marcados com S e verbos estativos bivalentes também marcando o S de oblíquio. Haurlholm-Larsen (2016) assinala que o sujeito da maioria dos verbos estativos é marcado por um sufixo, independentemente de outros atributos gramaticais presentes na oração, isso só muda quando o verbo estativo vem com um oblíquio, como já mencionado. Os exemplos abaixo exibem os tipos de verbos instransitivos estativos em Gairfuna.

(513) Garifuna

a. Bíme-t-***[i]***$_S$ t-íːra ***[fáluma tó]***$_S$
Doce-TI-3M 3.F-suco coco DEM.3F

‘The water of that coconut is sweet’
‘A água desse coco é doce’

b. dûdu-t-***[i]***$_S$ ***[eréba lé]***$_S$
Molhado-TI-3M pão.mandioca DEM.3M

‘That cassava bread is wet’
‘Esse pão de mandioca está molhado’

c. Wéyaː-l-***[i]***$_S$ wügûri
Velho-DI-3M homem
‘The man is old’

‘Este homem é velho’

(HAURLHOLM-LARSEN, 2016, p.86)

Em Garifuna existe verbo estativo em que a pessoa não é marcada no verbo, como podemos ver a seguir:

d. Nyalá nu-bán fuló
Podre 1SG-casa chão

‘The floor of my house is rotten’
‘O chão da minha casa está podre’

(HAURLHOLM-LARSEN, 2016, p.88)

A língua exibe verbos estativos com sujeito marcado nos oblíquios. De acordo com Haurlholm-Larsen (2016), existe uma subclasse de verbos estativos com S marcado em um constituinte oblíquo, ou seja, por meio do uso de uma preposição. Esses verbos são tipicamente associados a estados mentais e percepção sensorial (cf. HAURLHOLM-LARSEN, 2016). Os exemplos abaixo exibem verbos estativos em oblíquios.

e. Chú-t-i ***[b]***$_S$-áw
Inteligente-TI-3M 2SG-DAT

‘You are intelligent’

‘Você é inteligente’

f. Háse-t-i ***[n]***s-áw
Cheiro de-TI-3M 1SG-DAT

‘I smell of fish’
‘ Eu sinto cheiro de peixe’

(HAURLHOLM-LARSEN, 2016, p.90 (e); p.91 (f))

E por fim, a língua apresenta verbos estativos bivalentes. Haurlholm-Larsen (2016) ressalta que certos verbos estativos como *hísinye* ‘agradar’ e *iyérega* ‘desagradar’ são semanticamente bivalentes e codificam o sujeito em uma preposição.

g. Hísinye-t-u hudú-t-u ***[n]***$_{S}$-ún
Agradar-TI-3F massa-ti-3F 1SG-DAT

‘I like the mashed bananas’
‘Eu gosto de bananas amassadas’

h. Iyéregu-t-i mútu g-amúrigesei-t-i ***[n]***$_{S}$-ún
Desagradar-TI-3M pessoa ATR-ter alegria-TI-3M 1SG-DAT

‘I hate people who have fun’
‘Eu odeio pessoas que se divertem’

(HAURLHOLM-LARSEN, 2016, p.91)

6.1.6.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

Na língua Lokono, Pet (2011) argumenta que os verbos estativos são menos flexionados do que os verbos de evento. Uma diferença entre verbos estativos e verbos de evento na língua é que, por ocorrerem em sentenças Verbo-Sujeito, os verbos estativos não podem receber prefixos de pronomes e os sufixos de pronome que ocorrem neles correspondem a sujeitos e não aos objetos (cf. PET, 2011), sendo sujeitos não agente. Os exemplos abaixo exibem os verbos estativos em Lokono.

(514) Lokono

a. Tabysia-ka-***[i]***$_{S}$
Com sono-PFV-3M.SG

‘He is sleepy’
‘Ele está com sono’

b. Bora-ka-***[n]*** $_{S}$
Azedo-PFV-N

‘It is sour’
‘É azedo’

c. Nykamy-ka-***[i]*** $_{S}$
triste-PFV-3SG.M

‘He is sad’
‘Ele está triste’

(PET, 2011, p.40 (a, b); p.42 (c))

Quando o sujeito é uma forma livre ele não precisa ser marcado morfologicamente no verbo, como ilustrado abaixo.

d. Hebe-bo to ***[keke]***$_S$
Cheio-CONT ART cesta

'The basket is now full and getting fuller'
'A cesta agora está cheia e ficando mais cheia'

e. Fonasia-Ø ***[de]***$_S$
Com fome-PASS 1SG

'I was hungry'
'Eu estava com fome'

(PET, 2011, p.41)

A língua Wayuu apresenta orações com verbos estativos que são permanentes e aqueles temporários. Sabogal (2018, p.120) argumenta que em Wayuu, estados permanentes inerentes são expressos por meio de verbos estativos, adjetivos, substantivos e pronomes. Quando o estato inerente permanente é expresso, o sujeito não é marcado sobre o adjetivo, contudo, quando é um verbo estativo, ele vem marcado como um sufixo do sujeito e faz correferência. Os exemplos abaixo exibem orações estativas em Wayuu.

(515) Wayuu

a. Miyoˈu ***[kuenta-ka-lü]***$_S$
Grande história-SPC-M

'The story is long'
'A história é longa'

b. Anamia ***[tü kamionkolu?]***$_S$
Bom DEM caminhão-SPC-M

'Is the truck kind?'
'O caminhão é bom? '

c. Yale-yale-t-***[shii]***$_S$ na ***[tepichi-ka-na]***$_S$
Alto-alto-SNG-PL DEM.PL criança-SPC-PL

'The kids were tall'
'As crianças eram altas'

d. Ma-aˈin-sa-***[i]***$_S$ ***[nia]***$_S$
PRV-coração-NEG-3M.SG 3SG.M

'He is insensible'
'Ele é insensível'

e. Ou-tu-***[sü]***$_S$ ***[tü nu-ˈwayuu-se-ka-lü]***$_S$
morrer-SNG-3F.SG DEM.F 3SG-pessoa-POS-SPC-FEM

'His wife died'
'Sua esposa morreu'

(SABOGAL, 2018, p.121 (a, b, c.d); p. 122 (e))

De acordo com Sabogal (2018, p.122), os estados transitórios em Wayuu não podem ser expressos por meio de nomes ou pronomes. Estes são todos expressos através de verbos estativos ou em outras classes gramaticais. Por exemplo, *sha'wa-ta-* ‘estar de pé’, *tala-ta-* ‘estar feliz’, *tunka-ta-* ‘estar dormindo’, *ka-üliijana-* ‘usar colar’, *ma-iche-* ‘estar nu’, *machiki-* ‘estar perdido’, *yaa-* ‘estar aqui’ ou *sa-* ‘estar lá (meio-distal) ’.

f. Yala-***[shi]***$_S$ iipünaa a-süˈü-jü-in ***[peela]***$_S$
ADV-2-M acima IDF-apanhar-PROG pera

‘He is up there picking pears’
‘Ele está lá em cima colhendo peras’

(SABOGAL, 2018, p.123)

6.1.6.1.5 Subgrupo Amazônia-Colômbiana: Resígaro e Achagua

Resígaro exibe verbos estativos que são derivados de raízes adjetivais, isso foi tratado no capítulo 4 sobre formação da estruturação de palavras. Em Achagua encontramos alguns exemplos de verbos estativos permanentes e temporários, como podemos verificar a seguir:

(516) Achagua

a. Nu-ya Čamóoni
1SG-COP Ramón

‘Yo soy Ramón’

b. Shiátai yáhkua-eži-u
Água fever-SG-PS

‘El agua está hirviendo’

(WILSON, 1992, p.29 (a); p.31 (b))

6.1.6.1.6 Grupo Alto rio negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Em Baniwa há verbos estativos (a maioria deles tratados no capítulo 4), entretanto Ramirez (2001a) os denominam de adjetivos. Encontramos um exemplo de adjetivo se comportando como um verbo estativo temporário.

(517) Baniwa

a. Ma-kaɽonitsa-***[phia]***$_S$
PRIV-ter medo-2SG

‘Não tenhas medo’

(RAMIREZ, 2001b, p.445)

Em Tariana, encontramos alguns exemplos de verbos estativos, a maioria dos exemplos é um estado temporário ou acidental. Os exemplos abaixo exibem os verbos estativos em Tariana.

(518) Tariana

a. Lama-sina ***[diha-dapana]***$_S$
Queimar-REP.NON.VIS ART-CLF: HABITAÇÃO

'This house was burning'
'Esta casa estava queimando'

b. ʧu! kayite hyukade-ka ***[diha]***$_S$
INTER CONJ-CLN: ANIM não aparecer-REC-P.VIS 3SG.N.F

'Oh, it dit not appear in this image'
'Oh, não apareceu nesta imagem'

c. Dai-mha ***[nu]***$_S$-na
Ser sonolento-PRES.NON.VIS 1SG-OBJ

'I'am sleepy'
'Eu estou sonolento'

d. Amiɾi-ka-mha ***[du]***$_S$-na
Estar bêbado-DECL.PRES.N.VIS 3SG.F-OBJ

'She is drunk'
'Ela estava bêbada'

(AIKHENVALD, 2003, p.239 (518.a, b, c); p. 240 (518.d))

Em Tariana não encontramos sujeitos em formas presas nos verbos estativos, eles sempre são formas livres e não necessitam coocorrer junto com os predicados. E por fim, na língua Warekena conseguimos encontrar apenas dois exemplos de verbos estativos com oblíquos, que são ilustrados a seguir.

(519) Warekena

a. ***[Nu]***$_S$-yue Mawali
1SG-DAT fome

'I'am hungry (lit. for me-hungry)'
'Estou com fome (lit. para eu comer) '

b. Yue ʃupe-hẽ ***[ʃiani-pe]***$_S$ nawalewe-hẽ
Para mim muito-PAUS criança-PL aldeia-LOC-PAUS

'He (the old man) has many children in his place'
'Ele (o velho) tem muitos filhos na aldeia dele'

(AIKHENVALD, 1997, p.230)

6.1.6.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

Em Baré encontramos apenas um exemplo de verbos intransitivos estativos temporários, como podemos ver abaixo. Diferentemente das outras línguas, o sujeito vem antecendendo o verbo (SV) e não ao contrário.

(520) Baré

a. ***[I]***$_S$-tiku-a-ni
3M-deitar-se-ST-IMPFV

‘Ele deitou-se’

(OLIVEIRA, 1993, p.68)

6.1.6.2 Verbos intransitivos estativos nas línguas do grupo Sul-Arawak

6.1.6.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

Oliveira (2021, p.124) ressalta que os verbos intransitivos estativos têm em seus conteúdos semânticos referentes ao tipo de propriedade física, valores, estados, cores, entre outros. Os exemplos abaixo exibem os verbos estativos em Terena.

(521) Terena

a. ***[Ø]***$_S$=xeméke-ti
   3SG=ser ligeiro-DESC
   ‘Ele é ligeiro’

b. ***[Ø]***$_S$=xúna-ti
   3SG=ser forte-DESC
   ‘Ele é/está forte’

c. ***[Ø]***$_S$=tiúˈi-ti
   3SG=ser duro-DESC
   ‘Ele é/está duro’

(OLIVEIRA, 2021, p.124)

Em Baure não há uma distinção clara de verbos intransitivos estativos ou ativos, sendo eles tratados na mesma categoria. Além disso, a língua exibe adjetivos, talvez isso possa fazer com que os verbos estativos não sejam um padrão na língua ou a autora os coloca como uma outra classe gramatical.

6.1.6.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi-Haliti

Em Wauja não encontramos exemplos de verbos intransitivos estativos. Já na língua Mehináku, esse subtipo de verbos intransitivos ocorre. Como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(522) Mehináku

a. ***[Kauruma]***s kulepe-tɨ=pai
   Kauruma estar.sujo-NMLZ=IMPFV
   ‘Kauruma está sujo’

b. ***[Tɨneʂu]***s kau=tai=pai
   Mulher doer=DIM=IPFV
   ‘A mulher está doente’

c. ***[Nɨ]***s=miʂa=pai pi=ju=tsa
   1SG=estar.amendrontado=IPFV 2SG-DAT=LOC

‘Eu estou com medo de você’

d. Kau=pai ***[kata ai.]***s epehe=pei kanati
Doer=IPFV DEM pimenta 3.queimar=IPFV boca

‘Essa pimenta é ardida. Ela queima na boca’

e. Kulepe ***[natu]***s
Ser sujo 1SG

‘Ser sujo’

(DE FELIPE, 2020, p.325 (a, b, c); p. 326 (d, e))

Nos exemplos extraídos do trabalho de De Felipe (2020) verificamos duas posições do sujeito, a primeira que antecede o verbo e a segunda segue o mesmo. O autor divide esses verbos em tipo 1 e 2. Os que ocorrem antes dos verbos fazem parte do tipo 1 e os que ocorrem depois fazem parte do tipo 2.

De acordo com Yawalapiti (2021, p.175) os predicados estativos têm diferentes interpretações na língua e são formados por meio do sufixo *-pa* e constituem o tipo de predicado com maior frequência na língua. Os exemplos abaixo exibem predicados estativos em Yawalapiti.

(523) Yawalapiti[121]

a. ***[Nu]***$_S$-mapaλi-pa
1SG-alegria-IMPFV

‘Estou alegre/ eu sou alegre’

b. Katika-ruru-pa ***[nu]***$_S$
Frio-INTENS-IPFV 1SG.DAT

‘Muito frio está para mim’

c. ***[N]***$_S$-ukitatsi-ruru-pa
1SG-inteligente-INTENS-IPFV

‘Eu sou muito inteligente’

d. Tipa-rata i-naku-pa ***[kupiti]***$_S$
Pedra-casca 3SG-INESS-IMPFV peixe

‘O peixe está na panela’

(YAWALAPITI, 2021, p.176 (a, b); p.177 (c); p.178 (d))

Em Paresí, Brandão (2014, p.234) assinala que os verbos intransitivos estativos são aqueles semanticamente diferentes de outros verbos intransitivos. Eles se referem a

[121] Observando esse subgrupo e tomando como base as línguas Wauja e Mehinaku o sufixo *–pa* poderia ser interpretado como uma marca de imperfectivo. Por padronização iremos glosá-lo como IMPF. Contudo, não podemos afirmar definitivamente essa função, estudos posteriores podem dar maiores esclarecimentos sobre esse morfema.

cores, estados, alguns valores e propriedades físicas. Os exemplos abaixo exibem os verbos estativos em Paresi.

(524) Paresi-Haliti

a. Kalore no=ka-nakairi hoka maiha ***[no]***$_S$=naka-***[i]***$_S$
Muito 1SGB=ATRI-comida CON NEG 1SGB=estar.com.fome-1SG
Maheta
PROP

‘I ate a lot to not be hungry’
‘Comi muito para não passar fome’

b. ***[Natyo]***$_S$ kalore ***[no]***$_S$=kolot-***[i]***$_S$
1SG muito 1SG=ser gordo-1SG

‘I got very fat’
‘Eu engordei muito’

c. Tiha ***[wi]***$_S$=hiye
Estar.frio 1PLB=BENF

‘It is cold for us’
‘Está frio para nós’

d. Watya ***[no]***$_S$=hiye
Quente 1SGB=BENF

‘It is hot for me’
‘Está quente para mim’

(BRANDÃO, 2014, p.235 (a, b); p.236 (c, d))

6.1.6.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro

Na língua Apurinã existe duas formas de expressar o verbo estativo (denominado por Facundes de verbos descritivos subjetivos), a primeira refere-se a uma correferência do sujeito em forma presa antecedendo o verbo e fazendo alusão ao sujeito pós-verbal (semelhante com que ocorre em Mehináku) e uma segunda forma que pode ser livre ou presa e são formas pós-verbais, um padrão tipicamente comum encontrado nas orações intransitivas estativas nas línguas Arawak. Facundes (2000, p.279) afirma que os verbos estativos permitem um padrão *Split-S* comum em outras línguas Arawak, dividindo-o em duas subclasses: subjetivos e objetos. O autor assinala que a noção de sujeito de outros verbos descritivos leva marcadores morfológicos de sujeito, enquanto a noção de sujeito de outros verbos descritivos toma marcadores morfológicos de objetos. Os exemplos abaixos evidenciam orações com verbos estativos na língua.

(525) Apurinã

a. ***[Nu]***$_S$ -sãpaka ***[nota]***$_S$
1SG-estar.cansado 1SG

‘I’m tired’
‘Eu estou cansado’

b. ***[Nhi]***$_S$ -inhikata
1SG-senti.calor

‘I feel hot’/ ‘Eu sinto calor’

c. ***[O]***$_S$ -Mireka
3F- ser.acordado
‘She ‘s wake
‘Ela está acordada’

d. ***[U]***$_S$ -tuma ***[hãtako-ru]***$_S$
3M-ficar.de.pé jovem-M

‘The boy is standing up’
‘O menino está de pé’

e. Hareka-***[no]***$_S$
ser.bom-1SG.OBJ

‘I’m good’
‘Eu sou bom’

f. Katsopu-***[ru]***$_S$ ***[nũuw]***$_S$
Ser.branco-3M.O flor

‘The flower is white’
‘A flor é branca’

(FACUNDES, 2000, p.279 (a, b, c, d); p. 281 (e); p.282 (f))

Os exemplos em (525.a-d) exibem sujeitos livres pós-verbais e seus respectivos afixos pronominais estão fazendo correferência, antecedendo o verbo (formas pré-verbais), já em (525.e-f), as sentenças exibem formas presas pós-verbais, exibindo um outro tipo de marcação do sujeito do verbo estativo, fazendo a transreferência.

Em Maxinéri, assim como nas outras línguas, os sujeitos dos verbos estativos vêm depois do predicado. Nesta língua, a correferência também é pós-verbal, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(526) Maxinéri

a. Poniko-***[ri]***$_S$ ***[kimeka]***$_S$
Ser.gostoso-3SG.M mandioca

‘A mandioca é gostosa’

b. Sero-***[no]***$_S$
Ser.vermelho-1SG

‘Eu sou vermelho’

c. Kawejari-***[no]***$_S$
Ser.mentiroso-1SG

‘Eu sou mentiroso’

(SILVA, 2013, p.88)

E por fim, Yine-Piro no qual conseguimos encontrar apenas dois exemplos de predicados estativos e não é claro se são uma classe de verbos estativos na língua. Contudo, o sujeito é afixado do mesmo modo como nas outras línguas, pós-verbal.

(527) Yine-Piro

a. Poniko-***[no]***$_S$
Delicioso-1SG

‘I’am delicious’
‘Eu sou delicioso’

b. Hewi-***[no]***$_S$
Aqui-1SG

‘I’am here’
‘Eu estou aqui’

(HANSON, 2010, p.254)

6.1.6.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte, Nanti

A língua Ashéninka exibe verbos estativos, sendo o sujeito livre pós-verbal e correferenciado no verbo também de forma pós-verbal. Mihas (2015) argumenta que verbos estativos usam sufixos de sujeitos do grupo 2 (cf. MIHAS, 2015), no qual o afixo preso ao verbo ocorre depois dele. Os exemplos abaixo exibem verbos estativos em Ashéninka.

(528) Ashéninka

a. Shintsi-t-atsi-***[Ø]***$_S$=ratya?
Ser.forte-EP-STAT-3S.SET2=ASSUM
Je shintsi-t-atsi-Ø=tyami
Sim Ser.forte-ep- EP-STAT-3S.SET2=EXPECT

‘Is he virile?
Yes, he is (as it would be expected at his age)’
‘Ele é viril?
‘Sim, ele é (como seria de se esperar na idade dele) ’

b. Koraki-t-aintsi-Ø ***[api]***
Aproximar- EP-STAT-3S.SET2 onça

‘A jaguar has come’
‘Uma onça se aproximou’

(MIHAS, 2015, p.173 (a); p.174 (c))

Já em Caquinte, os verbos estativos têm o sujeito sendo pós-verbal e ocorre a correferencia deles com uma forma presa. Os exemplos abaixo exibem isso.

(529) Caquinte

a. Koramani keNkeβari-t-apoh-a-***[na]*** naatiNpa
Antes para amadurecer-EP-AL-REAL.A-1SG 1.PRO

‘Antes, yo era joven’
‘Antes, eu era jovem’

b. Chooka-t-ah-a-***[Npi]***s aka-niki
Existir-ep-reg-real-A-2SG.S aqui-ADV

‘Sigues vivendo aquí’
‘Segues vivendo aqui’

(CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.41)

Em Nanti, conseguimos encontrar apenas um exemplo de orações intransitivas estativas. O sujeito é marcado no verbo, sendo uma forma presa pré-verbal, infelizmente, não conseguimos encontrar outros dados.

(530) Nanti

a. I=shiNki-ak-a
3M.S-estar.bêbado-PFV-REAL-A

‘He was drunk’
‘Ele estava bêbado’

(MICHAEL, 2014, p. 282)

6.1.6.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Em Amuesha encontramos um exemplo de verbo estativo. O sujeito ocorre da mesma forma, como a maioria das línguas, sendo um pronome preso pós-verbal, como podemos verificar a seguir.

(531) Amuesha

a. Osen-***[en]***s
Ter.febre-1SG

‘Tengo febre’
‘Eu tenho febre’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.69)

6.1.7 Tendências tipológicas dos verbos intransitivos estativos nas línguas Arawak

Deste modo, verificamos que uma grande parte dessas línguas exibem verbos intransitivos estativos. Contudo, embora haja um padrão de sujeito pós-verbal, algumas delas não seguem esse tipo de marcação e além disso, muitas delas não deixam evidentes,

no que diz respeito, se são classe de verbos estativos ou de adjetivos. A seguir, verificaremos, os padrões tipológicos dessa classe verbal nas línguas Arawak.

6.1.7.1 Padrões tipológicos de verbo estativo em relação a posição de S, marcação ou não nas línguas do grupo Norte-Arawak

Como discutido anteriormente, as línguas do grupo Norte-Arawak exibem com predominância marcação de sujeito como sufixos, ocupando uma posição de objeto (S_O). Contudo, nem todas as línguas exibem essa marcação pós-verbal. Em Wapixana (subgrupo: Rio Branco) não há verbo intransitivo estativo marcado. Santos (2006) argumenta que nesta língua os verbos estativos não são uma categoria evidenciada, já que muitas orações ocorrem como predicado adjetival, marcado com o sufixo adjetivizador -*ʔi*. Os sujeitos em formas presas ocorrem antes do verbo. Em palikur (subgrupo: Palikur), apenas encontramos exemplos com sujeitos de formas livres e não marcadas, o exemplo dado também não auxilia tanto na análise, uma vez que ele se comporta como um predicado adjetival, mas não verbal.

Na língua Garifuna (subgrupo: Caribe), o sujeito vem sempre após o verbo e faz correferência com sufixos pronominais de sujeito, existe também formas não marcadas, mas o sujeito vem sempre após o verbo. A língua exibe uma marcação de sujeito em dativos, o mesmo é marcado depois do dativo. As línguas do subgrupo TA-Arawak, Lokono e Wayuu, se comportam da mesma forma, o sujeito marcado no verbo ou não vem depois do verbo. Em Wayuu há marcação de correferência no qual o sujeito livre tem sua forma presa marcada no verbo, sempre pós-verbal. Em Resígaro (subgrupo: Amazônia-Colômbiana) há adjetivos, porém, infelizmente, não encontramos dados de verbos estativos, ou eles são classificados como adjetivos na língua (ver capítulo 4). A língua Achagua (subgrupo: Amazônia-Colômbiana), não faz distinção de verbos intransitivos ativos ou estativos, o sujeito ocupa uma posição antes do verbo.

Das línguas do subgrupo Alto Rio Negro, Baniwa, Tariana e Warekena, exibem algumas diferenças. Em Baniwa e Tariana o sujeito é sufixado, seja ele de uma forma livre ou não sempre após o verbo. Já em Warekena, os exemplos mostram dois tipos: um no qual o sujeito precede o verbo e um outro que é após o verbo. E por fim a língua Baré do subgrupo Orinoco que exibe o sujeito antes do verbo, não fazendo distinção de verbos intransitivos ativos ou estativos. Deste modo, podemos compreender que há uma tendência de marcação de sujeito pós-verbal nessas línguas. A tabela 45, a seguir, resume a distribuição de marcação de sujeito nessas línguas.

Tabela 45- Distribuição de verbos estativos e posição do sujeito nas línguas do grupo Norte-Arawak

SUBGRUPO	LÍNGUAS	VERBOS ESTATIVOS	POSIÇÃO S PÓS-VERBAL	POSIÇÃO S PRÉ-VERBAL	S PÓS COM DATIVO	CORREFERÊNCIA PÓS-VERBAL
Rio Branco	Wapixana	não	não	sim	não	não
Palikur	Palikur	não é claro	não	sim	não	não
Caribe	Garifuna	sim	sim	não	sim	sim
TA-Arawak	Lokono	sim	sim	não	não	não
	Wayuu	sim	sim	não	sim	sim
Amazônia-Colombiana	Resígaro	não é claro	não	sim	não	não
	Achagua	sim	não	não	não	não
		sim	sim		não	na
Alto-Rio Negro	Baniwa	sim	sim	não	não	não
	Tariana	sim	sim	não	não	não
	Warekena	sim	sim	sim	não	não
Orinoco	Baré	sim	não	sim	não	não
Total	11	8	6	6	2	2

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A tabela 45 acima mostra que, das 11 línguas selecionadas do grupo Norte-Arawak, 8 exibem verbos intransitivos estativos. A questão da posição do sujeito é regular, uma vez que 6 delas exibem o sujeito em posição pré-verbal e 6 exibem ele em posição pós-verbo. Sujeito em orações intransitivas estativas com dativo (sujeito oblíquo), até o momento, foi visto apenas em duas línguas, o mesmo ocorre com a questão da correferência, ocorrendo apenas em Garifuna e Wayuu. Adiante, verificaremos os padrões de verbos estativos, posição e marcação do sujeito nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.7.2 Padrões tipológicos de verbo estativo em relação a posição de S, marcação ou não nas línguas do grupo Sul-Arawak

As línguas do grupo Sul-Arawak se comportam um pouco diferente das línguas do grupo Norte-Arawak. No subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul, apenas encontramos dados de verbos estativos na língua Terena, o sujeito é marcado morfologicamente no verbo e vem antes dele. Já nas línguas do grupo Paresi-Xingu, com exceção do Waujá no qual não conseguimos dados que possam comprovar esse tipo de verbo intransitivo, nos outros idiomas ele é encontrado e se comportam de formas similares. Primeiramente, Mehináku, Yawalapiti e Paresí podem exibir o sujeito em uma posição pré-verbal, mas também pós-verbal, independente de ser uma forma livre ou presa. Em Paresí, especialmente, há sentenças de verbos estativos ocorrendo com um proclítico pessoal na frente do verbo e um sufixo do sujeito ocupando a posição de objeto. Entretanto, os sujeitos são recorrentes em formas pós-verbais.

Nas línguas do subgrupo Piro-Apurinã (Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro), o sujeito sempre vem após o verbo, contudo em Apurinã, há dois tipos quando há correferência, o prefixo do sujeito pode ser marcado pré-ver, como também o sujeito (do objeto) pode ser marcado transreferencialmente depois do verbo. Em Maxinéri é sempre após o verbo, mesmo quando há coocorrência com sufixos presos do sujeito. Em Yine-Piro o sujeito é uma forma afixada ao verbo e vem sempre após ele. Nas línguas Campa, com exceção de Nanti, a posição do sujeito é sempre pós-verbal tanto em Asháninka quanto em Caquinte, mesmo quando há a correferência. Já em Nanti, não conseguimos encontrar muitos dados, mas o proclítico de pessoa está afixado antes do verbo. E por fim, a língua Amuesha (subgrupo: Amuesha) exibe a marcação de sufixo do sujeito nos verbos intransitivos estativos. A tabela 46 exibe o padrão tipológico de verbos intransitivos estativos nessas línguas.

Tabela 46 - Distribuição de verbos estativos e posição do sujeito nas línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	verbos estativos	posição S pós-verbal	posição S pré-verbal	S pós com dativo	correferência pós-verbal
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	sim	não	sim	não	não
	Baure	não faz distinção	não	sim	não	não
Paresí-Xingu	Waujá	não é claro	não é claro	não é claro	não	não
	Mehináku	sim	sim	sim	sim	sim
	Yawalapiti	sim	sim	sim	sim	não
	Paresí	sim	sim	sim	sim	sim
Piro-Apurinã	Apurinã	sim	sim	sim	não	sim
	Maxinéri	sim	sim	não	não	sim
	Yine-Piro	sim	sim	não	não	não
Campa	Asháninka	sim	sim	não	não	sim
	Caquinte	sim	sim	não	não	sim
	Nanti	sim	não	sim	não	não
Amuesha	Amuesha	sim	sim	não	não	não
Total	13	11	9	7	3	6
36%						

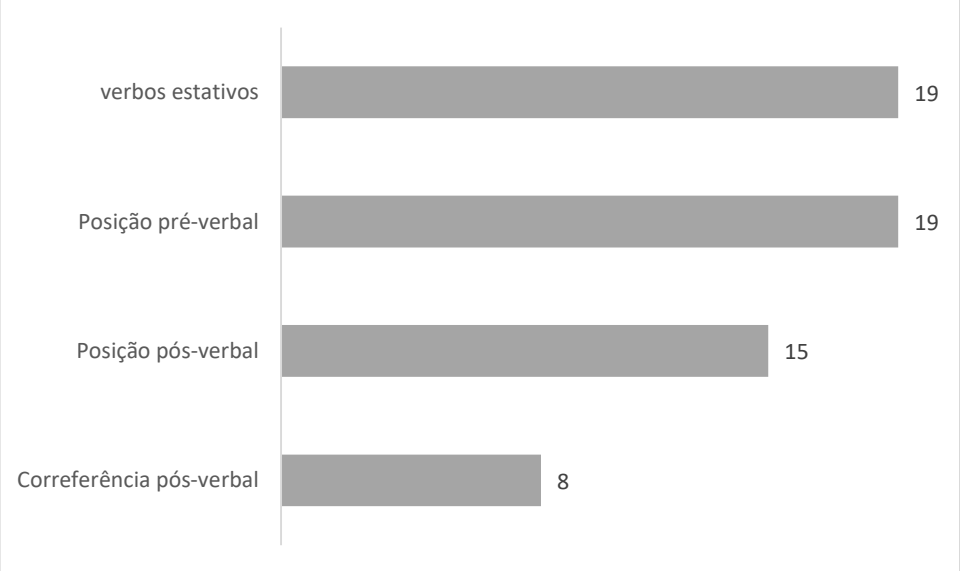
Fonte: Elaborado pela autora, 2023

A tabela 46 acima exibe a distribuição do verbo estativos nas línguas do grupo Sul-Arawak, observando a tabela, verificamos que das 13 línguas selecionadas, 11 exibem verbos estativos e a maioria é marcada em uma posição do sujeito pós-verbal, algumas línguas tendem a ter os sujeitos em ambas posições. Em relação a fazer correferência, seis delas exibem esse tipo, sendo recorrente a posição do afixo pós-verbal. E por fim, apenas três línguas exibem sujeito com dativos, sendo o sujeito ocupando uma posição depois do caso. A seguir, verificaremos a distribuição desses verbos, a posição do sujeito e a marcação de afixos fazendo a correferência nas 24 línguas analisadas para essa tese.

6.1.7.3 Padrões tipológicos de verbo estativo em relação à posição de S, à marcação ou não nas línguas Arawak

É nítido que as línguas aqui analisadas exibem uma predominância de verbos estativos intransitivos na língua, quando tal verbo não é claro, deve ser por conta de que ele pode ter se tornado uma classe de adjetivos, como em Wapixana, funcionando como um predicado não-verbal. O gráfico 11 resume a distribuição dos verbos, a posição do sujeito e a marcação dele quando o mesmo está junto com algum afixo fazendo a correferência.

Gráfico 10 - Distribuição de verbos estativos e posição do sujeito nas 24 línguas Arawak



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Em suma, os resultados do gráfico 10 exibem 19 línguas com verbos estativos, o sujeito sendo recorrente em posição pós-verbal, em seguida com 15 línguas a posição pré-

verbal, e por fim, poucos dados foram encontrados dessas línguas fazendo correferência pós-verbal, já que apenas 8 exibem essa marcação de referência-cruzada.

De acordo com Croft (1990), existem algumas línguas que o argumento S de um verbo intransitivo é às vezes expresso da mesma maneira como A de um verbo intransitivo (‘ativo) e as vezes na mesma forma como P de um verbo intransitivo (‘estativo’). Desse modo, verificamos que a maioria das línguas Arawak aqui analisadas, o A se comporta como P quando o mesmo faz parte de uma sentença intransitiva estativa, frequentemente, sendo marcado como S_O.

Seguindo a definição de Kroeger (2012, p. 9), o sujeito paciente é aquela entidade sobre a qual se agiu e que foi afetada ou criada. Além disso, o autor elucida que o sujeito paciente é aquele sobre o qual, estado ou mudança de estado é predicada. Desta forma, o sujeito paciente é aquele que sofre a ação, ou seja, “o participante que não realiza, inicia ou controla qualquer situação, mas é afetado por ela de alguma forma, característica compartilhada por pacientes prototípicos” (MITHUM, 1991, p.515) [122], como ocorre com a maioria dos sujeitos estativos das línguas analisadas. A seguir comparemos os morfemas de sujeito transitivos, objeto direto e indireto, de sujeitos agentes intransitivos e sujeitos pacientes de verbos intransitivos estativos nessas línguas.

6.1.8 Comparando os morfemas de S, S_A, S_o e objeto direto e indireto das línguas Arawak.

Nesta subseção iremos fazer uma revisão dos sistemas de marcadores morfológicos de pessoa nas línguas Arawak. Verificaremos primeiramente, as línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida as línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.8.1 Línguas do Grupo Norte-Arawak

6.1.8.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Santos (2006, p.159) ressalta que em Wapixana o sistema de morfemas marcadores de pessoa compreende uma série de prefixos que fazem correferência com o argumento sujeito, se este estiver presente, e uma série de sufixos que cruzam referência com o argumento objeto direto, se este estiver presente, como já foi visto nos exemplos acima. Não encontramos casos de sujeito paciente na língua e a língua não faz distinção de gênero na terceira pessoa do plural. A tabela a seguir exibe os prefixos presos pronominais de S, S_A e os sufixos pronominais de objeto.

[122] the participant which dos not perfom, initiatte or control any situation bu rather is affected by it in some way, feature shared by protoypical patients.

Tabela 47 - Marcadores de pessoa em Wapixana

	A/S	**OBJ/ S_O**
1sg	ũ-	-ɨn
2sg	pɨ-	-ɨp
3sg.m	ɨ-	-(ɨ)zᵩ (ɨ)
3sg.f	u-	-(ɨ)zᵩ (u)
1pl	wa-	
2pl	ɨ-	
3pl	i-	
ind	pa-	

Fonte: SANTOS, 2006, p.159

6.1.8.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Na língua Palikur não conseguimos encontrar muitos exemplos de morfemas presos, desepenhando os papéis argumentais (A, S e objeto), contudo, uma lista de prefixos do sujeito e sufixo do objeto de Launey (2003) mostram esses marcadores de pronomes pessoais em Palikur.

Tabela 48 - Marcadores de pessoa em Palikur

	A/S	**OBJ/ S_O**
1sg	nu-	-un/-hun/-u/-nu/-hun/-n
2sg	pi-	-vi/-pi/-p
3sg.m	gi-	-gi
3sg.f	gu-	-gu
3 n.def	ga-	-ni
3n.ind	a-	-ni
3n.anaf	ni-	-ni
1pl	u-	-wi~w
2pl	yi-	-yi
3pl.m	gi-...-kis	-gikis
3pl.f	gu-...kis	-gukis

Fonte: LAUNEY, 2003, p.68-71

6.1.8.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna exibe morfemas presos que são marcadores de pessoa. O prefixo se refere aos A/S e os sufixos marcam os objetos do verbo transitivo e o sujeito paciente do verbo intransitivo estativo S_O.

Tabela 49 - Marcadores de pessoa em Garifuna

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	n-	-na
2sg	b-	-bu
3sg.m	l-	-i
3sg.f	t-	-u
1pl	wa-	-wa
2pl	hu-	-ü:
3pl	ha-	-nya

Fonte: HAURHOLM-LARSEN, 2016, p. 83

6.1.8.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua lokono exibe prefixos marcando o A e S e objeto marcado com sufixos, além disso, esses sufixos marcam também o S_O.

Tabela 50 - Marcadores de pessoa em Lokono

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	da-	-
2sg	by-	-
3sg.m	ly-	-i
3sg.f	thy-	-n
3sg.n.hum	thy-	-n
1pl n.hum	thy-	-
1pl	wa-	-o
2pl	hy-	-
3pl	na-	-

Fonte: PET, 2011, p.12

Já em Wayuu apenas conseguimos verificar prefixos marcadores de pessoa e não sufixos, esses quando aparecem fazem apenas a distinção de gênero na 3ª pessoa apenas. Esses prefixos aparecem tanto em A quanto S.

Tabela 51- Marcadores de pessoa em Wayuu

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	ta-	
2sg	pü-	
3sg.m	nü	-shi
3sg.f	jü-/sü-	-shü
1pl	wa-	
2pl	jü-/ja-	
3pl	na-	
ind	pa-	

Fonte: ÁLVAREZ, 2017; SABOGAL 2018

6.1.8.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá

Em resígaro não conseguimos encontrar sufixos que fazem alusão ao objeto em sentenças transitivas, apenas foi possível verificar os marcados de A e S. Lembrando que a língua exibe adjetivos como predicativos e não verbos estativos. A tabela 52 exibe os prefixos marcadores de pessoa em Resígaro.

Tabela 52 - Marcadores de pessoa em Resígaro

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	no-	
2sg	phu-	
3sg.m	gi-	
3sg.f	do-	
1pl	fu-	
2pl	i-	
3pl	nú-	

Fonte: ALLIN, 1972, p.185

Na língua Achaguá apenas encontramos os prefixos de pessoa. Em relação aos objetos, não encontramos dados, contudo existe uma classe de sufixo, mas faz referência ao sujeito quando o mesmo faz a referência cruzada, como podemos verificar a seguir.

Tabela 53 - Marcadores de pessoa em Achagua

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	nu-	
2sg	hi-	
3sg.m	li-	ečo
3sg.f	žu-	ežі
1pl	wa-	-enai
2pl	i-	
3pl	na-	

Fonte: WILSON, 1992, p.23

6.1.8.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

A língua Baniwa exibe tanto os prefixos de marcadores de pessoa dos A e S quanto os sufixos de objetos e S_O, como podemos verificar na tabela 54 a seguir.

Tabela 54 - Marcadores de pessoa em Baniwa

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	no-	-nhoa
2sg	pi-	-phia
3sg.m	li-	-ni ~-lhia
3sg.f	ɾo-	-no – ɾhoa
1pl	wa-	-whaa
2pl	i-	hia
3pl	na-	-na/-nhaa
imp	pa-	-phaa
ind	i-	

Fonte: RAMIREZ, 2001b, p. 103

A língua Tariana usa os mesmos prefixos correferenciais para marcar o A e S. Não encontramos marcadores de objeto e nem de S_O na língua. A tabela 55 exibe os marcadores pronominais de pessoa na língua.

Tabela 55 - Marcadores de pessoa em Tariana

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	nu-	
2sg	pi-	
3sg.m	di-	
3sg.f	du-	
1pl	wa-	
2pl	i-	
3pl	na-	
imp	pa-	
ind	i-	

Fonte: AIKHENVALD, 2003, p.123

E por fim, a língua Warekena que exibe prefixo de marcação de sujeto tanto em A ou S, esses prefixos fazem referência cruzada e tem eclíticos para fazer referência ao objeto, como podemos verificar a seguir.

Tabela 56 - Marcadores de pessoa em Warekena

	A/S	ENCLÍTICOS OBJ
1sg	nu-	=na
2sg	pi-	=pi
3sg.m	Ø-/i-	=Ø
3sg.f	yu-	=yu
1pl	wa-	-wi
2pl	ni-	=ni
3pl	ni-	=ni
imp	ba-	

Fonte: AIKHENVALD, 1998, p.293

6.1.8.1.6 Subgrupo Orinoco: Baré

E por fim, na língua Baré há prefixos pronominais de pessoa que fazem referência cruzada, tais pronomes fazem referência à função de sujeito, objeto e também em sentenças atributivas (cf. AIKHENVALD, 1995). A tabela 57, a seguir, exibem os prefixos pronominais em Baré.

Tabela 57 - Marcadores de pessoa em Baré

	A/S	OBJ/ S_O
1sg	nu-/ni-,nũ	
2sg	bi-/ni-, bĩ	
3sg.m	i-	
3sg.f	u-	
1pl	wa-	
2pl	i-,ni-, ĩ	
3pl	me-	

Fonte: AIKHENVALD, 1995, p.22

6.1.8.2 Línguas do Grupo Sul-Arawak

6.1.8.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grossso do Sul: Terena e Baure

Oliveira (2021, p.60) explica que os clíticos pessoais em Terena fazem referência ao S, S_A e S_O. A língua também exibe sufixos que fazem alusão ao objeto do verbo transitivo. A tabela 58 ilustra os marcadores de pessoas em Terena.

Tabela 58 - Marcadores de pessoa em Terena

	A/S	OBJ/ S_O
1sg	[+nasal]	=nu
2sg	y= ou <i> ou <e>	=pi
3sg	Ø=	=a
1pl	v=	=vi
2pl	y=	=pi, -noe
3pl	Ø/ -hiko	=a, -hiko

Fonte: OLIVEIRA, 2021, p.60

A língua Baure exibe proclíticos de pessoa, fazendo referência ao A e S, diferente da língua Terena, Danielsen (2007, p.335) afirma que os pronomes pessoais geralmente não são usados para referência a um objeto. Nos dados da autora, apenas foram encontrados apenas exemplos de pronomes referentes a um objeto. Esses morfemas fazem a correferência aos sujeitos dos verbos transitivos e intransitivos. A tabela 59, abaixo, ilustra os marcadores de pessoa em Baure.

Tabela 59 - Marcadores de pessoa em Baure

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	ni=	
2sg	pi=	
3sg.m	ri=	
3sg.f	ro=	
1pl	vi=	
2pl	yi=	
3pl	no=	

Fonte: DANIELSEN, 2007, p.317

6.1.8.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

A língua Wauja exibe prefixos pessoais que podem aparecer na posição de sujeito, não encontramos nos dados de Postigo (2014), pronomes pessoais referentes ao objeto de uma sentença transitiva.

Tabela 60 - Marcadores de pessoa em Wauja

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	nu-	
2sg	pi-	
3sg	Ø-	
1pl	aj-	
2pl	ji-	
3pl	Ø-	

Fonte: Postigo 2014, p.159

Em Mehináku, De Felipe (2020) argumenta que os proclíticos pronominais são formas proclitizadas dos pronomes livres em Mehinaku, são obrigatórios nos verbos para assinalar o sujeito. Não encontramos dados de morfemas fazendo alusão ao objeto do verbo transitivo na língua.

Tabela 61 - Marcadores de pessoa em Mehináku

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	n= ~ nu=	
2sg	p= ~ pi=	
3sg	Ø=/ ~~i~~=	
1pl	a= ~ au=	
2pl	j= ~ ji=	
3pl	ini~~=~~, in=, ~~i~~=	

Fonte: DE FELIPE, 2020, p.159

A língua Yawalapiti também exibe prefixos que marcam a pessoa, principalmente, o sujeito das orações transitivas e intransitivas. Não encontramos também a marcação de objeto como afixos presos na língua.

Tabela 62 - Marcadores de pessoa em Yawalapiti

	A/S	**OBJ/ S_o**
1sg	nu- ~ n-	
2sg	pi- ~ p-	
3sg	Ø-/ i-	
1pl	au-~ a-	
2pl	ji ~ j-	
3pl	i- ~ in- ~ij~Ø-	

Fonte: YAWALAPITI, 2021, p.99

E por fim, a língua Paresi que exibe dois tipos de clíticos: enclíticos pessoais e oracionais. Brandão (2014, p.78) argumenta que os marcadores de pessoa exibem algumas propriedades dos clíticos: eles têm delimitação fonética com seu hospedeiro (o que significa que não podem receber acento) e estão em uma posição externa em relação aos prefixos, que aparecem entre o radical e o marcador de pessoa. A autora também ressalta que existem variações fonéticas dos clíticos e isso vai depender do hospedeiro em que ele se afixa. Os clíticos em Paresi se dividem em dois grupos: A e B, como podemos ver na tabela abaixo dos clíticos de marcadores de pessoa em Paresi.

Tabela 63 - Marcadores de pessoa em Paresi

	Grupo A	**Grupo B**
1sg	no=	na=
2sg	hi=	ha=
3sg	e= (N/POSP)/ Ø=	Ø=
1pl	wi=	wa=
2pl	xi=	za=
3pl	=ene (OBJ)	

Fonte: BRANDÃO, 2014, p.78

6.1.8.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

A língua Apurinã exibe marcadores de pessoas, os prefixos designam os sujeitos das orações tanto transitivas quanto intransitivas ativas. Já os objetos marcam o objeto das sentenças transitivas e o S_O do verbo intransitivo estativo. A tabela 64 ilustra os marcados pronominais de pessoa em Apurinã

Tabela 64 - Marcadores de pessoa em Apurinã

	A/S	**OBJ/ S_O**
1sg	nu-	-ru
2sg	pu-	-i
3sg.m	u-	-ru
3sg.f	o-	-ro
1pl	a-	-wa
2pl	hĩ-	-i
3pl.m	u-...-na	-ru
3pl.f	o... -na	-ro

Fonte: FACUNDES, 2000, p.349

Em Maxinéri, Silva (2013) afirma que nesta língua existem os marcadores de pessoa que se dividem em sete tipos, sendo duas para a primeira pessoa, duas para a segunda pessoa e três para a terceira pessoa, como podemos ver na tabela a seguir.

Tabela 65 - Marcadores de pessoa em Maxinéri

	sujeito	**Objeto/ S_O**
1sg	n- ~ nV-	-no
2sg	p- ~ wV-	-ji
3sg.m	r- ~ rV	-rɨ ~ -lɨ
3sg.f	t- ~ tV-	-ro ~ -lo
1pl	w~ wV-	-wɨ
2pl	x- ~ xV-	-xi
3pl.m	r- ~ na-	-na
3pl.f	t- ~ na-	-na

Fonte: SILVA, 2013, p.39

Os marcadores de objeto de sentenças transitivas também fazem referência aos afixos de sujeitos do verbo intransitivo estativo (S_O). E por fim, a língua Yine-Piro que exibe marcadores pronominais de pessoas, seguindo o mesmo modo das outras línguas do seu subgrupo, principalmente de Maxinéri que é uma língua com um sistema bastante semelhante do Yine. A diferença é que Hanson (2010) divide os prefixos em três classes, como podemos ver na tabela 66 a seguir.

Tabela 66 - Prefixo de marcadores de pessoa em Yine-Piro

	Classe 1	**Classe 2**	**Classe 3**
	Prefixos	Prefixos	Prefixos
1sg	n-	n-	no-
2sg	p-	p-	pɨ-
3sg.m	r-	Ø-	hi-
3sg.f	t-	t-	to-
1pl	w-	w-	wɨ-
2pl	h-	h-	hi-
3pl	r-...-na	Ø-...-na	hi-...-na

Fonte: HANSON, 2010, p.46

Essa divisão tem a ver com questões de alormofia. Hanson (2010) afirma que os prefixos da classe 1 são usados com radicais que começam com a consoante h, que a consoante do prefixo substitui. A raiz pode ser um verbo, caso em que o prefixo indexa o sujeito. Já os prefixos da classe 2 é usado com radicais que começam com uma consoante diferente de h. Assim, a autora explica que com estes, o prefixo pronominal não substitui a consoante inicial do radical. Este paradigma difere da Classe 1 apenas no prefixo masculino/plural da 3ª pessoa, que é r- na Classe 1 e Ø- na Classe 2 (HANSON, 2010). Já os prefixos da classe 3 são usados apenas com nomes inalienáveis e com aqueles radicais que não iniciam com *h.*

Já em relação aos sufixos pronominais, a distribuição deles depende inteiramente da classe de palavras que encabeça o predicado no qual eles são sufixados. A tabela a seguir exibe os sufixos pronominais, eles ocorrem em diferentes classes, mas o que nos interessa aqui, é verificar os sufixos pronominais que se anexam ao verbo, portanto, a tabela a seguir vai apenas exibir os sufixos que podem desempenhar a função de objeto de um verbo transitivo ou S_O de um verbo intransitivo estativo.

Tabela 67 - Sufixos de marcadores de pessoa em Yine-Piro

	OBJ/ S_O
1sg	-no
2sg	-yi
3sg.m	-l̵i/-r̵i
3sg.f	-lo/-ro
1pl	-w̵i
2pl	-hi
3pl	-na

Fontes: HANSON, 2010, p.48

6.1.8.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti

Segundo Mihas (2015), os pronomes vinculados são índices de pessoas que se ligam aos verbos e aos nomes, tendo uma posição fixa em relação à raiz hospedeira. Os prefixos designam o sujeito dos verbos transitivos e intransitivos ativos, enquanto que os sufixos marcam os objetos dos verbos transitivos e o sujeito de um verbo estativo. A tabela a seguir exibe os marcadores pronominais em Asheninka.

Tabela 68 - Marcadores de pessoa em Ashéninka

	sujeito	**objeto**
1sg	n(o)-	-na
2sg	p(i)-	-mi
3sg.m	i- ~ y- ~ Ø	-ri
3sg.f	o- ~ Ø-	-ro
1pl	a- ~ Ø-	-ai

Fonte: MIHAS, 2015, p.135

Observem que na tabela retirada do trabalho da autora, ela não coloca a 2ª ou a 3ª pessoa do plural. Não encontramos no trabalho da autora uma explicação do por quê esses pronomes não estão presentes na língua. Em Caquinte ocorre a mesma situação, os marcadores de pessoa não exibem a 2ª ou a 3ª pessoa do plural, como podemos ver na tabela abaixo.

Tabela 69 - Marcadores de pessoa em Caquinte

	sujeito	**S_O/ objeto**
1sg	n- ~ no-	-na
2sg	p- ~ pi-	-Npi
3sg.m	i- ~ ir- ~ iri-	-Ø/ -ri
3sg.f	o- ~ Ø-	-Ø/ -ro
1pl	a- ~ Ø-	-ahi

Fonte: CASTILHO-RAMIREZ, 2017, p.40

A língua Nanti também se comporta de forma semelhante às outras línguas do seu subgrupo, não apresentando a 2ª e a 3ª pessoa do plural, isso parece um padrão comum

encontrado nessas línguas. A tabela abaixo exibe os clíticos de marcadores de pessoa em Nanti.

Tabela 70 - Marcadores de pessoa em Nanti

	A/S	**OBJ/ S_O**
1sg	no=	=na
2sg	pi=	=Npi
3sg.m	i=	=ri, =ni
3sg.f	o=	=ro, =ni
1pl	a=	

Fonte: MICHAEL, 2008, p.267

6.1.8.2.5 Amuesha: Amuesha

Em Amuesha os prefixos de marcadores pronominais fazem referência ao sujeito do verbo transitivo e intransitivo ativo, quando os sufixos pronominas fazem alusão ao objeto direto e indireto do verbo transitivo e do sujeito do verbo intransitivo estativo S_O. A tabela 71 abaixo exibe os marcadores de pessoa em Amuesha.

Tabela 71 - Marcadores de pessoa em Amuesha

	sujeito	**S_O/ objeto**
1sg	ne-	-aˈn/-na/-en/-n
2sg	pe-	-ap/-ep/-p̃/-p
3sg	Ø-	-e/-eˈ/-aˈ/-y
1pl	ye-	-aˈy/-ay/-ey/-y
2pl	se-	-as/-es/-s
3pl	-et	-an + -et

Fonte: DUFF-TRIPP, 1997, p.73-76

6.1.9 Padrões de marcadores de pessoa nas línguas Arawak

Esta subseção exibe as ocorrências regulares dos morfemas de marcadores de pessoa nas 24 línguas Arawak, seguindo o quadro dos morfemas de marcação pronominal de Aikhenvald (1999). A proposta dessa parte da tese é realizar um estudo comparativo desses morfemas e verificar as ocorrências deles nessas línguas. Primeiramente, observamos o quadro 14 que mostra a distribuição desses morfemas por Aikhenvald e em seguida, observaremos as regularidades e diferenças encontradas, a partir desse quadro em relação às outras línguas selecionadas para esse estudo.

Quadro 14- Padrões dos afixos pronominais de pessoa por Aikhenvald em Arawak

	Prefixos	**Objeto**
1sg	nu- ou ta-	na ou te
2sg	pi-	pi
3sg.m	ri- ou i-	ri, i
3sg.f	thu- ou ru-	thu, ru
1pl	wa-	wa
2pl	hi-	hi
3pl	na-	na

Fonte: AIKHENVALD, 1999, p.88

6.1.9.1 Regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Norte-Arawak

Iniciando a análise com as línguas do grupo Norte-Arawak. A língua Wapixana (subgrupo: Rio Branco) exibe os prefixos marcadores de pessoa, fazendo alusão ao sujeito dos verbos transitivos e intransitivos. Há algumas diferenças: a redução de *nu*- para *u*- na 1ª pessoa do singular, a 2ª pessoa é estável mudando apenas a vogal (i- > ɨ-). Existe distinção também entre 3ª pessoa do singular masculino e feminino, com redução da consoante (ri > ɨ) para o masculino e (ru > u) para o feminino. A 1ª pessoa do plural é regular, assim como a 2ª pessoa do plural, contudo, a 3ª pessoa do plural há uma diferença, em Wapixana ocorre *i*- e não *na*-. Os sufixos marcadores de objeto também exibem algumas irregularidades, tais como *–in* (1ªsg) e não *na*-, há mudança de *pi* < *ɨp* na marcação da 2ª pessoa do singular. No que diz à marcação do objeto para terceira pessoa existe apenas uma pequena diferença, em Wapixana é - (ɨ) ɀ̃ - (ɨ) para o masculino e - (ɨ) ɀ (u) para o feminino. Não encontramos no trabalho de Santos (2006) marcação de objeto para as pessoas do plural.

A língua Palikur (subgrupo: Palikur) exibe um padrão diferente do quadro de Aikhenvald (1999). Os prefixos são regulares com algumas mudanças, como por exemplo, consoantes alveolares mudam para velares na terceira pessoa do singular (ri- > gi- = 3ªsg.m/ ru- > gu- =3ªsg.f) e também por ser a única língua da família Arawak a exibir um pronome de 3ª pessoal neutro (-ga/-a/-ni). Há uma pequena distinção da 1ª pessoa do plural (w > u) e o apagamento da vogal *a*. A 2ª pessoa do plural é regular com uma pequena mudança consonantal (hi- > yi-). A língua Palikur exibe distinção de masculino e femino na 3ª pessoa do plural com os prefixos marcadores do singular e mais o sufixo de plural *–kis*, fazendo a forma *gi-...-kis* (M) e *gu...-kis* (F). Em relação aos

marcadores dos sufixos pronominais há algumas diferenças morfofonológica. A língua Palikur exibe vários tipos de alomorfes para a marcação de sufixo. Mas mesmo assim, há certas regularidades com pequenas diferenças, tais como, o sufixo da 1ª pessoa do singular (na- > -un/-n), o sufixo de 2ª pessoa do singular é igual ao quadro de Aikhenvald (1999), e o sufixo de objeto de 3ª pessoa (M/F) é igual aos prefixos de sujeito *(gi-/gu-)*. A 1ª pessoa do plural é regular com o morfema apresentado por Aikhennvald, com apenas a mudança da vogal ou a redução da mesma (-wa > -wi/-w). A 2ª pessoa do plural ocorre a mudança da consoante (-hi > -yi) e os sufixos de marcadores de 3ª pessoa do plural também faz a distinção de feminino e masculino.

A língua Garifuna (subgrupo: Caribe) exibe poucas diferenças referentes ao quadro de Aikhenvald (1999). Em relação aos marcadores pronominais do sujeito, os prefixos são regulares com algumas alternâncias consonantais, tais como (r- > b-) na 2ª pessoa do singular, a mudança de (r- > l-) para a 3ª pessoa do singular masculina, já a forma feminina há uma redução de (thu- > t-). A 1ª pessoa do plural (wa-) é regular com que é apresentado em Aikhenvald (1999). Já a 2ª e a 3ª pessoa do plural é similar também, mudando apenas da vogal na 2ª pessoa do plural (hi- > hu-) e a mudança de consoante na 3ª pessoa do plural (na- > ha-). No que diz respeito aos sufixos marcadores de objeto, a mudança ocorre apenas na segunda pessoa do singular (-pi > -bu), as formas de terceira pessoa (M, F) são regulares, assim como a 1ª pessoa do plural (-wa). Já o sufixo de objeto de 2ª do plural ocorre com alongamento da vogal /-u:/ e a terceira pessoa é um pouco diferente do que é apresentado por Aikhenvald (1999), por adicionar a semivogal /y/ (-na > -nya).

As línguas Lokono e Wayuu são aquelas remanescentes do TA-Arawak. Elas exibem o prefixo *ta-* para 1ª pessoa do singular, porém, em lokono há uma mudança de consoante (ta- > da-). Em Wayuu e Lokono há mudanças mínimas, tais como (pi- > by-) em Lokono e (pi- > pü) em Wayuu no que diz respeito à segunda pessoa do singular. As duas línguas exibem distinção de gênero na terceira pessoa do singular. Em lokono tem-se (ri > li) na forma masculina e (thu > thy) na forma feminina. Já em Wayuu há também uma irregularidade, como (ri > nü) para a forma masculina e (thu-/ru- > jü-/sü-) para forma femenina. A 1ª pessoa do plural é idêntica nas duas línguas ao quadro de Aikhenvald (1999), assim como a 2ª pessoa do plural, tendo uma pequena diferença em Wayuu (hi- > jü/ja-). A 3ª pessoa do plural é idêntica a forma encontrada no quadro de Aikhenvald (1999). Em relação aos marcadores de pessoa para objeto ou $S_{O,}$ em lokono

não encontramos formas para 1ª e 2 ª pessoa do singular, o mesmo ocorre em Wayuu. Contudo, as duas exibem distinção de gênero na 3ª pessoa do singular para objeto do verbo transitivo ou sujeito estativo. E apenas lokono exibe uma marcação para 1ª pessoa do plural sendo ela {-o}.

Nas línguas do subgrupo Amazônia-Colombiana, apenas, encontramos marcadores pessoais em posição de prefixos. Em Resígaro a 1ª pessoa do singular é regular com a forma exibida por Aikhenvald (1999). Contudo existem algumas alternâncias nos outros marcadores de pessoas, tais como: (pi- > phu-) na 2ª pessoa do singular, (gi- > ri-) na 3ª pessoa do singular masculino, na 3ª pessoa do singumar feminino existe uma mudança significativa (thu-/ru- > do-). A primeira pessoa do plural totalmente diferente do que é mostrado no quadro de Aikhenvald (1999), (wa- > fu-). Na 2ª pessoa do plural, há a redução da consoante, mas se mantém a vogal, sendo uma forma regular (hi- > i-), e por fim, a mudança vocálica da terceira pessoa do plural (na- > nu-) em Resígaro. Já em Achaguá, a 1ª pessoa do singular se mantém, contudo, há variações em outros marcadores, tais como, (pi- > hi-) na 2ª pessoa do singular, mudança mínima na 3ª pessoa singular masculina (ri- > li-) e também na forma feminina (ru- > žu-). Diferente de Resígaro, a 1ª pessoa do plural se mantém em Achaguá, assim como a 2ª e a 3ª pessoa do plural. Em Achagua existem sufixos que faz à referência cruzada com o sujeito, são eles: -ečo (M), -eži (F), -enai (1ªPL).

As línguas do subgrupo Alto Rio Negro, Baniwa, Tariana e Warekena exibem algumas regularidades, mas também, algumas diferenças. Em Baniwa a 1ª pessoa do singular é regular com a mudança da vogal (nu- > no-), a 2ª pessoa do singular é igual ao padrão encontrado por Aikhenvald (1999). A 3ª pessoa do singular tanto masculina quanto femina exibe variações minímas (ri- > li-) para forma masculina e (ru- > ɽo-) para forma feminina. A 1ª, 2ª e 3ª pessoa do plural são iguais o que é mostrado no quadro de Aikhenval (1999). Em relação aos sufixos marcadores de pessoa que se referem ao S_O ou objeto, eles se diferem um pouco do padrão exibido pela autora, por exemplo, na 1ª pessoa do singular ocorre a mudança de (-na> -nhoa), na 2ª pessoa ocorre de forma semelhante. Ocorre mudança para 3ª pessoa do singular tanto para o masculino quanto para o feminino: (-ri > -ni ~ -lhia) para o masculino e (ru > -no ~ –ɽhoa) para o masculino. A 1ª pessoa do plural ocorre de forma semelhante, com uma pequena variação (-wa > -whaa), o mesmo ocorre com 2ª pessoa do plural (-hi > -hia), a 3ª pessoa do plural permanece a mesma com o que é encontrado no quadro 14 acima.

Nos dados de Aikhenvald (20003) da língua Tariana, apenas encontramos marcadores de pessoa como prefixos fazendo referência ao sujeito das sentenças. Não encontramos diferenças significativas dos marcadores de pessoa em Tariana dos quais estão expostos no quadro acima. A única diferença e ainda mínima é da 3ª pessoa do singular, para o masculino (-ri > -di) e para o feminino (-ru > -du). A língua Warekena também exibe diferenças mínimas, são elas: (-ru > -yu) da 3ª pessoa do singular feminina, a 2ª e a 3ª pessoa do plural (-hi > -ni) e (-na > -ni). No que diz respeito aos marcadores de objeto, as formas são regulares, com também algumas diferenças, tais como: 3ª pessoa do singular masculina (-ri > Ø) e feminina (-ru > -yu), a 1ª pessoa do plural (-wa > -wi), assim como a 2ª pessoa do plural (-hi > -ni) e (-na > -ni). E por fim a língua Baré (subgrupo: Orinoco) que apenas encontramos prefixos pronominais de pessoas, estes são bastante regulares com os prefixos exibidos por Aikhenvald (1999) no quadro acima, existe algumas variações mínimas, como por exemplo: a mudança da consoante da 2ª pessoa do singular (pi > bi), e também a mudança de (hi > in) da 2ª pessoa do plural.

6.1.9.1 Distribuição estatística das regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Norte-Arawak

Observamos que ao descrever as regularidades e variações dessas línguas em relação ao que foi proposto por Aikhenvald (1999), encontramos algumas diferenças do que foi exposto sobre os afixos pronominais da autora sobre essas línguas e as que foram selecionadas aqui. A proposta desta subseção é verificar a distribuição desses morfemas nessas línguas e verificar diferentes padrões. Deste modo, noves línguas exibem regularidades em relação a 1ª pessoa do singular {-nu}, são elas Wapixana[123], Palikur, Garifuna, Resígaro, Achagua, Baniwa, Tariana, Warekena e Bare. Já Lokono e Wayuu exibem a forma {-ta} na 1ª pessoa do singular. A 2ª do singular é bastante regular, em todas 11 línguas, ocorrendo apenas algumas alternâncias, como já foi mostrado na subseção acima. A 3ª pessoa do singular, tanto na forma masculina quando na forma feminina é o que mais apresenta variações. Todas elas exibem formas não regulares com que foi exposto por Aikhenvald, já que há variações de consoantes, apagamento das mesmas, alternância consonantal e de vogal, etc.

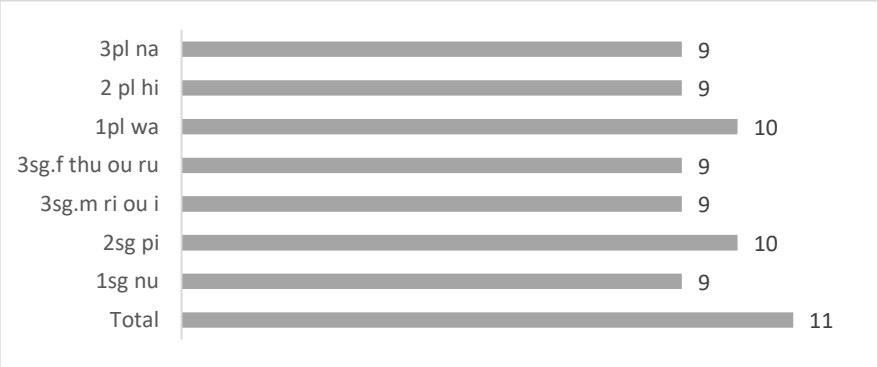
No que diz respeito aos prefixos de marcadores de pessoas no plural, a 1 ª pessoa é bastante regular, ocorrendo uma única diferença em Resígaro (wa- > -fu), no mais, elas são semelhantes do que está no quadro de Aikhenvald (1999). A 2ª pessoa do plural ocorre

[123] No wapixana há a queda da consoante nasal, mas o [+ nasal] é presente na vogal.

de forma regular em oito línguas (Wapixana, Palikur, Garifuna, Lokono, Resígaro, Achagua, Baniwa, Tariana) mas todas elas exibem o apagamento de *h*-, ou a alternância da vogal. Existem variações pequenas em Wayuu (hi- > jü-), Warekena que muda (hi > ni) e Baré (hi> in). E por fim, a 3ª pessoa do plural {na-} ocorre de forma regular em nove línguas, apenas em Wapixana e Palikur há diferença.

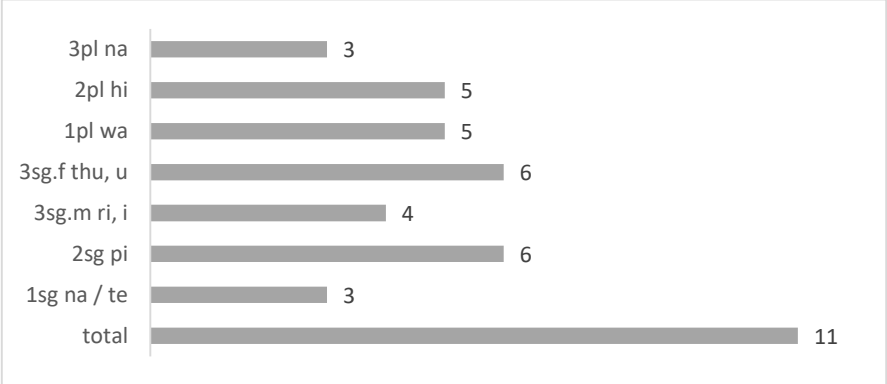
Em relaçao aos sufixos pronominais, verificamos que nem todas essas línguas exibem marcadores pronominais de sufixos, em relação a ocorrência deles com os prefixos, é de acordo que os prefixos pronominais são mais comuns do que os sufixos. Por exemplo, a forma {-na} da primeira pessoa do singular, ocorre apenas em três línguas: Garifuna, Baniwa e Warekena, já a forma {-pi} e suas variações ocorrem em cinco línguas: Wapixana, Palikur, Garifuna, Baniwa e Warekena. As formas masculinas e femininas são as mais recorrentes de ocorrer em posição de sufixos, elas ocorrem na maioria das línguas que exibe marcadores de sufixos pronominais. A forma {-wa} ocorrem de forma regular em quatro línguas, em Lokono há uma diferença de (-wa > -o). A forma {-hi} de 2ª do plural ocorre em Palikur, Garifuna, Lokono, Baniwa e Warekena, e por fim, a forma sufixada {-na) da 3ª do plural ocorre em três línguas: Garifuna, Baniwa e Warekena. O gráfico, a seguir, exibe a distribuição desses afixos de marcadores pronominais nas línguas do grupo Norte-Arawak.

Gráfico 11 - Ocorrência dos prefixos pronominais nas línguas do Grupo Norte-Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Gráfico 10 - Ocorrência dos sufixos pronominais nas línguas do Grupo Norte-Arawak



Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Adiante, verificaremos a distribuição dos afixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.1.9.2 Regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Sul-Arawak

Observando o quadro de Aikhenvald (1999), as línguas do grupo Sul-Arawak tendem a ter mais variações do que aquelas do grupo Norte-Arawak. A língua Terena (subgrupo: Bolívia-Mato Grosso do Sul) exibe como 1ª pessoa do singular um traço [+ nasal], a 2ª pessoa do singular também é diferente do que foi exposto por Aikhenvald (pi- > y= ou <i>, <e>), ocorrendo o apagamento da consoante ou a mudança total do morfema. A língua não faz distinção de gênero na 3ª pessoa, sendo o mesmo marcado com o morfema Ø. A 1ª pessoa do plural também teve modificação (wa- > v=), a 2ª pessoa também houve alternância de (hi- > y=) e também houve mudança na 3ª do plural de (wa- > Ø=/hiko=). Em relação aos marcadores de objeto ou S_O, ocorre as seguintes ocorrências: modificação da vogal (-na > =nu, 1SG.OBJ), o morfema {-pi} de 2ª pessoa do singular/objeto se conserva da mesma forma, a 3ª pessoa singular/objeto é marcada com *{=a}* em terena, independente do gênero do referente. Existe mudança da 1ª e 2ª pessoa do plural (-wa > =vi), (-hi > =pi ou =noe), enquanto a 3ª pessoa do plural também é marcada com *{=a}* ou {-hiko}.

Os marcadores de objeto em Baure não são obrigatórios e não encontramos no trabalho de Danielsem (2007) marcação pronominal de objeto, mesmo sabendo que eles possam existir, por conta dos exemplos exibidos pela autora. Contudo, neste momento, mostraremos só que conseguimos encontrar, que são os prefixos pronominais de sujeito transitivo e intransitivo. A 1ª pessoa do singular é regular com que é exposto por Aikhenvald (1999), a 2ª pessoa do singular também é regular. A língua exibe distinção

de gênero na 3ª pessoa do singular, sendo regular com o padrão da Aikhenvald (1999): (ri- = ri=, 3SG.M) e (ru = ro 3SG.F). A 1ª e a 2ª pessoa do plural são semelhantes com Terena, sendo {vi=} para 1ª PL, e {yi=} para 2ª PL. A 3ª pessoa do plural é análogo com a 3ª pessoa do plural (na > no) do quadro de Aikhenvald (1999).

As línguas do subgrupo Paresi-Xingu (Wauja, Mehináku, Yawalapiti, Paresi) se comportam de formas semelhantes. Todas elas exibem {nu-} como 1ª pessoa do singular e todas elas exibem {pi-} como 2ª do singular. Contudo, assim como Terena, elas não fazem distinção de gênero na 3ª pessoa do singular. Em Wauja utiliza-se os morfemas {ʒa-/Ø-}, em Mehináku além do {Ø=} existe a forma {ɨ=}, em Yawalapiti também é {i-} em Paresi, além do {Ø=} que ocorre nos pronominais de sujeito, há a forma {e=} que ocorrem em nomes e posposições (cf. BRANDÃO 2014). Há algumas mudanças mínimas da 1ª pessoa do plural. Em Wauja (wa- > ji-), em Mahináku há o apagamento de /w/, mudando (wa- > a=), em Yawalapiti também há uma pequena modificação (wa- > ua). Já Paresi, ocorre da mesma forma semelhante com que foi proposto no quadro de Aikhenvald (1999) quando este morfema está no grupo B, quando ele faz parte do grupo A, ocorre apenas uma variação da vogal (wa- > wi=). A 2ª pessoa do plural ocorre de forma semelhante em Waujá, Mehináku e Yawalapiti. Entretando, em Paresi há uma mudança de (hi > xi) no grupo A e de (hi > za) no grupo B de proclíticos. E por fim, a 3ª do plural é marcada por {Ø-} em Wauja, por {inɨ=, ɨn, ɨ=} em Mehináku por {i- ~ in~ ij ~ Ø} em Paresi ocorre apenas uma forma sufixada {=ene}. Não encontramos nos dados dos autores, outros marcadores pronominais sufixados.

As línguas do subgrupo Piro-Apurinã (Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro) exibem formas semelhantes do quadro proposto por Aikhenvald (1999), mas também há algumas diferenças. Todas elas exibem {nu-} e suas variações na 1ª pessoa do singular, o mesmo ocorre com a 2ª pessoa do singular, exibindo a forma {pi-} ou suas variações. Todas elas fazem distinção de gênero na 3ª pessoa do singular de forma análoga ao quadro da Akhenvald (1999), exibindo {ri-} para o masculino e {ru-} para o feminino, com algumas variações, mas nada discrepante. Como por exemplo, em Apurinã o apagamento de /r/ em ambos morfemas e a mudança de (u- > o- 3SG.F), em Maxinéri a mudança da vogal (ri- > rɨ-), em Yine-Piro o apagamento das vogais e a mudança de (rV- > tV- 3SG.F). A 1ª pessoa do plural se conserva nas três línguas, havendo apenas algumas alterações como o apagamento de /w/ em Apurinã sendo a forma {a- 1PL}, a forma {wa- 1PL} se conserva em Maxinéri, mas a vogal muda dependendo da raiz. Em Yine-Piro também há o apagamento da vogal, sendo a forma na língua {w-}. A 2ª pessoa do plural {hi-} é

semelhante com Apurinã, mas diferente em Maxinéri que apresenta a forma {x-}. Apurinã e Maxinéri exibem distinção de gênero também na 3ª pessoa do plural, em Apurinã sendo (u/o-...-na) e Maxinéri (r/t- ... –na), já Yine-Piro exibe apenas (r-...na) sem distinção de gênero para terceira pessoa do plural.

Em relação aos marcadores pronominais sufixados de objeto ou $S_{O,}$ há algumas diferenças, tais como: (-na > -ru) em Apurinã, em Maxinéri e Yine a 1ª pessoa do singular/objeto se conserva, mudando apenas a vogal (-na > -no). A 2ª pessoa {-i} se conserva em Apurinã já em Maxinéri ocorre pequenas modificações, tais como (-hi, -i > ji) e Yine também (-hi, -i > yi). A 3ª pessoa do objeto é marcada nessas línguas. Em Apurinã ocorre a forma (-ri > -ru 3ª SG.OBJ.M) e (-u > -ru, 3ª SG.OBJ.F), em Maxinéri não ocorre mudanças significativas para 3ª pessoa (SG.OBJ.M ri > rɨ ~lɨ), mas ocorre para o feminino (SG.OBJ.F -u > -ro ~lo). No que concerne à 1ª pessoa do plural os sufixos se mantêm, ocorrendo algumas variações nas vogais, tais como (-wa > -wɨ). A 2ª pessoa do plural também se conserva, havendo apenas mínimas modificações. Em Apurinã (-hi > -i), em Maxinéri (-hi > -xi) e em Yine-Piro se conserva o morfema {-hi}. E por fim, a 3ª pessoa do plural, com exceção de apurinã que muda (-na > -ru (M), ro (F)), as outras duas línguas exibem o morfema {-na} como exibido em Aikhennvald (1999).

As línguas Campa são as que mais se semelham ao quadro de Aikhenvald (1999). Todas elas exibem {nu} e suas variantes para 1ª pessoa do singular, elas também exibem {-pi} e suas variantes para 2ª pessoa do singular. Elas exibem distinção de gênero na 3ª pessoa do singular, com formas semelhantes {i-} para o masculino, ocorrendo a mudança da vogal apenas para forma feminina (u- > o-). Todas elas exibem a 1ª pessoa do plural reduzida (wa- > a-), tais línguas não exibem marcação pronominais para 2ª e 3ª pessoa do plural. No que diz respeito aos sufixos pronominais que fazem referência ao objeto ou ao $S_{O,}$ a 1ª pessoa {-na} se conserva nas três línguas, a 2ª pessoa também se conserva, contudo, há uma modificação em Asheninka (-pi > -mi). As três exibem distinção de gênero na 3ª pessoa para o objeto, marcadas de forma semelhantes. Em Ashéninka, Caquinte e Nanti conserva-se o {-ri} para forma masculina e ocorre uma modificação na forma feminina (-u > -ro). Nessas línguas, o morfema {-wa} da 1ª pessoa do plural há uma redução para {-a}, menos em Caquinte que ocorre a forma {-ahi}.

E por fim, o subgrupo Amuesha. A língua Amuesha exibe alguns prefixos pronominais semelhantes e outros que divergem do quadro da Aikehvald (1999). A forma {nu-}, 1ª pessoa do singular e suas variantes se conserva em Amuesha, a forma {pi-} da 2ª pessoa do singular e suas variantes também. Em Amuesha não há distinção de gênero,

sendo a 3ª pessoa do singular não marcada {Ø-}. A 1ª, 2ª e 3ª pessoa do plural se divergem totalmente do que foi exposto por Aikhenvald, como podemos observar: (wa- > ye-, 1ª PL), (hi- > se-, 2ª PL) e (na- > -et, 3ª PL). Em relação aos sufixos pronominais em Amuesha, ocorre bastante variações alomórficas. Porém, conseguimos encontrar algumas regularidades tais como o morfema {-na, 1SG.OBJ/S_O} e {pe > p, 2ª OBJ/S_O}, já os outros se comportam de tipos diferentes do que vimos no quadro de Aikhenvald (1999). Adiante, verificaremos a distribuição desses morfemas nas línguas do Grupo Sul-Arawak.

6.1.9.3 Distribuição estastíticas das regularidades e variações dos afixos pronominais das línguas do Grupo Sul-Arawak

Observando os dados dessas línguas, verificamos que a 1ª pessoa do singular {-nu} e suas variantes são predominantes em 12 línguas (Baure, Wauja, Mehináku, Yawalapiti, Paresi, Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro, Asheninka, Caquinte, Nanti e Amuesha) apenas a língua Terena não exibe essa forma, uma vez que, ocorre um fenômeno de nasalidade para 1ª do singular. A 2ª pessoa do singular {pi-} é a segunda mais recorrente, ocorrendo em 11 línguas do grupo Sul-Arawak (Baure, Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro, Ashéninka, Caquinte, Nanti e Amuesha). No que diz respeito à 3ª pessoa do singular, com exceção de Terena e as línguas do subgrupo Paresi-Xingu e Amuesha, as outras exibem distinção de prefixo pronominal para o masculino e feminino.

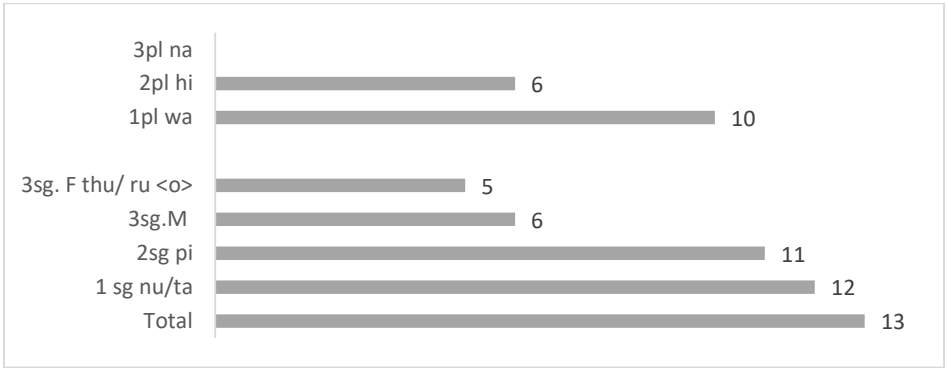
Dentre essas línguas, seis delas exibem formas semelhantes ao morfema exposto no quadro de Aikhenvald que é {ri- ou i- 3ªSG.M}, são elas: Bauré, Maxinéri, Yine-Piro, Asheninka, Caquinte, Nanti. Em Apurinã, ocorre a mudança da vogal de (i- > o-). No caso da 3ª pessoa singular feminino, há um contraste bastante evidente, a maioria dessas línguas não exibem a forma {ru- ou ro-/–u}, mas sim uma alternância para {o-}, isso foi encontrado em cinco línguas (Baure, Apurinã, Ashéninka, Caquinte e Nanti). Já Maxinéri e Yine-Piro exibem (t-/tV-) para 3ª pessoa singular feminina.

Na questão dos prefixos marcadores do plural, a forma {-wa} e suas variações é presente em dez línguas, são elas: Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi, Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro, Ashéninka, Caquinte e Nanti. As outras línguas, tais como, Terena, Baure e Amuesha exibem formas diferentes. As línguas do grupo Campa não exibem nem a 2ª e nem a 3ª pessoa do plural. A forma {-hi} e suas variantes foram encontrada em seis línguas (Baure, Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Apurinã e Yine-Piro). Já a forma {na-3ªPL} é encontrada apenas em Baure.

Em relação aos sufixos pronominais que designam o objeto ou S_O. Encontramos sete línguas que exibem a forma {na-} e suas variantes, são elas: Terena, Maxinéri, Yine-Piro, Ashéninka, Caquinte, Nanti e Amuesha. Já a forma {-pi} ocorre de forma regular em seis línguas: Terena, Apurinã (com apagamento de p), Ashéninka, Caquinte, Nanti e Amuesha. Já a forma de 3ª pessoa singular masculina ocorre de forma regular {-ri/-i} em sete línguas: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro, Asheninka, Caquinte e Nanti, já a forma femina {-ru} ocorre de forma regular em seis línguas: Apurinã, Maxinéri, Yine-Piro, Ashénika e Nanti. A 1ª pessoa do plural {-wa} ocorre em seis línguas: Apurinã, Yine-Piro, Maxinéri, Ashéninka, Caquinte e Nanti. Já a 2ª pessoa do plural {-hi} ocorre de forma regular em Apurinã e Yine-Piro, e por fim, a 3ª pessoa do plural {-na}, ocorre em Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro.

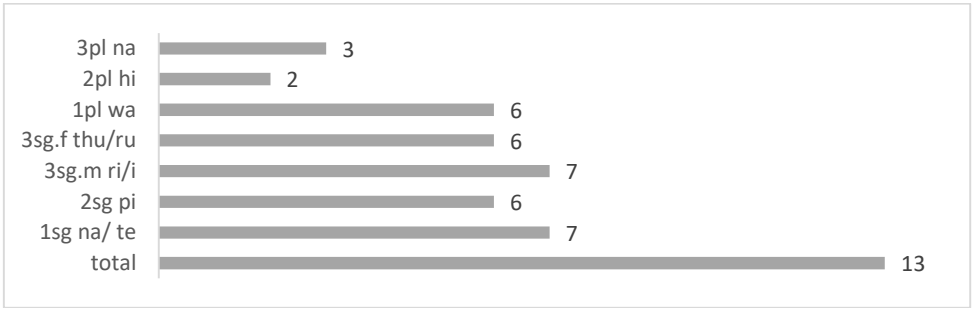
Os gráficos, a seguir, resumem a distribuição desses afixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak.

Gráfico 11 - Diistribuição de prefixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Gráfico 12 - Distribuição dos sufixos pronominais nas línguas do grupo Sul-Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

6.1.9.4 Distribuição geral dos afixos pronominais das 24 línguas Arawak selecionadas

Aikhenvald (1999, p.88) ao fazer o quadro dos padrões pronominais das línguas Arawak, observou algumas questões que também foram colocadas aqui. Por exemplo, a

autora observa que a forma do prefixo de 1ª pessoa do singular *n-* ou *t-* podem coexistir no Proto-Arawak. A distribuição de *t-* é encontrada apenas nas línguas do extremo norte, aqui encontramos essa forma apenas em Lokono (com a mudança de *t-* > *d-*) e em Wayuu. Nas outras línguas é utilizado apenas a forma *n-* para 1ª pessoa do singular. Ela também observa que a primeira e a segunda pessoa do singular sofreram modificações. No caso das línguas observadas aqui, as modificações são mais presentes na 2ª pessoa do plural e na 3ª pessoa do plural, já a 1ª pessoa do plural aparenta ser regular nessas línguas, com algumas pequenas exceções. Aikhenvald também observou que em Amuesha, Terena, Wauja e Paresí usam {Ø-} para designar a 3ª pessoa do singular que não é marcada, esse morfema também pode ser encontrado em Mehináku, que também ilustra outra forma para 3ª pessoa que é {i-}. Em Paresí, {-e} apenas ocorre em nomes, para marcar a terceira pessoa em sintagmas nominais.

No que concerne aos marcadores de 3ª pessoa para distinção de gênero, com exceção das línguas que não exibem formas diferentes para feminino e masculino, elas se comportam de forma semelhante ao quadro, mas há algumas exceções, por exemplo: Garifuna, Lokono, Wayuu, Resígaro, Achagua (para forma feminina), Tariana, Warekena (para forma feminina). Mudança de vogal em Apurinã (i- > u- 3ªSG.M / u- > -o- 3ªSG.F), em Maxinéri e Yine-Piro ocorre mudanda de consoante para forma feminina (ru- > tV-), já nas outras línguas ocorre também a mudança de (u- > o 3ª SG.F). Em relação aos marcadores de sufixos pronominais não há tanta divergência, porém, algumas línguas não exibem esses marcadores de sufixo, tais como: Resígaro, Achagua, Tariana, Baré, Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi. O quadro abaixo exibe uma proposta preliminar adaptada do quadro de Aikhenvald dos padrões afixais das 24 línguas selecionadas para essa pesquisa, a partir do que foi observado até o momento.

Quadro 15 - Padrões de marcação pronominal das 24 línguas Arawak

	Prefixos	Objeto
1sg	nu- ou ta-	na
2sg	pi-	pi
3sg.m	ri-/ɾi ou i- <u>	ri, i
3sg.f	ro	ru/ u <o>
1pl	wa-	wa
2pl	hi-	hi
3pl	na-	na

Fonte: Elaborado pela autora, 2023

Apesar de algumas diferenças, o quadro acima corrobora com o de Aikhenvald (1999) com a distribuição dos afixos pronominias nas línguas Arawak. Esse estudo não objetiva realizar uma reconstrução dos afixos pronominais da família, mas tem como finalidade verificar os padrões para um estudo posterior e histórico-comparativo dos afixos pronominais família Arawak. A tabela 72 abaixo exibe a distribuição dos prefixos pronominais encontrados nas 24 línguas Arawak selecionadas nesta tese e a tabela 73 exibe os sufixos pronominais dessas línguas. A distribuição é realizada a partir do quadro de Aikhenvald (1999) e também pelas pequenas modificações realizadas desse quadro por mim, nesse estudo.

Tabela 72 - Distribuição dos prefixos pronominais nas línguas Arawak

Línguas	1SG. {NA}	1SG {TA}	2SG {PI}	3SG.M {RI/I <U>}	3SG.F{ U-/RO-}	1PL {WA-}	2 PL {HI}	3PL {NA}
Wapixana	sim	não	sim	sim	sim	sim	sim	não
Palikur	sim	não	sim	não	não	sim	sim	não
Garifuna	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	sim
Lokono	não	sim	sim	sim	não	sim	sim	sim
Wayuu	não	sim	sim	sim	não	sim	não	sim
Resígaro	sim	não	sim	não	não	não	sim	sim
Achagua	sim	não	não	sim	não	sim	sim	sim
Baniwa	sim	não	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Tariana	sim	não	sim	não	não	sim	sim	sim
Warekena	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	sim
Baré	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	sim
Terena	não	não	não	não	não	não	não	não
Baure	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	sim
Waujá	sim	não	sim	não	não	sim	não	não
Mehináku	sim	não	sim	não	não	sim	não	não
Yawalapiti	sim	não	sim	não	não	sim	não	não
Paresi	sim	não	não	não	não	sim	não	não
Apurinã	sim	não	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Maxinéri	sim	não	sim	não	não	sim	não	sim
Yine-Piro	sim	não	sim	sim	não	sim	sim	sim
Ashéninka	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Caquinte	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Nanti	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Amuesha	sim	não	sim	não	não	não	não	não
Total	21	2	21	14	8	21	11	13

Fonte: Elaborada pela autora, 2023.

Tabela 73 - Distribuição dos sufixos pronominais nas línguas Arawak

Línguas	1SG. {NA}	1SG {TE}	2SG {PI}	3SG.M {RI/I }	3SG.F{ THU/RU }	1PL {WA-}	2 PL {HI}	3PL {NA}
Wapixana	não	não	sim	sim	sim	não	não	não
Palikur	sim	não	sim	não	não	sim	sim	não
Garifuna	sim	não	não	sim	sim	não	sim	sim
Lokono	não	não	não	sim	não	não	não	não
Wayuu	não	não	não	não	não	não	não	não
Resígaro	não	não	não	não	não	não	não	não
Achagua	não	não	não	não	não	não	não	não
Baniwa	sim	não	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Tariana	não	não	não	não	não	não	não	não
Warekena	sim	não	sim	não	não	sim	sim	sim
Baré	não	não	não	não	não	não	não	não
Terena	sim	não	sim	não	não	não	não	não
Baure	não	não	não	não	não	não	não	não
Waujá	não	não	não	não	não	sim	não	não
Mehináku	não	não	não	não	não	sim	não	não
Yawalapiti	não	não	não	não	não	sim	não	não
Paresi	não	não	não	não	não	sim	não	não
Apurinã	não	não	sim	sim	sim	sim	sim	não
Maxinéri	sim	não	não	sim	sim	sim	não	sim
Yine-Piro	sim	não	não	sim	sim	sim	sim	sim
Ashéninka	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Caquinte	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Nanti	sim	não	sim	sim	sim	sim	não	não
Amuesha	sim	não	não	não	não	não	não	não
Total	11	0	9	10	9	13	6	5

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Assim sendo, verificamos que apesar de haver uma tendência regular dos afixos pronominais com o estudo de Aikhenvald (1999), as tabelas exibem algumas divergências, principalmente em relação aos prefixos de 3ª pessoa do singular e também dos marcadores de objetos, já que não encontramos dados em todas as línguas. A seguir, verificaremos um outro aspecto interessante e que merece uma atenção bem grande sobre os estudos das línguas Arawak: Tempo, Aspecto e Modo.

6.2 Tempo, aspecto e Modo nas línguas Arawak

Essa seção busca, brevemente, descrever alguns aspectos tipológicos sobre um dos subsistemas mais interessante da morfologia verbal de uma língua: tempo, aspecto e modo, (doravante TAM, cf. GIVÓN, 2011). T. Payne (1997) afirma que "tempo, aspecto e modo são operações que ancoram ou fundamentam a informação expressa em uma oração de acordo com sua orientação sequêncial temporal ou epistemológica" (p.233)[124]. De acordo com o autor, o tempo é associado com a sequência de eventos em tempo real, o aspecto com a estrutura temporal interna de uma situação, enquanto, modo relata as atitudes dos falantes em relação à situação ou ao compromisso do falante com a probabilidade de que a situação seja verdadeira ou não. T. Payne (ibdem) explica que depois da valência, o aspecto é a operação mais comum associada com verbos.

Nos estudos translinguísticos de Bybee (1985, p.31), em uma amostra de 50 línguas, o subsistema TAM ocorre da seguinte forma: o aspecto aparece em 74% desses idiomas, seguindo de modo com 68% e tempo com 50 %. As línguas Arawak analisadas nessa pesquisa exibem, frequentemente, esse subsistema, sendo uma característica tipológica comum, já que a maioria exibe todos ou uma parte deles. A proposta neste estudo é analisar os morfemas que designam essas subcategorias e realizar um estudo comparativo para verificar as regularidades ou diferenças desse subsistema e também analisar os morfemas que designam o TAM nas 24 línguas de análise. TAM é um subsistema difícil de separar em algumas línguas (cf. T. PAYNE, 1997). T. Payne (1997) explica que os formativos TAM podem ser combinados com tempo, aspecto, modo e evidencialidade, além de conceitos locacionais e direcionais. Deste modo, as línguas podem exigir uma atenção maior no tempo, outras no aspecto e outras no modo. Essas operações também podem coocorrer juntas.

[124] tense, aspect and mode are operation that anchor or ground the information expressed in a clause according to its sequential temporal, or epistemological orientation.

Deste modo, T. Payne (1997) assinala que certas combinações de operadores TAM podem ocorrer com frequência maior do que o acaso, enquanto outras combinações logicamente possíveis podem ocorrer raramente ou nunca. Para o autor, grupos (geralmente pares) de operadores que comumente se agrupam são algumas vezes referidos como ***hipermorfemas*** (cf. T. PAYNE, 1997, p.234). O autor argumenta que muitas línguas são analisadas como tendo o sistema de tempo como mais relevante, quando de fato, na verdade, é o aspecto o parâmetro mais relevante em uma língua. Além do mais, o autor ressalta que algumas línguas podem não permitir certas operações, enquanto outras as favorecem. Assim sendo, um dos objetivos é, analisar qual desses tipos ocorrem com mais frequência nas línguas de análise.

Além disso, T. Payne explica que não é raro que o sistema de TAM em uma língua interaja de maneira significativa com outros subsistemas aparentemente distintos, tais como, marcação de caso nominal ou referência de participante. As línguas também podem exibir TAM juntos com marcadores de pessoa. No que diz respeito à divisão desse subsistema, T. Payne ressalta que alguns linguistas pensaram nessas três categorias como distintas, pelo fato delas serem bem delimitadas nas línguas indo-europeia. Contudo, como já mencionado, nem sempre é fácil distinguir um sistema do outro. O autor explica que as operações que ocorrem em TAM nos verbos, nos sintagmas verbais, provavelmente, têm intervalos semânticos indistintos e seu significado pode variar dependendo do verbo ao qual estão ligados, ou a marcação de caso, ou as outras características do núcleo do SN (sujeito e objeto) na oração (cf. T. PAYNE, 1997). Por isso, é difícil delimitar essas operações nas línguas, uma vez que, muitas delas exibem tais sistemas concomitamente. Entretanto, por uma organização melhor, esta subseção, é dividida em três partes. Primeiramente, iremos analisar a subcategoria de tempo, em seguida do aspecto e por último da modalidade.

6.2.1 Categoria de tempo

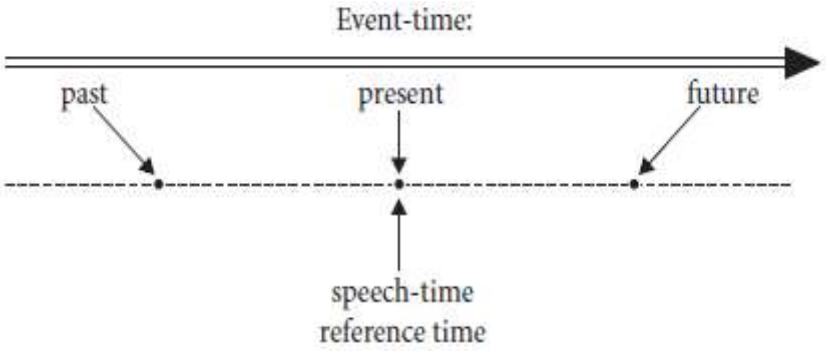
Segundo Givón (2001), a categoria do tempo envolve a codificação sistemática da relação entre dois pontos ao longo da dimensão linear ordenada no tempo: tempo referente e tempo do evento. Whaley (1997) argumenta que o tempo é considerado para ser um tipo *dêixis*. Assim sendo, "um elemento dêitico ancora um enunciado para seu contexto imediado" (p.205)[125]. T. Payne (1997, p.236) afirma que "o tempo é a expressão gramatical da relação do tempo de um evento para algum ponto referente no tempo,

[125] Deictic elements anchor an utterance to its immediate context.

geralmente no momento em que a oração é proferida"[126]. Givón (2001) argumenta que o ponto de referência temporal não marcado (padrão) em relação às sentenças de evento/estado é ancorado no tempo da fala. Para o autor, a ancoragem temporal a esse ponto de referência padrão é chamada de tempo absoluto.

De acordo com Givón (ibdem), é fácil ver que o tempo é fundamentalmente um fenômeno pragmático ao invés de semântico-proposicional, ancorando a proposição a um ponto temporal fora de si. No caso do tempo absoluto, o autor explica que a oração, na medida que é proferida, está ancorada no ato da fala atual que é realizado por um determinado falante no momento exato em que a oração é enunciada. Assim, Givón ressalta que ancoragem temporal, neste caso, tempo absoluto, pode ser representado esquematicamente como:

Figura 31- Tempo e ancoragem temporal



Fonte: GIVÓN, 2001, p. 286

Em consonância com a figura 31, podemos distinguir três principais divisões de tempo: passado, futuro e presente. Givón (ibdem) assinala que ainda há um quarto tipo, um pouco obscuro para ele, que é o habitual. Para T. Payne (1997), as línguas dividem essa noção conceitual para fins de marcação gramatical de diferentes maneiras, provavelmente, além dessa elencada por Givón, uma outra mais comum, é a distinção bidirecional, passado/não passado ou futuro/não futuro (cf. T. PAYNE, 1997).

Para Timberlake (2007, p. 304), o tempo *passado* é aquele que a situação se mantém num intervalo anterior ao aqui-e-agora da fala e, por implicatura, não mais no aqui-e-agora da fala, ou seja, a situação é conhecida com certeza e é considerada

[126] Tense is the gramatical expression. of the relation of the time of an event to some reference point in time, usually the moment the clause is uttered.

responsável pelo aqui-e-agora, mas que já aconteceu, é limitada. Já o *futuro* é uma situação que se mantém em um intervalo posterior ao aqui-e-agora da fala e (normalmente) ainda não no aqui-e-agora da fala. Assim, a situação só pode ser projetada e antecipada a partir do aqui e agora. O *presente* é a situação que se mantém durante um intervalo que inclui o momento da fala e, potencialmente, o tempo imediatamente anterior e o imediatamente seguinte; a situação pode ser conhecida diretamente e coexistir com outras situações (cf. TIMBERLAKE, 2007). E por fim, o *habitua (aspecto)l*, elencado por Givón (2001), que é aquele cujo evento (ou estado) da fala ocorre sempre repetidamente e o tempo do evento não pode ser especificado.

Para Givón (2001, p.286), as expressões habituais não são sobre nenhum evento em particular, portanto, não são sobre nenhum evento-tempo, faltando um tempo crucial. O autor acredita que existem motivos para tratar o habitual como uma subcategoria de aspecto imperfeito, uma vez que, assim como outros imperfeitos, ele pode se cruzar com vários tempos verbais. Além disso, "o habitual também tem uma interação saudável com a modalidade irrealis. Assim, línguas individuais podem agrupá-lo como uma subcategoria de imperfeito ou irrealis" (GIVÓN, ibdem, p.286)[127]. Givón ressalta que além do tempo absoluto, uma língua pode ter a mesmas divisões de tempo (presente, passado e futuro) e ancorá-las a um ponto de referência temporal precedendo (passado) ou seguindo (futuro) o tempo da fala. O autor denomina isso de *tempo relativo*. E por fim, uma língua pode ter subdivisões de tempo, tais como: passado remoto *vs* passado recente, futuro imediato *vs* futuro distante etc (GIVÓN, 2011).

6.2.2.1 Categoria de tempo nas línguas Arawak

Deste modo, dado as concepções sobre o tempo, iremos agora observar essa operação nas línguas 24 línguas Arawak analisadas, sempre respeitando a divisão de, primeiramente, analisar as línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida as línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.1.1 Línguas do grupo Norte-Arawak
6.2.1.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Na língua Wapixana, o tempo passado é representado pelo morfema de não-presente (cf. SANTOS, 2006), o mesmo ocorre com o futuro. O presente não exibe uma marca morfológica na língua, esse tempo ocorre juntamente com os morfemas de modo

[127] […] the habitual also has a healthy interaction with the irrealis modality. So that individual languages may lump it together as either a sub-category of the imperfective or of irrealis

imperativo e indicativo (ver § 6.2.3.1.1), quando os mesmos estão ausentes, por vezes, o tempo presente pode aparecer sem o marcador de modo indicativo. Já o tempo futuro ocorre com o marcador de modo indicativo (*-n)* e o morfema não presente (*-nɨː*). Na verdade, Santos (2006) afirma que em Wapixana as categorias de modo e tempo parecem funcionar de modo integrado "de forma que seu sistema de marcação recorre a apenas dois morfemas marcadores fundamentais, o de modo indicativo ***-n*** e o de não-presente – ***-nɨː*** que, funcionando em conjunto" (p.161). Os exemplos abaixo exibem os tempos verbais em Wapixana.

(532) Wapixana

i. Tempo passado

a. Ũ-maku-***nɨː***
1SG-ir-NPRES
'Eu fui'

ii. Tempo presente

b. ɨ-ɽɨ pauw-a-***n*** kanakaɖ ʐakap iː
3SG.M.M plantar-EP-MI maniva roça LOC
'Ele planta maniva na roça'

c. Auwaɽɨ mabuʐka-ʔu ka-buʔu-t kabaɨn ʃĩbaiɽĩŋaː
Vento forte-ADJ ATR-laço-VR casa cobertor
'Vento forte derruba o telhado de casa'

i. Tempo futuro

d. Ũ-tum-a-***n-nɨː*** awaɽi-b-a-j
1SG-fazer-EP-MI-NPRES vento-TCL:PALHA-EP-N.POSS
'Vou fazer um abano'

e. Ɨ-ɽɨ ka-ʐĩm-aː-p-a-***n*** kupaɨ pa-nik-a-***n-nɨː***
3SG.M.M ATR-TCL:FOGO-ʔ-EP-MI peixe ANF-comer-EP-MI-NPRESS
'Ele está assando peixe para comer'

(SANTOS, 2006, p.168 (a); p.166 (b); p.167 (c); p.169 (d,e))

6.2.1.1.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

De acordo com Launey (2003), a língua Palikur não exprime a categoria de tempo de forma morfológica, ou seja, a língua não marca o tempo. O autor argumenta que o passado, presente e futuro são expressas pela classe dos advérbios e não há marcação nenhuma no verbo ou no sintagma nominal. Os exemplos abaixo exibem a categoria de tempo em Palikur.

(533) Palikur

i. Tempo passado

a. Minikwak ig wewa
ADV 3SG.M caçar

‘Autrefois il chassait’
‘Ele costumava caçar’

b. Minikwak ig mekesh
ADV 3SG.M médico

‘Autrefois il etáit médecin’
‘Ele era médico’

ii. Tempo presente/habitual

c. Avanenekwa ig wewa
ADV 3SG.M caçar

‘Il chasse tout le temps’
‘Ele caça a todo tempo’

d. Avanenekwa ig ay
ADV 3SG.M ADV

‘Il est tout le temp là’/ ‘Ele está lá o tempo todo’

iii. Tempo Futuro

e. Aysawnemenek ig wewa
ADV 3SG.M caçar

‘Plus tard il chasera’
‘Mais tarde ele caçará’

f. Aysawnemenek ig mekesh
ADV 3SG.M médico

‘Plus tard, il sera médecin’
‘Mais tarde, ele será médico’

(LAYNEY, 2003, p.163)

6.2.1.1.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna não exibe formas morfológicas para marcar o tempo. A categoria de tempo vem concomitamente com aspecto. Deste modo, como o aspecto é a operação mais relevante que o tempo, iremos trata-los juntos na subseção (§ 6.2.2) que trata do aspecto.

6.2.1.1.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

O tempo em Lokono é uma categoria que ocorre concomitamente com o aspecto. Contudo, alguns dados de Pet (2011) exibem sufixos verbais que fazem referência ao tempo. Dessa forma, o passado não é marcado, contudo o passado contínuo é marcado

com o sufixo *–ja*, o presente contínuo é marcado com *–bo*, e o futuro com *–fa*, como podemos verificar a seguir.

(534) Lokono

i. Tempo passado/passado contínuo

a. Da-ka
1SG-banhar-se

'I bathed'
'Eu tomei banho'

b. Da-ka-***ja***
1SG-banhar-se-PASS.RECENTE

'I bathed/was bathing'
'Eu banhei/ eu estava tomando banho'

ii. Tempo presente (contínuo)

c. Da-ka-***bo***
1SG-banhar-se-PRES.CONT

'I am bathing'
'Eu estou banhando'

iii. Tempo futuro

d. Da-ka-***fa***
1SG-banhar-se-FUT

'I will bathe'
'Vou tomar banho'

(PET, 2011, p.102)

A marcação morfológica de tempo também não foi encontrada nos estudos da língua Wayuu, mas a língua exibe o tempo conjuntamente com aspecto e modo (cf. ÁLVAREZ, 2017)

6.2.1.1.1.5 Subgrupo Amazônia Colombiana: Resígaro e Achagua

Resígaro exibe três tipos de morfemas temporais que são estabelecidas sob a base de diferenças internas. O presente não é marcado, enquanto o passado (recente/remoto) é marcado por duas formas: *-mi* (PASS.REC) e *–pe* (PASS.REM) e o futuro é marcado pelo sufixo *–vá*. Os exemplos, abaixo, exibem o tempo passado e futuro em Resígaro.

(535) Resígaro

i. Tempo passado (recente/remoto)

a. Nokótsa naapiʔéʔ-***mi*** ǰakáde-kóo noʔpí
Ontem manhã-PASS.REC campo-DAT 1SG-ir

'Yesterday morning, I went to the field'
'Ontem de manhã, fui ao campo'

b. Hideeʔtsíhee-***ʔpe*** anáagí kainée pi-khu
Quando-PASS.REM anta morto 2SG-fazer

'When Did you kill the tapir?'
'Quando você matou a anta? '

ii. Tempo futuro

c. Anepuuʔ nodoʔphaava-***vá*** maaʔtsa no

Muito 1SG-trabalho-FUT pneu 1SG

'When I work a lot, I get tired'
'Quando trabalho muito, fico cansado'

d. Aáʔpe anepuuʔ eeʔphi khá-**vá** kašooʔ vaʔmitú
Meu pai muito peixe fazer-FUT bem 1PL-comer

'When (each time that) my father catches a lot of fish; we eat well'
' Quando (cada vez que) meu pai pega muitos peixes; nós comemos bem'

(ALLIN, 1976, p.301)

A língua Achagua exibe marcação de tempo para passado (*-wa),* passado remoto (*-mi)* e futuro (*-hoo/inaa)*. Os exemplos abaixo exibem tais marcações de tempo.

(536) Achagua

i. Tempo passado/passado remoto

a. Li-sáta-***wa***-ee li-éemi-***u*** nu-yá
3SG.M-pedir-PASS-FO 3SG.M-ouvir-PASS 1SG-COP
Nu-wówai-kta-ee máanku
1SG-querer-IRR-FO manga

'Me pergunto si queria um mango'
'Eu me pergunto se ele queria uma manga'

b. lé-ee li-áʔa gawiiláni-ka íya-eži-***mi***
ENF-FO 3SG.M-ADV água-AFIR comer-2SG-PASS.REM
kičúli éenibi
gralha cria

' Aquela águila había comido la cria del grajo'
'Aquela águia havia comido os filhotes da gralha'

ii. Tempo futuro

c. Ya nu-ya tána yáhča nu-máa-ka-***hoo***
CONJ 1SG-COP querer SOC 1SG-dormir-AFIR-FUT

'Y yo, con quién dormiré? '
'E eu, com quem vou dormir? '

d. Nu-yá-i-***inaa*** médaca
1SG-COP-APROX-FUT fazer
'Yo lo haré'
'Eu farei'

(WILSON, 1992, p.107 (a, b); p.109 (c); p.110 (d))

6.2.1.1.1.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Ramirez (2001b, p.218) afirma que o tempo verbal em Baniwa indica se a situação adjetivo-verbal é realizada no passado, no presente ou no futuro. O autor assinala que em Baniwa-Curripaco, a categoria do tempo pode ser expressa: por palavras que são advérbios de tempo, por adjetivos, ou por certos sufixos tais como o de passado remoto –*pia* ou de futuro –*watsa*. Aqui verificaremos apenas a categoria de tempo sendo expressa por esses sufixos.

(537) Baniwa

i. Tempo passado remoto

a. Wa-aa-nhi-***pia***-ka wa-hiɽaphita
1PL-andar-PASS-SUB 1PL-sofrer

'Naquele tempo, andávamos sofrendo'

b. Maanali-ka-walhi-***pia***-wha wa-heematha-pia hoɽe
Perde-se-TEMP.2-PASS-1PL 1PL-gritar-PASS-ADV.MUITO

'Quando nós perdemos (passado), gritamos muito'

c. neemi-***pia*** manope kophe Iniali-liko
Haver-PASS ADV.MUITO peixe Içana-LOC

' (No passado) havia muitos peixes no Rio Içana'

d. Oopi ɲame-***pia*** no-aanhee no-dana-ka
No passado NÃO-PASS 1SG-saber 1SG-escrever-SUB

'Antes, eu não sabia escrever'

(RAMIREZ, 2001b, p.223)

ii. Tempo Futuro

e. No-aa-***watsa***-wa
1SG-ir-FUT-MED

'Irei'

f. No-aa-ka-***watsa*** no-iitsa.leta théewa-iina
1SG-ir-SUB-FUT 1SG-pescar amanhã

'Irei pescar amanhã'

g. Maliome-ka-***watsa*** tsiino
Morrer-SUB-FUT cachorro

'O cachorro vai morrer'

(RAMIREZ, 2001b, p.219)

Em Tariana, Aikhenvald (2003) afirma que em sentenças afirmativas, a língua distingue quatro tempos: presente, passado recente, passado remoto e futuro. Dentro desses quatro tempo não-futuro existem quadro especificação para evidencialidade: visual, não-visual, inferido e reportado. Esse sistema foi desenvolvido sobre pressão

areal. Os sufixos de tempo não-presente foi uma mudança realmente induzida pelo contato com a língua Tukano (cf. AIKHENVALD, 2003). Aikhenvald (2003) argumenta que, como a maioria das línguas Tukano oriental, a língua Tariana marca todas as escolhas de evidencialidade no tempo passado. A tabela 74 exibe os morfemas de evidencialidade e tempo em sentenças afirmativas em Tariana.

Tabela 74 - Morfemas de tempo-evidencialidade em sentenças afirmativas em Tariana

	PRES	PASS.REC	PASS. REM
Visual	-naka	-ka	-na
N. Visual	-mha	-manka	-nhama
Inferida (genérica)		-sika	-sina
Inferida(específica)		-minka	-nhima
Reportada	-piada	-pidaka	-pidana

Fonte: AIKHENVALD, 2003, p.289

Os exemplos abaixo exibem os verbos sendo marcados pelo tempo-evidencialidade em Tariana.

(538) Tariana

i. Tempo passado recente/remoto

a. Nuha-misini hipe-kade-***na***
Eu-também:PART.CONTR Terra-NEG-PASS.REM-VIS
'Me too, I have never had any land (and still have one)'
'Eu também, nunca tive terra (e ainda tenho) '

b. Kamaɾa na-ñha-***ka***
Cupins 3PL-comer-PASS.REC.VIS

'Termites have eaten (i) (and are still eating)'
'Os cupins comeram (e ainda estão comendo) '

c. Makaɾa-***sika***
Secar-PASS.REC-INF

'Must be dry'
'Deve estar seco'

d. Di-a-kaɾu-***pidana***
3SG.N.F-ir-REPORT.VIS-PASS.REM

'He will come reportedly (I have acquired this information a long time ago.)'
'Ele virá supostamente (eu adquiri esta informação há muito tempo) '

ii. Tempo presente

e. Wa-whe-ɾi di-ñami-ka-naka
1PL-avô-M 3SGNF-morrer-DECL-PRES.VIS

'Our grandfatther is dying'
'Nosso avô está morrendo'

f. Di-a-kaɾu-pida
3SG.NF-ir-REP.PRES.REP

'He will come reportedly (I have just acquired this information)'
'Ele virá supostamente (acabei de adquirir esta informação) '

(AIKHENVALD, 2003, p.291 (a); p.290 (b); p.291 (c), p. 293 (d, f); p. 290 (e))

Não encontramos dados de tempo futuro marcado ou não marcado em Tariana. E por fim, a língua Warekena não tem marcadores de tempo obrigatórios. Normalmente, a forma verbal é não marcada. Aikhenvald (1998) argumenta que advérbios e expressões de tempo são usadas para especificar a referência de tempo, entretanto, em alguns casos, existem clíticos que marcam o passado remoto (=ɣaɭe) e o futuro (=paʃia), como ilustrado a seguir.

i. Tempo passado (remoto)

a. Wa-patata-***ɣaɭe*** benamiʧi amani
1PL-trabalho-PASS.REM ADV seiva

'Long ago we worked on sap (we are not doing it now any more)'
'Há muito tempo trabalhávamos na seiva (não estamos mais fazendo isso agora) '

b. Nu-ʃia-***ɣaɭe*** Barewe weñapa nu-ʃa weneʃi-waba
1SG-viver-PASS.REM Manaus-LOC depois 1SG-ir Xie-DIR

'I lived in Manaus long ago, after that I went to Xie'
'Eu morei em Manaus a muito tempo atrás, depois fui para o Xie'

ii. Tempo futuro

c. Ya-**paʃia**-hã nu-yenita-pia-hã
NEG-FUT-PAUS 1SG-rir-NEG-PAUS

'I shall not laugh'
'eu não vou rir'

d. Wa-ʃa wa-paɭa-**paʃia**-hã
1PL-ir 1PL-correr-FUT-PAUS
'Let's run later'
'Vamos correr depois'

(AIKHENVALD, 1998, p.335 (a, b); p.336 (c, d))

Não encontramos dados que exibem alguma formação morfológica do tempo presente.

6.2.1.1.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

A língua Baré trata tempo e aspecto em uma mesma categoria. Aikhenvald (1995) explica que, frequentemente, o tempo passado é indicado no começo da narrativa, com ajuda do advérbio *wakadahawaka* 'tempo atrás' e a forma verbal não é marcada e é usada de forma direta na narrativa, formas para o presente também não foram encontradas nos dados das autoras (cf. OLIVEIRA, 1993; AIKHENVALD, 1995). Já o futuro, ele tem duas formas. Assim, para expressar um futuro próximo e intencional, construções com verbos seriais são realizadas com o verbo *–hiwa* 'ir' e para expressar um sentido de futuro geral, o enclítico *=beke* é usado. Os exemplos abaixo exibem o tempo futuro em Baré.

(539) Baré

i. Tempo futuro

a. Bi***híwa*** beyéhewa kuhũ idˈúaɻi ***beke*** bini
2SG-tirar SG-DAT homem bom FUT você

'You take it (the headache) from yourself, you will be fine'
'Você tira isso (a dor de cabeça) de você, você vai ficar bem'

b. I-mahá niku bi-témuda ***beké***
3SG.NF-dizer 1SG-DAT 2SG-ouvir FUT

'He said to me, you listen'
'Ele me disse, você vai escutar'

(AIKHENVALD, 1995, p.31)

6.2.2.2.2 Línguas do grupo Sul-Arawak

6.2.2.2.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

A língua Terena não exibe marcação de tempo morfológicamente no passado ou presente, mas exibe um sufixo *–mo* que pode marcar o tempo futuro nos verbos. (cf. ROSA, 2010; NASCIMENTO, 2012). Oliveira (2021) contesta esse morfema como marca temporal e o coloca como um morfema que faz parte do modo *irrealis*. O argumento da autora para inserir esse morfema no modo irrealis é que na sua análise tal modo expressa " situações que não correspondem necessariamente a fatos, atua de forma a expressar desejo, vontade da realizacao de uma ação, sem, contudo, ser um fato que realmente ocorrerá" (p.150). A autora se baseia nos pressupostos de Palmer (1986) que afirma que a distinção entre modo e modalidade é similar ao tempo gramatical do tempo não gramatical. Em consonância com Oliveira, trataremos esse morfema na subseção que trata sobre modo e modalidade em Terena. Na língua Baure também não encontramos dados que possam exibir marcação de tempo e nem de modo, apenas exibindo descrições detalhadas sobre o aspecto.

6.2.2.2.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti e Paresi

Postigo (2014) afirma que em Waujá o tempo pode ser expresso por meio de advérbios temporais e sufixos que exprimem noção temporal. O passado nessa língua é marcado pelo morfema {-wɨ}, o presente não exibe nenhuma marcação, contudo é usado junto ao verbo o sufixo de aspecto imperfectivo (cf. 6.2.3.2.2). Já o tempo futuro é marcado morfologicamente por {-we}. Os exemplos a seguir exibem a marcação morfológica de tempo em Waujá.

(540) Waujá

i. Tempo passado

a. Sɨkutɨ hu-aˈmaka-***wɨ***
Sɨkutɨ VBLZ-rede-PASS
'A Sɨkutɨ dormiu'

b. Arapawá aˈiNʧa-***wɨ*** kuˈpatɨ
Arapawá comer-PASS peixe
'Arapawa comeu o peixe'

c. ʐa-ˈhaN uˈnupa-***wɨ*** jaˈka
3sg-enf ver-pass jacaré
'Ele viu o jacaré'

ii. Tempo Futuro

d. Nu-hu-amaka-***we***
1SG-VBLZ-rede-FUT
'Eu dormirei'

e. N-eˈpehe-***we*** hɨtaj
1SG-assar-FUT carne
'Eu assarei a carne'

(POSTIGO, 2014, p.161)

A língua Mehináku não exibe marcação morfológica específica para marcar passado e o presente. Nesse caso, os verbos são apenas não marcados. Já no caso do tempo futuro, ele é marcado com eclítico *=la*. Os exemplos exibem isso.

(541) Mehináku

iii. Tempo passado

a. Ija ɨ=tenu ulei-ʧe=ku=hã
3.ir 3=COM mandioca-CLF: PLANO=DECL=ENF
Pataka ɨ=tenu ulei-ʧe=ku=hã
3.sentar 3=COM mandioca- CLF: PLANO=DECL=ENF
'Ele foi com ele na roça, sentou com ele na roça'

b. Tɨʂawaitsa n=ija putaka=naku
Dias.atrás 1SG=ir aldeira=LOC

‘Esses dias eu fui à aldeia’

(DE FELIPE, 2020, p.346)

ii. Tempo presente

c. Jamukuhi aiʃa ɨʂi=pai
Criança comer DEM=IPFV

‘A criança come agora’

d. Ɨʂi=pai amunau akama
DEM=IPFV cacique morrer
‘O cacique morreu agora’

(DE FELIPE, 2020, p.347 (c); p. 348 (d))

iii. Tempo futuro

e. Nu=taputa=***la*** uni=wa
1SG=nadar-FUT água=PERL

‘Eu vou nadar na água’

f. Au=apaí-tsa=***la***
1PL=canto-VBLZ=FUT
‘Nós cantaremos’

(DE FELIPE, 2020, p.348)

A língua Yawalapiti não exibe marcação morfológica para tempo, apenas para aspecto e modo, o que será tratado adiante. E por fim, a língua Paresi, exibe marcação de tempo morfologicamente nos verbos. Para o passado, utiliza-se o eclítico *=ene* e futuro *=ite*, mas não marca tempo presente.

(542) Paresi

i. Tempo passado

a. Q: zoare Luciano Ø=tyoma-ita kafaka
O que Luciano 3SG=fazer-IPFV ontem
‘What was Luciano doing yesterday?’
‘O que Luciano estava fazendo ontem? ’
A: Ø=zane Ø=maira-tya-ita ***=ene***
3SG=ir 3SG=pescar-TH-IPFV =PASS

‘He was fishing’
‘Eele estava pescando’

b. Elizabeth taite-hena ***=ene*** Ø=tyaona-ita
Elizabeth apenas-TRS =PASS 3SG=viver-IPFV

‘Only Elizabeth was living here then’
‘Apenas Elizabeth estava morando aqui então’

(BRANDÃO, 2014, p.286 (a); p. 287 (b))

ii. Tempo futuro

c. Makani=ya=na ***=ite*** ali ma-haliti-hare
Amanhã=IRR=? =FUT aqui NEG-pessoa-MASC
Ø=tyoa-hena Ø=irai-aka-tya maheta
3SG=vir-TRS 3SG=conversar-TH PROP

'Next week, the non-Indian will come to talk'
'Semana que vem, vem o não índio para conversar'

d. Q: zoare ***=ite*** hi=ximarene Ø=tyom-ita
O que =FUT 2SG=irmão.mais.novo 3SG=fazer-IPFV
Wa=hikoa-hene-re hoka
1PL=sair, aparecer-trs-nmlz COM

'What will your brother be doing when we arrive?'
'O que seu irmão estará fazendo quando chegarmos? '
A: ha=fira=haliya-ita ***=ite***
3SG=limpar=PROX-IPFV =FUT

'He will be cleaning up the field'
'Ele estará limpando o campo'

(BRANDÃO, 2014, p. 290)

6.2.2.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

A língua Apurinã exibe dois tipos de marcação formal para o tempo: não futuro e o futuro. O não-futuro não é marcado morfologicamente e pode referir-se para uma estrutura de tempo anterior do momento da fala (passado) ou ele pode incluir o momento da fala (o 'aqui e o agora'), ou ainda, pode fazer referência para um futuro imediato (cf. FACUNDES, 2000). Já o futuro é marcado morfologicamente com o morfema *–ko*. Facundes (2000) ressalta que esse tempo futuro se refere para um tempo não imediato. Os exemplos a seguir exibem a marcação de tempo em Apurinã.

(543) Apurinã

i. Tempo não-futuro

a. Mipa imata-ru a-sãkire
Mipa saber-3m.obj 1pl-língua

'Mipa knows our languages'
'O Mipa conhece as nossas línguas'

b. Akirita i-txa-ro owa
Chamar 3SG.M-AUX-3SG.F.OBJ 3SG.F

'He called her'
'Ele chamou ela'

c. Katana kuunuru-sawaku ata kako-rewa-ta
Amanhã Kuunuru-Temp 1pl mastigar-katsoparu-intrs-vblz

'Tomorow we're going to chew "katsoparu" during the Apurinã festival'
''Amanhã vamos mascar "katsoparu" na festa de Apurinã'

(FACUNDES, 2000, p.515)

ii. Tempo Futuro

d. Iye Ø-oka-pe-no-na-***ko***
PTT 3M-matar-PFV-1SG.OBJ-3PL-FUT

'So, they will kill me'
'Então, eles vão me matar'

e. Apakata-***ko*** kamõĩ-sawaku (...) apakata-***ko*** uwã a-sa-ru
Depois-FUT verão-TEMP depois-FUT ADV 1PL-ir-3M.OBJ

'Later in the summer (...) then we go there'
'Mais tarde no verão (...) depois vamos lá'

(FACUNDES, 2000, p.514)

A língua Yine-Piro não codifica o tempo por marcação morfológica, mas sim aspecto e modo. E por último, a língua Maxinéri que não exibe uma descrição plausível sobre TAM na língua.

6.2.2.2.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

Em Asheninka, Mihas (2015) argumenta que a língua exibe um sistema simples de tempo que faz a distinção entre passado e não passado. De acordo com a autora, a morfologia do tempo inclui três marcadores verbais, como o Passado Remoto *–ni*, o anterior *–it* e o genérico anterior *=ranki* que sinaliza que a situação ocorreu antes do tempo de enunciação, ou antes de algum ponto no passado, ou antes de algum ponto no futur (cf. MIHAS, 2015). Os exemplos abaixo exibem a marcação de tempo em Ashéninka.

(544) Asheninka

i. Tempo passado remoto

a. Anta amen-a-ri-***ni*** pairani otzishi-ki=nta
DEM.ADV 1PL.A.ver-REAL-3M.OBJ-PASS.REM ADV Colina-LOC=DEM

'We saw it [a mythical creature] long ago over there, on that hill'
'Nós vimos isso [uma criatura mítica] há muito tempo lá, naquela colina'

b. [Ari o-moink-atz-i-ri]
PP 3N.M.SG-redemoinho-PROG-REAL-REL
[Irojatzi-o-tzim-a-ve-t-a-***ni***] nijaa]
TOPIC-3N.M.SG-ser-EP-FRUST-EP-REAL-PASS.REM água

'There was a whirlpool there, when there was a river long ago
[since then, the stream has dried up]'
'Havia um redemoinho lá, quando havia um rio há muito tempo
[desde então, o riacho secou]'

(MIHAS, 2015, p.261)

ii. O passado anterior/ mais que perfeito

c. Maatsi int-a-ro-ri i-saik-***it***-a aka
EXIST começar-REAL-3N.M.OBJ-REL 3M.S-ser-PASS.ANT-REAL DEM.ADV

‘There was a founder [of the village], he had lived here before we/others did’
‘Teve um fundador [da aldeia], ele já tinha morado aqui antes nós/outros fizemos’

d. Iritaki _ant-tz-***it***-ak-a-ro
3M.EXH-FOC fazer-EP-PASS.ANT-PFV-REAL-3N.M.OBJ

‘He is the one who had done it before others did’
‘Ele é o único que tinha feito isso antes que os outros fizessem’

(MIHAS, 2015, p.264)

Este mesmo sufixo pode fazer referência ao futuro. Mihas (2015, p.263) afirma que no contexto do futuro, o sufixo *-it* indica que um determinado evento ocorrerá antes de algum ponto no futuro.

iii. Tempo Futuro (não-passado)

e. Iri pok-***it***-acha-ni
3M.TOP vir-FUT-STAT-REAL.IRR

‘He is the one who will come before others’
‘Ele é quem virá antes dos outros’

f. Iro int-ia-ro-ni o-n-kam-***it***-ia
3N.M.TOP começar-IRR-3N.M.OBJ-REL.IRR 3N.M.SG-irr-MORRER-FUT-IRR

‘She is the one who will be dying before others’
‘Ela é quem vai morrer antes dos outros’

(MIHAS, 2015, p.264)

De acordo com Mihas (2015), o enclítico *=ranki*, exibe uma gama de significados temporais, abrangendo um presente perfeito, um futuro perfeito e um passado perfeito. Desta forrma, a autora afirma que ele sinaliza que o evento tem resultado, ainda valendo no momento da fala ou em qualquer outro momento que sirva como ponto de referência temporal, conforme mostrado a segui.

iv. Marcação de tempo por *=ranki*

g. [y-atsik-ak-i-ro=***ranki*** otsitzi]
3M.A-moder-PFV-REAL-3N.M.OBJ-TEMP cachorro
[ira-aty-a]
3N.M.SG-chorarr-PROG-REAL]

‘The dog has bitten her, [as a result] she is crying’
‘'O cachorro a mordeu, [como resultado] ela está chorando’

(MIHAS, 2015, p.265)

Em Caquinte não há uma forma morfológica para expressar o tempo. Apesar de Swift (1988) trata-lo em seu trabalho, os morfemas apresentados pelo autor são mais

relacionados para questão de aspecto do que de tempo verbal. Em Nanti, não encontramos também alguma descrição de marcação morfológica sobre o tempo na língua.

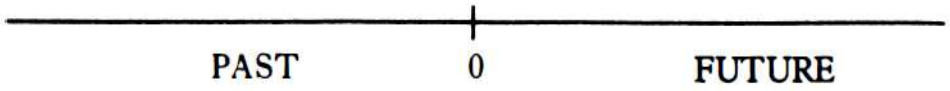
6.2.2.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha aparentemente não exibe nenhuma marcação morfológica para o tempo, ele ocorre conjuntamente com aspecto na língua.

6.2.2.2.6 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas Arawak

Aparentemente, a categoria do tempo gramatical é uma operação não tão relevante nas línguas Arawak, sendo pouco marcada morfologicamente. A marcação quando ocorre é, frequentemente, no passado ou futuro, poucos casos se marca o tempo presente. Desta forma, seguindo o raciocínio de Comrie (1985, p.2) assumiremos que o tempo pode ser representado como uma linha reta, com o passado representado convencionalmente à esquerda e o futuro à direita. Já o presente será marcado com 0, como mostra a figura retirada de Comrie (1985, p.2).

Figura 32 - Representação do tempo



Fonte: COMRIE, 1985, p.2

Essa representação permite representar as variações de padrões sobre o tempo nas línguas do mundo. O diagrama também pode representar as línguas analisadas nessa pesquisa, já que o presente em muitas delas é representado por zero. O tempo gramatical nas línguas Arawak é uma categoria que ocorre concomitamente com aspecto ou com modo. Assim sendo, iremos analisar a distribuição dessa categoria nas línguas do grupo Norte-Arawak, e em seguida, nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.2.6.1 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas do grupo Norte-Arawak

Iniciando a análise com a língua Wapixana (subgrupo: Rio Branco), o tempo nessa língua ocorre conjuntamente com modo. A língua marca apenas o passado e o futuro com o mesmo morfema *–nɨ*. A língua Palikur (subgrupo: Palikur) não exibe marcação morfológica de tempo, a categoria é expressa pela classe dos advérbios. A língua Garifuna (subgrupo: Caribe) não exibe marcação morfológica de tempo. No subgrupo TA-Arawak, apenas a língua Lokono exibe morfermas que marcam tempo. A língua exibe o morfema *–ja* (passado recente), o sufixo *–bo*, marcando o presente contínuo e o *–fa* para marcar o

tempo futuro. As línguas do subgrupo Amazônia-Colômbiana exibem marcações morfológicas para marcar o tempo passado e futuro. Em Resígaro, o tempo passado é marcado com *–mi* (PASS.REC) e *-pe* (PASS.REM) e futuro pelo suxifo *–vá*. Na língua Achaguá, o passado é marcado com *–wa* (PASS.REC) e o *–mi* (PASS.REM) e o futuro é marcado com *-hoo/inna*.

As línguas do subgrupo Alto Rio-Negro exibem algumas marcações morfológicas. Em Baniwa marca formalmente o passado com *–pia* e o futuro com *–watsa*. A língua Tariana exibe um padrão de tempo conjuntamente com o sistema de evidencialidade, um padrão influenciado pelas línguas Tukano oriental no qual o idioma tem contato fluentemente. Dessa forma, a língua exibe diferentes marcações morfológicas para o passado, seja ele recente ou remoto e marca o presente. Não encontramos nos dados de Aikhenvald (2003), a marcação morfológica de tempo futuro. Já a língua Warekena exibe a marcação morfológica para o passa *–ya.le* e marca o futuro *-paʃia*, o tempo presente não é marcado. Em Baré (subgrupo: Orinoco), apenas existe marcação morfológica do futuro que ocorre através de um verbo auxiliar *hiwa* e pelo clítico *=beke*. O tempo-aspecto é uma categoria que ocorre concomitamente em Baré. A tabela abaixo exibe os morfemas morfológicos que marcam o tempo nas línguas do grupo Norte-Arawak.

Tabela 75 - Distribuição de marcação morfológica do tempo nas línguas do grupo Norte-Arawak

Subgrupo	Línguas	passado (rec/rem)	presente	futuro
Rio Branco	Wapixana	***-ni***	***Ø***	***-ni***
Palikur	Palikur	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Caribe	Garifuna	***Ø***	***Ø***	***Ø***
TA-Arawak	Lokono	***-ja***	***-bo***	***-fa***
	Wayuu	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Amazônia-Colômbiana	Resígaro	***-mi/-pe***	***Ø***	***-vá***
	Achaguá	***-wa/-mi***	***Ø***	***-hoo/-inna***
Alto-Rio Negro	Baniwa	***-pia***	***Ø***	***-watsa***
	Tariana	***-ka/-manka/-sika/-ninka -pidaka/-na/-nham/-sina/-nhina -pidana***	***-naka/ -mha/ -piada***	***Ø***
	Warekena	***–ya.le***	***Ø***	***-paʃia***
Orinoco	Baré	***Ø***	***Ø***	***-hiwa/ =beke***
Total	11	7	1	4

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

6.2.2.2.6.2 Padrões tipológicos sobre a categoria de tempo nas línguas do grupo Sul-Arawak

As línguas do grupo Sul-Arawak exibem poucas marcações morfológicas para tempo, a maioria dessas línguas, a categoria de tempo não é marcada. As línguas do subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul não exibem marcação morfológica. Já os idiomas do subgrupo Paresi-Xingu, com exceção de Yawalapiti que não exibem nenhuma distinção morfológica para tempo, as outras exibem para passado e futuro, presente não é marcado. A língua Waujá exibe marcação morfológica para o passado *-wɨ* e futuro *–we*, a língua Mehináku apenas para o futuro *–la* e a língua Paresi exibe marca morfológica para o tempo passado *=ene* e futuro *=ite*.

Das línguas do subgrupo Piro-Apurinã, a maioria não exibe marcação de tempo, contudo em Apurinã exibe apenas uma marcação para o futuro *–ko*. Nas línguas do subgrupo Campa, apenas Asheninka exibe marcação de tempo passado, *-ni/-it* 'passado e futuro' e futuro *–it*, além disso, a língua exibe um clítico de tempo geral que pode fazer referência ao presente perfeito, *=ranki*. Em Amuesha também não encontramos qualquer marcação morfológica de tempo. Nessa língua, tempo e aspecto ocorre simultaneamente. A tabela 76 exibe a distribuição morfológica da categoria de tempo nas línguas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 76 - Distribuição de marcação morfológica do tempo nas línguas do grupo Sul-Arawak

Subgrupo	Línguas	passado (rec/rem)	presente	futuro
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	***Ø***	***Ø***	***Ø***
	Baure	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Paresí-Xingu	Waujá	***-wɨ***	***Ø***	***-we***
	Mehináku	***Ø***	***Ø***	***-la***
	Yawalapiti	***Ø***	***Ø***	***Ø***
	Paresí	***=ene***	***Ø***	***=ite***
Piro-Apurinã	Apurinã	***Ø***	***Ø***	***-ko***
	Maxinéri	***Ø***	***Ø***	***Ø***
	Yine-Piro	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Campa	Asheninka	***-ni/-it***	***=ranki***	***-it***
	Caquinte	***Ø***	***Ø***	***Ø***
	Nanti	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Amuesha	Amuesha	***Ø***	***Ø***	***Ø***
Total	13	3	1	5

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

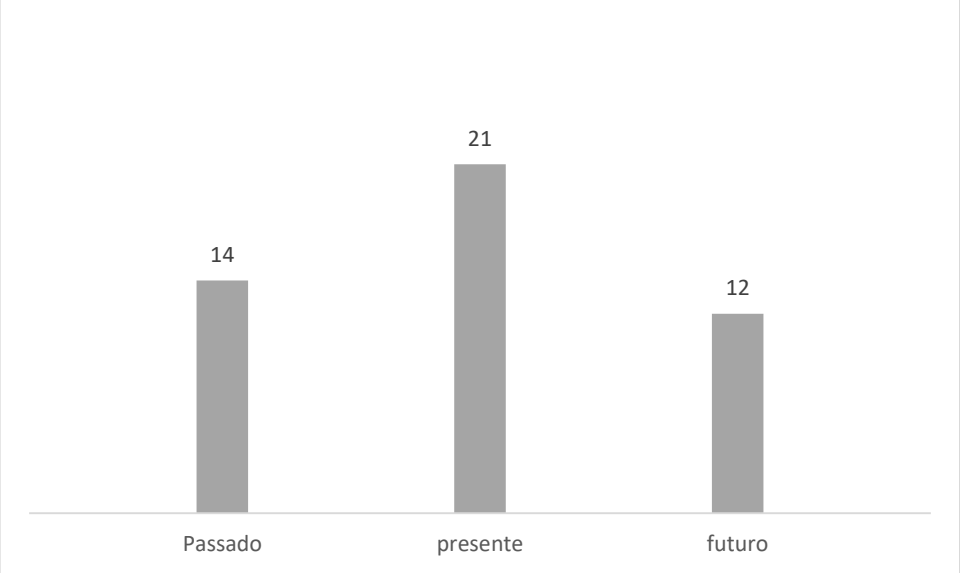
A tabela 76 acima mostra que a marcação do tempo é menos relevante para o grupo Sul-Arawak do que no grupo Norte-Arawak. Poucas línguas exibem marcação de

tempo nessas línguas, uma predominância pequena ocorre no tempo futuro. A subseção, a seguir, resume de forma geral o subsistema de tempo nas línguas Arawak.

6.2.2.2.6.3 Distribuição tipológicas sobre a categoria de tempo nas línguas Arawak

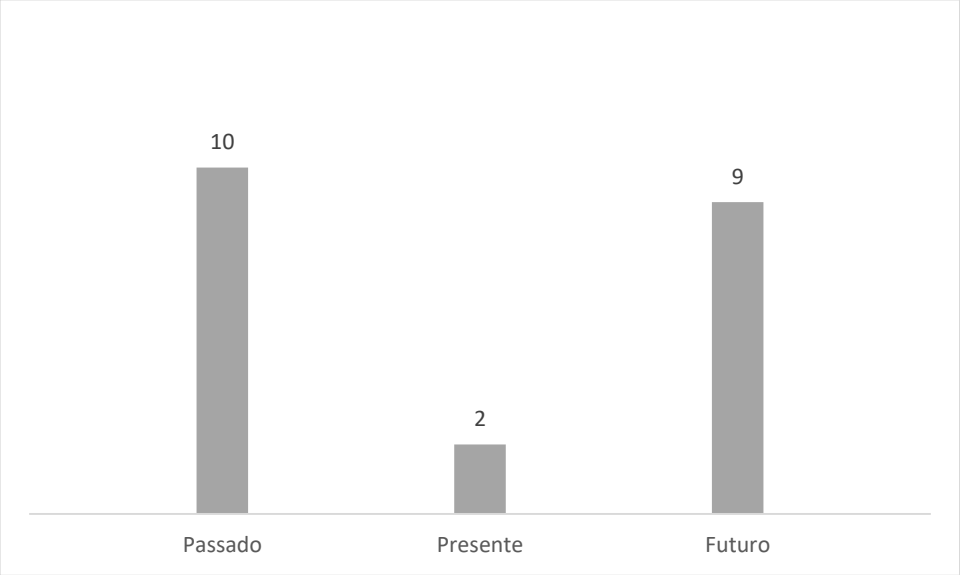
No site da *Wals*, Dahl e Velupillai (2013) mostram que 88% das línguas não exibem nenhuma marcação gramatical de distinção passado/não-passado. Nas línguas Arawak, 14 línguas não exibem marcação no passado, 21 não exibem marcação no presente e 12 não marcam o futuro. Dentre essas línguas, 10 línguas marcam o passado, duas marcam o presente e 9 marcam o futuro. O Gráfico 16 a seguir exibe a distribuição de línguas que não ilustra nenhuma marcação gramatical de distinção de passado, presente e futuro e o Gráfico 17 exibe a distribuição de línguas que exibem distinção gramatical de tempo nas línguas Arawak.

Gráfico 13 - Distribuição de línguas Arawak sem marcação gramatical de tempo



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Gráfico 14 - Distribuição de línguas Arawak com marcação gramatical de tempo



Fonte: elaborado pela autora, 2023

Analisando os dois gráficos, observamos que, a maioria das línguas Arawak não exibem marcação morfológica de tempo, como esperado na tipologia de marcação de tempo gramatical (cf. BYBEE, 1985; DAHL E VELUPILLAI, 2013). Das 24 línguas analisadas, 14 não marca o tempo passado, 21 não marcado o presente e 12 não marcam o futuro. Em relação ao gráfico 17, com línguas que exibem marcação morfológica de tempo, apenas 12 fazem referência ao passado, 2 ao presente e 9 ao tempo futuro. Dentre essas línguas, o tempo presente é aquele menos marcado nas amostras das línguas Arawak analisadas. A seguir, verificaremos, outra operação na língua Arawak, o aspecto.

6.2.2 Aspecto

De acordo com Comrie (1976), o aspecto é distinto do tempo e como uma definição mais geral do aspecto, o autor o define como uma uma formulação de que aspectos são diferentes formas de ver o constituinte temporal interno de uma situação. O autor ressalta que embora tempo e aspecto estejam relacionados, eles estão relacionados com o tempo de maneira diferente. Comrie (1976) afirma que o tempo é uma categoria dêitica, ou seja, localiza a situação no tempo, geralmente, com referência ao momento presente, apesar também com referência a outras situações. Segundo o autor, o aspecto não está preocupado em relacionar o tempo com outras situações ou com qualquer outro ponto no tempo, mas sim com o constituinte temporal interno de uma situação.

Timberlake (2007) define que a morfologia do aspecto indica situações que são relacionadas para alguma ocasião interna ao discurso ou texto em andamento,

denominada de ocasião contextual. O autor explica que nas situações no tempo, esses operadores impõem um sentido de predicado no contexto e o sentido que se impõe às vezes vai contra a essência de aspecto lexical do predicado (cf. TIMBERLAKER, 2007). Para o autor, os operadores aspectuais são correlatos semânticos e pragmáticos das operações morfológicas e pode ser descrito em termos de quatro operadores: o perfeito, progressivo, perfectivo e iterativo. Givón (2001), diferentemente de Timberlake coloca o progressivo e o habitual como fazendo parte do imperfectivo (uma subcategoria do perfectivo).

Comrie (1976) argumenta que a diferença entre significado 'perfectivo' e 'imperfectivo' é dizer que o perfectivo olha para a situação de fora, sem necessariamente distinguir qualquer estrutura interna da situação, enquanto o imperfectivo olha para a situação de dentro e, como tal, é crucialmente relacionado com a situação interna, já que pode olhar por trás, para o início da situação e olhar para frente, para o fim da situação, e de fato é igualmente apropriado se a situação durar o tempo todo, sem começo e sem fim (cf. COMRIE, 1976, p.4). Assim sendo, o termo 'perfectivo' contrasta com o 'imperfectivo' e denota uma situação vista em sua totalidade, sem levar em conta o constituinte tempo interno.

Neste trabalho, verificaremos apenas dois tipos principais de aspecto: o perfectivo e o imperfectivo, analisando a subclasse dos progressivos. Todas as línguas aqui analisadas exibem diferentes tipos de aspectos, trabalhar todos eles, seria bastante exaustivo para um trabalho comparativo que trata de diferentes fenômenos morfológicos, contudo, estudos posteriores serão reliazados para novas comparações sobre essa operação nas línguas Arawak. Deste modo, finalizando essa subeção, afirmando que o aspecto é uma categoria gramatical e nas línguas Arawak, ele é expresso por uma morfologia flexional. As subseções a seguir exibem esse sistema nas línguas de análise.

6.2.2.1 Aspecto nas línguas do grupo Arawak

Com exceção do Maxinéri, todos os idiomas pesquisados nessa tese exibem descrições sobre o aspecto. Como de práxis, iniciamos a nossa análise com as línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida com as línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.1.1 Línguas do grupo Norte-Arawak

6.2.2.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Em Wapixana há o aspecto contínuo (aqui glosado como = PROG.IMPFV ‘progressivo imperfectivo’), Santos (2006) afirma que esse aspecto faz referência à duração de evento ou estado. Na língua ele é representado pelo morfema *-p*, como podemos verificar a seguir:

(545) Wapixana

i. Aspecto contínuo (imperfectivo)

a. Pɨ-tiɀ-***p***-a-n
2SG-beber-PROG.IMPFV-EP-MI

‘Tu estás bebendo’

b. ɀɨn-na-u sakant-a-***p***-a-n
Mulher-DÊIT-PL sentar-EP-PROG.IMPFV-EP-MI

‘As mulheres estão sentadas’

Santos (2006) ressalta que além desse aspecto, há sua foma inversa *–aːn* que expressa ação interrompida ou intermitente, como ilustrado nos exemplos.

c. Au-na au-niː ũ-kubawap-***aːn***-a-n
NEG-DÊIT NEG-NPRES 1SG-pescar-IMPFV.INTER-EP-NI
Wɨn ka-waut-iɲ-a-n iɖ
Água ATR-cair-REFL-EP-MI CAUS

‘Eu não vou pescar porque está chovendo’

d. Ũ-niɀu-b-***aːn***-a-n kan-iɀ-biʔi
1SG-tipiti-CL:MASSA-IMPFV.INTER-MI mandioca-TCL:N.DISCR-TCL:MASSA
‘Vou espremer a massa da mandioca no tipiti.

(SANTOS, 2006, p.170)

O exemplo em (515.c) exibe uma ação interminada, enquanto o exemplo em (515.d) ilustra um aspecto imperfectivo interminente.

6.2.2.1.2.2 Subgrupo Palikur: Palikur

A língua Palikur exibe algumas anotações sobre aspectos. Analisando os dados de Green e Green (1972), observamos que o imperfectivo não é marcado na maioria das circunstâncias que ele ocorre. Já o perfectivo é marcado com *–e* na maioria dos casos, como ilustrado nos exemplos a seguir.

(546) Palikur

i. Aspecto perfectivo

a. Ig umeh-***e*** awayr
3SG.M matar-PFV homem

'He killed the man'
'Ele matou o homem'

b. Ig kamax-***e*** awayr
3SG.M pegar-PFV homem
'He caught the man'
'Ele pegou o homem'

ii. Aspecto imperfectivo

c. Ig umah awayr
3SG.M matar homem
'He is killing the man'
'Ele está matando o homem'

d. Ig yapa awayr
3SG.M ajudar homem
'He is helping the man'
'Ele está ajudando o homem'

(GREEN E GREEN, 1972, p.85)

6.2.2.1.2.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

Quesada (2017) argumenta que o aspecto imperfectivo é expresso adequadamente em contextos específicos e não tem uma frequência como nas outras línguas. De acordo com o autor, o morfema *–ba* marca o aspecto impefectivo e ele é reduzido a frases que expressam o pano de fundo ou fundo de uma situação, isto é, em que um evento específico vai ocorrer, como em que é, para o conhecido "esquema incidental", que é um imperfectivo pode ser visto contrastando praticamente o mesmo estado de coisas já realizado e codificado como uma frase verbal.

(547) Garifuna

i. Aspecto imperfectivo

a. Dan le n-agañeiha-***ba***-nu gádürü tubalaba, ragu
Quando 1SG-comprar-IPFV-PL quatro roda agarrar
ha-muti[128]-na súdara
3PL-PFV-1SG-OBJ polícia

'Cuando compraba el carro, me agarró la policía'
'Quando eu estava comprando o carro, a polícia me agarrou'

(QUESADA, 2017, p.122)

[128] Tradicionalmente, no lugar do termo perfectivo, alguns linguistas usavam o termo aorísticos. Neste trabalho, iremos glosá-lo como perfectivo (=PFV).

Outro aspecto encontrado na língua é o progressivo (que também é um tipo de imperfectivo). Quesada (2017) assinala que o progressivo é expresso pelo sufixo ***-ña***, em formas que consistem em um prefixo de agente e um sufixo de paciente, no caso de construções transitivas, e um prefixo de sujeito em construções intransitivas.

ii. Aspecto imperfectivo (progressivo)

b. N-adararu-***ña***-i bena
1SG-abrir-IMPFV.PROG-3SG.M porta

‘Estoy abriendo la puerta’
‘Estou abrindo a porta’

c. L-arumugu-***ña*** Bédudu
3SG.M-dormir- PROG.IMPFV Beto

‘Beto está durmiendo’
‘Beto está dormindo’

(QUESADA, 2016, p.123)

O perfectivo denominado por Quesada (2017) por aoristo ocorre em garífuna como um aspecto que expressa uma situação indefinida no tempo, mas com um modo de ação ingressiva, o que explica por que tende a ser traduzido como passado e pontual. Os exemplos, abaixo, exibem o aspecto perfectivo em Garifuna.

iii. Aspecto perfectivo

d. Busien-***ti***-na na-koturu-ni-bu
Querer-PFV-1SG 1SG-copular-NOM-2SG

‘Quiero tener relaciones sexuales con vos’
‘Eu quero fazer sexo com você’

e. Budá ha-***mut***-i garawon
Pegar 3PL-PFV-3SG.M tambor

‘Ellos recogieron el tambor’
‘Eles pegaram o tambor’

6.2.2.2.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

A língua Lokono exibe sufixos de aspecto perfectivo e imperfectivo, eles ocorrem expressando o tempo da senteça, como podemos verificar a seguir:

(548) Lokono

i. Aspecto perfectivo (presente)

a. Alokosia-***ka*** de
sede-PRES.PFV eu

‘I am thirsty’
‘Eu estou com sede’

b. Khareme-***ka*** no
preto-PRES.PFV ele

'It is black'
'Ele é preto'

ii. Aspecto Imperfectivo (presente)

c. Da-dalhida-***bo***
1SG-correr-PRES.IMPFV

'I is running'
'Eu estou correndo'

(PET, 2011, p.105)

iii. Aspecto imperfectivo (futuro)

d. Alokosia-***bia*** de
Sede-FUT.IMPFV eu

'I am getting/will be getting thirsty'
'Estou ficando/estarei ficando com sede'

iv. Aspecto perfectivo (futuro)

e. Ma to wa-tatonoan-bo khy thy-boado-***fa***
CONJ ART 1PL-estar.longe-PRES.IMPFV CONJ 3SG-quebrar-FUT.PFV
to falheto-dalhidi-koana w-abo
ART homem.branco-correr-coisa 3PL-DAT

'Although, when we were getting far away from home, it broke down, the bus, on us'
'Porém, quando estávamos nos afastando de casa, quebrou o ônibus em cima de nós'

v. Passado perfectivo

f. Wakhaja-***Ø*** kho w-osy-n atynoa khona balhin
mal-PASS.PFV NEG 1PL-ir-SUB ADV POSP CONJ

'(Compared to what would happen,) we did travel well at first'
' (Em comparação com o que aconteceria) viajamos bem no início'

(PET, 2011, p.106)

A língua Wayuu trata tempo e aspecto em uma mesma categoria. Álvarez (2017, p.72) argumenta que os sufixos de tempo e aspecto no verbo marcam os diferentes tempos e aspectos do verbo, contudo, o autor não exibe nenhuma descrição relacionado aos aspectos perfectivos e imperfectivos.

6.2.2.2.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achagua

Na língua Resígaro apenas conseguimos encontrar o aspecto progressivo, tal aspecto é indicado pelo sufixo verbal *–pa*. Os exemplos, a seguir, exibem esse aspecto.

(549) Resígaro

i. <u>Aspecto progressivo (imperfectivo)</u>

a. Gí-má-***pa***
3SG.M-dormir-PROG.IMPFV

‘He is sleeping’
‘Ele está dormindo’

b. Kainee gi-ža-***pa***
ADV 3SG.M-die- PROG.IMPFV

‘He is dying’
‘Ele está morrendo’

(ALLIN, 1976, p.136)

A língua Achaguá exibe alguns esboços gramaticais sobre os aspectos. Wilson (1992) ressalta que existem poucas marcas de aspecto em Achaguá, os aspectos encontrados são de ação que são prolongadas ou repetidas. Acreditamos que seja alguns exemplos de aspecto imperfectivo. Esses aspectos são marcados morfologicamente por –*da* que se usa em verbos transitivos e –*nu* que é encontrado em verbos intransitivos. Além desses sufixos, existe uma questão interessante no aspecto repetitivo, o autor assinala que a repetição do pronome pessoal tem um sentido imperfectivo também. Os exemplos, a seguir, exibem o aspecto imperfectivo em Achaguá.

(550) Achagua

i. <u>Aspecto imperfectivo</u>

a. Nu-yá pákia-***da***-eži čiča-ba
1SG-CÓP cortar-REP.IMPFV-1.SG vela-?

‘Trago leña’
‘Eu corto lenha’

b. Aí hi-yá úhni-bii túya-***ni***-ka-u
Há 2SG-CÓP todavia-? Ajoelhar-se-REP.IMPFV-DECL-PASS
Li-núma žicu huáli li-áža
3SG.M-boca dentro.de tortilha 3SG.M-ADV

‘Todavía tienes que arrodillarte delante de la tortera (para hacer cazabe) ’
‘‘Ainda tem que ajoelhar na frente da panela (para fazer mandioca) ’

c. Nu-yá íya-eži nu-yá-ka
1SG-COP comer-SG 1SG-COP-DECL

‘Yo estoy comiendo’
‘Eu estou comendo’

(WILSON, 1992, p.96 (a); p.97 (b,c))

6.2.2.2.6 Subgrupo Alto Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Na língua Baniwa existem diferentes tipos de aspectos verbais, entre eles, encontramos o progressivo imperfectivo e o perfectivo. Ramirez (2001b) explica que o sufixo *–ka* pode ter uma função de aspecto progressivo, como podemos verificar a seguir:

(551) Baniwa

i. Aspecto progressivo (imperfectivo)

a. No-kápa-***ka***
1SG-ver-PROG.IMPFV
'Estou vendo'

b. Wa-iɲha-***ka***
1PL-comer- PROG.IMPFV
'Estamos comendo'

(RAMIREZ, 2001b, p.87)

De acordo com Ramirez (2001b) o sufixo 'perfectivo' *–hini* em Baniwa indica uma situação que se refere ao presente. O autor ressalta que se usa com os verbos, especialmente, nas respostas em que ele tem um valor modal declarativo, expressando que a situação verbal acabou de ser realizada.

ii. Aspecto perfectivo

c. No-peeko-***hini*** no-maɭije-ni
1SG-perder-PFV 1SG-faca-POSS
'Perdi minha faca (agora) '

d. No-ʈaita-***hini***-inna no-deenhi-ka-ɭe
1SG-terminar-PFV-INCL.1 1SG-trabalhar-NMLZ
'Eu terminei meu trabalho (agora) '

O perfectivo *–hini* pode combinar-se com os sufixos *–pia* 'passado' e *–watsa* 'futuro'. No futuro, Ramirez (2001b) afirma que *–hini+watsa* expressa um futuro de certeza.

e. ɭi-weenta-***hini***-watsa no-ta-ni
3SG.N.F-comprar-PFV-FUT 1SG-canoa-POSS
'Ele vai comprar a minha canoa'

(RAMIREZ, 2001b, p.232 (c, d); p.233 (e))

Aikhenvald (2003) divide os aspectos em Tariana por campos semânticos sendo eles divididos em aspectos que são conclusivos e aqueles relacionados à duração. Acreditamos que o primeiro possa estar fazendo referência ao aspecto perfectivo, enquanto o segundo ao imperfectivo. Não iremos descrever todos eles aqui, pois são

bastante exaustivos. Contudo, exibiremos apenas dois tipos: o *-sita* que significa uma ação completa, isto é, perfectivo e o *–nipe* (‘habitual/repetitivo) que designa uma ação repetida, sem limite, isto é imperfectivo.

(552) Tariana

i. Aspecto perfectivo

a. Nu-pita-ka-***sida***
1SG-banhar-se-DECL-PFV

‘I have bathed already’
‘Já tomei banho’

b. Kay na-ni na-musu na nhe na-pidana
CONJ 1PL-fazer 1PL-ir 1PL-ir 3PL+ENTER 1PL-ir-PASS.REM.REP
diha inaɾi hiɾo-peɾu-ne du-yeka-pidana-***sita***
ART rato avô-velho-FEM-FOC.A/S 3SG.F-saber-PASS.REM.REP.PFV

‘So they (Tariana ancestors disguised as women) went out (of their hiding place) and came inside (the house where the rat lived), that rat's grandmother already knew (who they where)’
‘Então eles (antepassados Tariana disfarçados de mulheres) saíram (do esconderijo deles) e entraram (na casa onde morava o rato), a avó daquele rato já sabia (quem eles estavam) ’

(AIKHENVALD, 2003, p.337-338)

ii. Aspecto Imperfectivo

c. Diha kaɾapi-pe-nuku di-ña-bala
Ele prato-PL-TOP.NON/VIS 3SGNF-bater-em.todos.os.lugares
Di-ɾuku-i-***nipe***-pidana
3SG.NF-ir-CAUS-REP.IMPFV-PASS.REM.REP

‘He (the angry Young man) kept hitting and throwing the plates everywhere’
‘Ele (o jovem bravo) ficava batendo e jogando os pratos para todo lado’

d. Phia iʧʲɨɾi piːnu-***nipe*** pi-dia
você jogo 2SG+matar-REP.HAB.IMPFV 2SG-retornar
Pi-nu-naka kayu puisani-ka
2SG-vir-PRES.VIS CONJ cheiro.de.sangue-SUB

‘You always kill game and return, smelling of blood like this’
‘Você sempre mata caça e volta, cheirando a sangue assim’

(AIKHENVALD, 2003, p.330)

E por fim, a língua Warekena que exibe oito sufixos aspectuais, todos sendo opcionais. Entre eles, encontramos o perfectivo *–mia* que é usado para marcar o resultado de uma ação. Além dele, há outros sufixos de aspectos que são imperfectivos, um deles é o *–ʧi.ɭi* que designa uma ação ‘habitual’.

(553) Warekena

i. Aspecto perfectivo

a. ʃa:bine-pe ʃa muta-ni wa ni-nupa-***mia***-hã
Família-PL ir chamar-PL CONJ 3PL-vir-PFV-PAUS
ʃa:bine-pe yowaba-hã
família-PL em direção-PAUS

'He (the turtle) called his family, then his family came to him (as the result of his calling)'
'Ele (a tartaruga) chamou sua família, então sua família veio até ele (como resultado de seu chamado) '

b. Wa yawa-***mia***-ni ni-tsima-mia-hã
CONJ ADV-PFV-3PL 3PL-dormir-PFV-PAUS
ni-tsima-***mia***-hã ate aɭiwa-***mia***-ni aɭiwa-***mia***-ni
1PL-dormr-PFV-PAUS CONJ alvorecer-PFV-3PL alvorecer-PFV-3PL
Wayata maɭayu
Fala veado

'Then they were late, they slept, they slept until they woke up, they woke up, (then) the deer spoke'
'Aí eles se atrasaram, dormiram, dormiram até acordar, acordaram, (aí) o veado falou'

(AIKHENVALD, 1998, p.337)

ii. Aspecto habitual imperfectivo

c. Nu-yuʧia-***ʧi.li***-wa ʃime
1SG-matar-HAB.IMPFV-NON.ACC peixe

'I continually killed fish (all my life, and am still doing it now)'
'Eu continuamente matei peixes (toda a minha vida, e ainda estou fazendo isso agora) '

(AIKHENVALD, 1998, p.346)

6.2.2.2.7 Subgrupo Orinoco: Baré

Segundo Aikhenvald (1995), em Baré há dois sufixos de tempo-aspecto que podem opcionalmente ser usado nas sentenças, são eles: *-na* 'aspecto perfectivo', que se refere a ação realizada e *–ni* que designa uma ação não que não terminou. Os exemplos, abaixo, ilustram esses dois tipos de aspectos na língua Baré.

(554) Baré

i. Aspecto perfectivo

a. I-tíkua-***na***
3SG.NF-deitar-se-PFV

'He has lain down already'
'Ele já se deitou'

ii. Aspecto imperfectivo

b. Yahaɻika nu-tikuwá-***ni***
Agora 1SG-deitar-se-IMPFV

'I am lying dow now'
'Estou deitada agora'

(AIKHENVALD, 1995, p.30-31)

Adiante verificaremos os aspectos perfectivos e imperfectivos (progressivo) nas línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.1.1 Línguas do grupo Sul-Arawak

6.2.2.1.1.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

A língua terena exibe diferentes tipos de aspectos, entre eles, encontramos o perfectivo 'aspecto conclusivo' e o imperfectivo 'aspecto durativo' que não há um período exato de término. Os exemplos, abaixo, exibem esses aspectos em Terena.

(555) Terena

i. Aspecto perfectivo 'conclusivo'

a. Imɔ-k-ɔ-***nɛ*** nɛ hɔjɛnɔ
Dormir-T-REAL-PFV.CONCL DET homem

'O homem dormiu'

b. Nɛ-ɔ-***nɛ*** nɛ pɛʃow
2SG-plantar-PFV.CONCL DET feijão

'Você plantou feijão'

c. Kɔ-jma-***nɛ*** nɛ sɛːnɔ
VBLZ-marido-PFV.CONCL DET mulher

'A mulher casou'

(ROSA, 2010, p.144)

ii. Aspecto imperfectivo 'duradouro'

d. Ø=komon-â-***ti*** ne-koyuhópe-ti
3SG=olhar=3REF-IMPFV.DUR FOC.D-livro-N.POSS

'Ele está olhando o livro'

e. Ø=xoˈópee-***ti***
3SG=passear/caminhar- IMPFV.DUR

'Ele está passeando'

(OLIVEIRA, 2021, p.143)

A língua Baure exibem diferentes morfemas aspectuais. Nos dados de Danielsen (2007), o sufixo *–wo*, além de ser interpretado como cópula, ele pode execer a função de aspecto, que designa um processo ainda em andamento antes de atingir um ponto final, podendo, desta forma, ser um aspecto imperfectivo, como ilustrado a seguir:

(556) Baure

i. Sufixo *–wo* como aspecto imperfectivo

a. Ni=kono-mpe-a-***wo***
1SG=escrever-CLF:PLANO-LK-COP.IMPFV

‘I’am writing a letter’
‘Eu estou escrevendo uma carta’

b. Ni=woiko-***wo*** wotoki
1SG=fazer-COP.IMPFV rede

‘I am making a hammock’
‘Eu estou fazendo uma rede’

(DANIELSEN, 2007, p.259)

Um outro morfema aspectual é o perfectivo *–po* que indica ação terminada, como podemos ver nos exemplos abaixo.

ii. Sufixo *–pe* como aspecto perfectivo

c. No=pino-***po*** notiˈ
3PL=fugir-PFV 3PL

‘They fled’
‘Eles fugiram’

d. Ri=aviko-ša-***po***
3SG.F=retornar-IRR-PFV

‘When she returns’
‘Quando ela voltar’

(DANIELSEN, 2007, p.262)

6.2.2.1.1.2 Subgrupo Paresi-Xingu: Waujá, Mehináku, Yawalapiti, Paresi

Postigo (2014, p. 162) afirma que, em Waujá foram identificados dois sufixos aspectuais, são eles: o perfectivo *{-wiu}* ‘PERF’ e o imperfectivo *{-paj}* ‘IMPF’.

(557) Wauja

i. Aspecto perfectivo

a. ʐa-haN kutɨ-***wiu***
3SG-ENF acordar-PFV

‘Ele acordou’

b. Aɾapaˈwa aˈiNʧa-***wiu*** kuˈpatɨ
Arapawa comer-PFV peixe

‘Arapawá comeu peixe (e já acabou) ’

(POSTIGO, 2014, p.162)

ii. Aspecto imperfectivo

c. Aɾapaˈwa aˈiNʧa-***paj*** kuˈpatɨ

Arapawa comer-IMPFV peixe

‘Arapawá está comendo o peixe’

d. Juˈmeke-***paj*** nu-tuˈkaka-lu
Mestruar-IMPFV 1SG-irmão-FEM
‘A minha irmã está menstruada/menstruando’

(POSTIGO, 2014, p.163 (c); p.164 (d))

A língua Mehináku exibe sete tipos de aspectos, entre eles, o aspecto perfectivo *=wa*/*wi* e o imperfectivo *=pai*. Segundo De Felipe (2020, p.350), o aspecto perfectivo caracteriza uma situação, em geral, finalizada como um todo e, por essa razão, caracteriza eventos completos, enquanto, o imperfectivo *=pai* é usado em Mehináku para especificar que o início e o fim de determinado evento não são conhecidos, e, por isso, tendem a ser usados em construções em que os eventos ainda estão em processo/progresso (cf. DE FELIPE, 2020). Os exemplos, abaixo, exibem os aspectos perfectivos e imperfectivos em Mehináku.

(558) Mehináku

i. Aspecto perfectivo

a. Uni taka=pai jukaka aitsa n=ija=***wa*** cidade i=nai
Água cair-IPFV CONJ NEG 1SG=ir=PFV cidade 3=LOC

‘Eu não fui à cidade porque estava chovendo’

b. ati=nai une-une=neu? ija=***wa***
PRO=LOC pessoa-RED=PL? 3.IR=PFV

‘Cadê o pessoal? Eles foram’

c. ʃawaka nu=nupa=***wi*** kata tineʂu=tai
Ontem 1SG=ver-PFV DEM mulher=DIM

‘Ontem eu vi esta menina’

(DE FELIPE, 2020, p.351 (a, b); p.253 (c))

ii. Aspecto imperfectivo

d. N=itsu-pa-lu akama=***pai***=ku=hã ahã
1SG=filha=EST=FEM morrer=IMPFV=DECL=ENF INTERJ

‘Nossa, minha filha está morrendo (falando o pajé) ’

e. Mama tuma=***pai*** makula weke-tipe
Mãe fazer=IMPFV panelas de barro Ser.grande-PL

‘A mãe está fazendo panelas de barro’

(DE FELIPE, 2020, p.355)

Em Yawalapiti encontramos dados que exibem o aspecto imperfectivo *–pa*, assim como as outras línguas desse subgrupo, esse aspecto se refere a uma ação inacabada em processo. Na língua, o *–pa* serve como um aspecto progressivo.

(559) Yawalapiti

i. Aspecto imperfectivo (progressivo)

a. P-aʧa-***pa***
2SG-comer-IMPFV

‘Você está comendo’

b. Uka nu-tsɨmɨ-***pa***
Conj 1SG-ouvir-IMPFV

‘Eu já estou ouvindo’

c. P-atukatua-***pa***
2sg-sentar-IMPFV

‘Você está sentado’

(YAWALAPITI, 2021, p.149 (a); p.150 (b, c))

A língua Paresi exibe tanto o aspecto imperfectivo quanto perfectivo. De acordo com Brandão (2014, p.297), em Paresi, o imperfectivo -*ita* indica uma situação ilimitada. Enquanto o sufixo perfectivo –*heta* indica eventos delimitados, particularmente ações que são repetidas ou restauradas, implicando um retorno a um estado ou localização, em direção a um centro dêítico (cf. BRANDÃO, 2014). Os exemplos, a seguir, exibem os aspectos imperfectivos e perfectivos em Paresi.

(560) Paresí

i. Aspecto imperfectivo

a. Ø=tyom-***ita*** =ene =ala hoka kala ilheroware Ø=ezoa
3SG=fazer-IMPFV =PASS =FOC CON DUB Ilheroware 3SG=cair
En=om-ana
3SG=LK-BENF

‘He was making (a sieve) and Iheroware descended to him’
‘Ele estava fazendo (uma peneira) e Iheroware desceu até ele’

b. Waha kala no=tema-***ita*** no=kirahare-hare-***ta*** hoka
ADV DUB 1SG=correr-IMPFV 1SG=estar.cansado-MASC-IMPFV COM

‘He was sleeping all day, because he was tired’
‘Ele estava dormindo o dia todo, porque estava cansado’

(BRANDÃO, 2014, p.298 (a); p.299 (b))

ii. Aspecto perfectivo

c. Abebe =ene Ø=yie-***heta*** natyo hoka Ø=ianai-hena
Avó =PASS 3SG=pegar-IMPFV 1SG CON 3SG=elevação-TRS
Natyo
1SG

‘My deceased grandmother caught me and raised me’
‘Minha falecida avó me pegou e me criou’

d. Ø=fehana-tya hoka na=waiye-***heta***

3SG-rezar-TH CON 1SG=bom-PFV

‘They blessed me and I got well’
‘Eles me abençoaram e eu fiquei bem’

(BRANDÃO, 2014, p.300 (c); p.301(d))

6.2.2.1.1.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Em apurinã existe dois tipos de aspecto: o perfectivo e o imperfectivo. Facundes (2000) assinala que aspecto não é obrigatório na língua. O morfema *–pe* faz referência ao aspecto ‘perfectivo’, enquanto o morfema *–phani* exibe o aspecto ‘imperfectivo’ e o *–nanu* o aspecto imperfectivo progressivo. Os exemplos ilustram a categoria do aspecto em Apurinã.

(561) Apurinã

i. Aspecto perfectivo

a. Oposo okõ-tãta-***pe***-ka-ne ata makatxaka txa-au
Depois oco-casca-PFV-PRED-ADV 1PL remover AUX-ADV

‘Then we get the bark of the oko tree’
‘Então nós pegamos a casca da árvore’

b. Oposo uwa-kata su-***pe*** o-txa hãtako-ro
Depois 3sg.m-assoc ir-pfv 3f-aux novo-f

‘Then the young woman went with the tapir’
‘Então a jovem foi com a anta’

c. Aru-watxa ka-mixi-***pe***-ka o-txa-***pe***
Sim-hoje ATR-gravidez-PFV-PRED 3F-AUX-PFV

‘By then the woman got pregnant’
‘Então a mulher engravidou’

d. Unawa oka txa-***pe***-ru
3PL matar AUX-PFV-3M.OBJ
‘They killed it’
‘Eles mataram ele’

(FACUNDES, 2000, p.517; p.518 (d))

ii. Aspecto imperfectivo

a. Kona uwã nu-sa-***panhi***
NEG ADV 1SG-ir-IMPFV

‘I have not gone there yet’
‘Ainda não fui lá’

b. Hãt-u kananu-ra-ko a-sa-***panhi*** uwã
Um-M ano-FOC-FUT 1PL-ir-IMPFV ADV

‘It ‘s in the other year that we still go there’

‘‘É no outro ano que ainda lá vamos’

c. Uwa popũka-ru-***panhi***
3sg.m Apurinã-ru-IMPFV

‘He still is Apurinã’
‘Ele ainda é Apurinã’

d. Ata awãku-***panhi***
1PL viver-IMPFV

‘We’re still alive’
‘Ainda estamos vivos’

(FACUNDES, 2000, p.524)

iii. <u>Aspecto progressive (imperfectivo)</u>

e. Kema nhika-***nanu***-ta-ru aõtu
Anta comer-PROG.IMPFV-VBLZ uxi

‘The tapir was eating “uxi” fruit’
‘A anta estava comendo fruta “uxi”

f. Nh-irika-***nanu***-ta
1SG-cair-PROG.IMPF-VBLZ

‘I’m falling down’
‘Estou caindo’

(FACUNDES, 2000, p.525)

Em Maxinéri não encontramos nenhuma descrição sobre aspecto. Contudo, em Yine-Piro exibem tanto o aspecto perfectivo quanto imperfectivo. O morfema *–tka* designa o aspecto perfectivo, enquanto, o morfema *–wa* faz referência ao aspecto imperfectivo (cf. HANSON, 2010). Os exemplos abaixo exibem tais aspectos em Yine.

(562) Yine-Piro

i. <u>Aspecto perfectivo</u>

a. Seyakyato ʧ̃ina-ya-ka-waka n-hapoka-***tka***
Seyakyato dizer-APL-PASS-LOC.NOM 1SG-chegar-PFV

‘I arrived at the place called Seyakyato’
‘Cheguei ao lugar chamado Seyakyato’

b. Wane n-heta-ya-***tka***-l̨i no-t̨ir̨i Hawye
CONJ 1SG-ver-APPL-PFV-3SG.M 1SG.PSSR-filho.de Hawye

‘There I saw my son Javier’
‘Lá eu vi meu filho Javier’

c. Wane w-himka-m-ta-ya-***tka***
Conj 1PL-dormir-APPL-PFV

‘We slept there’
‘Dormimos lá’

(HANSON, 2010, p.241)

ii. Aspecto imperfectivo

d. r-halna-***wa***
3-voar-IMPFV

‘He is still flying’
‘Ele ainda está voando’

e. hi hima r-hina-***wa*** mhenokl̥i
NEG QUOT 3-vir-IMPFV onça

‘The jaguar has not come yet, reportedly’
‘A onça ainda não veio, segundo consta’

(HANSON, 2010, p.245)

6.2.2.1.1.4 Subgrupo Campa: Ashéninka, Caquinte e Nanti

A língua Ashéninka exibe o aspecto ‘perfectivo’ a partir do morfema *–ak* que designa uma ação completa. Um outro tipo de perfectivo é o *–aj* que faz referência a uma ação que tem sentido de ‘fechamento’ (MIHAS, 2015, p.214). Além disso, a língua exibe o aspecto ‘progressivo’ *–aty/-atz* e vários morfemas que exibem diferentes tipos de aspectos imperfectivos, contudo, focaremos apenas nesses dois tipos. Os exemplos, a seguir, exibem esses aspectos.

(566) Ashéninka

i. <u>Aspecto perfectivo</u>

a. Pi-pomirintsi-t-***ak***-ak-a-na
2A-dificuldade-EP-PFV-APL.SOC.CAUS-PFV-REAL-1SG.OBJ

‘You made me experience hardship’
‘Você me fez passar por dificuldades’

b. [Arika a-n-koshe-t-***ak***-i-ro=rika]
CON 1PL.A-IRR-raspar-EP-PFV-IRR-3N.M.OBJ=COND
[a-n-tet-ant-ia-ri kaniri vatsatsi]
1PL.S-IRR-preencher-APL.REAS-IRR-REL mandioca carne

‘When they scrape away rough parts off the wood, it [dish] will serve for filling [it] with cooked manioc and meat’
‘Quando rasparem as partes ásperas da lenha, servirá para rechear com mandioca cozida e carne’

c. Ontzimatye a-tonk-ak-***aj***-e-ro karretera-ki=ka
Ser.necessário 1PL.A-subir-PFV-TERM-IRR-3N.M.OBJ rodovia-LOC=DEM

‘We had to go up the hill towards the highway’
‘Tivemos que subir a colina em direção à rodovia’

(MIHAS, 2015, p.215 (a, b); p.216 (c))

ii. Aspecto progressivo (imperfectivo)

d. O-kis-***aty***-a irori
3N.M.SG-estar.bravo-PROG.IMPFV-REAL 3NM.LOC

‘She, too, is/was angry’
‘'Ela também está/estava com raiva’

e. No-ja-t-***aty***-e katonko
1SG-ir-EP-PROG.IMPFV-IRR subir

‘I am about to go upstream’
‘estou prestes a subir’

(MIHAS, 2015, p.219)

A língua Caquinte exibe tanto os morfemas aspectuais imperfectivos e progressivo marcados com –Ø e perfectivos marcados com *-ak*. Os exemplos são retirados do trabalho de O’hangan (2020).

(567) Caquinte

i. Aspecto imperfectivo/progressivo

a. Pi-sheka-Ø-a-ri emooki aisa shimoto
2SG-comer-IMPFV-MR-3M grupo.sp também grupo.sp

‘Do you eat emooki grubs and shimoto grubs’
‘Você come larvas emooki e larvas shimoto’

b. Taa opaji pi-aN-Ø-i
Q luz 2SG-fazer-PROG.IMPFV-AR

‘What’re you doing? ’
‘O que você está fazendo? ’

(O’HANGAN, 2020, p.227)

ii. Aspecto perfectivo

c. Inkajaranki pitsek-ri=ki no-sheka-***ak***-a-ri
Anteriormente estar.noite-NMLZ=LOC 1SG-comer-PFV-MR-3M
Osaiteberi no-tashi-***ak***-i chopeki
Paca 1SG-assar-PFV-AR banana

‘Earlier during the night I ate paca and roasted plantains’
‘No início da noite comi paca e banana assada’

d. No-ojokjj-***k***-a aisa osheki
1SG-estar.doente-PFV-MR também muito
No-shimanpojank-bae-k-a aisa osheki
1SG-estar.triste-DUR-PFV-MR também muito
O-katsi-na-***k***-i-na no-tonki=pae=ki
3F-ferir-ABL-PFV-AR-1 1SG-osso=PL=LOC

‘I’m sick, and also I’m very sad, and also I’ve started to hurt in my bones…’
‘Estou doente, e também estou muito triste, e também comecei a doer nos ossos...’

(O'HANGAN, 2020, p.228)

E por fim, a língua Nanti que exibe também os morfemas aspectuais perfectivos e imperfectivos, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

(568) Nanti

i. Aspecto perfectivo

a. I=obiik-***ak***-a
3M.S=beber-PFV-REALIS.A

'He drank'
'Ele bebeu'

ii. Aspecto imperfectivo

b. i=obiik-***Ø***-a
3MS=beber-IMPF-REALIS.A

'He is drinking'
'Ele está bebendo'

(MICHAEL, 2014, p.255)

6.2.2.1.1.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

Em Amuesha, encontramos o aspecto imperfectivo durativo (progressivo) que é indicado pelo morfema *–en*. Já o perfectivo se ausenta de um morfema sendo ele não marcado nas sentenças. Os exemplos de Duff-Tripp (1997) ilustram isso.

(569) Amuesha

i. Aspecto durativo (imperfectivo)

a. All yeč̈h***en***et ñapuet̃

'Allá viven/vivían solos o están/estaban viviendo solos'
'Lá eles moram/moravam sozinhos ou estão/eram morando sozinhos'

b. Allcha ˈyeč̈h***en***et ñapuet̃

' Allá vivivían solos'
'Eles moravam sozinhos lá'

c. Napa ˈnemateñe ˈchn***en***err

'Yo iba corriendo outra vez'
' Eu estava correndo de novo'

(DUFF-TRIPP, 1997, p.88)

ii. Aspecto perfectivo

d. Ahuo ˈyeč̈hcatoñet pocoll alloˈ

'Hicieron para ellos una casa'
'Eles fizeram uma casa para eles'

e. Allempoñapaˈ ahuoˈč̈hoˈ

'Entonces le buscaron piojos'

‘Depois procuraram piolhos’

f. Paˈtonellñapaˈ ahuoˈtoˈ alla maˈall

‘La madre Tigre se durmió’
‘Mãe Tigre adormeceu’

(DUFF-TRIPP, 1997, p.89)

6.2.2.1.1.6 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak

Com exceção de Maxinéri, como já dito antecipadamente, todas as outras 24 línguas Arawak exibem morfemas de aspecto. Na verdade, essa categoria é bem mais expandida na família do que a do tempo. Muitas dessas línguas exibem diferentes aspectos que se fossem elencados aqui ficaria um trabalho bastante exaustivo, uma vez que em muitas delas necessitaria de uma análise mais minuciosa. Decidimos analisar os aspectos perfectivos e imperfectivos. No caso do imperfectivo, ele pode derivar diferentes tipos de aspectos, aqui analisamos também o progressivo[129], além do habitual ou repetitivo. Como de práxis, iniciamos a análise com as línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida com as línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.1.1.6.1 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas do grupo Norte-Arawak

A maioria das línguas do grupo Norte-Arawak exibem tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo, contudo, em algumas línguas, apenas encontramos dados de um tipo de aspecto, como a língua Wapixana (subgrupo: Rio Branco), que apenas encontramos exemplos de aspecto progressivo imperfectivo que ocorre a partir do morfema *–ap* e há um outro tipo denominado progressivo interminente que é realizado a partir do sufixo *–ːan*. Em Palikur, Green e Green (1972) exibem os aspectos na língua, encontramos o aspecto perfectivo realizado a partir do morfema *–e*, enquanto o imperfectivo não é marcado. Em Garifuna (subgrupo: Caribe), existe o aspecto perfectivo relatizado pelo sufixo *–ti/muti* e os aspectos imperfectivos o *–ba* e o progressivo *–ña*.

Nas línguas do subgrupo TA-Arawak, Lokono e Wayuu, o aspecto ocorre junto com o tempo. Contudo, em Wayuu, a análise é bastante tradicional e o aspecto parece ter

[129] O progressivo exibe diferentes nomenclaturas, como duradores ou contínuos. De forma geral, por uma questão de padronização, nesta subseção, tais nomenclatura serão substituídas pelo nome progressivo.

a ver mais com a questão de tempo, diferentemente, Lokono exibem sufixos aspectuais tanto perfectivo quanto imperfectivo realizados conjuntamente com o tempo. O *–ka* que faz referência ao presente perfectivo, o –bo faz alusão ao presente imperfectivo, o *–bia* refere-se ao futuro perfectivo e o *–fa* ao futuro do imperfectivo, já o passado é marcado pelo morfema *–Ø*.

No subgrupo Amazônia-Colômbiana, as duas línguas, Resígaro e Achagua exibem a categoria do aspecto. Na língua Resígaro, encontramos apenas o aspecto progressivo *–pa* e em Achagua usa-se os morfemas *–da e -ni* que tem um sentido imperfectivo, além disso, a repetição do pronome no verbo ressalta esse aspecto. As línguas do subgrupo Alto Rio-Negro exibem tanto o aspecto perfectivo quanto o imperfectivo. Em Baniwa, o sufixo *–ka* pode ter uma função de aspecto progressivo e o morfema *–hini* de aspecto perfectivo. Na língua Tariana há vários tipos de morfemas aspectuais e eles são divididos por questão semântica. Escolhemos dois tipos para exibir os morfemas perfectivos e imperfectivos. Os morfemas *–sida/-sita* faz menção ao aspecto perfectivo e o *–nipe* é um aspecto imperfectivo habitual e repetitivo. E por fim, em Warekena, há um morfema aspectual perfectivo *–mia* e um imperfectivo habitual *– ɟi.li*. No subgrupo Orinoco, a língua Baré exibe os dois tipos de aspecto, o perfectivo marcado com *–na* e o imperfectivo marcado com *–ni*. A tabela 77, a seguir, exibem a distribuição dos morfemas das línguas do grupo Norte-Arawak.

Tabela 77 - Distribuição dos morfemas perfectivo e imperfectivo nas línguas do grupo Norte-Arawak

SUBGRUPO	LÍNGUAS	PFV	IMPFV	PROG.IMPFV
Rio Branco	Wapixana			***-ap/ -ːan***
Palikur	Palikur	***-e***	***-Ø***	
Caribe	Garifuna	***-ti/-muti***	***-bo***	***-ña***
TA-Arawak	Lokono	***-ka/-fa/-Ø***	***-bo/-bia***	
	Wayuu			
Amazônia-Colombiana	Resígaro			***-pa***
	Achagua		***-da/-ni***	
Alto-Rio Negro	Baniwa	***-hini***		***-ka***
	Tariana	***-sito/-sida***	***-nipe***	
	Warekena	***-mia***	***- ɟi.li (hab)***	
Orinoco	Baré	***-na***	***-ni***	
Total	11	7	7	4

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A tabela acima exibe a distribuição de alguns morfemas aspectuais das línguas Arawak. Ela não é um modelo para verificar todos os tipos de aspectos que ocorrem nessas línguas, mas sim para exibir aqueles que foram descritos nesse trabalho. Desta

forma, nessa análise preliminar, encontramos sete morfemas que designam o aspecto perfectivo e nove línguas exibindo o aspecto imperfectivo, divididos em 5 ‘imperfectivo geral’ e 4 ‘progressivo’. Logicamente, esse número é apenas uma estimativa do fenômeno aspectual encontrado nessas línguas, sendo o imperfectivo o mais comum. Adiante, verificaremos a distribuição dos morfemas das línguas do grupo Sul-Arawak.

6.2.2.1.1.6.2 Padrões tipológicos dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas do grupo Sul-Arawak

As línguas do grupo Sul-Arawak exibem de forma mais objetiva os aspectos perfectivos e imperfectivos. As línguas do subgupo Bolívia-Mato Grosso do Sul exibem os dois tipos de aspecto. Na língua Terena, o perfectivo é marcado pelo sufixo *–nɛ* e o imperfectivo progressivo pelo sufixo *–ti*. Baure exibe diferentes sufixos aspectuais, dentre eles, o sufixo *–po* para designar um aspecto perfectivo e o sufixo *–wo* pode se referir para um aspecto progressivo. Em relação às línguas do subgrupo Paresi-Xingu, com exceção do Yawalapiti que só encontramos o sufixo imperfectivo *–pa*, todas as outras exibem os dois tipos. Em Wauja e Mehináku os sufixos de aspecto perfectivo e imperfectivo são semelhantes, sendo o perfectivo em Wauja marcado com *–wiu* e em Mehináku com *–wa/-wi*, já o imperfectivo em ambas são marcadas com *–pai* (em mehináku sendo um clítico *=pai*). A língua Paresi exibe o morfema *–heta* para o perfectivo e o *–ita* para o imperfectivo.

As línguas do subgrupo Piro-Apurinã, com exceção da língua Maxinéri, exibem os marcadores aspectuais perfectivo e imperfectivo. Em apurinã, o perfectivo é marcado com o sufixo *–pe*, o imperfectivo marcado pelo sufixo *–phani* e o progressivo pelo *–nanu*. Em Yine-Piro, encontramos dois tipos de sufixos gerais, para o aspecto perfectivo a língua utiliza a forma *–tka* e para o imperfectivo a forma *–wa*. As línguas Campa (Ashéninka, Caquinte e Nanti) marcam os aspectos perfectivos com o mesmo sufixo *–ak*, já o imperfectivo é marcado em Ashéninka com *–aty* e o morfema Ø marca o imperfectivo em Caquinte e Nanti. E por fim, a língua Amuesha (subgrupo: Amuesha) que não exibe marca morfológica para o perfectivo, sendo não marcado, enquanto o perfectivo é marcado pelo sufixo *–en*. A tabela 78 exibe a distribuição dos morfemas aspectuais descritos nessa tese das línguas do grupo Sul-Arawak.

Tabela 78 - Distribuição dos morfemas perfectivo e imperfectivo nas línguas do grupo Sul-Arawak

SUBGRUPO	LÍNGUAS	PFV	IMPFV	PROG.IMPFV
Bolívia-Mato Grosso do Sul	Terena	***-nɛ***		***-ti***
	Baure	***-po***		***-wo***
Paresí-Xingu	Waujá	***-wiu***	***-pai***	
	Mehináku	***-wa/-wi***	***=pai***	
	Yawalapiti		***-pa***	
	Paresí	***-heta***	***-ita***	
Piro-Apurinã	Apurinã	***-pe***	***-phani***	***-nanu***
	Maxinéri			
	Yine-Piro	***-tka***	***-wa***	
Campa	Ashéninka	***-ak***	***-aty***	
	Caquinte	***-ak***	***Ø***	***Ø***
	Nanti	***-ak***	***Ø***	***Ø***
Amuesha	Amuesha		***-en***	
Total	13	10	10	5

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

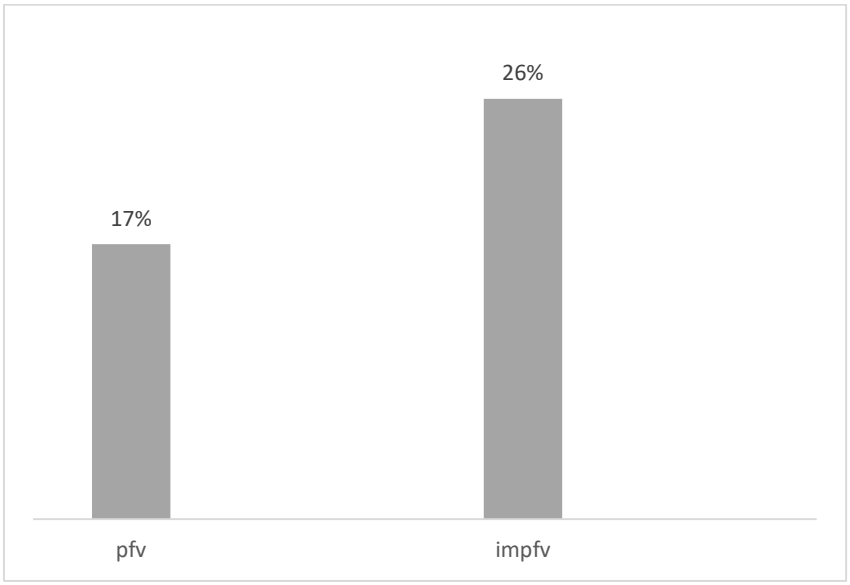
A tabela acima exibe a distribuição dos afixos aspectuais analisados nas línguas do grupo Sul-Arawak. Observamos que, dez línguas exibem algum tipo de morfema aspectual perfectivo e quinze exibem o morfema imperfectivo, sendo o mesmo divido em dez ‘perfectivo’ e cinco com aspecto progressivo. Ressaltando novamente, ela não exibe com precisão os morfemas aspectuais das línguas desse grupo, contudo, exibe uma distribuição preliminar deles. Examinando a tabela, verificamos que, o aspecto imperfectivo é bem mais recorrente do que o perfectivo, o mesmo ocorre nas línguas do grupo Norte-Arawak. A seguir verificaremos de forma geral a ocorrência desses aspectos nas 24 línguas analisadas.

6.2.2.1.1.6.3 Ocorrência dos aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak

De acordo com Comrie (1975, p.16), o aspecto perfectivo indica a visão de uma situação como um todo único, sem distinção das várias fases separadas que compõem essa situação, já o imperfectivo passa a atenção essencial à estrutura interna da situação, ou seja, o momento em que ela ocorre. Contudo, o autor ressalta que essa definição é muito génerica e nem sempre ocorre dessa forma. Comrie afirma que muitos estudos definem o perfectivo como situações que indicam curta duração, enquanto os imperfectivos indicam situações prolongadas ou repetidas. Por mais que isso seja frequente, Comrie alerta que os mesmos aspectos podem ter a mesma duração, sem qualquer implicação necessária de que a duração seja curta ou não (cf. COMRIE, 1975).

No que diz respeito às línguas Arawak, observamos que existem diferentes tipos de aspectos que são relacionados com o tempo do evento. Em muitos casos, de fato, uma ação que ocorre em tempos curtos ou que foi realizada no passado representa um aspecto perfectivo, enquanto, ações longas, repetidas, duradouras ou prolongadas fazem alusão ao aspecto imperfectivo. Nesse trabalho, verificamos os aspectos perfectivo e o imperfectivo, de forma geral, são na maioria dos casos marcados. Contudo, o imperfectivo e seus outros tipos, tais como progressivo ou habitual é mais frequentemente marcado morfologicamente nessas línguas, já que ele aparece numa ocorrência de 26%, enquanto, o perfectivo, ocorre em 17 %. O gráfico a seguir exibe a frequência desses aspectos nas línguas Arawak.

Gráfico 15 - Ocorrência de aspectos perfectivos e imperfectivos nas línguas Arawak



Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A partir do gráfico 18, podemos hipotetizar que a ocorrência de marcação morfológica do aspecto imperfectivo é mais recorrente do que do aspecto perfectivo nessas línguas. Contudo, tal análise ainda é bastante preliminar e trabalhos posteriores podem averiguar essa questão com mais detalhe. Adiante, verificaremos o último sistema que é o modo.

2.2.3 Modo

Conforme a definição de T. Payne (1997), o modo ou modalidade descreve a atitude do falante para uma situação, incluindo a creça do falante se o evento é real ou probabilístico. Whaley (1997) descreve o modo como “ uma categoria gramatical por

meio da qual os falantes de uma língua podem indicar se acreditam que um evento ou estado realmente ocorre, não ocorre ou tem o potencial de ocorrer" (p.219) [130]. Ele também pode fazer alusão à estimativa do falante sobre a relevância da situação para si mesmo (T. PAYNE, 1997). Na gramatica tradicional, geralmente, as sentenças foram denominadas a partir dos seguintes modos: indicativo, declarativo, interrogativo, subjuntivo, imperativo e opcional (cf. WHALEY, 1997).

O modo indicativo é aquele no qual as sentenças são diretamente afirmativas a verdade de alguma situação. As sentenças declarativas também são formas que expressam proposições diretas, elas podem ser afirmativas, negativa e interrogativas. O subjuntivo é expresso para indicar uma atidude incerta ou hipotética do falante. Já o modo imperativo é aquele que está relacionado para um comando. E por fim, o optativo, um modo similar ao subjuntivo, mas que está mais relacionado com aos desejos e vontades do falante. Tais modos podem ter outras nomenclaturas atualmente.

Whaley (2007, p. 223) ressalta que, além de demarcar as principais categorias de tempo, também é necessário fazer uma distinção entre modalidades deônticas e epistêmicas. Em resumo, o autor explica que a modalidade deôntica lida com obrigação ou desejo, enquanto a modalidade epistêmica lida com graus de possibilidade. Givón (2001) explica que a estrutura proposicional das senteças, tais como funções semânticas e gramaticais, tipos de predicados, transitividades e alguns itens lexicais permanecem em grande parte inalterados pela modalidade envolvida em torno da oração. O autor assinala que, "a modalidade codifica a atitude do falante em relação à proposição" (GIVÓN, 2001, p.300)[131]. Por atitude, Givón afirma que existem dois tipos de julgamento feitos pelo falante sobre a informação proposicional contida na oração: o julgamento epistêmico (ex. verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência) e julgamento avaliativo (ex. desejabilidade, preferência, intenção, habilidade, obrigação, manipulação), muito as vezes denominado de 'deôntico' na literatua.

De acordo com Whaley (1997), determinar se a modalidade deôntica ou epistêmica está envolvida em uma proposição pode ser uma tarefa difícil. Givón (2001) afirma quatro tipos de modalidade epistêmica. Como podemos verificar na figura 33 a seguir:

[130] Mood is a grammatical category through which speakers of a language can indicate whether they believe that an event or state actually occurs, does not occur, or has the potential to occur.
[131] the modality codes the speaker's attitude toward the proposition

Figura 33 - Quatro tipos de modalidade epistêmica

Epistemic modalities

logical tradition	communicative equivalent
a. necessary truth	presupposition
b. factual truth	realis assertion
c. possible truth	irrealis assertion
d. non-truth	negative assertion

Fonte: GIVÓN (2001, p.301)

De acordo com Givón (2001, p.302), a proposição é considerada verdadeira, seja por definição, acordo prévio, convenção genérica compartilhada culturalmente, por ser óbvia para todos os presentes na situação de fala, ou por ter sido proferida pelo falante e não contestada pelo ouvinte. Já a afirmação realis diz respeito para uma proposição que é fortemente afirmada como verdadeira. Contudo nem sempre é considerada, isso vai depender das evidências ou outros fundamentos fortes do falante para defender sua forte crença de que aquela situação é real. Givón (2001) afirma que o irrealis assertivo é uma proposição fracamente afirmada como possível, provável ou incerta (submodos epistêmicos), ou necessária, desejada ou indesejada (submodos valorativo-deônticos). Mas "o falante não está pronto para apoiar a afirmação com evidências ou outros fundamentos fortes; e o desafio do ouvinte é prontamente considerado, esperado ou mesmo solicitado" (p.303)[132]. E por fim, a negação assertiva que diz respeito à proposição é fortemente afirmada como falsa, mais comumente em contradição com as crenças explícitas ou assumidas do ouvinte (GIVÓN, 2001).

T. Payne (1997) afirma que a distinção de mais alto nível de operações modais é entre *realis* e *irrealis*. De acordo com o autor, o modo *realis* é aquele que assegura o evento, ou seja, é assertivo que tal ação ou estado realmente aconteceu e é verdadeiro. Enquanto que, o modo *irrealis* não necessariamente assegura que tal evento ou estado aconteceu, mas que pode ter acontecido ou simplesmente não há certeza da atividade do evento ou situação descrita (cf. T. PAYNE, 1997). Eles fazem parte tanto da modalidade espistêmica quanto ideôntica. Deste modo, podemos pressupor que sentenças que são relacionadas com presente e passado podem fazer conexão com o modo *realis*, já as

[132] But the speaker is not ready to back up the assertion with evidence or other strong grounds; and challenge from the hearer is readily entertained, expected or even solicited.

sentenças interrogativas, subjuntivas, imperativas e opcionais com o modo *irrealis*. As línguas Arawak exibem a categoria de modo e muitas deles empregam diferentes morfemas que indicam diferentes modos/modalidades, como iremos verificar a seguir.

2.2.3.1 Modalidade nas línguas Arawak

As línguas Arawak exibem diferentes formas de expressar o modo. Contudo, dependendo do trabalho, essa categoria é mais desenvolvida em uns e poucos em outros. Além disso, há diferentes nomenclaturas que podem ser relacionadas com o modo epistêmico ou deônticos. A seguir verificaremos a análise com as línguas do grupo Norte-Arawak e depois com as línguas do Grupo Sul-Arawak.

2.2.3.1.1 Grupo Norte-Arawak

2.2.3.1.1.1 Subgrupo Rio Branco: Wapixana

Em Wapixana, a categoria de modo, como dito anteriormente, coocorre com a categoria de tempo. Na língua há dois tipos de modo que tradicionalmente é denominado por Santos (2006) de modo indicativo e o imperativo. O autor explica que na língua o tempo passado é não-marcado para o modo indicativo e marcado para o tempo não-presente, como já visto em §2.1.1.1.1. O tempo presente é marcado para o modo indicativo e não-marcado para o não-presente, já o modo imperativo é completamente não-marcado.

(570) Wapixana

i. <u>Modo indicativo</u>

a. ɖaunaiuɽ maku-***n*** ʐakap it
Homem ir-MI roça ALL
‘O homem vai (foi) para roça’

b. Ũ-ɖa-ni-ʐɨn-aba ka:w-a-***n*** mɨnɨmɨn
1SG-gênese-?-MULHER-TCL:F chegar-ep-MI ontem
‘Minha filha chegou ontem’

c. Ũ-maku-***n***-nɨ: ʐakap it
1SG-ir-MI-N.PRES roça all
‘Eu irei para roça’

ii. <u>Modo dubitativo</u>

d. U-ka:w-a-***n***-ni: man ɖa-ʔ-at-i: aiʐɨ:
3F-chegar-EP-M.I.N.PRES talvez DEIT-?-LOC hoje
‘Talvez ela chegue aqui hoje’

(SANTOS, 2006, p.163)

O exemplo (600-d) exibe o morfema *–n*, fazendo parte de uma sentença não-presente e além disso, também exibe um advérbio de dúvida ‘talvez’. Santos (2006)

afirma que no "Wapixana, o modo indicativo é também empregado para o que corresponde ao modo subjuntivo em outras línguas" (p.164). O autor afirma que a língua não faz distinção entre modo indicativo e modo subjuntivo, além disso o modo subjuntivo é considerado por Santos (2006) como uma sentença declarativa em Wapixana. O modo imperativo em Wapixana não exibe uma marcação morfológica, sendo, portanto, não marcado. Os exemplos abaixo ilustram o modo imperativo na língua.

iii. Modo imperativo

e. Pɨ-nik
2sg-comer
'Come! '

f. U-kiː-ʔ-niː pɨ-makaɖ tikazɻ
3SG.F-DIZER-?-N.PRES 2SG-apagar fogo
'Ela disse: apaga o fogo! '

(SANTOS, 2006, p.164)

A questão de realis e irrealis em Wapixana parece não ter uma subdivisão entre o modo indicativo e imperativo, já que mesmo em sentenças que deveria ser do modo *irrealis*, ocorre o *realis* comuntamente. Isso se mostra cada vez mais claro quando o morfema *-ʐu* que expressa um desejo, pode ser um *irrealis*, mas observem que esse morfema vem junto com o modo indicativo. Deste modo, o modo indicativo pode ser presente em construções que expressam tanto uma ação real quanto irreal. O mesmo ocorre com o morfema de finalidade *-ʔn* que expressa uma ação que foi realizada, sendo ela real, tal morfema também vem junto com o modo indicativo.

iv. Modo desiderativo

g. ũ-aiʧap-aʔa-***ʐu*-n** pɨ-pa-(a)-ɽa-ɖ-a-n wapiʧan
1SG-comprender-?-IRR-M.I 2SG-CLF:FALADO-VR-EP-POSS Wapixana
'Eu quero compreender tua palavra em Wapixana'

v. Modo assertivo

h. ɨ-ɽɨ tɨʐ-a-***ʔn*-a-n** ũ-paumaɽɨ ɖi-ʔ-iti
3M-M beber-EP-ASSERT-EP-MI 1-amigo DÊIT-?-ALL
'Ele foi beber no (na casa do) meu amigo'

(SANTOS, 2006, p.165)

2.2.3.1.2 Subgrupo Palikur: Palikur

Na língua Palikur encontramos apenas exemplos de modo imperativo, tanto no trabalho de Green & Green (1972), quanto no de Launey (2003). De acordo com esses autores, existem duas formas de empregar o modo imperativo, o primeiro apagando o

sujeito da sentença e o segundo é adicionando particulas que expressam uma situação de ordem ou desejo. Essas partículas são: ***Su, bawba*** e ***Uyay***. Os exemplos abaixo exibem o modo imperativo em Palikur.

(571) Palikur

i. Modo imperativo

a. Sigis!

Cours!
'É claro! '

b. ***Su*** atak bat.

'Va t'asseoir'
'Vá sentar'

c. ***Bawba*** ax

'Viens manger'
'Venha comer'

d. ***Uyay*** mayak aynesa

'Reposons-nous un peu'
'Vamos descansar um pouco'

(LAUNEY, 2003, p.171)

2.2.3.1.3 Subgrupo Caribe: Garifuna

A língua Garifuna exibe uma partícula que expressa o *irrealis*: ***lan***. De acordo com Haurholm-Larsen (2016), o ***lan*** pode expressar possibilidades e incertezas. O autor ressalta que a ocorrência mais comum de ***lan*** está em uma colocação fixa com o verbo modal estativo *gawára/gayára* 'ser possível/capaz', onde ele é mais frequente. Alguns exemplos são dados a seguir:

(572) Garifuna

i. Modo irrealis

a. m-aríhi-há-dù-wa ní káta fúwagwa-rügü-t-i wátu
NEG-ver-DISTR-DI-1PL NEG coisa fazer.fogueira-ADV-TI-3M fogo
l-un gwára ***lan*** w-asúbudirù-n-i
3M-DAT ser.capaz IRR 1PL-conhecer-N.ESPC-3M
halíy-un-ba-du-wa lán
ADV-ALL-FUT-DI-1PL IRR

'We couldn't see anything, but a bonfire was made so that we would know where we were supposed to go'
'Não podíamos ver nada, mas uma fogueira foi feita para que soubéssemos onde deveríamos ir'

b. Pero aban=ti l-éybaha-nì-nyu bágasu
CONJ CONN=TOP 3.M-caçar-N.ESPC-3PL vaca
l-un gawára ***lan***

3M-DAT ser.capaz-3PL IRR

'But then it hunts the cows in order to eat them'
'Mas depois vamos caçar as vacas para comê-las'

c. Aban=ti w-ówfudahà-n=yebe l-un gwára-be-y ***lan***
CONN=TOP 1PL-pressa-N.ESPC=PFUT 3.M-DAT ser.capaz-FUT-3M IRR
w-aséfuru-n l-un wa-yábi-n
1PL-salvar-N.ESPC 3M-DAT 1PL-vir:SU1-N.ESPC

'Then we hurried in order to be able to make sure that we could save ourselves and come back'
'Então corremos para ter certeza de que poderíamos nos salvar e voltar'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.160)

A língua também exibe um modo que exprime um passado hipotético, ele é marcado pelo clítico ***=yebe***. Haurholm-Larsen (2016) assinala que esse clítico é geralmente usado para indicar que um evento foi antecipado em um momento anterior ao momento da fala. Além disso, há uma conotação de desejo de assegurar ou impedir a realização do evento. O exemplo abaixo expressa o modo passado hipotético.

ii. Modo antecipatório (passado hipotético por ***=yebe***)

e. N-adûgü-ba=***yebè***=buga hudútu pero
1SG-fazer-FUT=PASS.FUT=PASS banana.massa mas
úwa-t-u bímina
NEG:EXIST-TI-3F banana

'I was going to make mashed bananas but there are no bananas'
'Eu ia fazer purê de banana, mas não tem banana'

f. Ni-há=ti l-agúwaha-nya=***yebè***=buga Márvin n-ún
1SG-COP=TOP 3M-chamar-PROG-PASS.FUT=PASS Márvin 1SG-DAT
l-un n-ídi-n ówchacha
1SG-DAT 1SG-IR:SU1-N.ESPC peixe

'Marvin was calling me in order to go fishing'
'Marvin estava me ligando para ir pescar'

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.164)

A língua também exibe um clítico que designa um modo epistêmico ***=funa*** para expressar algum grau de dúvida quanto a precisão ou realidade da proposição (cf. (HAURHOLM-LARSEN, 2016), como podemos ver nos exemplos a seguir.

iii. Modo epistêmico ***=funa***

g. B-anûgü-n-i=***funà***=san h-ebéluru-ba lán gulílawaü
2SG-trazer:SU1-N.ESPC=EPIST=Q 3PL-entrar-FUT IRR rombudos
há Mári?
3PL=DEM Mari?

'Do you suppose that those bluntnose jacks will come back in, Mari?'

‘Você acha que aqueles macacos rombudos vão voltar, Mari?

h. Anya-há=tiya yunúgu há yá [halíya-na=***funà***=tiya]?
3PL-EXIST=ENF Ladino 3PL.DEM alí onde-NOMA=EPIST=ENF

‘There are those Ladinos, where might they be from?’
‘Existem aqueles ladinos, de onde eles podem ser? ’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.166)

E por fim, há uma forma que o falante pode expressar rumores, sendo um modo hipotético, não verdadeiro. Haurholm-Larsen (2016, p.168) assinala que o uso do clítico **=*nege*** indica que a fonte da informação proferida não é de primeira mão, mas sim que alguém a contou a ele. O autor assinala que esse modo é usado, frequentemente, em contextos frequentes no uso de narrativa pessoal ao relatar eventos ocorridos antes do nascimento do narrador, ocorridos sem seu conhecimento ou que representam eventos em que o mesmo não esteve diretamente envolvido, como podemos verificar a seguir.

iv. Modo dubidativo (hipotético) **=*nege***

i. Aban l-ígiru-n-u aban=***nege*** hé-ydi-n
CONN 3M-deixar-N.ESP-3F CONN=RUM 3PL-IR:SU2-N.ESP
Aríha-rügà꞉-l-i=***nege*** h-árigi anyá=güra lan
Ver-ADV-DI-3.M=RUM 1PL-depois 3PL-ir IRR

‘Then he let her go and they went while he watched them go’
‘Então ele a deixou ir e eles foram enquanto ele os assistiu ir’

j. Pero nyén-be-y aban l-amúlen=***negè***=buga 1-un
CONJ ADV-FUT-3M um 3M-irmão.jovem=RUM=PASS 3 M=DAT
l-ídi-n anûge-y
3M-ir:SU1.N.ESP trazer:SU1-3M

‘But there'll be a younger brother of his to pick him up’
‘Mas haverá um irmão mais novo dele para buscá-lo’

(HAURHOLM-LARSEN, 2016, p.168)

Todos os tipos de modais apresentados em Garifuna exibem um evento hipotético, ou seja, uma ação que pode acontecer (que irá se realizar ou não) ou que iria acorrer, mas por algum motivo não se realizou, sendo uma probalidade em um julgamento espistêmico ou ideôntico.

2.2.3.1.4 Subgrupo TA-Arawak: Lokono e Wayuu

Pet (2011) descreve três tipos de modalidades em Lokono: habilitativo marcado com o morfema *–ma* que como podemos compreender apresenta uma permissão, podendo ser considerado um modo imperativo, o modo desiderativo que expressa um desejo, marcado com *–thi* e o necessitativo, marcado com *–li*, como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(573) Lokono

i. Modo habilitativo (imperativo)

a. Tho-khota-***ma*** no
Ela-comer-HAB 3SG

‘She can eat it’
‘Ela pode comê-lo’

(PET, 2011, p.33)

ii. Modo desiderativo

b. B-osa-***thi***-ka
Você-ir-DESID-PFV

‘Do you want/intend to go?’
‘Você quer/pretende ir? ’

(PET, 2011, p.34)

iii. Modo condicional (necessitativo)

c. Bi-malhikhotoa-***li*** no
2SG-aprender-NESS 3SG

‘You should learn it’
‘Você deveria aprender’

(PET, 2011, p.34)

Em Lokono todos, o exemplo em (a) exibe uma permissão que de o falante pode fazer tal ação, enquanto que o exemplo em (b), o modo desiderativo expressa mais pergunta, do que um desejo, enquanto no modo nessessitativo, em (c), está mais relacionado para uma ação que aconselha, manipula, podendo ser um julgamento avaliativo.

Em Wayuu apenas encontramos descrição do modo imperativo. Álvarez (2017) argumenta que o modo imperativo é formado de duas formas diferentes, dependendo do tipo de verbo. O autor afirma que os verbos ativos e os estativos perdem a vogal final do infinitivo, mas não sofrem mutação vocálica (cf. ÁLVAREZ, 2017). O imperativo ocorre, frequentemente, com pronome de segunda pessoa. Os exemplos, a seguir, exibem o modo imperativo.

(574) Wayuu

i. Modo imperativo

a. Pü-püta
2SG-deixar

‘Deja tú’
‘Você deixa! ’

b. Pü-chajaa
2SG-buscar

‘Busca tú! ’
‘Você busca! ’

c. Jimata pia!

‘Aquiétate tú’
‘Acalme-se você’

d. Kamanee pia

‘Sé amable tú’
‘Seja amável você’

(ÁLVAREZ, 2017, p.71- (a, b); p.72 (c, d))

2.3.1.1.5 Subgrupo Amazônia-Colombiana: Resígaro e Achaguá

A língua Resígaro exibe estruturas de sentenças com modo declarativo (afirmativo) e imperativo. Em relação ao modo declarativo eles ocorrem em senteças não transitivas e transitivas. No trabalho de Allin (1976) observamos que, em todos os casos, o SN ou um nome classificatório no sujeito tende a ter uma expansão bastante limitada. Nessas sentenças existe também o modo condicional marcado com *–tsí* e o desiderativo. Os exemplos abaixo exibem sentenças com o modo declarativo em Resígaro.

(575) Resígaro

i. Modo indicativo (declarativo)

a. Depíitshi ooǰaǰá?
PRON-machado pequeno

‘His axe (is) small’
‘O machado dele é pequeno’

b. Givaʔaadégaǰaʔ tsóoʔve gi-khaá ooǰaǰá?
PRON-faca afiado 3SG.M-fazer(nom) pequeno

‘He sharpens his knife (is) small’
‘Ele afia sua faca (é) pequena’

c. Tsó-ná oo noótó
3sg-f-restr INTENSF minha.filha

‘She (is) my daughter’
‘Ela (é) minha filha’

ii. Modo hipotético/condicional

d. Nodoʔphaavaa-***tsí***-vá maʔtsanaá no

Eu-trabalho-COND.IRR-FUT cansado eu

‘If I work, I shall get tired’
‘Se eu trabalhar, vou me cansar’

iii. Modo desiderativo

e. Domá-mi téé?í-kóo-***ma*** no?pí
Ela disse-PASS.REC rio-DAT-DESID.IRR eu-ir

'She said, I want to go to the river'
'Ela disse, eu quero ir para o rio'

(ALLIN, 1976, p. 308 (a, b); p.309 (c); p.310 (d); p.322 (e))

A língua também exibe o modo dubitativo que expressa dúvidas, tais sentenças são expressas através –eké?tsí ~ -eké, como podemos verificar a seguir:

iv. Modo dubitativo

f. Tsa-mí-***eké?tsí*** tsa?nú
3SG.M-PASS.REC-DUB.IRR vir

'Perhaps, he has come'
'Talvez, ele tenha vindo'

g. Nií gi-manáa no-tó?
NEG 3SG.N.F-conhecer 1SG-pegar
Kehee-mí-***eké?*** anoógí kainée khá
Quem-PASS.REC-DUB.IRR anta matar fazer

'I don'know who could have killed the tapir'
'Não sei quem pode ter matado a anta'

(ALLIN, 1976, p.343)

E por fim, a língua também exibe o modo imperativo. Allin (1976) afirma que tal modo não é expresso por nenhuma marcação morfológica. Em resígaro, o imperativo se aplica para apenas os pronomes de segunda pessoa para palavras verbais. Tal modo é direcionado para uma obrigação, os exemplos, a seguir, exibem esse tipo.

i. Modo imperativo

h. Pá?mítu

'Drink! '
'Bebe! '

i. Pí?pí

'Go! '
'Vai! '

(ALLIN, 1976, p.139)

Na língua Achagua, Wilson (1992) argumenta que afirmações declarativas, tipicamente, não leva nenhuma marcação de modo, como podemos verificar no exemplo a seguir.

(576) Achagua

i. Modo indicativo

a. Nu-yá báaya-eži káašta
1SG-CÓP fechar-SG livro

'Estoy cerrando el libro'

‘Estou fechando o livro’

A língua exibe o modo imperativo da mesma forma que a segunda pessoa do verbo declarativo, contudo, existem alguns sufixos que marcam o imperativo cortesia *–y* e o imperativo intensificado *-naa*, além deles, há o modo exoartivo a partir do sufixo *–aa/-tee* e o modo probalidade *–minaa*.

ii. Modo imperativo

a. Hi-wáa-***yu***-u
2SG-sentar-COR-PASS

‘Siéntese, por favor’
‘Senta-se, por favor’

b. I-yáa-***naa***-u i-wéni-da béeži
2PL-ir-INT-PASS 2PL-comprar-CAUS beijú
Hi-li-aža
ASER-3SG.M-ADV

‘Váyanse a vender esse cazabe’
‘Vá vender esse beijú’

(WILSON, 1992, p.101)

iii. Modo exortativo (imperativo)

a. Nu-íiwa-***aa*** hí-žu áaba-i kuéntu
1SG-relatar-EXORT 2SG-DAT um-SG.M conto

‘Deja que yo te relate un cuento’
‘Deixe-me te contar uma história’

b. Hi-má-***tee*** báani-wa-ni
2SG-dizer-EXORT outra.vez-?-3COM

‘Dilo outra vez’
‘Diga isso de novo’

(WILSON, 1992, p.102)

iv. Probabilidade assertiva *–minaa*

c. Hiní-***minaa*** yéesa hi.yá
Nada-PROB acontecer 2SG

‘Seguramente nada te va a suceder’
‘Com certeza nada vai acontecer com você’

(WILSON, 1992, p.103)

Os outros exemplos exibem modos verbais que expressam alguma situação condicional, tais como *žúnaa* ‘ser necessário’, *kéewa* ‘poder’.

v. Verbos moldais

d. Táʔa ***žúnaa*** áaba-naa wa.yá
CONJ necessário um-INT 1PL

‘Por eso es necessário (que estemos de) um solo pensamiento’
‘Por isso é necessário (que sejamos de) um único pensamento’

e. Ka-***éewi***-keʔe na-íya kúéša-enai
DERIV-poder-PRO 3PL-comer animal-PL

‘Para que puedan comer animales’
‘Então eles podem comer animais’

(WILSON, 1992, p.103 (h); p.104 (i))

2.2.3.1.6 Subgrupo Alto-Rio Negro: Baniwa, Tariana e Warekena

Em Baniwa de Içana encontramos nos dados de Ramirez (2001b) morfemas que que podem se referir ao modo frustativo e irreal. O autor assinala que o sufixo *–tha* (=FRUST) indica que o objetivo desejado e indicado pela ação verbal não é alcançado ou que a ação não acarretou os resultados desejados. Já o irreal que é marcado pelo sufixo *–mitha* expressa uma situação apenas imaginada, mas não realizada. E por fim, o modo optativo *-khaa* que se combina com o morfema *–mitha* para designar todos os tipos de desejos irrealizáveis (cf. RAMIREZ, 2002b). Os exemplos, a seguir, exibem esses três tipos modais em Baniwa.

(577) Baniwa

i. <u>Modo frustativo</u>

a. No-deena-***tha*** peema-lhe ɲame no-aiʉa-ka
1SG-remar-FRUST outro.lado-A1 NEG 1SG-poder-SUB

‘Remei para o outro lado, (mas) não consegui (atingir a beira) ’

b. No-ooma-***tha*** no-hiniko-ka no-eema ɲame no-ʉaita-ka
1SG-querer-FRUST 1SG-levantar-se-SUB 1SG-de pé NEG 1SG-poder-SUB

‘Eu queria levantar-me, (mas) não podia’

c. ɭi-ooma-***tha*** li-aanhee-ka wa-aako metsa
3N.F.SG-querer-FRUST 3N.F.SG-aprender-SUB 1PL-língua CONJ
hiɽapiʉinaa-ka li-oodza-ni
difícil-SUB 3N.F.SG-para-3N.F.SG

‘Ele queria aprender a nossa língua, mas (isso) é difícil para ele’

(RAMIREZ, 2001b, p.252)

ii. <u>Modo irreal</u>

d. Wa-aa-***mitha*** wa-toɭoka pówe, ɭhíatsha íidza-ka-ni
1PL-ir-IRR 1PL-atirar macaco, só que chover-SUB-3NF.SG

‘Íamos atirar macacos, só que choveu’

e. Pi-ɭhiotsa-***mitha*** pi-aa-ka Hiipanako-ɭhe pi-weNVta-ka-ɽo tapee
2SG-dever-IRR 2SG-ir-SUB São Gabriel-A1 2SG-comprar-FIN remédio

‘Você deveria ir a São Gabriel para comprar remédio’

(RAMIREZ, 2001b, p.253)

Ramirez (2001b) argumenta que o irreal *mitha* é um sufixo adequado para expressar todo tipo de contrafatos em situações contrárias à realidade.

f. No-iiɲha-***mitha*** neemi-ka-daa-***mitha*** kophe
1SG-comer-IRR haver-ALT-IRR peixe

'Eu comeria se houvesse peixe'

(RAMIREZ, 2001b, p.254)

iii. Modo Desiderativo (optativo)

g. No-ooko-***khaa-mitha*** koitsi
1SG-assoprar-OPT-IRR mutum

'Tomara que eu mate (assoprando com zarabatana) o mutum'

h. Li-maɽa-***khaa-mitha*** hiipa-ɉiko
3N.F.SG-boiar-OPT-IRR cachoeira-LOC

'Tomara que ele bóie na cachoeira'

(RAMIREZ, 2001b, p.263)

A língua Tariana exibe diferentes tipos de modos ou modalidades. Aikhevald (2003) descreve o modo imperativos e seus subtipos, o frustativo, o intencional, o apreensivo, o incerto, o condicional, o propósito, o sem expectativa e os assertivos de sentenças declarativas. Iniciando a análise com o modo imperativo, ele ocorre em sete subtipos. O primeiro é o imperativo simples que não é marcado morfologicamente, o segundo descrito pela autora são os imperativos próximo que é marcado com *–si* e significa fazer algo próximo do falante, o distante marcado com *–kada* e significativa marcar uma ação longe do falante e o postegardo marcado com *–wa* que se refere a fazer algo um pouco mais tarde (AIKHENVALD, 2003). Os exemplos abaixo exibem esses dois tipos de alusão ao modo imperativo.

(578) Tariana

i. O modo imperativo e seus subtipos

1. Imperativo simples

a. Na-ine-nuku pi-dia
3pl-ins-top.non.a/s 2sg-ficar

'Stay with them'
''Fique com eles'

(AIKHENVALD, 2003, p.371)

2. Imperativos próximos, distante e postergado

b. Hina-***si***
2PL+escutar-PROX.IMP

'Listen you here'
'Ouça você aqui'

c. Ina-***kada*** ihya amaku-pe-se
2pl+dormir-dist.imp você rede-pl-loc

'You sleep (over there) in your hammocks (Said the evil spirit's wife to her children, so that they would be away from where she was going to eat)'
''Você dorme (ali) nas suas redes (Falou a esposa do espírito maligno para os filhos, para que eles ficassem longe de onde ela ia comer) '

d. Diwese-wya pi-a-***wa*** nuitõ
CONJ-EXTRAL 2SG-ir-POST.IMP 1SG.filha:VOC

'Go a little later, my daughter'
'Vá um pouco mais tarde, minha filha'

(AIKHENVALD, 2003, p.372 (a); p. 373 (b, c))

O terceiro tipo é o imperativo prejudicional que é marcado com *–tupe* e significa 'deixar algo acontecer para o prejuízo da pessoa' (AIKHENVALD, 2003). O quarto tipo é o imperativo representante ou imperativo de segunda mão que é marcado com *–pida* e significa 'fazer algo porque alguém disse para fazer'. O quinto tipo é o conotativo precativo marcado com *–thara* e o sentido dele na sentença é tentar fazer algo em favor para alguém, o sexto tipo é imperativo coortativo que é marcado por *–da* e ocorre apenas na primeira pessoa do plural e tem a função de fortalecer a instigação para performar uma ação imediatamente, e por fim, o sétimo tipo que é polido que significa 'pedir algo com gentileza, de forma polida'. Os exemplos abaixo exibem esses seis subtipos de imperativos em Tariana.

3. Imperativo prejudicial

e. ahĩ di-swa-***tupe***
ADV 3SG.N.F-deitar-se-PREJ.IMP

'Let him lie here (to this own detriment)'
'Deixe-o deitar aqui (para seu próprio prejuízo) '

(AIKHENVALD, 2003, p.374)

4. Imperativo representante

f. Mhaĩda-***pida*** pi-ñha-kaɾu
PROH-IMP.REPR 2SG-comer (S_a)-VIS:PROP

'Don't eat (a thron; Cândido told us not to)'
'Não coma (um espinho; Cândido mandou não comer) '

g. Pi-a pi-nhã-***pida***
2SG-ir 2SG-comer-IMP.REPR

'Go and eat (on Olívia's order)'
'Vai comer (por ordem da Olívia) '

(AIKHENVALD, 2003, p.376)

5. Conativo precativo

h. Pi-a-***thaɾa*** pi-wa
2SG-dar-IMP.PREC 2SG-tentar

'They and give me please (a turtle asking monkey for some fruit)'
'Eles e me dêem por favor (uma tartaruga pedindo frutas ao macaco) '

(AIKHENVALD, 2003, p. 378)

6. Imperativo coortativo

i. Wasã wa-sida-***da***
Vamos 1PL-atirar-COOR.IMP

'Let 's shoot (the deer) (straight way)'
'Vamos atirar (o cervo) (caminho direto) '

(AIKHENVALD, 2003, p. 378)

7. Imperativo polido

j. Pira-nha
2SG+beber-***nha***

'Would you like to drink?'
'Você gostaria de beber? '

(AIKHENVALD, 2003, p.379)

O segundo modo descrito por Aikhenvald é o frustrativo que é marcado com *–tha*. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo.

ii. <u>Modo Frustativo</u>

a. Nhua-sini nese-nuku
Eu-também:ACT.CONTR CONJ-TOP.NON.A/S
[Nu-na-ka nu-a-***tha***-ka]
1SG-querer-SUB 1SG-ir-FRUST-PASS.REC.VIS
Nu-dalipa pi-a pima
1sg-próximo 2sg-ir 2sg+dormir

'Since I, too, wanted to go then (but couldn't), you go and sleep at my place'
'Já que eu também queria ir (mas não pude), vá dormir na minha casa'

b. Nuha [nu-sata-***tha***-na nhuma]
Eu 1SG-perguntar-FRUST-PASS.REM.VIS 1SG+escutar

'I did try in vain to ask (the pilot about why he did not let us go)'
'Tentei em vão perguntar (ao piloto porque não nos deixou ir) '

(AIKHENVALD, 2003, p.380)

O terceiro modo é o intencional que é marcado com o clítico *–kasu*. Aikhenvald (2003) ressalta que esse morfema ocorre com qualquer grupo de verbos, marcando ação iminente.

iii. <u>Modo Intencional</u>

a. Dhinuɾu di-thuka-***kasu*** di-a
3SG.NF+pescoço 3SG.N.F-quebrar-INTEN 3SG.NF-ir

‘His neck is about to breack (Said of a drunken man, lying on a bench with his head dangling)’
‘Seu pescoço está prestes a quebrar (Lado de um homem bêbado, deitado em um banco com a cabeça pendurada) ’

b. Kwe-nha pi-ni-***kasu***
Como-PRES.VIS.INT 2SG-fazer-INTEN

‘What are you going to do?’
‘O que você vai fazer? ’

(AIKHENVALD, 2003, p.283)

O quarto tipo é o modo apreensivo. Segundo Aikhenvald (2003, p.384), a língua Tariana tem duas forrmas de expressar um significado apreensivo para ter cuidado. A língua tem dois tipos que marcam o modo apreensivo: *-da* ‘apreensivo visual’ e o *–ñhima* ‘apreensivo não visual’. Os exemplos abaixo exibem o modo apreensivo.

iv. Modo apreensivo

a. Nu-pumi pi-pinita me̋da pi-wha-***ñhina***
1SG-depois 2SG-seguir CONJ 2SG-cair-APREN-N.VIS

‘Do follow me, or else you might fall down (you are not looking)’
‘Siga-me, ou então você pode cair (você não está olhando) ’

b. Mhaĩda pi-a iya puʧa-***da*** phia-se
PROH 2SG-ir chuva molhado-APREN.VIS você-LOC

‘Don’t go, lest the rain might make you wet’
‘Não vá, para que a chuva não o deixe molhado’

(AIKHENVALD, 2003, p.284 (a); p. 285 (b))

O quinto tipo é o modo que designa incerteza e é homófono ao sufixo de apreensivo visual *–da*. Aikhenvald (2003) afirma que esse morfema combina com frustativo e com tempo-evidencialidade. Os exemplos, a seguir, exibem o modo que designa incerteza.

v. Modo que designa incerteza (condicional/dubidativo)

a. Nhua nu-kama-ka nu-na na-inu-***da***
Eu 1SG-embebedar-SUB 1SG-OBJ 3PL-matar-INCERTZ

‘If I get drunk, they might kill me’
‘Se eu ficar bêbado, eles podem me matar’

b. Nha na-sape-ka dhima-***da*** diha
3PL 3PL-falar-SUB 3SG.NF+escutar-INCERTZ ele

‘When they (animals) speak, he probably understands’
‘Quando eles (animais) falam, ele provavelmente entende’

(AIKHENVALD, 2003, p.387)

O sexto tipo descrito pela autora é o condicional que é marcado com *–butha*. Segundo Aikhenvald (2003), essa forma vai variar entre os tempos verbais: não-passado (*-buhta*), passado recente (*-buhtaka*) e passado remoto (*-buhtana*). Esse modo abrange o significado de condição, obrigação e possibilidade (cf. AIKHENVALD, 2003). Os exemplos abaixo exibem o modo condicional em Tariana.

vi. Modo condicional

a. Iya di-wha-ka amaku puʃa-***buhta***
Chuva 3SG.NF-cair-SUB RED estar.molhado-COND.NON.PASS

‘If rain falls, the hammock might get wet (in future, or right now)’
‘Se chover, a rede pode molhar (no futuro ou agora) ’

b. Heku yia di-wha-ka amaku puʃa-***buhtaka***
Ontem chuva 3SG.NF-cair-SUB rede estar.molhado-COND.PASS.REC

‘If rain had fallen yesterday, the hammock would have been wet’
‘Se tivesse chovido ontem, a rede estaria molhada’

c. Palipa-nipe sede-ka iya wa-na
IMPESS+cobrir NEG.EX-SUB chuva 1PL-OBJ
Puʃa-***buhtana***
estar.molhado-COND.PASS.REM

‘If we had not had the cover, rain would have made us wet (a week or so ago)’
‘‘Se não tivéssemos a cobertura, a chuva teria nos molhado (mais ou menos uma semana atrás) ’

(AIKHENVALD, 2003, p.391)

O modo proposital (sétimo tipo) pode ser marcado de duas formas: *-kaɾu* para um ‘propósito visual ou imediato’ e o *–hyu* que marca um ‘propósito não visual ou distante’.

vii. Modo proposital

a. Wasã taɾada-peni wehta-***kaɾu*** wa
Vamos ativo-PL:ANIM 1PL+pegar-PROP.VIS 1PL+ir

‘Let’s go and get the living one (fish) (right now)’
‘Vamos pegar o vivo (peixe) (agora) ’

b. Taɾada-peni duhta-***hyu*** du-a-pidana
Ativo-PL:ANIM 3SGF+PROP.N.VIS 3SGF-ir-PASS.REM.REP

‘She went to get the living ones (she might not see them)’
‘‘Ela foi buscar os vivos (ela pode não vê-los) ’

(AIKHENVALD, 2003, p. 393)

O sufixo *–pada* é usado para marcar ações inesperadas (oitavo tipo) que vai contra a expectativa do falante ou do ouvinte (cf. AIKHENVALD, 2003). Os exemplos, abaixo, exibem esse tipo modal.

viii. Modo de ações inesperadas (contrafactual)

a. Nu-na-ka pi-ña pi-ña-ka phia
1SG-OBJ-SUB 2SG-bater 2SG-bater-SUB você
Kani-nha pi-kwida-***pada*** phia
Alguém-PRES.VIS 2SG-sofrer-INESP você
Pathidite-nuku
igual+CLN:ANIM-TOP.NON.A/S

'While you were hitting me, wasn't it the case that you suffered (beating) from your equals?'
''Enquanto você estava me batendo, não foi o caso que você sofreu (batendo) de seus iguais? '

b. Ai-nihka paita dhe
ADV-ANT+PASS.REC.VIS um+NUM.CLF: ANIM 3SGNF+entrar
Di-nu-nhi kwana yaphini-daka-***pada***
3SG.NF-vir-ANT quem coisa-AND-INESP

'Someone came in here, who on earth could it yet have been? (I did not expect anyone)'
'Alguém entrou aqui, quem diabos poderia ter sido ainda? (Eu não esperava ninguém) '

(AIKHENVALD, 2003, p. 397)

E por fim, o último modo em Tariana descrito por Aikhenvald (2003) é o que ocorre com sentenças declarativas assertivas (nono tipo). O modo declarativo-assertivo é marcado com o sufixo *–ka* e ocorre quando a ação é direta, em frente, ao falante. Os exemplos abaixo exibem o modo declarativo-assertivo.

ix. Modo declarativo-assertivo

a. ʧa! Nu-sa-niɾi di-dia-***ka***
ʧa! 1SG-esposo-MASC 3SG.N.F-retornar-DECL
Di-nu-mha
3SG.N.F-vir-PRES.NON.VIS

'ʧa! here is my husband coming'
'ʧa! Aqui está vindo o meu marido'

b. Iya di-wha-***ka***-naka
Chuva 3SG.N.F-cair-DECL-VIS.PRES

'It is raining (right now)'
'Está chovendo (agora)'

(AIKHENVALD, 2003, p. 398 (a); p.399 (b))

A língua Warekena exibe quatro tipos de modos, são eles: o imperativo, o probabilístico, o que designa um propósito e um modo de advertência. Aikhenvald (1998), ressalta que o modo imperativo em Warekena ocorre sem nenhuma marcação morfológica na raiz verbal. Os exemplos, a seguir, ilustram o modo imperativo na língua.

(579) Warekena

i. Modo imperativo

a. Piya-hã nu-yaɭitua pi-ʃa pi-teɭuka a:tapi
Você-PAUS 1SG-irmão 2SG-ir 2SG-cortar árvore

'You, brother, go and cut tree!'
'Você, irmão, vá cortar árvore! '

b. Ni-ʃia nu-pie-hẽ̃ wani-hĩ
2PL-ficar 1SG-encontrar-PAUS ADV-PAUS
'You stay here, for me to find (you) here!'
'Você fica aqui, para eu encontrar (você) aqui! '

c. Manuma-pi
estar.em.silêncio-2SG

'Be silent! '
'Fique em silencio! '

(AIKHENVALD, 1998, p.263)

O modo probabilístico ocorre a partir da sufixação de *-ʃewa*. Conforme Aikhenvald (1998), esse modo, geralmente segue os clíticos aspectuais e sofre atração pelo proclítico negativo *ya-*. A autora ressalta que ele pode ser usado tanto em sentenças afirmativas quanto em negativas, e geralmente se refere ao futuro, não possuindo nenhum significado *irrealis*.

ii. Modo probalístico (epistêmico)

a. Aya-***ʃewa***-hã weni
Estar.ausênte-PROB-AUS água

'Water will probably be lacking'
'Provavelmente vai faltar água'

b. Ya-mia-***ʃewa*** wa-kuɭua-pia weni
NEG-PFV-PROB 1PL-beber-NEG água

'We shall probably have no water to drink'
'Provavelmente não teremos água para beber'

(AIKHENVALD, 1998, p.352)

O modo proposital é marcado no predicado de uma oração final subordinada pelo morfema *–paɭu* 'a fim de, para que' (cf. AIKHENVAL, 1998). Os exemplos, abaixo, ilustram o modo proposital.

iii. Modo proposital (intencional)

a. Wa-hã wa-ʃa wa-yanita payaːɭu atebu wa-pana-***paɭu***
CONJ-PAUS 1PL-ir 1PL-pegar todos fruta 1PL-planta-PROP
Wa-miyuliwe wa-yanita aʃi wa-pana-***paɭu***
1PL-jardim-LOC 1PL-pegar mandioca 1PL-planta-PROP

‘Then we went to take all the fruit, for us to plant in our garden, we took manioc to plant’
‘Aí a gente foi pegar todas as frutas, para a gente plantar na nossa roça, a gente pegava mandioca para plantar’

b. Ya-mia-hã yuʧi-pia-yu yu-ma-***pa.lu*** matsuka
NEG-PFV-PAUS forte-NEG-3SG.F 3SG.F-fazer-PROP flor

‘She (my wife) is not strong enough for her to make flour’
‘Ela (minha esposa) não tem força para fazer farinha’

(AIKHENVALD, 1998, p.353)

O último tipo modal descrito por Aikhenvald (1998) em Warekena, é aquele que expressa uma advertência, um aviso, ou algo ruim que pode acontecer, ele não ocorre com clíticos pronominais e é usado no discurso para indicar que uma ação pode ser evitada. Ele ocorre através da partícula –*matse*. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de modo em Warekena.

iv. <u>Modo que designa condicional (advertência)</u>

a. Nu-da.luna-mia-hã ma.lupa ***matse*** yama-hã
1SG-amarrar-PFV-PAUS canoa ADVT flutuar-PAUS

‘I tied the canoe, otherwise it will float (away)’
‘Eu amarrei a canoa, senão ela vai flutuar (para longe) ’

b. Pida pi-ku.lua-pia pi-yue-hẽ
PROH 2SG-beber-NEG 2SG-para-PAUS
Weni u.la-.li ***matse*** anuana-pi
Água sujo-ADJ ADVT doente-2SG

‘Don't drink dirty water, otherwise you will be ill’
‘Não beba água suja, senão você ficará doente’

(AIKHENVALD, 1998, p.356)

As sentenças exibidas acima podem expressar um contínuo entre o realis e o irreal, sendo o irreal aparecendo de forma mais regular em Warekena, já que a maioria é relacionada com uma probalidade, um desejo ou uma condição que o falante almeja.

2.2.3.1.7 Subgrupo Orinoco: Baré

Segundo Aikhenvald (1995, p.32), a língua Baré exibe quatro tipos de modos: declarativo, imperativo, proibitivo e o proposital. O modo declarativo é marcado com –*ka* e é usado em verbos de ações ou estados.

(580) Baré

i. <u>Modo declarativo</u>

a. Wa-wa.ɻa-***ka*** idˈarebi idi wa-wakhidˈa-sa-***ka*** yahaniye

1PL-aproximar-DECL costa CONJ 1PL-passar-CAUS-DECL dia

‘We did stop at shore, wi did spend the day (there)’
‘Nós paramos na praia, passamos o dia (lá) ’

(AIKHENVALD, 1995, p.33)

O segundo tipo elencado por Aikhenvald é o modo imperativo, é usado com pronomes de segunda pessoa, ele não é marcado morfologicamente, como podemos verificar no exemplo a seguir:

ii. Modo imperativo

b. Bihiwa phaní-ute
2SG+ir casa-DIR

‘Go home! ’
‘Vá para casa! ’

O terceiro modo, é o proibitivo marcado com a ajuda do prefixo *–ba* e sufixo *–ka*, como ilustrado nos exemplos a seguir.

iii. Modo proibitivo (imperativo)

c. *Ba*-bi-kiyate~ ˈda-***ka*** bi-yuhada bi-ʧana-ka
NEG-2SG-temer FC-NEG 2SG-caminhar 2SG-ficar-SEQ

‘Don't be afraid. You are going with me’
‘Não tenha medo. Você vai comigo’

(AIKHENVALD, 1995, p.33)

E por fim, o modo proposital que é formado no radical verbal pelo sufixo *–waka*. Ele é usado em orações subordinadas. Aikhenvald (1995) afirma que neste último caso, o sujeito da oração intencional não coincide necessariamente com o da sentença principal.

iv. Modo proposital

d. Nihíwa nu-ʧátika adáhati nu-nedˈa-***waka*** nu-kákuɻi
1SG+ir 1SG-cortar cipó-videira 1SG-tecer-PROP 1SG-rede.de.pescar

‘I went to cut cipó-vine to weave a fish-net’
‘Fui cortar cipó-cipó para tecer rede de pesca’

e. Waháwa wa-yúruda ate adi-(i)ʧana-ka
1PL+ir 1PL-caminhar CONJ ADV+3SG.N.F-ficar-DECL
Iwáka a-wana i-ʧuma-ka nũ
3SG.N.F-irmão INDEF-ordem 3SG.N.F-chamar-DECL Eu
Nihiwa-***waka*** ima Manáu (te)
1SG+ver-PROP 3SG.N.F+com Manaus (-DIR)

‘Let’s go to (the place) where his brother is who ordered (other people) to call me, for me to go with him to Manaus’

‘Vamos para (o local) onde está o irmão dele que mandou (outras pessoas) me ligar, para eu ir com ele para Manaus’

(AIKHENVALD, 1995, p.33)

Todas as línguas do grupo Norte-Ara´wak exibem a categoria de modo com bastante frequência já que todas elas expressam algum tipo de modalidade. Adiante, verificaremos o modo nas línguas do Grupo-Sul Arawak.

2.2.3.2 Grupo Sul-Arawak

2.2.3.2.1 Subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul: Terena e Baure

A língua Terena exibe sete tipos de construções modais. A primeira faz referência às formas epistêmicas, marcadas com os morfemas *–mea* e *–pera*. De acordo com Oliveira (2021), o morfema *–mea* é usado pelo falante quando faz uma colocação de incerteza sobre o que está ocorrendo, enquanto o *–pera* é um morfema que traz um significado de suposição quanto a um acontecimento ou a uma situação (cf. OLIVEIRA, 2021). Os exemplos a seguir exibem as formas epistêmicas na língua.

(581) Terena

i. <u>Modo epistêmico dubitativo/probabilístico</u>

a. Ngásaxo-***mea***
1/ter.frio-INCERTZ

‘Talvez é o João quem irá? ’

b. Ma-***pera*** Ø=itúko=ti râmoko
Q-SUP 3SG=fazer-N.ESPC farinha

‘Ele acha que alguém faz farinha’

(OLIVEIRA, 2021, p.149)

O segundo tipo de modal descrito por Oliveria é o irreal que é marcado com *–mo*. O modo realis na língua não é marcado em Terena. Os exemplos, a seguir, ilustram o modo irreal na língua.

ii. <u>Modo irreal</u>

a. Mbíh-o-***mo*** Buriti-ke
1/ir-VT-IRR Buriti-LOC

‘Eu irei para Buriti’

b. Ma-ni pih<é>ti itea ákо-***mo*** pih<e>-pó
PART-INCOMP 2/ir-VT-DESC CONJ exist.NEG-IRR 2/ir-DESC
‘Você queria ir, mas não vai embora’

(OLIVEIRA, 2021, p.149)

O terceiro tipo elencado pela autora como pontencial e também que faz referência ao modo indicativo. Ele ocorre a partir da sufixação de *a*- ~ -o, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

iii. Modo potencial/indicativo

a. Ína-mo Ø=píh-***a***
PART.D-IRR 3SG=ir-POT
'Então ele irá'

b. Ína-mo o-koyúh-***a***
PART.D-IRR POT-falar-VT/POT
'Então ele irá'

c. Ako Ø=inát-a-pa=***a*** okóvo
EXIST.NEG 3SG=esquece-VT/POT-REFL/POT=3OBJ centro-emoção
'Ele não o esqueceu'

(OLIVEIRA, 2021, p.152)

O quarto tipo refere-se ao modo condicional. Oliveira (1992, p.154) explica que existem duas construções condicionais diferentes na língua. A primeira é expressa pela partícula ***–enepo*** e é um condicional de causa e efeito, já a forma contrafactual é expressa por ***hoko*** e significa uma situação hipotética. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo.

iv. Modo condicional

a. ***Enepo*** a-ka-váne=a vanenj-o=â-ti-mo
COND POT-CAUS/POT-vender=3OBJ 1/comprar-VT=3OBJ-DESC-IRR
'Se ele o vender, eu comprarei'

b. ***Enepo*** o-koˈ-ítuk-e nzuvoˈó-x-o=a-ti-mo
COND POT-CAUS-trabalhar 1/ajudar-VBLZ-VT=3OBJ-DESC-IRR
'Se ele trabalhar, eu o ajudarei'

c. ***Hóko***-ti Ø=pih-ô-po undí-mo piho-pô
CONT.F.NEG-DESC 3SG=ir-VT-DIR 1.ENF-IRR ir-VT-DESL
'Se ele não for embora, eu mesmo irei'

d. ***Hóko***-ti itukóvo sopôro xúpu ene véy=o
CONT.F.NEG-DESC tipo de milho mandioca DEM arrancar=VT
'Se não tiver tipo milho, se arranca mandioca'

(OLIVEIRA, 2021, p.156)

O quinto tipo apresentado pela autora é o imperativo afirmativo. Oliveira (2021, ressalta que em Terena, "a forma do imperativo afirmativo é reconhecida quando a vogal temática do verbo está na forma potencial e flexionada na segunda pessoa do singular" (p.156), como evidencia os exemplos abaixo.

v. Modo imperativo afirmativo/negativo

a. Y=úruk-***a***-pu
2SG=entrar-VT/POT-REFL
‘Entre! (Como assertivo) ’

b. Y=***a***-yéˈek-***a***=a
2SG=POT-cozinhar-VT/POT=3OBJ
‘Cozinhe-o! ’

c. Ako <e>yûh-o
AUX.NEG <2>CAUS-fala-VT
‘Não fale! ’

(OLIVEIRA, 2021, p. 156 (a, b); p.158 (a))

De acordo com Oliveira (2021, p.158), o modo hortativo afirmativo pode ser realizado de duas formas: (i) com *hinga* ‘vamos’ e o modo hortativo negativo que ocorre a partir do *hoko* que execer papel imperativo negativo. Os exemplos a seguir exibem o modo hortativo em Terena.

vi. Modo hortativo afirmativo/negativo

a. ***Hingá*** pih-ó-po-ti ûti
1.INC/DESL ir-VT-DESL-DESC 1PL
‘Estamos indo! Nós (precisamos) vamos embora’

b. ***Hoko*** y=itox-îi
HORT.NEG 2SG=escrever-POT
‘Não escreva! ’

(OLIVEIRA, 2021, p.158 (a); p.159 (b))

E por fim, o sétimo tipo é o modo desiderativo que é marcado com *–ni* e indica um desejo do falante. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de modo.

vii. Modo desiderativo

a. Ník<e>a-***ni*** ne-xûpu
<2>comer-VT/POT-DESID FOC.D-mandioca
‘Você gostaria de comer mandioca’

b. Pih-a-pa-***níˈi*** ihároti ne-sêno
Ir-VT/POT-DESL/POT-DESID amanhã FOC.D-mulher
‘A mulher gostaria de ir amanhã’

(OLIVEIRA, 2021, p.160)

Danielsen (2007, p.266) afirma que o único sufixo de modo é -ša, que se refere a eventos irreais, principalmente em pressuposições e considerações sobre o futuro. A autora ressalta que o modo irreal pode ser contrastado com *-pa* ‘fut’, que se refere a um evento futuro que o falante já está planejando fazer. O sufixo -ša também é importante

para a construção de cláusulas condicionais hipotéticas (cf. DANIELSEN, 2007). Os exemplos, abaixo, exibem o modo *irrealis* na língua.

(582) Baure

i. Modo irreal

a. Enevere nka ro=sowe-***ša*** ač ni=yon-pa
Próximo.dia NEG 3SG.M=chuva-IRR e 1SG=caminhar-FUT
Ri=weri-ye
3SG.F=casa-LOC

‘Tomorrow if it doesn't rain, I will walk to her house’
‘Amanhã se não chover vou a pé até a casa dela’

b. Kwe-***ša*** ni=wer ač rom ni=keyino=pi
EXIST-IRR 1SG=casa e IMM 1SG=casar=2SG

‘When I have a house (lit. there is my house) I marry you finally’
‘Quando eu tiver uma casa (lit. lá é a minha casa) eu finalmente me caso com você’

c. Pi=vek-***ša***=ni po-po-š-wo-i
2SG=falar-IRR=1SG um-CLF: PEQUENO-UM-COP-ENF

‘Please, would you say to me just one word!’
‘Por favor, você poderia me dizer apenas uma palavra! ’

(DANIELSEN, 2007, p.267 (a); p.268 (c, d))

2.2.3.2.2 Subgrupo Paresí-Xingu: Wauja, Mehináku, Yawalapiti, Paresi

Na língua Wauja, apenas encontramos construções com modo imperativo. Elas se dividem em imperativas positivas e negativas. Postigo (2014) afirma que o imperativo positivo se refere a ações que expressam um conselho, um pedido ou ordem solicitada sem o uso da negação e não é marcado, enquanto que, o imperativo negativo vem e com a forma ***aˈmijaN*** para expressar à negação.

(583) Wauja

i. Modo imperativo positivo e negativo

a. P-aˈiNʧa
2sg-comer

‘Coma! ’

b. Pi-katuˈma-la
2sg-trabalhar-?

‘Trabalhe! ’

c. ***aˈmijaN*** p-aˈiNʧa kata-nɨ
IMP.NEG 2SG-comer DEM-REFL
‘Não coma isso! ’

d. ***a*ˈ*mijaN*** p-aˈkunu-ˈtene kuˈnu
IMP.NEG 2sg-fechar-? Porta

‘Não feche a porta’

(POSTIGO, 2014, p.209 (a); p. 210 (b, c, d))

A língua Mehináku exibe três tipos de modais, o pontencial em duas formas – *mija/-kuma,* o modo dubitativo e seus subtipos *–kala, -pijala, -numa* e o desiderativo – *kuta*. De Felipe (2021), em seu trabalho sobre a língua, considera que as partículas de potencial e dubitativa expressam a modalidade epistêmica e são relaciondas às opiniões subjetivas dos falantes a cerca da veracidade de um enunciado. Já partícula desiderativa é uma modalidade deôntica, já que exprime a vontade da proposição (DE FELIPE, 2021). A seguir, verificaremos os exemplos dessas modalidades em Mehináku.

(584) Mehináku

i. Modalidade potencial (condicional)

1. Modalidade potencial com *mija*

De Felipe (2021, p.375) ressalta que a particula potencial *mija* se refere às situações suscetivel de existir ou acontecer, mas sem existencia real. De acordo com o autor, trata-se, portanto, de um marcador de possibilidade, de condicionalidade.

a. Nu=k=ata-pana-la=mije=ku,
1SG=ATR=árvore-CLF:FOLIFORME-POSS=POT=DECL
N=ija ***mija*** Campinas ~~i~~=nai=ku=hã
1SG=IR POT Campinas 3=LOC=DECL=ENF

‘Se eu tivesse em Campinas, ia para Campinas’

b. Nu=peku=jete ija=la ***mija***=la Campinas=nai
1SG=amigo-ASS ir=FUT POT=FUT Campinas=LOC

‘Meu amigo talvez irá para Campinas’

(DE FELIPE, 2020, p.376)

2. Modalidade pontencial com *kuma*

Em relação ao pontencial com *kuma*, De felipe (ibdem) afirma que essa partícula também se refere a situações suscetíveis de existir ou acontecer. O autor assinala que *kuma* aparece em sentenças que a função de dúvidas em sentenças interrogativas.

c. A=ija ***kuma*** eheɳuh~~i~~-ta? numa p=ene i=piri=ku=hã
1PL=ir POT anzol-VBLZ dizer 2SG=marido 3=BENF=DECL=ENF
Ahã a=ija, ija=wi
INTERJ. 1PL=ir ir=PFV

‘Vamos pescar? Disse ao marido
Ok, então vamos, vamos (respondeu ele) ’

d. A=ija ***kuma*** kupatɨ=taku? eheʂuhɨ=ta? numa i=piri!
1PL=ir POT peixe=LOC? Anzol=VBLZ dizer 3=BENF
Nu=putaka=ja a=ija=la?
1SG=aldeia=LOC 1PL=ir=FUT

‘Vamos no lugar da pesca? Pescar? Disse (ela) a ele
Vamos na minha aldeia? (Lugar onde homem achou) ’

(DE FELIPE, 2020, p.377)

ii. Modalidade Dubitativa

1. Dubitativo *–kala*

De felipe (2020) ressalta que esse dubitativo indica que o falante não tem certeza a respeito do evento. Como podemos verificar nos exemplos abaixo.

a. ***Kala***=hã n=iju haju akene ahã
DUB=ENF 1SG=esposa filho defecar INTERJ.
Numa i=piri=ku kene ɨ=nu=wi=ku=hã
Dizer 3=BENF=DECL DEM 3=esposa=REP=DECL=ENF
ɨ=nai emeheʂe=wi=ku
3=LOC 3.limpar.a.bunda=REP=DECL

‘Minha esposa, o filho fez cocô (acho), disse ele para a esposa. Lá, limpa a bunda (dele, a bunda do sapo) ’

b. Jitsuiku numa jatami=ku=hã ija ***kala***
Depois dizer pajé=DECL=ENF ir dub
Tuwa ɨ=maka=nai=itse=ku=hã
3.vir 3=de.lá=LOC=LOC=DECL=ENF

‘Depois diz que pajé foi lá. Ele veio de lá’

(DE FELIPE, 2020, p.378)

2. Dubitativo *–pijala*

De felipe (2020) ressalta que esse dubitativo também indica uma situação incerta com maior grau de dúvida que com dubitativo com *-kala*.

c. Ija ***pijala*** patuwai kaʂaɨpa ɨ=putaka ɨ=nai
3.ir DUB ? não.indígena 3=aldeia 3=LOC

‘Parece que ele ia para a cidade’

d. Nu=kamɨʂu mɨna ***pijala***=la ɨ=tenu
1SG=namorar DUB DUB=FUT 3=com

‘Eu acho que talvez eu namore com ela’

(DE FELIPE, 2020, p. 379)

3. Dubitativo *–mɨna*

Em relação ao dubitativo *–mɨna* que tem uma função referencial e exprime incerteza sobre a proposição enunciada (cf. DE FELIPE, 2020). Os exemplos, a seguir, exibem o dubitativo *–mɨna*.

e. Jamukuhi ***mɨna*** elele=pei
Criança DUB chorar=IMPFV
'Acho que a criança está chorando'

f. Nu=nupa kitsapa-i-tsipie, akanu ***mɨna***=pai janumaka
1SG=ver pé-N.POSS-PL perto DUB=IMPFV onça
'Vi umas pegadas, acho que tem onça perto'

(DE FELIPE, 2020, p. 380)

Segundo De Felipe (2020), a partícula *–kuta* exprime uma vontade ou desejo do falante em realizar um determinado evento ou situação.

iii. Modalidade desiderativo

a. Natu ***katu*** nu=waiʃatɨ=pai natu
1SG DESID 1SG=ser.sozinho 1SG
'Eu queria ficar sozinho'

b. Natu ***katu*** waʂɨ nu=tuma=pai nu=pɨna
1SG DESID INTENS 1SG=fazer=IMPFV 1SG=casa
'Eu queria muito construir minha casa'

(DE FELIPE, 2020, p.381)

Na língua Yawalapiti existe dois tipos de modo: o exortativo que é aquele que expressa uma permissão, marcado morfologicamente com *–puka* e o modo imperativo que diferente das outras línguas é marcado com o sufixo *-i*. Os exemplos a seguir exibem tais modo em Yawalapiti.

(585) Yawalapiti

i. Modo exortativo (imperativo)

a. Pi-tsɨmɨ-***puka*** apa
2SG-escutar-EXORT música
'Você pode escutar música'

b. Pi-mahik-***uka***
2SG-bater-EXORT
'Pode bater'

(YAWALAPITI, 2021, p.152)

ii. Modo imperativo

a. P-unup-***i*** i-ru-la
2SG-ver-IMP 3-F-DIST
'Veja ela'

b. Pi-huluk-***i*** katula-ja
2SG-furar-IMP mangaba-CLF:LÍQUIDO
'Fure a bola'

(YAWALAPITI, 2021, p.153)

A língua Paresí exibe o irrealis sendo indicado por *iya*. Além dele, a língua exibe o modo frustativo, dubidativo e desiderativo. Brandão (2014, p.294) argumenta que na língua Paresí o irrealis *iya* é usado em sentenças contrafactuais, condicionais, concessivas e negativas no futuro. Os exemplos, a seguir, exibem o irrealis em Paresí.

(586) Paresí

i. Modo irreal

a. Maiha=***ya***-tya=tyo n=aihono-t-it=ene waiye
neg=irr=th=top 1sg=cobrir-th-impfv=3obj bom
Ha=reclama-tya hi=tyoa –heta hoka
3SG=reclamar-TH 2SG=voltar PFV COM

'I won't cover your food because when you arrive you will complain'
'Eu não vou cobrir sua comida porque quando você chegar você vai reclamar'

b. Maiha=***ya*** h=olatya-ita natyo
NEG-irr 2SG=amarrar-IMPFV 1SG

'You should not tie me up!'
'Você não deve me amarrar! '

c. No=ka-olo-ye ***iya*** hoka n=kolatya-ene
1SG=ATR-dinheiro-POSS IRR CON 1SG=pegar-3.OBJ

'If I had money, I would take it'
'Se eu tivesse dinheiro, eu pegaria'

(BRANDÃO, 2014, p. 294 (a); p. 295 (b, c))

O frustativo é marcado na língua de duas formas *zoare* e *motya*. De acordo com Brandão (2014) o frustativo *zoare* indica que um objetivo de uma ação não foi alcançado. Já a partícula *motya* indica que, as suposições internas de alguém, com base em evidências visuais são erradas. Os exemplos abaixo exibem esses os dois tipos de frustativos.

ii. Modo frustativo

a. Kazatya wi=tsere-hena ***zakore*** a-heka-e-tsa witso
Jacuba 1PL=beber=TRS FRUST CAUS-estar.bêbado-CAUS-TH 1PL

'We were drinking jacuba, and unfortunately we got drunk'
'Estávamos bebendo jacuba e infelizmente ficamos bêbados'

b. Ø=ezoa Ø=ezoa-hena ***zaore*** kohatse-nae teke Ø=toka
3SG-cair 3SG=cair-TRS FRUST peixe-PL teke 3=segurar
Zokowiye
Figura mitológica

'It fell, it fell. When he (Zokowiye) fell, the fish held him'
'Caiu, caiu. Quando ele (Zokowiye) caiu, o peixe o segurou'

c. Jura ***motya*** Kabikule
Jura frust Kabikule

‘Jura looks like Kabikule (Jura has an appearance or behavior similar to Kabikule)’
‘Jura se parece com Kabikule (Jura tem uma aparência ou comportamento semelhante ao Kabikule) ’

d. ***Motya*** atyo ite one-hena wi=hiye
Frust TOP FRUST água-TRS 1PL=BENF

‘Apparently it was going to rain’
‘Aparentemente ia chover’

(BRANDÃO, 2014, p.307 (a, b); p.308 (c, d))

O dubitativo evidencia uma modalidade epistêmica, em Paresí e é marcado com *zanami* e *kala*. Brandão (2014) afirma que a partícula *zamani* é usada para indicar incerteza, enquanto o dubitativo *kala* expressa a probabilidade do acontecimento do evento. Os exemplos abaixo exibem esses dois tipos de dubativos.

iii. Modo dubitativo *zanami* e *kala*

a. Zala in=irai-ne ***zanami***
INT 3S=dizer-NMLZ DUB

‘Who is saying’
‘Quem está dizendo’

b. Sandro ***zanami*** Valeria kakoa ka-itsani Ø=aoka-ha
Sandro DUB Valeria COM ATR-filho, filha 3SG=dizer-PL

‘They are saying that Valeria is pregnant by Sandro (but I doubt he is the father)’
‘Estão dizendo que Valéria está grávida de Sandro (mas duvido que seja o pai) ’

c. ***Kala*** Enoharetse tyaona-ita eye ha=wawa-hare-nae
DUB Enoharetrse morar-IMPFV isso 3SG=estar.sozinho-MASC-PL

‘Enoharatse was already living alone here (I think)’
‘Enoharatse já morava sozinho aqui (eu acho) ’

d. ***Kala*** maiha ehare-za wi=zakaihaka-ita Paula hiye
DUB NEG história-DEM 1PL=contar.história-IMPFV Paula BENF

‘Maybe we should not tell this story to Paula’
‘Talvez não devêssemos contar essa história para Paula’

(BRANDÃO, 2014, p.309 (a, b); p.310 (c, d))

Brandão (2014, p.311) afirma que o modo desiderativo ***katsani*** é uma partícula que indica um desejo ou vontade do falante, ocorrendo no início da oração. Os exemplos, a seguir, exibem o modo desiderativo na língua.

iv. Modo desiderativo

a. ***Katsani*** zoaha no=tyoa hoka maiha=tyo=la Sandra ako ababa
DESID CONJ 1SG=vir CON NEG=TOP=FOC Sandra LOC pai
Ø=iya-re Ø=avaliza-tya no=mani

3SG=comprar-NMLZ 3SG=voucher.para-TH 1SG=BENF

'I also wanted to go. Doesn't my father buy at Sandra's? They can vouch for me'
'Eu também queria ir. Meu pai não compra na Sandra? Eles podem comprar por mim'

b. Ø=hikoa-hena-ha hoka ***katsani*** maiha
3SG=mostrar-se-TRS-PL CON DESID NEG
Ø=zane-hena-ha-ita-ha n=aoka-re no=wawi-ro
3SG=ir-TRS-PL-IMPFV-PL 1SG=dizer-NMLZ 1SG=estar.sozinho-NMLZ
No=tyaon-ita
1SG=viver-IMPFV

'When they arrived, I did not want them to go away because I was living alone'
'Quando eles chegaram, eu não queria que eles fossem embora porque eu morava sozinho'

(BRANDÃO, 2014, p. 311)

2.2.3.2.3 Subgrupo Piro-Apurinã: Apurinã, Maxinéri e Yine-Piro

Em Apurinã encontramos três tipos de modalidade: o frustativo que é marcado com *–ka*, o imperativo que pode ser marcado com *–poka* que tem um significado de imperativo polido e também pode ser não marcado e, por fim, o hortativo que é uma partícula independente *(h)amo*. Facundes (2000) trata essas formas quando sendo atos da fala bastante limitares, não os coloca como sendo um tipo de modalidade. Contudo, aqui os inserimos como fazendo parte de tipos de modalidade.

O frustativo como já mencionado é a situação no qual o falante espera um resultado de uma ação, mas por alguma consequência não pode ser realizada ou foi incompleta. Os exemplos abaixo exibem o modo frustativo em Apurinã.

(587) Apurinã

i. Modo Frustrativo

a. Nhi-nhipoko-ta-***ma***-ko kona awa-ru nhipoko-ru
1SG-comida-VBLZ-FRUST-FUT NEG ser-3M.OBJ comida-N.POSS

'I would eat but/if there's/were no food'
'Eu comeria, mas/se não tivesse/não tivesse comida'

b. Nu-nuta-pe-ka-***ma***-ru kona n-apoka-ru
1SG-procurar-PFV-PRED-FRUST-3M.OBJ NEG 1SG-encontrar-3M.OBJ

'I searched for it but didn't find it'
'Procurei mas não encontrei'

c. N-oka-***ma***-ru-ko ãkiti
1SG-matar-FRUST-3M.OBJ-FUT onça

'I'd kill the jaguar but/if...'

‘‘Eu mataria a onça, mas/se...’

(FACUNDES, 2000, p.335)

Em Apurinã, Facundes (2000) comenta que o modo imperativo na fala espontânea não é marcado, contudo em algumas elicitações ocorre a marcação do imperativo com –*poka*. A segui verificaremos os dois tipos de imperativo na língua.

ii. Modo imperativo

a. Ĩporãã p-apa-***poka*** watxa
Água 2SG-buscar-IMP agora

‘Go get water now’
‘Vá pegar água agora’

b. p-umaka-***poka***
2SG-dormir-IMP

‘Go sleep’
‘Vá dormir’

c. Xanuma pu-taka xãã-poki-ã
Lenha 2SG-colocar borda-chama-INSTR

‘Put firewood in the fire’
‘Colocar lenha no fogo’

d. Tshora! pu-muteka!

‘Thora! 2SG-Run!
‘Thora, corre!

(FACUNDES, 2000, p. 542 (a, b); p.543, p.544 (c, d))

O modo hortativo na língua Apurinã é um subtipo de imperativo onde o falante é encorajado a iniciar um evento. Os exemplos, a seguir, exibem o modo hortativo em Apurinã.

iii. Modo hortativo

a. ***Hamo*** a-su-pe
HORT 1PL-ir-PFV

‘Let’s get going’
‘Vamos indo’

b. ***Hamo*** a-nhipoko-ta
HORT 1PL-comer-VBLZ

‘Let ‘s eat’
‘Vamos comer’

(FACUNDES, 2000, p. 543)

A língua Maxíneri não trata TAM de forma geral. A língua Yine-Piro exibe o modo condicional temporal que é marcado com –*ini* e o modo antecipatório marcado com –*ɲi*. Como podemos ver nos exemplos a seguir.

(588) Yine-Piro

i. Modo condicional

a. W-homkahita-***ini***-pa-tka-li̇ Ø-nikata-ni̇-na-wi̇
1PL-seguir-COND-ELV-PFV-3SG.M 3SG-consumir-ANTIC-CMPV-1PL

‘If we follow it, it will consume us’
‘Se o seguirmos, ele nos consumirá’

(HARSON, 2010, p.214)

ii. Modo antecipatório

a. Hita hiyolika-***ni̇*** yeʧi̇kawa
1SG caçar-ANT amanhã

‘I will go hunting tomorrow’
‘Vou caçar amanha’

c. Hewi-ko n-kaspi̇ka wa heta-le-ta-***ni̇***-tka-lo n-hni̇nro
ADV-ENF 1SG-deixar.ir 1PL ver-SUBD-VCL-ANT-3SG.F 1-esposa.de

‘Right here I will let go of seeing my wife’
‘Aqui vou deixar de ver minha esposa’

(HARSON, 2010, p.214)

Além desses dois tipos, existe o modo declarativo-assertivo *-ka* e enfático *–ko*, eles seguem o morfema de modo imperativo declarivo *–ni.* Segundo Hanson (2010) esses morfemais moldais são epistêmicos. Desse modo, vamos rotulá-los aqui como modos epistêmicos. Os exemplos, abaixo, exibem esse tipo.

iii. Modo epistêmico assertivo *–ka* e enfático *–ko*

a. Hita-***ka***-tka-ni wa
1SG-ASSRT-PFV-IMP.DECL REF
P-hiçha-çe-na-ta-ni̇-lo-no
2SG-procurar-FREQ-DUR-VCL-PROP.NOM

‘It’s me, I am the one you were searching for’
‘Sou eu, sou eu quem você estava procurando’

b. Hi hima tsro-kaka-***ka***-ni
NEG QUOT grande+FEM-DISTR-ASSRT-IMP.DECL

‘Each of them was not big/ ‘None of them was big’
‘Cada um deles não era grande’/ ‘Nenhum deles era grande’

c. Wane-***ko***-ni
CONJ-ENF-IMP.DECL

‘It’s exactly thus’/ ‘That’s exactly right’
‘É exatamente assim/ ‘É exatamente isso’

d. Hi tsro-***ko***-tka-ni wa twi̇ kaçpapaho
NEG grande+ENF-PV-IMP.DECL 1PL PROX.SG.F arco.de.barco

‘This clay bowl is not very big’
‘Esta tigela de barro não é muito grande’

(HARSEN, 2010, p. 235)

E por fim, a língua também exibe o modo frustativo. Harsen (2010) explica que esse modo é a reversão da expectativa e codificada em Yine com o sufixo *-maka.* Como podemos observar nos exemplos a seguir.

iv. Modo frustativo

a. T-hinka-nɨ-na-***maka***-tka-no
3SG.F-atirar-ANTC-CMPV-FRUST-PFV-1SG

'She was going to kill me'
'Ela ia me matar'

b. W-homkahita-***maka***-lɨ hi w-himkata kaʃi-le-ta-lɨ
1PL-seguir-FRUST-3SG.M NEG 1PL-ser.capaz agarrar-SUBD-VCL-3SG.M

'We followed it (in vain); we couldn't catch it'
'Nós o seguimos (em vão); não conseguimos pegá-lo'

c. Çiro p-kawa-pa-ni-***maka***
Avó 2sg-banhar-ELV-ANTC-FRUST

'Grandmother, go to bathe [But she didn't]'
'Avó, vá tomar banho [Mas ela não foi]'

(HARSEN, 2010, p.236)

2.2.3.2.4 Subgrupo Campa: Asheninka, Caquinte e Nanti

A língua Asheninka exibe vários tipos diferentes de moldais, contudo, não iremos descrever todos, mas apenas aqueles que são mais frequentes nas línguas de análise. Modalidades que se referem as emoções dos falantes não serão analisadas nesse momento (cf. MIHAS, 2015,). Nesse trabalho, vamos descrever 12 tipos de modalidades encontradas em Ashéninka.

O primeiro tipo descrito por Mihas (2015) é modo declarativo que não é marcado morfologicamente na língua, a autora exibe esse modo apenas em exemplos de sentenças interrogativas e ele vem acompanhado com o marcador interrogativo *=ka*, "que normalmente se liga ao primeiro constituinte que segue a palavra interrogativa" (MIHAS, 2015, p.227). Os exemplos abaixo exibem o modo declarativo em Ashéninka.

(589) Ashéninka

i. Modo declarativo

a. Tsika a-n-kant-e-ri=ka? tekatsi a-n-kant-e-ri
Q 1PL-S-IRR-fazer-IRR-REL=Q EXIST 1PL.S-IRR-fazer-IRR-REL

'What shall we do? We can do nothing'
'O que devemos fazer? Nós não podemos fazer nada'

b. "Tsika i-saik-i=ka?" "jiri i-saik-i=nta"
Q 3M.S-estar-REAL=Q DEM.ID 3M.S=SER-REAL

‘Where does he live? He lives over there’
‘Onde ele mora? ele mora ai’

c. Tshika=ma o-pai-t-a=ka
Q=DUB 3N.M.S-ser.chamado-EP-REAL-Q
Pi-nint-tz-i-ri?
2SG-querer-EP-REL

‘What is it that you want?’
‘O que é que você quer? ’

(MIHAS, 2015, p.229)

O segundo modo descrito por Mihas (2015) é o optativo ou um tipo de desiderativo, marcado com *=ta*, esse mesmo clítico marca o modo desiderativo, possibilidades, imperativo e hortativo como evidenciam os exemplos a seguir.

ii. Modo optativo (desiderativo)

a. [Ari-okaaripiro-t-ak-i n-ako] [no-n-kam-e=***ta***]
PP-3NM.S-feio-EP-PFV-REAL 1POSS-mão 1SG-S-IRR-morrer-IRR=OPT

‘That the hand was horribly crippled was the case, and I wished I would die, I wanted to die’
‘Que a mão estava terrivelmente aleijada era o caso, e eu gostaria de morrer, eu queria morrer’

(MIHAS, 2015, p.229)

iii. Modo desiderativo

a. No-ja-t-ai-t-e=***ta*** n-a-ye kaniri
1SG.S-ir-EP-DESID-EP-IRR-OPT 1SG.S-pegar-IRR mandioca

‘I wish to go and get manioc a distance away from here’
‘Quero ir buscar mandioca longe daqui’

b. No-ina no-ja-t-ai-t-e
1POSS-esposa 1SG.S-ir-EP-DESID-EP-IRR
No-n-kitsa-t-apaint-e=***ta***
1SG.S-IRR-peixe-EP-uma.vez-IRR=OPT

‘Wife, I wish to go and fish a distance away from here’
‘Mulher, eu gostaria de ir pescar longe daqui’

(MIHAS, 2015, p.229)

iv. Modo de Possibilidade/Condicional

a. [Airo=***ta***=ma=ve] [a-kam-apaint-tz-i=kari]
NEG.IRR=POSSIB=DUB=EXCL. 1PL.S-morrer-uma.vez-EP-REAL-APR
‘Please, no, we could die’
‘Por favor, não, nós poderíamos morrer’

b. [No-shipok-e-ri ara=ja iroka]
1SG.A-banhar.com.erva-IRR-3M.OBJ DEM.ADV=PAR.FOC DEM.NON
[i-n-tekatsi-e=***ta***]
3M.S-IRR-NEG.EXIST-EP-IRR-POSSIB

‘I will bathe him with herbs here, so that with this [treatment] he might recover’

‘Vou dar banho nele com ervas aqui, para que com esse [tratamento] ele se recupere’

(MIHAS, 2015, p.229)

v. Modo Imperativo

a. Pi-ja-t-e=***ta*** shintsini
2SG-IR-EP-IRR=IMP rapidamente

‘You must go quickly’
‘Você deve ir rapidamente’

b. P-i-m-pok-na-ak-e=***ta*** aka
2A-IRR-vir-DIR-PFV-IRR=IMP DEM.ADV

‘You must come here’
‘Você deve vir aqui’

(MIHAS, 2015, p.230)

vi. Hortativo

a. I-ma-ye=***ta***
3M.S-dormir-IRR=HORT

‘Let him sleep’
‘Deixa ele dormir’

b. Tsame amin-e-ro=***ta***
Vamos 1PL.A.olhar-IRR-3NM.OBJ=HORT

‘Let’s look for it’
‘Vamos procurá-lo’

(MIHAS, 2015, p.230)

O terceiro tipo descrito por Mihas é o dubidativo, marcado morfologicamente pelo clítico ***=ma ~ =taima***. Os exemplos abaixo exibem esse tipo em Ashéninka. Mihas (2015) ressalta que esse modo ocorre em uma ampla variedade de senteças, incluindo as declarativas, imperativas, interrogativas e de negação. O dubitativo é comum em conversas e em narrativas. Alguns exemplos do modo dubitativo são dados a seguir.

vii. Modo dubitativo

a. Y-a-ai-t-na-ak-e-ro=***ma***?
3M.A-pegar-IMP-EP-DIR-PFV-REAL-3NM.OBJ=DUB

‘She was taken [to the hospital]?’
‘Ela foi levada [para o hospital]? ’

b. [i-v-ak-i aparoni] [iriro=***taima*** iriri]
3M.S-matar-PFV-REAL um 3M.TOP=DUB 3POSS.pai
[pashini i-kant-ashi-t-a]
Outro 3M.S-estar-APL.INT-EP-REAL

‘He killed one, it might have been the Father [master-owner of species, because] it looked different’
‘Ele matou um, pode ter sido o Pai [mestre-dono da espécie, porque] parecia diferente’

c. Y-amatavi-t-aty-a-na=***ma***?

3M.A-desiludir-EP-PROG-REAL-1SG.OBJ=DUB
Y-antavai-t-ak-ashi-t-a-na=***ma***?
3M.A-trabalho-EP-APL.SOC.CAUS-APL.INT-EP-REAL-1SG.OBJ=DUB

'Could he be deceiving me? Could he be making me work for nothing?'
'Ele pode estar me enganando? Ele poderia estar me fazendo trabalhar para nada? '

(MIHAS, 2015, p.233)

Segundo Mihas (2015, p. 235), o quato tipo é o modo de condicional possível, marcado pelo clítico modal *=rika* e expressa uma condição, ou uma circunstância que torna o evento hipotético na oração principal contingente à realização daquele na oração não-principal. Os exemplos abaixo exibem o modal condicional possível em Ashéninka.

viii. Modo condicional possível

a. [Pi-nint-ako-t-ak-e-na-ro=***rika***]
2SGA-querer-APL.GEN-EP-PFV-IRR-1SG-fonte-3N.M.T=COND
[Pi-m-p-e-na kitsarentsi]
2SG-IRR-dar-IRR-1SG.OBJ manto

'If you request it [a favor] from me, give me a traditional robe'
'Se você pedir [um favor] de mim, me dê um manto tradicional'

b. [Ari=***rika*** o-nint-tz-i
PP=COM 3N.M-querer-EP-REAL
A-ako-t-aj-e-ri
3NM.A-pegar-APL.GEN-EP-TERM-IRR-3M.OBJ
O-mishi-ri-ki] [o-kant-e...]
3NM.POSS-sonhar-REL-LOC 3NM.S-ficar-IRR

'If she truly wants to dig out evil charms in her dreams, she will say...'
'Se ela realmente quiser desenterrar feitiços malignos em seus sonhos, ela dirá...'

(MIHAS, 2015, p.235)

Mihas (2015) argumenta que os falantes Ashaninka usam como modo favorito o confractual (quinto tipo), que está relacionado às possibilidades alternativas decorrentes de situações passadas. Ele é representado pelo clítico *=mi*, como podemos verificar nos exemplos a seguir.

ix. Modo confractual

a. [Eero i-piyatsa-t-a=mi] [eero
NEG.IRR 3M.S-desobedecer-EP-REAL-CONFR NEG.IRR
y-ook-ai-tz-i-ri=***mi***]
3M.A-deixar-IMP-EP-REAL-3M.OBJ=CONFR

'Hadn't he disobeyed, they wouldn't have left him'
'Se ele não tivesse desobedecido, eles não o teriam deixado'

(MIHAS, 2015, p.238)

O sexto tipo elencado por Mihas é o frutativo. De acordo com a autora, o marcador Frustrativo -ve~-vi (em variação livre) marca o verbo em situações em que a ação falha em atingir o resultado pretendido, isto é, não sai de acordo com as expectativas do participante. Os exemplos abaixo exibem esse tipo de modo.

x. Modo frustativo

a. [I-pes-a-***ve***-t-apaint-a] [osaitekira
3M.S-limpar-EP-FRUST-EP-UMA.VEZ-REAL amanhã
I-n-tsonk-e-ro]
3M.A-IRR-finalizar-IRR-3M.OBJ

'They failed to clear the land with machetes in one go, but they will finish tomorrow'
'Eles não conseguiram limpar a terra com facões de uma só vez, mas vão terminar amanhã'

b. O-ja-t-ashi-***ve***-t-a-ri
3N.M.A-ir-EP-APL.INT-FRUST-EP-REAL-3M.OBJ

'She came to see him in vain [i.e. she failed to see him]'
'Ela veio vê-lo em vão [i.e. ela falhou em vê-lo]'

c. Airo=tya iyora a-ñ-a-***ve***-t-a-ri
NEG.IRR=AFF DEM.NOM 1PL.A-ver-EP-FRUST-EP-REAL-3N.M.OBJ

'He won't see this [the jaguar] in reality [i.e. he sees it in a vision only]'
'Ele não vai ver isso [a onça] na realidade [i.e. ele vê isso em uma visão apenas]'

(MIHAS, 2015, p.249)

O nono tipo modal é o assertivo que é marcado morfologicamente por =*kia*. Mihas (2015) explica que esse modal serve para afirmar enfaticamente a verdade da sentença declarativa em antecipação à posição oposta do interlocutor sobre o assunto em consideração. Os exemplos, a seguir, exibem o tipo modal assertivo em Ashéninka.

xi. Moda assertivo

a. Iro no-ñ-ak-e-ro=***rika***
3NM.TOP 1SG.A-ver-REAL-3N.M.OBJ=ASSERT

'I saw it'
'Eu vi isso'

b. [Y-ampantsa-ako-tz-i-ro irirori=***kia***]
3M.A-cantar-APL.GEN-EP-REAL-3N.M.OBJ 3M.FOC=ASSERT
[sonkari=***kia*** shirampari i-sonka-vent-a-ro]

flauta.de.pã=ASSERT homem 3M.A-jogar-APL.BENF-REAL-3N.M.OBJ
'They, too, would sing about it, and play panpipes on its account [of the arrow plant]'
'Eles também cantavam sobre isso e tocavam flauta de pã por causa disso. [da planta flecha]'

c. Iroñaaka=***kia*** te a-ñ-a-vi-t-***ia***

Agora=ASSERT NEG.REAL 1PL.S-ver-EP-FRUST-EP-IRR
'Now we don't see it [i.e., the custom ceased to exist]'
'Agora não vemos [ou seja, o costume deixou de existir]'

(MIHAS, 2015, p.256)

Os dois últimos modos a ser exibidos da língua Ashéninka é o status realis e irrealis. Se observamos bem os exemplos de Mihas (2015), verificaremos que, a língua exibe tais forma presa nos verbos. A autora argumenta que o modo realis é expresso por *–i* e o irrealis é expresso morfologicamente com o sufixo *–e*. Os exemplos, a seguir, mostram esse tipo em Ashéninka.

xii. Modo realis/irrealis

a. i-to-t-ak-***i***-ni-ri i-ishi i-tomo
3M.A-cortar-EP-PFV-REAL-NI-RI 3M.POSS-cabelo 3M.POSS-filho
'He cut his son's hair'
'Ele cortou o cabelo do filho'

b. No-sai-t-aty-***e***-ro nija
1SG.A-derramar-EP-PROP-IRR-3M.OBJ água
'I will empty out the water'
'vou esvaziar a água'

c. Apaata no-vetsik-a-ye-t-av-ak-***e***=ta
Tarde 1SG.A-fazer-EP-DIST-EP-U-PFV-IRR=OPT
'Later I wish to make holes [for the seedlings]'
'Depois quero fazer covas [para as mudas]'

(MIHAS, 2015, p.190 (a); p. 259(c,b))

Na língua Caquinte encontramos algumas descrições sobre o modo. Swift (1988) classifica diferentes sistemas como moldais, contudo, nem todos eles podem ser consideramos como moldais, se formos considerar a tipologia do modo nas línguas Arawak, já que ele insere, por exemplo, benefectivos, dativos e perfectivos como moldais mas sabemos que fazem parte de outra categoria. Por ora, iremos analisar aqueles exemplos que de fato exibem uma característica da modaidade do falante ou da situação do evento. O primeiro modo analisado em Caquinte é aquele de ação inacabada, denominado por Swift (1988) incoativo, marcado pelo sufixo *-ima*. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo em Caquinte.

(590) Caquinte

i. Modo incoativo (imperativo)

a. Osaitekero i-N-kacike-t-***ima***-t-ah-e-ro
Amanhã 3M-F-tocar-EP-INCO-E-REGR-IRR-3F
'Mañana él comienza otra véz a rozar un poco más de tierra'

‘Amanhã ele começa a escovar um pouco mais de terreno novamente’

b. A-N-kemisaNt-***ima***-t-e-ri
1P-F-escutar-INCO-EP-F-3M

‘Nossostros (incl) empezaremos a escucharlo’
‘Nós (incl.) vamos começar a ouvi-lo’

(SWIFT, 1998, p.85)

O segundo modo é o frustativo *–βe,* como podemos verificar nos exemplos a seguir.

ii. Modo frustativo

a. I-βeca-***βe***-ta-ri tee in-aNk-e-ri-ihi
3M-falar-FRUST-EP-3M NEG 3M-responder-IRR-3F-NEG

‘Le habló, pero él no respondió’
‘Ela falou com ele, mas ele não respondeu’

b. Iroakera-λeti i-kaNt-a-***βe***-t-ak-ro soisa
Primeiro-ADV 3M-decidir-EP-FRUST-EP-PFV-3F Suiza

‘Primero lo llamaban Suiza (pero luego la cambiaron el nombre) ’
‘Primeiro chamaram de Suiza (mas depois mudaram o nome) ’

(SWIFT, 1998, p.88)

O’hagan (2020) descreve o modo realis e irrealis em Caquinte. O autor assinala que no realis, existem dois suxos fusionais, *-i* e *–a*, enquanto que o irrealis utiliza o *–e*, o mesmo que em Ashéninka. Os exemplos abaixo exibem esses dois tipos modais na língua.

i. Modo realis/irrealis

a. No-amen-***i***
1SG-assistir-REAL

‘I’m watching’

b. No-amen-***e***
1sg-assistir-IRR
‘I’ll watch’
‘Eu vou assistir’

c. i-chaki-***i***-ro
3M-cortar-REAL-3F

‘He’s chopping it down’
‘Ele está cortando’

d. Iri-seme-***e***
3M-gabar-se-IRR

‘He’ll brag’
‘Ele vai se gabar’

(O’HAGAN, 2020, p.230 (a, b); p.231 (c, d))

Em Nanti, Michael (2014) argumenta que o status de realidade binária entre o realis e irrealis é obrigatoriamente marcada nos verbos. O realis é marcado morfologicamente por *–i* e o irrealis por *–e*, semelhante ao Ashaninka e Caquinte. Os exemplos abaixo exibem esses dois tipos modais na língua.

(591) Nanti

i. Modo realis/irrealis

a. No=neh-*Ø*-***i***=ri
1SG-ver-IMPFV-REAL=3M.OBJ

'I see him'
'Eu vejo ele'

b. No=N-shing-***e***
1SG=irreal-correr-IRR

'I will rum'
'Eu vou correr'

(MICHAEL, 2014, p.251)

Além desses dois tipos, Michael (2014) descreve dois clíticos modais. Um clítico que exibe uma contra-suposição e deôntico *=me* e o outro que é epistêmico *=rika*. Os exemplos abaixo exibem esses dois tipos modais.

i. Modo contrafactual/ deôntico *=me*

a. Te no=N-neh-ab-ak-e=ri=***me***
NEG.REAL 1SG=irreal-ver-INTENT-PFV-IRR-3M.OBJ=CONTR

'I did not watch him (contrary to what you say/believe/insinuate)'
'Eu não o observei (ao contrário do que você diz/acredita/insinua) '

b. Tyani haNta aNtabaget-ah-e=ro=***me***
Q ADV trabalho-REG-IRR=3N.M.OBJ=CONTR.SUP
aNtamihatira?
ervas daninhas

'Who in the world would clear the weeds? (Projected response: nobody) '
'Quem no mundo limparia as ervas daninhas? (Resposta projetada: ninguém) '

c. Ha=***me*** pi=tsot-se-na-i=ro
NEG.IRR=DEONT 2SG=engolir-CLF:MASSA-MAL.REP-REAL-3N.M.OBJ

'You shouldn't slurp it up'
'Você não deveria engolir'

d. Ha=***me*** paniro o=apuNt-a
NEG.IRREAL=DEONT sozinho 3N.M.S=vir.sozinho-IRR

'She should not come alone'
'Ela não deve vir sozinha'

(MICHAEL, 2014, p. 271 (a, b); p.273 (c, d))

ii. <u>Modo epistêmico</u>

a. I=pig-ah-i=***rika***
3MS=retornar=REG-REAL=EPIST

‘He has probably returned’
‘Ele provavelmente voltou’

(MICHAEL, 2014, p.274)

As línguas Campa exibem os tipos modais realis e irrealis marcados morfologicamente nos verbos. De todas essas línguas, Asháninka é a que mais tem detalhes sobre os tipos de modalidades, Nanti, além de exibir os tipos realis e irrealis, ilustra também os modos contrafactuais (contra-suposição) e epistêmicos. Enquanto na língua Caquinte, encontramos o modo icoativo que aparenta ser um subtipo de modo imperativo e o frustrativo.

2.2.3.2.5 Subgrupo Amuesha: Amuesha

A língua Amuesha exibe diferentes tipos modais. Nesse momento, escolhemos cinco tipos de modais (indicativo, imperativo, subjuntivo, contrafactual, antecipativo) os outros aparentam ser mais aspecto do que modal (cf. DUFF-TRIPP, 1997). Duff-Tripp (1997) explica que o modo indicativo expressa uma realidade objetiva, real. Ele não leva nenhum marcador morfológico. Os exemplos abaixo exibem o modo indicativo.

(592) Amuesha

i. <u>Modo indicativo</u>

a. Huapa

‘Él/Ella viene/vino’
‘Ele/ela vem/veio’

b. Yetaruasen

‘Trabajamos’
‘Trabalhamos’

c. Eˈneret

‘Lo/La buscan/buscaron’
‘Eles estão procurando por ele/ela’

(DUFF-TRIP, 1997, p.113)

O modo imperativo expressa uma ordem direta, não é marcado morfologicamente, assim como o indicativo e ocorre com pronomes de segunda pessoa. Os exemplos, abaixo, exibem o modo imperativo.

ii. <u>Modo imperativo</u>

a. Peyenpaˈn

‘Ayúdame/tú me ayudas’
‘'Me ajuda/você me ajuda’

b. Sanorros

‘Siéntense/ustedes se sientan’
‘Senta-te’

(DUFF-TRIP, 1997, p.113)

O modo subjuntivo expressa um desejo do falante, muito semelhante com o modo desiderativo, é marcado com *–epa* ˈ, como podemos verificar a seguir.

iii. Modo subjuntivo desiderativo

a. Sotererr err***epa*** ˈ

‘Díganle que venga’
‘Diga a ele para vir’

b. Nomaˈyochaƀa peˈmñoˈtn***epa*** ˈch

‘Oro que tú me escuches’
‘Eu rezo para que você me ouça’

(DUFF-TRIP, 1997, p.114)

O modo confractual expressa uma ação ou estado ao contrário da realidade expressada pelo verbo, é marcado com *–Vñ/-ñ*. Os exemplos, a seguir, exibem o modo confractual em Amuesha.

iv. Modo confractual

a. Nerromuerr***eñ***

‘Casi me muero (pero no morí) ’
‘Quase morri (mas não morri) ’

b. Ñerraˈm ama cheterrn***añ***e oˈt̃e nerromuerreñ

‘Si él/ella no me hubiera recogido (pero me recogió) yo hubiera muerto (pero no he muerto) ’
‘Se ele/ela não tivesse me levantado (mas ele/ela me pegou) eu teria morrido (mas não morri) ’

(DUFF-TRIP, 1997, p.115)

E por fim, Duff-Tripp (1997) assinala que o modo antecipatório expressa uma ação antecipada, mas não realizada ou expressa um estado que não está finalizado. É marcado com o sufixo *–a* ˈ. Os exemplos, a seguir, exibem esse tipo de modo na língua.

v. Modo antecipatório

a. Ama yerromuen***a*** ˈ

‘No hemos muerto todavía’
‘Ainda não estamos mortos’

b. Ama yerren***a*** ˈ yeˈpotaˈta

‘Antes de comer nos lavamos las manos’

‘Antes de comer lavamos as mãos’

c. Oˈcho negoˈten***a***ˈ ontapo

‘Me voy al río para pescar’
‘Vou ao rio pescar’

(DUFF-TRIPP, 2007, p.116)

Observamos que as línguas do Grupo Sul-Arawak exibem, predominantemente, a categoria de modo, assim como as línguas do Grupo Norte-Arawak. A seguir, verificaremos os padrões de modo nas línguas Arawak, a partir dos dados que foram mostrados até aqui.

2.2.3.2.6 Padrões de modo e modalidade nas línguas Arawak

A categoria de modo é um sistema muito comum nas línguas do mundo. Nos estudos de Bybee (1995), ela ocorre em 68% na amostra de línguas exibida pelo autor. Nesta tese, o sistema de modo é uma característica tipológica bastante presente nas 24 línguas analisadas, já que todas elas exibem esse sistema. A seguir, verificaremos as recorrências tipológicas de modo nas línguas do grupo Norte-Arawak e em seguida nas línguas do grupo Sul-Arawak.

2.2.3.2.6.1 Descrição do sistema de modo/modalidade nas línguas do grupo Norte-Arawak

Todas as línguas do grupo Norte-Arawak exibem a categoria de tempo, algumas com diferentes subtipos moldais e outras com apenas aqueles mais conhecidos na gramática tradicional, como o imperativo, por exemplo. A língua Wapixana (subgrupo: Rio Branco) exibe o modo indicativo, imperativo, dubidativo, desiderativo e o assertivo (finalidade). Já a língua Palikur (subgrupo: Palikur) exibe apenas descrição do modo imperativo. A língua Garifuna exibe o modo imperativo, irreal, passado hipotético (antecipatório), epistêmico e dubidativo (hipotético). As línguas do subgrupo TA-Arawak (Lokono e Wayuu) têm o modo imperativo, contudo, apenas em Lokono[133]verificamos mais de um tipo. Essa língua, além do modo imperativo, ilustra também o desiderativo (necessitativo). As línguas do subgrupo Amazônia-Colombiana (Resígaro e Achagua) apresentam o modo imperativo. Em resígaro e Achagua, além desse tipo, exibem também o indicativo (declarativo). Na língua Resígaro encontramos também o modo condicional, desiderativo e dubidativo. Já em Achagua, exibe o modo exortativo que também parece ser um subtipo do imperativo e o de possibilidades que é um tipo de modo epistêmico.

[133] O modo habitativo em Lokono aparenta ser um subtipo do modo imperativo já que reflete em uma permissão para ação ocorrer.

As línguas do subgrupo Alto-Rio Negro (Baniwa, Tariana e Warekena) exibem diferentes tipos moldais. Em Baniwa tem-se o modo frustativo, irreal e o desiderativo. A língua Tariana é a que mais ilustra entre as outras duas línguas tipos moldais. Exite vários subtipos de imperativos, além do modo frustativo, intencional, apreensivo, dubidativo, desiderativo, condicional, contrafactual e o declarativo assertivo. Em Warekena, há o modo imperativo, epistêmico, proposital e de advertência que pode ser relacionado com um subtipo de condicional. E por fim, a língua Baré (subgrupo: Orinoco) ilustra o modo declarativo, imperativo, epistêmico (probabilístico) e proposital. Adiante, verificaremos as recorrências do modo nas línguas do grupo Sul-Arawak.

2.2.3.2.6.2 Descrição do sistema de modo/modalidade nas línguas do grupo Sul-Arawak

Assim como as línguas do grupo Norte-Arawak, as 13 línguas analisadas do grupo Sul-Arawak exibem diferentes tipos moldais. No subgrupo Bolívia-Mato Grosso do Sul, a língua Terena exibe o modo dubidativo, epistêmico, o modo irreal, o modo indicativo, condicional, imperativo, hortativo e o modo desiderativo. Em Baure, encontramos apenas descrição sobre o modo irrealis. Nas línguas do subgrupo Paresi-Xingu todas elas exibem o modo imperativo[134] e seus subtipos[135]. Em Mehináku, além do imperativo, há a modalidade condicional, dubidativa e desiderativa. Já a língua Paresí, ela tem o status irrealis que neste trabalho consideramos como um modo, além do dubidativo, frustativo e o desiderativo. No que diz respeito às línguas do subgrupo Piro-Apurinã, apenas não verificamos descrição sobre modo em Maxinéri. Em Apurinã existe o modo frustativo, imperativo e hortativo, enquanto que em Yine-Piro há o modo condicional, antecipatório, epistêmico assertivo e o frustativo.

Entre as línguas do subgrupo Campa, Asheninka é a que tem mais variedades de modo ou modalidade. Neste caso, por uma questão de padronização e também para não ficar exaustivo, apenas verificamos aqueles que já foram descritos nesse trabalho. Deste modo, a língua Asheninka exibe o modo declarativo, desiderativo (opcional), condicional, imperativo, hortativo, dubidativo, contrafactual, frustativo, assertivo e irrealis. Na língua Caquinte, conseguimos observar alguns tipos moldais, tais como o incoativo que é um subtipo imperativo, o frustativo e o realis e irrealis. A língua Nanti exibe o modo contrafactual, epistêmico e realis e o irrealis. Nas línguas do subgrupo Campa, a questão

[134] A língua Wauja e Yawalapiti exibem apenas esse tipo.
[135] A língua Yawalapiti exibe o modo exortativo que como explicado é um subtipo de modo imperativo, uma vez que o falante para praticar a ação necessita de uma permissão.

do realis é bastante interessante, já que é um aspecto meio que obrigatório nessas línguas, onde seus marcadores sempre aparecem nas raízes verbais. E por fim, a língua Amuesha (subgrupo: Amuesha) exibe o modo indicativo, imperativo, desiderativo, contrafactual e o antecipatório. Adiante, verificaremos as ocorrências de modo/modalidade e os morfemas nas 24 línguas de análise.

2.2.3.2.6.3 Ocorrências de modo/modalide nas línguas Arawak e os morfemas moldais

Como observado, determinar as modalidades envolvidas em uma proposição nas línguas Arawak é uma tarefa bastante difícil. São diferentes tipos de modais que podem fazer relação com um outro tipo, por exemplo, os modais ecoativos e exoartivos pode ser relacionado com o imperativo, assim como os de probalidade com os epistêmicos ou assertivos dentro de sentenças declarativas etc. Nesse trabalho, trabalhar com a questão de modo foi bastante extenuante, uma vez que, as diferentes nomenclaturas fizeram com que tivéssemos uma dificuldade em resumir esses moldais descritos aqui. Contudo, apesar das objeções, conseguimos realizar uma análise preliminar das ocorrências dos tipos de moldais analisados nesse trabalho e também os morfemas que os representam. A maior ocorrência de caso de tipos moldais foi do modo imperativo, onde conseguimos verificar 16 línguas que o exibem. Dessas 16 línguas, oito exibem formas não marcadas desse tipo, contudo, algumas línguas exibem ele de forma marcada com diferentes morfemas.

A segunda ocorrência é o modo desiderativo e condicional, que foram observados em 9 línguas, em seguida há o modo indicativo (declarativo/assertivo) que é presente em 8 línguas e também o modo dubidativo e o irrealis que exibem o mesmo número. Já o modo frustativo é ilustrado em sete línguas. Esses modos são mais frequentes nas línguas analisadas. Contudo existem outros que são menos frequentes, tais como: o espistêmico, ocorrendo em 6 línguas, o confractual sendo ilustrado em 4 línguas, o antecipatório, proposital, hortativo e o realis em 3 línguas, e por fim o apreensivo, ocorrendo apenas em 1 língua. A tabela a seguir exibe os morfemas que designam os tipos moldais elencados nesse estudo. Ressaltando que a tabelas 79 e 80, a seguir, são esboços de análise e como dito anteriormente, trabalhar modo nas línguas Arawak foi um trabalho bastante desafiador. Deste modo, primeiramente, exibimos os tipos moldais mais recorrentes e, em seguida, os menos recorrentes nas línguas Arawak analisadas.

Tabela 79 - Distribuição dos morfemas de modo das 24 línguas Arawak

Línguas	imperativo	indicativo (decl/assert)	dubidativo	desiderativo	condicional	Frustativo	irrealis
Wapixana	zero	n/-ʔn	n	ʐu			
Palikur	Su, bawba e Uyay						
Garifuna			nege				lan
Lokono	ma			thi	li		
Wayuu	zero						
Resígaro	zero	zero	ɛkéʔtsí / ɛkéʔ	ma	tsí		
Achagua	yu/naa/tee	zero/ka/minaa			žúnaa /kéewa		
Baniwa				kha-mitha		tha	mitha
Tariana	zero/si/kada/wa/tupe/ pida/thaɾa /da/nha	ka	da		Buhta/da	tha	
Warekena	zero				matse		
Baré	zero/ka	ka					
Terena	a	a/o	mea/pera	ni	Enepo / hoko		mo
Baure							ša
Wauja	aˈmija (neg.imp)						
Mehináku			kala/pijala/mɨna	katu/kuma	mija		
Yawalapiti	puka/ i						
Paresi			zanami/kala	katsani		zakore (zaore)/ motya	iya (ya)
Apurinã	zero/poka					ma	
Maxinéri							
Yine-Piro		ka/ko			ini	maka	
Ashéninka	ta	zero/rika/kia	ma/taima	ta	ta/rika	ve	e
Caquinte	ima					βe	e
Nanti							e
Amuesha	zero	zero		ɛpaˈ			
Total	16	8	8	9	9	7	8

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Tabela 80 - Distribuição dos morfemas de modo das 24 línguas Arawak

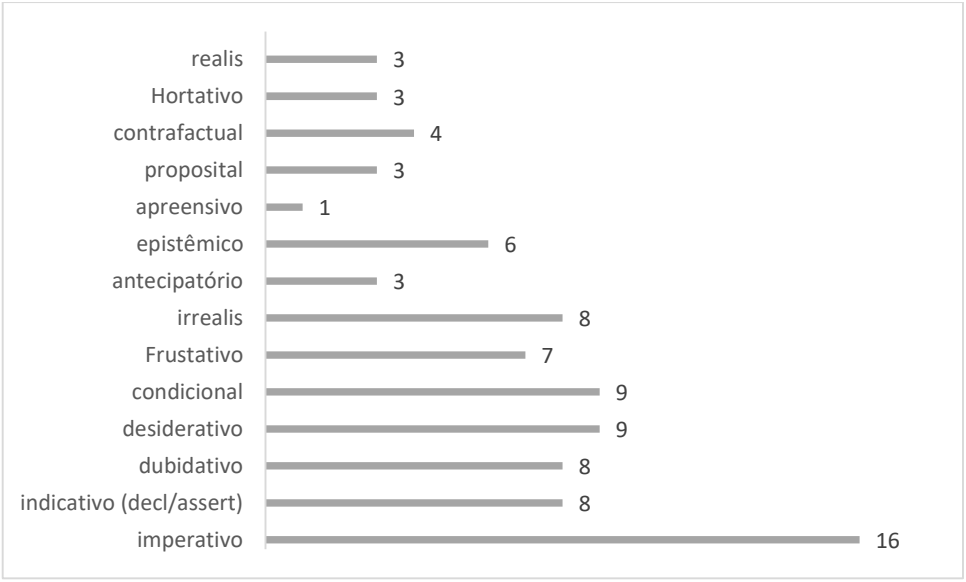
Línguas	antecipatório	epistêmico	apreensivo	proposital	contrafactual	Hortativo	realis
Wapixana							
Palikur							
Garifuna	yebe	funa					
Lokono		minaa					
Wayuu							
Resígaro							
Achagua							
Baniwa							
Tariana		kasu	ñhina/da	kasu/karu/hyu	pada		
Warekena		ʃewa		paɭu			
Baré				waka			
Terena		pera				Hingá/hoko	
Baure							
Wauja							
Mehináku							
Yawalapiti							
Paresi						hamo	
Apurinã							
Maxinéri							
Yine-Piro	nɨ						
Ashéninka					mi	ta	i
Caquinte		rika			me		i
Nanti							i
Amuesha	–aˈ				Vñ/-ñ		
Total	3	6	1	3	4	3	3

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

Os morfemas moldais são bastante diversificados, mas também podemos encontrar regularidades. Por exemplo, o declarativo é marcado com morfema *–ka* em Tariana, Baré, Terena (com a redução da consoante *-ka* > *-a*) e Yine-Piro. O frustativo *-tha* é marcado da mesma forma em Baniwa e Tariana. Apurinã e Yine-Piro também exibem formas semelhantes do frustativo: *-ma* em Apurinã e *-maka* em Yine-Piro. Ashéninka e Caquinte também exibem forma semelhante: *-ve* em Ashéninka e *–βe* em Caquinte. Em relação as línguas do subgrupo Campa (Ashéninka, Caquinte e Nanti), elas exibem a forma irrealis igual, com o *–e*. A forma do modo proposital é semelhante em Tariana e Warekena (subgrupo: Alto Rio Negro): *-kaɾu* em Tariana e *-pa.lu* em Warekena. E por fim, a forma irrealis também é marcada com o mesmo morfema nas três línguas analisadas do subrupo Campa, com *–i*.

Assim sendo, apesar de a ver uma grande diversividade dos morfemas de modo, as línguas exibem regularidades que podem ser verificadas em trabalhos posteriores, principalmente, a questão do status de realidade que é um tema bastante interessante, mas que infelizmente, não pode ser tratado com detalhes nessa tese. Agora, verificaremos as ocorrências dos modos estudados nesta tese. O gráfico, a seguir, exibe a distribuição dos modos nas línguas Arawak analisadas.

Gráfico 16 - A ocorrência dos tipos moldais nas línguas Arawak



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A seguir, na seção, abaixo, iremos descrever uma visão geral sobre a questão de TAM nas línguas Arawak.

2.2.4 Uma visão geral de TAM nas línguas Arawak

As línguas Arawak exibem uma das categorias mais importante da morfologia verbal de uma língua: Tempo, aspecto e modo. Trabalhar esses três tipos, separadamente, foi uma tarefa difícil, já que eles, recorrentemente, ocorrem de formas conectadas, principalmente, sobre o que diz respeito ao tempo e ao aspecto. Muitas línguas Arawak tratam a questão de aspecto junto com o tempo. Já o modo, ocorre comuntamente com o tempo em poucas línguas (ex. Wapixana e Tariana). Nas análises realizadas e colaborando com a tipologia de TAM. O tempo é o que menos é marcado morfologicamente nessas línguas. Em relação ao aspecto, não trabalhamos todos os tipos aqui, apenas aqueles mais comuns nas línguas, o perfectivo e o imperfectivo e seus subtipos, sendo os imperfectivos mais marcados nessas línguas que o perfectivo. E por fim, a questão de modo, que foi o 'calcanhar de aquíles' já que por exibirem bastante tipos, não sabemos realizar com clareza a divisão entre tempo epistêmico ou deôntico. Aliás, Whaley (1997) já tinha notado sobre isso. Para o autor, determinar se a modalidade deôntica ou epistêmica está envolvida em uma proposição pode ser uma tarefa difícil.

Em suma, trabalhar com TAM foi um dos temas dessa tese bastante provocante. Esperamos que podemos realizar novos trabalhos, com mais atenção e uma análise mais minuciosa sobre esse fenômeno nas línguas Arawak. Uma hierarquia sobre a marcação de TAM é preliminarmente feita aqui, como podemos verificar a seguir:

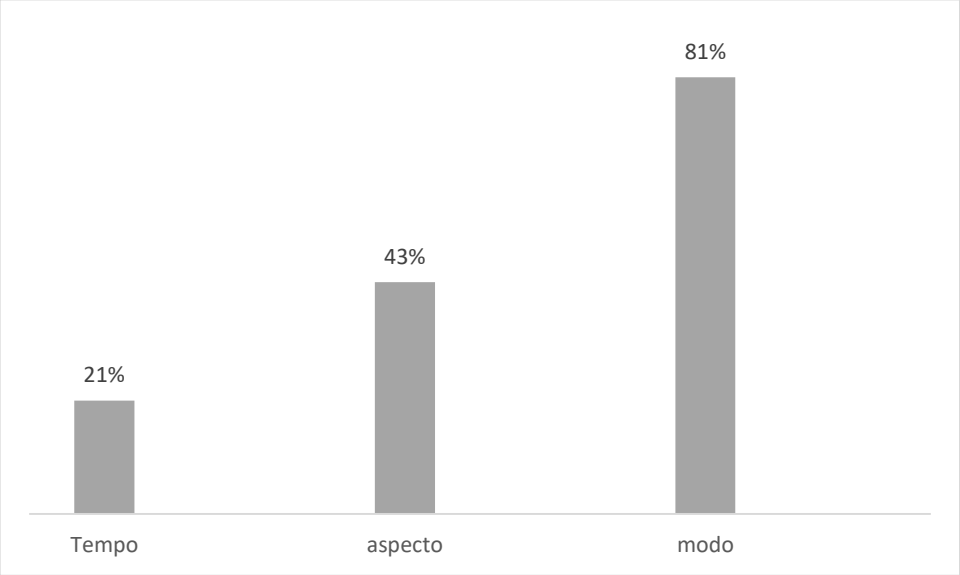
(593) *Hierarquia da ocorrência de TAM nas línguas Arawak*

MODO > ASPECTO > TEMPO

Fonte: Elaborada pela autora, 2023

A partir da nossa análise, observamos que o tempo é o sistema menos marcado morfologicamente nessas línguas, com um total de 21%, enquanto que o aspecto é marcado em 43% das línguas analisadas. E por fim, o modo, como ocorrem em diferentes situações de eventos da fala, ele ocorre em uma porcentagem total de 81%, um número bastante alto em relações os outros dois tipos. O gráfico a seguir, resume a descrição sobre a marcação morfológica de TAM nas línguas de análise.

Gráfico 17 - Visão geral de TAM nas línguas Arawak analisadas



Fonte: elaborada pela autora, 2023

Comparando o nosso estudo com o de Bybee (1985, p.31), verificaremos que em sua amostra de línguas, o tempo também aparece em poucas línguas com 50 %, enquanto que o aspecto ocorre em 74% da amostra da autora e o modo em 68%. Neste trabalho, o tempo também é o menos marcado com 21 %, contudo, diferentemente do trabalho de Bybee que mostra o aspecto como a categoria mais marcada morfologicamente nas línguas analisadas, aqui ele foi verificado em 43%, enquanto o modo é o tipo mais comumente marcado com 81 %. Esse gráfico é apenas um trabalho preliminar que pode auxiliar outros estudos sobre TAM, não apenas nas línguas Arawak, mas nas línguas ameríndias em geral. Em suma, trabalhar com a morfologia verbal nas línguas Arawak é uma etapa que necessita ser feita com muita atenção e análises minunciosas. Essa parte da tese tratou dos diferentes tipos verbais, afixos pronominais relacionados aos participantes do predicado e TAM.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse trabalho foi analisar e discutir as propriedades morfológicas de 24 línguas da família Arawak. Iniciamos essa pesquisa, realizando um esboço geral sobre a diversidade linguística existente no mundo e como os estudos tipológicos auxiliam no conhecimento científicos dessas línguas. Apesar do estudo tipológico ser bastante frequente em línguas que não se baseiam em nenhum tipo de parentesco, ele vai além, pois, comparações de fenômenos linguísticos de uma mesma família também podem ser encontradas amplas variações, e isso, foi explanado neste trabalho. A família Arawak é bastante extensa geograficamente, deste modo, é previsível que elas ilustrem diferenças na sua estrutura morfológica. Como observado, a tese foi dividida em quatro parte, a seguir, resumimos o que foi tratado em cada uma delas e os resultados obtidos.

7.1 Resumo da parte 1: Introdução, Tipologia linguística e morfológica, Família Arawak

Em suma, essa primeira parte, traz na introdução (capítulo 1) questões relacionadas à metodologia, aos objetivos, justificativa desse estudo e amostra de línguas que serão analisadas, também destacou alguns pontos principais da diversidade linguística da América do Sul, assim como a importância dos estudos tipológicos sobre essas línguas. Além disso, o capítulo 2 traz conceitos e informações essenciais sobre tipologia linguística, universais linguísticos, além da importância da descrição linguística para os estudos tipológicos e exemplos de tipos morfológicos encontrados nas línguas indígenas da América do Sul. O capítulo 3 mostrou as diferentes informações sobre a família Arawak, desde os primeiros contatos, trabalhos históricos-comparativos, morfossintáticos, etc. Além de informações gerais sobre as línguas que serão analisadas neste trabalho.

7.2 Resumo da parte 2: Estruturação das palavras nas línguas Arawak (derivação, composição (incorporação nominal) e reduplicação

A segunda parte da tese inicia-se de fato a análise sobre as 24 línguas da família Arawak. O capítulo 4 deste trabalho descreve a estrutura da formação da palavra nas línguas Arawak. Primeiramente, explicamos o conceito de formação de palavras, o tipo de classes de palavras que são predominantemente encontradas, não apenas nas línguas Arawak, mas nas línguas em gerais, tais como nome, verbos e adjetivos. Na §4.2 exibimos alguns conceitos sobre o processo de formação de palavras. Haspelmath (2002)

argumenta que existem dois tipos de processos morfológicos entre palavras para qual dois termos técnicos são comumente usados: Flexão e Derivação. Além desses dois tipos, há a composição que é um processo de formação de palavras, mas que se baseia em raízes nominais, verbais, adjetivais etc, para derivar novos itens lexicais. Esses três tipos foram analisados nesse capítulo.

A derivação é o processo mais extenso, pois envolve diferentes subtipos. Neste estudo estudamos a derivação nominal, como a nominalização, a verbalização e a adjetivação. A nominalização nas línguas Arawak é um processo derivacional bastante extenso no que incluem diferentes tipos, tais como: a nominalização de evento, de participante da ação, instrumental, locativa, produto. Todas elas foram analisadas nesse estudo. Nessa análise, verificamos que a nominalização de evento, participante e instrumentais são mais propícias de ocorrerem, enquanto a de localidade e produto são menos recorrentes. No total, a nominalização é presente em 82% na nossa amostra. No que diz respeito à verbalização, das 24 línguas selecionadas, 18 delas exibem morfemas que derivam verbos a partir de nomes ou adjetivos, sendo um processo também regular nestas línguas. O último processo de derivação por morfemas, é a adjetivação. Nesse caso, a maioria das línguas podem derivar também verbos descritivos ou estativos. Comumente, esse processo é feito a partir dos prefixos *ka-* 'atributivo' e *ma-* 'privativo'. A derivação por esses morfemas ocorre em 15 línguas, enquanto 5 utilizam o morfema *–ri* e 7 outros tipos. No geral, entre as 24 línguas analisadas, encontramos 22 línguas exibindo o processo de adjetivação. Nessa perspectiva, como resultado, observamos que 23 línguas exibem a nominalização, 18 exibem a verbalização e 22 ilustram a adjetivação.

No que concerne à composição, recorrentemente a forma N + N ocorre predominantemente nessas línguas, em seguida vem V + N, ADJ + N e ADV + N. Desta forma, observamos que a composição de N + N ocorre com mais frequência nessas línguas, até quando o N está adicionado em outras categorias. Outra questão dentro da composição estudada nessas línguas é a incorporação nominal, ocorrendo principalmente no argumento interno do verbo transitivo (o objeto), colaborando com a hipótese de Baker (1988) que os nomes incorporados precedem o verbo, e isso também é uma tendência das línguas Arawak aqui analisadas, sendo os nomes seguindo uma base verbal, independente se o verbo é transitivo ou intransitivo. No que diz respeito à reduplicação, na nossa amostra de línguas, ela ocorre de forma geral em 19 línguas, sendo também um processo

produtivo nessas línguas. Em suma, 99% dessas línguas exibem produtivamente operações morfológicas que envolvem à formação de palavras.

7.3 Resumo da parte 3: Morfologia nominal (categorização nominal, classificadores, gênero e posso nominal)

A tese também tratou sobre aspetos que envolvem a morfologia nominal. Primeiramente, o capítulo 3 traz subsídios teóricos para compreender a morfológica nominal e suas categorizações. No que diz respeito aos classificadores, analisamos sete tipos: classificadores numerais, classificadores nominais, classificadores genitivos, classificadores verbais, classificadores locativos, classificadores dêiticos e classificadores adjetivais. Contrariando a proposta de Grinevald (2000) ao afirmar que os classificadores numerais nas línguas do mundo são mais recorrentes, nas línguas Arawak isso não foi visto na amostragem das línguas. Assim sendo, encontramos com mais predominância os classificadores incorporados aos verbos e os classificadores nominais, ocorrendo em 12 línguas, ambos tipos. Já os classificadores numerais, apesar de ser em maior número nas línguas do grupo Norte-Arawak, sendo presente em 7 línguas, ele não é encontrado com predominância nas línguas do Grupo Sul-Arawak, ocorrendo apenas em 4 línguas.

Na hierarquia de classificadores apresentada nesse estudo ele fica em terceiro lugar, e em seguida vem os classificadores adjetivais, genitivos (na nossa amostra só ocorrem nas línguas do grupo Norte-Arawak), dêiticos e por último, o locativo. Como já expostos em outros trabalhos sobre classificadores nas línguas Arawak (cf. AIKHENVAL, 1994; 2000), eles desempenham uma função múltipla, onde o mesmo sufixo classificador, pode ocorrer em outros tipos, com exceção da língua Palikur que exibe sufixos classificadores diferentes para cada tipo de classificador estudado aqui. Além dos classificadores, dois tipos de categorização nominal foram descritos: o termo de classe e os nomes classificatórios.

Outro aspecto trabalhado nesse capítulo foi o gênero. Primeiramente, definimos a questão de gênero e classes de nomes, a partir de pressupostos teóricos e analisamos o gênero por uma vertente semântica e gramatical. Na questão semântica, com exceção do subgrupo Amazônia Colombiana (Resígaro e Achagua), Warekena, Baré e Paresí não encontramos nenhuma descrição sobre gênero por aspectos semânticos. No que concerne à questão formal, os verbos são, predominantemente, marcados nessas línguas. A maioria exibe distinção de gêneros na terceira pessoa, contudo, em Terena, Wauja, Mehináku, Paresi e Amuesha não exibem distinção de gênero na terceira pessoa. Em suma, a

categoria de gênero aparece em 21 línguas, enquanto, 20 línguas exibem os classificadores. Os termos de classe (Wapixana e Ashéninka) e nomes classificatórios (Apurinã e Yine-Piro) são categorizações menos comuns.

A categoria de posse é o último tópico apresentado no capítulo sobre morfologia nominal. Primeiramente, fizemos a distinção de posse alienável e inalienável, verificando questões de marcação e também a semântica de posse. Em suma, todas elas exibem marcação pronominal de posse inalienável e alienável. Nos nomes alienáveis existem também sufixos que marcam a posse alienável, aumentando a valência do nome. Já os nomes inalienáveis exibem uma forma que pode fazer com que um nome não seja possuído, o *-ʧi*.

7.4 Resumo da parte quarto: Morfologia verbal (verbos transitivos, bitransitivos, intransitivos estativos e TAM)

No capítulo 6, tratamos sobre a morfologia das línguas Arawak. Sabemos o quanto a morfologia dessas línguas é bastante rica e no verbo ela é intensificada. Primeiramente, analisamos os tipos de verbos e a marcação pronominal dos participantes do predicado verbal. Verificamos que o sujeito é predominantemente marcado sobre o verbo, já o objeto não necessariamente precisa ser marcado, sendo marcado apenas em 8 línguas quando o verbo é transitivo. Na questão dos verbos bitransitivos, o dativo que acompanha tais verbos é predominantemente marcado com objeto indireto. Em relação aos verbos intransitivos, o sujeito é marcado recorrentemente, enquanto que nos verbos estativos os sujeitos precedem o verbo e também é marcado morfologicamente. E por fim, a questão de TAM, que é um fenômeno bastante interessante nessas línguas. O tempo é menos frequente, sendo marcado em 21% línguas, enquanto que o aspecto ocorre em 43%, sendo o imperfectivo mais marcado e o modo é a subcategoria que exibe mais marcação morfológica na amostra de línguas, com uma porcentagem de 81%.

7.8 Conclusão:

Ressaltamos neste trabalho a importância da tipologia linguística em estudos de descrição, principalmente, no que diz respeito às línguas indígenas da América do Sul. A família Arawak é bastante rica morfologicamente e seus estudos contribuem significantemente para ciência da linguagem. Esperamos que essa pesquisa de doutorado possa ser mais um trabalho colaborativo sobre essa família e possa também ser um incentivo para pesquisas futuras, não apenas sobre a família Arawak, mas também para línguas de outras famílias linguísticas.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil.* Coimbra, 1595.

AOKI, Haruo. Reduplication in Nez Perce. International Journal of American Linguistics v. 29, 1963, p. 42-44. Apud: RUBINO, Carl. Reduplication: Form, function and distribution. *In*: HURCH, Bernhard (ed.). *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11-29.

ALLIN, Trevor Reginald. *A Grammar of Resígaro*. 1976. 551 f. Tese de Doutorado (Doctor of philosophy), University of St. Andrews., St. Andrews, 1976.

ALLAN, Keith. Classifiers. *Language*, Vol. 53, No. 2, [*s. l.*], 1977, pp. 285-311.

AKSENOV, A. T. K probleme ékstralingvističeskoj motivacii grammatičeskoj kategorii roda. Voprosy jazykoznanija, p. 14-25, 1984. Apud: CORBETT, Greville G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 363 p.

ANDERSON, Stephen R. *A-Morphous Morphology*. New York: Cambridge University Press, 1992. 448 p.

AIKHENVALD, A. Y. Classe Nominal e gênero nas línguas Aruák. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 10, Belém-Pa, 1994, p. 137-258.

AIKHENVALD, A. Y. Baré. *Language of the world's materials*. München- Newcastle: Lincom Europa, p.1-56, 1995.

AIKHENVALD, A. Y. Warekena. In: DERBYSHIRE, Desmond C. In: PULLUM, Geoffrey K. (Eds) *Handobook of Amazonian Languages*. Vol IV. Berlin e Nova York: Monton de Gruyter, 1998, p.225-439.

AIKHENVALD, A. Y; GREEN, Diana. Palikur and Typoloy of Classifiers. *Anthropological Linguistics*, Vol. 40, n. 3, 1998, pp. 429-480.

AIKHENVALD, A. Y. The Arawak language Family. In: DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonia languages*. Cambridge University Press, United Kingdom, p.65-106, 1999.

AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers: a typology of noun categorization devices***.** Oxford linguistic, Oxford: New York, 2000a, 562p.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Unusual classifiers in Tariana. *In*: SENFT, Gunter. *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000b. p. 93-113.

AIKHENVALD, Alexandra Y. *Dicionário Tariana*. Belém-PA: Boletim do Museu Emílio Goeldi, 2001. 389 p. v. 17.

AIKHENVALD, A. Y. *A grammar of Tariana, from Northwest Amazonia.* Cambridge University Press, 2003. 729p.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Typological distinctions in word-formation. *In*: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*: Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007a. cap. 1, p. 1-65.

AIKHENVALD, A. Y. Classifiers in Multiple Environments: Baniwa of Içana/Kurripako—A North Arawak Perspective. *International Journal of American Linguistics*, n. 4, October, 2007b, p. 474-500.

AIKHENVALD, A.Y. Language of the Amazon: a bird's – eye view. In: AIKHENVALD, A.Y. *The Languages of the Amazon*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2012, p.1-67.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Possession and ownership: a cross linguistic perspective. *In*: AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (ed.*). Possession and Ownership*: A Cross-Linguistic Typology. United Kingdom: Oxford University press, 2013. cap. 1, p. 1-64.

AIKHENVALD, A. Y; DIXON, R.M.W. Introduction: Linguistic Typology – Setting the Scene. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R.M.W. *The Cambridge Handbook of Linguistic Typology*. Cambridge University Press, United Kingdom, 2017, p. 1-35.

AIKHENVALD, Alexandra Y. „Me", „us", and „other" Expressing the self in Arawak languages of South America with a focus on Tariana. In: HUANG, Minyao; JASZCZOLT, Kasia M. *Expressing the Self***.** Oxford University Press. 2018, pp.13-38.

AIKHENVALD, Alexandra Y. How to copy your neighbors 'ways: a cross-generational perspective on nominalization in Tariana? *Language Typology and Universals*, De Gruyter Mouton, [*s. l.*], 2018, p.73-98.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Noun categorization devices: A cross-linguistic perspective. *In*: AIKHENVALD, Alexandra Y.; MIHAS, Elena I. (ed.). *Genders and Classifiers*: A Cross-Linguistic Typology. United Kingdom: Oxford University press, 2019. cap. 1, p. 1-51.

AIKHENVALD, Alexandra Y. Morphology in Arawak Languages. *Oxford University Press*, USA, p. 1-45, 2020.

ARAÚJO, Gabriel. Truncamento e reduplicação no português brasileiro. *Revista Estudo Linguístico*, Belo Horizonte, v. 10, p. 61-90, 2002.

AUSTIN, P. K.; SALLABANK, J. *Language endangerment*. Cambridge University Press, New York, 2011. 581 p.

ÁLVAREZ, José. *Manual de la lengua Wayuu*. Organización Indígena de la Guajira, Colômbia, 2017, 322p.

AUTORI, Joana Dworeka. *Fonologia e morfossintaxe da língua Sanöma (Yanomami).* 2019. 351 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - USP, 2019.

BENDOR-SAMUEL, J. Some problems of segmentation in the phonological analysis of Terena. *Word*, 16.3, 348 – 55. (1960 [1970])

BLOOMFIELD, Leonard. Language. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1983. Chicago: University of Chicago, 1983. Apud: WHALEY, Lindsay J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language.* Califórnia: SAGE Publications, 1997, 321p.

BAKER, Mark C. *Incorporation:* A theory of grammatical function changing. 1985. 691 f. Tese de Doutorado (Doctor of Philosophy) - Departement of linguistics and philosophy, Massachusets Institute of Technology, 1985.

BYBEE, Joan L. *Morphology*: A Study of the Relation Between Meaning and Form. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985. 217 p. v. 9.

BEHRENS, Dietline. Yakan-English Dictionary. Manila: Summer Institute of Linguistics, 2002. Apud: RUBINO, Carl. Reduplication: Form, function and distribution. *In*: HURCH, Bernhard (ed.). *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11-29.

BASILIO, Margaria. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 2004. 92 p.

BOOIJ, Geert. *The Grammar of Words: An Introduction to Morphology*. Oxford Linguistic, 2ed, Oxford: New York, 2007, 345p.

BULTLER, N.E; EKDAHL, E.M. *Aprenda Terena***,** v.1, Brasília: SIL, 2012, 180p.

BULTLER, N.E; EKDAHL, E.M. *Aprenda Terena***,** v.2, Brasília: SIL, 2014, 133p.

BRACKELAIRE, Vincent. Situación de los últimos pueblos indígenas aislados en América Latina (Bolivia, Brasil, Colombia, Ecuador, Paraguay, Perú, Venezuela). Diagnóstico regional para facilitar estrategias de protección. Report prepared after first International Meeting on Isolated Peoples. Apud: CREVELS, Mily. Language endangerment in South America: The clock is ticking. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

BRANDÃO, Ana Paula. *A Reference Grammar of Paresi-Haliti (Aruák).* 2014. 480 f. Tese de Doutorado (Doctor of Philosofy) – The University of Texas at Austin. Texas, 2014.

BRANDÃO, Ana Paula. A incorporação de nomes e classificadores em Paresí-Haliti (Arawak). *Liames*, Campinas, p.271-283, 2016. DOI http://dx.doi.org/10.20396/liames.v16i2.8646341

BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS – BDPI. *Resígaro*. Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/resigaro. Acesso em: 10 jun. 2021

BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS – BDPI. *Amuesha.* Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/yanesha. . Acesso em: 20 jun. 2022.

BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS – BDPI. *Nanti.* Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/nanti. Acesso em: 15 jul. 2022.

BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS – BDPI. *Yine.* Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/lenguas/yine. Acesso: 19 jul. 2022.

CIVRlEUX, Marc de & René LICHY. Vocabulários de cuatro dialectos Arawak dei Rio Guainia. Boletín de la Sociedad Venezolana de Ciencias Naturales, v.13, n.77, Caracas. 1950, p.121-159. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

CARROLL, Vern. The Structure of the Language of Nukuoro. Wellington, New Zealand: Polynesian Society, 1965.Apud: RUBINO, Carl. Reduplication: Form, function and distribution. *In*: HURCH, Bernhard (ed.). *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11-29.

CHRISTALLER, J.G. A Grammar of the Asante and fante language called tshi, 1875. Apud: MORAVCSIK, Edith A. Reduplicative Constructions. *In*: GREENBERG, Joseph

H. (ed.). *Universals of Human Languages*. Stanford, California: Stanford University Press, 1978. v. 3, p. 299-334.

CREVAUX, Jules, SAGOT, P. & ADAM, Lucien. Grammaires et vocabulaires Roucouyenne, Arrouague, Piapoco et d'autres langues de la région des Guyanes. v.8. Paris: Bibliothêque Linguistique Américaine, 1882. Apud: RAMIREZ, Henri. **Línguas** *Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

CHAFFANSON, Jean. L 'Orénoque et le Caurá: relation de voyages exécutés en 1886 et 1887. Paris: Librairie Hachette e Cie. 1889. Apud: RAMIREZ, Henri. **Línguas** *Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976. 153 p.

COMRIE, Bernard. Language Typology. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Basil Blackweel, 1989, 279 p.

COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 151p.

CROFT, William. *Typology and Universals*. University of Cambridge: Cambridge University Press, 1990a. 310 p.

CROFT, William; DENNING, Keith; KEMMER, Suzanne. Typology and diachrony in the work of Joseph H. Greenberg. *In*: CROFT, William *et al*. *Studies in typology and diachrony:* Papers presented to Joseph H. Greenberg on his 75th birthday. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1990b.

CORBETT, Greville G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991. 363 p.

CORBETT, Greville G. Gender Grammatical. In. SILLS, David L (ed.). *International Encyclopedia of the Social Sciences*, 2001, v. 18, p. 6335-6340.

CANDIDO, Vieira Glaucia. *Descrição Morfossintática da língua Shanenawa (Pano).* 2004, 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2004.

CENSO DO DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA – DANE, 2005. *Población por Pueblo indígena de Colômbia*. Disponível em: https://www.dane.gov.co/files/investigaciones/boletines/grupos-etnicos/presentacion-grupos-etnicos-2019.pdf. Acesso em: 11 jun. 2023.

COMRIE, Bernad; THOMPSON, Sandra A. Lexical nominalization. *In*: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description:* Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. cap. 6, p. 334-381

CAMPOS, Carlos S. de Oliveira. *Morfofonêmica e Morfossintaxe da língua Maxakalí*. 2009, 328 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte- MG, 2009.

CRISTOFARO, Sonia. Languages Universals and Linguistic Knowledge. In: SONG, Jae Jung. *The Oxford handbook of linguistic typology*. Oxford Handbooks in Linguistics Oxford, 2010, p.181-195.

CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica. *The Indigenous Languages of South America*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012. 764 p.

CREVELS, Mily. Language endangerment in South America: The clock is ticking. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012. p. 167-233.

CORBERA-MORI, Angel. Estruturas Lexicais na Língua Mehináku. In. FARGETTI, Cristina (org.), *Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas***.** Curt Nimuendajú: São Paulo, 2012a, p. 127-143.

CORBERA-MORI, Angel. Algunos procesos de formación de palabras nominales em Mehinaku (arawak). In. GONZÁLEZ, Hebe.; GUARDIERE, Beatriz. *Lenguas Indígenas de América del Sur*, SAL, 2012b, p.135-150.

CORBERA-MORI, Angel. Uma breve abordagem tipológica dos processos de incorporação em línguas ameríndias. *Revista eletrônica Língua Viva*, [*s. l.*], v. 4, p. 1-23, 2014.

CORTINI-MORAVA, Ellen; KILARSKI, Marcin. Functions of nominal classification. *Language Sciences*, Elsevier, n. 40, p. 263-299, 2013.

CARVALHO, Mauricio Oliveira Pires. *Aspecto Verbal na língua Dâw*. 2016, 187 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016**.**

CASTILHO-RAMIREZ, Antonio. *Aspectos de la frase nominal em caquinte (campa – arawak).* 2017. 152 f. Tese de doutorado (Linguística) – Universidad Nacional Mayor de San Marcos, San Marcos, 2017

DE GOEJE, C.H. *The Arawak language of Guiana*, Verhandelingen der Koninklijke Akademie van Wetenschappen te Amsterdam. Afdeeling Letterkkunde 28.2 (Amsterdam: Utigave Van de Koninklijke Akademie Van Wetenschappen), 1928

DIXON, R.M.W. The Dyirbal languages of North Queensland, Cambridge: Cambridge University Press, 1972. Apud: MORAVCSIK, Edith A. Reduplicative Constructions. *In*: GREENBERG, Joseph H. (ed.). *Universals of Human Languages*. Stanford, California: Stanford University Press, 1978. v. 3, p. 299-334.

DIXON, R. M.; AIKHENVALD, A. Y. *The Amazonia languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. 238p.

DIXON, R. M. W. Noun Classes and Noun Classification in Typological Perspective. *In*: GRAIG, Colette (ed.). *Noun classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1986. p. 105-112.

DIXON, R. M. W. *The Essence of Linguistic Analysis*: An Integrated Approach. Leiden: Brill, 2021. 100 p.

DERBYSHIRE, D.; PULLUM, G.K. *Handbook of Amazonian Languages*. Mounton de Gruyter, vol.1, Berlin, 1986. 657p.

DELANCEY, Scott. Toward a history of Tai classifier systems. *In*: GRAIG, Colette (ed.). *Noun classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publishing Company, 1986. p. 473-452.

DUFF-TRIPP, Marta. *Gramatica deli doma Yanecha' (Amuesha).* Série Linguística Peruana, Instituto Linguístico de Verano (SIL). Lima - Peru, 1997, 283p.

DANIELSEN, S. Baure: An Arawak language of Bolivia. In: *Indigenous Languages of Latim America*. Leiden: CNWS Publications: Universiteit Leiden, The Netherlands, 2007, 500 p.

DANIEL, Michael. Linguistic Typology and the study of language. In: SONG, Jae Jung. The *Oxford handbook of linguistic typology*. Oxford Handbooks in Linguistics: Oxford, 2010, p.1-16.

DRYER, Matthew S. e HASPELMATH, Martin (eds). *WALS Online*, 2013. Disponível em: https://wals.info/. Acesso em: 22. jun. 2022.

DA SILVA, Glauber Romling. *Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti (Arawak).* 2013. 603 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro- RJ, 2013.

DOMINGUES, Gislane. *Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang*. 2013, 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

DINGEMANSE, Mark. Ideophones and reduplication: Depiction, description, and the interpretation of repeated talk in discourse. *Studies in Language*, [*s. l.*], v. 39, ed. 4, p. 946-978, 2015. DOI: 10.1075/sl.39.4.05din.

DA SILVA, Alessandra B. *A Língua Parikwaki (Palikur, Arawak): Situação Sociolinguística, Fonética e Fonologia*. 2016, 198 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro –RJ, 2016.

DE CARVALHO, Mateus C.M. *Estudo Morfossintático da língua Deni (Arawá).* 2017. 205 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho", 2017.

D'ANGELIS, Wilmar. Línguas indígenas no Brasil: quantas eram, quantas são, quantas serão? *In*: D'ANGELIS, Wilmar (org.). *Revitalização de línguas indígenas*: como fazemos. Campinas-SP: Curt Nimuendajú, 2019. p. 13-26.

DE CARVALHO, Fernando O. Demorphologization of the proto-arawakan privative *ma- in Terena. *Liames*, Campinas-SP, v. 19, ed. 019004, p. 1-18, 2019. DOI http://dx.doi.org/10.20396/liames.v19i1.8653947.

DE FELIPE, Henrique. *Fonologia e Morfossintaxe da língua Mehináku*. 2020. 400f. Tese de doutorado (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas-SP, 2020.

DE OLIVEIRA, Carolina P. *Aspectos Linguísticos da Língua Terena (Arawak).* 2021, 226f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2021.

EBERHARD, David M., GARY F. Simons, CHARLES D. Fennig (eds.). 2022. *Ethnologue: Languages of the World.* Twenty-fifth edition. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em: http://www.ethnologue.com. Acesso em: 10 abril. 2022.

ETHNOLOGUE SOUTH AMERICA. Disponível em: https://www.ethnologue.com/world-region/south-america-4. Acesso: 30.mar .2022

FACUNDES, Sidney. *The language of The Apurinã People of Brazil (Maipure/Arawak)***.** 2000. 705f. Tese de doutorado (Doctor of Philosofy). Nova York, Bufálo: Faculty of the Graduate School of State University of New York at Buffallo, 2000.

FACUNDES, Sidney; BRANDÃO, Ana Paula. Omparative Arawak Linguistics: Notes on Reconstruction, Diffusion, and Amazonian Prehistory. *In*: HORNBORG, Alf; HILL, Jonathan D. (ed.). *Ethnicity in ancient Amazonia: reconstructing past identities from*

archaeology, linguistics, and ethnohistory. Colorado: University Press of Colorado, 2011. p. 197-210.

FERREIRA, A. C. A. *Morfofonologia, morfossintaxe e o sistema de tempo, aspecto e modo em Arara (Karib)***.** 2017. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

FREITAS, Marília. *A posse em Apurinã: descrição de construção atributiva e predicativa em comparação com outras línguas Aruák***.** 2017. 429f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2017.

GILIJ, Filippo Salvatore. *Saggio di stona americana, o sia, Storia naturale, civile e sacra de'regni e delle provinzia spagnuole di Terra-Ferma nell' America meridionals, 4* vols., Rome. (Spanish Translation of Vol. IV, by M.G. Bruscantini and C. Romero, 1955, Bogota: Academia de História. Spanish Translation of Vols. I-ffl by Antonio Tovar, 1965, Caracas: Academia Nacional de la Historia.), 1780-84.

GONDA, J. The functions of word duplication in Indonesian languages. Linguas, v.2, p.170-197, 1949. Apud: MORAVCSIK, Edith A. Reduplicative Constructions. *In*: GREENBERG, Joseph H. (ed***.).*** *Universals of Human Languages*. Stanford, California: Stanford University Press, 1978. v. 3, p. 299-334.

GREENBERG, Joseph. Some Universals of Grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, Joseph. *Universals of languages.* Cambridge: MIT, Massachusetts, 1966, p.58-90.

GREENBERG, Joseph *Language Typology: A Historical na Analytic Overview*. Montoun, Paris, 1974. 84 p.

GREENBERG, Joseph H. *Language in the Americas*. Stanford, California: Stanford University Press, 1986. 170 p.

GREEN, Diana; GREEN, Harold. *Surface Grammar of Palikur***.** Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1972, 111p.

GABAS, Nilson Jr. *A Grammar of Karo, Tupí (Brazil).* 1999, 246 f. Dissertation (Doctor of Philosophy). University of California, Santa Barbara, 1999.

GRINEVALD, C. A morphosyntactic typology of classifiers. In: SENFT, G. **Systems of** *Nominal Classification*. Cambridge: University Press, 2000, p.50-92.

GRINEVALD, Colette; SEIFART, Frank. Noun classes in African and Amazonian languages: Towards a comparison. *Linguistic Typology*, [*s. l.*], v. 8, p. 243-285, 2004. DOI: 10.1515/lity.2004.007

GIVÓN, Talmy. *Syntax: A introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v.1, 2001. 519 p.

GIVÓN, Talmy. *Ute Reference Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2011. 467 p.

GRAFFI, Giorgio. The Pioneers of Linguistic Typology: From Gabelentz to Greenberg. In: SONG, Jae Jung. The *Oxford handbook of linguistic typology*. Oxford Handbooks in Linguistics: Oxford, 2010, p.39-49.

GAVIN, M. C. et al. Toward a Mechanistic Understanding of Linguistic Diversity. *BioScience,* v. 63, n. 7, p. 524–535, jul. 2013.

GÓMEZ, Gale Goodwin; VOORT, Hein Van Der. Reduplication in South America: An Introduction. In: GÓMEZ, Gale Goodwin; VOORT, Hein Van Der (Org.). *Reduplication in indigenous languages of South America***.** Leiden: Brill, p. 1-16, 2014.

GONÇALVES, ARTUR. *Para uma dialetologia Baniwa-Koripako*. 2018. 114 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019. 167 p.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in Grammar and Discourse. *Language*, [*s. l.*], 1980. DOI: 10.2307/413757.

HASPELMATH, Martin. The European Linguistic Area: Standard Average European. *In*: HASPELMATH, Martin; OESTERREICHER, Wolf; WOLFGANG, Raible (ed.). *Language Typology and Language Universals, Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2001. p. 1492-1510.

HASPELMATH, Martin. *Understanding Morphology*. London: Arnold, 2002. 305 p.

HASPELMATH, Martin. Alienable vs. inalienable possessive constructions. *Syntactic Universals and Usage Frequency*, Leipzig School On Linguistic Diversity, p. 1-14, mar. 2008. Disponível em: https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/08_springschool/pdf/course_materials/Haspelmath_Possessives.pdf. Acesso em: 23 jun. 2020.

HERSLUND, Michael; BARON, Irène. Dimensions of possession. In: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (eds.). *Dimensions of Possession.* Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001, pp. 1-25.

HARSEN, Cynthia I. *Adverbs and Phrase Structure in Iquito*. 2006, 104 f. Thesis (Master of arts). The University of Texas at Austin, Austin, 2006.

HANSON, Rebecca**.** *A grammar of Yine (Piro).* 2010. 413 f. Tese de Doutorado (Doctor of philosophy): La Trobe Univerity Bundoora, Austrália, 2010.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses (ed.). *Mapa da distribuição do povo Baré*. São Paulo: SESC-São Paulo, 2015. Figura.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Senso demográfico 2010*. Disponível em*:* https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html. Acesso em 15 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *População Indígena de 2010*, Brasília – IBGE, 2010. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/downloads.html>. Acesso em: 02 jun. 2016.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA-INEI. *Censos Nacional 2017: XII de Población, VII de Vivienda y III de Comunidades nativas y comunidades campesinas.* Lima: INEI. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA- INEI. *II Censo de Comunidades Indígenas de la Amazonía Peruana 2017***.** Resultados definitivos. Lima: Instituto Nacional de Estadística e Informática. In: BASE DE DATOS DE PUEBLOS INDÍGENAS U ORIGINARIOS – BDPI. Resígaro. Disponível em: https://bdpi.cultura.gob.pe/pueblos/resigaro. Acesso em: 10 jun. 2021.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Ashéninka*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Ashaninka. Acesso em: 15 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS – ISA. *Baniwa*, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Baniwa. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS – ISA. *Tabelas dos povos indígenas.* Disponível em: https://pib.socioambiental.org/en/Table_of_Indigenous_Peoples. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS – ISA. *Baré*, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bar%C3%A9. Acesso em: Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS – ISA. *Palikur*, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Palikur. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Wapichana*, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wapichana. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Warekena*, 2021. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Warekena. Acesso em: 02 fev. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Apurinã*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Apurin%C3%A3#Nome_e_l.C3.ADngua. Acesso em 15 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Manchinéri*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Manchineri. Acesso em: 15 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Mehináku*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mehinako#L.C3.ADngua. Acesso: 15 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Paresi-haliti*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pares%C3%AD. Acesso: 15 jul. 2022.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Terena*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Terena#Localiza.C3.A7.C3.A3o_e_popula.C3.A7.C3.A3o. Acesso: 20 set. 2021.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA.*Waujá.* Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Wauj%C3%A1. Acesso: 20 set. 2021.

INSTITUTO SOCIAMBIENTAL POVOS INDÍGENAS– ISA. *Yawalapiti*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yawalapiti. Acesso: 22 jan. 2022.

JAKOBSON, Roman. Remarques sur l'Evolution Phonologique du Russe Comparee a Celle des Autres Langues Slave. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague* 2: 1929, p. 7-116.

JIJÓN Y CAAMANO. El Ecuador interandino y occidental antes de la conquista castellana. Quito: Abya-Yala, 1998. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide.* Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Die Indianer-Stiirnme am oberen Rio Negro und Yapurá und ihre sprachliche Zugehõrigkeit. Zeitschrift für Ethnologie. Berlin,

n. 38, 1906 p.167-205. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Aruak-Sprachen Nordwestbrasiliens zmd der angrenzenden Gebiete. Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien. Viena, 1911. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. Abschluss meiner Reise durch Nordbrasilien zum Orinoco, mit besonderer Berücksichtigung der von mir besuchten lndianerstiimme de Zeitschrift für Ethnologie. Berlin, n. 45, 1913.p. 448-474. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

KROEGER, P. R. Three aspects of syntactic structure. In: KROEGER, P. R. *Analyzing syntax: a lexical-functional approach*. Cambridge University Press, 2012, 1-21p.

KAUFMAN, Terrence. Language history in South America: What we know and how to know more. PAYNE, Doris (ed*.), Amazonian Linguistics: Studies in Lowland South American Languages.* Austin: University of Texas Press. 1990, p. 13-67.

KAUFMAN, Terrence, with help from Brent Berli. South America. In: R. E. Asher and Christopher Moseley (eds.), *Atlas of the World's Languages* (2nd edition), 2007, p. 59–94.

KAUFMAN, Terrence. The native languages of South America. In: Christopher Moseley and R. E. Asher (eds.), *Atlas of the World's Languages*, 59–93. London: Routledge. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide.* Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

KILARSKI, Marcin. *Nominal Classification*: A history of its study from the classical period to the present. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2013. 421 p.

KASHYAP, Abhishek Kumar. Language Typology. In: THOMPSON, Geoof; BOWCHER, Wendy L.; FONTAINE, Lise; DAVID, Schönthal. *The Cambridge Handbook of Systemic Functional Linguistics*. Cambridge University Press, United Kingdom, 2019, p.763-791.

LYONS, Jonh. *Semantic*. Cambridge: University press, 1977, 371p.

LOUKOTKA, Čestmir. Classification of South American Indian Languages. *Latin American Center*, University of California, v. 7, p. 1-468, 1998.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlhas, 2003. 310p.

LAUNEY, Michel. *Awna parikwaki: introduction à la langue palikur de Guyane et de l'Amapa*. Paris Diderot University: IRD Éditio, 2003. 263 p.

LEWIS, M. Paul. Ethnologue: Languages of the World, sixteenth edition. Dallas: SILInternational, 2009. Apud: PET, Willem J. A. *A Grammar Sketch and Lexicon of Arawak (Lokono Dian).* SIL Internacional. 2011, 243p. 295p.

LARSEN-HAURHOLM, S. *A grammar of Garifuna*. 2016. 325 f. Tese de Doutorado. (Doctor of philosophy): University of Bern, Suiça, 2016.

LIMA-PADOVANI, B. F. S. *Levantamento Sociolinguístico do Léxico da Língua Apurinã e sua contribuição para o conhecimento da cultura e história Apurinã (Aruák)***.** 2016. f. 192. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2016.

LIMA-PADOVANI, B. F. S. *Estudo do Léxico da Língua Apurinã: Uma proposta de Macro e Microestrutura para o dicionário Apurinã*. 2020. 305f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Pará, Belém-PA, 2020.

LINDEN, An Van. Harakmbut. *In*: EPPS, Patience; MICHAEL, Lev (ed.). *Amazonian Languages, An International Handbook.* Berlin: De Gruyter Mouton, 2019. p. 1-32

LEMUS-SERRANO, Magdalena. *Pervasive nominalization in Yukuna***:** An Arawak language of Colombian Amazonia. 2020. 1089 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Département de Sciences du Langage, Université Lumière Lyon 2, 2020.

LEMUS-SERRANO, Magdalena L. Nominalización. In: Vallejos Yopán, R. Rosés Labrada, J. (eds). *Morfosintaxis: Una mirada desde las Américas***,** *(no prelo).*

MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. Glossaria linguarum Brasiliensium: glosarios de diversas lingoas e dialetos, que fallao os índios no Imperio do Brazil. Erlangen: Druck von Jange.1863. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

MASON, Alden. The Languages of South American Indians. *In*: STEWARD, Julian H. *Handbook of South American Indians*. Washington: [*s. n.*], 1950. p. 2-162.

MATTESON, E. Proto Arawakan. In: MATTESON, E. *et al.* (Ed.). *Comparative studies in Amerindian languages*. The Hague: Mouton, 1972. p. 160-242.

MONTOYA, Antônio Luiz. *Arte, y bocabulario de la lengua guarani*. Madrid: Juan Sanchez. V. Montoya 1993, 2002 [1940].

MORAVCSIK, Edith A. Reduplicative Constructions. *In*: GREENBERG, Joseph H. (ed.). *Universals of Human Languages*. Stanford, California: Stanford University Press, 1978. v. 3, p. 299-334.

MORAVCSIK, Edith A. Explaining Languages Universals. In: SONG, Jae Jung. *The Oxford handbook of linguistic typology*. Oxford Handbooks in Linguistics: Oxford, 2010, p.1-17.

MORAVCSIK, Edith A. *Introducing Language Typology*. Cambridge University Press, Cambridge, 2013, 323p.

MUSGRAVE, Simon *et al*. Introduction. In: EVERAERT, Martin *et al*. *The use of Databases in Cross-Linguistic Studies.* Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 1-12.

MITHUM, Marianne. The Convergence of noun Classification Systems. *In*: GRAIG, Colette (ed.). *Noun classes and Categorization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1986. p. 379-387.

MITHUM, Marianne. Active/agentive Case Marking and Its Motivations. *Language*, [*s. l.*], v. 67, n. 3, p. 509-546, setembro 1991. DOI: 10.1353/lan.1991.0015.

MITHUM, Marianne. Typology, documentation, description, and typology. *Linguistic Typology*, De Gruyter Mouton, 2016, p. 1-6.

MIJUCA, Mitzila Isabel. *Aspectos Fonológicos e Gramáticais da Língua Yawalapiti (Arawak)*, 1992, 97f. Dissertação de Mestrado – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas-SP, 1992.

MELÉNDEZ Lozano, MIGUEL, Angel. La lengua Achagua: *Estudio Gramátical. Lenguas Aborígenes de Colombia, Descripciones*. Bogotá: CESO-CCELA, Universidad de los Andes. 1998, 202p.

MUNRO, Pamela. The Garifuna gender system. *In*: HILL, Jane H. *et al*, (ed.). *The life of Language*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1998. p. 443-462.

MOORE, Dennis; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS, N.J. Desafio de documentar e preservar línguas. *Scientific American Brasil*, Brasil, p. 36-43, 2008.

MOSELEY, Christopher. *Atlas of the World 's languages in danger*. The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO: UNESCO Publishing, 2010. 222 p.

MICHAEL, Lev. La incorporaci´on nominal y los clasificadores verbales en el idioma Nanti (Kampa, Arawak, Perú). *Proceedings of the Second Conference on the Indigenous Languages of Latin America***.,** [*s. l.*], p. 1-27, 2006. Disponível em: http://www.ailla.utexas.org/site/cilla2/Michael_CILLA2_nanti.pdf. Acesso em: 20 mar. 2019.

MICHAEL, Lev. *Nanti evidential practice: Language, knowledge, and social action in an Amazonian society***.** Tese de Doutorado (Doctor of philosophy): The University of Texas at Austin. Texas, 2008.

MICHAEL, Lev. Negation in Nanti. *In*: MICHAEL, Lev; GRANADILLO, Tania (ed.). *Negation in Arawak Languages*. Leiden: Brill, 2015. cap. 9, p. 184-215.

MICHAEL, Lev. Resenha do livro de RAMIREZ, Henri. Línguas Arawak da Amazônia setentrional: comparação e descrição. *International Journal of American Linguistics*, v.75, p. 447-450, 2019.

MICHAEL, Lev. The Classification of South American Languages. *Annual Review of Linguistics*, v. 7, p. 329-349, 2021.

MIHAS, Elena. *Essentials of Ashéninka Perené grammar*. 2010. 335 f. Tese de Doutorado (Doctor of philosophy), University of Wisconsin: Milwaukee, 2010a.

MIHAS Elena. Nominal Classification in Asheninka Perene. *Linguistic Society of American*. Nova York. 2010b, p.1-5.

MIHAS, Elena. *Gender system in Ashéninka Perené (Arawak). In:* GONZÁLEZ; de Pérez, María Stella. Dossier Lenguas indígenas de Colombia (I) **UniverSOS**. 2010c, n. 7, p.119-130.

MIHAS, Elena. *A grammar of Alto Perené (Arawak).* Boston/Berlin: De Gruyter Mouton, 2015. 710 p.

MUYSKEN, Pieter; O'CONNOR, Loretta. Introduction: South American indigenous languages: genealogy, typology, contacts. *In*: O'CONNOR, Loretta; MUYSKEN, Pieter. *The Native Languages of South America*: Origins, Development, Typology. United Kingdom: Cambridge University Press, 2014. p. 1-26.

MIRANDA, Camille. Uma análise tipológica preliminar do sistema de classificadores em línguas Arawak**.** *Domínios de Lingu@gem*, v. 14, p. 85-127, 2020. DOI: https://doi.org/10.14393/DL40-v14n1a2020-4.

NEIRA, Alonso; RIVERO, Juan***. Arte y Vocabulario de la Lengua Achagua. Doctrina Christiana de uno y otro sexo é instrucción de Cathecumenos***. Sacado de lo que trabajaron los Padres Alonso de Neira y Juan Ribero de la Compañia de Jesus. Trasuntado en el Pueblo de S.n Juan Fran.co Regis Año 1762.

NIMUENDAJÚ, Curt. Wortlisten aus Amazonien. Journal de la Société des Américanistes de Paris, n.s, v.24, 1932. Apud: RAMIREZ, Henri. ***Línguas Arawak da Amazônia Setentrional.*** Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

NOBLE, Kingsley N. *Proto-Arawakan and its descendents*. Bloomington: Indian University, and The Hague: Mounton, 1965. 129p.

NEWMAN, Stanley. Zuni Grammar: University of New Mexico Publication in Anthropology. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1965. Apud: NICHOLS, Johanna. On alienable and inalienable possession. *In*: SHIPLEY, William (ed.). *In honor of Mary haas:* From the Haas Festival Conference on Native American Linguistics. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. p. 557-609.

NICHOLS, Johanna. On alienable and inalienable possession. *In*: SHIPLEY, William (ed.). *In honor of Mary haas*: From the Haas Festival Conference on Native American Linguistics. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. p. 557-609.

NETTLE, Daniel. Explaining Global Patterns of Language Diversity. *Journal of anthropological archaeology*, United Kingdom, n. 17, p. 354-374, 8 abr. 1998.

NASCIMENTO, G.B.N. *Aspectos Gramaticais da Língua Terena*. 2012. 127f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2012.

NICHOLS, Johana; BICKEL, Balthasar. Locus of Marking in Possessive Noun Phrases. In: DRYER, Matthew S.; HASPELMATH, Martin (eds.*). The World Atlas of Language Structures* Online, Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: https://wals.info/chapter/24. Acesso em: 20/08/2020.

OLIVEIRA, C.C. *Uma descrição do Baré (Arawak): aspectos fonológicos e Gramaticais*. 1993. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

ORGANIZAÇÃO NACIONAL INDÍGENA DE COLÔMBIA – ONIC. *Achagua*, 2023. Disponível em: https://www.onic.org.co/pueblos/106-achagua. Acesso em: 03 mar. 2023.

O'HAGAN, Zachary. *Focus in Caquinte*. 2020. 398f. Dissertation in linguistic (Doctor of Philosofy). University of California, Berkeley, 2020.

OLIVEIRA, Carolina P. *Aspectos Linguísticos da Língua Terena (Arawak).* 2021, 226f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2021

PÉREZ, Antonio. Los Bále (Baré). Los Aborígenes de Venezuela, Caracas, v.3, 1988, p.413-479. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

PÉREZ DE BORGO, Luisa Elena. Manual Bilingüe de la lengua Baré. Puerto Ayacucho: Alcadía **del** Territorio Federal Amazonas, Dirección de Cultura, 1992. Apud: RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

PAYNE, Doris. *Aspects of the Grammar of Yagua: A Typological Perspective*. 1985, 445 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) - University of California, Los Angeles, 1985.

PAYNE, Doris. Morphological Characteristics of Lowland South American Languages. In. PAYNE, Doris, *Amazon linguistics: Studies in Lowland South American Languages*. Austin: Texas University Press, 1990, p.213-241.

PAYNE, David L. A classification of Maipuran (Arawakan) languages based on shared lexical retentions. In: D. C. Derbyshire & G. K. Pullum. *Handbook of Amazonian languages.* Berlin/New York. Mouton – De Gruyter, 1991, v. 3, p.355-499.

PAYNE, Thomas. *Describing morphosyntax***:** a guide for field linguists. University of Cambridge: Cambridge University Press, 1997, 413p.

PEREIRA, Antônia Alves. *Estudos morfossintáticos do Asurini do Xingu*, 2009. 341 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2009.

PET, Willem J. A. *A Grammar Sketch and Lexicon of Arawak (Lokono Dian***).** SIL Internacional. 2011, 243p. 295p.

POSTIGO, Adriana Viana. Língua *Wauja (Arawak): uma descrição fonológica e Morfossintática*. 2014. 244 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP-Araraquara), 2014.

QUESADA, Juan Diego. *Gramática de la lengua Garifuna*. Colección Linguística, Universidade de Sonora: Hermossilo, Sonora, 2017.

RIVET, Paul. Langues Américaines III: Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, Antoine e COHEN, marcel (eds). *Les langues du monde*. Paris, v.16, 1924, p.639-712.

RIVET, Paul. La influencia karib en Colombia. In: *Revista del Instituto Etnologico Nacional*, 1943, p. 55–93.

RIVET, Paul e LOUKOTKA, Čestmír. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, Antoine e COHEN, marcel (eds*). Les langues du monde*. Paris, 1952, p.1009-1160.

RICHARDS, J. Dificuldades na análise da possessão nominal na língua Waurá. *Série Linguística*, p. 11-29, 1973.

RICHARDS, J. Orações em Waurá. *Série Linguística* 7, p. 141-184, 1977.

RICHARDS, J. A estrutura verbal em Waurá. *Série Linguística*, v.9 (2), 1988, 192-218.

RAMAT, Paolo. Universals and typology. *In*: RAMAT, Paolo. *Linguistic Typology*. Berlin/New York/Amsterdam: De Gruyter Mouton, 1987. p. 41-53.

RODRIGUES, Aryon D. Panorama das línguas indígenas da Amazônia. *In*: QUEIXALÓS, F.; RENAULT-LESCURE, O. (org.). *As línguas amazônicas hoje*. São Paulo: Instituo Socioambiental, 2000. p. 15-28.

RODRIGUES, Aryon. *Línguas indígenas brasileiras*. Brasília, DF: Laboratório de Línguas Indígenas da UnB, 2013. 29 p. Disponível em: <http://www.laliunb.com.br>. Acesso em: 02 de mar. 2018.

RAMIREZ, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional*. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001a. 888p.

RAMIREZ, Henri. *Uma gramática do Baniwa de Içana*, 2001b, 482p. (*ms).*

RUBINO, Carl. Reduplication: Form, function and distribution. *In*: HURCH, Bernhard (ed.). *Studies on Reduplication*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005. p. 11-29.

ROSA, Andréa Marques. *Aspectos Morfológicos do Terena (Aruák).* 2010. 175f. Dissertação de Mestrado (Mestrado Linguística) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul –UFMS, Três Alagoas – MS, 2010.

RYBKA, Konrad. State of the Art in the Development of the Lokono Language. *Language, Documentation e Conservation*, Hawaii, v. 9, p. 110-113, 2015.

ROCHA, Adelino de Lucena Mendes da. *Guerreiros do Norte: memórias de um tempo histórico para uma etnografia Yawalapiti*. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

RAMOS, Graziela R. R. *O processo de reduplicação em línguas sul-americanas:* uma análise morfossemântica. 2019. 316 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2019.

ROSE, Françoise; VAN LINDEN, An. The derivational use of classifiers in Western Amazonia. *In*: MASINI, Francesca; MATTIOLA, Simone (ed.). *Binominal lexemes in cross-linguistic perspective: Towards a typology of complex lexemes*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2022. p. 2-32.

SAPIR, Edward. *Language an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921, 278p.

SKALICKA, Vladamir. Zur ungarischen Grammatik. Prague. 1935. Apud: WHALEY, Lindsay J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. Califórnia: SAGE Publications, 1997, 321p.

SWADESH, Morris. Mapas de clasificacion linguistica de Mexico y las Americas**.** (Instituto de Historia) Mexico: Universidad Nacional Autónoma de México, 1959. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

SHAFER, Robert. Algumas equações fonéticas em Arawakan. *Anthropos*. v. 62, 1959, p.54-542.

SUÁREZ, Jorge. South American Indian languages. *Encyclopaedia Britannica*, 15th edition, Macropaedia, v. 17. 1974, p. 105–112. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

SHIBATANI, Masayoshi; BYNON, Theodora. *Approaches to languages Typology*. United States: Oxford University press, 1995. 381 p.

SHIBATANI, Masayoushi. Linguistic Typology. In: *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 2 ed. 2015, p.208-214.

SHIBATANI, Masayoshi. Nominalization. *In*: SHIBATANI, Masayoshi; MIYAGA, Shigeru; NODA, Hisashi (ed.). *Handbook of Japanese Syntax*. Berlin: Walter de Gruyter, 2019. cap. 8, p. 1-106.

SWIFT, Kenneth E. *Morfologia del Caquinte (Arawak Preadino)*. Série Linguística Peruana, Instituto Linguístico de Verano (SIL). Lima - Peru, 1988, 216p.

SÂNDALO, Filomena. *A Grammar of Kadiwéu.* 1995. 301 f. Tese de Doutorado (Doctor of philosophy), University of Pittsburgh - Faculty of arts and sciences, 1995.

STORTO, Luciana. *Aspects of a Karitiana Grammar*. 1999. 218f. Dissertation (Doctor of Philosofy) – Departament of Linguistic and Philosofy, Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1999.

SENFT, Gunter. What do we really know about nominal classification system? *In*: SENFT, Gunter (ed.). *Systems of nominal classification*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2000.

STENZEL, Kristine Sue. *A reference grammar of Wanano*. 2004. 452 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – University of Colorado, Colorado, 2004.

SEKI, Lucy. Aspectos da Morfossintaxe Krenak: Orações Independentes. **Liames**, Campinas-SP, v. 4, p. 129-146, 2004.

SANTOS, Manoel Gomes dos. *Uma Gramática do Wapixana (Aruák): aspectos da fonologia, da morfologia e da sintaxe***.** 2006. 299 f. (Tese de Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas-SP, 2006.

STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. New York: Oxford University press, 2009. 831 p.

SILVA, Edineide dos Santos. *Aspectos gramaticais da língua indígena Manxinéri*. 2013. 140 f. Dissertação de Mestrado (mestrado em linguística) - Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2013.

SILVA, Thaïs Cristófaro. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2015. 239 p.

SABOGAL-VALENCIA, Andrés M. *The Variable Expression of Transitive Subject and Possessor in Wayuunaiki (Guajiro*). 2018. 269 f. Tese de Doutorado (Doctor of Philosophy) - Doutorado, The University of New Mexico, 2018.

TOVAR, Antonio. Catalogo de las lenguas de America del Sur: enumeracion, con indicaciones tipologicas, bibliografia y mapas. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1961. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

TOVAR, Antonio; DE TOVAR, Consuelo Larrucea. Catalogo de las lenguas de America del Sur. Madrid: Gredos, 1984. Apud: CAMPBELL, Lyle. Classification of the indigenous languages of South America. *In*: CAMPBELL, Lyle (ed.). *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. Radboud University Nijmegen: De Gruyter Mouton, 2012.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology***.** Los Angeles, CA: University of California Press. 1969, 352p.

TAYLOR, Douglas. Arawak Grammatical Categories and Translation. *International Journal of American Linguistics*, The University of Chicago Press Journals, v. 36, ed. 3, p. 169-239, jul. 1970.

TAYLOR, Douglas. Four consonant patterns in Northern Arawakan. *International Journal of American Linguistics***,** n. 44. 1978, p. 121-130.

TIMBERLAKE, Alan. Aspect, tense, mood. *In*: SHOPEN, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description:* Volume III: Grammatical Categories and the Lexicon. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2007. cap. 5, p. 280-333.

VALENZUELA, Pilar. Argument Encoding and Pragmatic Marking Of the Transitive Subject In Shiwilu (Kawapanan). *International Journal of American Linguistics*, Chapman University, n. 77.1, p. 91-120, 2011.

VELUPILLAI, Viveka. *An introduction to linguistic typology*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2012. 541 p.

WILSON, Peter J. *Una descripcion preliminar de la gramatica Del Achagua*. Instituto Linguistico de Verano (SIL). Bogotá Colômbia, 1992, 190p.

WHALEY, Lindsay J. *Introduction to typology: The unity and diversity of language*. Califórnia: SAGE Publications, 1997, 321p.

WILTSHIRE, Caroline; MARANTZ, Alec. Reduplication. *In*: BOOIJ, Geert; LEHMANN, Christian; MUGDAN, Joachim (ed.). *Morphologie, Morphology*. Berlin: Walter de Gruyter, 2000. cap. 57, p. 557-567.

WOJTYLAK, Katarzyna. *A grammar of Murui (Bue): A Witotoan Language of Northwest Amazonia***.** 2017. 638 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – James Cook University, Australia, 2017.

YAWALAPITI, Tapir. *Documentação e descrição da língua Yawalapíti (Aruák):* uma língua que não deve morrer. 2021. 211 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília - UNB, Brasília, 2021.